

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A ICONOGRAFIA OLISIPONENSE NA  
PINTURA DE AUTOR NO MERCADO DE  
ARTE**

**A CABRAL MONCADA LEILÕES NO PERÍODO  
DE 2001-2015**

**MARIA RAFAELA GUIMARÃES DE  
CARVALHO MOREIRA**

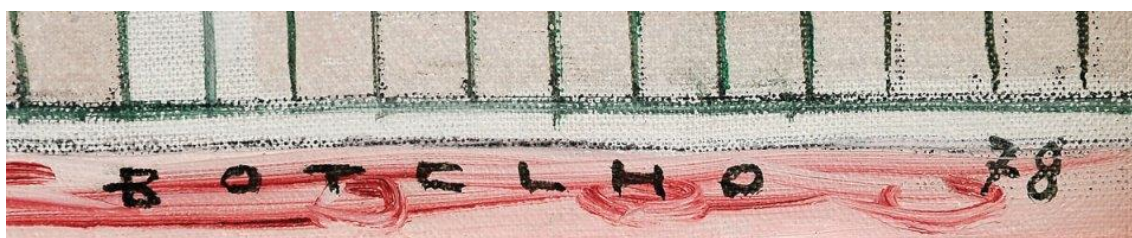
Dissertação orientada pelo Professor Doutor Vítor Manuel  
Guimarães Veríssimo Serrão, e Co-orientada pelo Dr. Miguel de  
Barros Serra Cabral de Moncada, especialmente elaborada para a  
obtenção do grau de Mestre em Arte, Património e Teoria do  
Restauro

2016



Ao meu pai,  
e à minha mãe (em memória),  
presentes em todos os dias da minha vida,  
dedico este trabalho.

**ESTE TRABALHO NÃO SEGUE O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO**



Créditos da imagem e pormenor da assinatura: *Panorâmica Rósea de Lisboa*, Carlos Botelho (1899-1982)

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1978, Lote 598, Leilão CML 128, de 1 Junho 2011

Preço de Martelo: € 25.000

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

*I*

*Lisboa à beira-mar, cheia de vistas,*

*Ó Lisboa das meigas Procissões!*

*Ó Lisboa de Irmãos e de fadistas!*

*Ó Lisboa dos lyricos pregões...*

*Lisboa com o Tejo das Conquistas,*

*Mais os ossos prováveis de Camões!*

*Ó Lisboa de mármore, Lisboa!*

*Quem nunca te viu, não viu coisa boa...*

*(...)*

**António Nobre (1867-1900)**

Excerto do poema *À Lisboa das naus, cheia de glória*, in *Despedidas*: 1895-1899, Porto, Lello & Irmão Editores, 1985.

*(...)*

*Ó céu azul – o mesmo da minha infância –*

*Eterna verdade vazia e perfeita!*

*Ó macio Tejo ancestral e mudo,*

*Pequena verdade onde o céu se reflecte!*

*Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!*

*(...)*

**Álvaro de Campos (“1890-1935”)**

Heterónimo de Fernando Pessoa (1888-1935)

Excerto do poema *Lisbon revisited* (1923) in *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática, 1944 (imp.1993).

## Resumo

Com esta Dissertação de Mestrado pretendemos aferir que aceitação têm, da parte do mercado de arte e seus agentes, pinturas de autor com iconografia de Lisboa.

A partir de um *corpus*, tendo como fonte os catálogos dos Leilões da *Cabral Moncada Leilões* no século XXI (**do Catálogo nº48 de Janeiro/Fevereiro de 2001 ao Catálogo nº174 de Dezembro de 2015**), pretendemos apurar, através dos resultados dos leilões, se estas pinturas têm ou não um elevado interesse para o mercado de arte, se existem zonas da cidade ou autores mais valorizados, e como se comportam todos os intervenientes perante as mesmas.

No seu “*Trattato della pittura*”, Leonardo da Vinci (1452-1519) considera a pintura como a mais nobre e elevada das belas artes.

Para os mais consagrados pintores portugueses, Lisboa, cidade cujas origens precisas se perdem nos tempos, mas presente em lendas referidas pelos clássicos gregos, romanos e árabes, entre as quais a célebre fundação da cidade por Ulisses, foi, juntamente com o estuário do Tejo, nem que só por uma vez, uma fonte de inspiração, ou uma encomenda.

Para outros, como Carlos Botelho (1899-1982), cada um dos seus motivos pictóricos de Lisboa era uma permanente homenagem à cidade onde nasceu e viveu, deixando inacabada, ao morrer, uma última imagem da cidade amada e do seu rio. Este é, presentemente, um dos artistas com mais elevada cotação nas leiloeiras de Lisboa.

Tanto quanto sabemos, este é um estudo original na sua especificidade. Por esta razão, e conscientes do caminho a percorrer, pretendemos estabelecer uma meta razoável que chegue a conclusões de interesse para o panorama do mercado de arte em Portugal, no que concerne ao tema escolhido.

Para tal, este trabalho encontra-se dividido em **quatro capítulos**. No **primeiro capítulo** iremos contextualizar o tema, explorando uma breve história da cidade de Lisboa e uma breve história dos movimentos artísticos até à actualidade.

No **segundo capítulo** exploraremos o mercado de arte e seus agentes em Portugal. No **terceiro capítulo** iremos desenvolver o caso de estudo, a saber, a *Cabral Moncada Leilões*, uma das leiloeiras mais prestigiadas em Portugal.

No **quarto capítulo** apresentamos o estudo do desempenho das obras de arte elencadas.

Remetemos para **Anexos** o *corpus* elencado, as resenhas biográficas de todos os autores estudados e parte da metodologia usada para chegarmos a resultados concretos, ou seja, entrevistas e um inquérito *online* a diversas casas leiloeiras de arte a operar em Portugal.

**Palavras-chave:** Lisboa, Pintura, Cabral Moncada Leilões, Leilões, Mercado de arte

## Abstract

With this Master's Dissertation we intend to infer what acceptance have, by the art market and its agents, paintings with iconography of Lisbon.

From a *corpus*, having as its source the *Cabral Moncada Leilões* auction catalogues from the XXI century (**from Catalogue number 48, January/February 2001 to Catalogue number 174, December 2015**) we intend to demonstrate, through the results of the auctions, if these pictures arouse a high interest from the art market, if there are city areas, or authors more valued than others, and how everyone behaves in relation to them.

In his "*Trattato della pittura*", Leonardo da Vinci (1452-1519) considers painting as the most noble and high of the fine arts.

For the most established painters Lisbon, city whose precise origins are lost in time, but source of legends reported by greek, roman and arab classic authors, including the famous foundation by Ulysses, has been, along with the Tagus estuary, even if only once, a source of inspiration.

For others, such as Carlos Botelho (1899-1982), each one of his Lisbon painting was a permanent tribute to the city where he was born, and lived, leaving unfinished, when he died, one last image of the beloved city and its river. He is, currently, one of the artists with the highest quotation in Lisbon auction houses.

As far as we know, this is an original study, in its specificity. Therefore, and aware of the way to go, we intend to establish a reasonable goal which reaches inferences of interest for the art market in Portugal concerning the chosen theme.

For such, this study is divided into **four chapters**.

In **Chapter I** we will contextualize the subject, discussing Lisbon's history and the history of the several art movements until our days.

In **Chapter II** we will comment and explore the art market and its agents in Portugal.

In **Chapter III** we will discuss our case study, *Cabral Moncada Leilões*, one of the most prestigious auction houses in Portugal.

In **Chapter IV** we will analyse and study the results.

In **attachments** we will show the *corpus*, as well as all of the artists that were gathered, which are the keystone of this work. In order to reach results, we will present part of the chosen methodology: interviews and a survey to different auction houses in Portugal.

**Keywords:** Lisbon, Painting, Cabral Moncada Leilões, Auctions, Art Market



## ÍNDICE

DEDICATÓRIA	2
EPÍGRAFE	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
ÍNDICE	8
NOTAS PRÉVIAS	11
GLOSSÁRIO (ABREVIATURAS)	12
GLOSSÁRIO (ACRÓNIMOS)	11
GLOSSÁRIO (LEILÃO)	14
GLOSSÁRIO (ARTE)	15
AGRADECIMENTOS	17

## PREFÁCIO

1. Introdução	21
2. Estado da Arte	23
3. Objectivos	41
4. Opção Metodológica e Orientação da Investigação	43
5. Justificação da Temática Escolhida	47

## CAPÍTULO I

### 1 – ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO TEMA

1.1 – Breve história da cidade de Lisboa	51
1.2 – Iconografia de Lisboa	57
1.3 – Breve enquadramento histórico da Arte – Pintura – em Portugal	63

## CAPÍTULO II

### 2 – O MERCADO DE ARTE EM PORTUGAL

2.1 – O Mercado de Arte em Portugal	77
2.2 – Galerias de Arte, Antiquários e Leiloeiras de Arte	93
2.3 – As feiras de arte em Portugal	99
2.4 – Os museus de arte em Portugal	104

## CAPÍTULO III

### 3 – A CABRAL MONCADA LEILÕES

3.1 – Apresentação e breve história da CML	109
3.2 – A realidade dos leilões em Portugal	114
3.3 – Os principais clientes: quem compra Arte?	120
3.4 – A Arte como Investimento	121
3.5 – Ciclos e Tendências dos artistas no mercado leiloeiro	124
3.6 – O caso específico dos coleccionadores	126
3.7 – O caso específico dos Peritos	134

## CAPÍTULO IV

### 4 – ESTUDO E ANÁLISE DE DESEMPENHO DAS OBRAS DE ARTE ELENCADAS

4.1 – Estudo e análise dos dados recolhidos no <i>corpus</i>	141
4.2 – Obras de arte com iconografia olisiponense de autores estrangeiros e de autores não Identificados	147

CONCLUSÕES	151
FONTES E BIBLIOGRAFIA	159
WEBGRAFIA	185

## **ANEXOS**

<b>ÍNDICE</b>	197
---------------	-----

<b>ANEXO I</b>	
<b>CORPUS DE PINTURAS DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE</b>	203

<b>ANEXO II</b>	
<b>RESENHAS BIOGRÁFICAS E DO PERCURSO ARTÍSTICO DOS AUTORES ELENCADOS NO <i>CORPUS</i></b>	251

<b>ANEXO III</b>	
<b>INQUÉRITO <i>ONLINE</i> A LEILOEIRAS DE ARTE</b>	401

<b>ANEXO IV</b>	
<b>ENTREVISTAS A AGENTES DO MERCADO DE ARTE</b>	409

## **IMAGENS**

Imagem 1 –	Rua Nova dos Mercadores, em Lisboa	27
Imagem 2 –	<i>Joyeuse entrée</i> , Vista de Lisboa	28
Imagem 3 –	Vista Panorâmica do Mosteiro dos Jerónimos e Praia de Belém	30
Imagem 4 –	Paço Real da Ribeira, em Lisboa	55
Imagem 5 –	Vista de Lisboa, <i>Chronica</i> de D. Afonso Henriques	60
Imagem 6 –	<i>Atlas Civitates orbis terrarum</i> , cidade de Lisboa	61
Imagem 7 –	Cortejo da Entrada do Embaixador Conde de Fernán Núñez, Lisboa	61
Imagem 8 –	Rossio, com Hospital-Real-de-todos-os-Santos e Igreja de S. Domingos	62
Imagem 9 –	Mercado de Arte Global entre 2005 e 2015	80

## **GRÁFICOS**

Gráfico 1 –	Percentagem de leilões que incluíram lotes com iconografia olisiponense	141
Gráfico 2 –	Percentagem de obras arrematadas e retiradas	142
Gráfico 3 –	Percentagem de obras por autor	142
Gráfico 4 –	Percentagem por técnicas utilizadas	143
Gráfico 5 –	Totais por temas retratados	144
Gráfico 6 –	Valor base e valor de martelo menor	145
Gráfico 7 –	Valor base e valor de martelo mais elevado	146
Gráfico 8 –	Valor médio do valor base e do valor de martelo	146
Gráfico 9 –	Total por século de nascimento dos autores	147

## **TABELAS**

Tabela 1 –	Esquema Geral dos 127 leilões estudados	203
Tabela 2 –	Tabela Cronológica de Autores	253

## NOTAS PRÉVIAS

**Nota acerca da veracidade histórica:** Relativamente aos dados referidos, no que concerne à cronologia do enquadramento histórico-cultural do tema estudado, nem sempre se verifica unanimidade por parte dos diferentes autores, por exemplo, em relação às diferentes correntes artísticas, sendo neste trabalho apontados sobretudo como balizas histórico-cronológicas que facilitem a compreensão do tema, de uma maneira geral.

**Nota acerca das imagens apresentadas neste estudo:** A problemática inicial refere-se ao caso de estudo em particular (obras constantes do *corpus* elencado), porém, para melhor enquadrar a leitura e compreensão deste trabalho e da sua problemática, incluímos diversas imagens de pinturas com iconografia olisiponense, extra *corpus*, devidamente identificadas e contextualizadas.

**Nota acerca da cronologia de autores/outras figuras citadas/mencionadas:** Quando conhecida, a cronologia (data de nascimento-data de falecimento) referente a autores ou outras figuras é apresentada, por norma, unicamente quando o nome aparece mencionado pela primeira vez. Para alguns autores no entanto, não foi possível descobrir, em tempo útil, ambas as datas.

**Nota acerca das citações de texto:** Quando citamos um autor, a citação fica incluída no corpo do texto, separada por aspas e escrita em itálico, com a indicação da fonte em nota de rodapé (com exceção das mencionadas na resenha biográfica de Maria Helena Vieira da Silva).

**Nota acerca das citações bibliográficas:** A bibliografia consultada, incluindo a referida em notas de rodapé, é citada pelo nome do autor, título da obra, local de edição, editora, ano de publicação e número de página(s) consultadas.

## GLOSSÁRIO (Abreviaturas)

<b>AA.VV</b>	<i>autori vari</i> (vários autores)
<b>act.</b>	activo entre (duas datas)
<b>c.</b>	cerca de
<b>cap.</b>	capítulo
<b>cf.</b>	conferir
<b>cm.</b>	centímetros
<b>Dec.Lei</b>	Decreto-Lei
<b>dim.</b>	dimensões
<b>dir.</b>	direcção de
<b>ed.</b>	editor, edição
<b>fig.(s)</b>	figura, figuras
<b><i>ibidem</i></b>	mesmo autor, mesma obra, mesma paginação (notas de rodapé)
<b><i>idem</i></b>	mesmo autor, mesma obra (notas de rodapé)
<b><i>i.e id est,</i></b>	isto é; ou seja
<b>inv.</b>	inventário
<b>n.</b>	nascido a
<b>nº.</b>	número
<b><i>op. cit.</i></b>	<i>opus citatum</i> (obra citada)
<b>p. / pp.</b>	página / páginas
<b>publ.</b>	publicado por
<b><i>s.d.</i></b>	<i>sine data</i> (sem data de publicação)
<b>séc.(s)</b>	século, séculos
<b><i>s.l.</i></b>	<i>sine loco</i> (sem local de publicação)
<b><i>s.n.</i></b>	<i>sine nomine</i> (sem o nome do editor)
<b>s.p.</b>	sem página
<b><i>vd.</i></b>	<i>vide</i> (ver, consultar)
<b>vol.(s)</b>	volume, volumes

## **GLOSSÁRIO (Acrónimos)**

<b>AICA</b>	Associação Internacional de Críticos de Arte
<b>ANBA</b>	Academia Nacional de Belas Artes (antiga Academia Real de Belas-Artes, extinta em 1910)
<b>ANTT</b>	Arquivo Nacional Torre do Tombo
<b>APA</b>	Associação Portuguesa de Antiquários
<b>APCM</b>	Associação Portuguesa de Casas-Museu
<b>APGA</b>	Associação Portuguesa de Galerias de Arte
<b>APLARTE</b>	Associação Portuguesa das Leiloeiras de Arte
<b>CAMB</b>	Centro de Arte Manuel de Brito (Oeiras)
<b>CAM-JAP</b>	Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão (Lisboa)
<b>CINOA</b>	Confederação Internacional dos Negociantes de Obras de Arte
<b>CMAG</b>	Casa-Museu Anastácio Gonçalves (Lisboa)
<b>C.M.L.</b>	Câmara Municipal de Lisboa
<b>CML</b>	Cabral Moncada Leilões
<b>CPS</b>	Centro Português de Serigrafia
<b>DGArtes</b>	Direcção-Geral das Artes
<b>DGPC</b>	Direcção-Geral do Património Cultural
<b>EBAL</b>	Escola de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL a partir da reforma de 1950)
<b>ESBAL</b>	Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa
<b>FAAL</b>	Feira de Artes e Antiguidades de Lisboa
<b>FASVS</b>	Fundação Árpád Szenes-Vieira da Silva (Lisboa)
<b>FBAUL</b>	Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
<b>FCG</b>	Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
<b>FCM</b>	Fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão
<b>FLAD</b>	Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (Lisboa)
<b>FRESS</b>	Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (Lisboa)
<b>FPLMJ</b>	Fundação instituída pela Sociedade de Advogados PLMJ (Lisboa)

<b>GLL</b>	Gabriel Laranjeira Lopes (Perito em Pintura Portuguesa da CML)
<b>IHA-FLUL</b>	Instituto de História de Arte - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
<b>IPPAR</b>	Instituto Português do Património Arquitectónico (actual IGESPAR)
<b>FLUL</b>	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
<b>INCM</b>	Imprensa Nacional Casa da Moeda
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>IPPC</b>	Instituto Português do Património Cultural (actual DGPC)
<b>MAAT</b>	Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (Lisboa)
<b>MCB</b>	Museu Colecção Berardo (Lisboa)
<b>MCM</b>	Miguel Cabral de Moncada (Administrador da CML)
<b>MGV</b>	Museu Grão Vasco (Viseu)
<b>ML</b>	Museu de Lisboa (Lisboa)
<b>MCCG</b>	Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (Cascais)
<b>MMAB</b>	Museu Municipal Abel Manta (Gouveia)
<b>MMASC</b>	Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (Amarante)
<b>MNAA</b>	Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa)
<b>MNAC</b>	Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (Lisboa)
<b>MNAz</b>	Museu Nacional do Azulejo (Lisboa)
<b>MNR</b>	Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira)
<b>MNSR</b>	Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto)
<b>PCS</b>	Pedro Castro e Silva (Sócio-Gerente da Livraria Castro e Silva)
<b>PCV</b>	Leiloeira Palácio do Correio Velho (Lisboa)
<b>SEC</b>	Secretaria de Estado da Cultura
<b>SNBA</b>	Sociedade Nacional de Belas-Artes
<b>SNI</b>	Secretariado Nacional de Informação
<b>SPA</b>	Sociedade Portuguesa de Autores
<b>SPN</b>	Secretariado de Propaganda Nacional (mais tarde transformado em SNI)

## GLOSSÁRIO (Leilão)

**Colocação em praça** – o momento em que determinado lote começa a ser leilado.

**Comissão de Compra** – corresponde à comissão recebida pela casa leiloeira relativa à compra aplicada sobre o preço de martelo e paga pelo comprador à taxa aplicável.

**Comissão de Venda** – corresponde à comissão recebida pela casa leiloeira relativa à venda, a deduzir do preço de martelo e suportada pelo vendedor à taxa aplicável.

**Comprador** – é a pessoa licitante que apresenta por si, ou através de representante, nos termos das condições negociais, o lance mais alto ao preço de martelo.

**Contrato de Prestação de Bens à Venda em Leilão** – documento, obrigatório, celebrado entre a leiloeira e o vendedor proprietário do bem, ou bens a leiloar.

**Licitar / Licitação** – oferecer um valor monetário de forma a adquirir algo em Leilão.

**Lote(s)** – Bem(ns) a leiloar.

**Montante de Arrematação** – o mesmo que **valor de martelo**.

**Montante Total da Venda** – montante da arrematação (valor de martelo), a que acresce a comissão do comprador, que incide por escalões, acrescida do I.V.A. à taxa em vigor.

**Pregoeiro** – aquele que dirige e dá voz aos lances num Leilão.

**Retirado** – bem que não foi licitado por nenhum interessado em leilão.

**Raquete** – raquete numerada com a qual os interessados podem licitar. O número constante da raquete garante o anonimato do comprador.

**Taxa Aplicável** – corresponde às taxas aplicáveis à comissão de venda e à comissão de compra praticadas e devidamente publicitadas pela leiloeira.

**Valor de base de Leilão** – valor pelo qual o bem é colocado à venda num leilão.

**Valor de Estimativa de Venda** – valor que o perito/avaliador estima que a peça possa atingir em leilão.

**Valor de Martelo** – é o valor pelo qual um lote foi adjudicado pelo pregoeiro a favor do correspondente comprador.

**Valor Mínimo de Venda, ou Reserva** – valor estipulado pela avaliação efectuada ao bem. Este valor encontra-se no catálogo do respectivo leilão, também designado por **valor de base**.

## **GLOSSÁRIO (Arte)**

**Acidez do papel (picos de acidez)** – por vezes, obras não muito recentes apresentam os chamados **picos de acidez**, que mais não são do que a acumulação da acidez das tintas e da poeira, as quais, em conjunto com a humidade contida na atmosfera, absorvem gases poluidores formando pontos ácidos, que dão origem às manchas no papel.

**Acrílico** – técnica de pintura realizada com tintas acrílicas. Pinturas a acrílico secam muito depressa e produzem um efeito muitas vezes semelhante ao da pintura a óleo.

**Aguada** – técnica de pintura em que a tinta é diluída em água e goma.

**Aguarela** – técnica de pintura com tintas aguadas (diluídas em água).

**Água-forte** – processo de gravura em chapa de metal no qual se utiliza a acção corrosiva do ácido nítrico (água-forte) nas partes postas a descoberto pelo estilete que trabalhou, desenhando sobre o verniz que recobre a chapa. A matriz é um metal.

**Água-tinta** – processo de gravura que imita os desenhos a aguada. A matriz é um metal.

**Carvão** – o carvão é o método artístico de desenho mais antigo que se conhece e, ao mesmo tempo, o mais simples. O material é feito de paus de madeira carbonizados, geralmente de ramos de salgueiro ou videira.

**Estampa** – todo o documento iconográfico que resulta de uma impressão. Imagem impressa após ter sido gravada em cobre ou madeira.

**Grafite** – grafite é um mineral cinzento escuro, metálico e macio, constituído essencialmente por carbono e muito utilizado em Desenho. Em termos de trabalho, é menos sujo que as versões em carvão.

**Gravura** – uma gravura é o resultado de um método de transferência de um suporte (matriz) para outro (papel, tecido, etc), permitindo a sua reprodução. Desde finais do século XVI até 1827 todas as estampas são originais, *i.e.*, resultam de uma matriz e de uma impressão inteiramente manuais, existindo gravuras originais e gravuras de reprodução, ou seja, reprodução, por outro artista (gravador), de uma pintura ou desenho.

**Gravura a buril** – é uma especificidade técnica do processo de gravura feito numa matriz de metal, geralmente o cobre, utilizando para o efeito um buril, que é uma ferramenta para gravar e criar texturas no metal utilizado.

**Guache** – técnica de pintura feita com substâncias colorantes diluídas em água, a que se adiciona goma para as tornar pastosas.

**Iconografia** – disciplina que tem por objecto a descrição explicativa das imagens. Estudo que identifica e classifica os temas de uma obra de arte.

**Impressão** – a palavra supõe uma gravação: a litografia e a serigrafia, embora não apresentem gravação, estão abrangidas por esta designação.



**Litografia** – processo de gravura, arte de desenhar sobre pedra com o auxílio de lápis gordurosos. A matriz, de uma maneira geral será de pedra calcária, zinco ou alumínio. Para cada cor é necessária uma matriz.

**Óleo** – veículo para diluição do pigmento corante. Há, para a pintura, diversos óleos, e hoje em dia já se apresentam prontos em tubos, os artistas não têm de os preparar.

**Pastel** – é uma técnica de pintura seca de excelente qualidade que utiliza barras compostas de pigmentos e um pouco de goma como aglutinante. Pode-se combinar com aguarela, acrílicos, óleo e outras técnicas, secas ou húmidas. Existem dois tipos: o pastel seco e o pastel de óleo.

**Platex** – trata-se de uma placa de aglomerado de fibras de madeira, por exemplo, de eucalipto, de alta densidade, produzida num ambiente húmido e sob pressão a quente, sem adição de colas ou outro tipo de aditivos. É um produto de alta resistência e durabilidade. A sua composição é 100% madeira e é uma das superfícies utilizadas pelos artistas para produzirem as suas obras.

**Reentelado** – processo pelo qual se aplica, ou cola, no reverso da tela original, um novo suporte.

**Sanguínea** – é uma espécie de “giz vermelho” e tem um tom castanho-avermelhado escuro. A sanguínea - tal como o carvão e o pastel seco -, deve ser fixada com uma camada suave de fixador apropriado, porque normalmente escurece, e perde, com o passar do tempo, a luminosidade inicial.

**Sépia** – é um riscador castanho escuro, cujos pigmentos são extraídos de um molusco com um mineral do tipo do giz. Usa-se no desenho e tem sido utilizado pelos artistas ao longo do tempo para desenhar, sobretudo paisagem.

**Serigrafia** – uma Serigrafia é um múltiplo de tiragem limitada que reproduz, fielmente, um original de pintura. É um dos processos de gravura no qual a tinta é espalhada pela pressão de um puxador através de uma tela preparada, o método de impressão serigráfica distingue-se pela sua elevada qualidade, de outras técnicas de impressão clássicas. A matriz é uma rede de *nylon* esticada numa moldura de madeira. Para cada cor é necessária uma rede. As serigrafias podem ser numeradas, ou seja, a obra gráfica original é assinada pelo autor, e posteriormente serão todas numeradas, formando uma série. Em Portugal, considera-se obra de arte a serigrafia cuja tiragem não exceda os duzentos exemplares, numerados e assinados pelo artista. Devem igualmente ser autenticadas com o selo branco do CPS (Centro Português de Serigrafia).

**Técnica mista** – como a própria designação indica, trata-se da mistura de duas ou mais técnicas na mesma obra de arte, óleo e acrílico sobre tela, por exemplo.

**Têmpera** – técnica de pintura na qual os pigmentos podem ser misturados com um aglutinante, que pode ser uma emulsão de água e gema de ovo, o ovo inteiro, ou somente a clara.

**Tinta celulósica** – é a tinta obtida por modificação da celulose (nitrocelulose, acetato e acetobutinato de celulose, por exemplo).

**Tinta-da-China** – apresenta-se sob a forma de bastonetes de grão muito fino e brilhante, os quais, dissolvidos em água, produzem uma tinta de um negro intenso, muito frequentemente usada na pintura e no desenho.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo do período que durou esta investigação muitos foram os contributos recebidos. Não posso, assim, deixar de agradecer a um número considerável de pessoas que contribuíram, de forma relevante, para a sua realização, e às quais agradeço, comovida.

Aos meus Orientadores, Professor Doutor Vítor Serrão e Dr. Miguel Cabral de Moncada, pelo seu total apoio, interesse e dedicação, pela sua disponibilidade sem igual, pelas suas opiniões e sugestões, pelas críticas, atentas e sempre construtivas, e também pela partilha do seu vasto conhecimento. A eles agradeço a confiança depositada neste projecto, por acreditarem que este tema tinha probidade científica, pelo privilégio e o orgulho que tive em trabalhar com ambos e pela atenção sem igual que me manifestaram desde o primeiro momento até à redacção destas linhas, mesmo em momentos de desânimo e exaustão.

A todos os Docentes do Curso de Mestrado, agora terminado, pelo saber partilhado dentro e fora das salas de aula, e que também me conduziram a este resultado. Com um agradecimento especial ao Professor Doutor Luís Urbano Afonso, por ter participado – com sugestões bibliográficas pertinentes e valiosas – generosamente neste trabalho, e pelas suas análises críticas, que me fazem sempre querer fazer mais e melhor.

A todas as colegas do Mestrado, cuja amizade e interesse serviram de motivação, com uma palavra muito especial para a colega Alexandra Gameiro, pela sua companhia e estímulo em incontáveis horas de trabalho nas bibliotecas, e pelo convívio, a partilha de inquietações e inseguranças, e constante disponibilidade e amizade.

À Dra. Manuela Canedo, Responsável pelo Serviço de Leitura do GEO a quem agradeço a generosa ajuda e apoio prestados, de forma desinteressada, durante as pesquisas, contribuindo com documentos bibliográficos de interesse, e pelo entusiasmo que sempre manifestou pelo meu interesse por Lisboa.

Ao Arquitecto e artista plástico Manuel Botelho (neto do pintor Carlos Botelho e um estudioso da sua obra), agradeço a celeridade generosidade com que acolheu o meu pedido de informações sobre o seu avô, a quantidade de textos seus que me enviou, bem como sugestões valiosas de leituras, e o seu incentivo e interesse pelo tema.

A Rui Manuel Penedo, Director Executivo da SNBA, cuja colaboração foi essencial para todas as informações constantes das biografias e percursos artísticos dos artistas, no que se refere às suas ligações à SNBA, muitas fruto das suas indicações valiosas, para as quais teve de efectuar várias pesquisas, com poucos meios, o que muito agradeço.

A Pedro Castro e Silva, da Livraria Castro e Silva, pela generosidade do tempo que me concedeu em entrevista, e por me ter facultado o acesso livre a todo o acervo da sua livraria para estudo.

A toda a equipa da Cabral Moncada Leilões. Acolheram-me como um deles e manifestaram-se sempre disponíveis para me ajudar, pondo à minha inteira disposição toda a logística necessária, bem como facultando-me acesso ilimitado à vasta biblioteca de arte presente na leiloeira: Luísa, Mariana, Susana, Filipe, Gabriel, e em especial, ao Guilherme.

Aos entrevistados, pela disponibilidade e contribuições fundamentais para a compreensão e aprofundamento do objecto em estudo, bem como pela ajuda na validação das conclusões.

Seria injusto não recordar e agradecer, pelas facilidades prestadas, sugestões e acesso a documentação e/ou a informações valiosas prestadas, que muito facilitaram o meu trabalho, às seguintes instituições, e respectivos colaboradores:

**Biblioteca de Arte da FCG; Biblioteca Nacional de Portugal; CAM-JAP** (Lígia Morais); Centro de Documentação e Investigação da **FASVS** (Dra. Sandra Brás dos Santos); **Casa da Cerca**-Centro de Documentação e Investigação Mestre Rogério Ribeiro; **GEO** (Dra. Manuela Canedo e Doutor José Martins); **Hemeroteca** (Rita Gonçalves e Luísa Matos); **Museu de Lisboa** (Lurdes Garcia e Rosário Dantas); **MNAA** Doutora Alexandra Markl\_sobre Domingos de Sequeira e Doutor Joaquim Caetano\_sobre Diogo de Contreiras); **MNR** (Dra. Fátima Roque, Dra. Paula Monteiro); **MNAC** Dra. Maria de Aires, **MNAC-Biblioteca** António Chaparreiro; **MCCG** – Maria Cristina Gonçalves; **Museu do Fado** – Dra. Sara Pereira e Ricardo Bóia. **Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça** – Doutor Nuno Prates.

No plano pessoal, dedico as últimas palavras à minha família, aos presentes e aos ausentes (fisicamente), ao meu irmão, ao meu pai e à minha madrastra devo um inestimável apoio incondicional e constante encorajamento, que me fizeram ultrapassar cada situação adversa que surgiu ao longo deste trabalho.

Ao meu marido e à minha filha, pela compreensão durante todo o período em que estive concentrada neste estudo e por me terem proporcionado o tempo, fundamental para a oportunidade de concretizar este sonho, quando já não parecia possível, vinte anos após a conclusão da minha Licenciatura em História – tempo esse que não lhes concedi.

À família, por tudo o que significam para mim e por me ensinarem todos os dias o que é realmente importante.



## **PREFÁCIO**

## 1. Introdução

Para o Curso de 2º Ciclo **Arte, Património e Teoria do Restauro**, o tema por nós abordado como Dissertação de Mestrado, e nosso objecto de estudo é: *A Iconografia Olisiponense na Pintura de Autor no Mercado de Arte: A Cabral Moncada Leilões no Século XXI*.<sup>1</sup>

Para todas as Dissertações de Mestrado existe, julgamos nós, aquilo a que podemos chamar o “momento inicial”, ou, se quisermos, o início da história desse trabalho. Este, não foi excepção.

A iconografia de Lisboa, podemos afirmá-lo, foi o ponto de partida para toda esta investigação.

Partindo do interesse surgido, em sede de aulas, pelo tema dos leilões de arte e do mercado de arte português, e, em consequência, assistindo à primeira sessão do leilão nº169, de 1 de Junho de 2015, da casa leiloeira lisboeta Cabral Moncada Leilões, chamou-nos particularmente a atenção a disputa que existiu, por parte da assistência (a que previamente efectuou *ordens de compra*,<sup>2</sup> a que se encontrava fisicamente no leilão e a que estava em contacto via telefone) em relação ao lote nº173, ou seja, um conjunto de seis águas-tintas<sup>3</sup> de Alexandre-Jean Noël (1752-1834)<sup>4</sup>, todas representando vistas de Lisboa. Estas gravuras foram arrematadas pelo preço de 2.700 euros, despertando em nós o interesse por aprofundar este empenho por obras de arte com iconografia de Lisboa, que, aliás, continuámos a verificar durante o referido leilão.

Através do nosso próprio interesse pela cidade onde nascemos e vivemos, que manifestámos desde muito cedo – nomeadamente pela Lisboa medieval – surgiu o objectivo de tentar perceber se obras de arte com iconografia da cidade despertam um interesse destacado no mercado de arte, ou se, pelo contrário, não podemos afirmar existir um interesse acima da média.

Quanto à escolha da pintura foi muito natural, para nós, por a considerarmos a mais intimista, em termos de produção de arte, das técnicas produtoras de imagem, como a fotografia ou o próprio cinema, por exemplo. Numa pintura, mais do que em qualquer outra, na nossa opinião, está toda a essência do seu autor.

---

<sup>1</sup> Englobámos, numa perspectiva mais abrangente, neste nosso estudo, desde obras de arte produzidas em vários suportes, como em várias técnicas, nas quais incluímos, por considerarmos que todas partem de uma matriz, de um original, vários tipos de gravuras.

<sup>2</sup> Consultar o glossário de termos de leilão na pág.15.

<sup>3</sup> Consultar o glossário de termos de Belas Artes na pág.16.

<sup>4</sup> Alexandre-Jean Noël foi um pintor francês, um dos principais pintores de paisagens dos finais do século XVIII, que trabalhou em Portugal. Este artista está bem representado no Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva com obras como “*Vista da Rocha de Conde de Óbidos*” (inv. 396) e “*Vista de Lisboa – Lado Oriental e Ocidental*” (inv. 349/1 e 2). Cf. A. Ayres de Carvalho, *Pintura*, in FRESS, Lisboa, FRESS, 1994, pp.204-249. A Fundação tem o seu *site* disponível em <http://www.fress.pt>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

Ao longo da História, foi-se consolidando a noção de **obra de arte**, que distingue certos objectos de outros, devido ao prazer estético que provocam. Paralelamente, surge a noção de **antiguidades**, associada a objectos feitos ou construídos por pessoas que já faleceram há algum tempo, e que, assim, vão adquirindo valor com o decorrer do tempo, e como testemunhas de uma época passada.

Segundo Giulio Carlos Argan, “*No nosso século, mais do que em qualquer outra época da história, o mundo ocupa-se da arte.*”<sup>5</sup>

Joana Cunha Leal defende que o interesse pela paisagem surge na história de arte normalmente associado aos estudos sobre um género de pintura: o **paisagismo**. Na sua opinião, a dimensão histórica dos modos de ver é um dado vital não apenas para analisar o paisagismo, mas também para enriquecer a discussão acerca da própria percepção do que nos rodeia como paisagem, primeiro mentalmente, e depois como imagem, sempre passível de ser submetido a um juízo estético, também ele histórica, cultural e socialmente determinado.<sup>6</sup>

Local privilegiado entre todos, no nosso entender, para aferir deste interesse, nesta perspectiva, é, sem dúvida, uma casa leiloeira. Daí o nosso caso de estudo, a Cabral Moncada Leilões, uma das mais prestigiadas leiloeiras de arte da cidade de Lisboa.

Disse o escritor e artista José Lima de Freitas (1927-1998) que “*A cidade sempre atraiu os pintores. Basta lembrar os telhados e pináculos, rodeados de muralhas, que se vislumbram nos retábulos medievais, por detrás das figuras dos santos (...).*”<sup>7</sup>

E ainda as palavras do Arquitecto Walter Rossa: “*A cidade, sendo um dos fenómenos mais complexos da vida em comunidade, desde sempre suscitou curiosidades e interesses entre aqueles que, de uma forma geral, produzem o conhecimento das civilizações. Tem sido abordada pelos mais diversos ângulos por artistas e por especialistas de variadas áreas científicas (...).*”<sup>8</sup>

A iconografia desempenha um papel fundamental, como ciência subsidiária da História, como tal, o documento iconográfico constitui, nas mãos de um historiador, um elemento precioso.

Lamentavelmente para todos nós, a dispersão da iconografia artística, nomeadamente a estudada, iconografia de Lisboa, não só devido a acontecimentos e a vicissitudes históricas de vária natureza, invasões, ocupações militares, emigrações, embaixadas, viagens de infantas portuguesas e outras, mas ainda a doações, legados e vendas privadas para o estrangeiro, foi considerável ao longo dos séculos.

---

<sup>5</sup> Vide *Arte e Crítica de Arte*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, p.21. Neste caso específico o autor refere-se ao Século XX. Giulio Carlo Argan (1909-1992), foi um historiador, teórico e crítico de Arte italiano.

<sup>6</sup> *Vd.* LEAL, Joana Cunha, *Sobre a Paisagem da Baixa*, in Revista digital *Rossio* nº2, Novembro 2013, pp. 12-21. Joana Cunha Leal é Doutorada em História da Arte.

<sup>7</sup> *Cf.* FREITAS, José Lima, *A grande pintora Vieira da Silva*, in Revista *Eva*, nº1150, Natal 1968, p.23.

<sup>8</sup> *Cf.* ROSSA, Walter, *A cidade portuguesa*, in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa*, Volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p.233. Walter Rossa (n.1962) é Arquitecto e Professor na FCTUC.

É claro que, hoje em dia, já podemos aceder a um vasto conjunto de iniciativas *online*, como as denominadas redes sociais, para termos acesso imediato a um sem número de imagens de notável qualidade artística da cidade de **Lisboa**, como é o caso do Tumblr<sup>9</sup> ou do Pinterest<sup>10</sup> – só para mencionar dois exemplos – mas queremos acreditar que uma pintura de qualidade nos transmite um outro conceito de **Beleza**, que só a **Arte** do seu criador pode proporcionar.

Não é preciso perceber de pintura, ou de arte, para observar um quadro, basta olhar, e formar uma opinião. O importante numa pintura não é tanto a visão de quem o criou, mas sim, a de quem observa. Quando observamos uma obra de arte em exposição, se estivermos em grupo e trocarmos opiniões, todas serão diferentes e, eventualmente, todas diferentes da opinião que emitiria o próprio artista, que é, por definição, o protagonista do mundo da arte.

Temos consciência dos limites impostos numa Dissertação de Mestrado, pelo tempo destinado à investigação e pelo espaço físico da mesma para o desenvolvimento das questões, que nos pareceu, constantemente, exíguo.

Não é nossa intenção extinguir este tema com esta Dissertação, mas sim, lançar as bases para uma investigação mais aprofundada da lógica dos leilões e do mercado de arte em Portugal, para se compreender melhor o seu funcionamento e respectivas dinâmicas.

Assim apresentamos esta nossa Dissertação, resultante de escolhas muito particulares mas que nos pareceram, a nível da produção de conhecimento científico para a História de Arte, de interesse geral.

## 2. Estado da Arte

Identificado o tema e a problemática, interessa traçar o estado do conhecimento relativo ao nosso objecto de estudo, uma vez que foi destes que partimos para a nossa investigação.

Estamos perante um trabalho de investigação que se pode, sumariamente, dividir em quatro grandes sub-temas – chamemos-lhe assim – indissociáveis, a saber, a cidade de **Lisboa**, os **pintores e artistas** que nela se inspiraram, pelo menos uma vez, o **mercado de arte em Portugal**, como destino final de grande parte destas obras, sendo o caso de estudo concreto a casa leiloeira lisboeta **Cabral Moncada Leilões**.<sup>11</sup> Todavia, todos estes temas estão interligados e fazem parte de um todo, objecto da nossa Dissertação.

Começamos por afirmar que o tema, na sua especificidade, e do que conseguimos apurar, é novo, ou seja, não existe qualquer estudo sobre esta matéria específica, o que

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.camaramunicipaldelisboa.tumblr.com/>, consultado a 29 de Outubro de 2015.

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.pt.pinterest.com/CMLisboa.com/>, consultado a 29 de Outubro de 2015.

<sup>11</sup> A Cabral Moncada Leilões, fundada em 1996, é uma das mais prestigiadas casas leiloeiras do país. Tem como Administradores Miguel Cabral de Moncada e Pedro Maria de Alvim.



dificultou muito o andamento do nosso trabalho. Sendo assim, orientámos a nossa investigação e pesquisa para os quatro grandes sub-temas mencionados acima, tentando suprir lacunas para conseguir chegar a conclusões, o que, diga-se, foi um trabalho vasto, moroso, e árduo em muitos sentidos.

## LISBOA

*“(...) foram os romancistas, os dramaturgos, os poetas e os pintores que, verdadeiramente, criaram e ainda sustentam, o interesse por Lisboa (...).”*<sup>12</sup>

Vicente Ferreira, 1948

O estudo sobre uma cidade requer a contribuição de várias áreas do conhecimento, como a Geografia, a História e a Topografia, entre outras, e, no meio desta interdisciplinaridade, podemos acrescentar a Arte, e principalmente a pintura, como uma linguagem de expressão capaz de revelar os aspectos da cidade em que muitas pessoas não reparam, mas que apresentam um carácter subjectivo, indispensável para o estudo da cidade na sua totalidade. O olhar do artista é capaz de revelar a cidade a partir das suas contradições, e também de escolher como tema a banalidade da vida.

Iniciando pela capital, para um investigador que deseje estudá-la, seja de que ponto de vista fôr, existem obras profundas e muito completas, onde pode colher informação fundamental para estudar e investigar um tema relacionado com a cidade.

Como instituição preferencial para esta investigação referimos o **GEO** (Gabinete de Estudos Olisiponenses), da Câmara Municipal de Lisboa. Deve grande parte do seu acervo inicial ao Eng<sup>o</sup> Augusto Vieira da Silva (1869-1951), olisipógrafo de renome. Dispõe de um dos mais completos acervos bibliográficos, iconográficos e arquivísticos sobre Lisboa, tudo disponível aos interessados, que podem efectuar consultas através do Serviço de Leitura e Referência.<sup>13</sup>

Para início de qualquer investigação sobre a cidade, e com o intuito de obtermos uma panorâmica geral sobre a temática de Lisboa, existe um Guia, organizado por Raúl Proença e editado pela Biblioteca Nacional de Portugal, obra completa, erudita e ilustrada, de fácil e fundamental consulta.<sup>14</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a história de Lisboa e a cidade no seu conjunto, existem nomes absolutamente incontornáveis de olisipógrafos consagrados como Júlio de Castilho (1840-1919), que, entre muitas outras obras dedicadas à cidade organizou, em dois grandes conjuntos, e

---

<sup>12</sup> Cf. Eng<sup>o</sup> Vicente Ferreira na sua comunicação *in Primeira Reunião Olisiponense*, Teses, Estudos e Comunicações, Volume I, Câmara Municipal de Lisboa, 1948, p.19.

<sup>13</sup> Para mais informações o GEO tem o seu *site* disponível em <http://www.geo.cm-lisboa.pt>, consultado a 10 de Abril de 2015.

<sup>14</sup> *vide* PROENÇA, Raúl, *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*, Volume I, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 1924.

em 8 tomos (de 1879 a 1890), dedicada aos bairros da capital, a sua obra *Lisboa Antiga*, considerada um marco nos estudos olisipográficos do século XIX.<sup>15</sup>

Nome fundamental no estudo profundo da capital foi o jornalista, escritor, político e um dos mais importantes olisipógrafos do século XX, Gustavo de Matos Sequeira (1880-1962). Discípulo de Júlio de Castilho, estudou a cidade minuciosamente e deixou trabalhos de elevadíssimo interesse, como *A Velha Lisboa (Memórias de um Bairro)*, que publicou, entre 1906 e 1909 na revista *Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Este estudioso foi um dos fundadores do *Grupo Amigos de Lisboa* (fundado em 1936) e Director do seu Boletim oficial *Olisipo* que surgiu em Janeiro de 1938 e ainda hoje se publica, em segunda série. Esta publicação conta com um leque de estudiosos das temáticas relacionadas com a cidade. Estas publicações podem ser consultadas, através de pedido prévio, na Hemeroteca Municipal de Lisboa.

Uma palavra ainda para uma obra de fôlego, absolutamente fundamental para compreendermos Lisboa na sua essência e aferirmos das razões porque tem inspirado tantos artistas é, do jornalista e olisipógrafo Norberto de Araújo (1881-1961), *Peregrinações em Lisboa*<sup>16</sup>

Muitos foram, aliás, os olisipógrafos que nos legaram trabalhos profundos e muito interessantes, referimos apenas alguns, em nome de todos: Júlio de Castilho, Gustavo de Matos Sequeira e Norberto de Araújo, já mencionados, Eduardo Freire de Oliveira, Augusto Vieira da Silva, José-Augusto França, Iria Gonçalves, Carlos Guardado da Silva e Maria Lúcia Passos, todos com obras de grande valor para quem queira estudar, e aprofundar estas temáticas.<sup>17</sup>

A cidade de Lisboa, como tal, surge verdadeiramente na Idade Média. Esta é uma realidade óbvia e natural para alguém como nós, da área da História. Para esta afirmação buscamos a ajuda do notável medievalista francês Jacques le Goff (1924-2014) – muito estudado por nós, com muito interesse, em sede de Licenciatura – que afirmou que este período da História é o do nascimento da cidade “(...) a cidade medieval é algo de ainda vivo e é a matriz das nossas actuais redes urbanas (...)”.<sup>18</sup>

Esta afirmação do eminente medievalista estará na origem do facto de, como iremos detalhar melhor ao longo da nossa Dissertação, o bairro de Alfama, de cariz árabe e

---

<sup>15</sup>Cf. CASTELO BRANCO, Fernando, *Breve História da Olisipografia*, Lisboa, Biblioteca Breve, I.C.P., 1980, p.18.

<sup>16</sup> vide de Norberto de Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, Lisboa: Parceria A.M. Pereira, [1938]- -1939, 16 livros org. por Júlio de Jesus Martins, disponíveis em <http://www.hemerotecadigital-cm-lisboa.pt>, consultado a 15 de Novembro de 2015.

<sup>17</sup>A título de exemplo referimos algumas das obras que mais contribuíram para este estudo até ao momento, como *O Livro de Lisboa* de Irisalva Moita (coord.), Lisboa, Livros Horizonte, 1994, de Augusto Vieira da Silva, *A Cerca Moura de Lisboa*, *Estudo histórico descritivo*, 3ª edição, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, *Idem*, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, 2ª edição, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1987, de Carlos Guardado da Silva, *Lisboa Medieval, A organização e a estruturação do espaço urbano*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

<sup>18</sup> Cf. Jacques le Goff, *Reflexões sobre a História*, Lisboa, Edições 70, 1986, p.108.

medieval, e conforme já referido, ser um dos temas que mais se destacam na pintura com iconografia de Lisboa.

Muito importante para termos uma ideia da evolução da iconografia da cidade é o estudo do Engº Augusto Vieira da Silva (1869-1951), onde nos dá uma ideia do percurso das representações da cidade em estampas e gravuras, referindo a mais antiga representação iconográfica de Lisboa conhecida, a saber, a que consta de um selo de cera do tempo de D. Afonso IV (1291-1357), pendente de um documento do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em que se observa a cidade representada esquematicamente com as muralhas e torres da Cerca Moura.<sup>19</sup>

Em relação a estudos de Lisboa actuais, não podemos deixar de referir a publicação do número 11, de 2014, da Revista de História de Arte do Instituto de História de Arte da FCSH – UNL, exclusivamente dedicada aos *Estudos de Lisboa*, que aposta na criação de um grupo de investigação dedicado a Lisboa no seio do IHA-FCSH-UNL para desenvolver pesquisas em torno da história e do património da cidade.<sup>20</sup>

O Departamento Cultural da C.M.L. edita, desde Setembro de 2012, um novo projecto, muito interessante, a revista digital interactiva *rossio*. Trata-se de uma publicação semestral, aberta à participação de todos os que estudam a cidade, e um objecto de divulgação de conhecimento sobre Lisboa.<sup>21</sup>

Como prova de que o estudo da cidade nunca se esgota, surgiu um novo livro sobre a Lisboa quinhentista,<sup>22</sup> – ainda não editado em português – na senda da descoberta, em 2009, numa mansão inglesa, em *Oxfordshire*, de dois quadros (um quadro original, entretanto dividido em dois), datados entre 1570 e 1620, pintados por um artista holandês anónimo, e que representam a *Rua Nova dos Mercadores* na Lisboa do século XVI. Situada perto do rio, em zona de comércio intenso, esta artéria era vital para uma das mais populosas cidades europeias. Esta rua foi identificada através da presença de uma grade, que no século XVI separava a área dos cambistas e que, por tão marcante, viria a justificar o outro topónimo por que ficou conhecida, *Rua dos Ferros*. O livro, recentemente editado no Reino Unido sob o título *Global City. On the Streets of Renaissance Lisbon*, é uma edição das historiadoras Annemarie J. Gschwend e Kate Lowe, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> Cf. SILVA, Augusto Vieira da, *Iconografia de Lisboa*, in Revista Municipal, Ano Comemorativo do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, nº32, Lisboa, C.M.L., 1947, pp.5-18.

<sup>20</sup> Cf. FLOR, Pedro, in Editorial da Revista nº11, do IHA-FCSH-UNL, Lisboa, 2014, p.7.

<sup>21</sup> Está disponível, desde o seu número zero, de Setembro de 2012, ao número seis, o mais recente, de Abril de 2016, em: <http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/por-tematica>., consultado a 29 de Outubro de 2015.

<sup>22</sup> Agradecemos ao nosso Orientador Professor Doutor Vítor Serrão ter-nos alertado para esta notícia, que veio enriquecer o nosso estudo.

<sup>23</sup> Cf. FERREIRA, Nicolau, in *Jornal Público* de 10 de Dezembro de 2015.



Imagem 1 – *Rua Nova dos Mercadores*, em Lisboa, autor desconhecido, c.1570-1620

© Londres, Kelmscott Manor Collection - Society of Antiquaries of London

Uma palavra para os museus, que têm sido visitados por nós com muito proveito para este estudo, nomeadamente o Museu da Cidade, com a nova denominação de Museu de Lisboa, nome que traz consigo um novo conceito, o de um museu em cinco núcleos, espalhados pela cidade, cinco espaços distintos, com valências complementares, que partilham a missão de conferir uma identidade a uma das mais antigas cidades da Europa. Aliás, acrescentamos, é de louvar e incentivar uma dinâmica de total cooperação entre instituições culturais, não só museus, mas outras, estatais ou particulares, e todos os protagonistas do mercado de arte.

Os museus são detentores de obras de arte de referência do panorama artístico português e de documentação sobre as mesmas, sendo que essa documentação existe em grau muito superior à documentação que existe sobre os restantes bens que se encontram noutros locais ou que circulam no mercado de arte.<sup>24</sup>

Em 2015 estive patente no MNAA, e está patente até 11 de Dezembro de 2016 no ML, a Exposição *Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg – A Cidade ao Tempo de Filipe III de Espanha*. Esta exposição apresentou ao público uma pintura, um óleo sobre tela, que integra a colecção do Castelo de Weilburg, na Alemanha, e que pôde ser vista pela primeira vez em Portugal. Esta obra – uma das mais antigas e raras panorâmicas lisboetas –, representa a chegada a Lisboa do Rei Filipe III de Espanha (1578-1621) - Filipe II de Portugal-, em 29 de Junho de 1619, mas encontra-se datada de 1613, de autor desconhecido. Esta pintura ostenta as armas de Portugal e as armas da cidade de Lisboa. A exposição mostrou ainda obras da colecção do Museu de Lisboa, como contextualização da pintura convidada.

Esta tela, de grande formato, – conservada na colecção do Castelo de Weilburg –, está habitualmente à vista do público, mas era desconhecida dos especialistas portugueses até o Historiador de Arte alemão Andreas Gehlert ter contactado congéneres

<sup>24</sup> Cf. MONCADA, Miguel Cabral de, in *Museus Palácios e Mercados de Arte*, Lisboa, Scribe, 2014, p.14.

portugueses, como Vítor Serrão, que estudaram a obra. Trata-se de uma fonte da maior importância para a olisipografia.



Imagem 2 – Joyeuse entrée - Vista de Lisboa do Castelo de Weilburg, autor desconhecido, 1613

© <http://www.museudelisboa.pt/>

Ainda na senda de importantes exposições é de referir que Lisboa é frequentemente tema destas iniciativas, igualmente interessantes para quem a estuda<sup>25</sup>.

Só para deixar alguns exemplos, correndo o risco de omissões graves, destacamos, em 1983, a C.M.L. promoveu a Exposição, organizada pela historiadora, arqueóloga, museóloga, figura de referência e uma das mais notáveis personalidades no domínio do estudo de Lisboa, Irisalva Moita (1924-2009), *Lisboa Quinhentista: A imagem e a Vida da Cidade*. Esta Exposição, realizada no então denominado Museu da Cidade, foi uma das mais relevantes iniciativas que se deveram ao empenho desta historiadora. Aliás, foi Irisalva Moita quem transformou o modesto museu que existia no Palácio da Mitra lisbonense, no novo museu da Cidade, e concebeu o seu Programa inicial.

De 7 de Junho a 7 de Julho de 1988, por iniciativa da C.M.L., decorreu, no Palácio dos Coruchéus (adquirido pela C.M.L. em 1945), uma exposição colectiva de pintura naíf subordinada ao tema *Lisboa*, participando trinta e três artistas. As obras versaram, sobretudo, os edifícios históricos, praças, miradouros e os bairros populares da cidade.

Em 2014, de 2 de Abril a 15 de Maio, na C.M.L., esteve patente a Exposição *Iconografia de Lisboa*. Esta mostra apresentava vistas panorâmicas da cidade a partir do rio Tejo, do século XVI ao século XXI, todas pertencentes à Colecção permanente do Museu de Lisboa.

Recentemente, a Exposição *A Luz de Lisboa*, que decorreu no Museu de Lisboa (núcleo do Torreão Poente), de 17 de Julho a 20 de Dezembro de 2015, reflectia sobre como o encanto da luz da cidade, pela sua qualidade, tem sido estímulo para muitas manifestações de literatura e de cultura visual. Lá podíamos encontrar, por exemplo, um

---

<sup>25</sup> Para uma informação actualizada sobre a vida cultural da capital, recomendamos a consulta da *Agenda Cultural de Lisboa*, disponível e gratuita em versão papel em todos os equipamentos municipais, e na sua versão digital em <http://www.agendalx.pt>, consultado a 19 de Dezembro de 2015.



dos óleos de Carlos Botelho com temática de Lisboa, a saber: *Ramalhete de Lisboa*, de 1935.

A história da Cidade de Lisboa é riquíssima e intemporal, e tem sido objecto de estudos e trabalhos de superior qualidade. Cidade lendária, inspirou pintores e artistas desde tempos recuados e, conforme afirmou Raquel Henriques da Silva, “(...) *Lisboa viveu sempre colada à pele da História* (...)”.<sup>26</sup>

Como contribuição fundamental, reflectimos nós, para o fascínio que Lisboa exerceu, ao longo do tempo, em inúmeros artistas, como Maria Helena Vieira da Silva existe um elemento identitário do próprio país, existente em abundância na cidade: o azulejo.

A paleta cromática em tons claros e azuis desta artista apontam para o seu referente, a luz de Lisboa, que se reflecte nos azulejos que revestem as fachadas dos edifícios.

Sobre este assunto, dirá Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992): “ (...) *esta primeira emoção despertou (...) o meu amor por estes pequenos quadrados, talvez por sua causa, eles voltaram depois renascidos, na minha pintura* (...)”.<sup>27</sup>

## PINTORES / ARTISTAS

“ (...) *e assim vou continuando, sempre na esperança de pintar melhor e de não abandonar o meu lindo modelo, que é Lisboa – cidade que, infelizmente, parece em vésperas de se perder* (...)”.

Carlos Botelho (1899-1982), 1973<sup>28</sup>

“*É preciso pôr as pessoas a ver a Arte. Só vendo a Arte se sabe dela* (...)”.

José-Augusto França (n.1922), 1960<sup>29</sup>

No âmbito deste nosso trabalho elencámos o surpreendente número de cento e dezanove artistas que pintaram Lisboa, pelo menos uma vez na sua carreira e cujas obras apareceram para leilão na Cabral Moncada Leilões, nosso caso de estudo, na baliza cronológica estudada, a saber: 2001 a 2015.

Para além de nomes que só aparecem uma vez, temos os casos dos grandes pintores de Lisboa, com muitas obras em que a inspiração foi esta cidade, como Carlos Botelho (1899-1982), Francisco ou Francis Smith (1888-1962), Maria de Lourdes Ribeiro, mais

---

<sup>26</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, *Lisboa Romântica Urbanismo e Arquitectura (1777-1874)*, Tese de Doutoramento-FCSH-UNL, 1997, p.17, disponível em <http://www.hdl.handle.net/10362/507/>, consultado a 8 de Janeiro de 2016.

<sup>27</sup> Cf. ARRUDA, Luísa, *Azulejaria nos Séculos XIX e XX*, in *História da Arte Portuguesa, Volume 3, Temas e Debates*, Lisboa, 1997, p.421

<sup>28</sup> vide BOTELHO, Catálogo da Exposição *Botelho, Centenário do Nascimento*, Câmara Municipal de Lisboa – Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva, de 22 de Abril a 4 de Julho de 1999.

<sup>29</sup> Vide “*da Pintura Portuguesa*”, Colecção «Ensaio», Lisboa, Edições Ática, 1960, p.14.

conhecida por Maluda (1934-1999), que pintou essencialmente cidades, entre elas Lisboa, ou mesmo Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992). Além do “retratista” dos costumes lisboetas, Stuart de Carvalhaes (1888-1962), e, de entre os artistas ainda vivos, o aquarelista Paulo Ossião (n. 1952), entre outros.

Os temas representados nas obras de arte coligidas são vários, podemos afirmar que a parte “velha” da cidade é a mais representada, o bairro de Alfama, o Terreiro do Paço, o Rossio, assim como os monumentos mais antigos, a Igreja de Santa Maria Maior – Sé –, o Mosteiro de Santa Maria de Belém – Jerónimos –, a Torre de S. Vicente a par de Belém – Torre de Belém –, o Aqueduto das Águas Livres, para além das zonas ribeirinhas e do estuário do Rio Tejo.

O Tejo e a zona ribeirinha aparecem, aliás, numa percentagem elevadíssima de obras, mostrando, assim, a sua importância na iconografia de Lisboa.



Imagem 3 – Vista Panorâmica do Mosteiro dos Jerónimos e Praia de Belém,

Filipe Lobo (act.1650-1673), 1657

© MNAA, inv.1980 Pint

Quanto às técnicas e tipo de suporte utilizados pelos artistas são variados, sendo que as obras a óleo sobre tela são as mais valorizadas em termos dos montantes atingidos, o que não é surpreendente visto que o resultado final é de enorme qualidade e impacto visual, para além de terem uma duração mais longa. Surgindo na Itália do século XV, a pintura a óleo oferece ao artista uma versatilidade que nenhuma outra técnica dispõe. É uma das técnicas mais importantes da manifestação artística.

Dos artistas coligidos para a nossa investigação, a maioria usou esta técnica, embora não em exclusividade, com destaque para Domingos de Sequeira (1768-1837), Tomás D’Anunciação (1821-1879), José Malhoa (1855-1933), Francis Smith (1881-1961), Abel Manta (1888-1982), Carlos Botelho (1899-1982) e Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992).

Uma técnica muito antiga, mesmo milenar, a aquarela, que utiliza corantes dissolvidos em água, também produz um efeito visual interessante, não atingindo, contudo, os

mesmos valores. Lisboa, nos seus aspectos mais diversificados tem sido expressivamente documentada na pintura a aguarela, desde o Naturalismo até aos dias de hoje. Privilegiaram esta técnica artistas como o Rei D. Carlos I (1863-1908), o Mestre Roque Gameiro (1864-1935) e, mais recentemente, Paulo Ossião (n.1952), entre outros. Elencámos, no entanto, várias obras com recurso a outras tantas técnicas como gravuras, estampas, desenhos, entre outros.

Importantes para aferir do valor de uma pintura são igualmente as dimensões, por norma, quanto maior fôr a pintura, maior será o seu preço. Só em casos de dimensões excessivas poderá, pelo contrário, existir uma redução do valor devido às dificuldades de transporte e de armazenamento e exposição da obra.

Em relação à arte contemporânea existe ainda outro factor específico: actualmente, e, na verdade, desde os inícios do século XX, os materiais utilizados pelos artistas nem sempre são pensados para durar. Esta nova condicionante levanta vários problemas aos agentes do mercado de arte. Todo este processo de desmaterialização da obra de arte, à margem do convencional, põe em discussão o conceito de duração e resistência dos trabalhos artísticos, e condiciona o seu valor.

Para Giulio Carlo Argan, as obras artísticas foram sempre objectos de juízos de valor e consideradas componentes de um património cultural que exigia atenções particulares da sociedade e dos seus órgãos representativos.<sup>30</sup> A pintura enquadra-se perfeitamente nesta frase, sempre foi objecto de juízos de valor ao longo dos tempos, podendo estes destruir ou glorificar carreiras no tempo de uma vida dos seus autores.

Para Maria Teresa Cruz, a importância de um “discurso” do artista na sua obra de arte é fundamental, começando desde logo pela sua assinatura na obra, e continuando no título que a acompanha, gestos que, se não vão, no imediato, garantir a passagem do objecto ao estatuto de arte, vão ajudar à sua visibilidade.<sup>31</sup>

Esta realidade sente-se particularmente no mercado de arte. Se uma pintura está datada e assinada, vale mais.

É claro que não se trata de uma realidade de sempre, nomeadamente no nosso país, basta lembrarmo-nos de pinturas da maior importância a que não se pode atribuir um autor com toda a certeza, caso, por exemplo, do conjunto de seis pinturas apelidado de *Painéis de São Vicente*, de c. 1470, atribuídos ao pintor Nuno Gonçalves (activo 1450-1491) e à guarda do Museu Nacional de Arte Antiga.<sup>32</sup>

Embora, devido a toda a sorte de tristes acontecimentos históricos e catástrofes naturais, a maior parte das obras dos chamados “pintores primitivos”, de entre os quais o próprio

---

<sup>30</sup> vide *Arte e Crítica de Arte*, Lisboa, Editorial Estampa, 1988, p.127.

<sup>31</sup> vide *A Obra de Arte. Entre Dois Nomes*, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, UNL, n.º10-11, Março de 1990, pp. 117-141.

<sup>32</sup> Para informação mais detalhada, e visualização da obra, consultar a página online em <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-portuguesa/paineis-de-sao-vicente/>, consultado a 9 de Janeiro de 2016.



Nuno Gonçalves (século XV), não tenha chegado até nós, ela existia e, ao que tudo indica, em abundância.

Afirmou Vítor Serrão que “(...) *Lisboa aberta como estava aos novos ventos da cultura continental (...) como os grandes centros da Europa, constituía, em meados do século XVI um poderoso empório comercial, que proporcionava clima extremamente favorável à criação e divulgação artísticas.*”<sup>33</sup>

Para além da vasta e notável obra de Vítor Serrão sobre pintura antiga, absolutamente indispensável, existe, de Joaquim de Vasconcelos “*A Pintura Portuguesa nos Séculos XV e XVI*”.<sup>34</sup>

No mercado de arte em Portugal raramente aparecem pinturas de paisagem – a maioria refere-se a temática religiosa – anteriores ao século XVIII, o que não quer dizer que não possa acontecer. Aliás, na Cabral Moncada Leilões apareceu, em 2006, uma pintura, vinda do espólio de uma casa particular, que os peritos em arte portuguesa da altura acharam poder tratar-se do importante pintor Baltazar Gomes Figueira (1604-1674), o que veio a confirmar-se com a ajuda de reputados especialistas na obra deste artista, o Professor Doutor Vítor Serrão, e o pintor e historiador de Arte Jorge Estrela (1944-2015). Esta pintura, um óleo sobre tela – lote nº245 do Leilão 83, sessão de 6 de Novembro de 2006 – intitulada *Natureza-Morta. Peixes, crustáceos e gato*, terá sido produzida entre 1635 e 1640 e foi arrematada por 85.000 Euros.<sup>35</sup>

Muito interessante, e mostrando que a pintura antiga ainda é muito apreciada, visto que a ideia foi um sucesso, foi uma iniciativa muito recente do Museu Nacional de Arte Antiga – durou três meses e terminou em Janeiro de 2016 – a que chamaram «Exposição *ComingOut – e se o Museu saísse à Rua?*». Trinta e uma réplicas de obras-primas, de autores portugueses e estrangeiros de altíssima qualidade do acervo deste Museu foram distribuídas pelas zonas mais antigas e turísticas da cidade, com a respectiva placa informativa.

No final, apesar de um terço das obras ter sido furtado, todas as que foram retiradas foram objecto de um leilão *online* na casa leiloeira lisboeta Palácio do Correio Velho, e o valor da sua venda reverte inteiramente para o *Grupo de Amigos do Museu*, para ajudar o projecto a que chamaram “*Vamos Pôr o Sequeira No Lugar Certo*”, isto é a compra do óleo “*A Adoração dos Magos*”, de 1828, do pintor Domingos António de Sequeira (1768-1837) – que também faz parte do *corpus* elencado para este trabalho – para que faça parte do acervo daquela instituição.<sup>36</sup> Tratou-se de um projecto pioneiro, a

---

<sup>33</sup> Cf. SERRÃO, Vítor, *A Pintura Maneirista em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 2ª edição, 1991, p.15.

<sup>34</sup> Obra editada em Coimbra, pela Imprensa da Universidade, 1929.

<sup>35</sup> Para mais informação sobre este caso particular recomenda-se a leitura de MONCADA, Miguel Cabral de, *A Relevância dos Peritos de Arte no Mercado Leiloeiro Português. O Caso da Cabral Moncada Leilões*, in FERNANDES, Alexandra, AFONSO, Luís Urbano, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, estrutura, história, tendências*, Lisboa, SCRIBE, 2012, pp.179-189.

<sup>36</sup> Para mais informação consultar <http://www.museudearteantiga.pt/exposicoes/comingout/>; <http://www.pcv./leilaoonlineespecialcomingoutmnaa/>., consultado a 28 de Outubro de 2015.

primeira campanha de *fundraising* de um museu nacional para aquisição de uma obra de arte, e o montante necessário, 600 mil euros, foi conseguido três dias antes de terminado o prazo.

Portugal, apesar de ser um país periférico de pequena dimensão, e com uma fraca economia, tem um mercado de arte que podemos considerar pequeno, mas activo, e um público, não muito numeroso, mas muito interessado.

Destacamos as várias exposições de pintura que acontecem com alguma frequência no nosso país, sendo que a consulta dos respectivos catálogos se tem mostrado uma ferramenta poderosa para o andamento da nossa pesquisa no que concerne o estudo dos pintores e artistas constantes do *corpus*. Desde o pequeno folheto de uma exposição ou galeria, até um catálogo *raisonné*, consultámos todas estas publicações com proveito para o nosso trabalho.

A extensa obra de José-Augusto França foi essencial na construção do nosso pensamento, e no adquirir de conhecimentos fundamentais sobre os artistas considerados nesta investigação e o seu percurso, num enquadramento histórico.<sup>37</sup>

Em relação às breves notas biográficas dos autores citados neste trabalho, recorreremos à ajuda, entre outros, de estudos e monografias que existam sobre cada um deles, quando existam, a pesquisas na *Internet*, bem como a catálogos de exposições das suas obras. Com este fim, recorreremos igualmente às obras de Fernando de Pamplona e de Michael Tannock, absolutamente essenciais.<sup>38</sup>

Efectuámos ainda pesquisas nos Repositórios das Bibliotecas das Faculdades de Ciências Sociais e Humanas, onde encontrámos Dissertações de Mestrado e Teses de Doutoramento que muito auxiliaram a nossa pesquisa.

No dia 10 de Janeiro de 1860 foi criada, por um grupo de artistas, a Sociedade Promotora de Belas-Artes. Quando esta terminou, fundou-se, na sua senda, em 1901, a **SNBA (Sociedade Nacional de Belas-Artes)**.

Os artistas dissidentes da Promotora passaram a reunir-se numa cervejaria, constituindo uma tertúlia, que ficou conhecida como o «Grupo do Leão», e que se destinou à decoração das salas do café-restaurant «Leão de Ouro», em Lisboa.

A importância que deteve no panorama artístico nacional, como uma espécie de academia livre, marcou a «renascença» da pintura nacional. Este grupo galvanizou a

---

<sup>37</sup>Referimos somente alguns exemplos como *a Arte Portuguesa de Oitocentos*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1979, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Bertrand, 1966, e *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 4ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 2009.

<sup>38</sup>Obras como “*Um Século de Pintura e Escultura em Portugal*”, Porto, Livraria Tavares Martins, s.d. e *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, 5 volumes, 4ª edição, Porto, Livraria Civilização Editora, 2000 e “*Da Pintura Portuguesa*”, Colecção «Ensaio», Lisboa, Edições Ática, 1960.

prática pictórica na década de oitenta de oitocentos e deixou-nos um legado patrimonial intemporal.<sup>39</sup>

Deste grupo de amigos ficou um óleo sobre tela de Columbano Bordallo Pinheiro, de 1885, intitulado *O Grupo do Leão*, que foi adquirido pelo Estado, em 1953, e pertence ao espólio do MNAC, enriquecendo assim, não só o acervo do Museu como a sua colecção Columbano, tutelada pelo Estado.<sup>40</sup>

A SNBA, entre muitas outras iniciativas de valor, organizou inúmeras exposições até aos nossos dias. No seu site, disponível em <http://www.snba.pt> existe uma funcionalidade que tem sido do maior interesse para o nosso trabalho no que concerne o estudo da vida e obra dos pintores e artistas estudados, que é a biblioteca virtual.<sup>41</sup> Através dela temos acesso aos catálogos, não de todas, mas de um número razoável de exposições, desde 1922, o que foi, repetimos, do maior interesse para nós.

Uma ferramenta muito útil para estudarmos os artistas e, nomeadamente, a sua produção, são os catálogos *raisonné*. Numa só publicação temos reunida toda a informação sobre a obra de determinado artista, o que é especialmente relevante para aferirmos das suas temáticas, técnicas e períodos de produção.

A utilidade de uma destas publicações é, no entanto, tanta quanto é a complexidade da sua preparação, daí que publicações deste género sejam escassas, tanto em Portugal, como no estrangeiro.

Numa interessante e louvável iniciativa, o artista plástico Julião Sarmento (n.1948) – embora não faça parte do nosso *corpus* -, deve ser referido, porque está a ajudar, preocupado com a correcta difusão da sua obra, a desenvolver projectos que constituirão um repositório de dados para memória futura. Seria muito interessante que este exemplo estabelecesse bases para futuras edições do género no nosso país<sup>42</sup>. Esta informação é muito útil, tanto para investigadores, colecionadores, instituições ou mesmo particulares interessados.

## MERCADO DE ARTE

Em jeito de introdução, e numa definição muito generalista, podemos afirmar que o mercado de arte é um conceito económico que designa o conjunto de agentes

---

<sup>39</sup> Cf. Clara Moura Soares, *A Galeria de Pintura do Restaurante «Leão de Ouro»: percurso de uma colecção*, in ARTIS, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº6, 2007, pp.269-307.

<sup>40</sup> Para uma visualização desta pintura, bem como obter informação detalhada, da autoria de Pedro Lapa, aceder a <http://www.museudeartecontemporanea.pt/ArtistPieces/view/26>., consultado a 16 de Outubro de 2015.

<sup>41</sup> Disponível em <http://www.snba.pt/index.php/>., consultado a 3 de Novembro de 2015.

<sup>42</sup> Sobre esta matéria em particular referimos que o primeiro Catálogo *Raisonné* elaborado em Portugal, do artista Joaquim Rodrigo (1912-1997), surgiu da Tese de Doutoramento de Pedro Lapa, constante da nossa bibliografia. Para além de iniciativas, como a da investigadora Catarina Alfaro que, no *site* da *Casa das Histórias Paula Rego*, apela a que sejam trazidas ao conhecimento determinadas obras da artista, com vista a um futuro *Catálogo Raisonné* – sendo que já existe um, para a sua obra gráfica, constante da nossa Bibliografia.

individuais e institucionais que se dedicam ao comércio da arte e que, no limite, fixa valores às obras de arte . Isto é, são os **intervenientes do mercado que atribuem um valor económico à obra de arte e, em consequência, uma cotação ao artista que a produziu.**

No mercado de arte as casas leiloeiras fixam os preços pelas leis da oferta e da procura, e as galerias de arte e as feiras de arte põem o artista em relação com o seu público, seja privado ou institucional.

Para além dos artistas, das leiloeiras, galerias de arte e das feiras e exposições de arte, já mencionados, são também agentes do mercado de arte, numa visão muito alargada, os antiquários, os coleccionadores, os críticos de arte, os curadores, os peritos em arte, os técnicos de museus, os historiadores de arte, para além dos comerciantes que actuam neste ramo da economia.

A pintura, em Portugal, de uma maneira geral, tem sido estudada por vários autores e, para alguns artistas, existe um interessante número de obras a que um investigador pode recorrer para auxílio do seu trabalho, já para o mercado de arte esta é uma realidade não muito estudada no nosso país, não existindo, assim, um vasto suporte que auxilie a investigação destas matérias.

Infelizmente em Portugal os dados estatísticos para o mercado de arte são quase inexistentes, o que dificulta o seu estudo. Numa consulta ao *site* do Instituto Nacional de Estatística<sup>43</sup> os dados existentes referem-se exclusivamente à Cultura em geral, e não ao mercado de arte ou às actividades e facturação das leiloeiras, galerias e antiquários nacionais, em particular.

Contudo, concordamos e sublinhamos o que a Socióloga Maria Teresa Cruz aponta como uma verdade: “(...) *a arte ocupa um lugar, senão central, pelo menos importante, naquilo que se possa entender por Cultura (...).*”<sup>44</sup>

Para termos uma noção clara dos números, no Relatório para o ano de 2013, *TEFAF Art Market Report 2014*, documento que apresenta uma análise das tendências e valores do mercado de arte global, com enfoque no maior mercado do mundo, os Estados Unidos da América, – sendo que o seu rival mais próximo não pára de crescer, a China – é afirmado que, no ano de 2013, o mercado de arte mundial atingiu 47,4 bilhões de dólares americanos em todas as suas transacções conhecidas.<sup>45</sup>

Segundo o conceituado *site* de informações para o mercado de arte global, que possui uma base de dados acessível para, por exemplo: consulta de valores de leilões

---

<sup>43</sup> Disponível em <http://www.ine.pt>, consultado a 2 de Novembro de 2015.

<sup>44</sup> Cf. a sua comunicação no Colóquio *Percepção Estética e Públicos da Cultura*, realizada em Outubro de 1991, em *Percepção Estética e Públicos da Cultura*, Lisboa ACARTE/FCG, 1992, p.45.

<sup>45</sup> A TEFAF é a mais antiga - existe desde 1975 - e universalmente tida como a maior feira de arte mundial, realiza -se em Maastricht, nos Países Baixos, este ano teve lugar nos dias 11-20 de Março com a presença de 275 galerias de 20 países. Para mais informações recomendamos o seu *site*, disponível em <http://www.tefaf.com>., consultado a 29 de Dezembro de 2015.

internacionais, estimativas, índices de confiança no mercado, entre outros, *ArtPrice*,<sup>46</sup> que apresentou o Relatório Anual do Mercado Mundial para 2014, este aponta para um crescimento da venda de arte em leilão de 26%. O nível desta actividade, segundo a mesma fonte, demonstra uma viragem no mercado dos leilões e uma afirmação do negócio da arte.

Para além destes, e entre outros, ainda vale a pena mencionar o *site artnet*<sup>47</sup> (através do seu motor de pesquisa, pesquisando por Carlos Botelho, como exemplo, aparece a informação do último quadro vendido deste autor na Cabral Moncada Leilões, um guache de 1934 intitulado *Costa do Castelo*) e o *site artifacts*<sup>48</sup>, ambos contendo informações detalhadas sobre as cotações de mercado de artistas internacionais e alguns nacionais – os nomes maiores – reveladores do mundo de arte global, entre outras funcionalidades interessantes e úteis. Qualquer um destes *sites* é absolutamente fulcral e uma ferramenta essencial para uma aferição do estudo do mercado de arte, a nível mundial.

Só para termos uma ideia dos números expressivos ligados à arte, e, por norma, à pintura, a 6 de Fevereiro de 2015 o jornal diário *Público* dava conta de que uma pintura de Paul Gauguin (1848-1903), *Nafea Faa Ipoipo*, de 1892, passou a ser a mais cara de sempre, tendo sido adquirida num leilão da *Sotheby's* de Nova Iorque por um comprador anónimo por 300 milhões de dólares americanos. As casas leiloeiras *Christie's* e *Sotheby's*, juntas, controlam 98% do mercado global de leilões de arte.<sup>49</sup>

Para além destas, importa referir a terceira maior casa leiloeira, a nível mundial, a *Phillips*, fundada em Londres, em 1796, com sede em Londres e Nova Iorque, e com filiais um pouco por todo o mundo, à semelhança das outras duas leiloeiras referidas.

Em Portugal, na leiloeira lisboeta PCV, fundada em 1989, foi estabelecido um *record*, para a arte moderna, no seu leilão 333, na sessão de 27 de Maio de 2015, quando o óleo de Júlio Pomar (n.1926) *O Almoço do Trolha*, datado de 1946-50, foi arrematado pelo preço de martelo de 350 mil euros.<sup>50</sup>

Na Cabral Moncada Leilões, no seu Leilão 128, na sessão de 1 de Junho de 2011, foi atingido um *record* para uma pintura, ao ser arrematado o seu Lote 550 – fazendo parte do nosso *corpus* -, pelo preço de martelo de 400 mil euros, de uma das versões do óleo de José Malhoa (1855-1933) *Os Bêbados, ou Festejando o S. Martinho*, de 1907.<sup>51</sup> A versão mais conhecida desta obra encontra-se no Museu José Malhoa, nas Caldas da Rainha.

---

<sup>46</sup> Disponível em <http://www.artprice.com>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

<sup>47</sup> Disponível em <http://www.artnet.com>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

<sup>48</sup> Disponível em <http://www.artfacts.net>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

<sup>49</sup> Cf. THORNTON, Sarah, *op. cit.*, p.25.

<sup>50</sup> Informação disponível no *site* desta casa leiloeira em <http://www.pcv.pt/>, consultado a 3 de Maio de 2015. Esta peça ficou a fazer parte do acervo do CAMB. Fonte: jornal diário público *online*, de 4 de Agosto de 2015.

<sup>51</sup> *Idem*, em <http://www.cml.pt/>, consultado a 23 de Março de 2015.

Altura para referirmos que as principais casas leiloeiras de Portugal têm, à disposição dos interessados, - uns com informação mais detalhada do que outros – os seus resultados e demais informações nos seus *sites* oficiais – embora na maior parte dos casos seja necessário o registo para acesso à informação – que se tornam assim, instrumentos de pesquisa e investigação para memória futura, assim como os seus catálogos em papel, de consulta obrigatória nos estudos destas temáticas.

Quanto ao espaço para a arte nos *media*, referência incontornável para quem se proponha estudar o mercado de arte em Portugal são duas publicações periódicas, infelizmente projectos já terminados, mas disponíveis, a pedido, na Hemeroteca Municipal de Lisboa, a revista *Artes & Leilões*, bimestral, que saiu a público pela primeira vez em Outubro de 1989, quando a única revista existente dedicada às artes plásticas era a *Colóquio / Artes*<sup>52</sup>, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e a revista mensal de arte *L+arte*, que existiu desde 2005 até 2011. Em 1973 surge ainda, no Porto, a revista mensal *Artes Plásticas*, que se propõe um acompanhamento da arte nacional, em contexto internacional, tendo sido, na época, uma importante fonte divulgadora da vanguarda artística, projecto que irá terminar em 1977.

No panorama editorial destas duas publicações periódicas (*Artes & Leilões* e *L+arte*), surgem artigos sobre antiquários, leiloeiros, galeristas, museus, fundações, artistas, críticos e todos os agentes culturais ligados às artes, tendo colaborações de nomes como Vítor Serrão, Nuno Vassalo e Silva, António Filipe Pimentel, Joaquim Oliveira Caetano, Raquel Henriques da Silva, Anísio Franco, João Magalhães, João Pinharanda, Alexandre Melo, entre muitos outros.

Com o desaparecimento destas publicações, e com os jornais, que cada vez dedicam menos espaço à divulgação da arte, existe, neste momento em Portugal, na nossa opinião, um enorme vazio no que concerne a informação, para públicos interessados, das actividades relacionadas com o fenómeno artístico e o mercado de arte.

Existe um magazine de arte contemporânea, em formato digital, a ArteCapital,<sup>53</sup> dirigido ao mundo das artes visuais e da cultura, com diversas valências e colaborações independentes sobre temas de arte contemporânea, divulgando informação crítica sobre o mundo das artes nacional, e internacional.

Um estudo de 2007, exclusivo da *Eurosondagem* para a revista *Artes & Leilões*<sup>54</sup> revelou a opinião dos portugueses relativamente à arte contemporânea nacional e internacional. Neste estudo ficamos a saber que o interesse dos portugueses pela arte contemporânea é elevado, a maioria dos inquiridos, 49,3%, *aprecia/gosta muito*. Relativamente a outros períodos da História da Arte, constatou-se a preferência por épocas mais recentes, verificando-se um equilíbrio de resultados entre a Arte Moderna, 29,2%, e a arte

---

<sup>52</sup> Esta revista, que existiu com continuidade (1971-1997), especializada e com um teor ensaístico, e de intervenção crítica, prestou um serviço fundamental e único no panorama editorial nacional.

<sup>53</sup> Disponível em <http://www.artecapital.net/>, consultado a 16 de Fevereiro de 2016.

<sup>54</sup> Vide *Arte Portuguesa: upa, upa!* Artigo contendo um estudo de opinião exclusivo encomendado à Eurosondagem in Revista *Artes & Leilões*.nº1, 2ª Série, Outubro de 2007, pp.7-11.



contemporânea, 28,1%. Os resultados deste trabalho permitem concluir que é elevado o nível de acompanhamento, por parte do público, em relação à criação artística das novas gerações, o que não é surpreendente.

Menos surpreendentes ainda são os resultados a perguntas relacionadas com o nível de conhecimento dos artistas contemporâneos, indo as preferências destacadas para Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), 17,6%, e Paula Rego (n.1935), 17,4%, as duas artistas portuguesas com cotação mais elevada nos mercados de arte português e internacional. Note-se no entanto que este estudo não foi efectuado perante um público generalizado, a amostra de base foi constituída a partir de visitantes de uma exposição de arte contemporânea que decorreu numa instituição cultural de Lisboa, ou seja esta amostra é composta por pessoas que frequentam, com assiduidade, este tipo de iniciativas, possuindo portanto alguma familiaridade com o mundo da arte.<sup>55</sup>

Quanto ao estudo e análise das cotações dos artistas nacionais presentes no nosso trabalho, foi muito importante a consulta da obra *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão, guia 2015 / 2020*, de Jean-Pierre Blanchon, instrumento de trabalho que disponibiliza, de forma prática, avaliação de resultados neste sector da economia e da arte.<sup>56</sup>

Neste guia, Jean-Pierre Blanchon – Administrador da leiloeira *Bestnet Leilões*<sup>57</sup> apresenta-nos indicadores para situar a arte, no caso a pintura - categoria mais transacionada -, no meio dos preços praticados, mostrando que a pintura pode ser considerada como um investimento.

Ainda nesta linha editorial existe uma publicação, o *Anuário de Vendas de Leilões de Arte para 2010*, editado pela *Scribe* em 2011, que indica os valores de uma selecção de bens e dos seus resultados de venda em leilão, contendo “(...) os resultados do que de mais importante se passa em Portugal neste sector da economia e da arte”.<sup>58</sup> Contém dois capítulos dedicados à pintura, onde aparece, a título de exemplo, e como vem sendo habitual no nosso trabalho, devido ao profundo interesse que a obra deste artista despertou em nós, um óleo sobre tela de Carlos Botelho (1899-1982), “*Vista de Lisboa – Tejo e topo do Arco da Rua Augusta*”, de 1967, o lote 161, arrematado a 31 de Maio de 2010, por 32 mil euros, na CML.

Quanto às crises do mercado de arte, têm sido várias, e estão sobretudo documentadas nas obras de autores estrangeiros, acompanhando, de uma maneira geral, as crises da economia mundial, mas, segundo Francisco Silva, da Leiloeira Silva’s “(...) não existe nenhuma crise no mercado de arte quando a qualidade das obras é elevada (...)”.<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> Este estudo de opinião foi realizado entre 9 e 13 de Julho de 2007 numa amostra de 525 entrevistas validadas, conforme ficha técnica correspondente, presente neste número da revista.

<sup>56</sup> Esta obra foi editada pela *Scribe*, em 2015.

<sup>57</sup> Site disponível em <http://www.bestnetleiloes.com>., consultado a 2 de Novembro de 2015.

<sup>58</sup> Cf. Manuel de Bragança no Editorial de Apresentação deste livro, p.5.

<sup>59</sup> Entrevista conduzida por José Paço D’Arcos, na Revista *Artes & Leilões*, nº22, de Outubro de 1993, p.85.

Em relação ao mercado de arte nacional e à realidade dos leilões existem alguns (muito poucos) estudos académicos, a Tese Doutoral de Pedro David Simões e Dissertações de Mestrado - às quais nos iremos referir mais adiante - que nos possibilitaram uma visão muito interessante sobre o tema e muito contribuíram para o caminho do nosso pensamento, raciocínio sobre estas temáticas, e consequente andamento do trabalho.

No ISCTE-IUL foi criado um Curso de Mestrado em *Gestão de Mercados da Arte*, que, conforme indicado no seu *site*, é resultante de uma parceria entre o ISCTE-IUL e a Universidade de Lisboa, e que estabelece um estimulante cruzamento entre a Gestão e a Arte.<sup>60</sup> Neste estabelecimento de ensino existe uma Biblioteca, onde efectuámos pesquisa, e onde existe, à disposição de investigadores e estudantes um fundo documental com obras de referência e Dissertações de Mestrado na área das Ciências Sociais e Humanas

É o caso da Dissertação de Marta Marinho Nunes, de 2010, intitulada *Uma visão sobre o mercado leiloeiro lisboeta e a sua importância no conhecimento da produção de mobiliário civil português no século XVII*. Neste seu trabalho, a autora apresenta uma perspectiva muito interessante da realidade do mercado leiloeiro lisboeta pós-revolução de 1974. Do mesmo estabelecimento de ensino, mas do Curso de Mestrado em Sociologia, a Dissertação de Mestrado de Elisa Maria Alves Gomes, de 2012, com o título “*Estórias da história: mudanças sociais e estéticas no mundo da arte portuguesa desde a revolução de 1974*”. Neste trabalho, a autora procura explorar a forma como as mudanças estéticas e sociais ocorridas a partir de 1974 influenciaram as vidas e carreiras de artistas, críticos e galeristas.<sup>61</sup>

A Dissertação apresentada à FLUL, no âmbito do nosso Mestrado, de Teresa Sande Lemos, *O Leilão da Coleção Arroyo e o Mercado de Arte em Portugal no Final da Monarquia*, de 2015, insere este leilão, do espólio do colecionador João Marcelino Arroyo que se realizou em Lisboa, no dia 26 de Novembro de 1905, no gosto e no mercado de arte do nosso país no final do século XIX, apresentando-nos quem eram os seus principais intervenientes e explorando a dinâmica do mercado nesta altura, que se caracterizava pelo gosto das obras de arte francesa, italiana e inglesa.

Quanto a obras de fundo sobre a temática do mercado de arte, nomeadamente em Portugal, são muito poucas, quase inexistentes.

Esta realidade já tinha sido constatada por Luís Urbano Afonso<sup>62</sup>, remetendo os interessados neste tema para, nas suas palavras “(...) *provavelmente, o melhor estudo existente sobre o mercado de arte em Portugal (...) elaborado por João de Magalhães*

---

<sup>60</sup> Site disponível em <http://www.iscte-iul.pt>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

<sup>61</sup> Esta realidade foi explorada e explicada pelo Dr. Miguel Cabral de Moncada, nosso Co-Orientador, na entrevista que nos concedeu, na Cabral Moncada Leilões, em 26 de Outubro de 2015, transcrita nesta Dissertação.

<sup>62</sup> Cf. AFONSO, Luís Urbano, *Características e Tendências do Mercado Leiloeiro Português Nos Últimos Anos*, in FERNANDES, Alexandra e AFONSO, Luís Urbano, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, p.12.



(...)”.<sup>63</sup> Neste estudo, João de Magalhães refere claramente a dificuldade que sente quem, em Portugal, se queira debruçar sobre esta matéria.

Igualmente Manuela Hargreaves constata: “*No pequeno mundo da arte portuguesa são quase inexistentes os estudos de fôlego dedicados ao colecionismo, ao mercado e, mais em geral, àquilo que poderíamos chamar as condições materiais da circulação e da recepção dos objectos artísticos*”.<sup>64</sup>

Sobre o segmento da arte contemporânea existe um texto importante do Economista, Sociólogo e Crítico de Arte, Alexandre Melo (n.1958), pioneiro em estudos de mercado de arte no nosso país, “*Sistema da Arte Contemporânea*”, obra de grande valor para o estudo desta temática.<sup>65</sup> A consulta da obra de Alexandre Melo tem sido, aliás, da maior relevância para o andamento deste trabalho, e um horizonte de referência.<sup>66</sup>

Sobre o mercado leiloeiro em específico, a informação não abunda, sendo que, a sua ausência, constitui um obstáculo real à investigação.

Temos, de António Sérgio Pessoa, um artigo que nos dá uma introdução interessante a esta temática<sup>67</sup>, para além da publicação de Alexandra Fernandes e de Luís Urbano Afonso, já mencionada, que se enquadra no âmbito de um importante projecto de investigação, coordenado por estes dois investigadores, financiado pela FCT, entre 2010-2012, pioneiro em Portugal, desenvolvido pelo Instituto de História da Arte IHA-CI/FLUL e pela *Business Research Unit UNIDE/ISCTE-IUL*, *O mercado leiloeiro de arte antiga e contemporânea em Lisboa*, com a referência PTDC/EAT-HAT/103690//2008.<sup>68</sup>

De forma a complementar a análise da informação estudada, podem ser consultados dados disponibilizados por instituições, privadas ou públicas, que recolhem e estudam dados referentes à actividade económica e social, assim como a cultura, onde se inclui, justamente, o mercado de arte. Porém, os dados são insuficientes e, conforme já referido, nunca directamente relacionados com o mercado de arte em geral, ou o

---

<sup>63</sup> Trata-se do capítulo “Portugal”, da obra *The International Art Markets. The Essential Guide for Collectors and Investors.*, James Goodwin, Londres, Kogan Page, 2008.

<sup>64</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *Coleccionismo e Mercado de Arte em Portugal. O Território e o Mapa*, Lisboa, Edições Afrontamento, 2013, p.12. Manuela Hargreaves é Licenciada e Mestre em História da Arte em Portugal (FLUP) e foi Directora da Galeria de Arte *Minimal*, na cidade do Porto, durante quinze anos.

<sup>65</sup> Trata-se da obra “*Sistema da Arte Contemporânea*”, Lisboa, Sistema Solar, 2012.

<sup>66</sup> Tome-se como exemplo a obra “*Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e Uma Carreira de Artista*”, Lisboa, OAC – Pesquisas nº4, 1999.

<sup>67</sup> Trata-se do artigo *Introdução ao Mercado dos Leilões de Antiguidades e Obras de Arte em Portugal*, in *Revista Artes & Leilões* nº33, Outubro de 1995, pp.55-58.

<sup>68</sup> Aproveitamos para agradecer ao Professor Doutor Luís Urbano Afonso as valiosas sugestões de leitura no âmbito do mercado de arte que, generosamente, nos indicou, e que enriqueceram a construção deste trabalho e a validação de conclusões.

mercado leiloeiro, em particular. São exemplos desta realidade, o Banco de Portugal, o INE e a Pordata<sup>69</sup>, a nível nacional.

Em termos de iniciativas que incidam sobre o tema, são escassas. Destacamos, pela sua importância e qualidade das comunicações apresentadas, os Colóquios *Os Leilões de Arte e Antiguidades em Portugal*, que teve lugar no ISCTE-IUL, a 26 de Março de 2010, organizado em parceria pelo ISCTE-IUL e o IHA- FLUL e o Colóquio *Os Leilões e o Mercado de Arte*, que decorreu, no mesmo local, e organizado pelas mesmas instituições, entre os dias 19-20 de Abril de 2012.<sup>70</sup>

Apesar de não ser, claramente, um bem de primeira necessidade, a arte tem um mercado próprio, com um número crescente de compradores e interessados, nomeadamente na arte moderna e contemporânea.

## **CABRAL MONCADA LEILÕES**

A casa leiloeira lisboeta Cabral Moncada Leilões foi fundada em 1996 e é hoje uma das mais conceituadas do país, razão pela qual foi escolhida por nós como caso de estudo.

Podemos considerar o *corpus* elencado, de obras de arte com iconografia de Lisboa – a partir dos leilões nº48, de Janeiro/Fevereiro de 2001, até ao leilão nº174, de Dezembro de 2015, nomeadamente pintadas por pintores portugueses - ou que tenham desenvolvido grande parte da sua carreira artística no nosso país -, que foram a leilão nesta casa leiloeira dentro da baliza cronológica estudada, a pedra angular desta nossa Dissertação, e o seu fio condutor.

Os catálogos desta casa leiloeira, constituíram-se, assim, um instrumento base para a nossa investigação. Muito importantes para as leiloeiras, os catálogos são a principal ferramenta de divulgação da sua actividade e constituem-se, pelo seu conteúdo, na nossa opinião, como publicações importantes para o estudo da História da Arte.

## **3. Objectivos**

Apresentado o estado do conhecimento relativamente ao nosso tema, passamos de seguida a enunciar os objectivos a que nos propomos com a elaboração deste trabalho.

O nosso objecto de estudo, para além das obras de arte elencadas *de per se*, é a iconografia de Lisboa, como afirmámos, e o interesse que desperta, nomeadamente no

---

<sup>69</sup> A PORDATA, criada em 2009, é um portal diariamente actualizado, com uma base de dados sobre Portugal contemporâneo, organizada e desenvolvida pela Fundação Francisco Manuel dos Santos.

<sup>70</sup> Cujas comunicações têm como base o projecto de investigação, financiado pela FCT, intitulado *O Mercado Leiloeiro de Arte Antiga e Contemporânea em Lisboa (2005-2011)* referência PTDC/EAT-HAT/103690/2008, e deram origem ao livro AFONSO, Luís Urbano, FERNANDES, Alexandra, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, constante da nossa Bibliografia.

mercado de arte em Portugal, foi o ponto de partida para toda esta investigação e é o objectivo principal do nosso estudo.

**Os objectivos definidos traduzem-se numa pergunta de partida, numa hipótese de trabalho que se formula do seguinte modo: existe um interesse acima da média, da parte do público comprador, por obras representando Lisboa? em duas palavras: Lisboa vende?**

A partir daqui surgiram as outras questões, intimamente relacionadas com o tema, que nos orientaram na construção, porque é exactamente disso que se trata, na definição da estrutura da Dissertação, e na compreensão da evolução sofrida da temática investigada.

Através do nosso próprio interesse pela cidade onde nascemos e vivemos, que manifestámos desde muito cedo – nomeadamente pela Lisboa medieval – surgiu o objectivo de tentar perceber se obras de arte com iconografia da cidade despertam um interesse destacado no mercado de arte, ou se, pelo contrário, não podemos afirmar existir um interesse acima da média.

Local privilegiado entre todos, no nosso entender, para aferir deste interesse é, sem dúvida, uma casa leiloeira. Daí o nosso caso de estudo, a CML, a segunda casa leiloeira do país, em termos de prestígio, notoriedade e facturação.

Assim, nesta investigação podemos definir alguns objectivos fundamentais, a que procurámos dar resposta:

- Tentar perceber se obras de arte com iconografia de Lisboa têm uma elevada aceitação por parte do público/consumidores do mercado de arte;
- De entre esta aceitação tentar aferir se o interesse estará mais ligado aos artistas que produziram a obra, ou, por exemplo, a determinadas áreas da cidade retratadas;
- Tentar perceber quais foram os artistas que mais pintaram Lisboa;
- Definir o momento actual do mercado de arte e seus agentes em Portugal, e em Lisboa em particular;
- Aprofundar o caso de estudo, a CML, o seu *modus operandi* e o seu lugar no mercado de arte em Portugal, bem como tentar estabelecer um perfil dos seus clientes.

Para tornar a investigação viável durante o tempo de elaboração de uma Dissertação de Mestrado, definimos uma baliza cronológica de quinze anos, neste caso, o início do século XXI (2001-2015).

Este é um trabalho de História da Arte, que procura compreender os sentidos e mecanismos da pintura e dos seus autores, em particular aquelas com iconografia de Lisboa.

Os estudos de José-Augusto França têm sido uma ferramenta fundamental para o andamento do nosso trabalho. Este autor compreendeu que:

“ (...) a criação dos objectos artísticos é um fenómeno que exige correspondência no consumo destes mesmos objectos: em face do criador, coloca-se o consumidor, e as possibilidades de um devem ser consideradas e interpretadas em função das possibilidades do outro (...).”<sup>71</sup>

Em suma, esperamos que, através das nossas conclusões, possamos produzir uma – ainda que modesta – contribuição concreta, de carácter inovador e original da temática escolhida, para o corpo de conhecimento da História da Arte no nosso país.

#### 4. Opção Metodológica e Orientação da Investigação

Após termos explicitado os objectivos a que nos propomos com este estudo, passaremos a analisar as opções metodológicas que estiveram na base deste trabalho.

Reiteramos agora, com o claro objectivo de contextualizar este *item*, o que afirmámos no nosso *Estado da Arte*, i.e., que estamos perante um trabalho de investigação que se pode, sumariamente, dividir em quatro grandes sub-temas: a cidade de **Lisboa**, os **pintores e artistas** que nela se inspiraram, o **mercado de arte em Portugal**, sendo o caso de estudo a **Cabral Moncada Leilões**.

Em termos metodológicos, o projecto baseia-se na conjugação permanente de métodos de análise qualitativos e quantitativos. A adopção destes métodos de análise, em nosso entender, enriquece a investigação. Consideramos que os mesmos são complementares e que a investigação adequada a casos de estudo deve privilegiar a avaliação qualitativa, não descurando, no entanto, a quantitativa, essencial para validarmos conclusões.

A obtenção dos dados necessários revelou-se uma tarefa difícil, por escassez dos mesmos, o que nos obrigou a trilhar o nosso próprio caminho, contactando diversas entidades e pessoas.

Fez igualmente parte da nossa metodologia a recolha de testemunhos orais junto de agentes do mercado de arte, que nos facultaram informações preciosas derivadas das suas experiências e memórias, que se revelaram fundamentais para o entendimento da temática escolhida. As informações colhidas serão utilizadas ao longo de todo o texto.

Ao nível dos dados quantitativos, representados em gráficos, foram recolhidos por nós.

As pesquisas foram elaboradas com base na análise de bibliografia específica, ao dispor em bibliotecas, museus, centros de documentação e demais instituições culturais ligadas à arte, foram contactadas, pessoalmente e via correio electrónico diversas pessoas, e tiveram lugar inúmeras pesquisas *online*.

Assim sendo, o nosso trabalho encontra-se dividido em quatro Capítulos, com quatro Anexos:

---

<sup>71</sup> Cf. FRANÇA José-Augusto, “*O Romantismo em Portugal*”, Lisboa, Livros Horizonte, 1993, p.9.

CAPÍTULO I – Enquadramento Histórico do Tema

CAPÍTULO II – O Mercado de Arte em Portugal

CAPÍTULO III – A Cabral Moncada Leilões

CAPÍTULO IV – Estudo e Análise do Desempenho das Obras de Arte Elencadas

ANEXOS

ANEXO I – *Corpus* de pinturas de autor com iconografia olisiponense

ANEXO II – Resenhas biográficas e do percurso artístico dos autores elencados

ANEXO III – Inquérito *online* a casas leiloeiras de arte

ANEXO IV – Entrevistas a agentes do mercado de arte

Deste modo, e de acordo com o plano do trabalho, estruturámos a realização da pesquisa em etapas, que não correspondem, necessariamente a um tempo de elaboração seguido cronologicamente, ou seja, à excepção da primeira, encontrámo-nos, permanentemente, a trabalhar em todas, diariamente:

- Definição da temática, identificação de um caso de estudo e de uma baliza cronológica, definição dos objectivos, construção de hipóteses, fundamentação e justificação da escolha do tema;
- Fase de recolha, selecção e análise de dados bibliográficos;
- Construção do *corpus* das obras de arte estudadas, bem como dos seus autores;
- Pesquisa bibliográfica, consulta de publicações periódicas da especialidade e consulta e pesquisa *online* para construção do pensamento e do consequente discurso;
- Numa espécie de análise *in situ*, a nossa presença física em todos os leilões da Cabral Moncada Leilões, desde o leilão 169 – não em todas as sessões, aquelas dedicadas às pratas e jóias não assistimos –, para aferir da “atmosfera” de um leilão e do comportamento do público no que concerne obras de arte com iconografia de Lisboa;
- Entrevistas e inquérito a agentes do mercado de arte;
- Tratamento de todos os dados recolhidos, elaboração das tabelas e dos gráficos;
- Enumeração de conclusões;
- Criteriosa escolha e construção das imagens que exemplificarão todo o estudo.

A iconografia de Lisboa foi, como já afirmado, o ponto de partida para este trabalho.

Na senda do crítico e historiador de arte alemão Erwin Panofsky (1892-1968), estudioso que se destacou por abordar a problemática da **iconografia e do método iconológico**,

podemos definir Iconografia como o ramo da História da Arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte, em contraposição à sua forma.<sup>72</sup>

Podemos afirmar que, até ao século XVI, a iconografia referia-se quase exclusivamente a imagens ligadas à religião, ou inseridas num contexto religioso. A partir do século XVII, *grosso modo*, a paisagem e a pintura de género começaram a entrar no quotidiano dos artistas. A iconografia, no entanto, estuda e analisa as características da imagem, não aprofundando o seu significado<sup>73</sup>. Já a iconologia, também estudada por Panovsky, é a interpretação mais profunda dos objectos e obras de arte, analisando-os através de um modo interpretativo, a nível histórico e sociológico da imagem, e não apenas a nível estético.

A menos importante das obras de arte é capaz de fornecer informações relativas à mentalidade, estilo de vida e características próprias de uma cidade, e a iconografia de Lisboa ajuda a entender a construção social e histórica da urbe, quase desde a sua fundação, até aos nossos dias. Foram-se criando quadros sociológicos que são estudados pela iconografia, bem como pela iconologia, reportando aos costumes e tradições de há séculos neste preciso local, passados para a tela pelos pintores que nela se inspiraram.

Dentro da enorme diversidade cultural do país, os costumes e locais mais emblemáticos e históricos da sua capital expressam-se em características imagens sobre a vida lisboeta e as suas gentes.

Ao proceder a uma investigação, o estudioso deve considerar a pesquisa iconográfica do máximo de representações que consiga reunir do tema escolhido, como tentámos fazer para o nosso estudo. Ambas estas ciências estabelecem, como não podia deixar de ser, uma relação muito estreita com a História da Arte. Portanto, embora a iconografia e a iconologia constituam fases diferenciadas, elas devem funcionar como um todo numa análise de uma obra de arte. Para Panovsky, o que diferencia a iconografia da iconologia é que a primeira é um método analítico, e a segunda, sintético, **a iconografia é uma prática de conhecimento, a iconologia um método histórico** que tem por objectivo fazer a síntese dos dados obtidos na análise iconográfica. **A iconografia permite explicar o tema da obra de arte, a iconologia o seu significado, ou o meio de chegar à história daquele tema.**

Assim, a diferença entre iconografia e iconologia é subtil, são, aliás, indissociáveis. Neste sentido e a nosso ver, no nosso caso de estudo podemos identificar a *iconografia* como a *imagem* de Lisboa, e a *iconologia* como o *significado* que **ela tem para quem obtém, através da compra no mercado de arte, obras que a representem a si, às suas gentes e costumes, e, no limite, à sua história.**

Como já referido, e tendo em conta a vasta especificidade e organização metodológica do presente trabalho, optámos por efectuar uma pesquisa exploratória para aprofundar as ideias sobre o objecto de estudo, realizando entrevistas exploratórias e inquéritos a

---

<sup>72</sup> Cf. PANOVSKY Erwin, “O Significado das Artes Visuais”, Lisboa, Editorial Presença, 2007, p. 47.

<sup>73</sup> *Idem*, p.34.

profissionais da área, e efectuando um levantamento bibliográfico, buscando informação em obras de referência, publicações periódicas da especialidade, portuguesas e estrangeiras, catálogos de leiloeiras, catálogos de exposições dos artistas estudados, quando existam, e obras específicas sobre a história da cidade de Lisboa, bem como sobre os artistas que a pintaram, de forma a ser possível confrontar os dados obtidos e realizar uma análise destinada a comprovar, ou rejeitar, as hipóteses iniciais, a saber, aferir do interesse manifestado pelo tema Lisboa, pelos artistas e pelo seu público, de ontem, e de hoje.

A pesquisa iconográfica fez-se através do levantamento de todas as obras de arte com iconografia de Lisboa que foram a leilão na Cabral Moncada Leilões durante a baliza cronológica por nós estabelecida, o século XXI (de Janeiro de 2001 a Dezembro de 2015), e que figuram em tabelas criadas por nós.

Como referido anteriormente, os meios de chegar a todas estas leituras essenciais foram as Bibliotecas, públicas e privadas, museus, públicos e privados, Centros de Documentação, pesquisas *online*, e o acervo de catálogos da Cabral Moncada Leilões e demais catálogos de exposições em que participaram os autores constantes do nosso *corpus*.

A pesquisa e análise documental constituem uma base importante no desenvolvimento de uma investigação e, em particular, neste trabalho, como tal efectuámos diversas diligências, a saber: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise crítica e de conteúdo destes meios. A pesquisa bibliográfica engloba a leitura, análise e interpretação dos livros, periódicos, revistas, mapas, cartografia, fotografias, entre outros.

As fontes escritas formaram a base do trabalho desta investigação e a sua selecção foi influenciada por um factor fundamental da investigação: o tempo disponível. Frequentemente a quantidade de material documental é excessiva para o tempo de que o investigador possui, o que obriga a uma selecção muito criteriosa e nem sempre fácil e intuitiva de obter. Devido à nossa própria natureza e a uma vontade inata de aprender e aprofundar cada tema, sempre tendo em mente o rigor da informação obtida, esta foi das tarefas mais ingratas durante a elaboração deste nosso trabalho.

Para aferir do ambiente de um leilão, por imperativos de natureza metodológica, a presença física foi, no nosso entender, “obrigatória”, e revelou-se extremamente proveitosa, em termos de conhecimento, para além de ser uma experiência muito interessante a todos os níveis.

As entrevistas foram presenciais, gravadas com o consentimento dos entrevistados, e posteriormente transcritas, e o inquérito foi efectuado e respondido através de correio electrónico, vulgo *e-mail*.

Finalizamos o nosso estudo, como é natural, com a redacção das conclusões a que chegámos depois de darmos por findo o nosso trabalho.

Todas estas metodologias, em conjunto, revelaram-se absolutamente fulcrais para o bom andamento da nossa investigação e estudo.

## 5. Justificação da temática escolhida

Como referimos anteriormente, o tema por nós escolhido para a nossa Dissertação de Mestrado é: *A Iconografia Olisiponense na Pintura de Autor no Mercado de Arte: A Cabral Moncada Leilões no Século XXI*.

Em relação a Lisboa é um tema que nos interessa particularmente, desde há muito, e que temos vindo a estudar, como já tivemos ocasião de constatar.

Quanto à pintura, e não querendo, de forma alguma, corroborar autores que a consideram mais nobre do que todas as outras formas de arte, é, do nosso ponto de vista particular, se não a maior e melhor, talvez a mais “forte” e a que produz efeitos mais duradouros nos que a contemplam, para além de sentirmos um especial apelo por esta forma de arte em particular.

O mercado de arte português, no entanto é, historicamente, dominado pelas artes decorativas, que representam uma elevadíssima percentagem de lotes vendidos em leilão no nosso país, sendo a pintura, em particular, menos transacionada. Facto que não prejudicou o nosso estudo, existindo, ainda assim, como verificaremos, um vasto *corpus* de peças elencado.<sup>74</sup>

As imagens sempre foram poderosos instrumentos de comunicação e produziram, ao longo da História, e continuam a produzir, um efeito duradouro na mente do Homem.

Para melhor explicarmos esta nossa afirmação pedimos “ajuda” a Umberto Eco que afirma, através de uma das suas personagens de ficção, a seguinte frase: “*pictura est laicorum literatura*”<sup>75</sup>, ou seja, *a imagem é a literatura dos leigos*. Durante a Idade Média, como exemplo, para além da pintura, não acessível a todos, pedras historiadas em igrejas e monumentos, já acessíveis a uma maioria, transmitiam ideias e discursos, no caso, de temática religiosa.

Em relação à pintura com temática de Lisboa a seus símbolos, pareceu-nos muito premente um estudo sobre o seu enquadramento no mercado de arte no nosso país pois, como já tivemos oportunidade de afirmar, trata-se de uma temática muito pouco estudada.

O mercado de arte tem sofrido, como é natural, em Portugal e no mundo, oscilações e modificações resultantes da sua própria especificidade.

---

<sup>74</sup> Quanto a pormenores, nomeadamente quantitativos, sobre a percentagem de transacções e de retirados, por tipologia, no mercado de arte nacional, vide AFONSO, Luís Urbano, FERNANDES, Alexandra, *Lessons from the Portuguese art auction*, *Art management Newsletter*, nº113, Fevereiro 2013, pp.18-21.

<sup>75</sup> Cf. ECO, Umberto, *O Nome da Rosa*, (Primeiro Dia, Sexta), Lisboa, Difel, 1980, p.44.



**A partir do ano 2000, existe, efectivamente, um antes e um depois no mercado de arte**, como nos foi, aliás, afirmado por diversos protagonistas com que contactámos por ocasião deste estudo em particular, daí a nossa base cronológica, ou seja, queremos estudar o que mudou no mercado de arte, nomeadamente no que concerne a leilões nestes últimos quinze anos.

Existe, de facto, uma transição “simbólica”, mas efectiva, para **o novo Século XXI**.

E esta transição reflecte-se, sobretudo, como iremos tentar demonstrar, em modificações estruturais, como a mudança do gosto, e em modificações conjunturais, que se prendem com a crise económica mundial, entre outros factores. Num momento de crise económica, como iremos verificar ao longo do estudo, as antiguidades e as obras de arte em geral constituem um investimento alternativo muito interessante.

Para melhor contextualizar a nossa problemática inicial, já apresentada, e visto que não era, de todo, viável analisar o mercado de arte no seu conjunto, cingimo-nos a um caso de estudo. Visto que se trata de pintura no mercado de arte, considerámos, naturalmente, uma casa leiloeira como caso de estudo, porque, do nosso ponto de vista, para a dimensão de uma Dissertação de Mestrado uma só leiloeira fornece dados suficientes para a investigação. Talvez, num futuro próximo, este tema seja alvo de um estudo mais abrangente e mais dissecado, senão por nós, por outros investigadores interessados nestas matérias.

Visto que a temática inside sobre iconografia de Lisboa, escolhemos, especificamente, uma das casas leiloeiras de maior dimensão e mais prestigiadas de Portugal, sedeadas em Lisboa, e que se destaca claramente pela escala de transacções obtidas, fornecendo-nos, portanto, vasto campo para estudar. Poderíamos ter optado igualmente pela casa leiloeira *Palácio do Correio Velho*, por exemplo, com as mesmas características, mas optámos pela *Cabral Moncada Leilões*.

A escolha de uma casa leiloeira da capital deveu-se, igualmente, a razões práticas, para nosso mais conveniente acesso aos dados e a intervenientes directos no mercado de arte desta leiloeira em particular.

Ainda pesou o facto de Lisboa ser o principal centro do mercado de arte no nosso país, no qual, em consequência, se realiza uma quantidade considerável de transacções, nomeadamente em leilão.

A casa leiloeira escolhida tem, no seu historial de transacções, um conjunto muito alargado e diversificado de autores – de várias épocas, que vão, como verificaremos, do século XVI aos nossos dias –, que pintaram Lisboa. Para além do facto de ser uma das leiloeiras a que os detentores de obras de artistas como, por exemplo, **Carlos Botelho** – um dos maiores pintores de Lisboa –, mais se têm dirigido, ultimamente, para vender as mesmas, cientes, de que nesta casa, em particular, dificilmente será retirado.

Tentaremos, igualmente, focar-nos no facto de que **muitas destas pinturas e gravuras, representando a capital e a sua simbologia, entretanto, se revelam de uma**

**importância fulcral em termos de reconstituição histórica, bem como para se construir a Cripto-História de Arte<sup>76</sup> de Lisboa, e constituem-se como verdadeiros testemunhos, de valor iconográfico incalculável, da Lisboa e das suas gentes, entretanto desaparecidas.**

---

<sup>76</sup> A Cripto-História de Arte é a vertente da História que se ocupa do Património Artístico já desaparecido. Para um aprofundamento desta questão, veja-se, de Victor Serrão, a obra *A Cripto-História de Arte: análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001.

**CAPÍTULO I**  
**ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO TEMA**

## 1– ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DO TEMA

### 1.1– Breve história da cidade de Lisboa

«E tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras és princesa,  
Que edificada foste do facundo (1),  
Por cujo engano foi Dardânia (2) acesa;»  
(1) Ulisses (2) Tróia)

Luiz Vaz de Camões (c.1524-c.1580)  
*in Os Lusíadas*, Lisboa, 1572, Canto III, Estância LVII

A fundação de Lisboa, embora atribuída pelos antigos a heróis como Ulisses, deve, com maiores probabilidades de acertar, atribuir-se aos Fenícios.

A História do território, e da cidade de Lisboa, está directamente ligada à sua situação geográfica, junto do estuário do Rio Tejo. O estuário é um elemento marcante na paisagem da cidade e são vários os pontos onde a relação da cidade com o rio é privilegiada.

O historiador e humanista Damião de Góis (1502-1574), na sua obra *Urbis Olisiponis Descriptio*, de 1554, diz-nos: “(...) *quem terá sido o primeiro fundador de Lisboa, eis o que não me atrevo a afirmar, a tantos séculos de distância, os escritores mais antigos incluem-na, porém, entre as mais antigas cidades da Hispânia, Varrão chama-lhe Olisiponem, Prolomeu, Oliosiponem, Estrabão dá-lhe o nome de Ulisseam.*”<sup>77</sup>

Segundo o Arquitecto Paulino Montez (1897-1988), “(...) *Lisboa, na sua fábrica original, começa a edificar-se em época muitíssimo remota, ainda hoje impossível de precisar (...)*”.<sup>78</sup>

À colónia fenícia outros colonizadores se sucederam, vindo a povoação a ser ocupada, no ano de 205 a.C. pelos Romanos, que a elevaram à categoria de ***municipium***.

Depois de um longo período de sujeição ao domínio romano, do qual ainda restam muitos vestígios hoje em dia – caso do *Teatro Romano de Lisboa*, situado no ângulo formado pelas Ruas de S. Mamede (ao Caldas) e da Saudade –, ***Olisipo*** veio a cair nas mãos de povos Bárbaros do Norte até 714 d.C., ano em que, após a *Batalha de*

---

<sup>77</sup> Cf. GÓIS, Damião de, *in Descrição da Cidade de Lisboa*, do texto latino por Alves, José da Felicidade, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p.31.

<sup>78</sup> Cf. MONTEZ, Paulino, *in A Estética de Lisboa*, Lisboa, Soc. Ind. de Tipografia, 1935, p.13.

*Guadalete*, em 31 de Julho de 711<sup>79</sup>, passados três séculos de dominação visigótica, os árabes tomaram todo o sul da Península Ibérica.

A primeira referência literária a *Olisipo* pertence a Marco Terêncio Varrão – já mencionado por Damião de Góis –, antiquário latino, natural de Rieti (comuna italiana da região do Lácio), que viveu entre 116 e 27 a. C. e em cuja obra *Sobre a Vida no Campo* se pode ler no Capítulo I do Livro II (em versão portuguesa): “(...) *Acontece na Hispânia uma coisa incrível (...) na Lusitânia, à beira do oceano, na região onde se situa o ópido (povoação) de Olisipo (...).*”<sup>80</sup>

A Reconquista de toda a Península Ibérica aos muçulmanos durou sete séculos, tendo ficado concluída em 1492 com a tomada do reino muçulmano de Granada. A capital portuguesa foi reconquistada por D. Afonso Henriques (1109-1185), com a ajuda de uma força conjunta de Cruzados de várias nacionalidades no dia 25 de Outubro de 1147. No entanto, a cidade só recebeu a sua primeira carta de foral<sup>81</sup> em 1179.

Já por esta altura o bairro de **Alfama** se destacava. É um bairro popular, que teve como primeiros habitantes gentes ligadas à faina do rio e do mar. A matriz inscrita nas suas ruas, becos e pátios é, ainda hoje, a de um bairro muçulmano. Pela sua antiguidade, pela sua história e pelas suas gentes e tradições seculares, é um dos locais na cidade que mais inspiraram, e inspiram os artistas, e um bairro pelo qual os lisboetas, em geral, nutrem um especial interesse.

A cidade é banhada pelo imponente Rio Tejo, o maior rio da Península Ibérica, que nasce em Aragão, na vizinha Espanha, o qual, com a sua magnífica foz transformou Lisboa num dos maiores portos comerciais do mundo.

Desta realidade temos o testemunho de um Cruzado, autor da narrativa da reconquista da cidade: “(...) *Ao tempo que a ela [Lisboa] chegámos era o mais opulento centro comercial de toda a África e duma grande parte da Europa (...).*”<sup>82</sup>

Lisboa esteve sob o domínio muçulmano mais tempo do que várias outras cidades peninsulares, como por exemplo o Porto, daí ter vestígios mais duradouros desta presença. Quando, em 1147, D. Afonso Henriques conquistou a cidade aos Mouros, ela já teria entre 12 a 15 mil habitantes. Para além do casario dentro da **Cerca Moura**<sup>83</sup>,

---

<sup>79</sup> A *Batalha de Guadalete* foi travada na actual província de Cádiz, na Andaluzia, no Sul de Espanha, entre Árabes e Visigodos, sendo que os primeiros saíram vencedores. Marcou o fim do Reinado Visigótico, e o início do domínio árabe na Península Ibérica.

<sup>80</sup> Cf. ALMEIDA, Justino Mendes de, *Olisipo na voz dos autores antigos*, in *Revista Municipal Lisboa*, Ano XLVI, 2ª Série, nº11, 1º Trimestre de 1985, Lisboa, C.M.L., p.3.

<sup>81</sup> A Carta de Foral era um documento Real pelo qual se estabelecia um Concelho, e se regulava a sua administração.

<sup>82</sup> Cf. *A Conquista de Lisboa aos Mouros* (1147) narrações pelos Cruzados Osberno e Arnulfo, testemunhas presenciais do Cerco. Texto latino e tradução para o português pelo Dr. José Augusto de Oliveira, Complemento do Volume II da *Lisboa Antiga*, de Júlio de Castilho, Lisboa, 1936, pp. 59, 60 e 61.

<sup>83</sup> Trata-se do sistema defensivo da cidade de Lisboa, construído pelos Mouros, aquando da sua ocupação do território em inícios do século X. Incluía, no seu interior, a Alcáçova e a Medina Mouriscas e foi

existia já um populoso bairro em parte do vale da Baixa. Conta-nos um dos Cruzados que participou no Cerco aos Mouros e na vitória final: “(...) *Quão grande foi a alegria de todos! (...) quando em louvor e honra de Deus (...) o estandarte da cruz redentora foi visto por todos, colocado no mais alto do castelo (...) o Rei, entretanto, deu uma volta ao pé dos muros mais altos do castelo*”.<sup>84</sup>

A origem da cidade de Lisboa encontra-se na colina do **Castelo de São Jorge**. A eleição desta colina, há cerca de 2700 anos atrás, teve em conta as características topográficas e morfológicas, aliadas às excelentes condições de visibilidade e defensabilidade, bem como à sua posição junto ao estuário do maior rio da Península Ibérica.

Da Lisboa Medieval chega-nos um episódio, meio histórico, meio lenda, que deu origem ao brasão das armas da cidade, legitimado em 1897. A 15 de Setembro de 1173, por ordem de D. Afonso Henriques, chega a Lisboa uma barca trazendo o que se considera serem as relíquias do **Mártir S. Vicente**, as quais ficariam depositadas na Basílica de Santa Maria Maior, Sé da Diocese de Lisboa e no Mosteiro de S. Vicente de Fora. Vicente, foi um diácono do Bispo de Saragoça, mártir, em Valença, à ordem de um Governador Romano no ano de 304. Este Santo é, desde então, o **Padroeiro principal do Patriarcado de Lisboa**. Damião de Góis indica-nos, na sua *Descrição da Cidade de Lisboa*, sobre esta lenda, que “(...) *este santo é hoje, em dia, venerado com grande devoção. O nosso André de Resende*<sup>85</sup> *dedicou um extenso e solene poema a este tema*”.<sup>86</sup>

Muito interessante é verificar que, no entanto, o Santo de maior culto para os lisboetas é, em boa verdade, **Santo António** (c.1191-1231), que se mantém ainda profundamente enraizado na memória dos lisboetas, que, por esta razão, cumprem um largo número de tradições em torno desta figura e a sua festa litúrgica, o dia da sua morte (13 de Junho de 1231), é que é feriado na capital. Este equívoco histórico e religioso tem as suas raízes nos primórdios da nação portuguesa. Sobre ele diz-nos Damião de Góis: “(...) *Ufana-se grandemente a cidade de Lisboa por ser o berço do santo, e tem razão para isso (...)*”.<sup>87</sup> Em Lisboa, as festas em sua honra marcam o calendário de forma inquestionável, sendo que as actuais festividades, com centro nas Marchas Populares e nos populares Casamentos de Santo António, são criações da década de 30 do século XX.

Mais tardiamente, o crescimento da cidade obrigou à construção da **Muralha Dionisina** no final do século XIII, uma longa linha defensiva, paralela à margem do Tejo, para

---

construída num período de florescimento urbano e comercial da cidade. Ainda existem vestígios desta construção, nomeadamente no bairro de Alfama.

<sup>84</sup> Vide *Carta de Um Cruzado Inglês / Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147*, Lisboa, Livros Horizonte, p.68.

<sup>85</sup> André de Resende (c. 1495-1573), humanista e historiador, publicou, em 1545, na cidade alemã de Colónia, o seu poema dedicado a São Vicente.

<sup>86</sup>Cf. GÓIS, Damião de, *Descrição da Cidade de Lisboa*, trad. do texto latino por Alves, José da Felicidade, Lisboa, Livros Horizonte, 2001, p.39.

<sup>87</sup> *Idem* p.40.

proteção do casario que se estendia principalmente para ocidente, ultrapassando o esteiro, braço do rio localizado na atual Baixa, entretanto desaparecido.

D. Afonso III (1210-1279) foi o primeiro Rei que estabeleceu corte em Lisboa, elevando-a a Capital do Reino em 1255. Tornou-se um ativo centro de comércio devido ao seu excelente porto. A partir de meados do Séc. XIV o crescimento da cidade acentuou-se devido à forte imigração de milhares de pessoas oriundas de todo o reino. O crescimento foi tão elevado que D. Fernando (1345-1383), por questões defensivas, resolveu proceder a novo amuralhamento, a chamada **Cerca Fernandina**, construída entre 1373 e 1375.

Para um melhor entendimento da evolução de cidades históricas, como Lisboa, é fundamental conhecer as suas muralhas. Com uma função essencialmente defensiva, estas assumiram um papel muito importante no espaço urbano.

À semelhança de outros burgos, surgiram espaços comerciais, mercados e feiras, um desses espaços era o “rossio”, perto das Portas de Santo Antão.

No Editorial do número 0 (zero) da revista digital da Câmara Municipal de Lisboa *rossio: estudos de Lisboa*, de Setembro de 2012, Jorge Ramos de Carvalho descreve o rossio como “ (...) um espaço de fruição e encontro, presente na maior parte das vilas e cidades portuguesas desde a Idade Média (...) era um polo central e a ele convergiam os principais eixos da urbe. Era onde se realizavam feiras e mercados, era palco de manifestações religiosas e exercícios militares, julgamentos públicos e manifestações populares espontâneas.”<sup>88</sup>

Lisboa começou a alcançar projecção à escala mundial desde que, em 1499, o navegador e explorador Vasco da Gama (c.1460-1524) chegou à cidade com a notícia de que descobrira o caminho marítimo para a Índia. Desde então, a capital passou a ter um estatuto de intermediária entre as várias civilizações e seria convertida numa das mais florescentes cidades do mundo conhecido e principal mercado europeu.

Damião de Góis diz-nos que: “ (...) num opúsculo que publiquei acerca da fertilidade e da opulência da Hispânia tratei com bastante desenvolvimento das inúmeras coisas exóticas que, no decorrer de cada ano, são embarcadas e trazidas para esta cidade de Lisboa, provenientes das nossas possessões da Índia, da Pérsia, da Arábia, da Etiópia, do Brasil e da África (...)”.<sup>89</sup>

Foi a fama da grandeza da cidade que a levou a ser mostrada em duas gravuras publicadas em 1572 e 1598, pelo cartógrafo e geógrafo alemão Georg Braunius (1541-1622), em dois volumes da *Civitatis orbis terrarum*, obra que incluía 546 ilustrações e mapas de várias cidades do mundo, as quais foram alvo de inúmeras cópias (ver imagem 6 – p.61).

---

<sup>88</sup> Cf. CARVALHO, Jorge Ramos de, in Editorial da revista digital *rossio* nº0 (zero), Outubro 2012, Lisboa, C.M.L., p.3.

<sup>89</sup> *Idem*, p. 58.

Ao longo do reinado de D. Manuel I (1496-1521), por iniciativa da Casa Real, Lisboa sofre um processo de transformações que imprimem uma nova imagem à cidade. Com a implantação de um complexo conjunto de equipamentos urbanos centrados na zona da Ribeira, incluindo o novo **Paço Real da Ribeira**, a cidade faz uma aproximação às margens do Tejo, estabelecendo uma rede de ligações ao longo das suas margens, que imprimem ao quotidiano da cidade um ambiente marítimo.



Imagem 4 – Paço Real da Ribeira, em Lisboa, *Livro de Horas dito de D. Manuel*, atribuído a António de Holanda, 1517-1551

© MNAA, inv.14/fl.25v.

Paralelamente a esta renovação ribeirinha, no próprio tecido da cidade surgem grandes obras nas ruas mais importantes do centro, e grandes reparações, por exemplo, em todos os chafarizes da cidade.

Em relação às ruas, são intervencionadas, da Praça da Ribeira à Alcáçova (Castelo de São Jorge) ao monte de S. Francisco (Chiado), as fachadas da Rua Nova, Rua dos Ferreiros, dos Tanoeiros e dos Bacalhoeiros, o que promove uma nova arquitectura e uma nova estética. De 1498 são as primeiras cartas de doações régias para a construção do mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerónimos), que vai constituir, até hoje, um importante elemento urbano a marcar, emblematicamente, a cidade.

O trágico **Terramoto de 1 de Novembro de 1755** - um dos acontecimentos mais marcantes da história da cidade, pelo significativo grau de destruição que causou -, e a subsequente reconstrução da cidade, alteraram o cadastro e o desenho urbano, mas o novo traçado não trouxe significativas alterações a esta matriz, apresentando, pelo contrário, quarteirões com afinidades ao urbanismo medieval.

São deste tempo as obras de construção da Alfândega Nova que vão transformar o Terreiro do Paço numa praça em U, morfologia que marcará definitivamente a imagem de Lisboa.

Esta praça, perto da Ribeira das Naus (os estaleiros reais), foi planeada e construída depois do Terramoto de 1755, no local do antigo terreiro do Paço da Ribeira, Palácio Real. Em Junho de 1910, a Praça do Comércio, novo nome dado ao local pelo Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), foi classificada como monumento nacional. O Cais das Colunas é um dos mais importantes símbolos do Terreiro do Paço e, como este, tem sido alvo de inúmeras representações pictóricas.



No reinado de D. João V (1689-1750) iniciou-se uma obra fundamental para a cidade e o seu abastecimento de água: o **Aqueduto das Águas Livres**. Tendo por pano de fundo a arcaria desta construção, esta zona, do Vale de Alcântara com a sua Ribeira, despertou desde sempre a atenção de vários artistas e, desta maneira, é-nos possível vislumbrar, nos dias de hoje, o que foi aquela zona quando ainda era muito arborizada e com um aspecto bucólico e rural. Na sequência desta edificação surgiram inúmeros chafarizes de grande efeito cenográfico. Esta obra resistiu ao terramoto de 1755.

Após o terramoto, a baixa da cidade foi reconstruída sob ordens do Marquês de Pombal, e surgiu, na agora denominada Praça do Comércio, a estátua equestre de D. José I (1714-1777), da autoria do mestre escultor Joaquim Machado de Castro (1731-1822) – presente no nosso *corpus* -, monumento icónico da cidade, até hoje.

Com a extinção das Ordens Religiosas, e consequente nacionalização dos seus bens, em 1834, vai surgir uma “nova” cidade. Existiam centenas de Conventos em Portugal, que desde a Idade Média eram importantes polos de cultura no país, funcionando como escola, biblioteca, hospital e museu e gerindo bens avultados. Em Lisboa, com a excepção da demolição do Convento da Trindade, as adaptações foram a regra.

Com a inauguração, entre outras estruturas, do Passeio Público, actual Avenida da Liberdade, e, ainda na década de 1830, com a construção do primeiro patamar do Jardim de S. Pedro de Alcântara, e, em 1846 a construção do Teatro Nacional, a cidade foi-se modernizando de uma maneira geral e foi perdendo muitos dos seus traços mouriscos e medievais.

Em 1938 o governo anunciou a execução de diversas obras associadas às Comemorações dos Centenários da Nacionalidade, a celebrar em 1940. Entre elas estava a realização da **Exposição do Mundo Português** – um dos primeiros parques temáticos europeus de que há memória -, em destaque na zona ribeirinha de Belém por conter três dos maiores símbolos da Expansão: A Torre de Belém, os Jerónimos e o Tejo. Para tal foi desenvolvido um ambicioso plano de renovação urbana, do qual ainda existem vestígios hoje em dia, como a Praça do Império, o Museu de Arte Popular e o Padrão dos Descobrimentos.

É fundamental, para o estudo da cidade, todo o conjunto de representações iconográficas que existem, nas suas variadas formas, para ser possível construir uma imagem abrangente da paisagem de Lisboa no passado, e entre elas contam-se muitas obras de arte.

Lembremo-nos, a título de exemplo, do incêndio que destruiu parte da zona histórica e emblemática do Chiado, uma das mais características da Baixa Pombalina e tão ligada às memórias de muitos dos artistas que estudámos, no dia 25 de Agosto de 1988. O edifício que albergava os *Grandes Armazéns do Chiado*, como exemplo, estava localizado no preciso local de uma pequena ermida medieval.

Posteriormente, foi aí construído o Convento da Irmandade do Espírito Santo da Pedreira, que foi, aquando da extinção das Ordens Religiosas em 1834, adquirido pelo Barão de Barcelinhos (1774-1847) que o adoptou para o seu Palácio, e só depois foi adaptado para aquela casa comercial, sendo agora um Centro Comercial moderno, à luz do projecto arquitectónico de recuperação e reconstrução da área sinistrada elaborado por Álvaro Siza Vieira (n.1933). Podemos, assim, e através de diversas representações pictóricas, reconstruir um mesmo local, com o andar dos séculos.

Na sua obra *Descrição da Cidade de Lisboa*, Damião de Góis refere alguns dos monumentos com mais significado na capital -, para além de dissertar sobre o Rio Tejo e o seu magnífico estuário – alguns dos quais se mantiveram até hoje: O Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, as Igrejas da Graça e de São Roque, o Convento do Carmo, a Ermida de Nossa Senhora do Monte, o Chafariz d’El Rei.

Para além de referir os que já não existem, entre outros, as Muralhas da cidade: Cerca Moura, Muralha Fernandina, com as suas 22 portas e 77 torres e Muralha de D. Dinis – das quais restam alguns vestígios como a Torre de S. Rafael, em Alfama -, o Hospital Real de Todos os Santos, o Paço dos Estaus, a Alfândega Nova, a Real Casa da Ópera, o Celeiro Público, as Casas de Ceuta e da Índia, e o Arsenal de Guerra.

Lisboa oferece, em boa verdade, uma paisagem única, que o seu povo foi moldando através da História. Mas igualmente moldada pelos artistas que a conheceram e amaram. Estes, transmitiram dela, através das suas obras, algum desse encantamento e da força das gentes que a habitam desde sempre, tão retratada nas suas telas.

Hoje em dia, os monumentos e zonas mais antigas e emblemáticas – edifícios com história dentro da História -, toda a zona ribeirinha, os chafarizes, os bairros de Alfama, da Mouraria e do Castelo, que o Terramoto de 1755 poupou, ainda conservam algo do pitoresco e original da urbe medieval e do tempo dos *Descobrimentos*, que tanto inspiraram os artistas ao longo dos séculos, e que continuam a ser as principais fontes de inspiração para os **Pintores de Lisboa**, como pretendemos, aliás, demonstrar com este nosso trabalho.

## 1.2 – Iconografia de Lisboa

«(...) SALVE CIDADE IMPERATRIZ DO HEMISFÉRIO OCIDENTAL  
REGINA DO OCEANO QUE RESSOA DE LONGE,  
CIDADE REALMENTE RÉGIA, E BEM ACEITA AOS REIS!  
SALVE CUME E CABEÇA DESTE REINO  
E GLÓRIA DAS GRANDES CIDADES»

*Em louvor da muito renomada cidade de Lisboa*  
Thiago M. Vasconcelos, 1575, in *Opere di Andre de Resende, Roma, 1597, p.366,*  
*tradução de Luciano Migliaccio*

Recuamos até ao reinado de D. Afonso III (1210-1279) para encontrarmos a primeira representação da cidade de Lisboa, num selo de lacre, pendente de um documento proveniente do Mosteiro de Santos-o-Novo, o qual apresenta uma nau, em pleno mar, equilibrando, nos extremos, dois corvos, que inspirou, mais tarde, o brasão da cidade, cuja história já referimos anteriormente.<sup>90</sup>

Ainda durante a Idade Média, o mesmo ícone aparece nos escudos lapidares do chafariz urbano do Andaluz, na Rua de Santa Marta ao Largo do Andaluz, mandado edificar pela Câmara em 1336, ainda visíveis e recuperados em 1960, no chafariz urbano de Arroios (1360), já desaparecido e no Chafariz urbano de Xabregas, datado do século XV, igualmente desaparecido.<sup>91</sup>

Este brasão aparece, com regularidade e sem alterações iconográficas, quer em peças relevadas, como no caso dos chafarizes e lavadouros públicos, quer em diversos manuscritos. Esta iconografia inicial, será enriquecida durante os séculos XV e XVI, coincidindo com a época, exuberante em termos artísticos, dos Descobrimentos, época de esplendor que se viveu, sobretudo, em Lisboa, à beira do Tejo.

Segundo o olisipógrafo Engº Augusto Vieira da Silva (1869-1951), na Lisboa até ao século XVIII, as ruas, os edifícios, monumentos, cerimónias e festejos públicos que mais atraíram os artistas e o pincel dos pintores e mais vezes foram representados foram, a saber:

- a) O Palácio Real da Ribeira e o Terreiro do Paço; b) O Palácio Real de Alcântara e o Mosteiro das Flamengas; c) O Palácio de Côrte-Real; d) A Igreja e Convento dos Jerónimos; e) A Igreja de Santo Amaro, à Junqueira; f) O Mosteiro da Madre de Deus; g) A Igreja e Convento da Graça; h) A Torre de S. Vicente (Torre de Belém); i) A Casa dos Bicos e o Mercado da Ribeira Velha; k) O Desembarque de D. Filipe II no Terreiro do Paço; l) A Viagem da Rainha D. Catarina, filha de D. João IV, para Inglaterra; m) Uma Tourada no Terreiro do Paço; n) Vistas de Cerimónias da Inquisição; o) a antiga Rua Nova; p) o Rossio.<sup>92</sup>

Para o mesmo olisipógrafo, a partir da segunda metade do século XVIII, quatro factos, em Lisboa, atraíram a atenção dos artistas, a saber:

- a) A construção do Aqueduto das Águas Livres; b) O Terramoto de 1755; c) O atentado contra D. José I; d) O Monumento de D. José I e a reconstruída Praça do Comércio.<sup>93</sup>

No último quartel do século XVIII, como consequência do impulso dado pelo Marquês de Pombal a todos os ramos do ensino, deu-se em Portugal um novo fôlego às artes.

---

<sup>90</sup> À guarda do ANTT, Caixa 4, maço 5, nº815, de 1271.

<sup>91</sup> Vide CAETANO, Joaquim Oliveira, *Chafarizes de Lisboa*, Sacavém, Distri-Editora, 1991.

<sup>92</sup> Cf. SILVA, Augusto Vieira da, *Iconografia de Lisboa*, in Revista Municipal, Ano Comemorativo do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, nº32, Lisboa, C.M.L., 1947, pp.11-12.

<sup>93</sup> *Idem*, p.14.

Vieram artistas do estrangeiro, e deste intercâmbio resultou uma notável geração de artistas nacionais, como Domingos António de Sequeira (1768-1837), na pintura, e Joaquim Machado de Castro (1731-1822), na escultura, como exemplo.

Descoberta a fotografia, por meados do século XIX, alguns livros, revistas e jornais passaram a ser ilustrados com fotografias. Segundo o citado olisipógrafo:” (...) *vários fotógrafos (...) tiravam e vendiam vistas fotográficas de (...) Portugal, e entre elas figurava sempre Lisboa.*”<sup>94</sup>

De seguida apresentamos exemplos de iconografia lisiponense, numa listagem não exaustiva, mas que apresenta o tema estudado, do nosso ponto de vista.

Publicada pela primeira vez em Lisboa em 1571, a obra do pintor, arquitecto-conselheiro régio, iluminador, tratadista e humanista Francisco d’Hollanda (1517-1585), *DA FABRICA que Falece ha Cidade de Lysboa*<sup>95</sup> [das obras que faltam à cidade de Lisboa], um pequeno manuscrito em que o autor propõe, ao Rei D. Sebastião (1554-1578), uma reestruturação urbanística da cidade, que, na sua opinião, se impunha, contém um desenho: *Figvra de Lysboa*<sup>96</sup> que representa uma alegoria da cidade como uma mulher-sereia segurando na mão a nau do brasão, com os respectivos corvos. Esta é, segundo o *Dicionário da História de Lisboa*, “(...) a mais bela iconografia de Lisboa, recuperando, à maneira de um classicismo dinâmico, memórias e registos medievais (...).”<sup>97</sup>

Descobertos, no último quartel do século XIX, os processos mecânicos para emitir matrizes para a reprodução de estampas, puseram de parte os antigos processos de gravura, e simplificaram as ilustrações de livros e de publicações periódicas, dando origem a um elevado número de vistas de Lisboa, a preços acessíveis.

Referimos ainda as antigas vistas de Lisboa, nomeadamente as que integram peças mais significativas, como as iluminuras, em pergaminho, de autor desconhecido, da *Chronica de El-Rei D. João I*, de Fernão Lopes (ANTT), e a Lisboa visto do Tejo, da *Genealogia dos Reis de Portugal*<sup>98</sup>, de cerca de 1530, atribuída ao ilustrador flamengo Simão de Bening (1483-1561), talvez sobre desenho de António d’Hollanda, e a a da *Chronica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, pergaminho manuscrito e iluminado, cujo desenho é atribuído a António d’Hollanda (1480-1571), de 1505, e faz parte do acervo do MCGG, em Cascais (ver imagem 5 – p.60).

Em relação a esta última, trata-se de um dos mais ricos documentos iluminados de inícios do século XVI. A celebridade deste documento ficou a dever-se, em grande

---

<sup>94</sup> *Idem*, p.17.

<sup>95</sup> Cujo manuscrito original se encontra depositado à guarda da Biblioteca Nacional da Ajuda-Biblioteca Nacional de Portugal, cota 52-XII-24.

<sup>96</sup> Fl. 2v do fac-simile do manuscrito (*vide nota supra*).

<sup>97</sup> SANTANA, Francisco, SUCENA, Eduardo, *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, [s.n.], 1994, p.455.

<sup>98</sup> Fl.8 additionalMS12531, British Library. Fonte: [https://wga.hu/html\\_m/b/bening/simon/10geneal.html/](https://wga.hu/html_m/b/bening/simon/10geneal.html/), consultado a 4 de Maio de 2016.

medida, à representação da cidade de Lisboa, constituindo uma fonte documental preciosa para o seu estudo. Esta vista, que serve de tema principal ao frontispício da Crónica, constitui uma das mais antigas representações da capital

Esta vista de Lisboa ilustra o cerco e a tomada da cidade em 1147 por D. Afonso Henriques. Curioso é notar que a imagem da cidade, porém, é a que corresponde ao seu aspecto físico entre 1530 e 1540, nos finais do reinado de D. Manuel I, atendendo aos pormenores ali representados, privilegiando a zona ribeirinha, o que se vai tornar um tópico comum na grande maioria das imagens da cidade.<sup>99</sup>

Nesta iluminura em particular, destacam-se, além da zona ribeirinha, o novo Paço Real da Ribeira, o Terreiro do Paço, o edifício da Alfândega, no topo da colina o Castelo de São Jorge e na colina fronteira, a Igreja do Convento do Carmo, a praça do Rossio, o Hospital Real e a Igreja de S. Domingos, a fachada e torres da Sé de Lisboa e o Mosteiro de São Vicente de Fora.



Imagem 5 – Vista de Lisboa, Chronica D. Afonso Henriques, Duarte Galvão, 1505

© Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, inv.MCCG-14<sup>100</sup>

Para além desta vista de Lisboa, no acervo do MCCG, existem duas gravuras (água-forte sobre placa de cobre, coloridas à mão) do cartógrafo e geógrafo alemão Georg Braun (1541-1622) e do cartógrafo e gravador flamengo-alemão Frans Hogenberg (1535-1590), extraídas de **edições distintas** do atlas *Civitates orbis terrarum*, Livro I, Colónia, obra publicada em seis livros entre 1572 – 1617, em Colónia, na Alemanha.

<sup>99</sup> Informação fornecida pelo Doutor José Manuel Garcia, GEO/C.M.L, na sequência de uma análise pormenorizada realizada por si em 2015.

<sup>100</sup> Esta imagem foi-nos gentilmente cedida pela Dra. Maria Cristina Gonçalves, Técnica Superior de Museologia do MCCG, bem como um texto seu contendo extensa e pormenorizada informação sobre este documento, que muito agradecemos.



Imagem 6 – Atlas *Civitates orbis terrarum*, Livro I, Colónia, 1612, cidade de Lisboa

© Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, inv.MCCG-PIN-126<sup>101</sup>



Imagem 7 – Cortejo da Entrada do Embaixador Conde de Fernán Núñez, por ocasião dos esponsais da Infanta D. Mariana Vitória com D. Gabriel de Bourbon, 11 de Abril de 1785, José Caetano Cyriaco, 1794

© Museu Nacional dos Coches, inv.HD0036<sup>102</sup>

Sobreviveu até aos nossos dias um número de pinturas primitivas e de gravuras e estampas com iconografia de Lisboa, que se encontram dispersas por equipamentos culturais, e até por particulares, um pouco por todo o país e pelo estrangeiro. No Arquivo do Museu de Lisboa podemos encontrar um importante espólio destas obras.

Todas as estampas panorâmicas e de edifícios da cidade de Lisboa publicadas até ao fim do século XVIII são gravadas em cobre, a buril ou a água-forte, ou também na sua variante de água-tinta, esta nos fins daquele século.<sup>103</sup>

Além das vistas panorâmicas, pintadas ou desenhadas em pergaminho ou papel, existe, igualmente, um importante acervo de obras de arte com iconografia olisiponense em

<sup>101</sup> *Idem.*

<sup>102</sup> Os dados referentes a esta imagem foram-nos gentilmente cedidos pela Professora Doutora Ana Maria S.A. Rodrigues (CHUL), que muito agradecemos. Foi capa de cartaz do Congresso Internacional *Corte e Diplomacia na Pensínsula Ibérica (séculos XIII-XVIII)*, 13-14 Julho 2016, FLUL. Quanto à imagem, devemos um agradecimento à museóloga Graça Santa-Bárbara, do Museu Nacional dos Coches. Não podemos deixar de referir o facto, extraordinário, de a estátua de D. José I se apresentar, nesta pintura, quase junto ao rio, e não no sítio onde deveria estar, e onde ainda se conserva hoje em dia. Tal facto pode, inclusivamente, na opinião de Graça Santa-Bárbara, dever-se a uma excentricidade do próprio artista, facto comum na pintura da época.

<sup>103</sup> Cf. SILVA, Augusto Vieira da, *Iconografia de Lisboa*, in Revista Municipal, Ano Comemorativo do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, n.º32, Lisboa, C.M.L., 1947, p.8.



outros materiais-suportes, como tapeçaria, trabalhos gravados em cobre ou em madeira, bem como azulejaria<sup>104</sup>.

Na absoluta impossibilidade de nos referirmos a todas, sem pretendermos ser exaustivas, mas com o intuito claro de contextualizar o nosso objecto de estudo, referimo-nos, por último, a quatro pinturas da Lisboa antes do terramoto de 1755, que estão na posse da Galeria-Antiquário AR-PAB, para venda (o conjunto). Foram adquiridas a um antiquário internacional, quatro óleos notáveis – não tanto pela qualidade pictórica mas como documento iconográfico da cidade até porque revelaram pormenores desconhecidos sobre a Lisboa de antes do trágico acontecimento. As pinturas não estão assinadas nem datadas, embora especialistas afirmem que são as quatro do mesmo autor, e não se conseguiu apurar o seu percurso, ou mesmo há quanto tempo se encontravam fora do país, mas constituem-se, sem sombra de dúvida, como documentos do ponto de vista da recriação urbana, o desenho e arquitectura de importantes edifícios – entretanto desaparecidos -, a realidade ambiental, espacial e paisagística da capital à época e contribuem, assim, para enriquecer o conhecimento que temos da Lisboa de Setecentos. Seria particularmente interessante se estas telas fossem adquiridas por um equipamento estatal, nomeadamente o Museu de Lisboa.

Por economia de espaço, apresentamos neste nosso trabalho somente o óleo representando o Rossio, com o seu Chafariz e zonas circundantes, escolha que nos pareceu natural visto que as restantes apresentam vistas já apresentadas, como o Mosteiro dos Jerónimos e o Terreiro do Paço.<sup>105</sup>



Imagem 8 – Rossio, com Hospital-Real-de-todos-os-Santos e Igreja de S. Domingos, século XVIII

© Galeria-Antiquário AR-PAB<sup>106</sup>

<sup>104</sup> Não podemos deixar de referir, pela sua importância como documento iconográfico para o estudo da Olisipografia, o notável Grande Panorama de Lisboa, painel de azulejos, datável de c. 1700, Dim. 115 x 2247 cm, atribuído, provavelmente - por José Meco -, ao pintor de azulejos de origem espanhola Gabriel del Barco (1649-c.1703), proveniente do antigo Palácio dos Condes de Tentúgal, hoje à guarda do MNaz, (inv.1) Informação mais detalhada disponível em <http://www.museudoazulejo.pt/pt-PT/ExposAct/ExpoPerm/ContentDEtail.aspx?id=966/>., consultado a 30 de Outubro de 2015.

<sup>105</sup> Devemos sublinhar que todas as imagens constantes deste nosso trabalho foram por nós criteriosamente selecionadas como referências que julgámos mais significativas, do ponto de vista da nossa argumentação.

<sup>106</sup> Para a apresentação desta imagem agradecemos a amável contribuição de Hugo Crespo, da Galeria-Antiquário AR-PAB.

Muito semelhantes entre si, todas estas obras geraram um modelo que será sistematicamente copiado ao longo dos séculos vindouros. Por tal razão, o seu estudo como documentos para a História deve ser feito muito criteriosamente.

### **1.3 – Breve enquadramento histórico da Arte – Pintura – em Portugal**

É de extrema importância compreendermos o enquadramento artístico estudado, os seus movimentos estéticos e acontecimentos sociais, que influenciam sempre os artistas e, consequentemente, as suas obras.

Para este estudo em particular, entre outras referências, consultámos as obras de José-Augusto França *A Arte em Portugal no Século XIX* e *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961*, livros referenciais, que apresentam um estudo completo, desenvolvido e com análise crítica da arte nacional durante aqueles períodos temporais.

Importa explicar que não se trata de uma investigação profunda e exaustiva de toda a produção artística nacional, visto que se pretende um enquadramento necessariamente breve. Iniciaremos pelo século XVI, visto que é a datação mais recuada presente no nosso *corpus*, não referindo pormenores anteriores a este arco temporal.

#### **Século XVI**

Na centúria de Quinhentos Portugal era um país cuja expansão territorial propiciava um ambiente artístico favorável à presença de artífices, artistas e todos quantos demandavam trabalho junto de uma Corte que, num esforço de engrandecimento e internacionalização, procurava dotar o país de espaços adequados às novas funções sociais e à exteriorização do Poder, investindo na aquisição de objectos artísticos.

O reinado de D. Manuel I (1469-1521), de 1495 até 1521, foi uma época privilegiada para a pintura portuguesa. São levadas a cabo reformas institucionais e a cultura recebe diversos estímulos. Vários pintores nacionais e estrangeiros vão estar activos no nosso país, nomeadamente na cidade de Lisboa. As suas pinturas são, no entanto, na sua esmagadora maioria de temática religiosa. Mas também aparecem paisagens, nomeadamente da capital.

Abriram-se, assim, portas a um espírito renovador no seio das artes e das letras, enquanto meios de expressão.

Nesta centúria, o produtor de imagens era considerado um oficial mecânico assalariado, o pintor de óleo exercia a sua actividade como artífice, confinado a rígidas normas que estruturavam o seu ofício. Em Lisboa, concentravam-se os principais mestres e oficinas, geralmente ligados à Corte e às melhores encomendas, mantendo uma produção quantitativa e qualitativamente elevada.



Vítor Serrão sublinha que “*Nos anos centrais do século XVI, estava bem viva no gosto dos clientes «de ponta» e, mesmo, no seio das oficinas de maior destaque (a do lisboeta Diogo de Contreiras, por exemplo), a consciência do esgotamento dos modelos gótico-renascentistas anteriormente vigentes.*”<sup>107</sup> Sobre Diogo de Contreiras (act.1521-1560), presente no nosso corpus, o mesmo autor considera-o “*o mais importante dos artistas portugueses que (...) melhor assume a identificação pessoal com os cânones maneiristas «ao italiano»*”.<sup>108</sup>

Assim, o **maneirismo** “*(...) teve características de estilo oficial durante a segunda metade do século XVI.*”<sup>109</sup>

A Pintura maneirista que se produziu em Portugal “*(...) sintonizou a sua linguagem pelos novos cânones anticlássicos da maneira italianizada (...)*”.<sup>110</sup>

No século XVI, a presença habitual de elementos da aristocracia, cultos, bem como a proximidade à Corte, trazem às artes princípios humanistas e de inovação artística.<sup>111</sup>

## Século XVII

Bem no início desta centúria, em 1602, em Lisboa, no mosteiro da Anunciada, foi fundada uma corporação que desempenhou um papel de relevo, a *Irmandade de S. Lucas*, uma associação que englobava “*(...) todos os pintores, assi de olio como de tempera, architectos, scultores, iluminadores, ou outras quaisquer pessoas que professarem debuxo que quizerem ser irmãos desta Irmandade.*”<sup>112</sup> que se irá manter activa até 1793.

Neste século inicia-se o período do **Barroco** na História da Arte Portuguesa. Este assumiu-se como um movimento de renovação na arte portuguesa, quando as soluções maneiristas já estavam a deixar de aparecer. A história da pintura nesta época não se encontra muito estudada, nomeadamente a que coincide com o **domínio Filipino** (1580-1640).

## Século XVIII

A pintura de paisagem neste século era considerada um género inferior face à histórica, que era o género nobre.

---

<sup>107</sup> Cf. SERRÃO Vítor, in PEREIRA, Paulo (Dir.), *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, Volume II, 1995, p.428.

<sup>108</sup> *Idem*, p.434.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

<sup>110</sup> *Idem*, p.428.

<sup>111</sup> Cf. SERRÃO, Vítor, *Diogo de Contreiras e o seu discípulo escalabitano, o Mestre da Romeira*. Notas sobre a Pintura do Maneirismo no Ribatejo, in *Santarém, os homens e a cidade na época dos Descobrimentos. Actas do Ciclo de Conferências na Biblioteca Municipal de Santarém (Janeiro-Abril de 1995)*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1995, p.169.

<sup>112</sup> Cf. FLOR, Susana Varela, FLOR, Pedro, *Pintores de Lisboa:Séculos XVII-XVIII A Irmandade de S. Lucas*, Lisboa, Scribe, 2015, p.18.

A nobreza de antes do terramoto não colecionava muita arte, a nova, desenvolvida no último quartel de Setecentos, vive nos solares de Lisboa e do Porto, com luxo, mas sem arte, os artistas queixaram-se sempre de falta de mercado.<sup>113</sup>

Em oposição aos excessos decorativos do Barroco, e buscando inspiração no equilíbrio e na simplicidade, neste século surge um renovado interesse pela cultura da Antiguidade Clássica, com o **Neo-classicismo**, que se irá manter entre cerca de 1780 e 1835.

Do nosso *corpus* desta centúria estão presentes o pintor Domingos de Sequeira (1768-1837) que foi um artista que fez a transição do Neo-classicismo para o **Romantismo** em Portugal e o escultor Machado de Castro (1731-1822). O Romantismo foi um movimento cultural que surgiu nas últimas décadas deste século. Em oposição ao equilíbrio clássico, aqui, o artista centra-se em si próprio, torna-se idealista e perde a objectividade. Este movimento vai-se prolongar no século XIX.

## Século XIX

Na opinião de José-Augusto França, o século XIX iniciou-se em Portugal por um acto do maior significado cultural: a análise crítica, em 1801, dos planos barrocos do Palácio Real da Ajuda.<sup>114</sup>

A conturbada vivência portuguesa nas primeiras décadas do Século XIX, até à vitória liberal de 1834, teve, na opinião de Raquel Henriques da Silva “(...) *consequências devastadoras para a prática artística*.”<sup>115</sup>

Na verdade, a partida da família real e da corte para o Brasil, em 1807, interrompeu as obras do Palácio da Ajuda, que serviam como centro de actividade e escola para, tanto arquitectos, como pintores e escultores, que deveriam executar programas decorativos sob a direcção de Domingos de Sequeira.

Com o fim das campanhas de invasão francesas começou um novo período da história e da vida artística portuguesa. Quando a relativa acalmia voltou, fundaram-se as Academias de Belas-Artes de Lisboa e Porto, em 1836. No entanto, a prática do ensino já era deficitária, devido, segundo Raquel Henriques da Silva, “*a referências estéticas e programas de ensino, de modelos setecentistas romanos e franceses (...) com deficientíssimos recursos financeiros*.”<sup>116</sup>

Assim, esta atitude, fechada e retrógrada, muito centrada nos temas da mitologia clássica, eternamente repetidos, provocou reacções de descontentamento entre os alunos, assumidas, por exemplo, por **Tomás D’Anunciação** (1821-1897), pintor por excelência do **Romantismo** pictórico nacional.

---

<sup>113</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto, *A Arte Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Bertrand Editora, 1967, p.414.

<sup>114</sup> Cf. *Idem*, Catálogo da Exposição *Arte Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, IPPC/Palácio da Ajuda, Março-Maio 1988, p.20.

<sup>115</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, *Romantismo e pré-naturalismo*, in PEREIRA, Paulo (dir.), Volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p.349.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

Os românticos pretendiam, desta maneira, para além de um alargamento temático, trocar as práticas de *atelier* por pintura ao ar livre, em contacto com a natureza, e uma nova abordagem ao retrato.

Em 1861 foi fundada, por um grupo de artistas, entre eles Luiz Tomazini e Tomás D’Anunciação, ajudados por amantes da arte, a **Sociedade Promotora das Belas-Artes**, em Lisboa, da qual era Presidente o 1º Marquês de Sousa e Holstein (1938-1878), que realizou a sua primeira exposição em 1862.

No nosso *corpus*, são exemplos de pintores do Romantismo Alfredo Keil, Luíz Tomazini e Isaías Newton.

Nos anos de fim de século, sensivelmente entre 1880 e 1910, o **Naturalismo** chegou à arte da Pintura no nosso país. Segundo Raquel Henriques da Silva: “(...) *o público aderiu a esta pintura como aos romances de Júlio Dinis ou à última poesia de Guerra Junqueiro e António Nobre (...)*”.<sup>117</sup>

Na Academia de Lisboa, a direcção do 1º Marquês de Sousa e Holstein concedeu bolsas de estudo no estrangeiro a que se candidataram os mais promissores estudantes. Por esta altura, a pintura de história, ainda considerada o mais importante género artístico, vê chegar a paisagem, que assim via reconhecida a sua importância na hierarquia académica.

Entre outros, João Marques d’Oliveira (1853-1927)<sup>118</sup>, estudou vários anos em Paris, e um ano em Itália, com maior liberdade de opções de aprendizagem, e esteve na origem do naturalismo português.

Em 1881 com a fundação do influente **Grupo do Leão**, e, dez anos mais tarde, do **Grémio Artístico**, terminou a acção da Promotora. Assim, em consequência, em 1901 foi fundada a **SNBA** (Sociedade Nacional de Belas-Artes), em Lisboa, que iniciou as suas exposições e entrega de prémios, até aos nossos dias.

João Vaz, Marques d’Oliveira e Ernesto Condeixa foram dos mais notáveis pintores da primeira geração de naturalistas, mas aqueles que foram mais consagrados e mais representativos do seu tempo foram, sem dúvida, José Malhoa e Columbano Bordallo Pinheiro, embora este último se tenha sempre considerado à margem do movimento estético da sua geração, sendo, essencialmente, um retratista.

Uma segunda geração de naturalistas foi composta por pintores nascidos em 1860 e 1870, como Carlos Reis (1863-1940), o Rei D. Carlos I (863-1908), e Alfredo Roque Gameiro (1864-1935).

---

<sup>117</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, *op. cit.*, p.337.

<sup>118</sup> O artista assinava as suas obras como: Marques d’Oliveira. Assim, e dentro do espírito da fulcral importância que a assinatura de um artista tem para o mercado de arte, e não só, mantivemos esta grafia para o designar.

## Século XX

Em Portugal a modernidade teve o seu início na transição da monarquia para a República, em 1910, uma manifestação de clara mudança. No nosso país, a ultrapassagem da herança oitocentista foi um processo lento, que ocupou as primeiras décadas do século XX.

Igualmente na Europa, para Giulio Carlo Argan, este foi um ano de transição: “*Se a arte da primeira década do nosso século [no caso o século XX] tem uma orientação genericamente “modernista”, na medida em que visa reflectir e exaltar a nova concepção do trabalho e do progresso, a partir de cerca de 1910, afirmam-se, em vários países europeus em vias de industrialização, movimentos ditos de “vanguarda”, que querem fazer da arte um incentivo à transformação radical da cultura e do costume social (...).*”<sup>119</sup>

Um deles foi o **abstraccionismo**, ou seja, para este autor “*O facto que separa nitidamente, com um autêntico salto qualitativo, a arte do nosso século de toda a arte do passado, pelo menos na área da cultura ocidental, é a passagem do carácter figurativo ao não figurativo, ou como é corrente dizer-se, à abstracção.*”<sup>120</sup>

Para Bernardo Pinto de Almeida “*O Século XX, nas artes portuguesas, começou sob um quase total domínio de cânones já completamente ultrapassados no resto da Europa (...).*”<sup>121</sup>

A arte moderna, no entanto, não encontrou grande aceitação de início por várias razões, apontadas por José-Augusto França: porque o público não estava habituado a vê-la, pela total falta de cultura artística no nosso país à data, pelo espírito retrógrado das pessoas em geral, pelo baixo nível económico da maioria da população, pela falta de influência dos intelectuais da época, pela falta de uma pedagogia artística no nosso ensino, a todos os níveis e, consequentemente, pela falta de críticos responsáveis.<sup>122</sup>

Outra das razões apontadas, que se tem mantido mais ou menos crónica, é a existência de más condições de vida dos artistas portugueses e a falta de apoios que sentem. Este autor chega a afirmar que muitos passaram fome, e aponta: “*(...) comer pincéis faz mal ao estômago, e o unitex<sup>123</sup> e a pedra são duros de roer (...).*”<sup>124</sup>

Para termos uma ideia mais clara e realista da reacção do público em relação às primeiras exposições de arte moderna, num artigo sobre Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), ficamos esclarecidos: “*4 de Dezembro de 1916: Amadeo de Souza-Cardoso inaugurou*

---

<sup>119</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.28.

<sup>120</sup> *Idem*, p.105.

<sup>121</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Pintura Portuguesa no Século XX*, Porto, Lello Editores, 1996, p.13.

<sup>122</sup> Vd. FRANÇA, José-Augusto, *Da Pintura Portuguesa*, Colecção «Ensaio», Lisboa, Edições Ática, 1960, pp.13-15.

<sup>123</sup> Tipo de suporte de pintura a óleo.

<sup>124</sup> *Idem*, p.20.

*uma exposição individual, em Lisboa, no Palácio Calhariz, 80 óleos, 1 pintura a cera, 19 aguarelas e 11 desenhos. Um fulano cospe num quadro, outro dá um soco no autor, chama-se a polícia, os mais pacatos limitam-se à chalaça e ao riso alarve (...).*”<sup>125</sup>

Todas estas transformações têm sido lentas, mas estão a acontecer, e a cultura artística em Portugal começa, agora, a ter o seu lugar. Nesta altura porém, toda a conjuntura era muito diferente, em Portugal, e não só.

Muitos factores condicionam o mundo das artes, um deles é determinante: a comunicação social. Quem escreve é responsável por grande parte da formação da opinião do público, são os críticos de arte que levam as pessoas a terem determinadas atitudes em relação à arte, são eles que educam, informam, dizem onde está a arte, no fundo, manobram as tendências, tanto quanto os próprios artistas. Na nossa opinião, uma das funções mais importantes da boa crítica de arte é o trabalho didáctico, chamar a atenção do público para novos valores, e tentar que mais pessoas olhem o mundo das artes de um modo genuinamente interessado.

Segundo Giulio Carlo Argan: “*Na cultura moderna a arte é objecto de estudo por parte da crítica de arte, uma disciplina autónoma e especializada que opera segundo metodologias próprias e tem como fim a interpretação e avaliação das obras artísticas.*”<sup>126</sup>

Em relação ao mercado de arte, para que uma obra de arte adquira valor, o papel do crítico é legitimar, através do que escreve, esse mesmo valor atribuído *a priori* pelo mercado.

O primeiro sinal de ruptura com o passado surge na *Exposição de Arte Livre*, de 1911, realizada no *atelier* do fotógrafo Bobone, em Lisboa, onde expuseram, entre outros, Manuel Bentes (organizador do evento), Eduardo Vianna, Francis Smith e Emmérico Nunes. Esta, apesar de ainda apresentar pinturas naturalistas, já manifesta crítica, social e política e reúne figuras da geração mais nova e moderna.

Outro factor, muito importante e, acrescentamos, decisivo, foi o regresso ao país de um grupo de artistas vindos de Paris, forçados a abandonar aquela cidade devido à Primeira Grande Guerra, e que tinham convivido de perto com as vanguardas modernistas naquela cidade. Entre eles, Amadeo de Souza-Cardoso, Almada Negreiros, Eduardo Vianna e Santa-Rita Pintor.

Segundo Paulo Pereira: “*Em Portugal, a partir do início do século XX vão passar a conviver dois países num só. O país mais profundo e tradicionalista, que é também o que se revê nos gostos naturalistas. E o país urbano e moderno, que (...) se revê nas revelações estéticas (...) o modernismo fazia a sua entrada em cena.*”<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> Cf. TAVARES, Vítor Silva, *Amadeo «en collage»*, in Revista Eva nº1162, Natal 1969, p.29.

<sup>126</sup> CF. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.127.

<sup>127</sup> *In Arte Portuguesa. História Essencial*, Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011, p.801.

Aliás, toda a arte do século XX irá caracterizar-se por contínuas mudanças que se irão produzindo. As principais causas para esta realidade são: o desenvolvimento tecnológico, o novo conceito de obra de arte, e a própria condição do artista na sociedade.

O artista, neste século, está condicionado pelo mercado de arte, que considera as suas obras um objecto comercial e as valoriza, conforme a sua maior, ou menor, qualidade e, sobretudo, originalidade. O artista vê-se, assim, como que “obrigado” a ser original, a inovar constantemente, a reinventar-se. A obra de arte aparece como expressão individual numa civilização onde coexistem vários estilos. A pintura no século XX caracteriza-se pelo nascimento da arte abstracta. A côr, a forma, ganham o seu próprio valor artístico.

Em 1911 houve um protesto contra o gosto académico por Manuel Bentes e Francis Smith, que foi seguido, em 1912 pelo *I Salão de Humoristas*, no Grémio Literário, em Lisboa, onde uma nova ideia era proposta por Almada, Cristiano Cruz, e outros, e que, ao contrário da *Exposição livre* de 1911, foi um sucesso. Aqui, os artistas assumiram o corte com os mestres oitocentistas.

Sobre o Humorismo e o seu papel, o crítico Osvaldo Macedo de Sousa (n.1954), diz-nos: “*O Humorismo, embora isso pese a muita gente, embora muitos o ignorem, outros o neguem e muitos outros o esqueçam, é filho das Belas Artes, mas filho prodígio.*”<sup>128</sup>

Igualmente fugidos da guerra, em 1915, chegou ao nosso país o casal de artistas Sonia (1885-1979) e Robert (1885-1941) Delaunay, artistas de origem francesa, que se mantiveram, entre Maio de 1915 e Janeiro de 1917 no nosso país, um curto exílio que, ainda assim, permitiu que mantivessem contactos estreitos com vários artistas, entre eles Almada, com quem mantêm relações epistolares – ele estava em Lisboa – e no caso de Amadeo presenciais, o casal vivia em Vila do Conde, e Amadeo estava em Manhufe, não demasiado longe.

Amadeo e Vianna, que integravam já o círculo dos contactos e amizades dos Delaunay em Paris, são membros activos deste grupo, que se alargou ao jovem Almada, na altura com 22 anos.

Em 1915, num contexto social em que se pressente a necessidade de inovação no movimento artístico português – os artistas, acomodados a uma tradição onde ainda predomina o estilo naturalista – surge um movimento futurista inspirado pelos poetas Fernando Pessoa (1888-1935) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) e pelos artistas plásticos chegados de Paris, Guilherme de Santa-Rita (1889-1918) e Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), juntando-se-lhes Almada Negreiros (1893-1970), formaram a **revista *Orpheu***, que irá provocar reacções por parte dos intelectuais e académicos da época. Santa-Rita Pintor e Amadeo faleceram ambos no mesmo ano (1918) e demasiado cedo, mas a sua obra marcou a era da qual viria a nascer o novo espírito do modernismo na arte no nosso país.

---

<sup>128</sup> Cf. SOUSA, Osvaldo Macedo de, in *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, Volume III – No Estado Novo 1933-1974, Lisboa, SECS/Instituto da Comunicação Social, 1999, p.5.

Júlio Dantas (1876-1962), médico, escritor, político e diplomata conceituado, reagiu à inovação da revista e criticou os trabalhos publicados. Em resposta, Almada vai publicar, nesse mesmo ano de 1915, o texto *Manifesto Anti-Dantas* que causou um enorme impacto no meio artístico. O modernismo estava a chegar às letras e às artes plásticas.

Numa leitura geral do que foi a expressão modernista em Portugal, costuma referir-se como “**primeiros modernistas**” os artistas representativos das duas primeiras décadas, marcadas por figuras emblemáticas como os já referidos Almada Negreiros e Amadeo de Souza-Cardoso, entre outros nomes como Jorge Barradas ou Stuart de Carvalhaes<sup>129</sup>.

Durante a década de 1920, por falta de outros apoios, nomeadamente estatais, os artistas expunham onde podiam, como por exemplo nos salões da revista *Ilustração Portuguesa* - aliás, o dinâmico movimento editorial da época foi muito favorável à participação de artistas, e o grafismo e ilustração de algumas capas de publicações, bem como as suas ilustrações no interior constituem-se como verdadeiras obras de arte.

Expunham ainda no Salão Bobone, na Brasileira do Chiado, redecorada em 1925 com telas de Vianna, Almada, Bernardo Marques, António Soares, Jorge Barradas, Stuart, entre outros, e no Bristol Club, clube nocturno célebre de Lisboa, cujo proprietário, um mecenas da arte, comprava telas a vários destes artistas.

Fala-se em “**segundo Modernismo**” para referir o que sucedeu nas décadas de 1930 e 1940. A partir de 1933 Portugal vivia um *Estado Novo* e foram encomendadas e edificadas grandes obras públicas, para prestigiar o Estado. Colocando a arte ao serviço do poder, foi criado o SPN (Secretariado da Propaganda Nacional), liderado por António Ferro (1895-1956), que instituiu prémios em várias áreas artísticas, o que atraiu vários artistas portugueses. As Festas Populares ganham uma nova vida na cidade de Lisboa durante esta época, e acontece o primeiro desfile das marchas do Santos Populares em 1932.

Em 1938 António de Oliveira Salazar (1889-1970) anuncia uma dupla comemoração: da Fundação da Nacionalidade de 1140 e do terceiro centenário da Restauração de 1640, ambas a realizarem-se no ano de 1940 através da *Exposição do Mundo Português*, inaugurada a 23 de Junho, para cuja decoração foram convidados inúmeros arquitectos e artistas.

Em 1945, e para amenizar a imagem do Regime, o SPN passa a designar-se SNI (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo) e afirma-se como instituição mecenática.

A década de 1940 traz profundas alterações à capital e o seu urbanismo é repensado. Surgem grandes obras como o Aeroporto da Portela, o Estádio Nacional, o INE e a Casa da Moeda, como exemplos.

---

<sup>129</sup> Não só em relação a Stuart de Carvalhaes, mas em todo o nosso trabalho, iremos respeitar a grafia dos nomes próprios e dos apelidos dos artistas, conforme usual durante o seu tempo de vida, respeitando, por exemplo, a maneira como assinavam as suas obras, como anteriormente explicitado para Marques d'Oliveira.

Nesta década, as polémicas inaugurações dos murais de Almada Negreiros nas Gares Marítimas de Lisboa, que, por representarem a condição do povo, cenas populares do quotidiano lisboeta, como a partida de emigrantes, ou as varinas, não agradam ao Governo. Provocam, no entanto, a admiração de muitos artistas, impressionados com a modernidade destas obras, e o seu impacto visual. Para Bernardo Pinto de Almeida, estas obras retratam, no essencial, “(...) *os transportes (...) o ruído das vozes populares (...) uma espécie de alma-mater do povo de Lisboa, a sua atmosfera iluminada (...) a sua coreografia brejeira de namoricos de Stº António nos bairros populares (...) formigando pelas ruelas medievais de Alfama, da Graça ou da Mouraria (...)*”.<sup>130</sup>

O **Fado**, passa de música castiça e vadia das tabernas, para respeitável e consagrada canção, **imagem de Lisboa e de Portugal**.

**São exemplo, entre outros, da segunda geração pós-modernista nomes como Carlos Botelho, Bernardo Marques, Sarah Affonso e TOM.**

Apesar da neutralidade portuguesa, na década de 1940 a Segunda Grande Guerra afecta o país. Chegam a Lisboa todos os dias refugiados, em trânsito para a América, que trazem hábitos e costumes diferentes e agitam a vida nacional.

No final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, surge **uma terceira geração de artistas** que entraram em conflito com as teorias anteriores e fundaram o **Neo-realismo**. O principal pintor deste movimento é **Júlio Pomar**.

Em 1946 realizou-se, na SNBA, a *I Exposição Geral de Artes Plásticas*, com a participação de cento e noventa e três artistas, que reunia, ainda, prestigiados naturalistas como Falcão Trigoso, e modernistas como Abel Manta e Carlos Botelho, numa fusão de géneros e correntes estéticas, como era, aliás, o pretendido.

Segundo Pedro Lapa, “*As exposições gerais de artes plásticas foram sobretudo uma plataforma de diferentes posicionamentos críticos e mesmo artísticos, à falta de um espaço museológico para tal, de um mercado de galerias ou mesmo, como alternativa a essas possibilidades ainda longínquas, e tiveram como eixo central o movimento neorrealista (...)*”.<sup>131</sup>

A partir das tertúlias, no extinto Café Herminius, na Avenida Almirante Reis em Lisboa – os cafés, por esta altura de falta de liberdade e isolamento, permitiam a livre discussão de ideias –, estudantes da Escola António Arroyo<sup>132</sup>, fundaram, em 1947, o *Grupo Surrealista de Lisboa*. Nomes como Vespeira (1925-2002), Fernando de Azevedo (1923-2002), e Mário de Cesariny (1923-2006) – presentes no nosso *corpus*. No ano de 1949,

---

<sup>130</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *op.cit.*, pp.99-100.

<sup>131</sup> Cf. LAPA, Pedro, *Joaquim Rodrigo: a contínua reinvenção da pintura*, Tese de Doutoramento em História, ramo de História da Arte, apresentada à FLUL, 2013, p.45.

<sup>132</sup> A designação desta escola artística de Lisboa (actualmente Escola Secundária artística António Arroyo) cuja génese remonta a 1919, é uma homenagem à figura do Engenheiro António José Arroyo (1856-1934), um estudioso do ensino técnico e da arte aplicada, irmão do notável coleccionador de arte João Marcelino Arroyo (1861-1930), referido neste nosso trabalho a propósito da sua colecção de arte.



os **surrealistas** revelaram-se através de duas exposições, a primeira, do Grupo Surrealista de Lisboa, inaugurada a 31 de Janeiro, e a segunda, em Junho.

Na década de 1950, dado o ambiente em Portugal – de uma maneira geral, o país estava isolado do resto do mundo –, muitos jovens artistas aproveitam a acção mecénica da FCG<sup>133</sup>, independente do Estado, e emigram, como bolseiros, para Paris, Munique, Londres e outros grandes centros artísticos da época.

Pedro Lapa, citando María Jesús Ávila<sup>134</sup>, refere, em relação às experiências internacionais dos artistas que “*muitos regressam apenas terminado o período de formação, sem ter conseguido a tão ansiada inserção no meio, outros, ainda assim, permanecem, sustentados pelo mercado nacional, e outros, uns poucos, conseguem integrar-se no mercado nacional do sítio (...) aqueles que atingiram a plena inserção (...) representam situações derivadas de uma gestão particular de carreiras, não ligadas em caso nenhum a políticas artísticas oficiais*”.<sup>135</sup>

Segundo Pedro Lapa o *I Salão de Arte Moderna* da SNBA, em 1958, “*(...) inseria-se na tentativa de abrir um espaço vocacionado para a contemporaneidade, a que o Museu Nacional de Arte Contemporânea se furtava, e independente da propaganda política do SNI (...)*”.<sup>136</sup>

Na década de 1950 afirmam-se pintores que integraram o *neo-realismo* e o **expressionismo**, como João Abel Manta (n. 1928) e Artur Bual (1926-1999) – presentes no nosso *corpus*.

Durante a década de 1960 assistiu-se a um processo de emigração generalizada de artistas portugueses para o estrangeiro, nomeadamente para Paris. Por estes anos, os artistas foram “sacudidos” pelo movimento internacional da arte neo-figurativa e em Portugal aparecem nomes como Paula Rego, Nikias Skapinakis e Maluda. Neste ano teve lugar o *3º Salão de Arte Moderna* da SNBA.

Para Bernardo Pinto de Almeida, “*(...) os anos 60 foram, na pintura portuguesa, os da afirmação de uma geração de jovens artistas e de novas tendências que, cada vez mais, aproximaram a arte nacional de uma realidade artística internacional*”.<sup>137</sup>

Pedro Lapa considera a década de 1960 como *anos de rutura*<sup>138</sup> e *um movimento de radical alteração*<sup>139</sup>, relativamente aos contornos em que as produções da década anterior

---

<sup>133</sup> A criação da FCG, em 1956, trouxe uma profunda mudança da situação cultural do país, através do mecenato, traduzido, entre outras acções, na aquisição de obras de arte moderna e contemporânea e na atribuição das referidas bolsas para estudos artísticos no estrangeiro, substituindo-se, assim, ao Estado, ausente.

<sup>134</sup> María Jesús Ávila é Doutorada em História de Arte e foi Conservadora do MNAC entre 1994 e 2008.

<sup>135</sup> Cf. LAPA, Pedro, *op. cit.*, p.211.

<sup>136</sup> *Idem*, p.134.

<sup>137</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Pintura Portuguesa no Século XX*, Porto, Lello Editores, 1996, p.153.

<sup>138</sup> *Idem*, p.2018.

<sup>139</sup> *Ibidem*.

se haviam fixado, nomeadamente pela delicada situação política que se irá criar a partir das eleições de 1958 para a Presidência da República.

No que diz respeito às artes plásticas, esta década de 1960 é um período de experimentação e de confluência de vários movimentos e correntes estéticas, surge uma nova conjuntura artística, com o aparecimento de novos artistas, e novas tendências, em sintonia com o que acontecia no estrangeiro em matéria de arte.

Não foi fácil a aceitação e a compreensão do modernismo na arte em Portugal, numa viragem estética que rompia radicalmente com os conteúdos da representação naturalista.

Para Alexandre Melo “*No campo das artes plásticas durante toda a primeira metade do século assistimos ao arrastar de um modernismo incipiente em luta constante contra a permanência do naturalismo e do romantismo (...).*”<sup>140</sup>

### Arte Contemporânea

Como é natural, é complicado datar, precisamente, o início daquilo a que podemos chamar **Arte Contemporânea**, sendo, no mínimo redutor, dizer que é a arte produzida no nosso tempo. Em boa verdade, nem no seio dos historiadores de arte existe um consenso nesta definição.

A maior parte dos autores pretende que, a partir do final da Segunda Grande Guerra, numa lógica de reconstrução das sociedades como um todo, surgiu uma nova corrente também na arte.

Para alguns, no entanto, será mais correcto afirmar que, a partir da década de 1970 já podemos falar, claramente, em arte contemporânea.

Para Luís Urbano Afonso, esta “*corresponde, grosso modo, à arte da primeira metade do século XX e à arte produzida desde o pós-guerra.*”<sup>141</sup>

Num sentido mais abrangente, Vítor Serrão afirma que “*Todas as obras possuem essa extraordinária capacidade de assumir dimensão transcontemporânea, pelas infinitas possibilidades de ascenderem ao sublime e suscitarem olhares críticos ao longo dos tempos (ontem, hoje, amanhã), mesmo que a cadência de modas, gostos, valências e critérios de aferição estética imponha bitolas valorativas que são, tantas vezes, radicalmente distintas...*”<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> Cf. MELO, Alexandre, *Arte e Artistas em Portugal*

<sup>141</sup> Vide *características e Tendências do Mercado Leiloeiro Português nos últimos anos*, in AFONSO, Luís U., FERNANDES, Alexandra, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, pp.7-31.

<sup>142</sup> Cf. SERRÃO, Vítor, *Ética, Património e Mercado: Conceitos, Saberes Práticas e Imperativos Morais do Connoisseur, do Historiador e do Gestor das Artes*, in AFONSO, Luís U., FERNANDES, Alexandra,

Já Pedro Simões, de forma a facilitar o seu estudo, seguiu o critério geralmente utilizado pelas principais casas leiloeiras internacionais e outros intervenientes no mundo da arte, que consideram como sendo **arte contemporânea todos os trabalhos produzidos por artistas nascidos depois de 1945**.<sup>143</sup>

Certo é que esta arte se caracteriza, principalmente, pela total liberdade da criação artística, longe de compromissos limitadores. A arte tem tendência a deixar de ser aquela relação mestre-aprendiz, que caracterizou o tempo dos grandes Mestres primitivos, cada obra de arte contemporânea é, de facto, um espaço de liberdade. A arte diversifica-se em várias correntes estéticas como, entre outras, a *Pop Art*, o *Expressionismo Abstracto*, o *Minimalismo* ou a *Arte Urbana*, numa mistura livre de escolas, tendências e técnicas. Os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora e acesso a tão diversificados materiais, numa era em que o quotidiano se caracteriza por ser veloz e em constante mutação.

No espaço de relativamente poucos anos, passámos de uma sociedade culturalmente fechada, na qual coexistiam poucas diferenças, em termos de movimentos artísticos, para uma cadeia de relacionamentos culturais distintos, cada um transportando os seus valores e este processo não tem paralelo na História, a velocidade a que os povos se mobilizam é superior à nossa capacidade de adaptação, temos, portanto, de aprender a reconhecer e aceitar a diferença, é um desafio cultural e artístico, que tem nos agentes do mercado de arte, nomeadamente os museus, abertos ao grande público, os seus principais intérpretes.

---

*Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, p.177.

<sup>143</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *O Mercado da Arte Moderna e Contemporânea em Portugal (2005-2013)*, Tese de Doutoramento apresentada à FLUL, 2015, p.25.



## **CAPÍTULO II**

### **O MERCADO DE ARTE EM PORTUGAL**

## 2– O MERCADO DE ARTE EM PORTUGAL

### 2.1– O Mercado de Arte em Portugal

O mercado de arte pode ser considerado tão remoto quanto a própria arte.

Antes do estabelecimento de um mercado liberal, regulado essencialmente **pelas leis da oferta e da procura**, já os homens trocavam bens entre si. Com este fenómeno, um artista já tinha um público para o seu trabalho. Assim, o mercado de arte tem-se mantido, no fundamental, ao longo de séculos, apenas adaptando-se às novas circunstâncias que novas realidades lhe foram trazendo.

Durante um longo período na História, a produção de obras de arte esteve ligada a instituições. Durante a Idade Média, como exemplo, as famílias reais e os membros do Alto Clero dominaram quase por completo – existiram ainda casos de famílias poderosas que foram grandes mecenas e colecionadores de arte, e assumiram-se como financiadores da arte, de uma maneira geral, de temática religiosa.

Esta realidade foi-se transformando, gradualmente. Hoje, um artista é um profissional livre, mas que precisa, como todos, de sobreviver.

Não podemos, no entanto, pensar no mercado de arte de uma maneira redutora como o **local onde se adquirem e vendem obras de arte**, embora esta seja, de facto, a sua essência, existindo porque existem produtores de obras de arte, e quem as queira adquirir. Deste modo, o mercado de arte assume a sua característica primariamente económica, e como tal, sempre esteve ligado a todos os outros sistemas económicos.

As obras de arte são o ponto fulcral do mercado de arte. Procurando dar uma definição de obras de arte, encontramos, nas palavras de MCM a seguinte afirmação: “*Em concreto, obras de arte são os bens culturais que para além de terem relevância e valor documental (que são tendencialmente todos os bens) têm dimensão artística. Como tal, o número de obras de arte é claramente inferior aos de bens culturais.*”<sup>144</sup> Na prática, para um objecto ser considerado uma obra de arte é fundamental ser reconhecido - e contextualizado - como tal por todos os agentes do mercado.

Pedro Simões afirma que “*Na sua totalidade, o mercado da arte assenta numa rede que engloba o mercado primário e secundário (...). Todos os intervenientes estão interligados e as diversas áreas sobrepõem-se, formando um grande circuito pelo qual transitam as obras de arte. O início do ciclo é o artista – é ele que produz a obra de arte e fornece o mercado.*”<sup>145</sup>

Giulio Carlo Argan dá-nos uma ideia muito clara do mercado de arte ao afirmar: “*Numa sociedade essencialmente económica, na qual o valor não é concebido senão em termos de custos e preços, também os bens culturais e as obras de arte, antigas ou modernas,*

---

<sup>144</sup> CF. MONCADA, Miguel Cabral de, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, Porto, Civilização Editora, 2006, p.13.

<sup>145</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.48.

*são consideradas mercadorias apreciadas e o consequente tráfico determina, no melhor dos casos, o seu afastamento dos locais de origem.*”<sup>146</sup>

A realidade de um mercado de arte nacional é relativamente recente. Pedro David Simões afirma que “*Em 1953, altura em que a arte nacional estagnava e os artistas tinham a sua sobrevivência ameaçada, o pintor Júlio Resende*<sup>147</sup> *referia que a dificuldade não estaria em expor mas em vender já que ainda não existia um mercado de arte.*”<sup>148</sup>

O mercado de arte demorou algum tempo a afirmar-se, mas a sua evolução ocorreu paralela à de outros mercados, pois, tal como aqueles, esteve sempre ligada à economia do país.

O mercado de arte nacional construiu-se, assim, de forma gradual, e esteve ligado a diversos acontecimentos. Para além das diversas exposições de arte e de alguns leilões mais concorridos, em 1932 foi inaugurada a primeira galeria comercial de arte moderna, a UP, em 1952 a Galeria de Março, em 1955 a Galeria Pórtico, em 1956 foi inaugurada a Fundação Calouste Gulbenkian, em 1964 a Galeria 111, apenas para mencionar alguns.

Seria, no entanto, na opinião de Pedro Simões “*a revolução de 1974 a demonstrar a enorme fragilidade do mercado de arte em Portugal.*”<sup>149</sup>

A revolução provocou uma crise económica e uma quebra de confiança no mercado. A maior parte das galerias de arte fecharam, e o período que se seguiu, até à década de 1980, foi conturbado.

O mercado de arte no nosso país formou-se tardiamente, quando comparado com outros países ocidentais, mas, uma vez estabelecido, passou a funcionar em pleno, apesar da sua reduzida dimensão, à escala do próprio país, com proeminência de Lisboa, onde está situada a maior parte das instituições.

Num contexto global do sistema de arte, devemos compreender a dinâmica do processo de globalização que surgiu, *grosso modo*, a partir da década de 1980 - embora existam autores que consideram que esta é uma realidade que surgiu no tempo dos *Descobrimentos*. Esta mesma globalização, segundo Alexandre Melo, constitui uma das dinâmicas fundamentais da evolução das sociedades e do mundo contemporâneo.<sup>150</sup>

Nos últimos anos, e com algumas flutuações – devido a crises económicas cíclicas que condicionam toda a sociedade e que têm expressão no mundo artístico em geral, e no

---

<sup>146</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.37.

<sup>147</sup> Júlio Resende (1917-2011) foi um artista plástico, um pintor essencialmente expressionista, e docente na ESBAP. Deixou uma vasta obra, nomeadamente na cidade do Porto.

<sup>148</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.39.

<sup>149</sup> *Idem*, p.67.

<sup>150</sup> Cf. MELO, Alexandre, *O que é Arte*, Lisboa, Quimera, 2001, p.122.

mercado de arte em particular -, assistiu-se a um período de crescimento daquilo a que, livremente, se designa por **mercado de arte**.

Manuela Hargreaves afirma mesmo que “*A especialização dos agentes culturais é uma característica da contemporaneidade de há um século para cá, principalmente nos últimos cinquenta anos. O aumento da produção artística, e o consequente desenvolvimento do mercado, multiplicou o número de galerias, (...), leilões, feiras e bienais (...).*”<sup>151</sup>

Neste mercado, a nível nacional, assistiu-se a uma tendência de crescimento a partir da década de 1980, embora com ciclos de retracção. De uma maneira geral, a preferência do público comprador no nosso país é dirigida para a arte portuguesa em geral, e para a pintura em particular, nomeadamente a produzida nos séculos XIX e XX, o que nos permite pensar que o mercado não está, nem nunca esteve, verdadeiramente parado, e as boas peças encontram, por norma, um comprador interessado, criando mesmo, por vezes, uma dinâmica optimista a nível do mercado de arte.

Ainda em relação à década de 1980, num Editorial da Revista *Artes & Leilões*, podíamos ler: “*(...) a bebedeira eufórica dos finais dos anos 80 e o desencanto profundo que se seguiu (...) esta espécie de desmoronamento reflectiu-se tanto no mercado de arte que em Portugal, infelizmente, ainda é uma miragem (...) como na participação efectiva do público nas iniciativas culturais (...) em Portugal o tecido cultural é fragilíssimo*”.<sup>152</sup>

Este texto, escrito em 1993, espelhava bem o ainda recente *boom* que se vivera relativamente ao mercado de arte na década de 1980.

O mercado de arte engloba, de um modo geral, todo um agregado de negociantes, coleccionadores, e artistas. Foi, aliás, como referido anteriormente, este mesmo mercado que substituiu os mecenas como fonte de rendimento para os artistas do mundo moderno e contemporâneo. O prestígio que a arte conferiu a uma sociedade burguesa emergente na Europa do século XVII, que procurava reforçar a sua posição social através da auto-afirmação conferida pela cultura, lançou os artistas para a realidade da concorrência de mercado e, por consequência, surge a liberdade estética. Libertos das encomendas da Igreja e da Aristocracia, os artistas eram livres de criar segundo as suas próprias convicções.

O crescimento do mundo da arte, como o conhecemos, faz igualmente parte do *boom* de consumo da economia global e do crescimento económico. Nas últimas décadas não só há mais dinheiro, mas mais artistas do que jamais se viu na História da Arte. O resultado é uma crescente “profissionalização” dos artistas numa lógica de crescimento que integra as feiras, as bienais, os graus académicos em arte e um número crescente de galerias e casas leiloeiras dedicadas ao comércio de arte, em crescimento.

---

<sup>151</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *op.cit.*, p. 12.

<sup>152</sup> Cf. MACHADO, José Sousa, in Revista *Artes & Leilões*, Editorial do nº22, Ano 5, Outubro/Novembro de 1993, p.8. José Sousa Machado era, na época, Director Editorial desta publicação.



Na sua obra *Sete Dias no Mundo da Arte*, a socióloga canadiana Sarah Thornton afirma: “Ao longo dos últimos oito anos, o mercado da arte contemporânea teve um grande crescimento, as visitas a museus aumentaram acentuadamente e mais pessoas do que alguma vez tinha acontecido puderam deixar os seus empregos e afirmar-se como artistas.”<sup>153</sup>

Em termos mundiais, o Relatório de Clare McAndrew para a TEFAF 2016<sup>154</sup>, inclui dados muito precisos, senão de um crescimento muito acentuado, pelo menos de uma constante dos valores globais do mercado de arte, desde o ano de 2005 até ao ano de 2015, com uma clara descida no ano a seguir à crise de 2008 (conforme imagem 9, *infra*).

Até 2008, o mercado prosperava, mas a crise económica global desencadeada nesse ano trouxe uma inevitável queda na economia nacional e global, que afectou, igualmente, o mercado de arte.

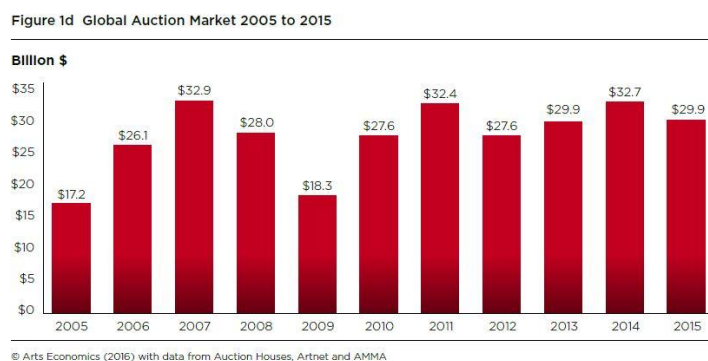


Imagem 9 – Mercado de Arte Global entre 2005 e 2015

© <https://newsartnet.com/market/tefaf~2016-art-market-report-443615/>

Os *media*, como exemplo, correspondem à transformação de tudo em informação imediata e universalmente disponível para um grupo cada vez mais vasto de pessoas. Assim, o sistema de difusão, comercialização, promoção e distribuição da arte deveria ser, naquela lógica, internacional.

Segundo Sérgio Marques dos Santos, Administrador da casa leiloeira portuense Marques dos Santos Leilões, em artigo para uma revista de arte: “A *visão da Arte como investimento não é novidade, está em voga desde o crescimento generalizado dos mercados financeiros, mas ganha particular interesse no contexto actual de redefinição do mercado e dos seus intervenientes.*”<sup>155</sup>

<sup>153</sup> Cf. THORNTON, Sarah, *Sete Dias no Mundo da Arte*, Lisboa, arcadia/babel, 2010, p.11.

<sup>154</sup> Clare McAndrew é irlandesa, Doutorada em Economia, investigadora e especialista em mercado de arte. Após oito anos a compilar o Relatório estatístico da Feira de Arte TEFAF, mudou-se, em 2016, para a Art Basel – sendo que o seu primeiro Relatório para esta feira será editado em 2017.

<sup>155</sup> Cf. SANTOS, Sérgio Marques dos, *O Valor da Arte*, in Revista L + arte, nº71 de Maio de 2010, p.14.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, e no mesmo artigo, quanto ao perfil dos compradores, este agente do mercado de arte considera que existem **três tipos de comportamento de compra**, que identifica como:

Um comportamento de compra baseado no **retorno de curto prazo**, que procura adquirir obras a um preço inferior ao valor de mercado, realizando imediatamente uma mais-valia teórica. Um comportamento de compra baseado no **retorno de médio prazo**, ou seja, aquele que procurará adquirir obras já em estado de valorização, ou com forte probabilidade de apreciação futura, como por exemplo obras de áreas de colecionismo emergentes ou de artistas em ascensão, sendo que, o valor de mercado a médio prazo é, obviamente, desconhecido, porque é estimado pelo comprador com base nas suas próprias expectativas de valorização das obras e o denominador comum é a qualidade das mesmas do seu ponto de vista pessoal. E, por último, o comportamento de compra baseado no **retorno de longo prazo**, ou seja, pelo menos uma geração, o qual é, em tudo, idêntico ao do médio prazo, só que com a variabilidade acrescida que acarreta um horizonte temporal mais alargado e, para serem bem sucedidos, dependem de uma boa capacidade de antecipar correctamente a evolução do mercado.

Concordamos ainda e plenamente, com a sua afirmação de que o retorno do investimento não é o único factor determinante na compra de uma obra de arte, nem será talvez o mais importante, existem vários outros, como o **emocional**, o **intelectual**, o **estético**, o **funcional**, entre tantos outros, que não são contabilizados no momento da venda.<sup>156</sup>

Um outro factor, acrescentamos, que não pode ser menosprezado, é o gosto geracional, que não é mais do que a cristalização e formalização de padrões estéticos e referências culturais relativas a cada geração, que pode ser comum a várias gerações e, deste modo, tornar-se dominante, como sofrer evoluções ao longo do tempo.

A arte, linguagem tendencialmente universal e intuitiva, pressupõe, acima de tudo, sensibilidade, não estando dependente do grau cultural de quem a observa.

Assim, compreendemos como existem grupos de objectos muito cotados no passado que, de repente, deixam quase de ter compradores, e para aferirmos desta realidade, basta consultar catálogos antigos de casas leiloeiras. Esta realidade foi-nos confirmada por Miguel Cabral de Moncada, na entrevista que nos concedeu. (ver Anexo IV).

Depois, existem outras variáveis, por exemplo, muitos dos artistas do *Impressionismo*, nunca conseguiram vender um quadro, e morreram na miséria, os mesmos quadros que aparecem nas notícias como atingindo valores elevados nas mais conceituadas casas leiloeiras mundiais, ou outro exemplo, os artistas vivos mais bem sucedidos e reconhecidos no mercado, actualmente, nem sempre são os que irão passar à História. Quantos artistas existiam, como exemplo, nas primeiras décadas do século passado, e quantos chegaram até hoje?

---

<sup>156</sup> *Idem*, pp.14-18.

É que, para além do gosto, subjectivo, existem outros critérios, como o *curriculum* do artista, onde expôs, em que colecções está, que grau de inovação e originalidade trouxe para a arte, o que o torna diferente, se criou rupturas, entre outros.

**Um artista obtém sucesso através de uma série de factores, entre eles o sucesso que obtém no mercado,** logo o reconhecimento e receptividade do público, surgindo desta forma o sucesso no meio cultural restrito em que se insere, bem como o consequente reconhecimento pelos seus pares.

O mercado de arte em Portugal, podemos considerá-lo, desenvolve-se mais a partir da década de 1980 e opera sobretudo em Lisboa e no Porto, assim como os principais eventos artísticos e culturais decorrem nestas duas cidades, com maior ascendente de Lisboa, onde ocorre a única feira de arte especializada no país. Naturalmente, é um mercado periférico e com muito pouca projecção internacional.

Contudo, em Novembro de 2008, a crise financeira global emergiu, com a declaração de bancarota do grupo americano Lehman Brothers<sup>157</sup>, e o mercado de arte, como expectável, sofreu o mesmo destino e ressentiu-se da crise financeira e económica. Em Portugal e um pouco por todo o mundo, os financiamentos privados foram reduzidos, numerosos projectos artísticos foram abandonados, as vendas de obras de arte diminuíram e o financiamento público para a cultura tornou-se quase nulo.

Segundo Pedro Simões, “*Quando analisamos os dados do mercado da arte, verificamos que, durante 2007, os valores atingiram máximos históricos que continuaram a aumentar durante o primeiro semestre de 2008, mas que a partir de meados de Setembro de 2008 e durante 2009 experimentaram uma queda nos valores e no volume de vendas.*”<sup>158</sup>

Os leilões constituem um marco de referência essencialmente económico sobre o estado do mercado de arte dado o seu carácter público, aberto e publicitado, servem de guia para aferir a cotação de um artista. Aliás, as cotações dos artistas variam entre os preços de galeria e os que atingem em leilão, e por vezes, é preciso reajustar os valores da cotação. Mas para que tal aconteça, é fundamental que a obra do artista circule no mercado de arte, que apareça, por exemplo, no caso específico de Amadeo, 90% da sua obra está em museu, portanto, é um artista que dificilmente se encontra no mercado.

Somos um país pequeno e periférico e a falta de cotação dos artistas portugueses, nomeadamente no estrangeiro, que se resume a meia dúzia de nomes, bem conhecidos - com cotações que atingem valores acima dos cem mil euros-, tem na sua génese, a pequenez do país.

---

<sup>157</sup> Contudo, referindo-se a esta circunstância em particular, a socióloga canadiana Sarah Thornton afirma: “*Mesmo durante a recessão, a arte tem valor de investimento. Quem pensaria que uma ilustração de Willem de Kooning fosse um activo mais seguro do que as acções do Lehman Brothers? No Outono de 2008, isto era um facto.*” Cf. THORNTON, Sarah, *op. cit.* p.16. Nossa nota: Willem de Kooning (1904-1997) foi um artista holandês que partiu, aos 21 anos para os E.U.A. e fez lá toda a sua carreira artística, falecendo em Nova Iorque, com 92 anos de idade.

<sup>158</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, 17.

Em 2009 João Pinharanda afirmava que a nossa história política, até 1974, não ajudou a esta situação, estivemos afastados do mundo cosmopolita, e o Estado não teve uma estratégia cultural e não financiou a Cultura. O mercado de arte português é pequeno, à escala do país, tal como a generalidade da economia portuguesa. Mas segundo este crítico de arte, o problema mais grave da Cultura portuguesa é a falta de público, e afirma que, na Rússia, por exemplo, as crianças todas as semanas são obrigadas, um dia a ir à Ópera, um dia ao Bailado, um dia ao Teatro, um dia a um Museu, etc, faz parte do seu *curriculum*.<sup>159</sup>

Essencialmente vocacionadas para a comercialização de arte antiga ou moderna, as casas leiloeiras têm vindo a assegurar a sua entrada na arte contemporânea nos últimos anos. Seria desejável que as instituições culturais em Portugal tivessem meios de adquirir, quando surgem em leilão, obras de arte de importantes artistas nacionais, para enriquecerem os seus acervos.

Os Antiquários e os colecionadores recebem, de uma maneira geral, os catálogos das mais importantes leiloeiras do mundo, como a *Christie's* e a *Sotheby's*, e, quando se apercebem de que irá a hasta pública uma peça portuguesa, seria interessante que tivessem os meios de as conseguir resgatar para o nosso país, assim como os museus, que, numa situação ideal, deveriam ter orçamentos para aquisições, bem como o próprio Estado.

O caso recente de uma pintura de Josefa de Ayala Figueira (1630-1684), – conhecida como Josefa d'Óbidos –, o quadro *A Sagrada Família com São João Baptista, Santa Isabel e Anjos*, pintado em 1678, que foi a leilão na *Sotheby's* de Nova Iorque em Janeiro de 2016, com uma base de licitação de 183 mil euros, é um desses exemplos.

Ainda em relação a esta pintura, no jornal *Público* de 27 de Janeiro de 2016, António Filipe Pimentel, actual Director do MNAA, assegurava que “(...) a aquisição da pintura é importante, mas não prioritária (...) numa situação ideal, o museu adquiria a tela, mas actualmente os meios de aquisição são diminutos (...). Seria excelente se o Estado, um museu ou um mecenas conseguissem a pintura no leilão, para vir para Portugal, e ficar numa colecção pública.”<sup>160</sup>

Na mesma entrevista, António Pimentel referiu-se ainda a Filipe Mendes, um emigrante português que reside em Paris e é proprietário de uma galeria de pintura antiga, que vai doar ao Museu do Louvre a tela de Josefa *Maria Madalena confortada pelos Anjos*, um óleo sobre cobre, de 1679, que adquiriu num leilão daquela casa leiloeira por 247 mil euros. Esta iniciativa coloca a pintura desta artista, e consequentemente, a pintura portuguesa, numa importante montra internacional da arte.

---

<sup>159</sup> Cf. PINHARANDA, João, *Cotação dos autores portugueses no Estrangeiro*, in Revista *Artes & Leilões*, nº16, Março de 2009, p.56. João Pinharanda é Historiador de Arte e Crítico de Arte.

<sup>160</sup> O que na verdade veio a acontecer, tendo esta obra de arte sido adquirida pelo Museu e Igreja da Misericórdia do Porto por 250 mil dólares (cerca de 228 mil euros). Fonte: jornal diário *Diário de Notícias online* de 29 de Janeiro de 2016.

Em Portugal, não obstante ser um país a debater-se com uma grave crise económica, têm surgido, nos últimos anos, iniciativas ligadas às artes com muito interesse, que provam que existe espaço para a arte no nosso país. É o caso, entre muitos outros, do *Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco*<sup>161</sup>, propriedade da Câmara Municipal, inaugurado em 2013. Em pleno interior do país, esta instituição inaugurou com uma exposição intitulada *Pintura Modernista na Colecção Millennium BCP*, constituída por parte das obras de pintura moderna da colecção de arte do Millennium BCP, uma das maiores e mais valiosas colecções privadas de Portugal, cujos autores iniciaram as suas carreiras nas primeiras três décadas do século XX.

Alexandre Melo, na sua obra *O que é Arte*, interroga-se sobre qual é o lugar da arte no conjunto da vida social e quais são os agentes e as relações que dão conteúdo ao mundo da arte, quais os mecanismos que regulam a produção, a circulação e a recepção das obras de arte. Para melhor definir e apresentar o sistema de arte contemporânea, Alexandre Melo distinguiu três dimensões: **económica, simbólica e política**. Diz-nos ainda que *é a manifestação interligada destas diferentes dimensões que constitui o sistema*.<sup>162</sup>

Continuando o seu raciocínio, a **dimensão económica** é aquela em que a obra de arte surge como uma mercadoria, objecto de um processo económico de produção, circulação e valorização comparável ao processo económico de qualquer outro produto.

Este autor pergunta-se: **porque se vendem obras de arte?** Em termos muito simples responde que, se existe um mercado para as obras de arte, é **porque há quem as queira comprar**.<sup>163</sup>

Quanto à **dimensão simbólica**, para Alexandre Melo, ela acontece quando as obras de arte se transformam em objecto de um discurso cultural, da sensibilidade e dos gostos pessoais. Refere o **elemento prazer emocional ou intelectual** que a maior parte dos coleccionadores aponta como principal motivação.<sup>164</sup>

E também, por consequência, o **prestígio social**, que surge como motivação para a aquisição de obras de arte, na medida em que estas se tornam susceptíveis de servir de suporte a um processo de diferenciação social de luxo.

Quanto à **dimensão política**, este autor considera que a legitimação social global que a sua dimensão simbólica traz ao sistema de arte contemporânea faz com que a sua existência seja reconhecida pelas instituições públicas, dando, assim, lugar a uma dimensão política, que se articula com as duas anteriores dimensões.<sup>165</sup>

Como qualquer outro mercado, no mercado de arte existem os seus **agentes**.

---

<sup>161</sup> Disponível em <http://www.cm-castelobranco.pt/ccccb>., consultado a 26 de Abril de 2016.

<sup>162</sup> Cf. Alexandre Melo, *op. cit.*, p.30.

<sup>163</sup> *Idem*, p.31.

<sup>164</sup> *Idem*, p.39.

<sup>165</sup> *Idem*, p.43.

À partida, e no limite, o mais importante deles é, sem dúvida, na nossa opinião, **o artista**, o protagonista do mundo artístico.

Os artistas, enquanto produtores de arte, “alimentam” o mercado com as suas obras que, uma vez produzidas – caso não deixem de existir – estarão sempre, teoricamente, inseridas no circuito do mercado. Mesmo que uma obra de arte fique na posse de uma mesma família durante, como exemplo, três gerações, poderá existir um elemento da quarta geração que a queira vender, ou trocar, ou oferecer.

Segundo o Economista e investigador suíço Bruno Frey (n.1941), convém distinguir entre os artistas que produzem obras que pretendem vender no mercado de arte, ou aqueles cujo próprio mercado define como produtores de obra artística. Para este investigador, distinguir quem é, verdadeiramente, artista, não é tão fácil como parece. Para as sociedades da Idade Média e do Renascimento era fácil: era artista quem era membro dos grémios de artistas, nas sociedades actuais, este estudioso afirma que qualquer pessoa se pode proclamar um artista, se quiser.<sup>166</sup>

Em relação à importância das casas leiloeiras, na óptica de um artista, para Alexandre Melo “ *É a entrada no circuito dos leilões que decide e representa a chegada de um artista contemporâneo ao escalão mais elevado da consagração social e valorização económica. É o comportamento dos preços de um artista nos leilões que decide a continuidade da sua ascensão* ”.<sup>167</sup>

O outro agente é, portanto, **o vendedor**. Nesta categoria podemos distinguir três grupos: **as casas leiloeiras, os comerciantes e os galeristas**.

Para o autor referido, os **leilões** são o indicador mais importante e mais visível da situação económica global no mercado de arte e as indicações que deles resultam, constituem uma informação preciosa mesmo quando não são maioritariamente nomes de artistas contemporâneos que neles aparecem.<sup>168</sup>

O mercado leiloeiro está a mudar, e, com ele, todo o mercado de objectos de arte. Através da nova indústria multimédia, cujo mercado global impõe a **opção online**, o exemplo paradigmático, no que concerne ao mercado de arte é exactamente a venda de objectos de arte através da *Internet*. Basta para tal enviar uma imagem digitalizada para colocação automática no catálogo, que serve de pré-exposição, e na qual é possível licitar directamente durante o período de uma semana, sendo a peça adquirida pela oferta mais elevada durante o período de licitação. No limite, esta opção poderá vir a ser considerada igualmente pelas Galerias, ou mesmo pelo próprio artista, bastando para tal criar um *site* em seu nome. No nosso país já existe esta funcionalidade, não só através das próprias casas leiloeiras, como através de plataformas de venda *online* de inúmeros artigos – que se podem licitar, em tempo real, em qualquer parte do mundo -, entre eles,

---

<sup>166</sup> vide FREY, Bruno, *Art: The Economic Point of View*, in Cultural Economics and Cultural Policy, Dordrecht, Springer Netherlands, 1994.

<sup>167</sup> Cf. MELO, Alexandre, *op. cit.*, p.60.

<sup>168</sup> *Idem*, p.61.

obras de arte, o que até há relativamente pouco tempo estava cingido a um círculo “privado”.

Aliás, hoje em dia já existem **artistas que “expõem” e vendem os seus próprios trabalhos online**. Esta é uma realidade recente, mas que tenderá a generalizar-se num futuro próximo.

Os **comerciantes**, actuam como um **mercado secundário**, ou seja, regra geral, não têm contacto com o artista e as obras que possuem para venda, foram adquiridas por eles próprios em leilões, a galeristas ou a colecionadores, e que visam vender a outros.

Quanto aos **galeristas** têm uma dupla importância. Económica, na medida em que vendem as obras do artista, e socio-cultural, na medida em que mostram e promovem essas mesmas obras e mantêm, regra geral – e desejável –, uma relação muito estreita com os artistas que representam.

Em relação aos **compradores**, podem ser privados ou institucionais, e depois temos o caso específico dos **coleccionadores**.

Para a investigadora Raquel Henriques da Silva, foi Azeredo Perdigão (1896-1993), através de Sommer Ribeiro (1924-2006), que, através da compra de parte da Colecção de Jorge de Brito (1927-2006) para o CAM-JAP, criou o mercado de arte do século XX em Portugal, comprando em quantidade, perseguindo a qualidade, como o gesto simbólico da entrada na idade adulta do mercado de arte contemporânea em Portugal.<sup>169</sup>

Esta investigadora não tem dúvidas quanto ao papel fundamental dos grandes colecionadores para o mercado da arte quando afirma que a acção do colecionador Jorge de Brito em prol da arte portuguesa faz parte da nossa história recente.<sup>170</sup>

Para um coleccionador, aliado à sua paixão, a concorrência pela posse exclusiva de bens raros é uma realidade.

A colecção que Jorge de Brito constituiu ao longo da sua vida é, aliás, um objecto de estudo incontornável para a História de Arte portuguesa mais recente e é, muito provavelmente, a colecção privada portuguesa mais importante da segunda metade do século XX. É na pintura que esta colecção se revela de forma mais programática contendo núcleos de pintura barroca, pintura naturalista, pintura moderna e pintura internacional.

É de referir a circunstância, que esperamos, tenha tendência a terminar, de que, como afirma o crítico e historiador de arte Bernardo Pinto de Almeida (n.1954) “ (...) *no pequeno mundo da arte portuguesa são quase inexistentes os estudos de fôlego*

---

<sup>169</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, in *A Herança de Jorge de Brito*, in revista *L + arte* n°29, de Outubro de 2006, p.20,

<sup>170</sup> *Idem*, p.21.

*dedicados ao colecionismo, ao mercado e, mais em geral, àquilo que poderíamos chamar as condições materiais da circulação e da recepção dos objectos artísticos”.*<sup>171</sup>

São outros agentes do mercado de arte os **críticos de arte**, que podem manifestar-se através de textos divulgados em publicações, especializadas ou não, quer como organizadores de exposições ou outros eventos no mundo da arte. Aqui concordamos com Alexandre Melo quando afirma que o crítico surgiria entre o jornalista cultural especializado e o ensaísta, sendo que estas fronteiras são tanto mais fluídas quanto frequentemente um mesmo indivíduo ocupa, em diversas situações e com diferentes tipos de escrita, estas diferentes posições.<sup>172</sup>

Aliás, no mercado de arte os papéis estão bem definidos para alguns dos seus protagonistas. De uma maneira geral, o artista cria, o galerista agiliza, o leiloeiro vende, o colecionador ou o comerciante compra, e o crítico comenta e legitima.

Acrescentamos que, no presente, já não existem publicações especializadas em arte em Portugal, quanto muito, podemos ter acesso a uma “notícia” num jornal ou um artigo numa revista não especializada. E quanto à figura do crítico de arte em Portugal actualmente, resume-se a um grupo muito restrito.

Na geração do crítico Rui-Mário Gonçalves (1934-2014), existiram nomes como o artista e crítico Fernando de Azevedo (1923-2002) – presente no nosso *corpus* -, o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) e o Professor José-Augusto França (n.1922). O primeiro, junto com o Professor José-Augusto França, organizaram o Primeiro Congresso dos Críticos de Arte Portugueses, da secção portuguesa da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte)<sup>173</sup>, em 1967. Esta associação desempenha um papel fundamental no reconhecimento da actividade da crítica de arte no nosso país.

Alexandre Melo aponta ainda um outro agente do mercado de arte: o **investigador**. Na medida em que opera a primeira triagem no que diz respeito ao que vai ficar na História, acrescentando, no entanto, que esta, como se sabe, é corrigível e alterável em qualquer altura.

Extremamente importante para o mercado de arte, e para a arte em geral, é o **mecenato**, ou seja, o apoio financeiro à actividade artística, por parte do Estado, de instituições, ou de particulares.

Em Portugal, por diversas razões, que se prendem, logo à partida, pela nossa dimensão, este aspecto é muito pobre.

---

<sup>171</sup> vide Prefácio da obra de Manuela Hargreaves, *Coleccionismo e Mercado de Arte em Portugal, o território e o mapa*, Lisboa, Edições Afrontamento, 2013, p.12.

<sup>172</sup> *Idem*, p.85.

<sup>173</sup> A AICA, sediada em Paris, foi criada em 1948.



No boletim trimestral da DGArtes<sup>174</sup> de 2014, o mais recente e disponível *online*,<sup>175</sup> na sua edição referente ao segundo trimestre, ficamos a saber que as artes plásticas têm um orçamento muito reduzido em relação a apoios concedidos, por exemplo, ao Teatro, à Dança e à Música, e constatamos, sem grande surpresa, que a região de Lisboa e Vale do Tejo é aquela que teve mais entidades apoiadas pelo Estado, porque é aquela que tem maior concentração de instituições ligadas às artes.

Num quadro de orçamentos tão reduzido, acreditamos que as escolhas devam constituir um exercício delicado.

No entanto, concordamos com Alexandre Melo quando nos diz que nenhum projecto de ambição dispensa, hoje em dia, o recurso ao mecenato.<sup>176</sup>

Frequentemente este tipo de políticas tem uma componente de valorização cultural das regiões, da sua promoção e atracção turística e valorização do seu património. Este processo também está ligado à criação de centros regionais de arte e à constituição de novos museus e colecções regionais.

Em Portugal, o mecenato, enquanto apoio filantrópico ao financiamento e investimento na produção de arte, vigora, e tem o seu estatuto aprovado por Lei<sup>177</sup>. Os mecenas, institucionais ou privados, recebem incentivos fiscais de maneira a promover os donativos.<sup>178</sup>

Outra questão, incontornável, é a das **obras classificadas**. Na Lei que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, existe uma figura que dá pelo nome de **Classificação**, *i.e.*, determinar que certo bem possui um inestimável valor cultural. O objectivo desta Lei é claro: **garantir que os bens culturais de elevado valor se mantenham no país e que se tornem, assim, acessíveis à fruição de todos**. Assim, para o bem em causa, o Estado passa a ter o direito de preferência, em caso de venda. O problema, no entanto, é a questão do financiamento, se não existir, por parte do Estado, uma política de aquisição de obras para as colecções públicas, na maior parte dos casos, a Lei não se aplica.

A importância das políticas culturais no mercado de arte português, de reduzida dimensão, é muito importante. Seria interessante existir uma política cultural sustentada, através de meios de actuação, que produzissem efeitos para o desenvolvimento da produção artística nacional.

---

<sup>174</sup> Este serviço da Administração Central do Estado tem por missão executar as políticas de apoio às artes no nosso país.

<sup>175</sup> Em [http://www.dgartes.pt/documentacao/boletimtrimestral\\_04.pdf](http://www.dgartes.pt/documentacao/boletimtrimestral_04.pdf) consultado a 6 de Junho de 2016.

<sup>176</sup> Cf. MELO, Alexandre, *op. cit.*, p.113.

<sup>177</sup> Através do Decreto-lei n.º 74/99, de 16 de Março, em que ficou estabelecido, e aprovado, o Estatuto do Mecenato.

<sup>178</sup> Estabelecidos através da publicação da Lei n.º 8/2012, de 18 de Janeiro, que estabelece o regime jurídico de incentivos fiscais e apoios do Estado, no âmbito do mecenato.

Ligada à questão do mecenato está a questão dos **preços**, que, no limite, constitui a dinâmica do mercado de arte. E existe um vasto leque de variações de preços dos trabalhos dos artistas, um leque que, para Alexandre Melo, *vai de zero a infinito*.<sup>179</sup>

Mas esta realidade pode ser flutuante, um artista que durante dez anos não vendeu nada, ou quase nada, de repente, mesmo que não mude o seu estilo artístico, por alguma razão, que só o mercado conhece, começa a vender muito. No mercado de arte temos, e sempre tivemos, artistas que lutaram uma vida inteira por uma oportunidade, muitos dos quais só foram consagrados depois da sua morte – realidade muito comum para os grandes artistas que morreram precocemente -, e artistas que se tornam “estrelas” desde o início da sua carreira, sendo esta uma realidade mais rara.

Aqui poderíamos explorar toda a sorte de razões, como o gosto, a temporalidade – os artistas modernos e de vanguarda tiveram de lutar contra o *status quo* vigente -, a crítica, os géneros decorativos, é, por exemplo, sabido, que as pinturas a óleo valem sempre mais e obtêm um sucesso mais elevado em leilão do que uma aguarela ou um guache, que, por norma, obtêm menos sucesso, e aqui não está propriamente em causa a qualidade do artista, mas sim, o suporte utilizado.

Ainda em relação à discussão quanto ao gosto, tanto a beleza como o valor estético dependem, no limite, do gosto do observador, mas o Homem é um animal social e tende a reunir-se em consensos, consciente ou inconscientemente.

Qualquer valor de mercado resulta, também, de uma construção social. A ideia da qualidade de um objecto, enquanto determinante do seu valor, depende de um conjunto significativo de factores sociais, que atribuem valor à obra, e orientam as acções dos vários agentes do mercado. As relações sociais ajudam ao contacto com o artista, e os consumidores, permitindo assim formar-se uma opinião acerca do artista e do objecto criado por si. De qualquer das maneiras, o valor de determinado objecto é muito difícil de determinar com clareza, devido à natureza de valores em jogo.

Esclarecedor destas dinâmicas é um depoimento de Anísio Franco: *”Em relação à aceitação dos artistas (...) José Malhoa, naturalista, teve uma vida desafogada (...) e foi um artista que fez fortuna com o seu trabalho, coisa rara em Portugal, porque os portugueses estavam agarrados a um falso conceito de ancestral ruralismo, enquanto que Columbano, com as suas pinturas (...) não conseguiu a aceitação geral, representava a urbanidade e denunciava os vícios reais, foi portanto de difícil aceitação para a burguesia da altura (...).”*<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> Cf. MELO, Alexandre, *op. cit.*, p.144.

<sup>180</sup> Cf. FRANCO, Anísio, *Investir em arte*, in Revista L + arte nº20 de Janeiro de 2006, p.61. Anísio Franco é licenciado em História da Arte e Conservador do MNAA (coleções de escultura e vidros).

No limite, o que torna um artista bem cotado no mercado de arte é, para Alexandre Melo, a conjugação de três factores: **o factor comercial**, através da cotação, **o factor público**, através da notoriedade, e **o factor cultural**, através do prestígio.<sup>181</sup>

Todos nós, amantes da arte, gostamos de pensar, numa imagem, no mínimo, romântica, que a arte é sempre um investimento altamente vantajoso e acessível a todos.

No entanto, adquirir obras de arte como um negócio é uma prática complexa e deve resultar de um investimento consciente e sistematizado. Por alguma razão os importantes coleccionadores apoiam-se, por norma, na opinião de pessoas muito especializadas na matéria. Para além disso, existem publicações de referência, guias, índices, listagens e outras ferramentas para quem se movimenta no negócio da arte, sendo que estas, normalmente, dizem respeito à pintura.

Apesar de ser um mercado dinâmico, e que pode variar com o tempo, podemos afirmar que o mundo da arte é o conjunto de todos os seus agentes, o que implica, num quadro alargado, para além dos leiloeiros, comerciantes, galeristas, antiquários, coleccionadores, historiadores e críticos de arte, os técnicos de museus, os directores de fundações, os mecenas, os peritos e, é claro, os artistas, todos eles, dada a sua experiência, formação académica e reconhecimento profissional, têm a sua opinião e têm uma importância decisiva nos valores alcançados pelas obras de arte no mercado. Este mesmo mundo da arte, segundo Vítor Serrão, encontra-se “(...) *sempre em mutação com as suas teorizações críticas, a sua capacidade de interrogar sentidos e a sua metodologia de análise das obras artísticas.*”<sup>182</sup>

Existe, nas últimas décadas, por todo o mundo, uma indústria da cultura, criativa, empreendedora, e fonte de inovação e competitividade, numa época de mudanças constantes.

De todas as maneiras o mercado de arte é, de uma maneira geral, uma realidade minoritária e elitista, e talvez esta seja uma das razões pela qual tem sido pouco estudada.

Outra das razões é, sem dúvida, na nossa opinião, a falta de dados concretos que sirvam de base a estudos destas matérias. Através de contacto efectuado telefonicamente para o INE<sup>183</sup>, a 28 de Janeiro de 2016, fui informada de que não existem dados específicos para o mercado de arte em Portugal, e de que, inclusivamente, a este não lhe foi atribuído um CAE<sup>184</sup> específico, o que o torna inviável para efeitos estatísticos oficiais. Na prática, em termos de actividades culturais, através dos estudos do INE, podemos obter informações precisas e periódicas, sobre, a título de exemplo, quantas pessoas visitaram determinado museu, foram ao cinema, ou visitaram exposições, mas não em

---

<sup>181</sup> *Idem*, p.153.

<sup>182</sup> CF. SERRÃO Vítor, p.167.

<sup>183</sup> Para o seguinte número de telefone: 21 842 61 00.

<sup>184</sup> Sendo que o CAE (Classificação das Actividades Económicas Portuguesas por Ramos de Actividade), elaborado pelo INE, estabelece um quadro destas actividades, harmonizado com a nomenclatura estatística.

termos quantitativos, por exemplo, quanto foi transacionado no mercado de arte, primário, ou secundário. E, atente-se ao facto de que nem todas as casas leiloeiras têm a sua facturação disponível nos respectivos *sites*, a maioria, aliás, não tem.

Numa tentativa de contornar a falta de dados estatísticos, oficiais, sobre o mercado de arte em Portugal, visto que o INE, como verificámos, não possui dados concretos, contactei diversas empresas, que operam em Portugal, especializadas em estudos de mercado, no sentido de perceber se são encomendados, ou não, no nosso país, estudos sobre esta matéria específica. Contactei, telefonicamente, no dia 17 de Fevereiro de 2016, as seguintes empresas de estudos de mercado: **DECO Proteste, Defesa do Consumidor**,<sup>185</sup> **Grupo Marktest, Estudos de Mercado**,<sup>186</sup> **Nielsen Portugal**,<sup>187</sup> **Pitagórica, Investigação e Estudos de Mercado, S.A.**<sup>188</sup> e **Eurosondagem, Estudos de Opinião, S.A.**<sup>189</sup> Em todas estas cinco empresas a resposta foi igual: **nunca lhes foram encomendados quaisquer estudos sobre mercado de arte em Portugal.**

Desta maneira torna-se, de facto, um caminho muito árduo tentar perceber, ao certo, como funciona este sector em Portugal. Por esta razão louvamos a iniciativa da plataforma virtual VArt<sup>190</sup>, inédita no nosso país, e uma ferramenta muito útil, que disponibiliza uma base de dados *online* com resultados de vendas em leilão, para os períodos moderno e contemporâneo. Esta plataforma torna acessível a todos, não só a especialistas, uma apreciação do valor das obras que se apresentam no mercado. Este projecto, iniciado em 2007, conta com o apoio de algumas das principais casas leiloeiras do país, incluindo a CML, nosso caso de estudo.

Já para aferirmos do mercado de arte internacional existem mais dados, não só em diversos *sites* da especialidade, como na imprensa escrita. Através de um artigo na Revista *Capital Arte* de Maio de 2015<sup>191</sup>, apercebemo-nos de que a TEFAF, organizadora da Feira de Maastricht, na Holanda, uma das mais prestigiadas internacionalmente, encomendou um estudo sobre a situação actual do mercado artístico. Este estudo, realizado por Clare McAndrew, já mencionada anteriormente, cujos relatórios são sempre muito aguardados no meio, pelos seus dados estatísticos importantes, chegou a conclusões muito positivas: em 2014 as vendas globais têm resultados de 51 mil milhões de euros, superando largamente os 48 mil milhões de euros alcançados em 2007, o momento anterior à crise. Para esta economista, para tal está a

---

<sup>185</sup> Disponível em <http://www.deco.proteste.pt/>, consultado a 14 de Fevereiro de 2016. Foi contactado o seguinte número de telefone: 21 371 02 00.

<sup>186</sup> Disponível em <http://www.marktest.com/>, consultado a 14 de Fevereiro de 2016. Foi contactado o seguinte número de telefone: 21 347 08 66.

<sup>187</sup> Disponível em <http://www.nielsen.com/>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016. Foi contactado o seguinte número de telefone: 21 781 12 00.

<sup>188</sup> Disponível em <http://www.pitagorica.pt/>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016. Foi contactado o seguinte número de telefone: 21 002 77 00.

<sup>189</sup> Disponível em <http://www.eurosondagem.pt/>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016. Foi contactado o seguinte número de telefone: 21 324 35 40.

<sup>190</sup> Disponível em <http://www.vart.pt/>, consultado a 9 de Junho de 2016.

<sup>191</sup> Cf. SIGUENZA, *El Estado del Arte*, in Revista Capital ARTE, Madrid, Año 1, nº2, Maio de 2015, pp.27-29.

contribuir a tendência para a democratização do mercado, graças à celebração de leilões que dão saída a um importante volume de peças com preços inferiores. Os EUA tornaram-se a primeira potência no mercado, seguindo-se a China e o Reino Unido. Nova Iorque e Londres mantêm-se como os dois maiores centros internacionais de arte e Paris mantém-se no primeiro lugar de vendas do continente europeu.

Sem dúvida que podemos afirmar que os moldes do mercado de arte se alteraram em grande medida com a transição para o século XX e, posteriormente, para o século XXI. Lidamos presentemente com um mercado cada vez mais aberto, mais globalizado, mais transparente, logo, mais democratizado.

No início do século XXI surgiram mudanças a vários níveis no mercado da arte, com a criação de novas colecções de arte privadas, pela maior escolaridade, nomeadamente superior, da população, logo um público mais conhecedor, interessado e sofisticado nestas matérias, e por um novo comportamento das elites na definição do seu estatuto em matéria da arte que possuem que será, tendencialmente, arte contemporânea.

Temos vindo igualmente a assistir ao surgimento de novas galerias e casas leiloeiras com novos conceitos de negócio, nomeadamente no que diz respeito ao *online*, à crescente internacionalização e à adaptação ao sector da arte contemporânea.

Peggy Guggenheim<sup>192</sup> costumava dizer que era sua obrigação proteger a arte do seu tempo, e dedicou metade da sua vida a esta missão.

Para o conceito de arte contemporânea, pensando nela como sendo a arte do “nosso tempo”, do presente, é um mundo que privilegia a singularidade, a originalidade, a espontaneidade, a imaginação e a inspiração, que não se coíbe de passar para as suas obras emoções e paixões, algo a que, com efeito, as gerações anteriores não tiveram acesso, produzindo deste modo obras mais academizantes e regidas por cânones definidos à partida.

Desta maneira, a arte contemporânea apresenta características de novidade que saem das referências de avaliação da arte mais clássica, por exemplo o domínio das técnicas pelo artista já não é preponderante para o valor da obra, mas sim características como a sua singularidade, embora dentro de alguns limites. A obra terá de ser aceite e integrada no mundo da arte contemporânea, e é este o papel fundamental desempenhado pelos diversos agentes do mercado de arte, que se encontram entre a produção e a recepção da obra, e será necessária uma articulação entre estes mesmos agentes, em torno da obra, que a classificam como arte e que irão permitir que o artista adquira estatuto de mercado.

---

<sup>192</sup>Marguerite (Peggy) Guggenheim (1898-1979) foi uma importante colecionadora e mecenas norte-americana que desempenhou um papel fundamental como mentora do desenvolvimento da arte moderna. A sua colecção pode ser apreciada no *Palazzo Venier dei Leoni*, em Veneza, Itália. A Fundação Solomon R. Guggenheim (seu tio) gere cinco museus (Nova Iorque, Bilbao, Berlim, Las Vegas e Veneza), os quais, em conjunto, representam uma das mais importantes colecções mundiais de arte moderna.

O valor da obra é, assim, uma convenção que é estabelecida em grande parte pela reputação do artista, que, quanto mais elevada fôr, mais elevado será o valor atribuído aos seus trabalhos.

Concluindo, o mercado de arte em Portugal formou-se tardiamente, em comparação com outros países ocidentais, mas, uma vez estabelecido, tem vindo a funcionar, apesar da sua escala reduzida, à escala do próprio país.

Para além disso, como refere Pedro David Simões “(...) *há resistentes neste mercado, que têm subsistido e encontrado novas formas para o renovar.*”<sup>193</sup> Entre eles está, claramente, na nossa opinião, o nosso caso de estudo, a Cabral Moncada Leilões.

## **2.2 – Galerias de Arte, Antiquários e Leiloeiras de Arte**

As galerias de arte, os antiquários e as casas leiloeiras de arte desempenham um papel fundamental, e, de forma geral, complementam-se, no funcionamento geral da dinâmica do mercado de arte nacional. No entanto, pese embora sejam mercados paralelos, são, por natureza e função, distintos.

### **Galerias de Arte**

As galerias de arte, considerando o mercado primário em que se inserem, sobressaem pelo seu papel, fundamental, de encontrar novos talentos artísticos, e como tal, encontram-se na linha da frente do mercado. As galerias são as primeiras a apresentar a obra do artista depois de ele a ter executado, a obra sai directamente do *atelier* para a galeria.

Ao contrário das casas leiloeiras, que, na maior parte dos casos, não lidam com o artista mas somente com a sua criação<sup>194</sup>, as galerias de arte desenvolvem uma relação, regra geral, muito estreita com o criador de obras de arte. Porque o seu trabalho, para além da venda, passa pela realização de exposições, promoção, divulgação nas feiras, bienais, etc. Existem galerias de arte de tal maneira influentes no mundo, que são capazes de fazer subir os preços de um artista no mercado de arte em cinquenta por cento quando o começam a representar.

Sobre esta questão, Rui Brito, da Galeria 111, afirmava em entrevista, em 2009: “*Os galeristas podem contribuir muito com a sua experiência para ajudar o artista a*

---

<sup>193</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.76.

<sup>194</sup> Numa tentativa de não invadir a área dos negociantes de arte do mercado primário, as casas leiloeiras cumprem, na maioria dos casos, uma regra, não escrita, de tentar não vender arte que tenha sido produzida há menos de cinco anos.

*crescer enquanto artista e eles podem ajudar-nos a construir a nossa imagem. O espírito de entreajuda é fundamental e na 111 ela tem existido.”*<sup>195</sup>

Na sua obra *Sete dias no Mundo da Arte* Sarah Thornton, numa caricatura desta mesma situação e citando um membro da equipa da *Christie's* de Londres diz: “*Não lidamos com artistas, apenas com a obra, e isso também é bom. Tenho passado muito tempo com artistas e são uns verdadeiros chatos.*”<sup>196</sup>

O título desta obra reporta-nos para outra realidade muito interessante, a autora fala-nos do “mundo da arte”, e, de facto, existe uma distinção entre o mundo da arte e o “mercado de arte”, sendo que o primeiro é, por definição, muito mais alargado do que o segundo, porque engloba figuras que, em princípio, não estão tão directamente envolvidas com a questão das transacções monetárias, como é o caso, como exemplo, dos investigadores e historiadores de arte e os responsáveis por museus.

Em Portugal, existe a APGA<sup>197</sup>, criada em 1989, que agrupa galerias cuja actividade esteja orientada para a divulgação e a promoção, nomeadamente, de arte contemporânea.

Numa época em que o mercado de arte moderna era praticamente nulo no nosso país, a **Galeria de Março**, em Lisboa, inaugurada em 1952, e a **Galeria Alvarez**, inaugurada em 1954, no Porto, foram as únicas que promoveram a defesa da modernidade em Portugal.

Sem dúvida, no nosso país, a galeria de arte mais conhecida do grande público é a **Galeria 111**, em Lisboa<sup>198</sup>. Fundada em 1964 por Manuel de Brito (1928-2005), é actualmente dirigida pelo seu filho mais novo, Rui Brito, e é a única galeria com actividade ininterrupta desde a década de 1960. Manuel de Brito fez as primeiras exposições de artistas como Júlio Pomar (n.1926), Paula Rego (n.1935), António Palolo (1946-2000) e António Sena (n.1941) – presentes no nosso *corpus*. A colecção Manuel de Brito, hoje constituída em fundação, é uma colecção abrangente de arte portuguesa dos últimos sessenta anos, para além de ter um núcleo de arte internacional de cerca de trinta peças.

Esta galeria é a mais prestigiada e a mais antiga das galerias no panorama da arte portuguesa contemporânea, é uma referência no que se refere à revelação e à promoção de gerações sucessivas de artistas plásticos. A **Galeria Quadrante**, de Artur Rosa, a **Galeria Diário de Notícias**, a **Galeria São Mamede**, a **Galeria Cómicos** do galerista e curador Luís Serpa – falecido em 2015 -, (1984), e a **Galeria Nasoni**, de António Cabecinha, (1985), situada no Porto, e que, mais tarde, em 1989 abriu a sua filial na capital. Estas duas últimas tiveram uma importante acção para a arte nos finais dos anos

<sup>195</sup> Cf. JURGENS, Sandra Vieira, *Um homem tranquilo, entrevista a Rui Brito da Galeria 111*, in *Revista Artes & Leilões*, nº1, Março 2009, p.44. Sandra Vieira Jurgens (n.1969) é Historiadora de Arte, crítica de arte e editora.

<sup>196</sup> Cf. THORNTON, *op. cit.*, p.27.

<sup>197</sup> Disponível em <http://www.apga.pt/>, consultado a 29 de Outubro de 2015.

<sup>198</sup> Disponível em <http://www.111.pt/>, consultado a 2 de Abril de 2016.

oitenta, princípio dos anos noventa, tornando-se, pela sua inovação e vanguarda, uma referência no mercado de arte no nosso país.

Criada, num projecto de vanguarda, pela pintora, colecionadora e mecenas da arte, Dulce d'Agro (1915-2011), a **Galeria Quadrum**, entretanto desactivada, devido a dificuldades económicas, segundo a sua direcção, em 1995<sup>199</sup>, reunia um vasto conjunto de artistas como Costa Pinheiro, Noronha da Costa, Paula Rego, António Sena ou Fernando de Azevedo.<sup>200</sup>

Estas novas galerias, segundo o crítico Bernardo Pinto de Almeida, “vão ter um papel decisivo na divulgação, junto do público, das actividades artísticas de vanguarda em Portugal, ao mesmo tempo que esboçam os fundamentos de um mercado de arte finalmente tornado possível por uma nova conjuntura de gosto e de afirmação crítica abertamente modernizante”.<sup>201</sup>

Em Lisboa, neste momento, existem diversas galerias de arte. Para além das pioneiras, da década de 1960, **111** e **São Mamede**, existem diversos espaços, nomeadamente os que se ligam em exclusivo à produção artística contemporânea e apostam, claramente, numa internacionalização e na presença nas feiras de arte mais prestigiadas, visando pôr Portugal na rota da arte contemporânea mundial, como os espaços das galeristas **Cristina Guerra** (2001)<sup>202</sup> e **Filomena Soares** (2000)<sup>203</sup> que assumem que a sua principal missão é a internacionalização dos artistas que representam, em particular os portugueses<sup>204</sup>, entre outros.

O futuro, em termos das galerias de arte, passa também pelo *online*, acompanhando a tendência um pouco por todo o mundo. Em Portugal já existem iniciativas de galerias de arte exclusivamente *online*, nomeadamente para as obras de jovens artistas ainda desconhecidos do grande público. Um projecto, entretanto terminado, em 2009 foi criada no nosso país a primeira galeria exclusivamente *online*, a *Arte Portugal*, lançada pelo galerista Pedro Lopes Vieira (ligado à galeria de fotografia Pente 10 criada em 2008, projecto que só existiu durante cinco anos porque os colecionadores não são em grande número e não existe mercado de fotografia no nosso país), “abriu” com obras de arte contemporânea de quinze novos artistas, os chamados artistas emergentes.

Existe ainda a *Underdogs Gallery*, criada em 2010, que, no seu *site*<sup>205</sup>, totalmente apresentado em inglês – uma tendência cada vez mais comum no mundo das artes –, se afirma como “(...) a cultural platform based in Lisbon, Portugal, that aims at creating

---

<sup>199</sup> Instalada no Palácio dos Coruchéus, e funcionando com várias valências desde a sua exposição inaugural, em 1973, este espaço pertence à C.M.L. e reabriu, com direcção da EGEAC, empresa responsável pela gestão de diversos espaços culturais da capital.

<sup>200</sup> Cf. MELO, Alexandre, *Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às galerias e uma carreira de artista*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, 1992, p.41.

<sup>201</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Pintura Portuguesa no Século XX*, op.cit., p.128.

<sup>202</sup> Disponível em <http://www.cristinaguerra.com/>, consultado a 2 de Abril de 2016.

<sup>203</sup> Disponível em <http://www.gfilomenasoares.com/>, consultado a 2 de Abril de 2016.

<sup>204</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, op. cit., p.117.

<sup>205</sup> Disponível em <http://www.under-dogs.net>, consultado a 11 de Maio de 2016.



*space within the contemporary art scene for artists connected with the new languages of urban-inspired graphic and visual culture, fostering the establishment of partnerships and collaborative efforts between creators, cultural agents, exhibition venues and the city, contributing to establish a close relationship between these and the public”.*<sup>206</sup>

Esta galeria, que se dedica, em grande parte à arte urbana, representa vários novos artistas, mas também artistas já consagrados como Alexandre Farto (n. 1987), mais conhecido por Vhils (cuja obra gráfica já aparece com alguma frequência para leilão na CML com cotações de alguma importância).

Segundo a base de dados *PORDATA*, no ano civil de 2015 (dados mais recentes), existiam, em Portugal, 10% de galerias de arte para um rácio de cem mil habitantes.<sup>207</sup>

## Antiquários

O mercado secundário, onde se situa a linha de actuação dos antiquários, constitui outra componente do mercado de arte, onde é realizada uma quantidade maior de transacções do que no mercado primário. Neste, os antiquários tendem a especializar-se num sector artístico em particular, por exemplo o antiquário lisboeta Ricardo Hogan, é especializado em arte sacra do século XVI ao século XIX,<sup>208</sup> e são, de forma geral, proprietários das peças que comercializam.

Para além disso, prestam um serviço, muitas vezes menosprezado e desvalorizado, de conservação e restauro das peças, para além do seu não menos importante papel de recuperação de património.

Os antiquários encontram património perdido, identificam-no, restauram-no e devolvem-no ao conhecimento geral, esta, para MCM é uma realidade importante que acaba por ser menosprezada e pouco valorizada e conhecida.<sup>209</sup>

Para MCM, que foi antiquário durante muitos anos, esta é mesmo a função mais importante que desempenham estes agentes do mercado de arte, i.e., **encontrar/descobrir**, nomeadamente em leilões e mesmo em outros antiquários, peças de importância, em Portugal e um pouco por todo o mundo, numa qualquer capital mundial, ou mesmo numa aldeia perdida de Espanha, como exemplo, podem surgir peças históricas e importantes que, não fora a função desse antiquário, poderiam ficar mais cinquenta anos escondidas de todos.

---

<sup>206</sup> Tradução nossa: *uma plataforma cultural baseada em Lisboa, Portugal, que pretende alcançar um espaço dentro da arte contemporânea para artistas ligados às novas linguagens da cultura gráfica e visual urbana, e estabelecer parcerias e colaborações entre os artistas, os agentes culturais, os eventos e a própria cidade, contribuindo para estabelecer relações de proximidade entre estes e o público.*

<sup>207</sup> Fonte de dados: INE/PORDATA, disponível em <http://www.pordata.pt>, consultado a 5 de Janeiro de 2016.

<sup>208</sup> *Ricardo Hogan, Antiguidades, Lda*, situado na Rua de São Bento, nº281, em Lisboa.

<sup>209</sup> Cf. MCM entrevistado em 25 de Novembro de 2014, para SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, pp.297-298.

A realidade dos antiquários em Portugal tem sofrido alterações nas últimas décadas, com a crise económica, a implantação cada vez maior das casas leiloeiras e o florescimento dos negócios *online*.

A APA, criada em 1990, é regulamentada pelos seus estatutos e, desde 1996, pelo código de conduta da CINOA, com o objectivo de estabelecer novos padrões de qualidade e credibilidade no mercado de arte nacional, principalmente o comércio de antiguidades, muito embora a tendência seja abrir os seus estatutos para os comerciantes de arte moderna e contemporânea, embora este último sector seja minoritário, para já.

Esta associação organiza feiras, colabora com os coleccionadores, com os museus, fundações e instituições cujo objectivo é defender o património cultural móvel, um objectivo comum.

Conforme consta do seu *site*<sup>210</sup> “a APA tem como objectivo principal o estudo e o comércio dos mais diferentes segmentos de um mercado específico, contribuindo para que este possa representar um investimento seguro e atractivo.”

Os antiquários são, de uma maneira geral, presença assídua nas casas leiloeiras mais prestigiadas do país, onde adquirem muitas das obras que vendem, posteriormente, nos seus estabelecimentos.

## **Leiloeiras de Arte**

Os leilões não são, de todo, uma prática recente, na realidade a sua essência, a lei da melhor oferta, já é praticada desde há séculos e a sua história, embora a sua origem seja dificilmente definida, acompanha a evolução da própria História, e tem feito parte integrante da evolução da Humanidade.

Podemos dizer que desde os primórdios desta actividade até ao surgimento do pioneiro *site* de vendas em leilão mais conhecido no mundo, o *eBay*, criado nos EUA em 1995, esta actividade percorreu um longo caminho, muito embora este, e outros *sites*, não possam, de todo, ser considerados leilões de arte, apenas se inspiram na lei da melhor oferta, na verdade, de todo o tipo de produtos.

Aliás, em Nova Iorque ou em Londres, em Paris ou em Genebra, os leilões têm uma dinâmica própria, porque existe um mercado com dimensão apreciável, regido por leis claras, aceites universalmente, e, quando um artista valoriza em leilão, ele valoriza, realmente, a nível de mercado.

Em Portugal, apesar de já existirem leilões anteriormente, o *boom* desta actividade surgiu com o leilão, em variadíssimas sessões, da colecção de arte do Rei D. Fernando II (1816-1885), após a sua morte. A sua colecção era famosa em toda a Europa, e o

---

<sup>210</sup> Disponível em <http://www.apa.pt/>, consultado a 29 de Outubro de 2015.

interesse que suscitou foi muito elevado tendo o leilão, realizado em 1893, durado cerca de dois meses.

É interessante verificar que, embora um leque muito variado de bens seja susceptível de ser vendido desta maneira, os leilões de arte são muito provavelmente os que reúnem um maior número de interessados.

**Na sua essência, as leiloeiras servem de intermediário entre o proprietário de um bem, e o mercado.**

Não raras vezes, as crises económicas, cíclicas, convertem a venda em leilão num escape para muitos vendedores particulares.

Em Portugal foi muito recentemente criada, em Dezembro de 2015, a APLARTE<sup>211</sup>, que reúne um número significativo de casas leiloeiras de arte associadas.

Uma das casas leiloeiras de arte mais prestigiadas da cidade de Lisboa - é líder no mercado em termos de facturação e foi a primeira a entrar, em 2014, no sector da venda *online* -, é a *Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A.*, fundada em 1989 por João Pinto Ribeiro, que começou por ser antiquário. Caracteriza-se por saber adaptar-se, com êxito, às condições do mercado de arte actual.

Numa entrevista a Paula Brito Medori,<sup>212</sup> o fundador da PCV afirma que se transformou em leiloeiro como resposta a uma mudança sentida no mercado. Ou seja, ainda que existam menos leiloeiras do que antiquários, o seu volume de negócios é superior ao dos antiquários.

Até 1986 o mercado de leilões de arte no nosso país era um mundo muito fechado, elitista, os leilões não se davam à porta fechada mas eram sempre as mesmas pessoas que os frequentavam. Neste ano Clara Ferreira Marques tornou-se responsável da leiloeira *Leiria & Nascimento*, leiloeira lisboeta centenária, e democratizou o mercado, aberto agora a todos.<sup>213</sup>

Presentemente, embora em grande número os proprietários que disponibilizam peças para leilões o façam devido a constrangimentos financeiros, devido à crise económica global, existem muitas outras razões para contactar uma casa leiloeira para venda de obras de arte.

---

<sup>211</sup> Disponível em <http://www.aplarte.pt/>, consultado a 9 Abril 2016.

<sup>212</sup> MEDORI, Paula Brito, *O Mercado está saudável*, in Revista L + arte nº34, de Março de 2007, pp.58-61. Paula Brito Medori é actualmente a responsável pela comunicação do MNAA.

<sup>213</sup> Cf. entrevista a Clara Ferreira Marques, in Revista L + arte nº81 de Janeiro de 2011, p.29. Clara Ferreira Marques, que era antiquária, foi durante anos a responsável da mais antiga leiloeira do país, a *Leiria & Nascimento*, entretanto desactivada, e foi a responsável pela intermediação do negócio da venda, para a colecção do BES, de uma *Vista de Lisboa antes do Terramoto de 1755*, de autor desconhecido, por 2,75 milhões de euros, a mais cara obra de arte transaccionada no nosso país. Fonte; *Diário de Notícias online* de 20 de Março de 2010. O seu trabalho tornou-se percusor para outras casas leiloeiras que abriram posteriormente.

No mercado secundário, em que as leiloeiras se incorporam, estas encontram-se no topo, ou seja, realizam transacções com outros agentes no mercado que podem tanto ser compradores como vendedores, dentre eles as galerias de arte, os museus e demais instituições, os coleccionadores, entre outros.

Os actuais catálogos das casas leiloeiras, aliás, constituem-se como um “armazém” de informações para a nossa memória colectiva em termos de obras de arte, nomeadamente de origem portuguesa.

Hoje em dia, aliás, através de bases de dados e de plataformas que existem, é fácil controlar os mercados leiloeiros por todo o mundo, é só aceder, e acompanhar os leilões. E no nosso país esta já é uma realidade para uma elevada percentagem de leiloeiras.

### **2.3 – As Feiras de Arte em Portugal**

As feiras são um conceito com extrema importância para a divulgação e dinamização do mercado de arte, e são claramente destinadas a impulsioná-lo, além de que, pelo caminho, o tornam visível a um elevado número de pessoas, ou seja, o público-alvo. Contudo, em Portugal, a dinâmica de feiras de arte ainda é muito incipiente, em parte devido à reduzida dimensão do nosso mercado de arte, que se traduz num ponto fraco com um impacto importante na capacidade de internacionalização dos nossos artistas. É muito difícil um artista de um país como o nosso, ter um suporte internacional, porque esse suporte é, em grande medida, dado pelo seu país de origem, um artista alemão, em princípio, terá uma maior probabilidade de projecção do que um artista português, que tem menos apoios.

Estas iniciativas são diferentes dos leilões no que concerne o seu *modus operandi*, mas os objectivos são muito semelhantes. Uma feira é um acontecimento que conjuga intervenientes culturais num curto período de tempo, proporcionando encontros fundamentais, que criam contactos, e dando oportunidade de visibilidade e conhecimento que, num curto prazo, se traduzem em mais valias culturais.

Na sua Dissertação de Mestrado, Marta Tavares refere que “(...) *um dos fatores de diferenciação das feiras de arte entre os outros eventos que comercializam bens artísticos, como os leilões, é a partilha de informação e a interacção entre os participantes.*”<sup>214</sup>

---

<sup>214</sup> Cf. TAVARES, Marta Elisabete Silva, *A importância das Feiras de Arte: O caso da Feira de Arte e Antiguidades da Associação Portuguesa dos Antiquários*, Dissertação de Mestrado apresentada ao ISCTE-IUL em Setembro de 2015, p.6.

A mesma autora considera que “*As feiras de arte alteraram a forma como o mercado da arte global opera e podem ser consideradas como o primeiro circuito verdadeiramente internacional destinado ao comércio de obras de arte.*”<sup>215</sup>

Ou seja, para além das feiras que têm lugar em Portugal, é fundamental a presença de galerias portuguesas em certames consagrados internacionalmente como, a título de exemplo, a já mencionada *TEFAF Maastricht*, ou a *Art Basel*<sup>216</sup>, feira criada em 1970 e considerada uma das melhores a nível mundial em termos de arte moderna e contemporânea.

Embora existam várias iniciativas de feiras de pequena dimensão mas de alto nível dos produtos expostos, de antiguidades, artesanato, arte, *design*, livros antigos, entre outros, um pouco por todo o país ao longo do ano, as feiras de arte de maior projecção têm lugar em Lisboa e arredores, como é o caso da *Est Art Fair – International Contemporary Art Fair*, que decorreu em Julho de 2014, no Centro de Congressos do Estoril e contou com 35 galerias provenientes de 9 países (Portugal, Espanha, Brasil, Colômbia, França, Alemanha, México, Reino Unido e E.U.A.), para além de uma forte programação curatorial que incluiu exposições com foco no desenho. Apesar do sucesso desta iniciativa, em 2015 não existiu uma segunda edição, o que comprova as dificuldades com que o mercado de arte contemporânea se debate no nosso país, a falta de apoios e de uma política cultural consistente e a presença, latente, da crise económica.

Este tipo de iniciativas cria uma abordagem que potencia pontos de interesse pelas feiras de arte no nosso país, um dos seus objectivos fundamentais.

Apesar de existir outra feira anual, que tem vindo a desempenhar um papel de referência, a *Arte Lisboa*, a feira de Arte Contemporânea realizada e organizado pela FIL (Feira Internacional de Lisboa) com a presença de galerias nacionais e algumas internacionais, destinada a coleccionadores privados ou corporativos, com o objectivo de dar um incentivo ao desenvolvimento do mecenato e da criação artística em Portugal, no nosso país a mais prestigiada é a *Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa*, promovida pela APA, antiga *Bienal de Antiguidades*, que se vem realizando ininterruptamente desde 1995. É um certame anual que se distingue pelo rigor, qualidade das peças, e respectiva peritagem, respeitando os estatutos da APA e da CINOA e que se tem mantido, enquanto outros certames do género foram, por vários motivos, descontinuados, como foi o caso da *Feira de Antiguidades e Obras de Arte*, no Centro de Congressos de Lisboa, organizada pela AIP (Associação Industrial Portuguesa). Esta feira é um momento fundamental para o mercado de arte em Portugal e aumenta a visibilidade dos diferentes agentes do mercado.

Em Maio de 2016 realizou-se de novo, no emblemático espaço da *Real Fábrica da Cordoaria* hoje designada por *Cordoaria Nacional*. É o único evento do género em

---

<sup>215</sup> *Idem*, p.8.

<sup>216</sup> Mais informações disponíveis em <http://www-artbasel.com/>, consultado a 8 de Janeiro de 2016.

Portugal, e este ano contou com mais expositores e galerias de arte convidadas, nacionais e internacionais. Trata-se de um evento da maior importância no calendário cultural da cidade de Lisboa e para o seu sucesso muito contribuiu a união entre antiquários e galerias de arte, criando uma parceria muito profícua.

No âmbito de uma colaboração, benéfica para todos os intervenientes, a feira teve uma parceria privilegiada – que vem mantendo – com o MNAA, e, no dia da sua pré-inauguração (a 6 de Maio de 2016), toda a verba angariada reverteu para o movimento nacional de aquisição do quadro *Adoração dos Magos* de Domingos de Sequeira (1768–1837) que já mencionámos antes. Não podemos deixar de referir que, à luz da importância do espólio deste museu para o mundo da arte, a imagem publicitária da Feira neste ano de 2016 é, livre de direitos autorais, um pormenor das seis pinturas que formam os denominados *Painéis de São Vicente*, de c. 1470, atribuídos ao pintor português Nuno Gonçalves (act.1450-1491). Assim, uma perfeita e saudável articulação entre todos os agentes do mercado de arte favorece, no limite, todos os seus intervenientes, desde o artista ao detentor final da obra de arte, seja um particular, o Estado ou um museu.

Visitando a feira, tivemos ocasião de observar que muitos dos artistas constantes do nosso *corpus* tinham obras expostas ao público – embora não com obras de temática oilisiponense. Casos de Almada Negreiros, Costa Pinheiro, Vieira da Silva, João Vaz e José Escada na *São Roque, Antiguidades e Galeria de Arte*, Paulo Ossião na *Hélder Alfaiate Galeria de Arte*, Paula Rego na *Manuela Verde Lírio Antiguidades e Arte Contemporânea*, Manuel Gregório Pereira e Mota Urgeiro na *Manuela Gil Antiguidades*, e Palolo e Carlos Reis na *micro arte galeria*. Aliás, foi extremamente interessante verificar que, assim como acontece na nossa Dissertação, também neste certame apareciam – perfeitamente conjugados – o antigo, o moderno, e o contemporâneo, porque todos são Arte, facto que considerámos extremamente interessante e revelador dos novos caminhos a trilhar no que concerne a interacção entre o antigo, o moderno e o contemporâneo é, apesar de não constar do nosso elenco – uma obra do artista plástico Pedro Calapez (n.1953) aparecer no *stand de Manuel Castilho Antiguidades*.

Outro facto relevante para o nosso estudo foi o *stand* da *Livraria Castro e Silva* – que ocupa actualmente as instalações da icónica *Livraria Sá da Costa*, no Chiado, em Lisboa –, que se dedica à venda de livros antigos e raros e trouxe para a feira vários exemplares de gravuras muito antigas da cidade de Lisboa, todas estrangeiras, menos uma, do Arquitecto e Engenheiro Carlos Mardel (1696-1763) – nascido na cidade de Bratislava – que veio para Portugal em 1733 e aqui desempenhou funções de relevo, apresentando os projectos de reconstrução da capital após a tragédia de 1755, bem como inúmeros exemplares de cartografia antiga de Lisboa.

Em conversa com o Gerente da Livraria, Pedro Castro e Silva, este confirmou-me que o interesse por este tipo de gravura antiga representando a cidade de Lisboa é muito elevado, e que já tinha vendido vários exemplares desde o início do certame. A nossa

troca de ideias resultou numa posterior entrevista, transcrita na nossa Dissertação (ver Anexo IV).

Poucos dias depois de terminada a FAAL, Lisboa foi a primeira capital europeia a acolher, em Maio de 2016, a primeira feira de arte contemporânea ARCOMadrid (na capital designada por ARCOLisboa) fora de Espanha. A Ifema<sup>217</sup>, especialista na organização de feiras há mais de quarenta anos, escolheu o nosso país para dar continuidade ao projecto de expansão internacional. Este é um evento que conta com trinta e cinco anos de existência no país vizinho. Esta feira reúne galeristas e atrai coleccionadores de todo o mundo, e na sua edição de 2015 participaram doze galerias portuguesas, num total de duzentas e dez de pelo menos trinta países. Existiu também uma diversificada oferta de exposições. No seu discurso de inauguração do certame, no dia 25 de Maio de 2016, o Presidente da C.M.L, Fernando Medina, anunciou que para os próximos três anos, o município vai ser dotado de um montante de 200 mil euros para adquirir obras de arte para enriquecimento das suas colecções de arte contemporânea.

Seria muito interessante que se conseguisse fazer deste um evento recorrente e anual, com a ideia de expansão, colocando Lisboa e a arte contemporânea portuguesa, estrategicamente, num novo patamar. Este evento destaca o contexto artístico único e um mercado em crescente dinamismo e, assim como a FAAL, promove um diálogo interessante entre o passado, o presente, e o futuro da cena artística portuguesa, dando destaque às influências que contribuíram para a formar ao longo da história.

Esta feira teve impacto em termos internacionais, vem, por exemplo, anunciada no *site* norte-americano *art agenda*<sup>218</sup>, e tratou-se de um importante instrumento para a internacionalização de galeristas, curadores e artistas portugueses. Tivemos oportunidade de a visitar e de verificar a significativa afluência de público interessado, em maior número do que se deslocou à FAAL, o que é, do nosso ponto de vista, significativo para tirar conclusões, ou seja, começa a existir muito público, nomeadamente jovem, muito interessado em arte contemporânea.

Após o final deste evento, através da imprensa escrita, seria possível verificar que todos são unânimes em considerar esta feira como um sucesso, em várias vertentes.<sup>219</sup>

Neste evento não encontrámos, sem surpresa nossa, um elevado número de obras dos autores que constituem o nosso alvo de estudo, aliás, em bom rigor, só encontrámos obras de Maria Helena Vieira da Silva.

É claro que, julgamos, nunca deixará de ser importante ver as peças ao vivo, expostas e acessíveis, ter a oportunidade de lhes tocar, ter perto alguém com competência para nos

---

<sup>217</sup> Disponível em <http://www.ifema.es/>, consultado a 3 de Maio de 2016.

<sup>218</sup> Anúncio disponível em <http://www.art-agenda.com/shows/arcolisboa-2016/>, consultado a 16 de Maio de 2016.

<sup>219</sup> *Vd.*, como exemplo, CUNHA, Sílvia Souto, *Arco do triunfo?*, in Revista Visão nº1213, 2/6 a 8/6/2016, pp. 82-86.

falar delas e, no limite, adquiri-las. Mas as transacções *online* já aí estão e farão, com certeza, parte do futuro do mercado de arte em todas as suas vertentes.

Fundada em 2004, em Nova Iorque, EUA, a *Skate's*, é uma prestigiada companhia que tem como missão a investigação rigorosa das transacções do mundo da arte global, mantendo disponível, no seu *site*<sup>220</sup>, informação actualizada focada no mercado de arte (leilões, feiras de arte, comércio de arte *online* e universo da arte em geral). Emite regularmente relatórios com informação detalhada para os interessados nestas matérias.

Baseando-se naquelas que considera as doze maiores feiras mundiais de arte – sendo que a que registou maior número de visitantes foi a Arco Madrid (100 mil visitantes) e a quarta foi a TEFAF (75 mil visitantes) – no seu Relatório da Primavera de 2015, a *Skate's* afirma que, de Janeiro a Março de 2015, 641,500 pessoas visitaram estes certames, o que se traduz num aumento de 6,8% em relação aos números do ano anterior. Mesmo assim, os autores deste Relatório afirmam que o número de galerias presentes diminuiu e que estas apostam cada vez mais nas plataformas digitais para chegar ao seu público.

Existe uma plataforma norte-americana *online*, a *Artsy*<sup>221</sup>, que nos informa claramente dos seus objectivos, a saber: “*Artsy’s mission is to make all the world’s artists accessible to anyone with an Internet connection (...)*”<sup>222</sup> Na sua Dissertação de Mestrado, Marta Tavares, referindo-se a esta plataforma é clara: “*apresenta às galerias uma estratégia de marketing digital integrada na apresentação do seu inventário (...) aumentando a presença online dos comerciantes numa plataforma só.*”<sup>223</sup>

As plataformas digitais criam, assim, uma rede que liga todos os intervenientes no mercado de arte, através do uso de uma ferramenta poderosa e de cada vez mais banal acesso: a *Internet*. No entanto estas, embora em franca ascensão, e trazendo benefícios inegáveis e novos públicos, nunca irão substituir completamente a experiência de visitar presencialmente uma feira de arte, conforme mencionado anteriormente.

---

<sup>220</sup> Disponível em <http://www.skatepress.com/> consultado a 17 de Maio de 2016.

<sup>221</sup> Disponível em <http://www.artsy.net/aboutt/> consultado a 18 de Maio de 2016

<sup>222</sup> Tradução nossa: *A nossa missão é tornar toda a arte do mundo acessível a qualquer pessoa com acesso à Internet (...)*.

<sup>223</sup> Cf. TAVARES, Marta Elisabete Silva, *op. cit.*, pág.11.



## 2.4 – Os Museus de Arte em Portugal

*“A regular aquisição de obras de arte para enriquecimento das colecções dos museus é condição da sua sobrevivência. Um museu que não perspectiva a valorização das suas colecções através de aquisições, doações ou trocas com outros museus, poderá ter uma intensa actividade de exposições ou ambiciosos programas de renovação das formas de expor o seu acervo mas dificilmente encontrará ânimo para manter uma dinâmica presença pública. Serão raros os casos que podem manter em torno de uma colecção estática uma função museológica completa.”*

António Ressano Garcia Lamas<sup>224</sup>

Presidente do IPPC, 1989

Não é difícil encontrar afinidades entre os diferentes agentes do mercado de arte, artistas, coleccionadores, comerciantes, galeristas, leiloeiros, **museus**, e a **apreciação estética**.

Embora com modos diferentes de abordagem, a preservação e transmissão do nosso passado – e futuro – artístico passa por todos estes agentes em geral, e pelos museus em particular. Neles, conservam-se, entre outros bens, parte das colecções reunidas através dos séculos pelos membros das famílias reais, os aristocratas e os altos membros da Igreja, e, mais recentemente, por figuras abastadas e amantes de arte.<sup>225</sup>

No último quartel do século XX, as práticas museológicas e os conceitos que lhe estão ligados, sofreram alterações profundas. Este processo, procurou adoptar as instituições museológicas às mutações da própria Sociedade, com novas abordagens e novos conceitos, tendo sempre em mente que é o **Tempo** o que dá o valor aos objectos de arte.

A já citada socióloga Sarah Thornton, dá-nos uma visão muito particular de uma das funções dos museus, que nos pareceu relevante: *“(...) a função dos museus é tornar a arte novamente sem valor. Retiram a obra do mercado e colocam-na num lugar onde se torna parte da riqueza comum.”*<sup>226</sup>

Já Giulio Carlo Argan pensa que *“Os museus multiplicaram-se e já não se apresentam como simples locais de recolha de obras de arte, mas como organismos científicos e didácticos, dotados de equipamentos especiais para o reconhecimento, a análise, a*

---

<sup>224</sup> António Lamas é Engenheiro Civil de formação, Doutorado em Engenharia. Foi Presidente do IPPC, Instituto Português do Património Cultural (actual DGPC) entre 1987 e 1990.

<sup>225</sup> A título informativo sublinhamos que em Portugal os museus encontram-se ordenados nos seguintes escalões: nacionais, distritais e municipais, para além dos particulares. Conforme o caso, encontram-se submetidos a diferentes tutelas, públicas e privadas.

<sup>226</sup> CF. THORNTON, Sarah, *op. cit.*, p.14.

*classificação, a conservação e a apresentação crítica de produtos artísticos manufacturados de qualquer género.”*<sup>227</sup>

Em Portugal existe uma lacuna grave de divulgação da arte que se produz no nosso país aos portugueses. Nos nossos museus de arte deveria existir, em permanência, espaço para a arte que se produz ser realmente **vista por todos**. A arte que se vai fazendo em Portugal nas últimas décadas está apenas nas galerias, em exposições pontuais, e já vão aparecendo obras de arte recentes em instituições como o CAM-JAP, e a Colecção Berardo, a maior colecção de arte moderna e contemporânea internacional existente no nosso país, cujo carácter museológico e didáctico a torna acessível a todos. Em relação a esta última apontamos o que nos diz Pedro Lapa:“(…) numa situação historicamente inédita tem-se vindo a assistir ao fenómeno do aparecimento de colecções privadas com vocação museológica (Berardo, Manuel de Brito (...), e o importante será o seu destino, sobretudo se nos lembrarmos que não há memória de, no último século e meio qualquer colecção privada ter sobrevivido a mais de uma geração.”<sup>228</sup>

No entanto, julgamos que um dos papéis mais importantes dos museus de arte deveria ser o de voltar a colocar os artistas na memória colectiva, ou seja, de tanto em tanto tempo, deveriam existir exposições de grandes artistas nacionais, para que o público se lembre das suas obras.

Na impossibilidade de elencar e estudar todos, até porque constituiria um desvio do tema principal, abordaremos, como um bom exemplo do que se fez em Portugal, as condições extraordinárias do **Museu do Caramulo-Fundação Abel de Lacerda**.

Abel de Lacerda (1921-1957), importante figura da sociedade do seu tempo e coleccionador de arte devoto, esteve na génese da inauguração deste museu, que, no entanto, devido à sua morte prematura, não viu realizado em vida. Em 1958, porém, amigos e doadores, criam a Fundação com o seu nome, bem como o museu, com a sua colecção, que vem acrescentar ao património nacional um valor inestimável.

A primeira década do século XXI ficará na história da museologia de arte no nosso país como aquela em que abriram ao público várias colecções de arte moderna e contemporânea de origem particular. A título de exemplo referimos a criação, em 2004, por doação de José-Augusto França, do *Núcleo de Arte Contemporânea do Museu Municipal de Tomar*, e a criação, em 2006, do *Centro de Arte Colecção Manuel de Brito* (CAMB), no Palácio Anjos, em Algés.

Já existia o MNAC, em Lisboa. Este, no entanto, não tem uma colecção própria, mas um acervo onde há obras próprias, empréstimos, doações, depósitos, entre outros.

---

<sup>227</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.23.

<sup>228</sup> Cf. LAPA, Pedro, *Que estratégias para a arte contemporânea?* In *Revista L+arte* n°44, Janeiro de 2008, p.10. Pedro Lapa é Doutorado em História da Arte. Foi Director do MNAC (1998-2009) e é actualmente o Director Artístico do Museu Colecção Berardo.

A Fundação de Serralves, no Porto, cujo museu, inaugurado em 1999, é um museu de arte contemporânea. Da sua vasta colecção, uma elevada percentagem de peças, cerca de metade, são propriedade da Fundação, estando as restantes em regime de depósito.

O Estado encontra-se em falta por não existirem apoios continuados para os artistas e os galeristas e, conforme já referido, dinamizar o mecenato no nosso país é uma mudança que se torna absolutamente urgente.

Ainda assim, nas últimas décadas multiplicou-se o número de novos museus e centros de arte no nosso país, especialmente no que concerne a arte contemporânea.

Muito importantes são, igualmente, as Casas-Museu. Em Portugal existem várias, muitas das quais integram a APCM<sup>229</sup>, associação que tem vindo, desde a sua criação, em 2012, com sede em Coimbra, a prestar um serviço único à arte em Portugal, visto que muitas destas instituições mantêm o espólio de colecções da maior importância.

Segundo os dados estatísticos do INE para o ano de 2013, neste ano registaram-se 11,1 milhões de visitantes nos museus portugueses. Seguindo os mesmos dados e o mesmo ano, galerias de arte e outros espaços expositivos realizaram, em conjunto, 7 149 exposições temporárias, sendo que do total de obras expostas, 18,9% eram pinturas.

Com justiça considerado o “primeiro museu nacional”, o MNAA desempenha um papel fulcral na cultura portuguesa, pela sua dimensão, pela sua história, e pelas suas colecções.

Na sua mensagem de abertura do Catálogo da *Feira de Arte e Antiguidades 2016* – o actual Presidente da República, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, definiu-o como “(...)instituição cimeira do sistema de museus portugueses (...)”, a propósito da sua parceria com o certame.<sup>230</sup>

Em relação à arte moderna e contemporânea, a *Fundação de Serralves* e o seu museu só foram inaugurados quando o século XX já tinha terminado. E quanto à FCG e ao CAM-JAP, tentaram colmatar esta lacuna, embora sejam de iniciativa privada. Segundo Bernardo Pinto de Almeida “(...) não haverá muitos outros exemplos de tal inanidade na Europa civilizada.”<sup>231</sup>

Assim, esta conjuntura reflecte-se na realidade cultural portuguesa. E, excepção feita a poucos artistas que lograram visibilidade e mercado externo, a maior parte dos artistas portugueses fica sujeito a uma cultura que não os apoia e não os divulga, como temos vindo a tentar demonstrar.

Os museus representam um papel fundamental para o mercado de arte na medida em que, por exemplo, se a *National Gallery*, em Londres, comprar muitos impressionistas,

---

<sup>229</sup> Disponível em <http://www.apcm.pt>, consultado a 4 de Fevereiro de 2016.

<sup>230</sup> Vide pág.7 do referido Catálogo.

<sup>231</sup> In Prefácio da obra de Manuela Hargreaves, *Coleccionismo e Mercado de Arte em Portugal, o território e o mapa*, Lisboa, Edições Afrontamento, 2013, p.12.

estes valorizam-se automaticamente no mercado de arte global, isto, é claro, em termos internacionais, mas a nível local, restringido ao nosso país, esta é uma realidade distante. Em termos do colecionismo o sistema é semelhante, se existe uma determinada peça num museu é porque é boa, se é boa, os colecionadores vão querer comprar, no mercado de arte.

Segundo o *The Art Newspaper*,<sup>232</sup> e de acordo com o seu Relatório Anual, o Museu Colecção Berardo, em Lisboa, ocupou, em 2015, o 47º lugar na lista dos cem museus mais visitados do mundo com 823.092 entradas segundo este jornal mensal, publicação internacional especializada em arte contemporânea, com sede em Londres e nos EUA. Esta instituição, segundo esta publicação, é o único museu português a integrar a lista dos cem mais visitados museus do mundo.

Segundo a base de dados da PORDATA, no ano civil de 2013, os Museus tutelados pelo Estado (DGPC), foram visitados por um total de 950.331 pessoas.<sup>233</sup>

Como prova de que a arte contemporânea faz parte do futuro próximo da cena artística portuguesa, e com uma localização privilegiada, mesmo em frente ao Tejo, em Belém, vai ser inaugurado, em Outubro de 2016, o novo **Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (MAAT)**<sup>234</sup>. Um projecto da Fundação EDP, com a especial missão de abordar a relação da arte com as novas tecnologias.

Numa sociedade em que o património histórico é cada vez mais entendido como gerador de riqueza, impõe-se que os museus de arte consigam estar ao nível, ou mesmo superar, a vasta concorrência de iniciativas culturais que lhes tem vindo a retirar protagonismo, através da captação de novos públicos e da consequente geração de receitas. Para que tal aconteça é essencial que se revitalizem e que apostem, acima de tudo, na qualidade das suas colecções, investindo no enriquecimento dos seus acervos.

---

<sup>232</sup> Disponível em <http://www.theartnewspaper.com/>, consultado a 23 de Maio de 2016.

<sup>233</sup> Fonte de dados: DGPC/MC/PORDATA, disponível em <http://www.pordata.pt>, consultado a 5 Janeiro de 2016.

<sup>234</sup> Site já disponível em <http://www.maat.pt/>, consultado a 22 de Abril de 2016.

**CAPÍTULO III**  
**A CABRAL MONCADA LEILÕES**

### 3 – A CABRAL MONCADA LEILÕES

#### 3.1 – Apresentação e breve história da Cabral Moncada Leilões

*“É uma família de antiquários conhecidos. O Pai é uma referência incontornável, os filhos não lhe ficam atrás. Acabam de lançar uma nova leiloeira (...).”*<sup>235</sup>

António Sérgio Pessoa, 1996

Fundada em 1996 pelos dois irmãos, Francisco e Miguel Cabral de Moncada – vindos do mundo da arte antiga -, um terceiro sócio, António Trincão (que entretanto já não pertence a esta equipa) e duas colaboradoras, cedo se começou a destacar no panorama das casas leiloeiras do país, sendo hoje uma das mais conceituadas, com uma forte presença no mercado nacional e uma experiência comprovada.

**A CML é uma empresa especializada em antiguidades e obras de arte e arte moderna e contemporânea, desenvolvendo a sua actividade em quatro áreas principais e complementares, a saber: os leilões, as avaliações, as peritagens e a consultadoria.**

Durante os primeiros dezasseis meses de actividade estiveram localizados num espaço alugado, ao Príncipe Real, em Lisboa, onde realizaram os primeiros oito leilões.

O seu primeiro leilão teve lugar no dia 5 de Fevereiro de 1996, teve uma considerável adesão do público, e uma reduzida taxa de retirados de 15%, o que se pode considerar um excelente arranque do novo negócio. *“Para os administradores, este leilão marcou uma nova era no mercado de arte lisboeta (...) estava ali uma leiloeira diferente, com regras claras e bem definidas, pois um dos objectivos por parte da Cabral Moncada Leilões era alcançar novos públicos.”*<sup>236</sup>

No ano a seguir, em Novembro de 1997, realiza-se, pela primeira vez no nosso país, um leilão temático. Coube à CML, convidada pela *Vista Alegre* para ser a organizadora, levar a cabo este evento específico e único em Portugal.

No presente encontram-se sedeados em Lisboa, na Rua Miguel Lupi, nº12, instalações com um espaço considerável, nomeadamente a sala principal, onde se realizam os leilões.

Actualmente, os seus dois Sócios-Gerentes são o Dr. Miguel Cabral de Moncada e o Dr. Pedro Maria de Alvim, juristas de formação, que se encontram à frente de uma vasta equipa pluridisciplinar.

---

<sup>235</sup> Cf. PESSOA, António Sérgio, *Os leilões segundo Cabral Moncada*, in *Revista Artes & Leilões*, nº38 de Março de 1996, p.50.

<sup>236</sup> Cf. NUNES, Marta, *O Mercado Leiloeiro em Lisboa*, in *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal. Estrutura, história, tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, p.117.

Sobre o seu percurso, escreve, em 2007, João Magalhães: “*Nos últimos anos, de uma maneira geral, o mercado leiloeiro nacional vinha a ser dominado por três leiloeiras: a Leiria & Nascimento, o Palácio do Correio Velho e a Cabral Moncada Leilões. Com perfis diferenciados, entre elas absorviam a maioria do fluxo de arte e antiguidades que se vendiam em leilão. Com a diminuição progressiva do protagonismo da Dinastia, Silva’s e Soares & Mendonça, foram aquelas leiloeiras que se impuseram no mercado.*” E ainda acrescenta: “*(...) os leilões tornaram-se mais acessíveis ao público em geral, ajudados, por exemplo, pela sua mediatização e presença na Internet (...) o fortalecimento das leiloeiras foi inevitável.*”<sup>237</sup>

A Cabral Moncada Leilões presta um serviço de inegável valor à Arte em Portugal, e, para o comprovar, basta consultar os seus catálogos, publicações de enorme qualidade e rigor, que desde o início, e sempre em crescente melhoria a todos os níveis, transmitem informações preciosas sobre todas as obras de arte que são leiloadas, através de uma aposta clara em equipas de investigação sobre as peças em leilão, com renovada terminologia e precisão, com destaque para uma gama diversificada de peças, a saber:

**Pintura Portuguesa e Estrangeira, Escultura, Porcelana Chinesa, Companhia das Índias e Portuguesa, Faiança, Vista Alegre, Azulejaria, Arte Sacra, Têxteis e Tapeçarias, Instrumentos Musicais, Pratas, Jóias, Livros e Manuscritos, Mobiliário Português e Estrangeiro e Arte Lusíada.**<sup>238</sup>

Estes Catálogos tornam-se manuais importantes para os vários agentes do mercado de arte e para investigadores destas matérias, como é o nosso caso.

Os catálogos mais recentes estão disponíveis no *site* desta casa leiloeira, um *site* intuitivo e *user-friendly* onde é igualmente possível, entre outras valências, utilizar um motor de busca para pesquisa de lotes, deixar ordens de compra, saber como comprar, vender ou avaliar, consultar o calendário dos leilões, subscrever os catálogos, conhecer toda a equipa, bem como os seus contactos, consultar a evolução (em euros) das licitações (em contexto de leilão), bem como conhecer as Condições Negociais e o *Guia do Cliente* - sempre presentes, igualmente, nas últimas páginas dos catálogos em versão papel.

Segundo Miguel Cabral de Moncada,<sup>239</sup> profundo conhecedor do mercado de arte, quando deixou de ser antiquário e fundou a leiloeira, em 1996, existiam meia dúzia de leiloeiros, e os antiquários dominavam oitenta ou noventa por cento do mercado. Passados alguns anos, a situação inverteu-se, e os leiloeiros, dominam cinquenta a sessenta por cento do mercado.

---

<sup>237</sup> Cf. MAGALHÃES, João, *O Ano dos Leilões*, in Revista L+arte, n.º41, Outubro de 2007, p.71.

<sup>238</sup> Peças de arte de encomenda portuguesa do tempo dos Descobrimentos, da África ao Extremo Oriente – encontro e cruzamento da arte e da cultura portuguesa com a arte e a cultura da Índia, Ceilão, China, ou Japão, entre outros, conforme referido no Editorial *A abrir* do Catálogo do Leilão 171, sessões de 21 e 22 de Setembro de 2015 da Cabral Moncada Leilões.

<sup>239</sup> Cf. PESSOA, António Sérgio, *op. cit.*, p.51.

Sobre o segundo leilão desta casa, efectuado a 11 de Março de 1996, escrevia-se, na imprensa da especialidade: “(...) *mantendo as características de “acontecimento social” que já haviam marcado o primeiro leilão com a sala do Convento da Trindade cheia (...) decorreu o segundo leilão desta nova leiloeira, que se demonstra bem habilitada em qualidade das peças e know-how, para constituir um sério concorrente às principais casas semelhantes a funcionar em Portugal.*”<sup>240</sup>

Para Miguel Cabral de Moncada uma das diferenças que sentiu, ao deixar de ser antiquário, foi o facto de ter deixado de comprar, e reconhece que foi algo que sentiu muito. Para um antiquário, diz, a maior satisfação é a compra da peça, andar à procura *daquela peça*. Como leiloeiro, no entanto, embora não adquira as peças, continua a ter de descobrir e estudar as obras de arte que vai pôr a leilão. Também refere que como leiloeiro tem um maior contacto com o público, assistem muito mais pessoas a um leilão do que as pessoas que se dirigem a um antiquário.

Assume que preferem sempre leiloar peças de qualidade e, sempre que possível, portuguesas. Embora apareçam muitas peças estrangeiras, assumem que a sua aposta forte é na arte portuguesa.

Para Miguel Cabral de Moncada o vendedor da peça é a pessoa mais importante para um leiloeiro, e, com o tempo, na maior parte dos casos, criam-se laços de afinidade entre vendedor/leiloeira, o maior compromisso da empresa é, assim, para com o vendedor dos bens.

Esta casa leiloeira efectua sete leilões por ano de carácter generalista e de obras de arte, entre comuns e especiais<sup>241</sup>, e três de arte moderna e contemporânea, e já realizou, desde a sua fundação, perto de duzentos leilões, colocando em venda um total de mais de cem mil obras de arte.

Por norma, os leilões da CML são constituídos por quatro sessões (quatro dias seguidos), sendo que, de uma maneira geral, a última sessão é dedicada às pratas e jóias. No caso dos leilões de arte moderna e contemporânea são constituídos por uma sessão única.

Confirmando o dinamismo do mercado leiloeiro nacional na área da arte, o seu primeiro leilão específico de arte moderna e contemporânea realizou-se no dia 29 de Novembro de 2007, o passo inicial de uma aposta ganha, num leilão sempre com uma única sessão.

Apesar da preocupação com a qualidade das peças nos leilões, sendo habitualmente constituídas por um conjunto alargado de bens de particular qualidade, raridade e antiguidade, ao longo do ano, o último, realizado no mês de Dezembro na época do Natal, é “especial” e tradicionalmente um dos mais importantes leilões do ano.

---

<sup>240</sup> Vide Revista Artes & Leilões nº39, Abril de 1996, o item “Os Leilões do Mês”, p.97.

<sup>241</sup> Os leilões considerados especiais são os que abrangem um conjunto alargado de bens de particular qualidade, raridade e antiguidade.



Sobre esta mudança, Pedro Alvim sublinhou: “(...) em 2007. Foi o primeiro leilão de arte moderna. Tentámos distinguir claramente uma coisa da outra. Parecia-nos que era isso que o mercado queria. Depois viemos a confirmar que era mesmo isso que o mercado queria.”<sup>242</sup>

Na CML aparecem a leilão cerca de dez mil artigos por ano, para serem estudados, peritados, avaliados, fotografados e catalogados, de entre os quais destacamos: Pintura, portuguesa e estrangeira, azulejaria, porcelanas, vidros e cristais, mobiliário português e estrangeiro, *Vista Alegre*, faiança, metais (almofarizes, castiçais, etc), Arte Sacra, Arte Lusíada, marfins, instrumentos musicais, moedas, relógios, *ex-votos*, armas antigas (pistolas, espadas, punhais, etc), têxteis (tapeçarias, colchas, panos de armar, tapetes, etc), vinhos, livros, gravuras, mapas, iluminuras e manuscritos, espelhos, pratas e jóias.

**O lucro de uma casa leiloeira encontra-se na comissão que cobra ao proprietário de cada peça que tenha sido arrematada em leilão** e através de uma outra vertente: as avaliações. Ou seja, as **avaliações formais de bens** para efeitos de seguro, partilhas, de colocação em leilão ou de articulação de activos patrimoniais. Mantém-se no entanto o princípio de que o custo da avaliação de bens que venham a ser colocados e vendidos em leilão, será deduzido ao montante devido pelo proprietário do bem.

Sempre que aparecem bens para leiloar estabelece-se um contrato de prestação de serviços para colocação dos mesmos à venda em leilão.

No caso da CML existe um serviço de avaliações no domicílio do proprietário das peças, nomeadamente quando se trata de recheios de casas que vão a leilão por variadíssimas razões.

Quanto à relação entre antiquários e leiloeiros o testemunho de Miguel Cabral de Moncada é elucidativo: “Sempre comprei em bons antiquários e em bons leiloeiros e acho que quem sabe compra em qualquer dos lados. Há peças que em leilão saem baratas, tal como há peças que em antiquários estão baratas. Um conhecedor de antiguidades, seja profissional ou não, pode comprar igualmente bem num antiquário ou num leilão.”<sup>243</sup>

Outro assunto, delicado, com que as leiloeiras se debatem diariamente, é a questão dos Direitos de Autor<sup>244</sup>. Se, em relação a obras produzidas por artistas falecidos há muito, esse problema não se coloca, em relação a obras mais recentes, é um aspecto a ter em conta. Para tal, existe a SPA (Sociedade Portuguesa de Autores), fundada em 1925, para defender os interesses dos criadores de obras culturais e que promove, ela própria, uma

---

<sup>242</sup> Cf. Entrevista a Pedro Alvim, Abril de 2013, in HARGREAVES, Manuela, *Coleccionismo e Mercado de Arte em Portugal*, Lisboa, Edições Afrontamento, p.147.

<sup>243</sup> *Idem*, p.52.

<sup>244</sup> A SNBA realizou, nas suas instalações em Lisboa, este ano de 2016, com entrada livre, um ciclo de Conferências que decorreu de 8 de Abril a 23 de Setembro, exactamente sobre este tema, intitulada *Noções Essenciais de Direito de Autor*, onde se debateu uma abordagem multidisciplinar acerca desta temática, versando, entre outros, temas como a verificação da autenticidade das obras que circulam no mercado de arte, em particular os procedimentos a ter em caso de aquisição de uma destas obras.

intensa e regular actividade cultural. No dia 3 de Março de 2010, a CML assinou um Protocolo de Colaboração com a SPA, que visa tornar mais claro e mais rápido o cumprimento da Lei dos Direitos de Autor, em vigor.

Em relação à Cabral Moncada Leilões, estima-se que esta e a Palácio do Correio Velho, em conjunto, representem cerca de 50% do mercado leiloeiro de arte e antiguidades em Portugal, em termos de facturação.

Estando atentos aos sinais claros e sustentados do dinamismo e do crescente interesse de novos públicos em relação ao sector da arte moderna e contemporânea, a CML efectuou o seu primeiro leilão exclusivo desta arte em 2007. Acompanhando a tendência actual, em entrevista a Manuela Hargreaves (em Abril de 2013), Pedro Maria de Alvim afirma: *“Havia procura para peças do mercado de arte moderna e contemporânea e havia intenção do mercado, entendemos nós, de querer uma certa separação de águas, o que fez com que, (...) começássemos a tentar lançar um leilão anual só para o mercado de arte moderna e contemporânea. (...) Apareceu muito mais gente nova que nós nunca tínhamos conhecido, que nunca tínhamos visto, que nunca cá tinham entrado e que nunca cá entrariam se não fosse pela arte moderna e contemporânea, que é um factor curioso (...).”*<sup>245</sup>

A Cabral Moncada Leilões aposta numa aproximação ao cliente e remete, via correio tradicional, todos os seus catálogos para um número determinado de clientes, muitos dos quais frequentam os seus leilões desde o início.

Outra questão sempre presente no espírito desta casa leiloeira é a inovação, o desafio. No leilão 109, de Setembro de 2009, por exemplo, surgiram, pela primeira vez, livros e encadernações, portuguesas e estrangeiras, alargando assim as áreas tradicionalmente representadas nos leilões desta casa aos livros, manuscritos e encadernações. Esta iniciativa foi muito bem recebida pelo mercado, com resultados extremamente positivos, que falam por si.

Para além de todas estas questões, existe uma máxima sempre presente: **a qualidade**, ou seja, só aparecem para leilão na CML peças de valor, de qualidade, no que toca a serigrafias, como exemplo, nesta casa leiloeira só se aceitam para leilão serigrafias de autores consagrados como Carlos Botelho, Vieira da Silva, Júlio Pomar ou Paula Rego.

No que diz respeito à crise e às estratégias para a combater, em 2010, MCM afirmava que *“(...) o efeito da crise na Cabral Moncada Leilões fez-nos adaptar a estratégia às novas realidades, modificando o número de leilões (fazemos mais), alterando o número de peças (colocamos mais) e revendo os preços de base de licitação (diminuíram). A facturação baixou de 6,9 milhões de euros em valor de martelo, em 2006, para cinco*

---

<sup>245</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *op. cit.*, p.57.

*milhões de euros em valor de martelo em 2008, tendo recuperado para 5,4 milhões de euros em valor de martelo em 2009.*”<sup>246</sup>

Aliando a experiência profissional da CML e dos seus sócios, Miguel Cabral de Moncada e Pedro Maria de Alvim no mercado da arte em Portugal, designadamente na concepção, realização e produção de catálogos de arte, à experiência profissional de Manuel de Bragança na área do livro e da edição, surge o projecto de uma editora participada desta casa leiloeira - a *Scribe, Produções Culturais, Lda*, que já conta com inúmeras publicações no panorama artístico em Portugal.<sup>247</sup>

Alexandre Melo afirma que: “*Hierarquicamente, as casas de leilões operam ao mais alto nível do funcionamento da cadeia económica do sistema. Têm também uma eficácia social e cultural, que já referimos, mas é sobretudo no plano económico que se consideram decisivas.*”<sup>248</sup>

Com a economia nacional a apresentar um pouco mais de confiança, e com um conjunto de novas perspectivas, nomeadamente no que concerne a arte moderna e contemporânea, espera-se que o mercado de arte português cresça saudavelmente, com novas exigências, qualidade, novos públicos, tendencialmente cada vez mais instruídos e interessados e mercadoria interessante a aparecer na praça.

### 3.2 – A realidade dos leilões em Portugal

Existem casas leiloeiras em Portugal desde há muito tempo. No nosso país, como na generalidade do mundo, existem dois tipos de leiloeiras: generalistas e específicas, sendo que no segundo caso temos, como exemplo, casas que se dedicam exclusivamente ao leilão de moedas. No caso das leiloeiras generalistas, como é o nosso caso de estudo, podem existir leilões temáticos, como por exemplo leilões só de peças da *Vista Alegre*, como exemplo.

De uma maneira geral, em Portugal, o mercado de arte regula-se por um conjunto diversificado de leis, legislação generalista que não se dirige, especificamente, ao mercado de arte.

Até à recente aprovação do **Decreto-Lei nº155/2015**<sup>249</sup>, de 10 de Agosto, a actividade leiloeira apenas tinha, entre nós, uma regulamentação escassa e esparsa. Aquele documento veio, entre outras, submeter as casas leiloeiras ao cumprimento de determinadas condições, como um Seguro de Responsabilidade Civil obrigatório e estabelecer o conteúdo mínimo dos contratos que celebram com os clientes.

---

<sup>246</sup> Cf. D’ARCOS, José Pedro Paço, *Retrato de uma Leiloeira, entrevista a Miguel Cabral de Moncada*, in Revista Artes & Leilões, nº27, Agosto/Setembro de 2010, p.70.

<sup>247</sup> Para mais informações sobre estas publicações recomenda-se a consulta do seu *site*, disponível em <http://www.scribe.pt>, consultado a 30 de Março de 2015.

<sup>248</sup> Cf. MELO, Alexandre, *O que é Arte*, Lisboa, Quimera, 2001, p.60.

<sup>249</sup> Disponível em [http://www.info.portaldasfinancas.gov.pt/DF50F8CO-1926-46BA-8659-6524AF943E3E/0/Decreto\\_Lei\\_155\\_2015.pdf](http://www.info.portaldasfinancas.gov.pt/DF50F8CO-1926-46BA-8659-6524AF943E3E/0/Decreto_Lei_155_2015.pdf), consultado a 20 de Junho de 2016.

No caso do nosso objecto de estudo, a CML, estas condições estão impressas e bem à vista de qualquer pessoa que entre nesta casa leiloeira, assim como, no final de todos os seus catálogos estão transcritas as suas “*Condições Negociais*”. No início de qualquer leilão da CML, após dar as boas vindas aos presentes, o pregoeiro deixa bem claro que as condições são as que estão explicitadas no catálogo (que se encontra na posse de todos os presentes). Este procedimento é particularmente importante para que todos os intervenientes estejam cientes, por exemplo, da existência, para além do valor de martelo, da comissão da leiloeira – variável em função do valor da arrematação -, e impostos (I.V.A.) que estão inerentes a cada venda.

No entanto, o sistema de leilões em Portugal funciona, de uma maneira geral, com boas práticas, e existe, na opinião de Pedro Alvim “(...) *um mercado relativamente estável e relativamente sóbrio. As práticas são boas, as condições negociais são iguais às internacionais, o mercado está informado e funciona em termos normais.*”<sup>250</sup>

Em Portugal, em termos de vendas em leilão, o mercado expandiu-se, na década de 1970, devido à existência de muitas antiguidades de elevado valor no nosso país, à facilidade de acesso às mesmas, e à informação sobre elas, elaboradas com base em peritagens de especialistas na matéria.

Nas décadas de 1950 e 1960 o mercado de arte era muito reduzido e os colecionadores e os comerciantes apenas adquiriam arte antiga, para além de ser um negócio limitado a um número muito restrito de pessoas.

Após a Revolução de 1974, muitas famílias precisaram de encaixar capital, e aquelas detentoras de antiguidades, e de obras de arte, não puderam hesitar em vendê-las, por norma, em leilão.

Os leilões funcionam, assim, como uma espécie de marco de referência e um indicador importante e visível sobre o estado do mercado de arte, aliás, “*estima-se que mais de metade de todas as peças vendidas no mercado de arte são transacionadas em contexto de leilão.*”<sup>251</sup> Estes assumem-se como uma “vitrine” para o artista, uma importante forma de divulgação, e vender pelo preço mais alto é, sem dúvida, uma mais-valia, mas, como em tudo, existem os aspectos positivos e negativos, e é este mesmo mercado que escolhe e mantém os que considera melhores.

No limite verificámos que pintores considerados importantes, com vasto *curriculum* e que, por norma, alcançam cotações altíssimas, também têm, por vezes, uma percentagem de peças suas retiradas. Além de que, mesmo entre os artistas consagrados, há suportes diferentes, é claro que existem diferenças claras entre uma aguarela de reduzidas dimensões, por exemplo, e um óleo de um ou dois metros.

---

<sup>250</sup> Cf. Entrevista a Pedro Alvim, Abril de 2013, in HARGREAVES, Manuela, *Colecionismo e Mercado de Arte em Portugal*, Lisboa, Edições Afrontamento, p.157.

<sup>251</sup> CF. BOLL, Dirk, *Art for Sale: A Candid View of the Art Market*, Berlim, Atje Cantz, 2011, p.10. Tradução nossa.

Estudar estas dinâmicas tem sido um desafio, porque existem determinados fenómenos muito interessantes, que não escaparão aos mais atentos.

Saindo um pouco do nosso objecto de estudo, mas com o intuito de o contextualizar, por exemplo, durante o período de elaboração deste trabalho, em que frequentámos os leilões da CML, foi muito interessante verificar que uma peça, seja uma pintura, ou uma escultura, um marfim, ou uma porcelana, a tipologia que fôr, mas que represente a figura de Santo António (1195-1231), raramente é retirada, o mesmo acontecendo com uma peça que represente Nossa Senhora da Conceição<sup>252</sup> ou que tenha as armas de Portugal. O que não quer dizer que não haja uma percentagem de retirados, mas é, de uma maneira geral, menor em relação a todas as outras temáticas. São fenómenos muito interessantes, e que mereceriam um estudo mais aprofundado. É demonstrativo da maneira como ainda existe uma parte da população que consome arte que se encontra muito estreitamente ligada a estes simbolismos, religiosos e pátrios.

Nomeadamente a imagem de Santo António, a quem os lisboetas criaram um culto próprio, à medida das suas necessidades. Este Santo e a cidade mantiveram-se intimamente ligados ao longo da História, não existe na capital igreja ou capela que não possua o seu altar ou, pelo menos, um oratório a este Santo.

No domínio da pintura, aliás, segundo verificámos no decurso deste nosso trabalho, por norma, verifica-se uma percentagem de retirados relativamente irrelevante nos leilões de arte, quando comparada com a das restantes tipologias.

Muito interessante tem sido verificar que o poder de compra, apesar de ser um factor muito importante na aquisição de arte, não é exclusivo, até porque não podemos esquecer que temos, no mercado de arte, obras que custam milhares de euros, mas também outras, a esmagadora maioria, muito mais acessíveis.

Outra característica dos leilões é o seu lado social, muito importante, realidade que quem vai assistir frequentemente, acaba por se aperceber. As pessoas, na sua maioria, conhecem-se, convivem, o meio dos leilões lisboetas é, na verdade, apesar da dimensão da cidade, pequeno.

Igualmente, toda a envolvimento do decorrer das sessões, percebermos, por exemplo, pela agitação geral, que o pregoeiro está quase a chegar a uma determinada peça, que irá, certamente, ser muito disputada. Assim como assistir ao jogo dos lances, existem pessoas que fazem questão que todos notem que licitou, e mostram bem alto a sua raquete numerada, outros, preferem só acenar com a cabeça, discretamente, fazendo tudo parte do “jogo”.

Uma das características dos leilões que mais nos surpreendeu - até ao início do Curso de Mestrado, em rigor, nunca tínhamos assistido presencialmente a um evento desta

---

<sup>252</sup> A imagem da Virgem, Nossa Senhora da Conceição, foi coroada Padroeira e Rainha de Portugal pelo Rei D. João IV (1604-1656), nas Cortes de 25 de Março de 1646, celebradas em Lisboa, e desde então, porque aquele Rei lhe entregou a sua, nenhum monarca pôde usar a respectiva coroa. Aliás, o Culto à Virgem no nosso país perde-se no decurso dos séculos, sendo que já o nosso primeiro Rei era um devoto.

natureza -, foi a duração média de um lance, na maior parte das vezes, sessenta segundos chegam para efectuar uma transacção, o martelo actua como um ponto final, após cada lote. Esta característica, julgamos, está ligada ao facto de a maior parte das pessoas já saber exactamente que lotes vai querer licitar, ou porque visitaram o *site* da CML, ou porque receberam o catálogo em casa, ou porque se dirigiram à exposição patente na semana anterior ao leilão.<sup>253</sup>

Na verdade, com a hipótese que existe das ordens de compra prévias, alguns dos leilões já iniciam com cerca de metade dos lotes praticamente vendidos. E, se para determinada peça, o pregoeiro inicia afirmando ter diversas ordens de compra, surge uma imediata expectativa para estes lotes em particular.

É muito interessante pensar numa casa leiloeira como um museu em movimento, porque, na prática, é do que se trata. Momentaneamente, quem decidir frequentar a semana prévia de exposição dos lotes, estará perante um conjunto muito significativo de peças, na sua maioria, de grande interesse e valor cultural, de variadas tipologias e temáticas. E as exposições assumem um papel muito importante, por norma, ninguém compra sem ver e tocar, nomeadamente peças de elevado valor. E em Portugal, segundo apurámos, estamos ao nível do que de melhor se faz na Europa em termos de venda por leilão.

Os leilões são muito importantes no mercado de arte, nomeadamente para os coleccionadores de arte. Quando um coleccionador pretende vender, ou comprar, por norma, contacta uma casa leiloeira. Por vezes surgem oportunidades interessantes para os colecionadores em leilão, porque aparecem peças que estão fora do mercado, antigas, ou de artistas que já não circulam nas galerias, e são excelentes oportunidades de aquisição. Para além do facto de que a competição, em leilão, é um factor decisivo para que o valor das peças suba, e o impulso, por vezes, condiciona a compra para um amante de arte.

**E depois temos o papel de divulgação das casas leiloeiras, isto é, o papel da leiloeira, em relação à peça, é o de exame, peritagem, avaliação, e promoção de venda, portanto, de divulgação.**

Há contudo ainda quem pense que comprar em leilão é só para um determinado tipo de pessoas, com um determinado estatuto, que é complicado comprar e que se trata de um mercado fechado. Desmistificando esta ideia, diríamos que é uma experiência muito interessante ir a um leilão, mesmo que não seja para licitar. A entrada em leilões em Portugal é livre e gratuita e comprar é um processo muito simples e pode ser acessível, senão a todas, a muitas bolsas.

Existem **três maneiras de comprar em leilão:**

- deixando uma oferta prévia, escrita ou *online*;

---

<sup>253</sup> Os bens que integram um leilão ficam expostos ao público, em horário alargado, ao longo dos cinco dias que antecedem a realização da primeira sessão do mesmo.

- de forma presencial, após inscrição;
- através de uma chamada telefónica (com inscrição prévia);

Quando pretendemos assistir *in loco*, basta dirigirmo-nos ao balcão de atendimento, preencher uma ficha de inscrição com os nossos dados pessoais e ser-nos-á atribuída uma raquete numerada com a qual poderemos licitar. Como é do conhecimento geral, o bem é vendido ao comprador que oferecer o valor mais elevado. Se não existirem interessados, o pregoeiro considera o bem **retirado**. Todo o processo é **confidencial**, não podemos saber a quem comprámos o bem, assim como o vendedor não irá saber a quem vendeu o seu bem.

Se vimos, no entanto, uma ou mais peças na exposição ou no catálogo, que nos interessam realmente, as licitações efectuadas presencialmente são, na nossa opinião, uma hipótese a considerar. Por telefone, ou mesmo tendo deixado uma ordem de compra previamente, nunca será o mesmo do que estar presente para cobrir todos os outros lances, dentro de um limite, de preferência.

Os bens retirados, existindo acordo das partes, poderão ser recolocados em leilão posterior, com um preço base trinta por cento inferior ao valor do leilão inicial. Na realidade, **o nosso corpus é constituído pela primeira vez que a pintura foi a leilão**, e, quando retiradas, **durante a baliza cronológica estudada, uma grande parte das obras com iconografia olisiponense acabaram, eventualmente, por ser vendidas**, ou em leilões posteriores, ou no dia a seguir ao leilão, pelo valor base. Este é um aspecto crucial a considerar.

Em termos de cotações, o mercado leiloeiro é o que dá aos compradores a noção mais fiel do valor real do mercado das obras de arte.

A obra mais cara vendida em leilão em Portugal no período 2005 a 2011, diz respeito à terceira versão - pintada cinco anos depois, em 1912 -, que Malhoa pintou da tela *Festejando o São Martinho* ou *Os Bêbados*, o famoso quadro que se encontra no Museu Malhoa, nas Caldas da Rainha, pintado em 1907 numa escala superior (150 x 200cm), e que foi leiloadada na CML, Leilão nº128, Maio 2011, Lote 550, Valor de Martelo: 400.000 euros (*vide* o nosso *corpus*, Anexo I).<sup>254</sup>

Nas restantes obras de arte que constituem a lista das que atingiram valores mais elevados naquele período ainda constam obras de Paula Rego, Amadeo de Souza-Cardoso, Júlio Pomar e Columbano Bordallo Pinheiro, levando-nos a concluir que é, de facto, um mercado dominado por artistas de produção nacional, consagrados, e, em termos de montantes superiores, dominado pela pintura, sobretudo a realizada entre os finais do século XIX e os finais do século XX.<sup>255</sup>

---

<sup>254</sup> Cf. AFONSO, Luís Urbano, *Vide características e Tendências do Mercado Leiloeiro Português nos últimos anos*, in AFONSO, Luís U., FERNANDES, Alexandra, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, p.23.

<sup>255</sup> *Idem*, pp.23-29.

Os antiquários e os galeristas não podem praticar os valores das leiloeiras já que têm uma estrutura comercial que implica, entre outros condicionantes, suportar restauros, limpezas, promoção de artistas e obras, etc. De qualquer das maneiras, o mercado leiloeiro, com valores relativamente constantes e com uma certa regularidade, é a melhor forma de aferir os preços das obras de arte.

Em relação às crises do mercado, nomeadamente a crise de 2008, conforme nos explicou MCM na entrevista que nos concedeu (ver Anexo IV), uma das maneiras que as casas leiloeiras têm de tentar ultrapassar estes períodos é colocar em praça mais peças.

De uma maneira geral, os lotes retirados contrastam com o aumento de vendas de valor superior a dez mil euros, o que tende a “segurar a praça”.

Em termos de leilões de arte contemporânea, as obras apresentadas restringem-se, quase em exclusivo, à produção nacional, o que afasta o público estrangeiro, regularmente activo nos leilões de antiguidades, realidade de que nos apercebemos quando frequentamos ambos os tipos de leilão.

Quanto às razões que levam à **oferta** de peças para leilão, podem ser muitas e variadas, mas, de uma maneira geral, as principais, segundo Pedro David Simões, são conhecidas pelos **três D's – *divorce, death, debt*** –, ou seja: divórcio, morte, dívida.<sup>256</sup>

Em casos de divórcio, nomeadamente litigioso, os bens são vendidos para o seu produto ser repartido pelo casal, o mesmo acontece em caso de morte, para os bens serem partilhados pelos herdeiros, e, por último, em situações de dívida, os detentores de bens de valor procuram obter liquidez através da sua venda.

No que concerne a **procura**, é definida pelas características e preferências dos diferentes compradores, passando muito pelo seu gosto, e capacidade financeira.

Os leilões têm igualmente a característica de, através deles, podermos aferir do interesse, ou alheamento, das instituições públicas responsáveis, pela preservação do património cultural nacional.

Como referido, a CML iniciou os seus leilões de arte moderna e contemporânea em 2007, oferecendo ao mercado obras de nomes de referência no panorama artístico nacional e, por vezes, internacional, como verificámos. A estes leilões assiste muito público jovem, que começou, a partir daquela data, a frequentar com assiduidade esta casa leiloeira.

Num artigo de uma publicação da especialidade podíamos ler: “(...) *podemos encontrar num leilão a revisão da História, a defesa do património, a paixão pela arte, o colecionismo e o prazer do investimento económico.*”<sup>257</sup>

---

<sup>256</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.47.



### 3.3 – Os principais clientes: quem compra arte?

O tipo de compradores num leilão pode ser muito variado, assim como as peças e o seu valor.

Mas, de uma maneira geral, podemos afirmar que os compradores em casas leiloeiras de prestígio, como é o caso da CML, caracterizam-se como um público culto, sofisticado, de elevado nível cultural, interessado por arte e, normalmente, com um elevado poder de compra.

As casas leiloeiras integram, por norma, aquilo a que convencionalmente se designa por **mercado secundário**, por oposição ao mercado primário, ou seja, neste são transacionadas obras que saem dos *ateliers* dos artistas, por regra, para as galerias de arte, no mercado secundário circulam as obras de arte que, de uma forma ou outra, já circulavam no mercado.

Os colecionadores, embora sejam cada vez em menor número, apresentam, de maneira geral, um gosto tradicional e conservador, e, em consequência, a absorção de tendências contemporâneas e internacionais é lenta, mas está a acontecer. As elites sempre consumiram arte mas em Portugal, no presente, existem poucos colecionadores privados com capacidade de criar colecções, à margem de outros tempos.

**Os colecionadores, e os interessados em arte, de uma maneira geral, para a adquirirem, têm, na maioria dos casos, de passar pelo mercado de arte.**

Tendencialmente, o típico cliente participante em leilões de importantes casas leiloeiras é do sexo masculino, não muito jovem (com uma faixa etária geralmente superior a trinta anos) e de um estatuto social elevado. Mas as tendências estão a mudar e, conforme referido, hoje em dia, na assistência de um destes importantes leilões já existe uma franja de pessoas sem estas características específicas mas interessada em determinadas peças ou mesmo em sentir a experiência de um evento destes.

Depois é muito interessante verificar que o público é, de uma maneira geral, muito fiel à “sua” leiloeira, isto é, existem pessoas que frequentam sempre a mesma casa leiloeira, por vários motivos, entre eles tendem a escolher também em função da área de especialidade daquela casa específica, ou mesmo, pelo contrário, por a considerarem mais eclética.

As casas leiloeiras dependem muito da oferta, se, numa determinada casa aparecem muito frequentemente, como exemplo, peças da *Vista Alegre*, com o tempo, aquela casa vai passar a ser muito frequentada por colecionadores e interessados neste tipo de peças.

Para que todo este processo funcione em pleno e se considere que o mercado está saudável, as ofertas de peças para leilão têm um papel crucial.

---

<sup>257</sup> Cf. MARMELEIRA, José, *No mundo dos leilões*, in Revista L+arte nº40, Setembro de 2007, p.70. José Marmeleira é jornalista, crítico de arte contemporânea e doutorando em Filosofia da Arte (FLUL).

Existem certos mecanismos que potenciam vendas. O que queremos dizer é que, quando a cotação de determinado pintor se encontra em alta, por exemplo, se um quadro de João Vaz (1859-1931), um dos maiores marinhistas portugueses, atinge cem mil euros em leilão, quem tem obras deste autor em casa, talvez pense que é o momento ideal para as vender.

Alexandre Melo diz-nos que: *“Os leilões, para além do significado económico, têm uma densidade emocional e espectacular que não deve ser subestimada, a que resulta (...) da acumulação das dimensões de jogo, despique e exibição”*.<sup>258</sup>

E ainda, *“O despique é a substância física do jogo, tem um efeito de exibicionismo espectacular que corresponde à afirmação de um status social, cultural e económico (...)”*.<sup>259</sup>

A verdadeira obra de arte é uma raridade, cada vez mais difícil de encontrar, e é por ser cada vez mais rara, que se valoriza tanto e é tão pretendida em leilões.

Os compradores de arte, nomeadamente em leilão, regem-se por uma série de imponderáveis como preferências individuais e modas, por exemplo.

Em suma, a assistência dos leilões de arte em Portugal é, maioritariamente, constituída por: comerciantes de arte, coleccionadores, estudantes/investigadores, amadores ou profissionais de arte e curiosos, caras conhecidas, de uma maneira geral, para quem os leilões são uma extensão natural do seu quotidiano, e o prolongamento da sua actividade, quer seja comercial, ou coleccionismo.

### 3.4 – A Arte como investimento

**Os compradores interessados em adquirir arte num leilão, frequentemente, buscam, na verdade, um investimento,** devido ao facto de as valorizações do mercado de arte serem tendencialmente mais estáveis e, como tal, existir menos perigo de descida acentuada e generalizada dos valores.

Para melhor explicar esta realidade, debruçámo-nos sobre a Tese de Doutoramento de Pedro David Simões.

Segundo este autor, um dos aspectos mais interessantes das obras de arte é o seu duplo carácter: **providenciam usufruto e prazer estético e social** ao seu detentor, mas também valorizam com o tempo, e podem **produzir retorno financeiro**, tal como outros activos.<sup>260</sup>

---

<sup>258</sup> Cf. MELO, Alexandre, *op. cit.*, p.39.

<sup>259</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>260</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.59.

Sendo assim, o valor da arte tende a aumentar com o tempo, e a sua durabilidade transforma-a num bem colecionável que pode possuir características de um bem de luxo.

No entanto, e como ficou provado por Pedro Simões, vários autores especulam sobre o valor da arte como investimento, sendo que muitos atestam, a título de exemplo, que a arte não constitui um bom investimento, visto que muitas obras podem não valorizar e as transacções no mercado, geralmente implicam custos elevados e podem representar, inclusivamente, um risco, na perspectiva de que podem, eventualmente, gerar perdas se os intervenientes não estiverem devidamente informados.

Para que tal não aconteça Clare McAndrews, citada por Pedro Simões, afirma que “(...) *têm vindo a ser desenvolvidos métodos para analisar e compreender melhor o mercado e (...) a arte também tem sido considerada como um bem de investimento válido que pode obter retornos positivos, tão bons ou melhores do que algumas alternativas (...)*”<sup>261</sup>.

É claro que, como em todos os investimentos, existem riscos, e a posse de uma ou mais obras de arte **implica custos associados**, como um seguro, por exemplo.

Além destas realidades, **existe sempre outro risco: a sua autenticidade**. A autenticidade de uma obra de arte pode sempre ser questionada, a qualquer momento. É por isso que os coleccionadores, por norma, exigem sempre um **certificado de autenticidade**. Este certificado funciona como uma protecção não só para o seu proprietário, como para a própria obra e o seu criador.

Por outro lado, dependendo da legislação do país, podem, ou não, existir benefícios fiscais associados.

Além destes, existem outros possíveis benefícios, se a peça for vendida, nomeadamente **em contexto de leilão**, onde pode atingir, dependendo da sua qualidade, **um valor muito superior aquele pelo qual foi adquirida**.

Ainda falando em benefícios, hoje em dia, com as transformações no mercado, e no modo de agir na banca, já existe, em alguns casos, e em alguns bancos, a possibilidade de uma colecção de arte ser considerada um activo fiável para ser concedido um empréstimo. Para além do facto de que, hoje em dia, nomeadamente em Portugal, diversas instituições bancárias formam as suas próprias colecções de arte, considerando-as, objectivamente, bons investimentos.

Segundo Pedro David Simões “*Como um mesmo objecto de arte é geralmente transaccionado com pouca frequência, significa que é um bem cuja liquidez é inferior à de outros activos financeiros e, apesar de ser uma verdade de La Palice, para um puro investidor um bem de elevada liquidez é mais atractivo que um de menor liquidez.*”<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> Clare McAndrew, citada por Pedro David Simões *in op. cit.*, p.61.

<sup>262</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, pp.62-63.

Ou seja, o mercado de arte não substitui os investimentos financeiros tradicionais, até porque tem características diferentes, mas pode complementar.

Quanto à arte como um investimento, entrevistado por Pedro Simões, Rui Brito, proprietário e Director da Galeria 111, em Lisboa, é peremptório: *“A arte continua a ser um bom investimento e nós, pelos anos que temos de actividade, temos pessoas que nos compraram quadros nos anos sessenta, setenta, oitenta, noventa e que passam por aqui para as vender. Tem sido frequente as pessoas precisarem de liquidez e, mesmo assim, nós conseguimos comprar as obras com uma valorização.”*<sup>263</sup>

É normal que, no contexto actual dos mercados financeiros, os investidores sejam atraídos por outro tipo de investimentos, nomeadamente a arte.

O dinamismo deste sector não é tão evidente em Portugal como no resto da Europa, nos E.U.A.<sup>264</sup> e em alguns países emergentes em termos de mercado de arte, como a China, onde o mercado de arte dá sinais de robustez, mas existe, à nossa escala.

No entanto, há sempre que ter em conta esta realidade: existe uma co-relação quase directa entre a evolução das bolsas e a evolução do mercado de arte, ou seja, quando a bolsa baixa, o mercado baixa. Além de que, ao contrário do que acontece com a bolsa de valores, o mercado de arte não é regulado de forma rígida, logo, implica alguns riscos, que devem ser cuidadosamente avaliados.

Para ser definido o **valor de uma obra de arte** é preciso ter em conta alguns princípios, como:

- a **carreira do artista** e o seu percurso artístico;
- a **autenticidade** (deve ser sempre confirmada);
- a **qualidade** (avaliar todo o trabalho do artista);
- a **raridade** (aumenta o valor da obra tendo em conta o número de exemplares que existem);
- a sua **condição** (a boa condição da obra é fundamental).

Concordamos com Pedro Simões quando afirma que a arte pode ser considerada como um investimento viável e até comparável a outros investimentos financeiros, desde que sejam equacionadas todas as suas características, ou seja, é um bem físico que tende a degradar-se, porém é um bem que tende a valorizar-se com o passar do tempo, pese

---

<sup>263</sup> Rui Brito, entrevistado no dia 20 de Março de 2013, para SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.146.

<sup>264</sup> Medido, nomeadamente, através dos resultados dos leilões das três maiores casas leiloeiras a nível mundial: Sotheby's (1744), Christie's (1766), e Phillips (1796), todas fundadas em Londres, no Reino Unido.

embora tal não seja garantido, e é um bem que nem sempre é fácil ou rápido de converter em capital.<sup>265</sup>

Por outro lado podemos considerar que será melhor, do ponto de vista exclusivo do lucro, investir em arte do que em acções, porque a arte é transportável e tem interesse comercial em todo o mundo, nomeadamente peças em prata e ouro.

É sabido que os detentores de grandes fortunas investem, em geral, cerca de dez a quinze por cento do seu capital em arte, quando não em maior percentagem. Sendo assim construídas, ao longo de décadas, as grandes colecções de arte.

MCM, na entrevista que nos concedeu (ver Anexo IV), considera que existem várias razões para investir em arte, para além das mais óbvias, como a financeira, fala-nos de como **investir em arte é um prazer** e de como podemos efectivamente fruir da nossa colecção, o que não acontece com nenhum outro investimento.

Feita esta análise podemos concluir que **a arte se pode considerar, de uma maneira geral, um bom investimento, se consideradas todas as devidas precauções e sendo o processo de compra acompanhado do devido aconselhamento especializado.**

### 3.5 – Ciclos e tendências dos artistas no mercado leiloeiro

Uma análise mais cuidada do mercado leiloeiro nacional permite compreender a sua realidade, também no que concerne a tipologia de lotes para venda e, no caso específico da pintura, se existem, ou não, ciclos ou “modas” de oferta de determinados artistas para transacção.

Para esta investigação em particular, debruçámo-nos sobre a Tese de Doutoramento de Pedro David Simões. Apesar de o período temporal estudado se referir, especificamente, à arte moderna e contemporânea, ajudou-nos a ter uma ideia desta realidade dos ciclos no mercado de arte, nomeadamente nacional.

Assim, verifica-se que são as obras produzidas maioritariamente por artistas portugueses que obtém os maiores volumes de vendas, ou seja, aquelas produzidas por artistas plásticos já consagrados e com carreiras sólidas e cujo investimento implica um risco menor da parte do comprador interessado.

Debruçamo-nos sobre a segunda parte do século XX, por ter sido nesta época que o mercado de arte nacional iniciou as bases da sua consolidação. A década de 1960 foi a mais decisiva da arte portuguesa, pois foi durante este período que se colocou fim a um ciclo vicioso de constante reinício que perdurava no panorama artístico nacional.

---

<sup>265</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, pp.376-377.

Os anos seguintes (década de 1970) representaram um período de consagração dos artistas revelados na década anterior, e o mercado de arte nacional obteve, assim, um maior dinamismo, pese embora ter sido a década da revolução de 1974.

Já a década de 1980 foi um momento de acalmia, alicerçado num período de crescimento económico, no nascimento de uma nova classe média-alta e no consequente crescimento do mercado de arte nacional, que viu vários artistas nacionais obter elevadíssimos valores de martelo e uma constante presença nos leilões nacionais.

Nas décadas seguintes, anos 1990 e início dos anos 2000, para David Pedro Simões, o tipo de obras mais vendido e que maior volume total de vendas obteve foi a pintura, em particular o óleo, existindo uma preferência de compra conservadora da parte do público comprador, em detrimento de formas de expressão artística mais alternativas.

Assim, a partir do estudo de Pedro Simões, sabemos que, observando os artistas que obtiveram os maiores volumes de vendas, e que se mantêm no mercado, praticamente desde o início da sua carreira, é um panorama maioritariamente nacional, e masculino, embora Paula Rego tenha obtido os dois valores de martelo mais elevados do conjunto de artistas nacionais mais consagrados.<sup>266</sup>

Apesar disso, existe um artista que sobressai: Júlio Pomar.

Segundo o estudo de Pedro Simões, o volume de vendas total dos lotes produzidos por este artista, no período de tempo estudado (2005-2013), foi o único superior a € 2.000.000.<sup>267</sup>

Este investigador elaborou, com base no seu estudo, uma listagem dos cinquenta artistas cujas obras obtiveram o maior volume de vendas a nível nacional, e cujas obras aparecem, com regularidade no mercado secundário, assim apresentamos (por ordem decrescente do volume total de vendas obtido por lotes da sua autoria) **os cinco primeiros** desta lista, sendo que os quatro primeiros nomes integram o nosso *corpus*:

**1º - Júlio Pomar** (n.1926); **2º - Paula Rego** (n.1935); **3º - Manuel Cargaleiro** (n.1927); **4º - Maria Helena Vieira da Silva** (1908-1992); **5º- Júlio Resende** (1917 - 2011).

Nos nomes a seguir, nesta lista, aparecem vários artistas que integram o nosso próprio estudo, e cujas obras se têm mantido, regularmente, nos leilões nacionais, a saber, a título de exemplo, Noronha da Costa (n.1942), Nikias Skapinakis (n.1931), António Palolo (1946-2000), Mário Cesariny (1923-2006), e Artur Bual (1926-1999), entre muitos outros.

Voltamos a referir que, apesar de se verificar uma clara preferência do público comprador por artistas do sexo masculino, Paula Rego e Maria Helena Vieira da Silva

---

<sup>266</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.292.

<sup>267</sup> *Idem*, p.293.

encontram-se entre os cinco artistas cujas obras a leilão obtiveram mais elevado volume de vendas.

**Existe uma preferência clara, igualmente, nomeadamente nos últimos anos, por obras de arte moderna e contemporânea.**

Caso curioso é o de um artista que se destaca, muito claramente, no nosso elenco, e que não atingiu os valores estudados por Pedro David Simões, que é Carlos Botelho.

Devemos ressaltar um aspecto, que notámos através deste nosso estudo, uma realidade são os valores excepcionalmente elevados que determinados artistas mais consagrados obtém, fruto de carreiras bem orientadas e construídas ao longo de décadas, além, é claro da sua inquestionável qualidade artística, outra realidade são os artistas cujas vastas obras se mantêm, com regularidade nos leilões nacionais, embora não atingindo valores tão elevados, mas sendo muito transaccionadas.

É ainda importante sublinhar que entre estes cinquenta artistas que compõem o estudo de Pedro Simões encontramos representantes das principais tendências artísticas que se foram sucedendo, desde o Neo-realismo e o Surrealismo, à arte abstracta e figurativa.

Em relação à nossa própria investigação, mais alargada cronologicamente, e tendo em vista o nosso caso de estudo, verificamos igualmente estas tendências, para além do Naturalismo, muito expressivo no número de obras elencadas.

### **3.6 – O caso específico dos Coleccionadores**

**No grupo de pessoas que comprem arte, os coleccionadores têm um lugar de claro destaque, e são frequentadores muito assíduos de leilões.** Aliás, podem estar nos leilões com duas vertentes: como compradores e como vendedores, porque as suas colecções, de modo geral, são dinâmicas, e não raro, desfazem-se de uma ou mais peças para comprar outras, por motivos vários, porque já não se interessavam por determinada peça, porque o rumo da sua colecção mudou, entre outros.

O acto de coleccionar, porém, transcende a necessidade de acumular objectos, embora esta necessidade seja essencial para formar uma colecção.

E podemos afirmar que existe uma paixão por coleccionar desde tempos remotos, não é um fenómeno moderno, pelo contrário, o intuito de reunir objectos sem uma utilidade específica é quase tão antigo como a história da humanidade, e se, desde há séculos, o coleccionismo era uma actividade exclusiva de monarcas, nobres e de membros do alto Clero, essa realidade transformou-se.

Concordamos plenamente com María Dolores Jiménez-Blanco quando afirma que “(...) *existe uma íntima relação entre a história económica, política e cultural de um país e o fenómeno do colecionismo (...)*”.<sup>268</sup>

Não podemos deixar de relacionar períodos de estabilidade política, de condições económicas e sociais de um país favoráveis ao florescimento de grandes e importantes colecções, pelo motivo de que estes são factores que favorecem a trajectória e a composição de grandes colecções de arte.

Clare McAndrew, citada por María Dolores, afirma que os riscos de uma conjuntura económica negativa, combinada com a ausência de apoio estatal e elevados impostos tem consequências evidentes na formação de novas colecções de arte.<sup>269</sup>

Ainda assim, Manuela Hargreaves revela-nos que “*O acto de colecionar torna-se (...) um propósito, um objectivo, uma razão de vida, um motivo maior que serve também para aperfeiçoar aquele que a iniciou. O carácter apaixonante do processo criativo que está ligado ao colecionismo é relatado por vários colecionadores que associam ao acto de investigação e pesquisa esse carácter poético e até romântico, contribuindo para o seu prazer e felicidade.*”<sup>270</sup>

Já para Giulio Carlo Argan “*Obviamente ligado ao mercado está o colecionismo que, praticado principalmente por expoentes da burguesia industrial e comercial, tomou o lugar do antigo mecenato e constitui o aspecto moderno da “encomenda.”*”<sup>271</sup>

Pode ser muito importante e mesmo determinante para um artista ter uma ou mais obras suas numa colecção de prestígio. A presença de uma obra de determinado artista numa destas colecções, ou num museu, eleva o valor da sua obra no mercado de arte.

Em Portugal não se reconhece uma forte tradição coleccionista, como tal, o número de grandes coleccionadores é reduzido. Ainda assim, existiram algumas figuras no passado que vale a pena mencionar. Na sua maioria, coleccionavam sobretudo arte portuguesa, nomeadamente no que toca à pintura, o que parece ser, aliás, uma tendência na maioria dos países, embora possam ampliar os seus interesses e internacionalizar as suas peças, nomeadamente de artistas consagrados, os colecionadores tendem a adquirir mais obras de arte de artistas do seu próprio país.

No final da monarquia em Portugal existiam diversos grandes coleccionadores e amantes da arte, nalguns casos, personalidades e colecções já estudadas, como é o caso dos ingleses **Francis Cook** (1817-1901) – comerciante de tecidos bem sucedido que reuniu uma das maiores colecções particulares, tendo a pintura como principal

---

<sup>268</sup> Cf. JIMÉNEZ-BLANCO, María Dolores, *El Colecionismo de arte en España una aproximación desde su historia y su contexto*, Barcelona, Fundación Arte y Mecenazgo, 2013, p. 13. María Dolores (n.1959) é uma historiadora e crítica de arte espanhola. Tradução nossa.

<sup>269</sup> Cf. Clare McAndrews, citada por María Dolores, *op. cit.*, p.138.

<sup>270</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *op. cit.*, p. 23.

<sup>271</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.25.



investimento -, e **John Charles Robinson** (1824-1913)<sup>272</sup> – que tinha formação em pintura e era o principal conselheiro artístico de Cook, e, ele próprio, um coleccionador privado. Ambos mantiveram relações muito estreitas com o nosso país, tendo Francis adoptado Sintra para residência de Verão, adquirindo, em 1856, a quinta de Monserrate para o efeito.

D. Fernando Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha (1816-1885), que se tornou rei-consorte **D. Fernando II**, segundo marido da Rainha D. Maria II (1819-1853), foi um amante da arte, um importante mecenas e um coleccionador conhecedor e dedicado.

**Tristão Guedes Correia de Queiroz**, 1º Marquês e 2º Conde da Foz (1849-1917), que adquiriu, em 1889, o Palácio dos Marquês de Castelo Melhor, e o transformou no Palácio Foz, em Lisboa, nos Restauradores, dotou esta residência de uma das mais ricas e diversificadas colecções de arte que alguma vez existiu no nosso país. Encontrávamos nesta colecção, em elevado número, entre outros, verdadeiros tesouros da pintura nacional e de consagrados nomes internacionais, porcelanas, tapeçarias e mobiliário, que encantaram a sociedade da época que comparecia às suas frequentes festas, dinamizando o gosto pela arte. A 6 de Maio de 1901, e nos nove dias seguintes, após a falência desta família, foi à praça um monumental leilão com todo o recheio do Palácio Foz, vindo o edifício a ser adquirido, muitos anos depois, em 1940, pelo Estado Português. Entre inúmeras outras instituições, albergou a sede do SNI até Abril de 1974 que neste local promoveu, entre 1935 e 1951 catorze exposições de Arte Moderna, onde expuseram, entre outros, Eduardo Vianna (1881-1967), Mily Possoz (1888-1968) e TOM (1906-1990).

Um dos maiores coleccionadores portugueses do século XX foi o **Comandante Ernesto de Vilhena** (1876-1967). A sua colecção foi vendida em vários leilões, nas décadas de 1960 e 1990, pela casa leiloeira lisboeta, entretanto desactivada, *Leiria & Nascimento*.

Outro caso, o da colecção do Conselheiro **João Marcelino Arroyo** (1861-1930), coleccionador português importante, cujo leilão se realizou no seu palácio em Lisboa, na colina de Sant'Ana, a 26 de Novembro de 1905, e dias seguintes, através da casa leiloeira de José dos Santos Libório, como nos relata no seu trabalho, Teresa de Sande e Lemos.<sup>273</sup>

Outra importante colecção da época foi a de **Pedro Eugénio Daupias**, 1º Visconde e 1º Conde de Daupias (1818-1900), vendida em leilão em Paris, onde tinha nascido e estudado, em 1892, e posteriormente em mais três leilões em Lisboa. Esta colecção constava, maioritariamente, de pintura internacional, sendo que muitos destes quadros

---

<sup>272</sup> Cf. NETO, Maria João Baptista, *Coleccionadores e Connaisseurs de obras de arte: Francis Cook (1817-1901) e John Charles Robinson (1824-1913) em Portugal*, in *ARTIS*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, nº6, 2007, pp.403-442.

<sup>273</sup> Na sua Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, *O leilão da Colecção Arroyo e o mercado de arte em Portugal no final da monarquia*, apresentada à FLUL, 2015, p.3.

estão espalhados por diferentes e importantes museus e colecções particulares do mundo.

O banqueiro **Henri Burnay** (1838-1900), de origem belga, que recebe o título de Conde em 1886, e que, rodeado de negociantes conhecedores do mercado de arte internacional, nomeadamente de Paris, reuniu importantes obras de arte, nomeadamente no domínio da pintura e mobiliário, embora, como todas as maiores colecções do século XIX, muito diversificada. O leilão foi o caminho óbvio para a colecção, herdada por inúmeros familiares, após a morte da viúva, em 1924. No leilão, em 1936, do recheio de uma das suas residências, o Palácio da Junqueira, em Lisboa, o Estado, através do historiador, crítico de arte e primeiro Director do MNAA e da ANBA, José de Figueiredo (1872-1937), adquiriu, usando o seu direito de opção<sup>274</sup>, numa iniciativa sem precedentes até à data na história da tutela do património português, cem das melhores obras de pintura desta colecção, bem como, mais tarde, o próprio edifício, hoje a sede do Instituto de Investigação Científica Tropical.

**D. Pedro de Sousa Holstein**, 1º Duque de Palmela (1781-1850), foi um importante mecenas para as artes e os artistas e um não menos importante coleccionador, aliás, esta família tem uma longa tradição de coleccionismo<sup>275</sup> e a sua colecção de arte fez história em Portugal.

A figura do político republicano **José Relvas**<sup>276</sup> (1858-1929), cuja colecção pode ser visitada na sua casa, hoje Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça<sup>277</sup> foi muito importante para a dinâmica do coleccionismo no início da República em Portugal. Esta colecção abrange um período cronológico que vai do século XV até ao século XX e divide-se em três núcleos: pintura, escultura e artes decorativas.

O negociante **António de Medeiros e Almeida** (1895-1986) foi um importante coleccionador de arte nacional e, sobretudo, internacional, e um mecenas. Em 1943 adquiriu uma mansão em Lisboa, onde está sediada a fundação que criou em 1973 e à qual doou todos os seus bens ao falecer sem herdeiros.<sup>278</sup>

O oftalmologista **Dr. António Anastácio Gonçalves** (1889-1965), que faleceu, igualmente, sem deixar herdeiros, reuniu um acervo de cerca de três mil obras de arte na

---

<sup>274</sup> O direito de opção é uma prerrogativa que a Lei Portuguesa confere ao Estado para que a aquisição de uma peça de óbvio interesse público possa ser devolvida ao bem comum. Trata-se de um direito excepcional que não pode ser transferido para outrem.

<sup>275</sup> A obra de Domingos de Sequeira *Adoração dos Magos*, adquirida pelo MNAA numa acção inédita no nosso país, já referida nesta Dissertação, pertencia a esta família, que esperou anos para que o museu tivesse a verba, porque compreendeu o seu valor para a arte em Portugal.

<sup>276</sup> A vertente de importante coleccionador de José Relvas tem vindo a ser estudada e aprofundada pelo Doutor Fernando Jorge Artur Grilo. Consultar, como exemplo: *A constituição de uma colecção de arte no início do séc. XX em Portugal. José Relvas e o mercado da arte peninsular*, in FERNANDES, Alexandra, URBANO, Luís Afonso (Coord.), *Os Leilões e o mercado da arte em Portugal, Estrutura, História, Tendência*, Lisboa, Scribe, 2012, pp.60-84.

<sup>277</sup> Disponível em <http://www.cm-alpiarca.pt/areas-de-atividade/cultura/casa-dos-patudos-museu-de-alpiarca/> consultado a 10 de Março de 2016.

<sup>278</sup> Trata-se da Casa-Museu Medeiros e Almeida, que tem o seu site disponível em <http://www.casa-museumedeirosalmeida.pt/>, consultado a 11 de Outubro de 2015.

sua casa, que adquiriu ao pintor José Malhoa. Em 1969, cumprindo a sua vontade expressa, foi legada esta casa e o seu recheio ao Estado Português para aí se criar a Casa-Museu com o seu nome, que abriu ao público em 1980. O seu acervo de pintura portuguesa compreende obras dos séculos XIX e XX e estão representados alguns dos artistas que compilámos no nosso *corpus*.<sup>279</sup>

O banqueiro e empresário **Ricardo Ribeiro do Espírito Santo Silva** (1900-1955) foi um mecenas das artes e das letras e um “(...) *coleccionador de arte imbuído de um espírito extraordinário de serviço público*.(...)”<sup>280</sup> Em 1953 este banqueiro doou o Palácio seiscencista Azurara, em Lisboa, e parte da sua colecção privada ao Estado Português, nascendo assim a Fundação com o seu nome, criada como museu-escola.

As grandes famílias dominantes e os grandes coleccionadores do século XIX exerceram, de uma maneira geral, uma acção mecenática, dando trabalho a pintores, escultores e arquitectos e protegendo os artistas nacionais.

Todos estes importantes coleccionadores adquiriam os seus objectos de arte nos mesmos sítios, conheciam-se entre eles e deveria existir, naturalmente, um aconselhamento mútuo.

Em relação à colecção de arte de **António de Sommer Champalimaud** (1918-2004)<sup>281</sup> leiloadada pela *Christie's* nos dias 6 e 7 de Julho de 2005, em Londres, diz-nos Teresa Pearce de Azevedo, “(...) *o espólio artístico, avaliado entre 22 e 30 milhões de euros, e considerado um dos mais valiosos alguma vez vendidos na Christie's, que considerou este leilão o mais importante da temporada*.”<sup>282</sup>

O resultado deste leilão, conforme designado em testamento, reverteu para a criação da Fundação D. Anna de Sommer Champalimaud e Dr. Carlos Montez Champalimaud, em Lisboa<sup>283</sup>. Esta constituiu uma das principais colecções privadas do país.

**Abel de Lacerda** (1921-1957) foi, igualmente uma figura muito importante no que toca a coleccionar arte e em 1956 inaugura uma magnífica exposição, no Palácio Foz, em Lisboa, que lança, para o conhecimento do grande público, o que virá a ser o **Museu do Caramulo**.

A colecção de **Jorge de Brito** (1927-2006) foi uma das colecções privadas portuguesas mais importantes da segunda metade do século XX. Compunha-se principalmente de pintura nacional produzida a partir do final do século XIX. Após o 25 de Abril de 1974

---

<sup>279</sup> Mais informações disponíveis em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-museu-dr-anastacio-goncalves/>, consultado a 28 de Dezembro de 2015.

<sup>280</sup> Conforme expresso no *site* da sua Fundação, disponível em <http://www.fress.pt/Apresentacao/O Fundador/>, consultado a 29 de Dezembro de 2015.

<sup>281</sup> Esta colecção era internacional. Era maioritariamente constituída por arte francesa do século XVIII.

<sup>282</sup> Cf. AZEVEDO, Teresa Pearce de, *Arte Portuguesa no mundo*, in Revista L+arte nº15, de Agosto de 2005, p.75. Teresa Pearce de Azevedo é Licenciada em História, variante de História da Arte e foi jornalista das revistas L+arte e Artes & Leilões.

<sup>283</sup> Trata-se da Fundação Champalimaud, criada em 2005, e que se dedica à investigação de ponta em termos de Medicina. Disponível em <http://www.fchampalimaud.org/>, consultado a 6 de Março de 2016.

a sua colecção, como tantas outras, foi progressivamente dispersa em partilhas e leilões. Foi vendida uma parte da colecção e outra parte irá ser negociada e constituirá o núcleo do **CAM-JAP**, inaugurado em 1983. Anos mais tarde a sua colecção irá ser fundamental para a constituição da **FASVS**, pois era um dos principais coleccionadores privados das obras de Maria Helena Vieira da Silva.<sup>284</sup>

Em Algés, no Palácio Anjos, foi criado, em 2006, o CAMB (Centro de Arte Manuel de Brito)<sup>285</sup>, que dá a conhecer ao grande público uma das mais importantes colecções de arte portuguesa do século XX, a colecção de **Manuel de Brito** (1928-2005), que ao longo da sua vida reuniu cerca de duas mil obras de arte, entre desenho, pintura e escultura, sendo uma das mais importantes colecções do nosso país.

Todas estas importantes e valiosas colecções constavam, naturalmente, de arte antiga.<sup>286</sup> Contudo, é um facto que as grandes peças antigas estão a desaparecer do mercado e o mundo das antiguidades está a mudar. Uma grande parte da arte antiga já foi adquirida e encontra-se actualmente em museus, em colecções públicas e particulares, e em fundações, instituições que têm construído patrimónios muito importantes de arte e são, nos nossos dias, poderosos instrumentos para a definição da Cultura e, consequentemente, para a afirmação do país.

Basta consultarmos atentamente, por exemplo, catálogos antigos de leiloeiras portuguesas, em confronto com os mais recentes, para nos apercebermos de que as importantes peças já só aparecem esporadicamente.

Em termos do mercado de arte, no entanto, por vezes é uma questão de estratégia. Tomando como exemplo os grandes pintores naturalistas, que ainda continuam a ser muito transaccionados, como podemos observar pelo nosso *corpus*, se um antiquário ou um coleccionador pretender valorizar estas obras no estrangeiro, pode pôr, como exemplo, alguns quadros de José Malhoa à venda em Londres, ou em Nova Iorque, o que atrairia muitos coleccionadores portugueses, e, consequentemente, iria chamar a atenção de outros comerciantes presentes, nomeadamente internacionais, que ficariam interessados em adquirir pintura deste artista, para vender aos coleccionadores portugueses. Para estas transacções, no entanto, são precisas licenças de exportação e alguma burocracia, que impedem muitas vezes este processo.

Quanto a coleccionadores de arte moderna e contemporânea, a partir do último quartel do século XX e primeira década do século XXI nota-se uma mudança no panorama de

---

<sup>284</sup> Cf. SILVEIRA, André, *Colecção Jorge de Brito*, Lisboa, Revista L+arte, nº79, Setembro de 2011, p.34.

<sup>285</sup> Disponível em <http://www.camb-cm-oeiras.pt/>, consultado a 10 de Março de 2016.

<sup>286</sup> Num país como Portugal, o contacto das pessoas com a arte, de uma maneira geral, foi sempre muito mais com a arte clássica do que com a arte moderna. Porque esta última foi sempre mais restrita em termos do número de pessoas a que chegava e, em certo sentido, mais elitista, além de que existe uma longa exposição das pessoas à arte antiga, sobretudo através dos bens da Igreja, da Arte Sacra e mesmo dos museus mais tradicionais, com uma oferta cultural muito reduzida. Mesmo o coleccionismo de arte, tradicionalmente, até há relativamente pouco tempo era da área da arte antiga e clássica, das antiguidades de obras de arte. Esta realidade está a mudar, como temos vindo a demonstrar.

coleccionismo no nosso país, com a formação de colecções de arte contemporânea que resultaram na abertura ao público de espaços museológicos. Situação reveladora de um dinamismo sem precedentes na nossa História, temos o exemplo da Colecção da Fundação Berardo e a Colecção da Fundação de Serralves. A Colecção Berardo é actualmente a maior colecção de arte internacional existente no país, embora, em termos de arte portuguesa não seja a mais abrangente.

Citando Manuela Hargreaves ficamos cientes de que “*Quase todas as colecções institucionais públicas portuguesas eram, antes de 1974, colecções de arte portuguesa. Assim era com a colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, com a colecção do Centro de Arte Moderna, da Fundação Calouste Gulbenkian (...) bem como da Colecção da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento*”<sup>287</sup>. As excepções surgiram muito depois da revolução com colecções privadas como a Colecção Berardo, a Colecção Ellypse<sup>288</sup> e a Colecção da Fundação de Serralves.”<sup>289</sup>

Para João Fernandes “*O facto de ao longo do século XX as poucas colecções de arte do país, institucionais ou privadas, serem centradas sobretudo na arte feita em Portugal, contribuiu (...) para a marginalização dos artistas portugueses.*” Ou seja, para João Fernandes, os artistas portugueses têm uma dificuldade acrescida de visibilidade internacional, fruto de um coleccionismo fraco, e maioritariamente nacional, além de poucos apoios do Estado e de uma falta de dinâmica do *marketing* cultural nacional.<sup>290</sup>

No âmbito da globalização do mundo artístico, já referida, e da sua informação, rápida e acessível, em termos de grandes colecionadores mundiais da actualidade, basta consultarmos, por exemplo, o *site* da revista norte-americana ARTNEWS<sup>291</sup>, para acedermos a uma listagem dos maiores colecionadores de arte do momento, referente ao ano de 2015, em que se destacam figuras que não são tão óbvias, como jogadores de futebol, para além de inúmeros nomes de colecionadores chineses, cujo mercado se está a abrir, gradualmente, a arte não chinesa, claramente em ascensão no mercado de arte, além de que, na sua esmagadora maioria são **coleccionadores de arte moderna e contemporânea, marcando a clara ascensão desta arte como preferência actual.**

Manuela Hargreaves refere na sua obra que: “*(...) os organizadores da feira ARTBasel notaram na edição de 2012 um aumento considerável da presença de colecionadores vindos da Ásia, nomeadamente de Hong Kong e da China*”.<sup>292</sup>

Segundo esta autora, os colecionadores, hoje em dia, efectuem as suas aquisições em galerias de arte, em casas leiloeiras e, nalguns casos, directamente aos artistas.<sup>293</sup>

<sup>287</sup> Mais informações em <http://www.flad.pt/colecao-de-arte/>, consultado a 12 de Maio de 2016.

<sup>288</sup> Entretanto interrompida após o colapso do Banco Privado Português em 2008.

<sup>289</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *op. cit.*, p.30.

<sup>290</sup> Cf. FERNANDES, João, *Das dificuldades de coleccionar arte em Portugal*, in Revista L+arte, nº76, Outubro de 2010, pp.14-15. João Fernandes (n.1964) era, à altura da redacção deste artigo, Director Artístico do Museu de Serralves (2003-2012).

<sup>291</sup> Disponível em <http://www.artnews.com/top200year2015/>, consultado a 6 de Junho de 2016.

<sup>292</sup> Cf. HARGREAVES, Manuela, *op. cit.*, p.27.

Um projecto relativamente recente, a colecção da **Fundação PLMJ**, instituída em 2001, em Lisboa, em termos de pintura nacional, acompanha os novos tempos, e, conforme explícito no seu *site*: “*procura apresentar uma visão selectiva dos principais artistas nacionais, desde a década de 80 até à actualidade, privilegiando embora a divulgação de novos artistas emergentes.*”<sup>294</sup>

O perfil dos coleccionadores também está a mudar, bem como os seus gostos, verifica-se uma transferência, gradual, do investimento em pintura em leilões para a arte contemporânea, nomeadamente para artistas ainda activos e para jovens artistas, sendo que as razões que determinam estes fenómenos são de natureza muito diversa, como a raridade de obras de autores mais antigos disponíveis para venda, a necessidade de renovar periodicamente o mercado e a cada vez maior mediatização da contemporaneidade artística, o que faz com que os coleccionadores encarem a sua colecção como uma forma de aplicação financeira cuja rentabilidade é necessário salvaguardar e promover, activamente.

Em relação a esta matéria, e seguindo a linha de raciocínio do Professor Doutor Vítor Serrão, com a qual concordamos plenamente, devemos sempre distinguir situações correntes onde os acervos servem a mera ostentação, de outras situações em que é a especialização que agrupa peças, numa lógica clara de colecção, sendo que a análise do **gosto** torna-se imperativa em História da Arte e é uma vertente muito importante da mesma, porque nos faz entender critérios de escolha e de estrutura das colecções, a partir de cujos inventários, sejam colecções privadas ou de um mosteiro, como exemplo, será possível reconstituir acervos dispersos e compreender opções estéticas através de um estudo das tipologias colecionadas. Este estudo de género é extremamente importante e implica uma visão inter-disciplinar e trans-memorial, de forma a ser compreendido no seu todo.

Numa interessante referência à voracidade do mundo moderno, que também se reflecte na maneira de encarar a arte, Sarah Thornton relata-nos um trecho de uma conversa que testemunhou entre dois colecionadores, num leilão, a 10 de Novembro de 2004, na *Christie's* em Nova Iorque<sup>295</sup>:

*“Que período colecciona”, pergunta ela.*

*“Esta manhã”, responde ele.*

---

<sup>293</sup> *Idem, op. cit.*, p.54.

<sup>294</sup> Disponível em <http://www.fundacaopl.mj.com/>, consultado a 5 de Janeiro de 2016.

<sup>295</sup> CF. THORNTON, Sarah, *op. cit.*, p.32.

### 3.7 – O caso específico dos Peritos

Como forma de completar este estudo decidimos incluir um *item* sobre a figura dos Peritos. **Estes são, na nossa opinião, um dos mais importantes protagonistas do mercado de arte.**

Para esta análise considerámos a obra de MCM, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, e nesta, o autor é peremptório: “*Não é possível identificar obras de arte sem recorrer a peritos. Peritos em arte e peritos nos mais diversos ramos do saber. São eles os detentores principais dos respectivos conhecimentos.*”<sup>296</sup>

Por definição, um perito de arte alia determinados conhecimentos teóricos a conhecimentos práticos, e especializa-se numa determinada área do conhecimento das obras de arte, como é o caso, como exemplo, de um perito em **pintura portuguesa**.

Qualquer casa leiloeira que aspire a ser reconhecida e consagrada necessita de ter como seus colaboradores peritos com vasta experiência nos diversos tipos de objecto que circulam no mercado. E este aspecto é fulcral no que diz respeito à pintura. Estes especialistas oferecem, do ponto de vista dos compradores, segurança e correctas avaliações das obras de arte.

Um perito não deverá ter exclusivamente como função **distinguir um verdadeiro de um falso ou de uma réplica**, deverá ter desenvolvido competências teóricas, metodológicas e práticas que o qualifiquem para exercer as diversas aplicações da Peritagem de Arte nos campos da assessoria, consultadoria, avaliação, identificação, inventário e catalogação de obras de arte.

Como podemos avaliar pelo conteúdo da entrevista de Gabriel Laranjeira (ver Anexo IV), para um perito, mais do que a formação académica, o importante é o factor **experiência, a prática, ou seja, a quantidade de pinturas que já peritaram**. Uma vasta experiência será sempre a melhor recomendação para um perito.

Este perito esclareceu-nos que existem diferenças entre **peritagem** e **avaliação**, sendo que **a peritagem será sempre efectuada antes da avaliação**, como é natural.

Através de uma **peritagem** rigorosa e atenta podemos aferir uma série de **informações** sobre uma peça, como o reconhecimento de técnicas, datação, época, identificação de materiais, correntes estéticas, ou a sua qualidade, bem como da aplicação de práticas preventivas de conservação e de restauro, já através da **avaliação** chegamos a um **valor** para a peça. Um perito pode ser igualmente um avaliador.

E depois, continuando a linha de raciocínio de Gabriel Laranjeira, outro factor, extremamente importante, nomeadamente para a avaliação é acompanhar, constantemente, e de perto, o mercado, para avaliar por comparação de resultados.

---

<sup>296</sup> Cf. MONCADA, Miguel Cabral de, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, Porto, Civilização, 2006, p.28.



Miguel Cabral de Moncada não hesita em afirmar que “(...) a Cabral Moncada Leilões investiu a sério em peritos, embora saibamos que ninguém é infalível (...) o facto de as peças estarem em exposição durante cinco dias em horário alargado permite que os próprios agentes do mercado nos levantem dúvidas e questões que serão tidas em consideração podendo haver novas apreciações do material, muitas vezes com recurso a outros peritos, consideramo-las muito bem vindas, podemos livrar-nos de complicações futuras. Por exemplo, em 2007 foi-nos entregue para leilão um desenho de Bernardo Marques que os nossos peritos rejeitaram por suspeitarem ser falso, esse desenho foi devolvido aos proprietários, que mais não eram do que os próprios falsificadores, como se veio a apurar (...) é nestas alturas que o investimento em peritos realizado pela Cabral Moncada Leilões sai mais visivelmente recompensado.”<sup>297</sup>

Para Miguel Cabral de Moncada “A “verdade” sobre uma obra de arte é aquilo que, em cada momento, o conjunto de peritos na área dos conhecimentos em que a referida obra se insere considera ser a sua correta identificação.”<sup>298</sup>

E, no caso específico da CML, os seus fundadores dedicaram uma especial atenção, desde o momento inicial, à estratégia a seguir com vista à colaboração de peritos nas áreas mais sensíveis, nomeadamente as obras de arte pictóricas. Assim sendo “(...) nunca a Cabral Moncada Leilões colocou em leilão, até hoje, algum bem contra o parecer dos seus peritos de arte.”<sup>299</sup>

**Não obstante, muito dificilmente uma casa leiloeira pode afiançar, que em todo o seu percurso, mesmo recorrendo aos melhores peritos, não tenha aparecido uma obra de arte falsa, isto porque existem peças tão bem falsificadas que podem nem sequer levantar dúvidas, mesmo aos melhores e mais experientes peritos.**

A probabilidade de aparecerem obras falsas no mercado é mais elevada para o mercado secundário, em que se inserem as casas leiloeiras e os antiquários, do que no mercado primário, em que se inserem as galerias de arte, uma vez que trabalham directamente com os artistas, como já referimos.

De qualquer forma, a generalidade das leiloeiras está muito atenta a esta situação e confia na opinião dos seus peritos, pelo que o problema é minimizado, dentro do possível.

Em relação à pintura portuguesa de autor, na opinião de Miguel Cabral de Moncada, conforme pudemos constatar na entrevista que nos concedeu (ver Anexo IV), é esta a área mais sensível do negócio de uma leiloeira e, no caso específico da CML, todas as obras pictóricas têm de ser examinadas por um perito, que emite um parecer.

---

<sup>297</sup> Cf. D'ARCOS, José Pedro Paço, *Retrato de uma Leiloeira, entrevista a Miguel Cabral de Moncada*, in Revista Artes & Leilões, n.º27, Agosto/Setembro de 2010, p.70.

<sup>298</sup> Cf. MONCADA, Miguel Cabral de, *A Relevância dos Peritos de Obras de Arte no Mercado Leiloeiro Português. O Caso da Cabral Moncada Leilões*, in FERNANDES, Alexandra, AFONSO, Luís Urbano, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, estrutura, história, tendências*, Lisboa, SCRIBE, 2012, p.180.

<sup>299</sup> *Idem*, p.182.



Para efectuar uma peritagem/avaliação de uma peça existem regras básicas a seguir, a saber:

- Começar por preencher uma ficha de identificação sumária do objecto a peritar, onde devem constar elementos como uma primeira datação, o estilo, o material e técnica utilizada e o estado de conservação, como exemplos;
- Efectuar uma análise física e estudo o mais minucioso possível da obra de arte, ao nível do seu material de suporte, do material pictórico (no caso específico da pintura), e das suas características técnicas e estilísticas, conferidas pelo seu autor (existem artistas em Portugal cujos trabalhos possuem características únicas e são, portanto, mais facilmente identificados por um Perito);
- Efectuar uma investigação, caso se justifique, da história e do percurso/trajectória da peça (se possível, com o auxílio dos actuais e de antigos proprietários, efectuar perguntas como *se a peça alguma vez foi alvo de restauro, se sim, onde e que tipo de restauro*, saber se existem recibos/facturas relacionadas com a peça ou documentação relevante relacionada);
- Efectuar consultas bibliográficas sobre a peça e estudar o seu autor, caso esteja assinada, cruzar informação pluridisciplinar, verificar a fortuna crítica do autor/objecto, caso exista, verificar igualmente em que exposições terá estado patente;
- Um perito deve ser conhecedor de História, e de História de Arte, para avaliar, por exemplo, os ciclos e movimentos artísticos, para além da Legislação específica, aplicada ao mercado da arte;<sup>300</sup>
- Observar a pintura com o máximo de luz possível, natural e não só;
- Validar a assinatura, se existir. Se não fôr uma pintura assinada tem à partida um valor comercial mais baixo, ou, no caso de existirem dúvidas quanto à assinatura, no caso específico da CML, opta-se por não pôr em leilão;
- O perito deve assumir a responsabilidade pela sua peritagem, deve portanto, ter a certeza do conteúdo do seu Relatório;
- Por fim, a peça será avaliada. A avaliação poderá ser efectuada pelo Perito, ou por um avaliador, que é outro agente específico.

Todas estas regras, em conjunto, podem levar à necessidade de análises laboratoriais, e à ajuda de outros especialistas, de uma equipa multidisciplinar. Damos como exemplo uma pintura que seja de difícil datação, mas em que esteja representado vestuário, um especialista nesta matéria poderá ajudar a identificar a época, através da análise atenta do mesmo, sendo que a última palavra será sempre da responsabilidade do perito de arte que está a efectuar a sua análise e ele sim, atesta da veracidade da mesma.

---

<sup>300</sup> Damos como exemplo a recente Lei nº98/2015, de 18 de Agosto, que aprova o regime jurídico do ouro e das contrastarias.

Assim, cumpridos todos os requisitos, podemos aferir da importância de um perito enquanto identificador das obras de arte.

Depois há casos excepcionais em que um Perito considera que o artista estava particularmente inspirado e pôs especial empenho naquela tela, ou se o artista já tinha maturidade artística, deduz-se que será uma pintura já de final de carreira (caso não esteja datada), ou mesmo a questão dos altos e baixos que existem em todas as carreiras artísticas, realidade bem conhecida dos peritos, eles sabem e graduam a importância das obras, ajudando o avaliador nesta matéria específica, e depois, é necessário ter uma sensibilidade para avaliar o mercado e saber se existirão compradores para determinada obra.<sup>301</sup>

Após a peritagem, deve ser elaborado um **Relatório de Peritagem**, documento da maior importância, que deve sempre acompanhar a respectiva obra de arte;

Em Portugal, no entanto, apesar da sua importância, não existe nenhum organismo que – à semelhança da França, por exemplo, que confere, após um exame, o qualificativo de perito a pessoas que demonstrem ter os conhecimentos necessários -, atribua a classificação de perito a uma pessoa, mesmo que assim seja reconhecida pelos seus pares, que é o que acontece em Portugal onde os peritos, em número reduzido, obtiveram a sua classificação, na maioria dos casos, através de uma vasta experiência, e são reconhecidos como tal entre si.

O principal objectivo de um perito é detectar obras de falsários, e distinguir uma obra de arte genuína de uma falsa, pode, por vezes, ser uma tarefa de enorme complexidade, e requiere, acima de tudo, muita experiência.

Em termos do mercado de arte em geral, e dos leilões em particular, peças acompanhadas de um certificado comprovativo da sua autenticidade, emitido por entidades ou personalidades de reconhecido mérito e competência, são mais apetecíveis para possíveis compradores.

No caso específico do nosso estudo, a pintura portuguesa, com iconografia lisiponense, é muito importante, em concreto, verificar os catálogos de exposições dos artistas. Através deles, podemos ter uma noção da quantidade de pinturas com temática de Lisboa que foram produzidas, mesmo que não tenham chegado à CML e não figurem, consequentemente, no nosso *corpus*. No espaço temporal desta Dissertação, foi impossível consultá-los todos, mas o número que conseguimos estudar permitiu-nos ter uma ideia geral da produção de cada artista, e apercebermo-nos de que existem obras que se encontram, há décadas, nas mãos de particulares e que, muito provavelmente, assim continuarão por muitos mais anos. Este é, igualmente, um dos métodos utilizados por um perito.

---

<sup>301</sup> Para estes esclarecimentos agradecemos a colaboração, sempre generosa, do Perito de Pintura Portuguesa da CML, Gabriel Laranjeira Lopes.

Para além dos catálogos de exposições, peritos e investigadores têm, de há uns anos a esta parte, à sua disposição, os catálogos das grandes casas leiloeiras, que têm levado a cabo um grande investimento na qualidade dos mesmos, esta é uma realidade particularmente sentida na CML, nosso caso de estudo.

Referimos, por último, que existe um número muito elevado de “falsos” no mercado de arte nacional, consequentemente, foi criada, no seio da Polícia Judiciária, uma Brigada de Obras de Arte. No dia 24 de Outubro de 2008, foi inaugurada a primeira exposição de obras de arte falsificadas, na posse desta Brigada, na cidade do Porto. A exposição foi intitulada “o verdadeiro/falso” e do seu “acervo” constavam falsificações de inúmeros artistas nacionais, muitos dos quais presentes do nosso *corpus*.<sup>302</sup>

---

<sup>302</sup> Cf. SANTOS, Agostinho, *Arte falsa exposta na Polícia Judiciária*, in *Jornal Diário de Notícias online* de 24 de Outubro de 2008.



**CAPÍTULO IV**

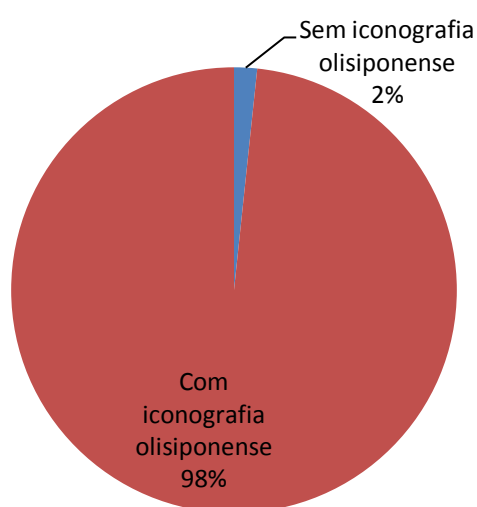
**ESTUDO E ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS OBRAS DE**  
**ARTE ELECADAS**

## 4 – ESTUDO E ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS OBRAS DE ARTE ELENCADAS

### 4.1 – Estudo e análise dos dados recolhidos no *corpus*

Uma vez elencadas e formando um *corpus* (ver Anexo I), todas as obras de arte com iconografia lisiponense - na qual, como constatámos, foram incluídas não só aquelas que retratam a cidade, ou que têm por título *Lisboa*, como aquelas que têm como temática os seus principais símbolos, durante o arco temporal estudado - 2001 a 2015 -, foram objecto de análise para aferirmos do seu desempenho.

Assim, os resultados obtidos encontram-se reunidos em nove gráficos,<sup>303</sup> que nos elucidam e nos permitem chegar a conclusões.

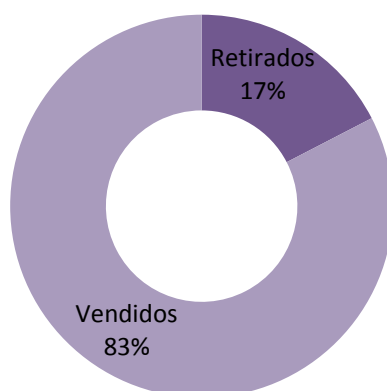


**Gráfico 1 – Percentagem de leilões que incluíram lotes com iconografia lisiponense**

A partir do Gráfico 1 aferimos que, dos **120 leilões considerados**<sup>304</sup> só não encontramos lotes de pintura portuguesa de autor com temática lisiponense em três, ou seja, **apenas 2% não contemplam iconografia lisiponense na tipologia estudada**, o que nos permite afirmar, com clareza, a frequência do tema.

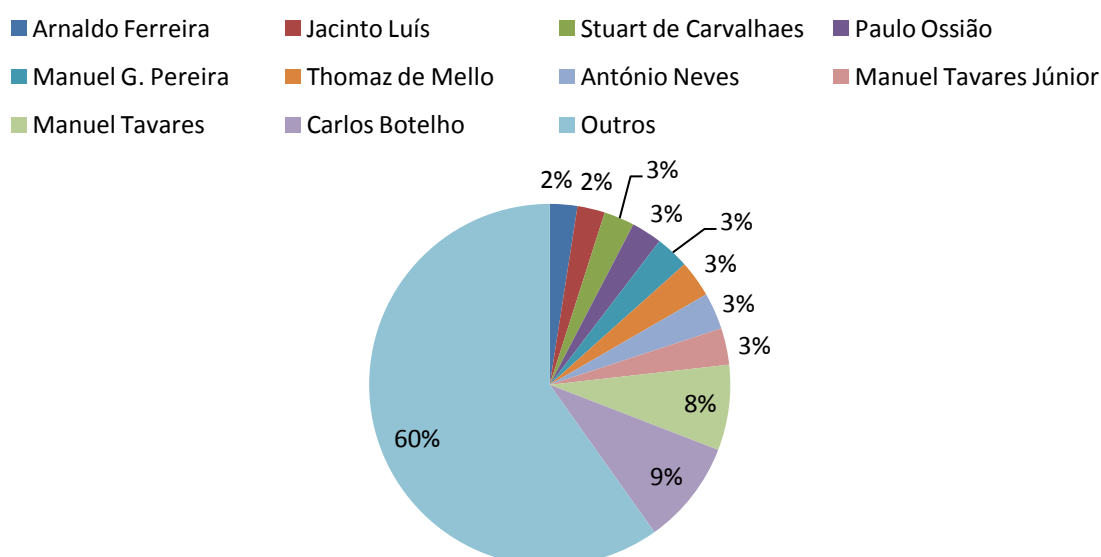
<sup>303</sup> Para a construção dos gráfico foi utilizado o *software Microsoft Office Excel*.

<sup>304</sup> Importa explicar que, durante o período estudado, tiveram lugar 127 leilões da CML. Porém, destes, seis foram leilões *Vista Alegre*, e um foi um leilão temático sem presença de pintura, restando considerar 120.



**Gráfico 2 – Percentagem de obras arrematadas e retiradas**

A partir do Gráfico 2 podemos aferir que, em **relação aos 120 leilões em que poderia existir pintura com iconografia olisiponense, apenas 17% dos lotes não foram licitados em contexto de leilão sendo, assim, retirados**. Apesar desta percentagem, ainda assim sublinhamos que, como referido anteriormente, esta realidade não implica que estas peças tenham sido devolvidas aos seus proprietários. Conforme nos explicaram MCM e GLL, a maior parte das vezes, numa clara maioria, estas peças são vendidas no dia seguinte ao do leilão, pelo preço base, ou voltam a leilão com um preço base 30% inferior, e por norma encontram sempre um interessado.



**Gráfico 3 – Percentagem de obras por autor**

A partir do Gráfico 3 aferimos quais foram os autores que se destacaram pelo número de obras que apareceram para leilão durante a cronologia estudada. Ou seja, durante este período de tempo, na CML, de todas as pinturas de autor com temática olisiponense,

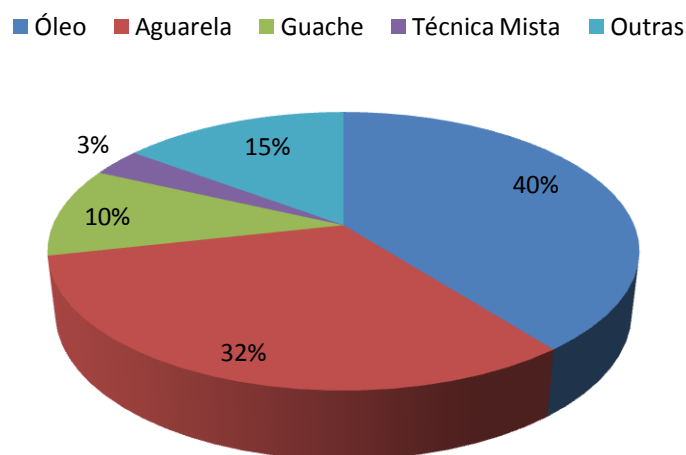
aquele que mais se destacou foi **Carlos Botelho com 9% referente a 34 obras**. Esta realidade não nos surpreende, porque, como tentámos sublinhar na nossa Dissertação, este foi um dos artistas que mais se destacou como um **Pintor de Lisboa**. Além desta realidade constatamos, igualmente, e como nos foi confirmado por MCM, que a CML se tem claramente destacado nos últimos anos como a leiloeira de arte que proprietários de uma obra deste autor privilegiam para colocar as mesmas em leilão.

Não podemos deixar de referir os restantes autores que se destacam com números mais expressivos de peças no *corpus*, nomeadamente:

Manuel Tavares com 28 lotes que se traduziu em 8%; Manuel Tavares Júnior com 12 lotes que se traduziu em 3%; António Neves com 12 lotes que se traduziu em 3%; TOM com 12 lotes que se traduziu em 3%; Manuel Gregório Pereira com 11 lotes que se traduziu em 3%; Stuart Carvalhaes com 10 lotes que se traduziu em 3% Paulo Ossião com 10 lotes que se traduziu em 3% e Jacinto Luís com 9 lotes que se traduziu em 2%.

**Estas percentagens traduzem um claro destaque para os aguarelistas, como é o caso dos familiares Manuel Tavares, António Neves e Paulo Ossião.**

Altura para sublinharmos que apareceram pinturas de uma maioria dos autores presentes no *corpus*, durante o arco temporal de quinze anos estudado, para leilão na CML, de outras temáticas, mas só aquelas que retratavam Lisboa foram elencadas para este estudo específico.

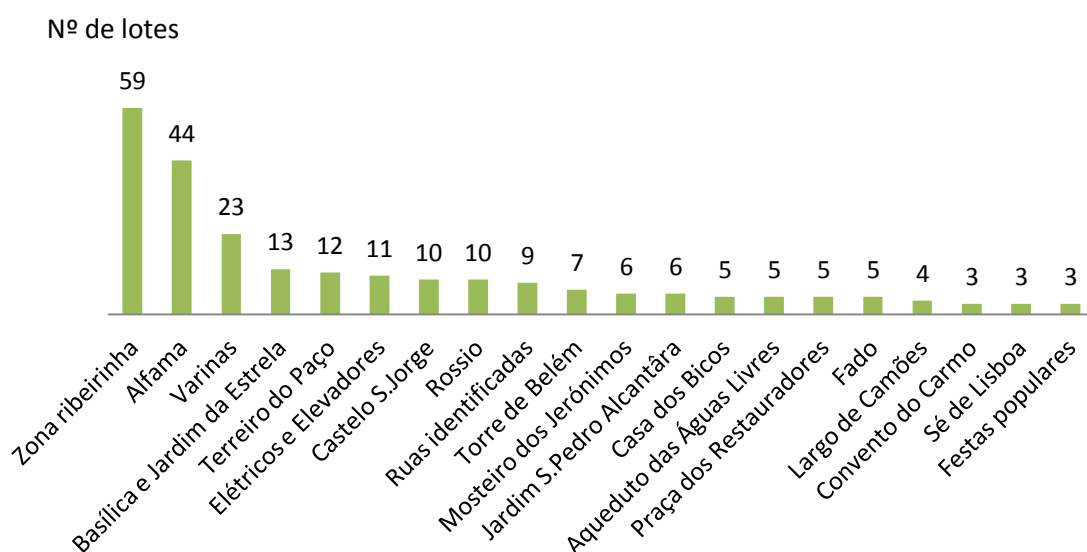


**Gráfico 4 – Percentagem por técnicas utilizadas**

A partir do Gráfico 4 constatamos, uma vez mais sem surpresa depois do que temos vindo a sublinhar, que as pinturas a **óleo** são uma clara maioria **dos 366 lotes elencados**, ou seja, destes, **40% apresentam esta técnica**. Seguidamente surgem as **aguarelas**, com **32%**, o que não é igualmente de estranhar, porque Lisboa sempre cativou a atenção dos aguarelistas, os do passado, como Roque Gameiro e o Rei D. Carlos I, e os do presente, como Paulo Ossião e Real Bordalo. Para além dos inúmeros artistas amadores



que podemos apreciar um pouco por toda a parte antiga da cidade e perto dos seus monumentos mais emblemáticos, a pintar aguarelas, os quais ainda hoje fazem parte do imaginário da capital. Em terceiro lugar temos a técnica de **guache**, com **10%**, esta, é particularmente atractiva para os artistas porque tem um grande poder de cobertura, diferenciando-se da aguarela pela sua opacidade, além de que é, assim como a tinta para aguarela, tendencialmente mais barata, em comparação com as tintas a óleo. Quanto à percentagem (**3%**) de lotes em que os artistas utilizaram a **Técnica Mista**, é reveladora das novas tendências em arte, ou seja, os artistas estão a apostar, cada vez mais numa pluralidade de soluções para as suas criações, nomeadamente no que diz respeito à pintura.



**Gráfico 5 – Totais por temas retratados**

A partir do Gráfico 5 podemos analisar quais os locais que mais cativaram o interesse dos artistas presentes no *corpus* elencado. Sublinhamos que chegámos à identificação dos temas **apenas pelos títulos das obras**, ou seja, nos numerosos casos em que a pintura tenha como título *Vista de Lisboa* ou *Trecho de Lisboa*, não foi considerado o tema específico que aborda.

Ficou demonstrado que, em relação ao período estudado e à CML:

- Com **59 lotes** temos o **Tejo e a zona ribeirinha** de Lisboa que constituem assim, com elevado destaque, a preferência dos artistas que pintaram Lisboa;
- Com **44 lotes** temos o bairro de **Alfama**;
- Com **23 lotes** temos a figura típica das **varinas**.

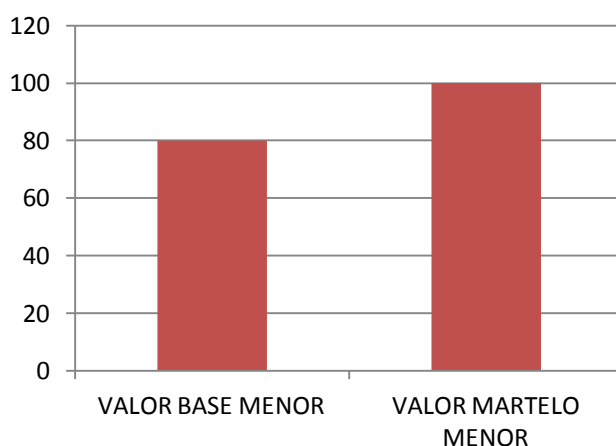
Assim, concluímos que **o e Rio Tejo e a zona ribeirinha é a zona da cidade mais retratada**, seguida do antigo bairro de **Alfama** e de uma das figuras mais típicas da

cidade, embora entretanto desaparecida, a figura das **varinas**, ligadas à arte da pesca, igualmente desaparecida do dia-a-dia dos lisboetas.

Na sequência dos três temas mais retratados aparecem os **monumentos** mais antigos e emblemáticos, como o **Castelo de São Jorge**, a **Sé de Lisboa**, a **Basílica da Estrela**, o **Convento do Carmo**, o **Mosteiro dos Jerónimos**, a **Torre de Belém**, a **Casa dos Bicos** e o **Aqueduto das Águas Livres**. Seguidamente, outros **locais emblemáticos** da cidade como o **Rossio**, o **Terreiro do Paço**, o **Largo do Camões**, a **Praça dos Restauradores** e diversas **ruas** identificadas da cidade.

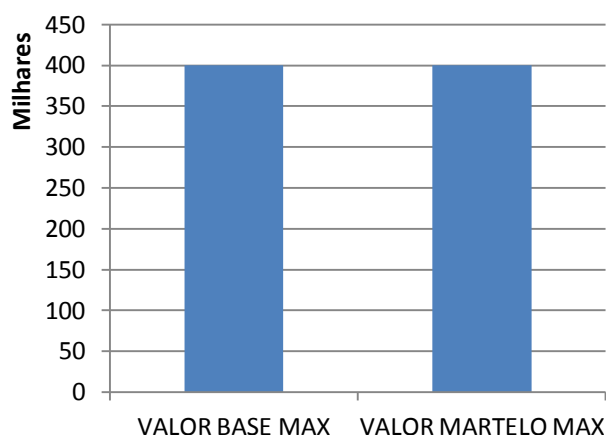
Por último, aparecem símbolos da cidade como o **Fado**, género musical nascido nos bairros típicos da capital como a Mouraria e Alfama, canção urbana de que os registos mais antigos remontam ao início do século XIX, e as **Festas Populares** da capital, no mês de Junho. Destaque ainda para os típicos **eléctricos e elevadores** que suavizam a presença das colinas da capital, bem como os seus **jardins**.

Sublinhamos que, conforme referido por Miguel Cabral de Moncada, em relação aos títulos das obras, quando o mesmo aparece entre aspas no catálogo, refere-se ao título original, dado pelo próprio autor, quando aparece sem aspas, refere-se a um título dado por livre arbítrio da CML. Ressalvamos que, em relação à arte contemporânea, esta questão não se coloca, se a peça não tem título atribuído aparece referida *Sem Título* no catálogo.



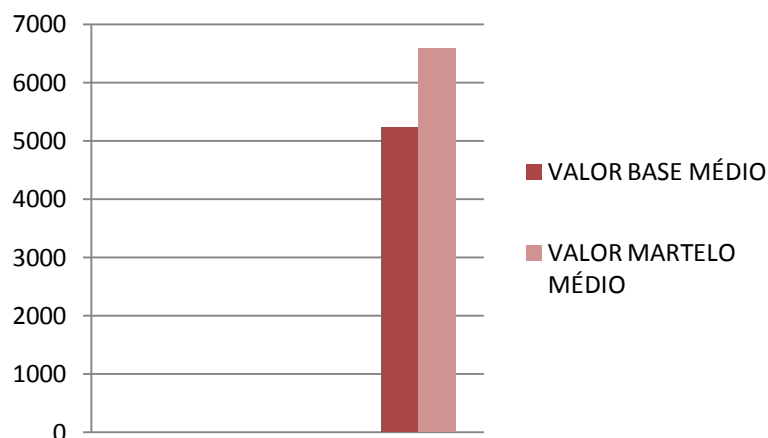
**Gráfico 6 – Valor base e valor de martelo menor. Valores em euros (€)**

A partir do Gráfico 6 constatamos que o **valor base menor** das peças, durante o período estudado, foi € 80, sendo o **valor menor de martelo** € 100.



**Gráfico 7 – Valor base e valor de martelo mais elevado. Valores em euros (€)**

A partir do Gráfico 7 constatamos que o **valor base máximo** atingido durante o período estudado foi **400 mil euros**, sendo o **valor máximo de martelo 400 mil euros**.

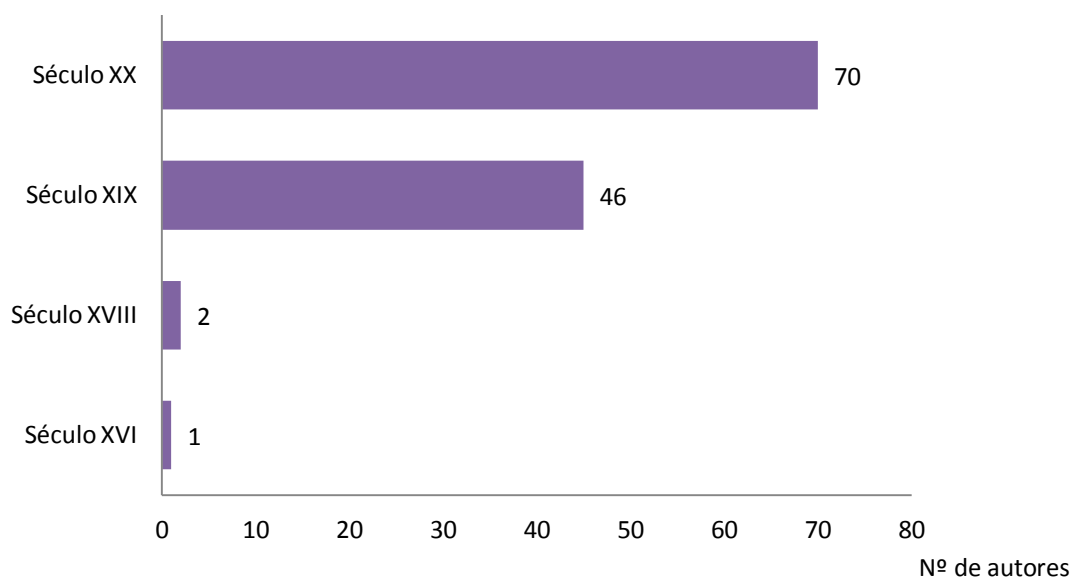


**Gráfico 8 – Valor médio do valor base e do valor de martelo. Valores em euros (€)**

**Valores por extenso, *infra*.**

<b>Valor médio de base</b>	<b>€5219.751</b>
<b>Valor médio de martelo</b>	<b>€6586.532</b>

A partir do Gráfico 8 aferimos que o **valor médio de base** dos lotes a leilão durante o período estudado foi de cerca de **€ 5.200**, sendo que o **valor médio de martelo** foi de cerca de **€ 6.500**.



**Gráfico 9 – Totais por século de nascimento dos autores**

A partir do Gráfico 9 aferimos que, dos **119 artistas elencados**, **70** nasceram no **século XX**, **45** nasceram no **século XIX**, e os restantes, numa clara e destacada minoria, nasceram em outras centúrias mais recuadas, **2** no **século XVIII**, e **1** no **século XVI**.

Assim, **uma clara maioria das pinturas estudadas foram produzidas no século XX**.

**O valor total realizado com a venda dos lotes no período estudado é de € 1.960.970** (um milhão novecentos e sessenta mil e novecentos e setenta euros). O que perfaz uma média de **€ 130.731,33** (cento e trinta mil setecentos e trinta e um euros e trinta e três cêntimos) **por ano**. Ou seja, através da estimativa efectuada aferimos que, no período compreendido entre 2001 e 2015 – quinze anos –, foram facturados, em valor de martelo, na CML cerca de dois milhões de euros **só em pintura de autor com temática olisiponense**.

#### **4.2 – Obras de arte com iconografia olisiponense de autores estrangeiros e de autores não identificados na CML.**

Para além das obras de arte elencadas – que constituem o *corpus* estudado - cujo autor está devidamente identificado-, aparecem para leilão na CML inúmeras obras de arte com temática de Lisboa e dos seus símbolos de autores estrangeiros, e sem identificação do autor, a maioria da denominada *escola portuguesa*. Embora a pedra angular do nosso estudo sejam as pinturas cujo autor conhecemos, não podemos deixar de referir esta outra realidade, até porque o seu número é, conforme já referido, elevado, bem como a sua qualidade, na maior parte das vezes.

Como já referido, até ao século XVI existe uma escassez de exemplares de pintura portuguesa que induz em erro quanto à produção pictórica. Na verdade, uma série de

acontecimentos fizeram extraviar estes exemplares, mas a sua produção e a quantidade de artistas terá sido vasta.

Assim, não sendo nosso propósito desviarmo-nos do nosso tema, e não sendo possível aprofundar esta outra questão, deixamos algumas imagens, como exemplo desta outra realidade em termos de iconografia lisiponense, que circula no mercado de arte.



#### *Lisbona*

Gravura sobre papel, da obra de Friedrich Bernhard Werner (1690-1776) “Panoramic town view”, publicada em Augsburg em 1740 (nº58), emoldurada, com vincos de dobragem, e algum desgaste.

**ARREMATADA POR € 600**

**Lote 414 – Leilão 153 de 18 de Novembro de 2013**

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



#### *Vista de Lisboa*

Gravura aguarelada sobre papel, francesa, século XVII

**ARREMATADA POR € 400**

**Lote 827 – Leilão 143 de 14 de Novembro de 2012**

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



#### *Vista do Palácio dos Duques de Aveiro, Lisboa*

Gravura aguarelada sobre papel, francesa, c.1765

**ARREMATADA POR € 120**

**Lote 547 – Leilão 163 de 17 de Novembro de 2014**

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



#### *Marquês de Pombal apresentando os planos de reconstrução de Lisboa*

Óleo sobre tela, escola portuguesa, século XVIII/XIX

**ARREMATADA POR € 4.500**

**Lote 150 – Leilão 144 de 10 de Dezembro de 2012**

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



***Vista de Lisboa antes do Terramoto – Paço da Ribeira***  
 Gravura aguarelada sobre papel, francesa, século XVIII, pequenos defeitos  
**ARREMATADA POR € 300**  
 Lote 343 – Leilão 129 de 4 de Julho de 2011  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>



***View and plan of the great aqueduct of Lisbon***  
 Gravura a buril e água-forte sobre papel da autoria do pintor de origem suíça Henry L'Évêque (1769-1832)  
**ARREMATADA POR € 1.300**  
 Lote 293 – Leilão 151 de 23 de Setembro de 2013  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>



***Mosteiro dos Jerónimos – Belém***  
 Litografia aguarelada sobre papel, inglesa, século XIX  
**ARREMATADA POR € 80**  
 Lote 766 – Leilão 150 de 2 de Julho de 2013  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>



***Lisboa – Mercado da Ribeira Velha (antes do Terramoto)***  
 Óleo sobre tela, escola portuguesa, século XIX/XX, reentelado  
**ARREMATADO POR € 1.700**  
 Lote 191 – Leilão 159 de 2 de Junho de 2014  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

**Nota: Paineis de azulejos idênticos encontram-se no Museu de Lisboa - Núcleo Palácio Pimenta, sendo esta obra, muito provavelmente, uma representação do mesmo.**

## **CONCLUSÕES**

## CONCLUSÕES

*“Vejo-a, Lisboa, como um tema plasticamente riquíssimo, porque usufrui de uma cor muito variada (...) e até de materiais como são os azulejos, e de uma variedade de planos e ritmos. Tudo aquilo que é necessário para construir um quadro, independentemente de ter janelas e portas. É um tema que se presta a uma pessoa usar-o.”*

Carlos Botelho (1899-1982)

Entrevista ao *Diário de Notícias*, 4 de Novembro de 1971

Mediante o entusiasmo da investigação, confessamos, o volume de texto produzido ficou extenso para o leitor, mas o espaço foi exíguo do nosso ponto de vista. A extensão atingida, mais longa e exaustiva do que inicialmente se previra, justifica-se, na nossa opinião, pela difícil tarefa de explorar convenientemente todas as questões que se prendem com o tema.

O campo de investigação foi vasto e variado e o nosso trabalho traduziu-se numa matéria densa, baseada numa vasta e variada bibliografia – a extensa recolha de fontes é, do nosso ponto de vista, simultaneamente, a força e a debilidade do nosso estudo. Porém, ante o carácter da nossa Dissertação, que se debruça em quatro grandes temas, pareceu-nos obrigatório tentar explorar todas as fontes possíveis. Frequentemente, não conseguimos deixar de citar, longamente, vários autores, mas julgamos que este “excesso” virá em benefício de outros investigadores que venham a ler, no futuro, este nosso trabalho.

Dada a extensão e complexidade do tema, um dos objectivos primordiais da nossa investigação foi, naturalmente, o de conduzir a mesma de modo a que resultasse num estudo global, o mais completo possível, sobre obras de arte com iconografia lisiponense que apareceram no mercado de arte português, na CML, dentro da baliza cronológica estabelecida à partida (2001-2015).

Para tal, elencámos um *corpus*, que se tornou num precioso manancial de informação para nós. Este vasto conjunto de informação elencado trouxe-nos maneira de chegar a diversas conclusões.

Assim, foram estabelecidas diversas conclusões parciais.

Uma delas é a da sempre **delicada questão do “gosto”**. Já é um lugar-comum dizer que “cada pessoa é um mundo”, mas nunca, como em relação à sensibilidade para a arte, esta afirmação nos pareceu mais correcta. Mesmo para os artistas mais consagrados, devemos pensar que existirá sempre um número de pessoas, menor ou maior, que, simplesmente, não aprecie e que, no limite, mesmo que pudesse, não compraria uma pintura destes artistas.



Apercebemo-nos desta realidade através do nosso próprio gosto, *i.e.*, apesar de os termos estudado com muito interesse, somos obrigadas a confessar que existem artistas, presentes no nosso *corpus*, cujas obras de arte não compraríamos, outros, no entanto, se tivéssemos a disponibilidade financeira para tal, compraríamos em número considerável.

Num artigo exactamente sobre esta matéria, Anísio Franco afirmava que “(...) *na pintura, o gosto português tradicional vai pelo lado mais fácil, os naturalistas. Aquilo que se entende é o que se compra. Parece que não existe outro género de peças disponíveis, mas elas existem, não são é rentáveis no nosso mercado de arte e, como tal, este pouco ou nada se altera.*”<sup>305</sup>

É claro que este artigo, escrito em 2007, entretanto está, como constatámos, de alguma maneira, desactualizado. Já existe um público muito atento à arte moderna e contemporânea e que não se desloca a leilões só para adquirir pintura antiga ou peças de porcelana chinesa *Companhia das Índias*, por exemplo.

No entanto, o mais importante num trabalho de investigação académica não é aferir do gosto propriamente dito, embora o consideremos importante, mas sim referirmo-nos à forma como é conferido valor a uma obra de arte, quais os mecanismos que lhe conferem um lugar no mercado, e que agentes estão envolvidos neste processo e como participam, em conjunto, na construção desse valor.

Nesta medida, a racionalidade e a distância emocional são essenciais para estudar, e detectar, as oportunidades de mercado, e efectuar bons negócios, sem ser, de preferência, dominado por sentimentos impulsivos, o que, acredito, aconteça a muitos coleccionadores, como exemplo.

Em última análise poderíamos chegar à conclusão de que a arte não tem preço, mas, em boa verdade, vivemos numa era em que impera a racionalidade económica no mercado de arte e, no limite, será sempre possível chegar a um determinado valor.

Contudo, o valor da arte é difícil de determinar, pois uma obra vendida por uma quantia modesta, posteriormente, poderá atingir, por diversos motivos, como tentámos demonstrar, valores elevados, se chegar a leilão.

Gostaríamos, e tentámos, ao longo do nosso trabalho, de **chamar a atenção para o valor do nosso património artístico, passado e presente.**

Um valor desfalcado por tantos e diversos acontecimentos ao longo da nossa história, mas, em muitos casos, à boleia da incúria e do total desconhecimento de muitos, que deixaram vender, e seguir para o estrangeiro, muito frequentemente em leilões, obras de arte que faziam parte do património colectivo do nosso país, em grande parte, devido à falta elementar de cultura artística, realidade para a qual seria um projecto interessante e

---

<sup>305</sup> Cf. FRANCO, Anísio, *Como se faz o gosto*, in Revista L + arte nº43, de Dezembro de 2007, p.82.

de grande valor rever os programas do ensino em Portugal, desde o ensino Básico até ao ensino Secundário.

Sobre este assunto pronunciou-se Giulio Carlo Argan, quando afirma que *“As duas grandes tendências que se contrapõem no decurso do nosso século [no caso o século XX] reflectem precisamente a alternativa entre uma concepção da arte como bem económico privilegiado, destinado a um mercado de elite, e uma concepção da arte como factor educativo do qual toda a sociedade deveria poder usufruir, através de sistemas funcionais e didácticos, como o museu e a escola.”*<sup>306</sup>

**O mercado de arte nacional encontra-se a recuperar e a dar sinais de retoma, após o período de crise que se vinha a viver no sector, desde 2008** – que foi precedido por um período de euforia, uma espécie de “estado de graça” na década de 1980, em que existiam pessoas, de tal forma interessadas numa determinada peça, que esta atingia valores, por vezes, muito elevados, o que, praticamente, já não se verifica actualmente -, existem mudanças de fundo na área de negócio específica que é a das casas leiloeiras, como a tipologia do cliente – cada vez mais jovens e muitos estrangeiros -, e uma mudança, clara, no gosto, o que se reflecte no aumento, crescente, do interesse por arte moderna, e sobretudo contemporânea, continuando, no entanto, a existir interesse pelas antiguidades, que são sempre vistas como um valor seguro.

Apesar de tudo, **continuam a existir compradores e interessados em obras de arte**, e o mercado, para funcionar em pleno, **necessita apenas da existência de obras de qualidade e genuínas**, e são, justamente, as peças melhores que se continuam a vender bem, sendo que as peças de qualidade média e inferior vendem-se menos. O dinheiro continua a existir e as pessoas continuam a comprar no mercado de arte, mas são mais selectivas.

Aliás, basta consultarmos os catálogos das diversas leiloeiras de arte existentes no país para constatarmos como é impressionante, do nosso ponto de vista, a quantidade de arte que circula, isto pensando em exclusivo no mercado leiloeiro.

Em Portugal em geral, e nas cidades de Lisboa e do Porto, em particular, vive-se um *boom* cultural e artístico que tem contribuído largamente para a difusão de iniciativas várias a estes níveis e potencia, à escala do país, a difusão do mercado de arte.

Como conclusões fundamentais devemos afirmar que **o mercado de arte nacional centra-se, sobretudo, em obras de arte produzidas no seu território, por artistas nacionais**, sendo que a pintura não representa uma maioria das transacções em leilão, mas é a protagonista dos valores mais elevados atingidos em hasta pública.

No caso específico destas obras de arte, a preferência dos compradores é dirigida, sobretudo, para a pintura figurativa, de paisagem, género ou retrato, realizada entre os

---

<sup>306</sup> Cf. ARGAN, Giulio Carlo, *op. cit.*, p.26.

meados do século XIX e o primeiro terço do século XX<sup>307</sup>. **As vendas em hasta pública traduzem-se, por norma, em Portugal, em valores não elevados.**

Por outro lado, coincidindo com o ponto de partida, cronologicamente falando, do nosso estudo, a entrada em vigor da nova moeda (euro) veio criar inflação, também no mercado de arte, fazendo com que os preços subissem de modo a adaptarem-se a esta nova realidade.

Numa tentativa de contornar a perda de facturação, resultante da crise de 2008, **as casas leiloeiras têm posto mais lotes em leilão**, como nos foi confirmado, em entrevista, por MCM (ver Anexo IV). Aliás, a diversificação de tipologias é essencial para os leilões actuais, numa tentativa de atrair novos públicos, que tradicionalmente, não frequentam casas leiloeiras.

Podemos concluir, igualmente e sem surpresa, na conjuntura actual, que **a internacionalização é a forma mais eficaz para uma busca de novos compradores** e uma grande parte das casas leiloeiras do país encontram-se a investir nesta vertente.

No que se refere à importância que a iconografia lisbonense assume perante o mercado de arte, julgamos ter ficado sublinhado que esta é efectiva. MCM afirma mesmo que assume um aspecto importante na táctica comercial da sua leiloeira de arte, ou seja, é do seu interesse manter obras de arte com temática de Lisboa em leilão. Assume que, se aparecer um proprietário que pretender colocar três pinturas suas, de qualidade, em leilão, e uma fôr sobre Lisboa, as outras duas podem, eventualmente não ser colocadas em leilão, mas a de Lisboa vai, com certeza, interessá-lo, porque é muito provável que se venda e que passe do valor base que lhe seja atribuído.

Assim, através dos gráficos que elaborámos (ponto 4.1) podemos chegar a conclusões objectivas e concretas.

Através do **Gráfico 1** fazemos notar que **existem tendencialmente (98%) obras com iconografia lisbonense nos leilões de arte**, nomeadamente da CML, esta frequência indicia, não só uma preferência clara pelo tema, tanto da parte da própria casa leiloeira como da parte dos interessados, como o facto de existir uma larga quantidade de obras de arte produzidas a partir desta temática.

Através do **Gráfico 2** sublinhamos que **o número de peças com temática de Lisboa retiradas é substancialmente menor (17%)** do que o número geral de peças retiradas num leilão. Assim, o tema Lisboa retira muito menos bens relativamente a todos os outros bens gerais.<sup>308</sup>

---

<sup>307</sup> Cf. AFONSO, Luís Urbano, *Características e Tendências do Mercado Leiloeiro Português Nos Últimos Anos*, in FERNANDES, Alexandra e AFONSO, Luís Urbano, *Os Leilões e o Mercado da Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012, p.10.

<sup>308</sup> Numa pesquisa pelo *software* específico de Gestão da CML, ao qual tivemos acesso sem restrições, podemos aferir que, nos últimos anos – a partir de 2008 –, a média geral de bens vendidos nos leilões tem sido de cerca de 60%, ou seja, com uma média geral de retirados de cerca de 40%.

Através do **Gráfico 3** ficou provada a impressionante importância de **Carlos Botelho** para este estudo, confirmando-o como, não só um notável artista multifacetado, como um consumado **Pintor de Lisboa**. Em menor escala aparecem outros autores tradicionalmente identificados com o tema escolhido, com números acima das dez obras e um domínio claro por parte dos **aguarelistas, confirmando a preferência que os pintores de Lisboa dão a esta técnica**, o que vem confirmar os resultados obtidos com o Gráfico 4 *infra*.

Quanto ao **Gráfico 4**, ficou, assim, demonstrada **uma elevada percentagem de obras de arte utilizando a técnica da aguarela**, 32%, em relação à técnica a óleo (40%), quase equiparadas. Nas outras percentagens aferidas, os números revelam-se mais afastados. O elevado número de aguarelas deve-se, essencialmente, a dois factores: ao facto de os artistas que pintaram Lisboa terem, com muita frequência preferido a aguarela, o que sucede até aos dias de hoje, e ao facto de a estratégia da CML ser muito mais permissiva a aceitar aguarelas para leilão, quando retratam a capital, o mesmo se podendo dizer em relação aos guaches, cuja prevalência é, igualmente, elevada no contexto geral. Estes números são, assim, um claro espelho da quantidade de obras de arte através destas técnicas que se tem produzido, salvaguardando a óbvia realidade de que, através do crivo das leiloeiras, nem todas chegam a leilão.

Em relação ao **Gráfico 5**, e quanto aos temas cuja preferência dos artistas e, consequentemente dos interessados é superior, ficou claramente demonstrado que o **Rio Tejo e a zona ribeirinha** da cidade é, de facto, aquela que mais cativa os artistas e, posteriormente, os amantes de arte. Seguindo-se um dos bairros mais antigos da cidade, a medieval **Alfama**, e, logo em seguida, uma das suas figuras mais típicas e acarinhadas, hoje desaparecida, as **varinas**.

No que se refere aos **Gráficos 6 e 7**, **sublinhamos o diversificado leque de valores para representações da cidade**, que vai dos 80 euros de valor base mínimo, aos 400 mil euros de valor base mínimo, o mesmo se podendo dizer dos valores de martelo, que vai dos 100 aos 400 mil euros. Assim, constatamos que é um tema acessível, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, uma pessoa, com algum dinheiro excedentário, pode, por exemplo, ter uma colecção de aguarelas de Lisboa em casa.

Quanto ao **Gráfico 8**, não podemos deixar de apontar **a impressionante média de valores atingidos em arrematação, isto é, cerca de seis mil e quinhentos euros**, contrastando, pese embora, com o valor alto que atingiu a obra *Festejando o São Martinho*, de José Malhoa, ou seja, 400 mil euros, sendo esta uma evidente excepção.

Finalmente, analisando os resultados do **Gráfico 9**, não podemos deixar de **sublinhar a importância e claríssimo predomínio de artistas nascidos nos séculos XIX e XX**, situação que não consideramos surpreendente, nomeadamente porque, como referido anteriormente, a temática pictórica topográfica é muito rara até ao século XVIII, em particular no nosso país onde existia uma clara preferência por temáticas religiosas até à referida centúria, além de que, a pintura antiga, numa clara maioria, já se encontra no seu destino final, nomeadamente em colecções, museus e fundações e, como se trata de

um número finito, não pode crescer, logo a possibilidade de aparecerem no mercado de arte é infinitamente inferior.

Neste trabalho, não se atingiu a perfeição, que não existe, nem era o objectivo primordial, mas acreditamos que as conclusões a que chegámos constituem um contributo para o conhecimento do tema, e sirvam de motivação para investigações futuras. Deparámo-nos com áreas que merecem, da parte de investigadores, futuros e aprofundados estudos, como é o caso do mercado de arte em Portugal, realidade muito pouco estudada e analisada, situação que parece estar a mudar.

Assim, em virtude da amplitude, em termos de cronologia, que este trabalho abrange, e igualmente por serem abordadas áreas muito diferenciadas, foi inviável alargar mais a pesquisa relativa a cada um dos temas estudados, dentro do arco temporal de uma Dissertação de Mestrado.

Apesar de ter sido um tema totalmente construído e pensado por nós, não é nossa intenção dá-lo por terminado, mas sim lançar as bases para uma investigação mais profunda, dispondo de mais tempo, sobre, nomeadamente, artistas cuja vida e obra estão muito pouco estudadas, e cuja análise seria, acreditamos, uma justa homenagem e mais-valia para o conhecimento da vida artística portuguesa e para a consagração da sua obra, mesmo que postumamente, na maioria dos casos.

Este trabalho pode, assim, ser considerado uma estrutura aberta e flexível, resultado de uma abordagem que desejámos tão rigorosa e exaustiva quanto foi possível, mas que gostaríamos de considerar como um trabalho em progresso, eventualmente para nós, se tal fôr possível, ou abrindo novos caminhos e abordagens para outros investigadores que se possam interessar pelo tema, como referimos, e, através de novas leituras e novas linhas de investigação, possam aprofundar o fascínio que os pintores sempre tiveram, e continuam a ter pela cidade de Lisboa, bem como os caminhos que estas obras têm percorrido no mercado de arte, mantendo a iconografia da capital num lugar cimeiro da História de Arte, que merece.

Em relação à iconografia da capital, em particular, gostaríamos de deixar o repto de ser criado, num futuro próximo, um **banco de dados** que se constituísse como um inventário o mais exaustivo possível **de imagens de Lisboa** (manuscritos, iluminuras, pinturas, gravuras, estampas, tapeçaria e outros têxteis, azulejaria e outras peças de cerâmica, entre outros materiais-suporte), a nível nacional e internacional, que se constituísse como uma ferramenta de trabalho e pesquisa para investigadores de temáticas lisiponenses, em todas as vertentes. Tarefa ciclópica, devido à abundância de material, mas que seria, no mínimo interessante, pelo menos tentar.

Pretendemos, com este nosso trabalho, fixar limites e produzir algo de definitivo, dentro desses limites, e não tentar dizer tudo o que haveria a dizer sobre o tema, ou ter a ambição de dar a tarefa como concluída, o que, confessamos, devido à nossa natureza em particular, foi um desafio.

Todo este trabalho, fruto de um continuado e intensivo processo de aprendizagem pessoal, procurou, como referido, contribuir para o progresso científico da área em estudo.

Gostaríamos, por fim, depois de todo este trabalho, que as nossas últimas palavras fossem para deixar expresso como nos sentimos gratas por termos tido a oportunidade de ingressar neste Curso de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, de ter construído, e finalizado, esta Dissertação, e de, consequentemente, ter obtido um desenvolvimento muito significativo ao nível dos conhecimentos de História da Arte, e um enriquecimento e crescimento a nível académico, e pessoal, que muito agradecemos.

Assim, através do conjunto de metodologias utilizado, do estudo pormenorizado do *corpus* elencado, das opiniões dos três entrevistados, dos resultados do nosso inquérito *online*, e de todo o nosso trabalho de investigação e pesquisas, e pedindo “emprestadas” as palavras de Pedro Castro e Silva (ver Anexo IV), para responder à nossa pergunta inicial, concluímos que, em termos de mercado de arte **“Lisboa vende, e vende muito.”**

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES IMPRESSAS

- VIII Centenário da Trasladação das Relíquias de São Vicente*, Lisboa, C.M.L., 1973;
- AA.VV**, *100 Obras da Coleção do CAM*, Lisboa, CAM-FCG/Almedina, 2010;
- AA.VV**, *Almada por Contar*, Lisboa, BNP/babel, 2013;
- AA.VV**, Costa Pinheiro: Grande Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante, Câmara Municipal de Amarante / Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, 2001;
- AA.VV**, *Dicionário de Pintura: Séculos XIV-XVIII*, Lisboa, Editorial Estampa, 2005;
- AA. VV**, *História da Arte Ocidental e Portuguesa das Origens ao Final do Século XX*, Porto, Porto Editora, 2001;
- AA.VV**, *Lisboa Vista por Maluda*, Lisboa, ACD Editores, 2006;
- AA.VV**, *Museus, Palácios e Mercados de Arte*, Lisboa, Scribe, 2014;
- AA.VV**, *Os Caminhos de Orpheu*, Lisboa, BNP/babel, 2015;
- AA.VV**, *Primeira Reunião Olisiponense, Teses, Estudos e Comunicações*, Volume I, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1948;
- AA.VV**, *Primitivos Portugueses 1450-1550: O Século de Nuno Gonçalves*, Lisboa, MNAA/Athena, 2011;
- AA.VV**, *R. Bordalo Pinta Lisboa, s.l.*, Clío Publishing, 2003;
- ABREU**, Maria Lucília, *A Aguarela na Arte Portuguesa*, Lisboa, ACD Editores, 2008;
- \_\_\_\_\_, *Roque Gameiro, o Homem e a Obra*, Lisboa, ACD Editores, 2005;
- ALDEMIRA**, Luiz Varela, *Columbano, Ensaio Biográfico e Crítico*, Lisboa, Livraria Portugal, 1941;
- ALMEIDA**, Bernardo Pinto de, *Costa Pinheiro*, Lisboa, Caminho, s.d.;
- \_\_\_\_\_, *Estranho Desenho – o Surrealismo*, Sintra, Edição Fundação Berardo / Sintra Museu de Arte Contemporânea, 2001;
- \_\_\_\_\_, *Nikias Skapinakis uma Pintura Desalinhada*, Porto, Campo das Letras, 2006;
- \_\_\_\_\_, *Paula Rego*, Lisboa, Editorial Caminho, 2006;
- \_\_\_\_\_, *Pintura Portuguesa no Século XX*, Porto, Lello Editores, 1996;
- ARAÚJO**, Norberto de, *LISBOA, oito séculos de história, Câmara Municipal de Lisboa, Publicações Comemorativas do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Moiros*, 1947;
- ARGAN**, Giulio Carlo, *Arte e Crítica de Arte*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998;



- \_\_\_\_\_, *História da Arte como História da Cidade*, São Paulo, Martins Fontes, 2005;
- ARRUDA**, Luísa, *Azulejaria nos Séculos XIX e XX*, in *História da Arte Portuguesa*, Paulo Pereira (dir.), Volume 3, Lisboa, Círculo de Leitores, Grandes Temas da Nossa História, 1995, pp.407-437;
- BARBOSA**, Pedro Gomes, *Lisboa – o Tejo, a Terra e o Mar*, in *Lisboa – o Tejo, a Terra e o Mar (e outros estudos)*, Lisboa, Edições Colibri, 1995, pp.11-21;
- BARROS**, J. L., *Exposição do Mundo Português*, in BRITO, J. M. Brandão de, e ROSAS, Fernando (dir.), *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996;
- BARROSO**, Eduardo Pais, *António Palolo*, Lisboa, Editorial Caminho, 2007;
- BÁRTHOLO**, Maria de Lourdes, *a Obra Artística de El-Rei D. Carlos*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1963;
- BAUDRILLARD**, Jean, *A Sociedade de Consumo*, Lisboa, Edições 70, s.d.;
- BECKER**, H. S., *Distributing Art Works*, in A. Melo (org.), *Arte e Dinheiro*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994;
- BOLL**, Dirk, *Art for Sale: A Candid View of the Art Market*, Berlim, Atje Cantz, 2011;
- BLANCHON**, Jean-Pierre, *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão*, Lisboa, Scribe, 2015;
- BRANDÃO**, Afonso Almdeida, *Manuel Gregório Pereira*, Lisboa, Coleções Paleta, 2013;
- BOTELHO**, Margarida, *80 artistas em Portugal*, Lisboa, Editores Reunidos, 1991;
- BRADLEY**, Fiona, *Surrealismo, Movimento de Arte Contemporânea*, Lisboa, Editorial Presença, 2000;
- CAETANO**, Joaquim Oliveira, *Chafarizes de Lisboa*, Lisboa, Distri-Editora, 1991;
- CARGALEIRO**, Manuel, *Gouaches/Óleos, s.l.*, Beecham Portuguesa Lda, s.d.;
- CARITA**, Hélder, *Lisboa Manuelina*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- CARLOS BOTELHO**, Hifen, *Colecção de Arte Portuguesa*, Lisboa, Edições Ática, 1947;
- CARLOS REIS**, Lisboa, ACD Edições, 2006;
- CARMO**, António, *António Carmo*, Lisboa, Editorial Caminho, 2003;
- CARVALHO**, João Pinto de, *Lisboa de Outrora*, Volumes 1 a 3, Lisboa, Edição Grupo Amigos de Lisboa, 1938;
- CARVALHO**, Manuel Rio, *Do Romantismo ao Fim do Século, História da Arte em Portugal*, Volume 11, Lisboa, Publicações Alfa, 1986;
- CASTELO-BRANCO**, Fernando, *Breve História da Olisipografia*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979;
- \_\_\_\_\_, *Lisboa Seiscentista*, 4ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1990;
- CASTILHO**, Júlio de, *Lisboa Antiga*.

- Segunda Parte. Bairros Orientais, 2ª edição, revista e ampliada pelo autor e com anotações do Engenheiro Augusto Vieira da Silva, Volume X, C.M.L., 1937;
- Complemento do Volume II, Lisboa, C.M.L., 1936, pp. 59, 60 e 61;

**CESARINY**, Mário, *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997;  
**CESARINY**, Mário, *De Mário Cesariny para Artur Manuel do Cruzeiro Seixas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2009;

**CHAVES**, Joaquim Matos, *Santa-Rita Pintor, Vida e Obra: Precisões e Considerações*, Lisboa, Quimera Editores, 1989;

**CHAVES**, Luís, *Subsídios para a História da Gravura em Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927;

**CLAUDE**, Roy, *Vieira da Silva*, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 1988;

**CONDE**, Idalina (Coord.), *Percepção Estética e Públicos da Cultura*, Compilações das comunicações apresentadas no Colóquio *Percepção Estética e Públicos da Cultura*, realizado em 11 e 12 de Outubro de 1991, Lisboa, ACARTE (Animação, Criação Artística e Educação pela Arte)/FCG, 1992;

**CORDEIRO**, Luciano, *Arte e Litteratura Portuguesa D'Hoje*, Porto, Typographia Lusitana, 1871, p.99 (Cota L – 45 931 – Biblioteca Nacional Digital);

**CORTESÃO**, Jaime, *Páginas Olisiponenses, “Lisboa, empório cosmopolita”*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1975;

**COSTA**, Mário, *Da Rua Nova à Rua dos Capelistas*, Lisboa, Amigos de Lisboa, 1953;

**COTRIM**, João Paulo, *Stuart: A Rua e o Riso*, Lisboa, Assírio & Alvim, El Corte Inglés, 2006;

**DE CARVALHO**, Rómulo de, *Memória de Lisboa*, Lisboa, Relógio d'Água, 2000;

**DIAS**, Carlos Malheiro, *Um Ensaio sobre o Pintor Henrique Medina*, Porto, Trofa, 1977;

**DIAS**, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*, Volumes 1 a 9, Lisboa, Quimera, 1987, 1990, 1992, 1994, 1996, 1998, 2001, 2003 e 2007;

\_\_\_\_\_, *Lisboa Misteriosa*, Oeiras, Carnaxide, Editora Objectiva, 2011;

\_\_\_\_\_, *Lisboa nos passos de Fernando Pessoa*, Lisboa, Objectiva, 2011;

**ESQUÍVEL**, Patrícia, *Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1921-1940)*, Lisboa, Edições Colibri, 2007;

**ESTRELA**, Rui, *A Publicidade no Estado Novo (1932-1959)*, Volume I, Lisboa, Colecção Comunicado, 2004;

**FARIA**, Miguel Figueira de, *Machado de Castro: Da Utilidade da Escultura*, Lisboa, Caleidoscópio, 2015;

\_\_\_\_\_, *Machado de Castro (1731-1822)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008;

**FERNANDES**, Alexandra, **URBANO**, Luís Afonso, *Os Leilões e o Mercado de Arte em Portugal, Estrutura, História, Tendências*, Lisboa, Scribe, 2012;

**FERREIRA**, José Gomes, *Lisboa na Moderna Pintura Portuguesa*, Edições Artis, 1971;

**FLOR**, Susana Varela, **FLOR**, Pedro, *Pintores de Lisboa: Séculos XVII-XVIII, A Irmandade de S. Lucas*, Lisboa, Scribe, 2015;

**FONSECA**, Maria Lucinda, *Lisboa Vista pelos Lisboetas*, Revista da Faculdade de Letras nº15, Lisboa, 1993, pp.37-47;

**FRANÇA**, José-Augusto, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991;

\_\_\_\_\_, *A Arte Portuguesa de Oitocentos*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa, 1979;

\_\_\_\_\_, *A Arte e a Sociedade Portuguesa no Século XX*, Lisboa, Livros Horizonte, 1980;

\_\_\_\_\_, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Bertrand Editora, 1967, dois volumes;

\_\_\_\_\_, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, Lisboa, Bertrand Editora, 1991;

\_\_\_\_\_, *Almada: o português sem mestre*, Lisboa, Estúdios Côr, 1974;

\_\_\_\_\_, *Amadeo & Almada*, Lisboa, Bertrand Editora, 1986;

\_\_\_\_\_, *A Pintura Abstracta Portuguesa*, Lisboa, Artis, 1960;

\_\_\_\_\_, *A Pintura Surrealista em Portugal*, Lisboa, Artis, 1960;

\_\_\_\_\_, *Da Pintura Portuguesa*, Coleção «Ensaaios», Lisboa, Edições Ática, 1960;

\_\_\_\_\_, *História da Arte Ocidental*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006;

\_\_\_\_\_, *Lisboa: História Física e Moral*, 2ª edição revista, Lisboa, Livros Horizonte, 2009;

\_\_\_\_\_, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Bertand, 1987;

\_\_\_\_\_, *Lisboetas no Século XX: Anos 20, 40 e 60*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005;

\_\_\_\_\_, *O Essencial sobre Almada Negreiros*, Lisboa, INCM, 2003;

\_\_\_\_\_, *O Modernismo, História da Arte em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 2004;

\_\_\_\_\_, *O Modernismo na Arte Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa, 1979;

\_\_\_\_\_, *Os anos 20 em Portugal: Estudo de Factos Sócio-Culturais*, Lisboa, Editorial Presença, 1992;

\_\_\_\_\_, *Os anos 40 na Arte Portuguesa*, Lisboa, FCG, 1982;

\_\_\_\_\_, *o Romantismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993;

\_\_\_\_\_, *Pintura Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Correios de Portugal, 1991;

\_\_\_\_\_, *Seis pintores: Rafael, Malhoa, Columbano, Amadeo, Almada, Pedro*, Lisboa, INCM, 2011;

\_\_\_\_\_, *A Sétima Colina – Roteiro Histórico-Artístico*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994;

\_\_\_\_\_, *29 Janelas de Maluda*, Lisboa, Edições António Homem Cardoso, 1987;

\_\_\_\_\_, *100 Quadros Portugueses no Século XX*, Lisboa, Quetzal, 2011;

**FREITAS**, José Lima de, *Almada e o Número*, Lisboa, Arcádia, 1978;

**GAGEIRO**, Eduardo, *Lisboa no Cais da Memória 1957/1974*, edição do autor, 2004;

**GAMEIRO**, Alfredo Roque, *Lisboa Velha*, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, edição de autor, 1925;

**GARCIA**, José Manuel (coord.), *Jornal da Exposição História de Lisboa-Tempos Fortes*, Lisboa, Gabinete de Estudos Portugueses, 2009;

**GOFF**, Jacques le, *Reflexões sobre a História*, Lisboa, Edições 70, 1986;

**GÓIS**, Damião de, *Descrição da Cidade de Lisboa (1554)*, Tradução, Apresentação e Notas de José Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1988 (original de 1554);

**GONÇALVES**, Flávio, *História da Arte, Iconografia e Crítica*, Lisboa, IN/CM, 1990;

**GONÇALVES**, Iria, *Um Olhar Sobre a Cidade Medieval*, Estudos, Cascais, Patrimonia Historica, 1996;

\_\_\_\_\_, *Uma Realização urbanística medieval: o calcetamento da Rua Nova de Lisboa*, in *Estudos de Arte e História (Homenagem a Artur Nobre de Gusmão)*, Lisboa, Vega, 1995, pp.102-113;

**GONÇALVES**, Rui-Mário, *A Arte Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Temas e Debates, 1998;

\_\_\_\_\_, *Costa Pinheiro*, Lisboa, Editora Lux, 1967;

\_\_\_\_\_, *História da Arte em Portugal*, Volume 13 “De 1945 à Actualidade”, Lisboa, Publicações Alfa, 1993;

\_\_\_\_\_, *Os Pioneiros da Modernidade, História da Arte em Portugal*, Volume 12, Lisboa, Publicações Alfa, 1986;

\_\_\_\_\_, *Pintura e Escultura em Portugal – 1940/1980*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa e Língua Portuguesa, 1991;

\_\_\_\_\_, *100 Pintores Portugueses do Século XX*, Lisboa, Publicações Alfa, 1986;

**GRILLO**, Fernando Jorge Artur, *A constituição de uma colecção de arte no início do séc.XX em Portugal. José Relvas e o mercado da arte peninsular*, in *FERNANDES, Alexandra URBANO, Luís Afonso (Coord.), Os Leilões e o mercado de arte em Portugal, Estrutura, História, Tendência*, Lisboa, Scribe, 2012;

**GUSMÃO**, Adriano de, *Carlos Botelho*, Lisboa, Edições Ática, 1947;

**HARGREAVES**, Manuela, *Coleccionismo e Mercado de Arte em Portugal, o Território e o Mapa*, Lisboa, Edições Afrontamento, 2013;

**HARRISON**, Charles, *Modernismo, Movimentos de Arte Contemporânea*, Volume 5, Lisboa, Editorial Presença, 2001;

**HENRIQUES**, Paulo, *José Malhoa*, Lisboa, Edições Inapa, 2002;

**HESS**, Walter, *Documentos para a Compreensão da Pintura Moderna*, Col. Vida e Cultura, Lisboa, Edição Livros do Brasil, 2001;

- JIMÉNEZ-BLANCO**, María Dolores, *El Coleccionismo de arte en España una aproximación desde su historia y su contexto*, Barcelona, Fundación Arte y Mecenazgo, 2013;
- JORGE**, Alice, **GABRIEL**, Maria, *Técnicas da Gravura artística*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986;
- \_\_\_\_\_, *Diálogo com João Abel Manta: Não se Distorce a Cara de Um Homem*, Lisboa, SPA/Guerra & Paz, 2014;
- LIMA DE FREITAS**, José, *Almada e o número*, Lisboa, Arcádia, 1977;
- LIMA**, Henrique de Campos Ferreira, *Joaquim Machado de Castro. Escultor Conimbricense. Notícia Biográfica e Compilação dos Seus Escritos Dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, p.VIII;
- LISBOA**, Maria Helena, *As Academias de Belas Artes e o Ensino Artístico (1836-1910)*, Lisboa, IHA, Estudos de Arte Contemporânea, FCSH-UNL, Edições Colibri, 2007;
- LUCENA**, Armando de, *Sequeira na Arte do seu Tempo*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1969;
- MACEDO**, Diogo de, *António Ramalho, João Vaz: um retratista, um marinheiro*, Lisboa, MNAC, 1954;
- \_\_\_\_\_, *Columbano*, Lisboa, Realizações Artis, 1952;
- \_\_\_\_\_, *Domingos Sequeira*, Lisboa, Realizações Artis, 1955;
- \_\_\_\_\_, *Grupo do Leão, 1885-1905*, Lisboa, Editora Litoral, 1946;
- \_\_\_\_\_, *Machado de Castro*, Lisboa, Realizações Artis, 1958;
- MAGALHÃES**, João, *Portugal*, in James Goodwin (ed.), *The International Art Market. The essential guide for collectors and investors*, Londres e Filadélfia, KoganPage, 2008, pp.253-263;
- MALTA**, Dulce, *Eduardo Malta a short biographical sketch*, edição de autor, s.l, s.d.;
- MARTINS**, Rocha, *Lisboa de ontem e de hoje*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1945;
- MARQUES**, A. H. de Oliveira, *Lisboa Medieval: Uma Visão de Conjunto*, in Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa, Lisboa, Editorial Presença, 1988;
- MELO**, Alexandre, *Arte e Artistas em Portugal*, Lisboa, Instituto Camões, 2007;
- \_\_\_\_\_, *Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e Uma Carreira de Artista*, Lisboa, Coleção Observatório das Actividades Culturais – Pesquisas, nº4, 1999;
- \_\_\_\_\_, *Artes Plásticas em Portugal: Dos Anos 70 aos Nossos Dias*, Lisboa, ed. Difel, 1998;
- \_\_\_\_\_, *O que é: Arte?*, Lisboa, Quimera, 2002;
- \_\_\_\_\_, *Sistema da Arte Contemporânea*, Lisboa, Sistema Solar, 2012;
- MENDES**, Manuel, *Carlos Botelho*, Lisboa, Artis, 1959;
- \_\_\_\_\_, *Jorge Barradas*, Lisboa, Artis, 1962;
- MENDES**, Murilo, *Janelas Verdes*, VNF, QuasiEdições, 2006;

- MIRANDA**, Maria Adelaide, *História das Artes Plásticas*, Lisboa, INCM, 1991;
- MITCHELL**, W.J. Thomas, *Iconology: Image, Text, Ideology*, Chicago, University of Chicago Press, 1986;
- MOITA**, Irisalva (Coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte e Comissariado Lisboa/94, 1994;
- *Lisboa Maneirista (oito notas a propósito da imagem da cidade nos anos 1557-1668, in O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte e Comissariado Lisboa/94, 1994, pp.195-206;
- \_\_\_\_\_, (*org.*), *Lisboa Quinhentista: a imagem e a vida da cidade*, Lisboa, C.M.L., 1983;
- MONCADA**, Miguel Cabral de, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, Porto, Civilização Editora, Coleção Uma Introdução a..., 2006;
- MÓNICA**, M. F., *Exposição do Mundo Português in Barreto, A. e Mónica, M. F. (Coord.), Dicionário de História de Portugal (Vol. 7)*, Lisboa, Livraria Figueirinhas, 1999;
- MOREIRA**, Rafael, *A Torre de Belém, in O Livro de Lisboa*, Lisboa, Lisboa 94 / Horizonte, 1994;
- NOBRE**, António, *Despedidas: 1895-1899*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1985;
- NORONHA**, Eduardo, *Alfama, Gente do Mar*, Lisboa, Livraria Civilização, 1939;
- NORONHA**, Luiz, *Eduardo Malta: Retratos e Retratos*, s.l., Editôra S.A. A Noite, MCMXXXVIII;
- OLIVEIRA**, Frei Nicolau de, *Livro das Grandezas de Lisboa*, Texto actualizado por Maria Helena Bastos, Vega, Lisboa, 1991;
- PACHECO**, José, *Stuart: O Desenho Gráfico e a Imprensa, s.l.*, edição apigraf, 2000;
- PAILLER**, Jean, *D. Carlos I Rei de Portugal*, Lisboa, Bertrand Editora, 2000;
- PAMPLONA**, Fernando de, *Um Século de Pintura e Escultura em Portugal (1850-1950)*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1944;
- PANOFSKY**, Erwin, *O Significado nas Artes Visuais*, Lisboa, Editorial Presença, 1989;
- PASCOAL**, Ana Mehnert, *A Cidade do Saber; O Património Integrado nos Edifícios de Pardal Monteiro para a Cidade Universitária de Lisboa (1934- - 1961)*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2012;
- PASSOS**, Maria Lúcia Perrone de Faro, *Lisboa a Cidade de Fernão Lopes*, Lisboa, Edições Colibri, 2014;
- PAULINO**, Montez, *A Estética de Lisboa*, Lisboa, Soc. Ind. de Tipografia, 1935;
- PEREIRA**, David Jorge (dir.), *Medina, 70 anos de pintura, s.l.*, Sòlivros de Portugal, s.d.;
- PEREIRA**, Fernando António Baptista, *História da Arte Portuguesa. Época moderna (1500-1800)*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992;

- PERDIGÃO**, José de Azeredo, *Calouste Gulbenkian Coleccionador*, Lisboa, FCG, 1969;
- PERNES**, Fernando, *Panorama Arte Portuguesa no Século XX*, Porto, Campo das Letras, Fundação de Serralves, 1999;
- PESSOA**, Fernando, *O Que o Turista Deve Ver*, Lisboa, Livros Horizonte, 2011;
- PINHARANDA**, João, *A Arte Portuguesa no Século XX*, in António Costa Pinto (org.), *Portugal Contemporâneo*, Madrid, Ediciones Sequitur, 2000, pp.1-38;
- PINHEIRO**, Magda, *Biografia de Lisboa*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011;
- PIRES**, José Cardoso, *Lisboa, Livro de Bordo: vozes, olhares, memorações*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1997;
- PROENÇA**, Raúl, *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*, Volume I, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 1924;
- POMAR**, Júlio, *POMAR – autobiografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004;
- QUADROS**, António, *Carlos Botelho*, Coleção “Artistas Portugueses do Século XX”, nº1, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade / Editorial Notícias, s.d.;
- RAMALHO**, Margarida Magalhães, *D. Carlos de Bragança*, Lisboa, Edições Inapa, 2006;
- \_\_\_\_\_, *Lisboa na Pintura*, Lisboa, Scribe, 2010;
- REIS**, Pedro Carlos, *Carlos Reis*, Lisboa, ACD Edições, 2006;
- REITLINGER**, G, *The Economics of Taste: the raise and fall of the picture market, 1760-1960*, Holt, Reinhart and Winston, NY, 1961;
- RIBEIRO**, Orlando, “Cidades”, in *Dicionário de História de Portugal*. Joel Serrão (dir.) – 4 volumes, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965;
- ROBERTSON**, Iain (ed.), *Understanding International Art Markets and Management*, Londres, Routledge, 2005;
- RODRIGUES**, António, *Jorge Barradas*, Lisboa, INCM, 1984;
- RODRIGUES**, Dalila, *Obras Primas da Arte Portuguesa – Pintura*, Lisboa, Athena, 2011;
- RODRIGUES**, Paulo Simões, *Lisboa, a Construção da Memória da Cidade*, Évora, Casa do Sul Editora, Centro de História da Arte da Universidade de Évora, 2005;
- RUIVO**, Marina Bairrão, *Bernardo Marques 1898-1962*, Lisboa, Editorial Presença, 1993;
- \_\_\_\_\_, (Coord.), *Mily Possoz: uma Gramática Modernista*, Lisboa, FASVS, 2010;
- SALAZAR**, Abel, *O que é a Arte?*, Coimbra, Arménio Editora, 1940;
- SALDANHA**, Nuno, *Artistas, Imagem e Ideias na Pintura do Século XVIII – Estudos de Iconografia, Prática e Teoria Artística*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995;
- \_\_\_\_\_, *José Malhoa: Tradição e Modernidade*, Lisboa, Scribe, 2010;

- \_\_\_\_\_, *Maria de Lourdes de Mello e Castro. A Pintura no Feminino*, Lisboa, Scribe, 2012.
- SANTOS**, David, *Desenho e Modernismo nas Coleções do Museu do Chiado – 1900-1940*, Instituto Português dos Museus;
- SANTOS**, Maria de Lourdes Lima dos, **MELO**, Alexandre, *Galerias de Arte em Lisboa*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, 2001;
- SANTOS**, Mário Berberan e, *Gustavo de Matos Sequeira, Retrato de um Olisipógrafo*, Lisboa, INCM, 2012;
- SANTOS**, Reynaldo, *A Tomada de Lisboa nas Iluminuras Manuelinas*, Câmara Municipal de Lisboa, 1970;
- \_\_\_\_\_, *Os Primitivos Portugueses (1450-1550)*, 2ª ed. Corrigida e aumentada, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes, 1957;
- SARAIVA**, António José, *As Crónicas de Fernão Lopes, Da Crimeia a Dachau, Seleccionadas e Transpostas em Português Moderno*, Lisboa, Gradiva, 1993;
- SARDO**, Delfim, *Obras Primas da Arte Portuguesa – Século XXI*, Lisboa, Athena, 2011;
- SCHAEFFER**, Jean-Marie, *L'Art de l'Âge Moderne*, Paris, Gallimard, 1992;
- SCHMITT**, Jean-Marie et Antonia Dubruille, *Le Marché de l'Art*, Paris, La Documentation Française, 2008;
- SHUBERT**, Jörg, *Lisboa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1982;
- SEGURADO**, Jorge, *Lisboa no Passado e no Presente*, Lisboa, Ed. Excelsior, s.d.;
- SEQUEIRA**, Gustavo de Matos, *Lisboa, Oito Séculos de História*, Lisboa, C.M.L., 1942;
- SENOS**, Nuno, *O Paço da Ribeira: 1501-1581*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002;
- SERRÃO**, Vítor, *A imagem do mar e da Capital do Império no Século XVI: um novo testemunho iconográfico da Lisboa das Descobertas*, in *As Rotas Oceânicas (Séculos XV-XVII) Lisboa, Edições Colibri*, 1999, pp.171-187;
- \_\_\_\_\_, *A Cripto-história de Arte: análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa, Livros Horizonte, 2001;
- \_\_\_\_\_, *A Pintura Maneirista em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Breve, Volume 65, ICALP – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991;
- \_\_\_\_\_, *A Trans-memória das Imagens – Estudos Iconológicos de Pintura Portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Edições Cosmos, 2007;
- \_\_\_\_\_, *História da Arte em Portugal, O Barroco*, Lisboa, Presença, 2003;
- \_\_\_\_\_, *História da Arte em Portugal, O Renascimento e o Maneirismo*, Lisboa, Presença, 2002;
- \_\_\_\_\_, *Lisboa Maneirista (oito notas a propósito da imagem da cidade nos anos 1557-1668)*, in *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte e Comissariado Lisboa/94, Irisalva Moita (dir.), 1994, pp.195-206;
- \_\_\_\_\_, *O Chafariz d'El-Rei da Ribeira Velha, em Lisboa, numa valiosa pintura do Século XVI*, in *Estudos de História da Arte. Novos Contributos*, Vítor Serrão



e Teresa Bispo (coord.), nº2 da Colecção Lisboa – Arte e História, Câmara Municipal de Lisboa, 2003, pp.69-76;

\_\_\_\_\_, *O Maneirismo e o Estatuto Social dos Pintores Portugueses*, Lisboa, INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008;

**SILVA**, Augusto Vieira da, *Dispersos*, volume I, Lisboa, Biblioteca de Estudos Olisiponenses, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1954;

\_\_\_\_\_, *as Muralhas da Ribeira de Lisboa*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 2ª edição – 2 volumes, 1940-1941;

\_\_\_\_\_, *A Cerca Fernandina de Lisboa* – 2 volumes, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1948, 1949;

\_\_\_\_\_, *A Cerca Moura de Lisboa*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1939;

**SILVA**, Carlos Guardado da, *Lisboa Medieval, a organização e a estruturação do espaço urbano*, Lisboa, Edições Colibri, 2010;

**SILVA**, Jorge Henrique Pais da, *Páginas de História da Arte*, dois Volumes, Lisboa, Editorial Estampa, 1986;

**SILVA**, Jorge Henrique Pais da, **CALADO**, Margarida, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, Editorial Presença, 2005;

**SILVA**, Raquel Henriques da, **BOTELHO**, Manuel, *BOTELHO*, Lisboa, Editorial Presença, 1995;

\_\_\_\_\_, *Iconografia de Lisboa*, in Dicionário da História de Lisboa de Francisco Santana e Eduardo Lucena (dir.), Lisboa,, [s.n.], 1994;

\_\_\_\_\_, *Sinais de Rupturas: «Livres» e Humoristas*, in *História da Arte Portuguesa*, Volume III, PEREIRA, Paulo (dir.), Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp.369-405.

**SILVA**, Ricardo Espírito Santo, *Eduardo Malta*, Volume I, Lisboa, Editor A. de Albuquerque, MCMXXXII;

**SMITH**, Robert, *The Art of Portugal 1500-1800*, Londres, Weindenfeld and Nicholson, 1969;

**SOMBRI**O, Carlos, *Os nossos pintores – João Reis*, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1938;

**SOUSA**, Alberto de, *Alfacinhas, os Lisboetas do Passado e do Futuro*, Lisboa, C.M.L., s.d.;

**SOUSA**, Arlindo de, *Novos Elementos para o Estudo da Origem do Nome Lisboa*, Lisboa, Biblioteca de Estudos Olisiponenses, C.M.L.1968;

**SOUSA**, Osvaldo Macedo de, *História da arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, Volume III – No Estado Novo 1933-1974, Lisboa, SECS/Instituto da Comunicação Social, 1999;

**SUCENA**, Eduardo, *Lisboa, o Fado e os Fadistas*, Lisboa, Vega, 1992;

**TANNOCK**, Michael, *Portuguese 20<sup>th</sup> Century Artists: a Biographical Dictionary*, Sussex, Phillimore & Co. Ltd., 1978;

**TAVARES**, Cristina Azevedo, *A Sociedade Nacional de Belas-Artes, Um Século de História e de Arte*, Fundação da bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006;

- TEIXEIRA**, Luís Manuel, *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*, Lisboa, Editorial Presença, 1985;
- THOMPSON**, Don, *the \$12 Million Stuffed Shark. The Curious Economics and Contemporary Art and Auction Houses*, Londres, Aurum Press, 2008;
- THORNTON**, Sarah, *Sete Dias no Mundo da Arte*, arcadia,/babel, 2010;
- WEELLEN**, Guy, *Vieira da Silva*, Paris, Fernand Hazan, 1973;
- VASCONCELOS**, Joaquim de, *A Pintura Portuguesa nos Séculos XV e XVI*, 2ª edição, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1929;
- VASCONCELOS**, José Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1980;
- VELTHIUS**, Olav, *Talking Prices. Symbolic Meanings of prices on the market of Contemporary Art*, Princeton and Oxford, Princeton University Press, 2005;
- VENTURA**, Maria da Graça A. Mateus (coord.), *As Rotas Oceânicas (Sécs. XV-XVII)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999;
- *A Imagem do Mar e da Capital do Império no Século XVI: um novo testemunho iconográfico da Lisboa das Descobertas*, **SERRÃO**, Vítor, in *As Rotas Oceânicas (Sécs. XV-XVII)*, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp.171-187;
- VIEIRA**, Joaquim, *Portugal no século XX, Crónica em Imagens 1920-1930*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999;

### **FONTES NARRATIVAS**

- A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado*, ed., trad. e notas de Aires Augusto Nascimento, e introdução de Maria João Violante Branco, Lisboa, Veja, 2001;
- Carta de Um Cruzado Inglês: Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004;
- Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, Francisco d'Hollanda, Lisboa, Livros Horizonte, 1984 (original de 1571);
- Urbis Olisiponis descriptio*, Descrição da Cidade de Lisboa, trad. de Aires Augusto Nascimento, Lisboa, Edições Colibri, 2002.

### **OBRAS DE REFERÊNCIA**

- JANSON**, H. W., *História da Arte*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992;
- PEREIRA**, Paulo, (dir.), *História da Arte Portuguesa – 3 volumes*, Lisboa, Círculo de Leitores, Grandes Temas da nossa História, 1995.
- SANTOS**, Reynaldo dos, *Oito séculos de Arte Portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1970, Vols. I, II e III;
- SARAIVA**, António José, *Para a História da Cultura em Portugal*, Lisboa, Gradiva, 2010.
- SERRÃO**, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal - 19 volumes*, Lisboa, Verbo, 1977-2011.

## **OBRAS DE CONSULTA GERAL**

- ANUÁRIO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE VENDIDAS EM LEILÃO 1998**, Pedro Dias, Miguel Cabral de Moncada (co-aut.), Lisboa, Edições Inapa, 1998;
- ANUÁRIO DE VENDAS DE LEILÕES DE ARTE**: 2010 em Portugal, Lisboa, Scribe, 2011;
- ARAÚJO**, Norberto, *Inventário de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1944-45;
- ARAÚJO**, Norberto, *Peregrinações em Lisboa* – 16 volumes, Lisboa, Veja, 1992 (1ª ed. 1942);
- AA.VV.**, *Dicionário da Pintura Universal: Pintura Portuguesa Volume 3*, Lisboa, Edições Estúdios Côr, 1973;
- CAETANO**, Joaquim de Oliveira, *Normas de Inventário. Artes Plásticas e Artes Decorativas. Pintura*. Lisboa, Instituto dos Museus e da Conservação, 2007;
- CALADO**, Margarida, **SILVA**, Jorge Henrique Pais da, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Lisboa, Editorial Presença, 2005;
- CHICÓ**, M. Tavares (et. al.), *Dicionário da Pintura Universal e Portuguesa*, três Volumes, Lisboa, Estúdios Côr, 1973;
- CAMÕES**, Luiz Vaz de, *Os Lusíadas*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1960;
- CRISTÓVÃO**, Fernando, *Método. Sugestões para a elaboração de um ensaio ou tese*, Lisboa, Edições Colibri, 2009;
- Dicionário da Língua Portuguesa**, 5ª Edição, Porto, Porto-Editora, s/d;
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003;
- ECO**, Umberto, *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*”, 5ª edição, Lisboa, Editorial Presença, 1991;
- Gramática da Língua Portuguesa**, de António Afonso Borregana, Lisboa, Texto Editora, 2005;
- INSTITUTO PORTUGUÊS DA QUALIDADE** – NP 405-1 – Informação e Documentação – Referências Bibliográficas: documentos impressos, Monte da Caparica, Instituto Português de Qualidade, 1995;
- LUCIE-SMITH**, Edward, *Dicionário de Termos de Arte*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995;
- OLIVEIRA**, Eduardo Freire de, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, Typographia Universal, 1906.
- PAMPLONA**, Fernando de, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, 5 volumes, Porto, Civilização Editora, 2000;
- PEREIRA**, Paulo, *Arte Portuguesa, História Essencial*, Lisboa, Temas e Debates, Círculo de Leitores, 2011;
- Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa**, de Magnus Bergstrom e Neves Reis, 26ª edição, Lisboa, Editorial Notícias, 1994;

**REAL**, Regina M., *Dicionários de Belas-Artes*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962;

**SANTANA**, Francisco, **SUCENA**, Eduardo (dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, [s.n.], 1994;

**SERRÃO**, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, 4ª edição, Lisboa, Editorial Verbo, 1990;

**SERRÃO**, Joel, *Cronologia Geral da História de Portugal*, 5ª edição, Lisboa, Livros Horizonte, 1986;

**SOUSA**, Gonçalo de Vasconcelos, *Metodologia da Investigação, Redacção e Apresentação de Trabalhos Científicos*, 2ª edição, Porto, Livraria Civilização Editora, 2003;

**TEIXEIRA**, Luís Manuel, *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.

### **TESES ACADÉMICAS (DOUTORAMENTO)**

**LAPA**, Pedro Miguel Abelha Almeida, *Joaquim Rodrigo: a contínua reinvenção da Pintura*, Tese de Doutoramento em História, Ramo História da Arte apresentada à FLUL, 2013, edição policopiada, Lisboa, 2013;

**MARKL**, Alexandra Josefina Reis Gomes, *A Obra Gráfica de Domingos António de Sequeira no contexto da produção Europeia do seu Tempo*, Tese de Doutoramento em Belas-Artes, Especialidade de Desenho, apresentada à FBAL, 2013, disponível em <http://www.repositorio.ul.pt/handle/10451/11981/>;

**SILVA**, Raquel Henriques da, *Lisboa Romântica: Urbanismo e Arquitectura, 1777-1874*, Tese de Doutoramento em História da Arte, apresentada à FCSH-UNL, 1997, disponível em <http://hdl.handle.net/10362/507>, consultada a 8 de Janeiro de 2016, às 09h41m;

**SIMÕES**, Pedro David Ribeiro, *O Mercado da Arte Moderna e Contemporânea em Portugal (2005-2013)*. Tese de Doutoramento em História de Arte e Arte, Património e Restauro, apresentada à FLUL, 2016, edição policopiada, dois volumes, Lisboa, 2016.

### **TESES ACADÉMICAS (MESTRADO)**

**CAETANO**, Joaquim Oliveira, *O que Janus via. Rumos e Cenários da Pintura Portuguesa (1535-1570)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, apresentada à FCSF, edição policopiada, Lisboa, 1996;

**FARIA**, Alberto Cláudio Rodrigues, *A Coleção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (1830-1935): tradição, formação e gosto*, Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia, apresentada à FBAL, 2008, em [http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2/ULFBA\\_TES\\_1.pdf](http://www.repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2/ULFBA_TES_1.pdf), consultado a 25 de Maio de 2016, às 20h04m;

**FRAZÃO**, Maria João Galhardo, *António Palolo. Roteiro Artístico-Biográfico*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada à FLUP,

2012, disponível em [http://www.up.pt/reitoria/pt/pub\\_geral/510299/](http://www.up.pt/reitoria/pt/pub_geral/510299/), consultado a 14 de Dezembro de 2015, às 12h12m;

**GOMES**, Elisa Maria Alves, *Estórias da História: Mudanças Sociais e Estéticas no Mundo da Arte Português desde a Revolução de 1974*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada ao ISCTE-IUL, Lisboa, 2012, disponível em <http://www.hdl.handle.net/10071/5060/>, consultado a 5 de Dezembro de 2015, às 20h12m;

**HENRIQUES**, Ana Rita Luís, *Fred Kradolfer: Designer Gráfico influenciador e influenciado em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Design de Comunicação, apresentada à Faculdade de Arquitectura da UTL, Lisboa, 2011, disponível em <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.s>, consultado a 27 de Abril de 2016, às 23h02m;

**LEANDRO**, Sandra Maria Fonseca, *Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, apresentada à UNL-FCSH, edição policopiada, dois volumes, Lisboa, 1999;

**LEMOS**, Teresa Isabel de Lima Pimentel Almiro do Vale de Sande e, *O Leilão da Colecção Arroyo e O Mercado de Arte em Portugal no Final da Monarquia*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, edição policopiada, Lisboa, 2015;

**MENDES**, Maria Pilar Antunes, *Mily Possoz, 1888-1968: Percurso e Afirmação de uma Artista no Modernismo Português*, Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, edição policopiada, Lisboa, 2010;

**NUNES**, Marta Marinho, *Uma Visão Sobre o Mercado Leiloeiro Lisboaeta e a sua Importância no Conhecimento da Produção de Mobiliário Civil Português no Século XVIII*, Dissertação de Mestrado em Gestão de Mercados de Arte, apresentada ao ISCTE-IUL, 2010, disponível em <http://hdl.handle.net/10071/1984/>, consultado a 16 de Dezembro de 2015, às 11h05m;

**SANTOS**, Ana Rita Ferreira dos Santos, *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961) José-Augusto França e a Perspectiva Sociológica*, Dissertação de Mestrado em História da Arte – Variante Contemporânea, apresentada à FCSH-UNL, 2012, disponível em <http://hdl.handle.net/10362/9242>, consultado a 18 de Novembro de 2015, às 11h03m.

**TAVARES**, Marta Elisabete Silva, *A importância das Feiras de Arte: O caso da Feira de Arte e Antiguidades da Associação Portuguesa dos Antiquários*, Dissertação de Mestrado em Gestão de Mercados da Arte, apresentada ao ISCTE-IUL, 2015, disponível em <http://hdl.handle.net/10071/11212/>, consultado a 16 de Maio de 2016 às 19h19m;

**TRAQUINO**, Marta Isabel Barreto, *A Construção do Lugar pela Arte Contemporânea*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Departamento de Sociologia, apresentada ao ISCTE-IUL, edição policopiada, Lisboa, 2006;

**VAZ**, João Barreto de Morais, *O Pintor João Vaz Contributo para o Conhecimento da sua Vida e Obra*, Dissertação de Mestrado em História de Arte, apresentada à Universidade Lusíada de Lisboa, edição policopiada, dois volumes, Lisboa, 1998.

### **PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS**

**25 Anos de Cultura Olisiponense**, Boletim Trimestral do Grupo Amigos de Lisboa, Ano XXIV, nº94, Abril de 1961;

**ALMAIDA**, Justino Mendes de, *Olisipo na voz dos autores antigos*, in Revista Municipal Lisboa, Ano XLVI, 2ª Série, nº11, 1º Trimestre de 1985, Lisboa, C.M.L., pp.3-12;

**ANIELLO**, Bárbara, *José de Almada Negreiros, do Caos à estrela dançante*, in Artis, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, nº6, 2007, pp. 325-355;

**ARTE PORTUGUESA**:upa, upa!, Estudo de Opinião exclusivo da Eurosondagem para a revista Artes & Leilões, in Artes & Leilões, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº1, 2ª Série, Outubro de 2007, pp.7-11;

**AZEVEDO**, Fernando de, *Maluda*, in Colóquio / Artes, Lisboa, Abril de 1973.

**BITTENCOURT**, Pedro C. M. de, *Santo António no 750º Aniversário da sua morte*, in Revista Municipal Lisboa, Ano XLIV, 2ª Série, nº4, 2º Trimestre de 1983, Lisboa, C.M.L., pp.58-61;

**BENTO**, Alexandra, *Cotação da Arte Portuguesa em Leilão 1999-2004*, Destacável da Revista L + arte nº6, de Novembro de 2004.

**BRANCO**, Fernando Castelo, *A Problemática do Conceito de Saloio*, Revista Municipal Lisboa, Ano XLVIII, 2ª Série, nº22, 4º Trimestre de 1987, Lisboa, C.M.L., pp.49-57;

**BRONZE**, Francisco, **PERES, Fernando, GONÇALVES**, Rui Mário, *A «nova crítica» portuguesa e Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº58, Abril de 1970, pp.41-47;

**CAETANO**, Josaquim Oliveira, *A identificação de um pintor*, in Revista Oceanos, nº13, Lisboa, 1993, p.112;

\_\_\_\_\_, *O Pintor Diogo de Contreiras e a sua actividade no Convento de São Bento de Cástris*, in A Cidade de Évora, nº71-76, 1988-1993;

**CALADO**, Maria, *O Ensino da Arquitectura em Portugal. Abordagem Histórica*, in Jornal da Associação dos Arquitectos, nº55, Março de 1987, p.6;

**CRUZ**, Maria Teresa, *A Obra de Arte. Entre Dois Nomes*, in Revista de Comunicação e Linguagem, UNL, nºs10-11, Março de 1990, pp.117-141;

**CUNHA**, Sílvia Souto, *Arco do triunfo?*, in Revista Visão, nº1213, 2/6 a 8/6/2016, pp.82-86;

**FARIA**, Francisco Leite de, *Santo António de Lisboa*, in Revista Municipal Lisboa, Ano XLIV, 2ª Série, nº11, 1º Trimestre de 1985, Lisboa, C.M.L., pp.13-31;

**FARIA**, Miguel Figueira de, *O Ensino das Belas-Artes em Portugal nas Vésperas da Fundação da Academia*, in Separata de Anais, Série Histórica, Volume V/VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, pp.96-139;

**FRANÇA**, José-Augusto, *I Salão de Arte Moderna*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº1, Janeiro de 1959, p.38;

\_\_\_\_\_, *50 anos de Arte Moderna*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº1, Janeiro de 1959, pp.28-29;

\_\_\_\_\_, *Almada Negreiros*, in Revista Colóquio/Artes, nº62, Lisboa, 1984, p.50;

\_\_\_\_\_, *A Pintura Surrealista em Portugal*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº40, Abril de 1966, pp.65-66;

\_\_\_\_\_, *Bernardo Marques, 1966*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº38, Abril de 1966, pp.15-24;

\_\_\_\_\_, *Congresso Internacional de Crítica de Arte*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº55, Abril de 1970, p.66;

\_\_\_\_\_, *Domingos António de Sequeira 1968*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº52, Fevereiro de 1969, pp.9-15;

\_\_\_\_\_, *Lisboa Ribeirinha*, in Revista Colóquio / Artes, Lisboa, nº108, Janeiro/Março de 1996, pp.70-71;

\_\_\_\_\_, *Presença e actualidade de Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº12, Fevereiro de 1961, pp.30-33;

\_\_\_\_\_, *Na retrospectiva de Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº55, Abril de 1970, pp.14-20;

\_\_\_\_\_, *O I Salão de Arte Abstracta - 1954*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº28, Abril de 1964, pp.21-27;

\_\_\_\_\_, *da Pintura Portuguesa*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº13, Maio de 1961, pp.63-64;

\_\_\_\_\_, *Maluda*, in Colóquio / Artes, Março de 1982;

\_\_\_\_\_, *Vespeira*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº8, Abril de 1960, pp.26-29;

\_\_\_\_\_, *Vieira da Silva e a Cultura Portuguesa*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº8, Abril de 1970, p.6;

**FRANCO**, Anísio, *Investir em Arte*, in revista mensal *L + arte*, nº20, Janeiro de 2006, p.62;

**FREITAS**, Frederico de, *Fado, Canção da Cidade de Lisboa: Suas Origens e Evolução*, Sep. da Revista *Língua e Cultura* III, nº3, Set/Dez 1973, Lisboa, Sociedade de Língua Portuguesa, 1973, pp.225-237;

**FURTADO COELHO**, João, *Os princípios de Começar*, Revista Colóquio/Artes nº100, Lisboa, 1994, pp. 8-23.

**GARCIA**, Maria da Graça, *Notas para a identificação da gravura no âmbito da catalogação*, in Revista da Biblioteca Nacional, S.2, Vol.5, nº2, Jul.-Dez. 1990, pp.161-183;

**GONGALVES**, Eurico, *Arte Portuguesa nos Anos 50, Neo-Realismo, Surrealismo, Abstraccionismo*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº16 Setembro/Outubro de 1992, pp.16-19;

**JÜRGENS**, Sandra Vieira, *Um Homem Tranquilo, entrevista a Rui Brito da Galeria 111*, in *Revista Artes & Leilões*, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº1, Março de 2009, pp.41-47;

**LAPA**, Pedro, *Que Estratégias para a Arte Contemporânea*, in revista mensal L + arte, nº44, Janeiro de 2008, pp.10-11;

**LOBATO**, Isabel, *Carlos Botelho: Um Pintor de Lisboa*, in *Revista Municipal Lisboa*, Ano XLV, 2ª Série, nº8/9/10, 2º, 3º e 4º Trimestre de 1984;

**LOURENÇO**, Eduardo, *Vieira da Silva – uma poética do espaço*, in *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº58, Abril de 1970, p.38-40;

**LUCENA**, Armando de, *Roque Gameiro Mestre Insigne da Aguarela*, in *Revista Panorama*, 4ª Série, nº10, Junho de 1964, pp. 3-6;

**MACEDO**, Diogo de, *Subsídio para a História da Arte Moderna em Portugal I*, in *Aventura, Revista Bimestral de Cultura*, Lisboa, nºI, 1942;

\_\_\_\_\_, *Subsídio para a História da Arte Moderna em Portugal II*, in *Aventura, Revista Bimestral de Cultura*, Lisboa, nºII, 1942;

\_\_\_\_\_, *Subsídio para a História da Arte Moderna em Portugal III*, in *Aventura, Revista Bimestral de Cultura*, Lisboa, nºIII, 1943;

\_\_\_\_\_, *Subsídio para a História da Arte Moderna em Portugal I,V* in *Aventura, Revista Bimestral de Cultura*, Lisboa, nºIV, 1943;

**MACHADO**, José Sousa, *Conversa com Alexandre Melo*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº1, Outubro de 1989, pp.12-14;

**MAGALHÃES**, João, *O Ano dos Leilões*, in revista mensal L + arte, nº41, Outubro de 2007;

**MARMELEIRA**, José, *No Mundo dos Leilões*, in revista mensal L + arte, nº40, Setembro de 2007;

**MELO**, Alexandre, *Tópicos da Internacionalização*, in *Revista Artes & Leilões*, nº3, Ano I, Lisboa, Fevereiro/Março 1990, pp. 29-31;

**MENDES**, Manuel, *Uma pequena retrospectiva na obra de Carlos Botelho*, in *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº49, Junho de 1968, pp.17-21;

**MOITA**, Irisalva (dir.), *Lisboa Maneirista (oito notas a propósito da imagem da cidade nos anos 1557-1668)*, in *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte e Comissariado Lisboa/94, 1994, pp.195-206;

**NETO**, Maria João Baptista, *Coleccionadores e Connaisseurs de obras de arte: Francis Cook (1817-1901) e John Charles Robinson (1824-1913) em Portugal*, in *Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº6, 2007, pp. 403-442;

**OLISIPO**, Boletim Trimestral do Grupo *Amigos de Lisboa*, Número Especial - - comunicação ao simpósio “Lisboa em Discussão”, II Série, nº1, 1994;

**PAÇO D’ARCOS**, José Pedro, *Archim! O Mercado de Arte Espirrou*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes e leilões, nº12, \_\_\_\_\_, *Entrevista a Francisco Cabral de Moncada*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes e leilões, nº19, Abril/Maio de 1993, pp.70-71;

\_\_\_\_\_, *Entrevista a Francisco Silva*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes e leilões, nº22, Outubro de 1993, p.85;



\_\_\_\_\_, *Retrato de Uma Leiloeira, Entrevista a Miguel Cabral de Moncada*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes e leilões, nº27, Agosto/Setembro de 2010, pp.70-74;

**PEIXOTO**, Luís Andrade, *São Roque Antiguidades e Galeria de Arte, Entrevista a Mário Roque*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes e leilões, nº9, Julho/Agosto de 2008, pp.61-65;

**PEREIRA**, Pedro Teotónio, *Santo António, protector da cidade de Lisboa*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa nº5, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.218-227;

**PERNES**, Fernando, *Gravuras de Vieira da Silva*, in *Colóquio*, Revista de Artes e Letras, nº23, Abril de 1963, pp.60-62;

**Revista de História da Arte**, Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL, nº 2, Lisboa, Edições Colibri, 2006;

**Revista de História da Arte (RHA)**, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, nº11 – *Estudos de Lisboa*, Lisboa, 2014;

**Revista Mensal Agenda Cultural de Lisboa**, Dezembro de 2015, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2015;

**Revista MONUMENTOS**, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos Nacionais, nº21, Setembro de 2004;

**Revista Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro** – Volume XXIX de 1906 a Volume XXXII de 1909.

S., Manuela O., *Abel Manta: no Centenário do nascimento de um pintor*, in *Revista Municipal Lisboa*, Ano XLIX, 2ª Série, nº24 – 2º Trimestre de 1988, Lisboa, C.M.L., pp. 55-66;

**SERPA**, Luis, *Sobre o Sistema de Mercado de Arte em Portugal e Seus Agentes*, in obs, publicação periódica do observatório das Actividades Culturais, nº14, Novembro de 2005, pp.2-24;

**SERRÃO**, Vítor, **BISPO**, Teresa (coord.), *O Chafariz d'El Rei da Ribeira Velha, em Lisboa, numa valiosa pintura do Século XVI*, in *Estudos de História da Arte. Novos Contributos*, nº2 da Coleção Lisboa – Arte e História, Lisboa, CML, 2003, pp. 69-76;

**SERRÃO**, Vítor, *Os Painéis da igreja de Unhos. Séculos XVI-XVII*, in *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, nº73-74, Lisboa, 1970;

\_\_\_\_\_, *Os precursores da Olisipografia Cristóvão Rodrigues de Oliveira, Damião de Góis, Francisco de Holanda*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa nº1, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.10-17;

**SÉRGIO PESSOA**, António, *Introdução ao Mercado dos Leilões de Antiguidades e Obras de Arte em Portugal*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº33, Outubro de 1995, p.55;

**SÉRGIO PESSOA**, António, *Os Leilões Segundo Cabral Moncada*, in *Artes & Leilões*, revista bimestral de artes plásticas e leilões, nº38, Março de 1996, pp.50-53;

- SIGUENZA**, Raquel, *El Estado del Arte*, in revista espanhola Capital ARTE, nº2 de Maio de 2015, pp.16-19;
- SILVA**, Augusto Vieira da, *Iconografia de Lisboa*, in Revista Municipal, Ano Comemorativo do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, nº32, Lisboa, C.M.L., 1947, pp.5-18.
- SILVA**, Raquel Henriques da, *Propostas para a Cultura*, in revista mensal L + arte, nº63, Setembro de 2009, p.24;
- \_\_\_\_\_, *Lisboa da Regeneração*, in revista digital rossio: estudos de lisboa nº5, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.54-67;
- SOARES**, Clara Moura, *A Galeria de Pintura do restaurante «Leão de Ouro»: percurso de uma colecção*, in ARTIS, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº6, 2007, pp.269-307;
- SÓRIA**, Martin, *The S. Quintine Master*, in *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Volume III, Lisboa, 1957, pp. 22-27;
- SOUSA**, Rocha de, *Lisboa/Galerias*, in *Artes Plásticas*, Janeiro de 1974;
- TAVARES**, Salette, *A Semântica do abstracto em Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº58, Abril de 1970, pp.30-37;
- TOMASI**, Filippo de, *As Galerias de Arte Contemporânea Portuguesas: o cenário depois da crise de 2008*, in *Cadernos de História da Arte*, Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nº1, 2013, pp.164-171;

## **PERIÓDICOS**

- Expresso online* de 31 de Julho de 2015;
- Diário de Notícias* de 4 de Novembro de 1971;
- Diário de Notícias* de 21 de Dezembro de 1996;
- Diário de Notícias online* de 24 de Outubro de 2008;
- Diário de Notícias online* de 20 de Março de 2010;
- Diário de Notícias online* de 15 de Outubro de 2010;
- *O negócio é um jogo*, entrevista de Jorge Fiel a Clara Ferreira Marques;
- Diário de Notícias online* de 29 de Janeiro de 2016;
- Público*, de 24 de Outubro de 2011;
- Público*, de 3 de Abril de 2014;
- [sem autor], *Quadros de Antes do Terramoto de 1755 serão expostos ao público em Lisboa*, em <http://www.publico.pt/local/noticia/quadros-de-antes-do-terramoto-de-1755-serao-expostos-em-lisboa-ao-publico-1630846/>;
- Público online*, de 6 de Fevereiro de 2015;
- Público online*, de 4 de Agosto de 2015;
- Público*, de 10 de Dezembro de 2015;
- FERREIRA, Nicolau, *Rua Nova dos Mercadores, A quinta Avenida do século XVI ficava em Lisboa*, pp.24-25;
- Público online* de 27 de Janeiro de 2016.

JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias

- PINHARANDA, João, *Arte Contemporânea na SNBA*, Lisboa, Ano V, nº178, 03 a 09 Dez. 1985.

### **CATÁLOGOS DA CABRAL MONCADA LEILÕES**

Foram consultados: Catálogo/Leilão nº48 de Janeiro/Fevereiro de 2001, ao Catálogo/Leilão nº174 de Dezembro de 2015, num total de **127 catálogos**.

### **CATÁLOGOS DE OUTRAS CASAS LEILOEIRAS**

Leiloeira Aqueduto Catálogo/Leilão 45, Dezembro de 2015;  
Leiloeira Leiria & Nascimento Catálogo dos Quadros, Objectos de Arte, Pratas, Mobiliário e Porcelanas que guarneciam o Palácio de Porto Covo e a cujo leilão se procederá na casa liquidadora, a 26 de Março de 1941;  
Leiloeira Palácio da Memória Catálogo/Leilão 8, Novembro de 2014;  
Leiloeira Palácio da Memória Catálogo/Leilão 18, Dezembro de 2015;  
Leiloeira Renascimento Catálogo/Leilão 99, Dezembro 2015;  
Leiloeira Veritas Catálogo/Leilão 50, Dezembro de 2015.

### **CATÁLOGOS DE MUSEUS, EXPOSIÇÕES, ROTEIROS E GUIAS**

**100 Obras da Colecção do CAM**, Lisboa, CAM-FCG Almedina, 2010;  
**ABEL MANTA, 1888-1982**, Lisboa, Casa-Museu Medeiros de Almeida, 2010;  
**AA.VV**, Exposição Retrospectiva de Francis Smith, 1881-1961, Lisboa, Secretariado Nacional da Informação, 1967;  
**AA.VV, LAPA, Pedro, TAVARES, Emília (org.)**, *Arte Portuguesa do Século XX*, MNAC - Museu do Chiado, Catálogo da Colecção, Lisboa, MNAC – Museu do Chiado, Leya, 2011;  
**AA.VV, HENRIQUES da, Raquel, LAPA, Pedro, SILVEIRA, Maria de Aires**, *Museu do Chiado: Arte Portuguesa, 1850-1950, Lisboa, Instituto Português de Museus, Museu do Chiado, 1994*;  
**AA.VV, VIEIRA DA SILVA**: *Catalogue Raisonné*, Genève, Skira, 1994;  
**ALBINO MOURA**, Exposição, Lisboa, Espaço Santa Catarina, Edição da Junta de Freguesia de Santa Catarina, 2001  
**ALFREDO KEIL 1850-1907**, Catálogo da Exposição, Lisboa Dezembro 2001, Lisboa, IPPAR/MC, 2001;  
**ALMEIDA LIMA, Maria**, *Vieira da Silva*, in Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Fundação Calouste Gulbenkian, *s.d.*;  
**ANTÓNIO PALOLO 1963-1995**, Lisboa, CAM-FCG, 1995;  
**AZEVEDO, Teresa Pearce**, *Arte Portuguesa no Mundo*, in revista mensal L+arte, nº15, Agosto de 2005, p.75;  
**BERNARDO MARQUES**, Lisboa, FCG, 1989;  
**BERNARDO MARQUES**, *Desenho e Ilustração nos anos 20 e 30*, Lisboa, FCG, 1982;

**BOTELHO**, Catálogo da Exposição de Motivos de Lisboa, organizada pela SNBA e sob o patrocínio da CML, Festas da Cidade, 1935;

**BOTELHO**, Exposição Retrospectiva do Pintor Carlos Botelho sobre Motivos de Lisboa. Catálogo. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1959;

**BOTELHO**, Carlos Botelho – Os Anos Diferentes. Catálogo, Lisboa, Lisboa 94/Capital Europeia da Cultura / Livros Horizonte, 1994;

**BOTELHO**, Lisboa, CAM-FCG, Julho-Setembro 1989;

**BOTELHO, Centenário do Nascimento**, Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Árpád Szenes – Vieira da Silva, 22 de Abril a 4 de Julho de 1999;

**BOTELHO** Desenho, Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento, Almada, Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, 1969;

**BOTELHO** Catálogo da Exposição de pinturas de Lisboa dedicada a Cesário Verde, Lisboa, Estúdios do SNI, Março 1945;

**CARGALEIRO** Obra Gravada, Catálogo *Raisonée*, Lisboa, ACD Editores, 2009;

**CARLOS BOTELHO**, Lisboa, Galeria Bucholz, 1943;

**CARLOS BOTELHO**, Pintor de Lisboa, Lisboa, Galeria de Março, 1952;

**CARLOS BOTELHO**, Composições e Evocações de Lisboa, Lisboa, SNBA, 1964;

**CARLOS CARREIRO**, Catálogo da Exposição Retrospectiva, Museu de Angra do Heroísmo, SREC, Março 1991;

**CARLOS CARREIRO**, *PINTURA*, Lisboa, Corretora Atlântico, 1992;

**CARLOS PORFÍRIO**, *Exposição Comemorativa do I Centenário (1895-1995)*, Catálogo, Faro, CRA, 1996;

**CARVALHO**, A. Ayres de, *Pintura*, in FRESS, Lisboa, FRESS, 1994, pp.204-249;

**Catálogo da Exposição Arte Portuguesa do Século XIX**, Lisboa, IPPC/Palácio da Ajuda, Março-Maio 1988;

**Catálogo da Exposição Bibliográfica e Iconográfica de Lisboa e os Poetas**, Palácio Galveias, Câmara Municipal de Lisboa, 1955;

**Catálogo da Exposição Costa Pinheiro o Pintor Ele Mesmo 1955 a 1985**, Lisboa, São Roque Antiguidades e Galeria de Arte, 2015;

**Catálogo da Exposição Costa Pinheiro, “o poeta Fernando Pessoa”, Pintura, Desenho, Gravura**, Lisboa, FCG, Junho-Julho 1981, 1981;

**Catálogo da Exposição Costa Pinheiro o modelo e o pintor, paisagens do atelier, paisagens do pintor**, Guache, Pastel, Desenho, Lisboa, Galeria 111, Janeiro 1987, 1987;

**Catálogo da Exposição “ Os 40 anos na Arte Portuguesa”**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982;

**Catálogo da Exposição Lisboa na obra dos artistas contemporâneos: aspectos, tipos, costumes**, Lisboa, C.M.L., 1971;

**Catálogo da Exposição O Imaginário da Cidade e Lisboa**, Lisboa, FCG-CAM, 1985;

**Catálogo da FAAL 2016**, Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa de 2016, Associação Portuguesa de Antiquários;

**Catálogo da Feira de Arte Contemporânea Arte Lisboa**, Lisboa, AIP-FIL, 2004;

**Catálogo do I Salão dos Independentes**, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1930;

**Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão**, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004;

**CRESPO**, Hugo Miguel, Lisboa – Paris, AR-PAB 2016, Catálogo nº5, pp. 34-51;

**Colecção Anastácio Gonçalves**, catálogo de Pintura, Cerâmica, Mobiliário, Lisboa, Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 1984;

**COLVMBANO**, Catálogo da Exposição, Dezembro de 2010, Lisboa, IPM/MNAC/Publicações D. Quixote, 2010;

**COSTA PINHEIRO**, Imaginação & Ironia, Lisboa, São Roque – Antiguidades e Galeria de Arte / Sistema Solar, 2015;

**DIAS**, Jaime Lopes, *Brasão de Armas, Sêlo e Bandeira da Cidade e Município de Lisboa*, Lisboa, s.n., 1960;

**ECOS DA SEMANA, BOTELHO 1928-1950**, Lisboa, CAM-FCG, 1989;

**EDUARDO VIANA**, *Ami des Delaunay*, 1881-1967, Europália, 1991;

**EDUARDO VIANA**, *Catálogo da Exposição Eduardo Viana (1881-1967)*, Porto, Fundação de Serralves, 1992;

**EDUARDO VIANA (1881-1967)**, Exposição Retrospectiva da obra do pintor, Lisboa, Secretariado Nacional de Informação, 1968;

**FALCÃO**, Isabel, *Pintura Portuguesa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*, Lisboa, casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2003;

**FERREIRA**, Ana, **SANTOS**, Dóris, *Malhoa e Bordalo Pinheiro: confluências de uma geração*, Caldas da Rainha, Museu Malhoa, 2005 (catálogo da Exposição *Malhoa e Bordalo Pinheiro: confluências de uma geração*, realizado por ocasião dos 150 anos do nascimento de José Malhoa e do centenário da morte de Ragoel Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, Museu Malhoa, 2005);

**FRANÇA**, José-Augusto, *Catálogo da Exposição Individual de Maluda*, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, 13 de Abril de 1973;

**JOÃO VAZ**, *Exposição João Vaz 1859-1931, Um Pintor do Naturalismo*, Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves;

**JOÃO VAZ**, Lisboa, MNAC, 1949;

**JOSÉ ESCADA**, Exposição, Catálogo, Lisboa, SEC, 2003;

**JOSÉ ESCADA**, Exposição SNBA, Lisboa, SEC, 1980;

**JÚLIO POMAR** – Catálogo *Raisonné* I – 1942-1968, Éditions de la différence, 2004;  
 – Catálogo *Raisonné* II – 1968-1985, Éditions de la différence, 2001;

**LISBOA NA ARTE, Colecção do CAMJAP**, Lisboa, CAM-FCG, 1994;

**LISBOA VELHA: aguarelas e desenhos de Roque Gameiro**, Lisboa, Vega, 1992;

**LUÍS DOURDIL**, Exposição de Pintura e Desenho, Lisboa, CML, 2011, Catálogo;

**LUÍS DOURDIL**, *A Pintura Antes de Tudo*, Lisboa, Edições Colibri, 2015;

**LAPA**, Pedro (org.), **Columbano Bordalo Pinheiro 1874-1900**, Catálogo da Exposição, 2007, Lisboa, MNAC, 2007;

**LUÍS DOURDIL**, Exposição no Palácio Galveias, Catálogo, Lisboa, C.M.L., 2001;

**MACEDO**, Diogo de, *Carlos Reis – Um Paisagista*, Colecção *Museum* nº3, Lisboa, Grupo de Amigos do Museu de Arte Contemporânea, 1947;

*Obras Escolhidas do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, Grupo dos Amigos do Museu, 1951;

**MALUDA**, *Editions du Manoir, s.l., s.d.*

**MALUDA**, *Perspectivas de Lisboa*, Catálogo, Lisboa, Centro Cultural de Belém, 1994;

**MARIA DE LOURDES MELLO E CASTRO**, 1903-1996, Catálogo, Centenário do nascimento, Lisboa, Centro Cultural de Belém, 2004;

**MARIA DE LOURDES MELLO E CASTRO**, Catálogo da Exposição na FCG, Lisboa, FCG, 1989;

**MATIAS**, Maria Margarida Marques, *Pintura Portuguesa da Colecção Anastácio Gonçalves*, Lisboa, FCG, 1979;

**MILY POSSOZ**, Lisboa, CAM-FCG, 1986;

**MILY POSSOZ**, *Uma gramática Modernista*, Lisboa, Fundação Árpád-Szenes-Vieira da Silva, 2009;

**MML – Lisboa Quinhentista – A Imagem e a Vida da Cidade**, Catálogo da Exposição Organizada sob a Responsabilidade de Irisalva Moita, Lisboa, Museus Municipais de Lisboa, 1983;

**MOITA**, Irisalva, *A Imagem e a Vida da Cidade*, in *Lisboa Quinhentista: a imagem e a vida da cidade*, Catálogo da Exposição temporária, Lisboa, Museu da Cidade, 1983;

**MUSEU BERARDO**, *Um Roteiro*, Lisboa, Dinalivro, 2007;

**MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES**, *Roteiro*, Cascais, C.M.Cascais, 2008;

**MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS: pintura portuguesa: 1850-1950**, AA.VV (Coord.), s.l., IPM, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1996;

**NIKIAS SKAPINAKIS**, Catálogo *Presente e Passado 2012-1950*, Lisboa, Museu Colecção Berardo, 2012;

**NORONHA DA COSTA** Revisitado 1965-1983, Catálogo, Centro de Exposições Centro Cultural de Belém, 2004, Vila Nova de Gaia, Edições ASA/Centro Cultural de Belém, 2003;,,

**NUNES**, Emmérico, Exposição Retrospectiva da Obra do Pintor, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1972;

**O IMAGINÁRIO DA CIDADE DE LISBOA**, Lisboa, CAM-FCG, 1985;

**O POVO DE LISBOA**, Catálogo da Exposição Iconográfica, Lisboa, C.M.L., 1978;

**PAULA REGO**, Lisboa, CAM, 1988;

**Pequeno Roteiro da Colecção de Arte do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão**, Lisboa, CAM-FCG, 1996;

**PEREIRA**, Sara (dir.), *Ecos do Fado na Arte Portuguesa XIX-XXI*, Lisboa, Museu do Fado-EGEAC, 2011;

\_\_\_\_\_, (dir.), *O Fado por Stuart Carvalhais*, Lisboa, Museu do Fado-EGEAC, 2005;

**PERNES**, Fernando, *Emmérico Nunes, s.l.*, Galeria Espaço, s.d.

**POMAR AUTOBIOGRAFIA**, Catálogo da Exposição 8 Maio-7 Novembro 2004, Lisboa, Assírio & Alvim/Sintra Museu de Arte Moderna-Colecção Berardo, 2004;

**PORTUGAL 1910-2010: 100 ANOS DE PATRIMÓNIO**, Catálogo da Exposição, Lisboa, MC/IGESPAR, 2011;

**Quadros do Museu da Cidade**, Introdução de Fernando Pamplona, Lisboa, CML, 1972;

**ROQUE GAMEIRO**: Exposição Comemorativa do 1º Centenário de, Lisboa, s.n., 1964;

**ROSENTHAL**, Thomas Gabriel, **PAULA REGO**. *Obra Gráfica Completa*, Lisboa, Editora Cavalo de Ferro, 2003;<sup>309</sup>

**ROTEIRO DO CENTRO DE ARTE MODERNA**, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985;

**SALDANHA**, Nuno, **JOSÉ MALHOA (1855-1993)**. *Catálogo Raisonné*, Lisboa, Scribe, 2012;

**SERRÃO**, Vítor (dir.), *Catálogo da Exposição A Pintura Maneirista em Portugal: Arte no Tempo de Camões*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995;

\_\_\_\_\_, *As colecções Artísticas Sousa e Holstein/Palmela. Notas sobre um Recheio Coleccionístico de Excepção*, in PAIS, Alexandre Nobre (compilação), *Uma Família de Coleccionadores. Poder e Cultura, Antiga Colecção Palmela*, Lisboa, CMAG, 2001, pp.73-91;

**SILVA**, Filipe Rocha da, *Pinturas dos Anos 80, catálogo da Exposição realizada no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Março-Abril, 1989*;

**SILVA**, Raquel Henriques da, **LAPA**, Pedro, **AIRES**, Maria de, Catálogo do Museu do Chiado, Arte Portuguesa, 1850-1950, Lisboa, ed. Instituto Português de Museus, 1994;

---

<sup>309</sup> Este Catálogo contempla a obra gráfica da autora. Para a sua restante obra está um projecto em andamento, para o qual, inclusivamente, se pedem informações sobre pinturas da artista no *site* da *Casa das Histórias Paula Rego*.

**SILVA**, Raquel Henriques da, *Mily Possoz, o ritmo da paisagem*, in AAVV, *Panorama Arte Portuguesa no século XX*, Porto, Fundação de Serralves, Campo das Letras, 1999, p.14;

\_\_\_\_\_, *Coleccionismo de Arte no Portugal de Oitocentos*, in Henri Burnay: de Banqueiro a Coleccionador, Lisboa, CMAG, 2003;

**STUART 1887-1987, Centenário do Nascimento**, Lisboa, CAM-FCG, 1986;

**THOMAZ DE MELLO**, *Exposição Retrospectiva de 45 anos na obra de Thomaz de Mello – TOM*, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1973;

**TORRES**, Cláudio, *Lisboa Muçulmana – um espaço urbano e o seu território*, in *Lisboa Subterrânea*, Catálogo, Lisboa 94/Electa, 1994;

**Um Século de Pintura e Escultura Portuguesas**, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Superior das Belas-Artes, Museu Nacional de Arte Contemporânea, 1965.

**VIEIRA DA SILVA nas colecções Portuguesas**, Lisboa, CAM-FCG, 1987;

**VIEIRA DA SILVA**, Catálogo da Exposição na Fundação Calouste Gulbenkian Junho/Julho 1970, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian;

**WELLEN**, Gut (et al.), *Vieira da Silva, Catalogue Raisonné*, Genève, Skira, 1993.

## **LEGISLAÇÃO**

Diário do Governo nº291, de 24 de Dezembro de 1902 – Aprova os **Regulamentos do Prémio para Pintura de Paisagem Anunciação**;

Decreto-lei nº63/85, de 14 de Março – Aprovação do Código de **Direito de Autor** (cuja última alteração é a Lei nº49/15, de 5 de Junho de 2015);

Decreto-lei nº74/99, de 16 de Março – Aprovação do Estatuto do **Mecenato**;

Lei 107/2001, de 8 de Setembro – Lei de Bases da **Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural**;

Decreto-Lei nº155/2015, de 10 de Agosto – **Regime Jurídico da Actividade Leiloeira**.

## **FILMOGRAFIA**

- Documentário biográfico dedicado a **Carlos Botelho** e a sua relação especial com a cidade de Lisboa, da série *Artes Plásticas*, contado na primeira pessoa, intitulado *Botelho – Um Olhar na Cidade*, com Realização de José Elyseu, exibido a 5 de Maio de 1982 – três meses antes da morte do artista -, na RTP, com duração de 31m. Disponível em <http://www.rtp.pt/arquivo/>.
- Documentário **Varinas, um Símbolo de Lisboa**, com Realização de Fernando Carrilho da DMC / DPC / Arquivo Municipal de Lisboa, exibido a 13 de Junho de 2016, na RTP2, com duração de 85m. Disponível em <http://www.media.rtp.pt/extra/estreias/estreia-varinas-um-simbolo-de-lisboa/>.



## **WEBGRAFIA**

## WEBGRAFIA

### ARTIGOS/ESTUDOS CONSULTADOS ONLINE

**AA.VV.**, Anuário da Crítica 2014, AICA, disponível em <http://www.aica.pt/publicacoes/2015/12/18/1096> , consultado a 6 de Junho de 2016, às 15h21m;

**AFONSO**, Luís Urbano, **FERNANDES**, Alexandra, *Lessons from the Portuguese art auctions*, *Art Management Newsletter*, nº113, Fevereiro 2013, pp. 18-21;

**AFONSO**, Luís Urbano, *Ut oeconomia pictura: how the global art market is changing the dominant canons*, *International Journal of Arts*, Vol. 2, nº6, 2012, pp.53-59;

**ALMEIDA**, Filipa, Mercado de Arte Contemporânea: construção do valor artístico e do estatuto do mercado do artista, *Forum Sociológico*, disponível em <http://sociologico.revues.org/203> posto online no dia 20 de Julho de 2012, consultado a 19 de Outubro de 2015, às 15h33m;

**BISPO**, Maria Teresa, *Nexo da pintura mural na obra do pintor Luís Dourdil*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa nº5, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.200-213, [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 21 de Maio de 2016, às 19h11m;

**DGArtes**, Boletim do segundo trimestre de 2014, disponível em [http://www.dgartes.pt/documentacao/boletimtrimestral\\_04.pdf](http://www.dgartes.pt/documentacao/boletimtrimestral_04.pdf) consultado a 6 de Junho de 2016, às 16h51m;

**FREY**, Bruno, *Art: the Economic Point of View*, in Cultural Economics and Cultural Policy, 1994, disponível em [http://www.bsfrey.ch/articles/C-237\\_1994.pfd](http://www.bsfrey.ch/articles/C-237_1994.pfd), consultado a 7 de Junho de 2016, às 14h03m;

**GARCIA**, José Manuel, *A genealogia das imagens de Lisboa entre 1662 e 1707*, in revista digital rossio:estudos de Lisboa GEO/CML, nº0 (zero), Outubro 2012, pp.30-61, disponível em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 26 de Fevereiro de 2016, às 19h04m;

**GARCIA**, José Manuel, *Lisboa do século XVII: “a mais deliciosa terra do mundo”*. Lisboa, GEO, 2008 disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/por-tematicas?pub=770>, consultado a 21 de Março de 2016, às 17h59m;

**JOHNSTON**, Chris, *Paul Gauguin’s When Will you Marry? Becomes most expensive artwork ever*, Jornal inglês *The Guardian* online de 7 de Fevereiro de 2015, em <http://www.theguardian.com/artanddesign/2015/feb/07/paul-gauguins-when-will-you-marry-becomes-most-expensive-artwork-ever/>, consultado a 10 de Janeiro de 2016, às 10h00m.

**LEAL**, Joana Cunha, *Sobre a Paisagem da Baixa*, in revista digital rossio:estudos de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa), nº2, Novembro 2013,

pp.12-21, em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 21 de Março de 2016, às 18h34m;

**LOURENÇO**, Tiago Borges, *Pequenas (e Grandes) Vistas de Lisboa. A cidade na azulejaria contemporânea*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa nº5, Junho 2015, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.238-253, disponível em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 6 de Junho de 2016, às 22h03m;

**MITCHELL**, W. J. Thomas, «*Picture Theory: Essays on Verbal and Visual Representation*», The University of Chicago Press, 1994, p.16, disponível em <http://www.id.erudit.org/iderudit/501139ar/> consultado a 11 de Janeiro de 2016, às 20h50m.

**OLIVEIRA**, Eduardo Freire de, *Elementos para a História de Lisboa*, revista digital rossio: estudos de Lisboa nº1, Abril de 2013, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.34-36, em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 28 de Maio de 2016, às 18h03m;

**ROSSA**, Walter, *Lisboa: da busca de imagem de capital*, revista digital rossio: estudos de Lisboa nº5, Junho 2015, Lisboa, GEO/CML, 2015, pp.28-43, disponível em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 8 de Junho de 2016, às 21h21m;

**SERRÃO**, Vítor, *Os precursores da Olisipografia Cristóvão Rodrigues de Oliveira, João Brandão, Damião de Góis, Francisco de Holanda*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa), nº1, Maio 2013, pp.11-17, em [http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista\\_rossio](http://www.cm-lisboa.pt/publicacoes-digitais/revista_rossio) consultado a 27 de Janeiro de 2016, às 08h58m.

**SIMÕES**, Pedro David Ribeiro, *The Portuguese Contemporary Art Auction Market Between 2008 and 2011*, *International Journal of Arts*, Vol. 2, nº4, 2012, pp.26-30, disponível em <http://www.journal.sapub.org/arts20120204.02> consultado a 18 de Maio de 2016, às 15h34m.

### **SITES CONSULTADOS**<sup>310</sup>

**Académie de la Grande Chaumière**, disponível em <http://www.grande-chaumiere.fr> consultado a 13 de Dezembro de 2015, às 14h39m;

**Academia Nacional de Belas Artes** disponível em <http://www.academiabelasartes.pt>, consultado a 5 de Novembro de 2015, às 14h16m;

**Agenda Cultural de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa**, disponível em <http://www.agendalx.pt>, consultado a 19 de Dezembro de 2015, às 09h10m;

**Amigos de Lisboa**, disponível em <http://www.amigosdelisboa.com>, consultado a 5 de Dezembro de 2015, às 09h00m;

---

<sup>310</sup> As datas de consulta apresentadas referem-se à **primeira vez** que acedemos a cada *site*, sendo que alguns foram consultados um número apreciável de vezes, conforme o andamento da investigação.

**Antiguidades São Roque**, disponível em <http://www.antiguidadessaoroque.com>, consultado a 22 de Dezembro de 2015, às 23h42m;

**ANTT Arquivo Nacional Torre do Tombo**, disponível em <http://www.antt.dglab.gov.com>, consultado a 25 de Maio de 2016, às 08h57m;

**Art Basel**, disponível em <http://www.artbasel.com/>, consultado a 8 de Janeiro de 2016, às 15h40m;

**ArteCapital**, disponível em <http://www.artecapital.net>, consultado a 16 de Fevereiro de 2016, às 10h03m;

**Arquivo Nacional Torre do Tombo**, disponível em <http://www.antt.dglab.gov.pt>, consultado a 7 de Novembro de 2015, às 10h03m;

**Arquivo Municipal de Lisboa**, disponível em <http://www.arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>, consultado a 15 de Outubro de 2015, às 15h18m;

**Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA)**, disponível em <http://www.aica.pt> consultado a 8 de Março de 2016, às 17h43m;

**Associação Portuguesa de Antiquários (APA)**, disponível em <http://www.apa.pt>, consultado a 29 de Outubro de 2015, às 10h36m;

**Associação Portuguesa de Casas-Museu (APCM)**, disponível em <http://www.apcm.pt>, consultado a 4 de Fevereiro de 2016, às 10h55m;

**Associação Portuguesa de Galerias de Arte (APGA)**, disponível em <http://www.apga.pt>, consultado a 29 de Outubro de 2015, às 12h05m;

**Associação Portuguesa de Leiloeiros de Arte (APLARTE)**, disponível em <http://www.aplarte.pt>, consultado a 9 de Abril de 2016, às 12h15m;

**Atelier-Museu Júlio Pomar**, disponível em <http://www.ateliermuseujuliopomar.pt>, consultado a 4 de Abril de 2016, às 20h03m;

**Atelier Túllio Victorino**, disponível em <http://www.turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrimonio-cultural/equipamentos-culturais/atelier-tullio-victorino/>., consultado a 20 de Junho de 2016, às 12h12m;

**AZ-Rede de Investigação e Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL) - AZLab**, disponível em <http://blogazlab.wordpress.com>, consultado a 21 de Janeiro de 2016, às 16h03m;

**Banco de Portugal**, disponível em <http://www.bportugal.pt>, consultado a 4 de Janeiro de 2016, às 16h08m;

**Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)**, disponível em <http://www.bnportugal.pt>, consultado a 20 de Julho de 2015, às 10h36m;

- Porbase (base nacional de dados bibliográficos), disponível no endereço <http://www.porbase.bnportugal.pt/>

**Câmara Municipal de Lisboa (C.M.L.)**, disponível em <http://www.cm-lisboa.pt>, consultado a 29 de Outubro de 2015, às 11h03m;

- <http://www.camaramunicipaldelisboa.tumblr.com/>
- <http://www.pt.pinterest.com/CMLisboa/>

**Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea**, disponível em <http://www.m-almada.pt/casadacerca/>, consultado a 10 de dezembro de 2015, às 12h03m;

**Casa das Histórias, Paula Rego**, disponível em <http://www.casdashistoriaspaularego.com/>, consultado a 27 de Maio de 2016, às 14h10m;

**Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça**, disponível em <http://www.cm-alpiarca.pt/areas-de-atividade/cultura/casa-dos-patudos-museu-de-alpiarca/>, consultado a 10 de Março de 2016, às 18h40m;

**Casa Fernando Pessoa**, disponível em <http://www.casafernandopessoa.pt>, consultado a 17 de Outubro de 2015, às 12h13m;

**Casa-Museu Anastácio Gonçalves (CMAG)**, disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/casa-museu-dr-anastacio-goncalves/>, consultado a 28 de Dezembro de 2015, às 14h25m;

**Casa-Museu Leal da Câmara**, disponível em <http://www.museuvirtual.cm-sintra.pt/casa-museu-de-leal-da-camara/>, consultado a 9 de Março de 2016, às 16h00;

**Casa-Museu Medeiros e Almeida**, disponível em <http://www.casa-museumedeirosalmeida.pt>, consultado a 11 de Outubro de 2015, às 14h27m;

**Casa Roque Gameiro**, disponível em <http://www.cm-amadora.pt/casa-roque-gameiro/>, consultado a 10 de Janeiro de 2016, às 14h12m;

**Centro Cultural Emmerico Nunes**, disponível em <http://www.ccemmericonunes.blogspot.pt> consultado a 1 de Março de 2016, às 18h52m;

**Centro de Arte Manuel de Brito (CAMB)**, disponível em <http://www.camb.cm-oeiras.pt>, consultado a 10 de Março de 2016, às 16h42m;

**Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAM-JAP)**, disponível em <http://www.cam.gulbenkian.pt>, consultado a 30 de Setembro de 2015, às 17h44m;

**Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro**, disponível em <http://www.caorg.pt>, consultado a 10 de Janeiro de 2016, às 13h27m;

**Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco**, disponível em <http://www.cm-castelobranco.pt/ccccb>, consultado a 26 de Abril de 2016, às 10h46m;

**Centro Português de Serigrafia**, disponível em <http://www.cps.pt>, consultado a 24 de Janeiro de 2016, às 16h40m;

**Direcção Geral do Património Cultural (DGPC)**, disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt>, consultado a 2 de Abril de 2015, às 14h26m;

- SIPA em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA) consultado a 11 de Janeiro de 2016, às 20h01m;

**Empresa de estudos de mercado DECO**, disponível em <http://www.deco.proteste.pt>, consultado a 14 de Fevereiro de 2016, às 09h16m;

**Empresa de estudos de mercado Eurosondagem**, disponível em <http://www.eurosondagem.pt>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016, às 09h36m;

**Empresa de estudos de mercado Marktest**, disponível em <http://www.marktest.com>, consultado a 14 de Fevereiro de 2016, às 09h02m;

**Empresa de estudos de mercado nielsen**, disponível em <http://www.nielsen.com>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016, às 08h52m;

**Empresa de estudos de mercado Pitagórica**, disponível em <http://www.pitagorica.pt>, consultado a 15 de Fevereiro de 2016, às 09h11m;

**Fundação Árpád Szenes-Vieira da Silva**, disponível em <http://www.fasvs.pt>, consultado a 20 de Dezembro de 2015, às 12h02m;

**Fundação Champalimaud**, disponível em <http://www.fchamalimaud.org/>, consultado a 6 de Março de 2016, às 13h48m;

**Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)**, disponível em <http://www.gulbenkian.pt>, consultado a 30 de Setembro de 2015, às 13h21m;

**Fundação Cupertino de Miranda (FCM)**, disponível em <http://www.fcm.org>, consultado a 4 de Abril de 2016, às 13h56m;

**Fundação Júlio Pomar**, disponível em <http://www.fundacaojuliopomar.org>, consultado a 4 de Abril de 2016, às 20h51m;

**Fundação de Serralves**, disponível em <http://www.serralves.pt>, consultado a 2 de Outubro de 2015, às 23h03m;

**Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (Colecção de Arte Contemporânea)**, disponível em <http://www.flad.pt/colecao-de-arte/>, consultado a 12 de Maio de 2016, às 01h12m;

**Fundação Manuel Cargaleiro**, disponível em <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt/>, consultado a 3 de Junho de 2016, às 01h12m;

**Fundação PLMJ**, disponível em <http://www.fundacaoplmj.com/>, consultado a 5 de Janeiro de 2016, às 9h59m;

**Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS)**, disponível em <http://www.fress.pt>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 00h07m;

**Galeria-Antiquário AR-PAB**, disponível em <http://www.pab.pt/>, consultado a 16 de Fevereiro de 2016, às 18h53m;

**Galeria de Arte 111**, Lisboa, disponível em <http://www.111.pt/>, consultado a 2 de Abril de 2016, às 21h09m;

**Galeria de Arte micro arte**, disponível em <http://www.microartegaleria.com>, consultado a 18 de Março de 2016, às 23h37m;

**Galeria de Arte São Mamede**, Lisboa, disponível em <http://www.saomamede.com>, consultado a 2 de Abril de 2016, às 18h37m;

**Galeria Underdogs**, Lisboa, disponível em <http://www.under-dogs.net>, consultado a 11 de Maio de 2016, às 12h22m;

**GEO, Gabinete de Estudos OIisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa** disponível em <http://www.geo-cm-lisboa.pt>, consultado a 10 de Abril de 2015, às 09h02m;

**Giulio Carlo Argan**, disponível em <http://www.giuliocarloargan.org>, consultado a 20 de Dezembro de 2015, às 10h57m;

**Grupo Amigos de Lisboa**, disponível em <http://www.amigosdelisboa.pt>, consultado a 3 de Janeiro de 2016, às 18h27m;

**Hemeroteca Municipal de Lisboa**, disponível em <http://www.hemeroteca.cm-lisboa.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2015, às 09h12m;

**Hemeroteca Digital**, disponível em <http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>, consultado a 15 de Novembro de 2015, às 16h52m;

**Ifema**, disponível em <http://www.ifema.es>, consultado a 3 de Maio de 2016, às 18h14m;

**Instituto Nacional de Estatística (INE)**, disponível em <http://www.ine.pt>, consultado a 2 de Novembro de 2015, às 13h00m;

**ISCTE-IUL**, disponível em <http://www.iscte-iul.pt>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 10h58m;

**Leiloeira Bonhams, Londres, Inglaterra**, disponível em <http://www.bonhams.com>, consultado a 27 de Outubro de 2015, às 17h03m;

**Leiloeira BestNet Leilões**, disponível em [www.bestnetleiloes.com](http://www.bestnetleiloes.com), consultado a 2 de Novembro de 2015, às 09h37m;

**Leiloeira Cabral Moncada Leilões**, disponível em <http://www.cml.pt>, consultado a 23 de Março de 2015, às 15h52m;

**Leiloeira Christie's, Londres, Inglaterra**, disponível em <http://www.christies.com>, consultado a 19 de Outubro de 2015, às 17h20m;

**Leiloeira Côte Real**, disponível em <http://www.leiloeiracortereal.pt>, consultado a 2 de Novembro de 2015, às 10h21m;

**Leiloeira Palácio do Correio Velho**, disponível em <http://www.pcv.pt>, consultado a 3 de Maio de 2015, às 19h23m;

**Leiloeira P55 Arte e Leilões**, disponível em [www.p55.pt](http://www.p55.pt), consultado a 2 de Novembro de 2015, às 10h35m;

**Leiloeira Phillips, Londres, Inglaterra**, disponível em <http://www.phillips.com>, consultado a 19 de Outubro de 2015, às 11h21m;

**Leiloeira Sotheby's, Londres, Inglaterra**, disponível em <http://www.sothebys.com>, consultado a 19 de Outubro de 2015, às 09h43m;

**Leiloeira Tajan, Paris, França**, disponível em <http://www.tajan.com>, consultado a 24 de Fevereiro de 2016, às 18h41m.

**Le Journal des Arts, França**, disponível em <http://www.lejournaldesarts.fr>, consultado a 16 de Dezembro de 2015, às 15h21m;

**Manuel Botelho**, disponível em [manuelvbotelho@fba.ul.pt](mailto:manuelvbotelho@fba.ul.pt), consultado a 17 de Janeiro de 2016, às 09h11m;

**MatrizNet<sup>311</sup>**, disponível em <http://www.matriznet.dgpc.pt>, consultado a 27 de Outubro de 2015, às 17h24m;

**Museu Berardo**, disponível em <http://www.museuberardo.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2015, às 09h33m;

**Museu Calouste Gulbenkian**, disponível em <http://www.museu.gulbenkian.pt>, consultado a 30 de Setembro de 2015, às 14h10m;

---

<sup>311</sup> Matriznet é um interface do Matriz / Inventário e Gestão de Colecções Museológicas que disponibiliza a informação contida nas fichas de inventário e toda a informação relativa às peças, apresentada em formato texto, imagem, vídeo e som. Trata-se de uma ferramenta de fundamental importância para o estudo e investigação em arte.



**Museu das Artes de Sintra**, disponível em <http://www.cm-sintra.pt/musa-museu-das-artes-de-sintra>, consultado a 11 de Março de 2016, às 15h01m;

**Museu de Lisboa**, disponível em <http://www.museudacidade.pt>, consultado a 25 de Junho de 2015, às 08h33m;

**Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado (MNAC)**, disponível <http://www.museuartecontemporanea.pt>, consultado a 16 de Outubro de 2015, às 18h06m;

- Óleo de Columbano Bordalo Pinheiro de 1885 *O Grupo do Leão* <http://www.museudeartecontemporanea.pt/ArtistPieces/view/26>, consultado a 9 de Janeiro de 2016, às 23h17m;

**Museu Nacional do Azulejo**, disponível em <http://www.museudoazulejo.pt>, consultado a 30 de Outubro de 2015, às 11h01m;

**Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (MAAT)**, disponível em <http://www.maat.pt>, consultado a 22 de Abril de 2016, às 18h33m;

**Museu de Arte Oriental, Turim, Itália**, disponível em <http://www.maotorino.it>, consultado a 3 de Novembro de 2015, às 11h00;

**Museu do Fado**, disponível em <http://www.museudofado.pt>, consultado a 11 de Janeiro de 2016, às 10h32m;

**Museu Gulbenkian**, disponível em <http://www.museu.gulbenkian.pt>, consultado a 18 de Outubro de 2015, às 08h55m;

**Museu do Neo-Realismo**, disponível em <http://www.museudoneorealismo.pt>, consultado a 16 de Outubro de 2015, às 16h23m;

**Museu José Malhoa**, disponível em [http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/MCR/museus/museu\\_jose\\_malhoa](http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/MCR/museus/museu_jose_malhoa), consultado a 20 de Dezembro de 2015, às 10h03m;

**Museu Medina**, disponível em <http://www.museupioxii/museu-pio-xii/galeria-henrique-medina/>, consultado a 11 de Março de 2016, às 17h01m;

**Museu Municipal Abel Manta**, disponível em <http://www.cm-gouveia.pt/Paginas/museu-municipal-abel-manta.aspx>, consultado a 8 de Janeiro de 2015, às 08h50m;

**Museu Municipal amadeo de souza cardoso**, disponível em <http://www.amadeosouza.pt>, consultado a 27 de Janeiro de 2016, às 15h35m;

**Museu Municipal de Torres Novas, Museu Carlos Reis**, disponível em <http://www.museu.cm-torresnovas.pt>, consultado a 9 de Abril de 2016, às 16h41m;

**Museu Nacional de Arte Antiga**, disponível em <http://www.museudearteantiga.pt>, consultado a 28 de Outubro de 2015, às 12h02m;

- Painéis de São Vicente <http://www.museudearteantiga.pt/colecoes/pintura-portuguesa/paineis-de-sao-vicente>, consultado a 9 de Janeiro de 2016, às 21h50;
- Exposição CominOut <http://www.museudearteantiga.pt/exposicoes/comingout/> <http://www.pcv./leilaoonlineespecialcomingoutmnaa/>, consultado a 23 de Janeiro de 2016, às 23h21m;

**Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra**, disponível em <http://www.museummachadocastro.pt> consultado a 10 de Abril de 2016, às 19h17m

**Museu Nacional Soares dos Reis**, disponível em <http://www.museusoaresdosreis.pt>, consultado a 10 de Março de 2016, às 16h51m;

**Museum of Modern Art (MoMA), Nova Iorque, EUA**, disponível em <http://www.moma.org>, consultado a 2 de Setembro de 2015, às 21h22m;

**OLX**, disponível em <http://www.olx.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2015, às 09h21m;

**PORDATA (base de dados Portugal Contemporâneo)**, disponível em <http://www.pordata.pt>, consultado a 5 de Janeiro de 2016, às 18h01m;

**Sociedade Nacional de Belas Artes**, disponível em <http://www.snba.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2015, às 22h33m;

- Biblioteca Virtual da SNBA <http://www.snba.pt/index.ph>, consultado a 14 de Novembro de 2015, às 11h12m;

**Portal das Finanças**, disponível em <http://www.info.portaldasfinancas.gov.pt>., consultado a 20 de Junho de 2016, às 08h08m;

**Revista digital rossio, da Câmara Municipal de Lisboa**, disponível em <http://www.cm-lisboa.pt/publicacoesdigitais/>, consultado a 10 de janeiro de 2016, às 08h54m;

**Scribe, Produções Culturais, Ld<sup>a</sup>**, disponível em <http://www.scribe.pt>, consultado a 30 de Março de 2015, às 17h20m;

**Site art agenda**, disponível em <http://www.art-agenda.com>, consultado a 16 de Maio de 2016, às 17h36m;

**Site Artfacts**, disponível em <http://www.artfacts.net>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 18h23m;

**Site Artnet**, disponível em <http://www.artnet.com>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 19h06m;

**Site Artnews**, disponível em <http://www.artnews.com>, consultado a 6 de Junho de 2016, às 18h28m;

**Site Artprice**, disponível em <http://www.artprice.com>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 17h02m;

**Site Artsy**, disponível em <http://www.artsy.net>, consultado a 18 de Maio de 2016, às 12h02m;

**Site invaluable**, disponível em <http://www.invaluable.com>, consultado a 31 de Março de 2016, às 17h32m;

**Site obrasdearte** disponível em <http://www.obrasdearte.com>, consultado a 11 de Maio de 2016, às 11h53m;

**Site oficial de Sarah Thornton**, disponível em <http://www.sarah-thornton.com>, consultado a 6 de Junho de 2016, às 18h32m.

**Site oficial de W. J. Thomas Mitchell**, disponível em <http://humanities.uchicago.edu/faculty/mitchell/home.htm>., consultado a 11 de Janeiro de 2016, às 22h33m;

**Site do pintor António Botelho**, disponível em <http://www.issbotelho.wix.com>, consultado a 28 de Janeiro de 2016, às 09h23m;

**Site do pintor António Carmo**, disponível em <http://www.antoniocarmo.com>, consultado a 9 de Junho de 2016, às 21h01m;

**Site do pintor António Neves**, disponível em <http://www.antonioneves.pt>, consultado a 22 de Abril de 2016, às 18h06m;

**Site do pintor Gomes Martins**, disponível em <http://www.gomesmartins.net>, consultado a 2 de Março de 2016, às 16h59m;

**Site do pintor Mota Urgeiro**, disponível em <http://www.motaurgeiro.wix.com>, consultado a 2 de Novembro de 2015, às 10h01m;

**Skate**, disponível em <http://skatepress.com>, consultado a 17 de Maio de 2016, às 17h46m;

**TEFAF MAASTRICHT**, disponível em <http://www.tefaf.com>, consultado a 29 de Dezembro de 2015, às 11h17m;

**TheArtNewspaper**, disponível em <http://www.theartnewspaper.com>, consultado a 23 de Maio de 2016, às 17h40m;

**The British Library, Londres, Reino Unido**, disponível em <http://www.bl.uk/>, consultado a 4 de Maio de 2016, às 09h12m;

**Tribo dos Pincéis**, disponível em <http://www.roquegameiro.org>, consultado a 18 de Abril de 2016, às 14h59m;

**Vista Alegre**, disponível em <http://www.vistaalegre.com>, consultado a 1 de Abril de 2016, às 15h46m.

# ANEXOS

## **ANEXOS**

<b>ÍNDICE</b>	197
---------------	-----

<b>NOTA EXPLICATIVA</b>	200
-------------------------	-----

<b>ANEXO I</b>	
<b><i>CORPUS</i> DE PINTURAS DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE</b>	203

<b>ANEXO II</b>	
<b>RESENHAS BIOGRÁFICAS E DO PERCURSO ARTÍSTICO DOS AUTORES ELENCADOS NO <i>CORPUS</i></b>	251

Abel Manta (1888-1982)	254
Albertino Guimarães (1891-1967)	256
Albino Moura (n. 1940)	256
Alípio Brandão (1916-1965)	257
Alfredo Keil (1850-1907)	258
Almada Negreiros (1893-1970)	259
Alves de Sá (1878-1972)	262
Américo Taborda (1919-1986)	262
António Botelho (1932-2003)	263
António Carmo (n. 1949)	264
António Cruz (1907-1983)	266
António Lino (1911-1984)	266
António Neves (n. 1963)	267
António Palolo (1946-2000)	268
António Sena (n. 1941)	269
António Soares (1894-1978)	270
Armando de Lucena (1886-1975)	271
Arnaldo de Almeida Figueiredo (1914-1984)	272
Arnaldo Ferreira (1923-2000)	272
Artur Bual (1926-1999)	274
Augusto Gomes Martins (1922-1994)	275
Bernardo Marques (1898-1962)	276
D. Carlos I (1863-1908)	277
Carlos Botelho (1899-1982)	279
Carlos Carreiro (n.1947)	284
Carlos Luz (n.1951)	285
Carlos Pinto Ramos (1910-1983)	285
Carlos Porfírio (1895-1970)	286
Carlos Reis (1863-1940)	287
Columbano Bordallo Pinheiro (1857-1929)	289
Constantino Fernandes (1878-1920)	291
Costa Pinheiro (1932-2015)	292
Diogo de Contreiras (act. 1521-1560)	294
Domingos de Sequeira (1768-1837)	296
Eduardo Alarcão (1930-2003)	299
Eduardo Malta (1900-1967)	300

Eduardo St'Aubyn (século XX)	301
Eduardo Vianna (1881-1967)	302
Emmérico Nunes (1888-1968)	304
Enrique Casanova (1850-1913)	305
Ernesto Condeixa (1857-1933)	305
Estêvão Soares (1914-1992)	306
Estrela Faria (1910-1976)	308
Fernando de Azevedo (1923-2002)	309
Francis Smith (1881-1961)	310
Frederico George (1915-1994)	312
Fred Kradolfer (1903-1968)	313
Gabriel Constante (1875-1950)	315
Gaspar Pimenta (n.1931)	316
Henrique Medina (1901-1988)	316
Henrique Tavares (1905-1988)	318
Isaías Newton (1838-1921)	318
Jacinto Luís (n.1945)	320
João Abel Manta (n. 1928)	321
João Alberto (1909-???)	322
João Reis (1899-1982)	323
João Vaz (1859-1931)	324
Joaquim Bértholo (n.1920)	325
Jorge Barradas (1894-1971)	326
José Escada (1934-1980)	328
José de Lemos (1910-1995)	329
José Joaquim Ramos (1881-1972)	330
José Malhoa (1855-1933)	331
José Neves de Azevedo (1923-2002)	333
José Penicheiro (1921-2014)	334
José Ribeiro (1907-1991)	335
Júlio Pomar (n.1926)	336
Leal da Câmara (1876-1948)	338
Leitão de Barros (1896-1967)	339
Lima de Freitas (1927-1998)	340
Lucília de Brito (1918-2007)	341
Luís Dourdil (1914-1989)	342
Luiz Salvador (1896-1986)	344
Luiz Tomazini (1823-1902)	345
Machado de Castro (1731-1822)	345
Maluda (1934-1999)	347
Mauel Bentes (1885-1961)	349
Manuel Cargaleiro (n.1927)	350
Manuel Gregório Pereira (1931-2013)	351
Manuel Guimarães (1915-1975)	352
Manuel Tavares (pai) (1911-1974)	353
Manuel Tavares Júnior (filho) (século XX)	354
Maria Adelaide de Lima Cruz (1878-1963)	354
Maria de Lourdes de Mello e Castro (1903-1996)	355
Maria Guilhermina da Silva Reis (século XIX)	356
Mário Cesariny (1923-2006)	357

Mário Costa (1902-1975)	358
Mário Salvador (1905-2002)	359
Marques d'Oliveira (1853-1927)	359
Mily Possoz (1888-1968)	360
Molina (1926-2002)	361
Mota Urgeiro (n. 1946)	362
Narciso Morais (1892-1977)	363
Nikias Skapinakis (n.1931)	363
Noronha da Costa (n.1942)	365
Paula Rego (n.1935)	367
Paulo Ferreira (1911-1999)	369
Paulo Ossião (n.1952)	370
Pedro Jorge Pinto (1900-1983)	372
Real Bordalo (n.1925)	372
Ribeiro Christino (1858-1948)	374
Ricardo Hogan (1843-1890)	375
Roberto Araújo (1908-1969)	376
Rogério Amaral (1917-1996)	376
Roque Gameiro (1864-1935)	377
Rui da Palma Carlos (1948-2008)	380
Santa-Rita (1889-1918)	380
Sarah Affonso (1899-1983)	382
Silva Lino (1911-1984)	383
Silva Palmeira (n. 1934)	384
Silva Vieira (1939-2004)	385
Simão da Veiga (1878-1963)	386
Stuart de Carvalhaes (1887-1961)	386
Tomás D'Anunciação (1818-1879)	389
TOM – Thomaz de Mello (1906-1990)	391
Vespeira (1925-2002)	392
Túllio Victorino (1896-1969)	393
Varela Aldemira (1895-1975)	394
Vieira da Silva (1908-1992)	395

### **ANEXO III**

<b>INQUÉRIO <i>ONLINE</i> A LEILOEIRAS DE ARTE</b>	401
--	-----

### **ANEXO IV**

<b>ENTREVISTAS A AGENTES DO MERCADO DE ARTE</b>	409
---	-----

Entrevista ao Dr. Miguel Cabral de Moncada	410
Entrevista a Pedro Castro e Silva	431
Entrevista a Gabriel Larangeira Lopes	433



## NOTA EXPLICATIVA

Esta parte da Dissertação, em forma de Anexos, é constituído por parte da metodologia utilizada para construir a mesma.

Destes Anexos fazem parte, assim, o *corpus* elencado, o qual, apesar da sua importância, não aparece no corpo do texto por contingências de espaço, as resenhas biográficas e do percurso artístico dos **119 autores das obras de arte elencadas**, as quais iriam, igualmente, sobrecarregar o corpo principal deste trabalho, mas **constituem-se, na nossa opinião, apesar de não serem exaustivas, absolutamente fundamentais para total compreensão do tema.**

Assim, elaborámos uma digressão biográfica com uma visão necessariamente breve e geral – em virtude do vasto número de artistas elencados –, da obra, seguindo uma periodização da carreira artística de cada um dos pintores elencados, quando tal foi possível.

No caso de alguns autores as informações são escassas, visto que nos deparámos com uma incontornável escassez de documentação sobre os mesmos.

Incluímos algumas imagens, ilustrativas das obras de arte estudadas, que acompanham a resenha biográfica do respectivo autor. Até ao Leilão 100 de 27 de Outubro de 2008, recorremos ao arquivo da CML, a partir deste leilão, as imagens já se encontram disponíveis no *site* desta casa leiloeira.

Por contingências de espaço **não incluímos imagens de obras de todos os autores elencados, optámos por uma escolha, que se quis diversificada, em termos de correntes estéticas e temas retratados, transmitindo assim uma panorâmica geral do tema escolhido.** A presença de imagens é, na nossa opinião, absolutamente crucial em História de Arte.

As informações recolhidas quanto às instituições em que se encontram representadas obras dos artistas elencados foram as possíveis, porém, em alguns casos, não estarão completas, requerendo para tal, um estudo mais aprofundado, que nos iria, necessariamente, retirar tempo para outros propósitos.

Seguidamente, apresentamos uma outra parte da metodologia utilizada, o inquérito *online* a casas leiloeiras, visão crucial de agentes do mercado de arte que se encontram, diariamente, “no terreno” e nos auxiliam a compreender o tema.

Por último, mas não menos importantes, transcrevemos as três entrevistas presenciais realizadas no âmbito deste trabalho.

Destas entrevistas retirámos informação essencial, que integra, frequentemente, o texto, para contextualizar ideias e noções.



**ANEXO I**

***CORPUS* DE PINTURAS DE AUTOR COM**  
**ICONOGRAFIA OLISIPONENSE**

**– LEILÃO Nº48 A LEILÃO Nº174 –**

# CORPUS DE PINTURAS DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE

## – LEILÃO Nº48 A LEILÃO Nº174 –

**TABELA 1 – ESQUEMA GERAL DOS 127 LEILÕES ESTUDADOS**

LEILÃO 48	JAN/FEV 2001	LEILÃO 88	MAIO 2007	LEILÃO 128	MAIO/JUN2011	LEILÃO 168	MAIO 2015
LEILÃO 49	ABRIL 2001	LEILÃO 89	OUT. 2007	LEILÃO 129	JULHO 2011	LEILÃO 169	JUNHO 2015
LEILÃO 50	JUN/JUL 2001	LEILÃO 90	NOV. 2007	LEILÃO 130	SET. 2011	LEILÃO170	JULHO 2015
LEILÃO 51	OUT/NOV 2001	LEILÃO 91	NOV. 2007 (VA)	LEILÃO 131	OUT.2011	LEILÃO171	SET. 2015
LEILÃO 52	FEV. 2002	LEILÃO 92	NOV. 2007	LEILÃO 132	NOV. 2011	LEILÃO172	OUT. 2015
LEILÃO 53	MAIO 2002	LEILÃO 93	DEZ. 2007	LEILÃO 133	NOV. 2011	LEILÃO173	NOV. 2015
LEILÃO 54	OUT. 2002	LEILÃO 94	JANEIRO 2008	LEILÃO 134	DEZ. 2011	LEILÃO174	DEZ. 2015
LEILÃO 55	NOV. 2002 (VA)	LEILÃO 95	MARÇO 2008	LEILÃO 135	JANEIRO 2012	-----	-----
LEILÃO 56	DEZ. 2002	LEILÃO 96	ABRIL 2008	LEILÃO 136	MARÇO 2012	-----	-----
LEILÃO 57	FEV. 2003	LEILÃO 97	MAIO 2008	LEILÃO 137	ABRIL 2012	-----	-----
LEILÃO 58	MAIO 2003	LEILÃO 98	MAIO 2008	LEILÃO 138	MAIO 2012	-----	-----
LEILÃO 59	JUN/JUL 2003	LEILÃO 99	OUT. 2008	LEILÃO 139	MAIO 2012	-----	-----
LEILÃO 60	OUT. 2003	LEILÃO 100	OUT. 2008	LEILÃO 140	JULHO 2012	-----	-----
LEILÃO 61	NOV. 2003 (VA)	LEILÃO 101	NOV. 2008	LEILÃO 141	SET. 2012	-----	-----
LEILÃO 62	DEZ. 2003	LEILÃO 102	DEZ. 2008	LEILÃO 142	OUT. 2012	-----	-----
LEILÃO 63	FEV. 2004	LEILÃO 103	FEV. 2009	LEILÃO 143	NOV. 2012	-----	-----
LEILÃO 64	ABRIL 2004	LEILÃO 104	MARÇO 2009	LEILÃO 144	DEZ. 2012	-----	-----
LEILÃO 65	MAI/JUN 2004	LEILÃO 105	ABRIL 2009	LEILÃO 145	JANEIRO 2013	-----	-----
LEILÃO 66	OUT. 2004	LEILÃO 106	MAIO 2009	LEILÃO 146	MARÇO 2013	-----	-----
LEILÃO 67	NOV. 2004 (VA)	LEILÃO 107	JUNHO 2009	LEILÃO 147	ABRIL 2013	-----	-----
LEILÃO 68	NOV. 2004	LEILÃO 108	JULHO 2009	LEILÃO 148	MAIO 2013	-----	-----
LEILÃO 69	JANEIRO 2005	LEILÃO 109	SET. 2009	LEILÃO 149	MAIO 2013	-----	-----
LEILÃO 70	MARÇO 2005	LEILÃO 110	OUT/NOV 2009	LEILÃO 150	JULHO 2013	-----	-----
LEILÃO 71	ABRIL 2005	LEILÃO 111	NOV. 2009 (VA)	LEILÃO 151	SET. 2013	-----	-----
LEILÃO 72	MAIO 2005	LEILÃO 112	NOV. 2009	LEILÃO 152	OUT. 2013	-----	-----
LEILÃO 73	JUNHO 2005	LEILÃO 113	DEZ. 2009	LEILÃO 153	NOV. 2013	-----	-----
LEILÃO 74	OUT. 2005	LEILÃO 114	JANEIRO 2010	LEILÃO 154	DEZ. 2013	-----	-----
LEILÃO 75	NOV. 2005	LEILÃO 115	MARÇO 2010	LEILÃO 155	JANEIRO 2014	-----	-----
LEILÃO 76	NOV/DEZ 2005	LEILÃO 116	MARÇO 2010	LEILÃO 156	FEVEREIRO 2014	-----	-----
LEILÃO 77	JANEIRO 2006	LEILÃO 117	MAIO 2010	LEILÃO 157	MARÇO 2014	-----	-----
LEILÃO 78	MARÇO 2006	LEILÃO 118	MAI/JUN 2010	LEILÃO 158	MAIO 2014	-----	-----
LEILÃO 79	MARÇO 2006	LEILÃO 119	JUN/JUL 2010	LEILÃO 159	JUNHO 2014	-----	-----
LEILÃO 80	ABRIL 2006	LEILÃO 120	SET. 2010	LEILÃO 160	JULHO 2014	-----	-----
LEILÃO 81	MAIO 2006	LEILÃO 121	OUT. 2010	LEILÃO 161	SET. 2014	-----	-----
LEILÃO 82	OUT. 2006	LEILÃO 122	NOV. 2010	LEILÃO 162	OUT. 2014	-----	-----
LEILÃO 83	NOV. 2006	LEILÃO 123	DEZ. 2010	LEILÃO 163	NOV. 2014	-----	-----
LEILÃO 84	NOV. 2006	LEILÃO 124	JANEIRO 2011	LEILÃO 164	DEZ. 2014	-----	-----
LEILÃO 85	JANEIRO 2007	LEILÃO 125	FEV/MAR 2011	LEILÃO 165	FEV. 2015	-----	-----
LEILÃO 86	MARÇO 2007	LEILÃO 126	MARÇO 2011	LEILÃO 166	MARÇO 2015	-----	-----
LEILÃO 87	MARÇO 2007	LEILÃO 127	MAIO 2011	LEILÃO 167	MAR/AB 2015	-----	-----

### LEILÃO 48 – JANEIRO / FEVEREIRO 2001

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
122	<b>MARIA GUILHERMINA DA SILVA REIS</b> (séc. XIX) <i>Torre de Belém</i> Óleo sobre tela, reentelado e restaurado, assinado Dim. 28 x 38 cm <sup>312</sup>	€ 5.000	€ 5.000
124	<b>RICARDO HOGAN</b> (1843-1890) <i>Varinas de Lisboa</i> <sup>313</sup> Aguarela sobre papel, assinado Dim. 30 x 22 cm	€ 1.500	€ 3.000
356	<b>ESTÊVÃO SOARES</b> (1914-1992) <i>Arco do Salvador em Alfama</i> Desenho a lápis de cera aguarelado sobre papel, assinado e datado de Lisboa de 1975 Dim. 29 x 21 cm	€ 200	RETIRADO

### LEILÃO 49 – ABRIL 2001

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
336	<b>GABRIEL CONSTANTE</b> (1875-1950) <i>Barcos no Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1915 Dim. 18 x 13 cm	€ 1.000	RETIRADO
355	<b>LEAL DA CÂMARA</b> (1876-1948) <i>Rua de Lisboa com arco</i> Pastel sobre papel, assinado Dim. 46 cm x 38 cm	€ 600	€ 600
632	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Procissão em Porto Brandão com Torre de Belém em fundo</i> Óleo sobre madeira, autenticado no verso Dim. 23cm x 33,5 cm	€ 1.500	€ 2.000
634	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Vista de Lisboa</i> Óleo sobre madeira, assinado e datado de 30 de Setembro de 1937 Dim. 12,5 x 18,5 cm	€ 1.250	€ 2.000
637	<b>HENRIQUE MEDINA</b> (1901-1988) <i>Rossio com Teatro D. Maria II</i> Óleo sobre cartão, assinado Dim. 13,5 x 18 cm	€ 10.000	€ 10.000

<sup>312</sup> As medidas, expressas em centímetros, são: primeiro a altura, seguida da largura da obra de arte.

<sup>313</sup> As Varinas são um dos símbolos da cidade de Lisboa e fazem, por esta razão, em nosso entender, parte integrante da sua iconografia. Conhecemo-las por varinas apenas porque os caprichos do uso e do tempo lhe retiraram uma letra, que lhes traía a origem, e indicava uma história de migração. Começaram por ser Ovarinas, porque eram principalmente de Ovar e vinham para Lisboa em busca de trabalho. Estas mulheres tornaram-se um símbolo da cidade. Elas foram, por mérito próprio, fonte de inspiração para gerações de artistas que as retrataram nos mais diversos meios. Disponível em <http://www.agendalx.pt/evento/varinas-de-lisboa.pt/>, consultado a 10 de Janeiro de 2015. A propósito da Exposição *Varinas de Lisboa – Memória da Cidade*, que decorreu de Janeiro a Maio de 2015, no Museu de Lisboa. Sobre elas escreveu João Pinto de Carvalho: “(...) o termo varina é uma abreviatura de ovarina. Aquele vocábulo aplica-se à população da Murtosa ou à população do litoral compreendido entre Ílhavo e Ovar (...) em Aveiro chama-se varinos aos habitantes da Murtosa que trabalham em Lisboa (...)” *In Lisboa de Outrora*, 1º Volume, Lisboa, Amigos de Lisboa, 1938, p.164. Marina Tavares Dias apresenta um postal ilustrado, edição de 1908, intitulado *Ovarinas no Mercado da Ribeira*, na sua obra *Lisboa Misteriosa*, Lisboa, Objectiva, 2011, p.72.

**LEILÃO 50 – JUNHO / JULHO 2001**

<b>LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
142	<b>TÚLLIO VICTORINO</b> (1896-1969) <i>Rua do Carmo à noite</i> Óleo sobre madeira, assinado e datado de 1955 Dim. 16 x 12,5 cm	€ 4.000	€ 4.000
162	<b>CARLOS PORFÍRIO</b> (1895-1970) <i>Velha Lisboa</i> Óleo sobre papel colado em cartão, assinado Dim. 37,5 x 29,5 cm	€ 1.500	€ 1.500
175	<b>ANTÓNIO CARMO</b> (n.1949) <i>O dia a dia do Ardina</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984 Dim. 81 x 60 cm	€ 1.000	<b>RETIRADO</b>
784	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Varandas floridas – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 38 x 24 cm	€ 350	€ 350
794	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Velha Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1957 Dim. 34 x 24 cm	€ 350	€ 350
798	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Velho Arco – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1975 Dim. 32 x 24 cm	€ 600	€ 600

**LEILÃO 51 – OUTUBRO / NOVEMBRO 2001**

<b>LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
241	<b>JACINTO LUÍS</b> (n.1945) <i>Alcântara com Ponte sobre o Tejo à noite</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 131 x 162 cm	€ 7.500	€ 7.500
897	<b>JOSÉ DE LEMOS</b> (1910-1995) <i>Turista numa Rua de Lisboa</i> Desenho a Tinta-da-china sobre papel, não assinado Dim. 20 x 15 cm	€ 100	<b>RETIRADO</b>
899	<b>ROBERTO ARAÚJO</b> (1908-1969) <i>Varina</i> Desenho a lápis sobre papel, assinado Dim. 49,5 x 25 cm	€ 400	€ 400
928	<b>JOÃO ALBERTO</b> (1909-???) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 30,5 x 22 cm	€ 250	€ 250

**LEILÃO 52 – FEVEREIRO 2002**

<b>LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, E PRATAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
133	<b>CARLOS PINTO RAMOS</b> (1910-???) <i>Portal do Mosteiro dos Jerónimos</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 52 x 40 cm	€ 500	€ 500
134	<b>ALVES DE SÁ</b> (1878-1972) <i>Cena histórica de embarque junto à Torre de Belém</i> Aguarela sobre papel, assinada, armas da Princesa Dona Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen (1890-1966) e do Rei D. Manuel II (1889-1932) postas em cortesia, ligeiros defeitos Dim. (aguarela) 25 x 22 cm Origem: espólio do Rei D. Manuel II, peça encomendada, provavelmente, para presente do casamento, realizado a 4 de Setembro de 1913.	€ 15.000	<b>RETIRADO</b>
139	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Lisboa à noite – Alfama</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1963 Dim. 48 x 32 cm	€ 500	€ 1.250
328	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Largo do Camões</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel, assinado Dim. 35 x 28 cm	€ 500	€ 500
329	<b>EMMÉRICO NUNES</b> (1888-1965) <i>Telhados com gato</i> <sup>314</sup> Guache sobre papel, assinado Dim. 18,5 x 15 cm	€ 1.500	€ 1.500
330	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Vista do Jardim de São Pedro de Alcântara</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel, assinado Dim. 26 x 21 cm	€ 350	<b>RETIRADO</b>
339	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Varinas</i> Desenho a Tinta-da-China sobre cartão, assinado Dim. 31,5 x 25,5 cm	€ 1.250	€ 1.250
340	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Lisboa cidade Presépio</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 14 x 11 cm	€ 500	€ 500
341	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Varanda sobre o Tejo</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 24 x 21 cm	€ 4.000	€ 4.000
348	<b>FERNANDO DE AZEVEDO</b> (1923-2002) <i>Vista de Varanda sobre Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 19 x 15,5 cm	€ 500	€ 500
350	<b>FRED KRADOLFER</b> (1903-1968) <i>Restauradores – Lisboa</i> Guache sobre papel, defeitos, não assinado Dim. 14 x 18,5 cm	€ 350	<b>RETIRADO</b>
351	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa com Tejo por fundo</i> Desenho a Tinta-da-China e aguarela sobre papel, assinado Dim. 14 x 11 cm	€ 1.000	€ 1.050

<sup>314</sup> Este guache representa, sem dúvida, o bairro de Alfama, em Lisboa.

353	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1889-1962) <i>Largo do Camões</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel, assinado Dim. 26 x 20,5 cm	€ 1.000	€ 2.200
354	<b>VESPEIRA</b> (1925-2002) <i>Lisboa com Casa dos Bicos</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel vegetal, assinado e datado de 1953, pequeno defeito Dim. 24 x 18,5 cm	€ 900	€ 1.400
355	<b>MÁRIO COSTA</b> (1902-1975) <i>Vendedoras de flores em Lisboa</i> Guache sobre papel, não assinado Dim. 18,5 x 13,5 cm	€ 400	RETIRADO
357	<b>MÁRIO COSTA</b> (1902-1975) <i>Miradouro de Santa Luzia</i> Guache sobre cartolina, não assinado Dim. 24 x 18,5 cm	€ 400	RETIRADO
359	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 19 x 15,5 cm	€ 1.250	€ 3.000
363	<b>FREDERICO GEORGE</b> (1915-1994) <i>Velha Lisboa à noite</i> Desenho a Tinta-da-China sobre cartolina, assinado Dim. 34 x 27,5	€ 500	€ 700
366	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Rua de Lisboa com Tejo ao fundo</i> Desenho a Tinta-da-China e guache sobre papel, assinado e datado de 1960 Dim. 14 x 11,5 cm	€ 500	€ 500
367	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1889-1962) <i>Vista de Lisboa com Tejo ao fundo</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel vegetal, não assinado Dim. 18 x 14 cm	€ 600	€ 600
371	<b>FERNANDO DE AZEVEDO</b> (1923-2002) <i>Vista de Lisboa com Tejo ao fundo</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 14 x 11,5 cm	€ 300	€ 480

### LEILÃO 53 – MAIO 2002

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
100	<b>ESTRELA FARIA</b> (1910-1976) <i>Homenagem a Maria Teresa de Noronha</i> <sup>315</sup> Guache sobre papel, assinado Dim. 29,5 x 21,5 cm	€ 1000	RETIRADO
119	<b>PAULO OSSIÃO</b> (n.1952) <i>Telhados de Lisboa</i> Aquarela sobre papel, assinada e datada de 1987 Dim. 48 x 69 cm	€ 800	€ 1.250
120	<b>CARLOS LUZ</b> (n.1951) <i>Casa dos Bicos</i> Aquarela sobre papel, assinada e datada de 1985 Dim. 55,5 x 35,5 cm	€ 350	RETIRADO

<sup>315</sup> Maria Teresa do Carmo de Noronha Guimarães Serôdio (1918-1993), foi uma fadista portuguesa, nascida em Lisboa.



123	<b>PAULO OSSIAO</b> (n.1952) <i>Prédios com roupa estendida</i> <sup>316</sup> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1987 Dim. 46 x 40 cm	€ 350	€ 2.000
244	<b>JOÃO VAZ</b> (1859-1931) <i>Vista do Tejo com Torre de Belém</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 51 x 65 cm	€ 75.000	€ 114.000
542	<b>PEDRO JORGE PINTO</b> (1900-1983) <i>Chafariz do Largo do Carmo</i> Gravura a sépia, numerada 14/100, assinada e datada de 1931 Dim. 17,5 x 12,5 cm	€ 80	€ 100

#### LEILÃO 54 – OUTUBRO 2002

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
531	<b>MACHADO DE CASTRO</b> (1731-1822) <i>Estátua Equestre de D. José I</i> Gravura aguarelada sobre papel, datada de 1774 Dim. 61 x 43 cm	€ 700	€ 780

#### LEILÃO 55 – NOVEMBRO 2002

<p align="center"><b>= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE =</b>  <b>- Corresponde ao V Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML –</b>  A Cabral Moncada Leilões realiza, periodicamente, um Leilão exclusivo de peças da <i>Vista Alegre</i><sup>317</sup> como louça, faiança, cristais, porcelanas e <i>biscuits</i>.<sup>318</sup> O primeiro destes leilões realizou-se em Outubro de 1997.</p>			
--	--	--	--

#### LEILÃO 56 – DEZEMBRO 2002

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
146	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1997) <i>São Bento – casario</i> Acrílico sobre tela, assinado e datado de 1984 Dim. 70 x 70 cm	€ 8.000	<b>RETIRADO</b>
224	<b>PAULO OSSIAO</b> (n.1952) <i>Vista da Cúpula da Basílica da Estrela</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1988 Dim. 20,5 x 14,5 cm	€ 300	€ 680
227	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Varinas da Ribeira – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1960 Dim. 24 x 31,5 cm	€ 600	€ 600

<sup>316</sup> Nesta aguarela a cena retratada passa-se, sem dúvida, na zona antiga de Lisboa.

<sup>317</sup> A Fábrica de Porcelana *Vista Alegre*, conforme inscrito no seu *site*, disponível em <http://www.vistaalegre.com> - consultado a 1 de Abril de 2016 -, fundada em 1824 em Aveiro, foi a primeira unidade industrial dedicada à produção da porcelana em Portugal. Situado junto à fábrica, e inaugurado em 1964, existe o Museu Histórico da *Vista Alegre* que expõe o registo da evolução do fabrico da porcelana portuguesa, bem como uma vasta coleção de exemplares de porcelana e vidros produzidos pela fábrica desde a sua fundação.

<sup>318</sup> Conforme disponível em <http://www.vistaalegre.com/pt/decorativo-porcelana-biscuit-pt/> - consultado a 1 de Abril de 2016 -, *biscuit*, ou porcelana fria – não precisa de ser cozida - é uma massa de modelar que aceita pintura com diversos tipos de tintas e produz peças muito apreciadas, nomeadamente por colecionadores.

237	<b>PAULO OSSIAO</b> (n.1952) <i>Casas de Belém</i> Desenho a carvão sobre papel, assinado e datado de 1986 Dim. 41 x 44 cm	€ 600	€ 800
-----	---	-------	-------

### LEILÃO 57 – FEVEREIRO 2003

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
102	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 73 x 59 cm	€ 1.500	€ 2.800
106	<b>AUGUSTO GOMES MARTINS</b> (1922-1994) <i>Barcos à vela no Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 62 x 92 cm	€ 2.000	€ 2.000
237	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Barcos no Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de Lisboa, 1950 Dim. 32 x 44 cm	€ 300	€ 300

### LEILÃO 58 – MAIO 2003

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
150	<b>JACINTO LUÍS</b> (n. 1945) <i>Vista de Alcântara – Ponte sobre o Tejo e fábricas</i> óleo sobre tela, assinado Dim. 130 x 162	€ 4.000	€ 4.000
924	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1942 Dim. 39,5 x 21,5 cm	€ 300	€ 380
929	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1964 Dim. 44,5 x 30 cm	€ 400	€ 680
930	<b>CARLOS PINTO RAMOS</b> (n.1905) <i>Lisboa – Rossio</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1950 Dim. 40 x 61 cm	€ 1.000	RETIRADO

### LEILÃO 59 – JUNHO / JULHO 2003

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
285	<b>DOMINGOS DE SEQUEIRA</b> (1768-1837) <i>Distribuição de alimentos no cruzeiro de Arroios</i> Gravura sobre papel, pequenos vincos, manchas de humidade Dim. 70,5 x 105 cm	€ 800	€ 1.350

### LEILÃO 60 – OUTUBRO 2003

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
250c	<b>JOSÉ NEVES DE AZEVEDO</b> (1923-2002) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado com iniciais Dim. 40 x 30 cm	€ 400	€ 400
250q	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Pátio de D. Fradique – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1957 Dim. 30 x 20 cm	€ 400	€ 500
250t	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Campolide</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 28 x 19 cm	€ 400	RETIRADO

### LEILÃO 61- NOVEMBRO 2003

<p style="text-align: center;">= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE =</p> <p style="text-align: center;">- Corresponde ao VI Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML –</p>			
--	--	--	--

### LEILÃO 62 – DEZEMBRO 2003

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
297	<b>JORGE BARRADAS</b> (1894-1971) <i>Mulher com canastra à cabeça</i> <sup>319</sup> Pintura sobre placa cerâmica, assinada e datada no verso de 1939 Dim. 28 x 22,5 cm	€ 700	€ 980
300	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Lisboa à noite</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1974 Dim. 43 x 57 cm	€ 1.200	€ 1.600
946	<b>JOSÉ RIBEIRO</b> (1907-1991) <i>Pátio dos Tanoeiros</i> <sup>320</sup> Desenho a lápis sobre papel, assinado e datado de 1935 Dim. 33 x 23 cm	€ 150	€ 150
947	<b>JOSÉ RIBEIRO</b> (1907-1991) <i>Alto do Pina</i> Desenho a lápis sobre papel, assinado e datado de 1935 Dim. 20 x 24 cm	€ 120	€ 120

<sup>319</sup> Em nosso entender, o título desta obra poderia ser igualmente *varina* visto que a figura encontra-se claramente enquadrada num casario lisboeta como fundo.

<sup>320</sup> O Pátio dos Tanoeiros localiza-se na Calçada do Combro, nº82, Freguesia da Misericórdia, em Lisboa.

### LEILÃO 63 – FEVEREIRO 2004

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
247	<b>RIBEIRO CHRISTINO</b> (1858-1948) <i>Casas de Lisboa</i> Dois desenhos a tinta-da-china sobre papel, assinados Dim. 14 x 9 cm	€ 500	RETIRADO

### LEILÃO 64 – ABRIL 2004

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
113	<b>FRANCIS SMITH</b> (1881-1961) <i>Lisboa – vista das Escadinhas do Duque</i> <sup>321</sup> Óleo sobre tela, assinado Dim. 65 x 50 cm	€ 40.000	€ 40.000
126	<b>JACINTO LUÍS</b> (n.1945) <i>Quiosque</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1989 Dim. 81,5 x 64,5 cm	€ 1.000	€ 1.400
132	<b>ARTUR BUAL</b> (1926-1999) <i>Ruínas do Convento do Carmo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1988 Dim. 73 x 54,5 cm	€ 2.000	€ 4.100
136	<b>AUGUSTO GOMES MARTINS</b> (1922-1994) <i>Tejo – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 70 x 110 cm	€ 1.500	€ 2.000
244	<b>VARELA ALDEMIRA</b> (1895-1975) <i>Alfama</i> Desenho a carvão sobre papel, assinado e datado de 1926 Dim. 14,5 x 22,5 cm	€ 600	€ 600
248	<b>CARLOS PINTO RAMOS</b> (1905-???) <i>Castelo de São Jorge</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1947 Dim. 51 x 62 cm	€ 800	€ 1.900

### LEILÃO 65 – MAIO/JUNHO 2004

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
230	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 56 x 70 cm	€ 3.000	€ 3.600

<sup>321</sup> A Calçada do Duque, vulgo Escadinhas do Duque, é uma calçada onde existe uma escadaria para suavizar a inclinação do pavimento. Situa-se perto do Rossio e é uma homenagem da cidade a D. Nuno Álvares Pereira de Melo (1638-1727), 1º Duque de Cadaval, que tinha o seu Palácio nas redondezas. Este Palácio foi demolido em 1880 para permitir a construção da Estação de Caminho de Ferro do Rossio. Fica situada na freguesia da Encarnação, em Lisboa.

### LEILÃO 66 – OUTUBRO 2004

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
217	<b>ESTÊVÃO SOARES</b> (1914-1992) <i>Telhados de Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1969 Dim. 39 x 59,5 cm	€ 1.000	<b>RETIRADO</b>
675	<b>LUÍZ SALVADOR</b> (1896-1986) <i>Palácio Alegrete</i> <sup>322</sup> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1948 Dim. 30 x 44 cm	€ 250	€ 750
694	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Largo do Camões – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1964 Dim. 65 x 45 cm	€ 1.500	€ 2.900
695	<b>EDUARDO ST'AUBYN</b> (séc. XX) <i>Casario – Graça</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 37 x 52 cm	€ 350	€ 680
701	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Varinas</i> Desenho a carvão sobre papel vegetal, assinado e datado de 1974 Dim. 33,5 x 24 cm	€ 500	€ 500

### LEILÃO 67 – NOVEMBRO 2004

<p align="center">= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE = - Corresponde ao VII Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML -</p>			
---	--	--	--

### LEILÃO 68 – NOVEMBRO 2004

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
126	<b>JACINTO LUÍS</b> (n. 1945) <i>Trecho de Lisboa – São Bento</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1994 Dim. 102 x 81 cm	€ 4.000	€ 4.000
760	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1956 Dim. 26,5 x 19 cm	€ 400	€ 950
768	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1959 Dim. 36 x 19 cm	€ 400	€ 400

<sup>322</sup> O Palácio Alegrete, ou Palácio do Marquês do Alegrete, perto da Mouraria, em Lisboa, foi mandado construir em 1694 pelo 2º Conde de Vila Maior e 1º Marquês de Alegrete, Manuel Teles da Silva (1641-1709). Com o propósito de melhorias naquela zona, a Câmara Municipal de Lisboa adquiriu este imóvel, demolindo-o em 1946, dando lugar à actual Praça Martim Moniz. Esta família possuía ainda, na zona do Lumiar, a sua residência de veraneio, a “Quinta Alegre” que está, no presente, a ser recuperada para a instalação de uma unidade social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Esta aguarela (datada de 1948) não pode ter sido, portanto, pintada ao vivo, mas sim inspirada em outras produções artísticas, ou documentação. Trata-se de mais um caso em que a Arte auxilia a História e a preservação das memórias das cidades. Mais informações disponíveis em [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA), consultado a 10 de Outubro de 2015.

770	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1959 Dim. 35 x 18,5 cm	€ 400	€ 400
-----	--	-------	-------

### LEILÃO 69 – JANEIRO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
401	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Vista do Tejo com Cristo Rei</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1961 Dim. 26 x 38 cm	€ 600	€ 600
426	<b>ESTRELA FARIA</b> (1910-1976) <i>Santos Populares</i> <sup>323</sup> Guache sobre papel, assinado Dim. 19 x 23 cm	€ 600	RETIRADO
428	<b>ESTRELA FARIA</b> (1910-1976) <i>Conquista do Castelo dos Mouros</i> Técnica mista sobre papel, assinado Dim. 37,5 x 26 cm	€ 300	RETIRADO
431	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Cais em Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 59 x 119 cm	€ 600	€ 880

### LEILÃO 70 – MARÇO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
227	<b>ARNALDO DE ALMEIDA FIGUEIREDO</b> (1914-1984) <i>Lisboa – Largo de S. Domingos</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1944 Dim. 30 x 25 cm	€ 200	€ 320
228	<b>ARNALDO DE ALMEIDA FIGUEIREDO</b> (1914-1984) <i>Lisboa – Rossio</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1944 Dim. 25 x 30 cm	€ 200	€ 320

### LEILÃO 71 – ABRIL 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
170	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Tipo de Lisboa – Varina</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1953 Dim. 73 x 54 cm Nota: Esta obra esteve presente na II Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo, Brasil, 1953-1954.	€ 28.000	€ 40.000

<sup>323</sup> Junho é o mês dos Santos Populares, com festas e arraiais um pouco por todo o país nas noites de Santo António, São Pedro e São João. No caso específico de Lisboa, celebra-se na noite de 12 para 13 de Junho, dia de Santo António (1191--1231), que nasceu em Lisboa e é um dos Santos de maior devoção da capital, consequentemente um dos seus símbolos mais antigos. Iniciativas imemoriais dentro da tradição popular como os concursos de quadras e de tronos a este Santo dão prova da força do Culto Antoniano na capital.

### LEILÃO 72 – MAIO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
239	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Terreiro do Paço</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 33,5 x 46 cm	€ 800	€ 1.350
930	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Figuras Típicas de Lisboa</i> <sup>324</sup> Desenho a Tinta-da-China sobre papel, restauros, assinado Dim. 34 x 29 cm	€ 800	€ 1.550
935	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Castelo de S. Jorge</i> Aguarela sobre papel, restauros, assinada e datada de 1961 Dim. 26,5 x 44,5 cm	€ 350	€ 600

### LEILÃO 73 – JUNHO 2005

COLECÇÃO DE LOIÇAS DAS CALDAS, PORCELANA DA VISTA ALEGRE, FAIANÇA PORTUGUESA E ESCULTURA	
<b>1ª SESSÃO – 6 Junho – Lotes 1 a 290 (LEILÃO TEMÁTICO SEM PINTURA)</b>	
<b>2ª SESSÃO – 7 Junho – Lotes 301 a 608 (LEILÃO TEMÁTICO SEM PINTURA)</b>	

### LEILÃO 74 – OUTUBRO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
151	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Vista do Jardim da Estrela</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 57 x 76,5 cm	€ 1.000	€ 1.000
166	<b>JOÃO REIS</b> (1899-1982) <i>Parque Eduardo VII</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1953 Dim. 53 x 65 cm	€ 4.500	RETIRADO
179	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Barcos no Tejo junto ao Panteon</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 65 x 49 cm	€ 600	RETIRADO
297	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Varina com peixe</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1937 Dim. 33 x 25 cm	€ 1.000	€ 1.000
299	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Varina com canastra à cabeça</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1937 Dim. 33 x 25 cm	€ 1.000	€ 1.000
638	<b>TOMÁS D'ANUNCIAÇÃO</b> (1818-1879) <i>Vista do Aqueduto das Águas Livres</i> Litografia sobre papel, assinada Dim. 32 x 37 cm	€ 200	€ 620

<sup>324</sup> Neste desenho podemos apreciar diversas figuras típicas de Lisboa, entre elas, a varina, a fadista, o cauteleiro e o jovem vendedor de jornais, o ardina.

### LEILÃO 75 – NOVEMBRO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DISCRICÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
184	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – vista de São Pedro de Alcântara</i> Óleo sobre tela colada em cartão, assinado e datado de 1948 Dim. 33 x 41 cm	€ 20.000	€ 23.000

### LEILÃO 76 – NOVEMBRO / DEZEMBRO 2005

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRICÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
115	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Lisboa – Trecho com eléctrico e figuras</i> Óleo sobre tela Dim. 49 x 59 cm	€ 800	€ 800
223	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Beco da Roupa Branca – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1956 Dim. 39 x 23 cm	€ 600	€ 800
224	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>A Lota na Ribeira – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1956 Dim. 24 x 35 cm	€ 600	€ 1.200
232	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Nocturno – Trecho de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1952 Dim. 34 x 26 cm	€ 600	€ 750

### LEILÃO 77 – JANEIRO 2006

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRICÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
117	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Praça dos Restauradores</i> Óleo sobre madeira, assinado Dim. 24,5 x 19 cm	€ 700	€ 850
120	<b>SIMÃO DA VEIGA</b> (1879-1963) <i>Vista de Lisboa</i> Óleo sobre madeira, assinado e dedicado Dim. 11,5 x 16,5 cm	€ 1.500	€ 1.500
217	<b>LEITÃO DE BARROS</b> (1896-1967) <i>Basílica da Estrela vista do Jardim</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1924 Dim. 36,5 x 26,5 cm	€ 1.000	€ 2.200
244	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (Século XX) <i>Faina do Rio – Cais do Sodré – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 23 x 32 cm	€ 300	€ 300



**LEILÃO 78 – MARÇO 2006**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
168	<b>ANTÓNIO SOARES</b> (1894-1978) <i>Procissão do Corpus Christi – Sé Patriarcal</i> <sup>325</sup> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1968 Dim. 38 x 46,5 cm	€ 1.500	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 79 – MARÇO 2006**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
106	<b>LUIZ TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Pescador e varina no Tejo com barcos à vela</i> Óleo sobre madeira, assinado e datado no verso de 1887 Dim. 21,5 x 27 cm	€ 5.000	€ 6.500
245r	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Barcos no Cais Sodré à noite</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1962 Dim. 30 x 43 cm	€ 600	€ 600
250e	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 70 x 44 cm	€ 400	€ 600
250g	<b>REAL BORDALO</b> (n. 1925) <i>Viela de Lisboa</i> Óleo sobre tela colada em cartão, assinado e datado de 1985 Dim. 33 x 24 cm	€ 300	€ 500

**LEILÃO 80 – ABRIL 2006**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE</b>			
<b>RECHEIO DA CASA DA QUINTA DA PRINCESA, SINTRA</b>			
<b>Leilão realizado na Quinta da Princesa, Rua Fresca, nº1, Sintra</b>			
<b>SEM PINTURA DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE</b>			

**LEILÃO 81 – MAIO 2006**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
146	<b>ALÍPIO BRANDÃO</b> (1916-1965) <i>Rua de Lisboa</i> Óleo sobre madeira, assinado Dim. 23 x 15,5 cm	€ 700	€ 700
265	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1942 Dim. 64 x 45,5 cm	€ 1500	€ 1.500

<sup>325</sup> A Solenidade do Corpo de Deus, *Corpus Christi*, já é tradição em Lisboa desde o século XIII, no Reinado de D. Afonso III (1210-1279), à época ainda uma festa de Adoração, sem Procissão. O Rito da Procissão foi instituído pelo Papa João XXII (1249-1334), em 1317, e a partir de 1389 realiza-se em Lisboa. Foi interrompida, por Legislação, em 1910, e retomada em 2003. Pela sua grandiosidade e importância, constitui-se como um acontecimento religioso e social marcante para a população da capital.

291	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Varinas em Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1959 Dim. 60 x 42 cm	€ 2.500	<b>RETIRADO</b>
284	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Casario – Beco Petinguim</i> <sup>326</sup> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 36,5 x 24 cm	€ 400	€ 400

### LEILÃO 82 – OUTUBRO 2006

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
513	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Cais em Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 40,5 x 60,5 cm	€ 500	€ 500
547	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (séc. XX) <i>Lisboa Antiga e Típica – Alfama</i> Par de aguarelas sobre papel, assinadas e datadas de 1956 Dim. 28 x 21 cm	€ 600	€ 1.000
549	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1961 Dim. 46,5 x 31,5 cm	€ 400	€ 400

### LEILÃO 83 – NOVEMBRO 2006

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
267	<b>COSTA PINHEIRO</b> (1932-2015) <i>Lisboa – Vista de Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1954 Dim. 51 x 54 cm	€ 20.000	€ 20.000

### LEILÃO nº84 – NOVEMBRO 2006

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
624	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Pescador e varinas</i> Técnica mista - Tinta-da-China e Guache sobre papel-, assinada e datada de 1954 Dim. 52 x 38 cm	€ 1.800	<b>RETIRADO</b>

### LEILÃO 85 – JANEIRO 2007

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
250	<b>MÁRIO SALVADOR</b> (1905-2002) <i>Barcos no Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 25 x 33 cm	€ 750	€ 1.100

<sup>326</sup> O Beco Petinguim fica situado na freguesia de Arroios, em Lisboa.

**LEILÃO 86 – MARÇO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>
<b>- LEILÃO SEM PINTURA DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE -</b>

**LEILÃO 87 – MARÇO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
104	<b>MILY POSSOZ</b> (1889-1967) <i>Varina</i> Técnica mista sobre papel, assinada Dim. 31 x 22 cm	€ 3.000	€ 4.000
110	<b>MANUEL TAVARES</b> 1911-1974) <i>Tarde de Chuva em Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 31 x 23,5 cm	€ 400	€ 680
571	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Beco dos Cativos – Alfama</i> Desenho a Tinta-da-China sobre papel, assinado e datado de 1963 Dim. 45 x 31 cm	€ 300	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 88 – MAIO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
119	<b>JOÃO VAZ</b> (1859-1931) <i>Vista de Lisboa</i> Desenho a lápis sobre papel, não assinado Dim. 14,5 x 23 cm Nota: Integrou a Exposição <i>João Vaz 1859-1931 – Um Pintor do Naturalismo</i> , Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, Maio-Novembro 2005.	€ 1.200	€ 2.000
260	<b>MANUEL GUIMARÃES</b> (1915-1975) <i>Trecho de Alfama</i> Técnica mista sobre papel, assinada Dim. 36 x 24 cm	€ 500	€ 500
292	<b>MARIA ADELAIDE DE LIMA CRUZ</b> (1878-1963) <i>Lisboa Vista da Penha de França</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 49 x 70 cm	€ 300	€ 520
418	<b>TOMÁS D'ANUNCIAÇÃO</b> (1821-1879) <i>Varina</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 29 x 18 cm	€ 1.400	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 89 – OUTUBRO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
268	<b>SANTA-RITA</b> 1889-1918) <i>Veleiro ancorado no Tejo</i> Aguarela sobre papel, manchas de acidez, assinada e datada de 1905 Dim. 30 x 24 cm	€ 200	€ 200

976	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Escadinhas de São Miguel – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1960 Dim. 50 x 27 cm	€ 400	€ 720
994	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Viela – Alfama</i> Lápis sobre papel, defeitos, assinado e datado de 1963 Dim. 43 x 30,5 cm	€ 300	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 90 – NOVEMBRO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE E PRATAS</b>			
289	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Varina e barcos na praia</i> Técnica mista sobre papel, assinada Dim. 59 x 49 cm	€ 700	€ 700

**LEILÃO 91 – Novembro 2007**

<p align="center"><b>= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE =</b></p> <p align="center"><b>- Corresponde ao VIII Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML –</b></p>			
--	--	--	--

**LEILÃO 92 – NOVEMBRO 2007**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
26	<b>ANTÓNIO LINO</b> (1914-1996) <i>Trecho de Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1942 Dim. 30 x 43 cm	€ 600	€ 1.100
40	<b>ROGÉRIO AMARAL</b> (1917-1996) <i>Vista de Lisboa – Graça</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984 Dim. 65 x 81 cm	€ 2.000	€ 5.500
63	<b>FRANCIS SMITH</b> 1881-1961) <i>Trecho de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 49 x 32 cm	€ 15.000	€ 15.000
92	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Lisboa vista do Jardim de São Pedro de Alcântara</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1982 Dim. 80 x 80 cm	€ 12.000	€ 12.000

**LEILÃO 93 – DEZEMBRO 2007**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
116	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Basílica da Estrela</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 59 x 73 cm	€ 1.500	€ 1.500

118	<b>ESTÊVÃO SOARES</b> (1914-1992) <i>Vista de Lisboa</i> Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1984 Dim. 44 x 60 cm	€ 600	RETIRADO
121	<b>ALBERTINO GUMARÃES</b> (1891-1967) <i>Recanto de Alfama</i> Óleo sobre madeira, assinado e datado Dim. 40 x 31 cm	€ 500	€ 500
143	<b>ROGÉRIO AMARAL</b> (1917-1996) <i>Lisboa – Doca da Rocha do Conde de Óbidos</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1953 Dim. 58 x 33 cm	€ 2.000	€ 2.700
241	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Saloios em Lisboa</i> Tinta-da-China aguarelada sobre papel, assinada Dim. 25 x 30 cm	€ 350	€ 350
581	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1957 Dim. 30 x 23 cm	€ 300	€ 520

### LEILÃO 94 – JANEIRO 2008

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
119	<b>JOAQUIM BÉRTHOLO</b> (1920-????) <i>Lisboa – Rossio</i> Óleo sobre platex, assinado no verso e datado de 1965 Dim. 76 x 60 cm	€ 300	€ 300
121	<b>EDUARDO ALARCÃO</b> (1930-2003) <i>Lisboa – eléctrico</i> Óleo sobre papel colado em tela, assinado e datado de 1987 Dim. 64,5 x 49 cm	€ 600	€ 850
136	<b>JOÃO REIS</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Casal Ventoso</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 43 x 56 cm	€ 2.500	€ 4.000
139	<b>GABRIEL CONSTANCE</b> (1875-1950) <i>Calhariz de Benfica</i> Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1935 Dim. 27 x 34,5 cm	€ 600	€ 1.100
281	<b>ALVES DE SÁ</b> (1878-1972) <i>Lisboa – Rocha do Conde de Óbidos</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1902 Dim. 17 x 35 cm	€ 1.000	€ 1.800

### LEILÃO 95 – MARÇO 2008

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
244	<b>LUIZ TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Barcos no Tejo</i> Óleo sobre <u>madeira redonda</u> , assinado Dim. 62 cm (largura)	€ 6.000	€ 17.000

**LEILÃO 96 – ABRIL 2008**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
120	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Lisboa – Trecho</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1975 Dim. 50 x 65 cm	€ 5.000	€ 6.800
132	<b>COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO</b> (1857-1929) <i>Tágides</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1903 Dim. 54,5 x 65 cm	€ 50.000	€ 50.000
282	<b>RUI DA PALMA CARLOS</b> (1948-2008) <i>Lisboa – Anos Cinquenta</i> Tinta-da-China e aguarela sobre papel, assinada e datada de 1981 Dim. 29 x 47 cm	€ 600	<b>RETIRADO</b>
295	<b>JOSÉ DE LEMOS</b> (1910-???) <i>O Cauteleiro</i> Tinta-da-China sobre papel, assinada e datada de 1970 Dim. 20 x 15 cm	€ 100	€ 100

**LEILÃO 97 – MAIO 2008**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
99	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Praça dos Restauradores</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1949 Dim. 41 x 33 cm	€ 25.000	€ 32.000
103	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Castelo de S. Jorge</i> Óleo sobre tela, assinado e dedicado <i>Buzano 4-7-1959</i> Dim. 33 x 41 cm	€ 30.000	€ 48.000
110	<b>JACINTO LUÍS</b> (n.1945) <i>Elevador da Glória</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1989 Dim. 45 x 37 cm	€ 1.000	€ 1.150
154	<b>JACINTO LUÍS</b> (n.1945) <i>Lisboa – eléctrico</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 2000 Dim. 100 x 81 cm	€ 4.500	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 98 – MAIO 2008**

<b>LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
159	<b>PAULO OSSIAO</b> (n.1952) <i>Convento do Carmo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 2005 Dim. 41 x 44 cm	€ 700	€ 850
206	<b>EDUARDO MALTA</b> (1900-1967) <i>Jardim entre prédios – Lisboa</i> Lápis sobre papel, assinado e datado de 28-7-1939 Dim. 43,5 x 35 cm	€ 500	€ 500

212	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Trecho de Lisboa – Fadista</i> Tinta-da-china sobre papel, assinada e datada de 1949 Dim. 32,5 x 25 cm	€ 350	€ 420
-----	--	-------	-------

### LEILÃO 99 – OUTUBRO 2008

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
136	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Barcos no Tejo</i> Óleo sobre madeira, assinado Dim. 14,5 x 22 cm	€ 600	€ 700

### LEILÃO 100 – OUTUBRO 2008

LEILÃO DE PINTURA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
187	<b>LUIS TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Marinha – barcos no Tejo perto da Torre de São Julião da Barra</i> Óleo sobre cartão, restauros, assinado e datado de 1885 Dim. 23 x 38 cm	€ 3.000	€ 11.500
196	<b>REI D. CARLOS I</b> (1863-1908) <i>Regata e Cacilheiro</i> <sup>327</sup> Duas aguarelas sobre as duas faces de um papel, datadas de 1893 Dim. 44 x 59,5 cm	€ 12.500	€ 16.000

### LEILÃO 101 – NOVEMBRO 2008

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
17	<b>MALUDA</b> (1934-1996) <i>Lisboa – Casario</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1968 Dim. 60 x 72 cm	€ 7.000	€ 7.000
126	<b>ANTÓNIO LINO</b> (1914-1996) <i>Lisboa III</i> Técnica mista sobre papel, assinada e datada de 1957 Dim. 34 x 45 cm	€ 2.000	€ 2.600

### LEILÃO 102 – DEZEMBRO 2008

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE
- LEILÃO SEM PINTURA DE AUTOR COM ICONOGRAFIA OLISIPONENSE -

<sup>327</sup> A primeira aguarela tem como tema uma Regata no Rio Tejo e a segunda um Cacilheiro, embarcações que, conforme o nome indica, partem do cais de Cacilhas e ligam as duas margens do rio.

### LEILÃO 103 – FEVEREIRO 2009

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
214	<b>CONSTANTINO FERNANDES</b> (1878-1920) <i>Vale de Alcântara com Palácio das Necessidades</i> Óleo sobre cartão assinado e datado de 1915 Dim. 14 x 19 cm	€ 2.000	€ 2.900
226	<b>MARQUES d'OLIVEIRA</b> (1853-1927) <i>Lisboa – Trecho junto ao Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1908 Dim. 30 x 45 cm	€ 20.000	RETIRADO
238	<b>ANTÓNIO LINO</b> (1911-1984) <i>Lisboa IV</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1959 Dim. 55 x 71 cm Nota: Esta obra integrou a Exposição <i>Lisboa na Obra dos Artistas Contemporâneos</i> , organizada pela Repartição de Bibliotecas, Museus e Arquivos da C.M.L., realizada no Centro de Artes Plásticas dos Coruchéus em Agosto de 1971, encontrando-se reproduzida no respectivo Catálogo, nº5.	€ 2.000	€ 2.200

### LEILÃO 104 – MARÇO 2009

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
148	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 90 x 120 cm	€ 2.500	€ 2.500
269	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Rua de Alfama</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1957 Dim. 28,5 x 19,5 cm	€ 500	€ 500

### LEILÃO 105 – ABRIL 2009

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
15	<b>JÚLIO POMAR</b> (n. 1926) <i>Fernando Pessoa</i> <sup>328</sup> Caneta de feltro sobre papel vegetal, assinada e datada de 1983 Dim. 200 x 89 cm	€ 20.000	€ 20.000

<sup>328</sup> Esta obra consta do nosso *corpus* porque consideramos a figura do poeta, escritor, crítico e tradutor Fernando Pessoa (1888-1935) - apesar de verdadeiramente universal - assim como o Fado, as varinas, os arduinos, os cauteleiros, a barca e os corvos ligados à Lenda de S. Vicente de Saragoça (Século III d. C.), Santo António de Lisboa (1195-1231), os Santos Populares – festas da cidade de Lisboa no decorrer do mês de Junho - entre outros, verdadeiros símbolos da capital. O poeta escreveu, em 1925, um roteiro turístico por Lisboa, sua cidade natal, intitulado *O Que o Turista Deve Ver*, onde percorre todo o património importante da cidade, seja ele arquitectónico, intelectual, ou de lazer, dando detalhes e dicas que, mais de nove décadas depois, ainda se mantém, surpreendentemente, actual. Marina Tavares Dias, profunda conhecedora da capital, na sua obra *Lisboa nos Passos de Pessoa*, de 2011, considera o poeta e a cidade, indissociáveis. O Lote 489 do Leilão172, de 19 de Outubro de 2015, do mesmo autor - uma litografia -, tem igualmente como temática Fernando Pessoa e está presente no nosso *corpus*.



112	<b>LUÍS DOURDIL</b> (1914-1989) <i>Figuras de Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1971 Dim. 105 x 85 cm	€ 9.000	€ 9.000
167	<b>ANTÓNIO PALOLO</b> (1947-2000) <i>Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1973 Dim. 90 x 80 cm	€ 10.000	€ 12.500
177	<b>FRANCIS SMITH</b> (1881-1961) <i>Casario de Lisboa</i> Guache sobre papel colado em tela, assinado Dim. 50 x 39 cm	€ 10.000	<b>RETIRADO</b>

### LEILÃO 106 – MAIO 2009

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
35	<b>MARIA GUILHERMINA DA SILVA REIS</b> (século XIX) <i>Vista panorâmica de Lisboa Ocidental</i> Óleo sobre tela, pequenos restauros, assinado Dim. 66 x 100 cm	€ 20.000	€ 20.000

### LEILÃO 107 – JUNHO 2009

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
144	<b>MOTA URGEIRO</b> (n. 1946) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 30 x 39,5 cm	€ 300	€ 300
348	<b>REAL BORDALO</b> (n.1925) <i>Terreiro do Paço sob chuva</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1999 Dim. 45 x 61 cm	€ 500	€ 850

### LEILÃO 108 – JULHO de 2009

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
182	<b>MÁRIO CESARINY</b> (1923-2006) <i>A caminho do Casal Ventoso</i> Aguada sobre papel, assinada de 1986, dedicada no verso Dim.15 x 19 cm	€ 1.000	<b>RETIRADO</b>
340	<b>EDUARDO ST'AUBYN</b> (século XX) <i>Terreiro do Paço</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1961 Dim. 38 x 57 cm	€ 600	€ 600

**LEILÃO 109 – SETEMBRO 2009**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
142	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Lisboa vista a partir do Parque Eduardo VII</i> Óleo sobre tela colada em platex, assinado e datado de 1960 Dim. 39 x 56 cm	€ 5.000	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 110 – OUTUBRO / NOVEMBRO 2009**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
263	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Encosta do Castelo – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1955 Dim. 20 x 28 cm	€ 400	<b>RETIRADO</b>
274	<b>AMÉRICO TABORDA</b> (1919-1986) <i>Travessa de São João da Praça – Alfama</i> Lápis castanho sobre papel, assinado Dim. 44 x 30 cm	€ 150	€ 220
446	<b>ESTÊVÃO SOARES</b> (1914-1992) <i>Praça Duque da Terceira e Rua do Alecrim</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1949 Dim. 20 x 25,5 cm	€ 150	€ 225

**LEILÃO 111 – Novembro 2009**

<b>= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE =</b>  <b>- Corresponde ao IX Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML -</b>			
---	--	--	--

**LEILÃO 112 – NOVEMBRO 2009**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
41	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Largo com casario</i> <sup>329</sup> Lápis e aguarela sobre papel, defeitos no papel, assinado e datado de 1946 Dim. 31 x 43,5 cm	€ 800	€ 950
217	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Varina</i> Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1933 Dim. 31 x 14 cm	€ 2.000	€ 5.500

<sup>329</sup> Identificado pelo perito de Pintura Portuguesa da CML como sendo Lisboa. Gabriel Laranjeira Lopes considera TOM um dos melhores pintores de Lisboa.

**LEILÃO 113 – DEZEMBRO 2009**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, LIVROS, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
154	<b>ISAÍAS NEWTON</b> (1838-1921) <i>Vista da Penha de França – Lisboa</i> Óleo sobre tela, reentelado e restaurado, assinado e datado de 1859 Dim. 81 x 113 cm	€ 10.000	€ 10.000
164	<b>JOÃO REIS</b> (1899-1982) <i>Docas de Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1931 Dim. 40 x 50 cm	6.000	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 114 – JANEIRO 2010**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, LIVROS, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
121	<b>LUCÍLIA DE BRITO</b> (1918-2007) <i>Lisboa vista do Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1992 Dim. 38 x 55 cm	€ 1.800	<b>RETIRADO</b>

**LEILÃO 115 – MARÇO 2010**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
109	<b>TOM – THOMAZ DE MELLO</b> (1906-1990) <i>Trecho de Lisboa com varina</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1937 Dim. 32 x 26 cm	€ 1.500	€ 2.600
212	<b>MALUDA</b> (1934-1996) <i>Lisboa VIII</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1975 Dim. 65 x 80 cm	€ 10.000	€ 10.000

**LEILÃO 116 – MARÇO 2010**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, LIVROS, PRATAS E JÓIAS</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
147	<b>MARQUES d'OLIVEIRA</b> (1853-1927) <i>Torre de Belém</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 29 x 46 cm	€ 22.000	<b>RETIRADO</b>
186	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Trecho de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1963 Dim. 25 x 31,5 cm	€ 5.000	€ 7.500

### LEILÃO 117 – MAIO 2010

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
76	<b>MILY POSSOZ</b> (1889-1967) – <b>EDUARDO VIANNA</b> (1881- - 1967) <i>Vista de Lisboa – Jardim da Estrela</i> Óleo sobre cartão, assinado por Mily Possoz Dim. 28,5 x 29 cm <sup>330</sup>	€ 5.000	€ 5.000

### LEILÃO 118 – MAIO / JUNHO 2010

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
161	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa – Tejo e Topo do Arco da Rua Augusta</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1967, dedicado no verso Dim. 40 x 32 cm	€ 25.000	€ 32.000

### LEILÃO 119 – JUNHO / JULHO 2010

ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
113	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Basílica da Estrela – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 50 x 60 cm	€ 500	€ 500
144	<b>MOLINA</b> (1923-2003) <i>Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1992 Dim. 100 x 70 cm	€ 300	€ 650
418	<b>PAULO FERREIRA</b> (1911-1999) <i>Estudo para o mural do Espelho de Água – Lisboa</i> Lápis sobre papel vegetal, assinado e datado de 1941 Dim. 36 x 26 cm	€ 150	€ 200

### LEILÃO 120 – SETEMBRO 2010

LEILÃO DE PINTURA PORTUGUESA, ANTIGUIDADES, OBRAS DE ARTE, MOEDAS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
190	<b>ISAÍAS NEWTON</b> (1838-1921) <i>Vista de Lisboa – Tejo e Palácio da Ajuda</i> Óleo sobre tela, reentelado, restaurado, assinado e datado de 1859 Dim. 73 x 108 cm	€ 8.000	€ 8.000

<sup>330</sup> Esta pintura tem, no verso, um Certificado de *Manuel de Brito da Galeria 111*, de 20-7-1995, no qual se declara “(...) que foi executada em co-autoria por Mily Possoz e Eduardo Vianna (...)” oferecido pessoalmente por Mily Possoz ao Professor João Cid dos Santos.” Nota nossa: Mily Possoz e Eduardo Vianna foram, durante anos, noivos, daí a natural parceria nesta obra. O Professor João Cid dos Santos (1907-1975) a quem a obra foi oferecida, foi um Cirurgião, Investigador e Professor português. Era filho de Reynaldo dos Santos (1880-1970).

### LEILÃO 121 – OUTUBRO 2010

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
95	<b>SILVA VIEIRA</b> (1939-2004) <i>Sem título</i> <sup>331</sup> Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1990 Dim. 67 x 77 cm	€ 250	€ 350
219	<b>MANUEL CARGALEIRO</b> (n.1927) <i>O Cheiro do Rio Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1968 Dim. 92 x 72 cm	€ 25.000	RETIRADO <sup>332</sup>
229	<b>JACINTO LUÍS</b> (n.1945) <i>Coreto no Cais do Sodré com vista do Tejo</i> Acrílico sobre tela, assinado e datado de 1995 Dim. 97 x 130 cm	€ 2.500	€ 3.200
232	<b>LIMA DE FREITAS</b> (1927-1998) <i>Varinas e Poema de Cesário Verde</i> <sup>333</sup> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1983 Dim. 28 x 42 cm	€ 600	RETIRADO

### LEILÃO 122 – NOVEMBRO 2010

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
267	<b>EDUARDO ST'AUBYN</b> (século XX) <i>Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 42 x 32 cm	€ 150	€ 220
271	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Crepúsculo – Rio Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1959 Dim. 21 x 31 cm	€ 350	€ 400
277	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Lota no Cais do Sodré</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1959 Dim. 21 x 31 cm	€ 350	€ 420
284	<b>JOÃO REIS</b> (1899-1982) <i>Igreja de São Miguel – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 29 x 20 cm	€ 250	€ 250
303	<b>NARCISO MORAIS</b> (1892-1977) <i>Beco das Cruzes – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 36 x 24 cm	€ 300	€ 300
333	<b>PAULO FERREIRA</b> (1911-1999) <i>As Amoreiras</i> Lápis sobre papel, assinado e datado de Lx 1935 Dim. 19 x 25 cm	€ 150	€ 150

<sup>331</sup> Identificado como sendo Lisboa, com eléctrico.

<sup>332</sup> Esta peça voltou à praça: Leilão 124, 31 Janeiro 2011, Lote 74b), valor de base: € 17.500; valor de martelo: € 17.500.

<sup>333</sup> Trata-se de um excerto (duas quadras) do poema *O Sentimento dum Ocidental, I-Ave-Marias*, de Cesário Verde (1855-1886), poeta que nasceu e morreu em Lisboa, inserido na sua única obra (póstuma) *O Livro de Cesário Verde*, de 1887. Este poema é dedicado à cidade de Lisboa. O poeta regista as suas impressões enquanto caminha pelas ruas da cidade. No excerto transcrito para esta aguarela, em particular, o poeta refere-se à figura das varinas lisboetas.

350	<b>CARLOS LUZ</b> (século XX) <i>Casa dos Bicos</i> Aguarela e caneta de feltro sobre cartão, assinada e datada de Lisboa 1985 cm Dim. 35,5 x 55	€ 200	<b>RETIRADO</b> <sup>334</sup>
-----	---	-------	--------------------------------

### LEILÃO 123 – DEZEMBRO 2010

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
174	<b>HENRIQUE TAVARES</b> (1905-1988) <i>Lago do Jardim da Estrela – Lisboa</i> Óleo sobre tela, pequenos restauros, assinado e datado de 1921 Dim. 60 x 83 cm	€ 1.200	€ 1.200

### LEILÃO 124 – JANEIRO 2011

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
100	<b>EMMÉRICO NUNES</b> (1888-1968) <i>A Canção Nacional</i> Óleo sobre madeira, assinado Dim. 53 x 83 cm	€ 4.000	€ 4.000
107	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Trecho de Lisboa – Sé</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1998 Dim. 77 x 57 cm	€ 400	€ 420
120d)	<b>NIKIAS SKAPINAKIS</b> (n.1931) <i>Paisagem de Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1979 Dim. 81 x 54 cm	€ 20.000	€ 20.000
243	<b>PAULA REGO</b> (n. 1935) <i>Fado</i> Serigrafia sobre papel, assinada e numerada 88/200 Dim. 37 x 38,5 cm	€ 600	€ 950

### LEILÃO 125 – FEVEREIRO / MARÇO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, LIVROS, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
158	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Costa do Castelo</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1934 Dim. 28 x 22 cm	€ 5.000	€ 5.000
160	<b>MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ</b> (1878-1963) <i>Varinas</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1923 Dim. 40 x 27 cm	€ 600	<b>RETIRADO</b> <sup>335</sup>
220	<b>MANUEL BENTES</b> (1885-1961) <i>Casario de Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 102 x 83 cm	€ 6.000	<b>RETIRADO</b> <sup>336</sup>

<sup>334</sup> Esta peça voltou à praça: Leilão 153, 19 Novembro de 2013, Lote 466, valor de base: € 100; valor de martelo: € 100.

<sup>335</sup> Esta peça voltou à praça: Leilão 128, 1 de Junho de 2011, Lote 613, valor de base: € 400; valor de martelo: € 400.

<sup>336</sup> Esta peça voltou à praça: Leilão 137, 2 de Abril de 2012, Lote 158, valor de base: € 2.500; valor de martelo: € 2.600.

### LEILÃO 126 – MARÇO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
155	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Barcos no Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 56 x 69,5 cm	€ 600	€ 600
204	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Recanto típico – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1950 Dim. 26,5 x 21 cm	€ 250	€ 250
206	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Vista de Lisboa – Campo das Cebolas e Sé</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1965 Dim. 26,5 x 21 cm	€ 200	€ 320
356	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Varinas na Ribeira – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1960 Dim. 30 x 47 cm	€ 500	€ 500

### LEILÃO 127 – MAIO 2011

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
24	<b>ROGÉRIO AMARAL</b> (1917-1996) <i>Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1952, no verso Dim. 47 x 37 cm Nota: A presente obra integrou a Exposição <i>As Cores de Lisboa</i> , realizada na SNBA, conforme etiqueta colada no verso	€ 2.500	RETIRADO
251	<b>SILVA VIEIRA</b> (1939-2004) <i>Sem título – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 2002 Dim. 135 x 200 cm	€ 1.000	€ 2.000
277	<b>ANTÓNIO CRUZ</b> (1907-1983) <i>Aqueduto das Águas Livres</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1938 Dim. 19,5 x 25,5	€ 800	RETIRADO
365	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Telhados</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1955 Dim. 30 x 47 cm	€ 800	€ 4.000

### LEILÃO 128 – MAIO / JUNHO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE, PINTURA, PRATAS E JÓIAS			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
550	<b>JOSÉ MALHOA</b> (1855-1933) <i>Festejando o São Martinho ou Os Bêbados</i> <sup>337</sup> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1912 Dim. 58 x 77,5 cm <sup>338</sup>	€ 400.000	€ 400.000

<sup>337</sup> Segundo o perito da CML Gabriel Laranjeira Lopes, esta é, por excelência, a pintura com iconografia de Lisboa.

<sup>338</sup> Esta obra de arte esteve presente nas seguintes Exposições: FRANÇA, José-Augusto (dir.), *Cinquentenário da morte de José Malhoa: Malhoa Pintor de Costumes, de Paisagem e de História*, SNBA, Lisboa, 1983, p.110, n°130; *Exposição Nacional do Cinquentenário de José Malhoa*, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha, 1955; *Exposição*

558	<b>MARIA DE LOURDES DE MELLO E CASTRO</b> (1903-1996) <i>Basílica da Estrela vista do Jardim</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1957 Dim. 42 x 33 cm	€ 4.000	€ 4.000
598	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Panorâmica Rósea – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1978 Dim. 73 x 54 cm	€ 25.000	€ 25.000
620	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Vista de Lisboa – barcos junto ao cais</i> Aguarela sobre cartão, assinada Dim. 14,5 x 21,5 cm	€ 1.000	€ 1.000

### LEILÃO 129 – JULHO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
153	<b>MOTA URGEIRO</b> (n.1946) <i>Praça dos Restauradores – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 40 x 50 cm	€ 500	€ 500
154	<b>REAL BORDALO</b> (n. 1925) <i>Rua do Arsenal – Lisboa</i> Óleo sobre tela, colada em cartão, assinado e datado de 1988 Dim. 26 x 18 cm	€ 300	€ 680
295	<b>MANUEL TAVARES JÚNIOR</b> (século XX) <i>Rua de Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 32 x 22 cm	€ 250	€ 250
710	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Sem título (Vista de Lisboa)</i> Litografia sobre papel, assinada e datada de 1979, numerada 42/120 Dim. 50 x 65 cm	€ 180	€ 260

### LEILÃO 130 – SETEMBRO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
235	<b>ALFREDO KEIL</b> (1850-1907) <i>Tejo – barcos junto à Torre do Bugio</i> Óleo sobre madeira, assinado Dim. 13,5 x 9 cm Nota: Integrou a Exposição <i>Alfredo Keil</i> realizada pelo Grupo Amigos de Lisboa, em 1953, conforme etiqueta colada no verso. <sup>339</sup>	€ 3.500	€ 6.500
236	<b>LUIS TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Veleiro no Tejo com vista de Sintra</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1867 Dim. 43 x 79 cm	€ 6.000	€ 8.000

Nacional de José Malhoa, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha, 1950; *Exposição do Grupo do Leão*, SNBA, Lisboa, 1941. Proveniência: Colecção Conde de Ameal (adquirido ao autor, em 1912); Colecção José de Azeredo Perdigão.

<sup>339</sup> O Grupo Amigos de Lisboa é uma instituição sem fins lucrativos, fundada em 1936, que tem por principais objectivos defender o património artístico, monumental e documental lisiponense, conforme indicado no seu *site*, disponível em [www.amigosdelisboa.com](http://www.amigosdelisboa.com), consultado a 3 de Janeiro de 2016.



253	<b>FRED KRADOLFER</b> (1903-1968) <i>Lisboa – Rua Marquês de Fronteira</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1947 Dim. 59 x 48 cm	€ 2.000	€ 3.000
263	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1899-1962) <i>Lisboa e o Tejo</i> Aguarela e guache sobre papel, assinada Dim. 26 x 31,5 cm	€ 2.500	€ 3.000
264	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1899-1962) <i>Lisboa – Telhados e Tejo</i> Aguarela e guache sobre papel, assinada Dim. 26 x 31,5 cm	€ 3.000	€ 5.000

### LEILÃO 131 – OUTUBRO 2011

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
74	<b>MOLINA</b> (1926-2002) <i>Sem título – Arco da Rua Augusta – Lisboa</i> Técnica mista com colagem sobre cartão, assinada Dim. 15,5 x 17 cm	€ 280	€ 280
128	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Trecho de Lisboa com Castelo de São Jorge</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1970 Dim. 32 x 40 cm	€ 15.000	€ 26.000
131	<b>JOSE ESCADA</b> (1934-1980) <i>Os Jerónimos</i> Óleo sobre tela, não assinado Dim. 70 x 100	€ 10.500	€ 10.500

### LEILÃO 132 – Novembro 2011

<p align="center">= LEILÃO EXCLUSIVO VISTA ALEGRE =</p> <p align="center">- Corresponde ao X Leilão Exclusivo Vista Alegre da CML –</p>			
---	--	--	--

### LEILÃO 133 – NOVEMBRO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
352	<b>MILY POSSOZ</b> (1888-1967) <i>Varina</i> Gravura sobre papel, assinada e numerada 36/50 Dim. 14 x 9 cm	€ 150	€ 160
359 <sup>a</sup> )	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Varinas da Ribeira – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1957 Dim. 24 x 31,5 cm	€ 250	RETIRADO
376	<b>ANTÓNIO LINO</b> (1914-1996) <i>Santo António</i> Técnica mista sobre papel, pequenos defeitos, assinada e datada de 1964 Dim. 50 x 33,5 cm	€ 200	€ 200

### LEILÃO 134 – DEZEMBRO 2011

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
235	<b>DIOGO DE CONTREIRAS</b> (act. 1521-1566) <i>São Vicente</i> Óleo sobre madeira, pequenos restauros Dim. 122 x 92 cm Nota: Integrou a Coleção de D. António de Sousa Coutinho (1881-1956), tendo figurado na Exposição <i>Mestres do Sardoal e de Abrantes</i> , FCG, Lisboa, 1971, encontrando-se identificado e reproduzido no respectivo Catálogo, p.66, nº100.	€ 60.000	€ 75.000
258	<b>ABEL MANTA</b> (1888-1982) <i>O Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1954 Dim. 55 x 65 cm Nota: Reproduzido em MENDES, Manuel, <i>Abel Manta</i> , Coleção de Arte Contemporânea – ARTIS, 1958, estampa nº6.	€ 12.000	€ 12.000
259	<b>SARAH AFFONSO</b> (1899-1983) <i>Trecho de Lisboa com Varinas</i> Óleo sobre tela, reentelado, assinado e datado de 1924 Dim. 43,5 x 40,5 cm	€ 20.000	€ 20.000

### LEILÃO 135 – JANEIRO 2012

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
9	<b>JACINTO LUÍS</b> (n. 1945) <i>Elevador do Lavra</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1988 Dim. 100 x 81 cm	€ 1.800	€ 1.900
16	<b>PAULO OSSIÃO</b> (n.1952) <i>Vista de Lisboa – Capela de Santo Amaro</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 2009 Dim. 44 x 49 cm	€ 900	€ 1.100
103	<b>JOÃO ABEL MANTA</b> (n. 1928) <i>Elevador do Lavra</i> Óleo sobre tela colada em aglomerado de madeira, assinado e datado de 1967 Dim. 68 x 89 cm	€ 2.000	€ 2.800
109	<b>JOÃO ABEL MANTA</b> (n. 1928) <i>Cais das Colunas</i> Óleo sobre tela colada em aglomerado de madeira, assinado e datado de 1967 Dim. 68 x 89 cm	€ 1.500	€ 3.200
110	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Calçada da Glória – Lisboa (Elevador da Glória)</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1950 Dim. 41,5 x 33,5 cm	€ 20.000	€ 27.000
264	<b>LIMA DE FREITAS</b> (1927-1998) <i>Travessa do Menino Deus</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1986 Dim. 55 x 36 cm	€ 1.800	RETIRADO
284	<b>PAULO OSSIÃO</b> (n.1952) <i>Trecho de Lisboa com o Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1999 Dim. 120 x 90 cm	€ 2.000	€ 2.000

**LEILÃO 136 – MARÇO 2012**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
170	<b>JOSÉ MALHOA</b> (1855-1933) <i>Costumes III – O Carnaval Alfacinha</i> <sup>340</sup> Óleo sobre madeira, assinado e datado de 1899 Dim. 17 x 10 cm	€ 3.500	<b>RETIRADO</b>
194	<b>ALVES DE SÁ</b> (1878-1972) <i>Canoas no Tejo</i> <sup>341</sup> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1911 Dim. 22 x 34 cm	€ 800	€ 900
195	<b>CARLOS PINTO RAMOS</b> (1905-19??) <i>Castelo de São Jorge</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1947 Dim. 50 x 61 cm	€ 500	€ 800

**LEILÃO 137 – ABRIL 2012**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
360	<b>GABRIEL CONSTANTE</b> (1875-1950) <i>Terreiro do Paço</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 21 x 27,5 cm	€ 500	€ 500

**LEILÃO 138 – MAIO 2012**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
20	<b>JOÃO ABEL MANTA</b> (n. 1928) <i>Lisboa – Bairro Alto</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1990 Dim. 88 x 68 cm	€ 2.000	€ 2.000
309	<b>JOSÉ PENICHEIRO</b> (1921-2014) <i>Lisboa d'Ontem «Viela»</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 2001 Dim. 29 x 22,5 cm	€ 150	€ 320
311	<b>ANTÓNIO BOTELHO</b> (1932-2003) <i>Sem título (Lisboa)</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1963 Dim. 38 x 47 cm	€ 300	€ 500

<sup>340</sup> Esta peça voltou à praça: Leilão 139, 28 Maio de 2012, Lote 147, valor de base: € 3.000; valor de martelo: € 3.800.

<sup>341</sup> Canoas eram pequenas embarcações tradicionais, leves, a remos ou a velas, que faziam a ligação entre as duas margens do rio quando ainda não existiam pontes a permitir o trânsito rodoviário. Fazem hoje parte do património histórico marítimo-fluvial do Estuário do Tejo.

### LEILÃO 139 – MAIO 2012

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
163	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre madeira, assinado e datado de 1940 Dim. 18 x 24 cm	€ 12.000	€ 12.000

### LEILÃO 140 – JULHO 2012

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
153	<b>FRANCIS SMITH</b> (1881-1961) <i>Trecho de Lisboa com Tejo</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 26 x 23 cm	€ 6.000	€ 6.000
166	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n.1963) <i>Basílica da Estrela</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 2003 Dim. 27 x 20 cm	€ 200	€ 200
275	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Jardim de São Pedro de Alcântara – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1951 Dim. 35 x 26,5 cm	€ 250	€ 350
277	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n.1963) <i>Terreiro do Paço</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 2002 Dim. 75 x 50 cm	€ 300	€ 300

### LEILÃO 141 – SETEMBRO 2012

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
155	<b>EMMÉRICO NUNES</b> (1888-1968) <i>Vista de Alfama</i> Óleo sobre cartão, assinado Dim. 22,5 x 17 cm	€ 3.000	€ 3.000
185	<b>FRANCIS SMITH</b> (1881-1961) <i>Trecho de Lisboa – esplanada junto ao Tejo</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 26 x 22 cm	€ 8.000	RETIRADO

### LEILÃO 142 – OUTUBRO 2012

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
7	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Elétricos junto à Basílica da Estrela – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 2001 Dim. 58 x 75 cm	€ 500	€ 500
8	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Praça do Comércio com eléctrico e estátua equestre</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 21 x 75 cm	€ 300	€ 500

29	<b>ARTUR BUAL</b> (1926-1999) <i>Alfama</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 73 x 50 cm	€ 1.800	€ 3.800
236	<b>PAULO OSSIAO</b> (n.1952) <i>Vista de Lisboa – Sé</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1985 Dim. 34,5 x 56 cm	€ 800	€ 1.100

### LEILÃO 143 – NOVEMBRO 2012

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
337	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Rua Castelo Picão – Alfama</i> Aguarela sobre papel, pequenos defeitos, assinada e datada de 1969 Dim. 45 x 29,5 cm	€ 300	RETIRADO
338	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista do Rio Tejo com cacilheiro e Panteão Nacional ao fundo</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 51,5 x 18 cm	€ 250	€ 435
349	<b>JOÃO ALBERTO</b> (século XX) <i>Lisboa – Telhados d'Alfama</i> Tinta-da-china e aguarela sobre papel, assinada Dim. 48,5 x 31 cm	€ 150	€ 150

### LEILÃO 144 – DEZEMBRO 2012

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
194	<b>ROQUE GAMEIRO</b> (1864-1935) <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 9 x 14 cm	€ 1.800	€ 2.600

### LEILÃO 145 – JANEIRO 2013

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
259	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Trecho de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 21,5 x 18 cm	€ 600	€ 2.100
262	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Festejando o Santo António</i> Tinta-da-china sobre papel, assinada e datada de 1937 Dim. 30 x 25 cm	€ 250	€ 380

### LEILÃO 146 – MARÇO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
187	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa com Rio Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1950 Dim. 54 x 74 cm	€ 18.000	€ 23.000

### LEILÃO 147 – ABRIL 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
326	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista da Basílica da Estrela com eléctricos</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 18,5 x 52,5 cm	€ 250	€ 280
327	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista do Rio Tejo com cacilheiro e Ponte 25 de Abril ao fundo</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 19 x 52,5 cm	€ 250	€ 320
328	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista de Alfama com Panteão Nacional e Igreja de Santo Estêvão</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 19 x 52,5 cm	€ 250	€ 280
329	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista da Basílica da Estrela – Lisboa</i> Aguarela sobre cartão colado em tela, assinada e datada de 2005 Dim. 37,5 x 102 cm	€ 350	€ 350
330	<b>CARLOS PINTO RAMOS</b> (1910-19??) <i>Arco do Marquês de Alegrete – Mouraria</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1955 Dim. 20 x 15,5 cm	€ 120	€ 150

### LEILÃO 148 – MAIO 2013

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
272	<b>MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA</b> (1908-1992) <i>Janelas Verdes II</i> <sup>342</sup> Serigrafia sobre papel, assinada e numerada 189/200 Dim. 27 x 25,5 cm Nota: Reproduzida no Catálogo da Exposição <i>Vieira da Silva - Obra Gráfica 1933-1999 – Coleção Gerard A. Schreiner</i> , realizada no Palácio Galveias, Lisboa, p. 87, onde se encontra datada de 1989.	€ 200	€ 580

<sup>342</sup> Esta obra faz parte do livro *Janelas Verdes* do poeta brasileiro Murilo Mendes (1901-1975), amigo da artista, em que o autor “viaja” por Portugal e pelos portugueses, concluído em 1970 e inicialmente (parcialmente) publicado pela Galeria 111, em Lisboa, com uma tiragem muito reduzida e sete obras de Vieira da Silva, todas estampadas em plena página. Para este esclarecimento agradeço a generosa contribuição da bibliotecária do Centro de Documentação e Investigação da FASVS, Sandra Brás dos Santos, que me facultou a ficha desta obra, da qual sublinho as seguintes palavras: “ (...) “janelas verdes” é sinónimo de rua lisboeta, fachadas de casas de azulejos, com suas persianas pintadas de verde, abertas para o sol (...) enriquecida pela sabedoria gráfica de Vieira da Silva: a pintora de matriz portuguesa e amiga desde sempre (...)” in ficha da FASVS referida, p. 2.

481	<b>EDUARDO ALARCÃO</b> (1930-2003) <i>Tejo</i> Caneta de feltro sobre papel, assinada e datada de 23-V-1995 Dim. 29,5 x 42 cm	€ 150	€ 150
-----	--	-------	-------

### LEILÃO 149 – MAIO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
162	<b>EDUARDO VIANNA</b> (1881-1967) <i>Lisboa – Aqueduto das Águas Livres</i> Óleo sobre cartão, não assinado, autenticado no verso por Noémia Duarte Ramos Vianna, esposa do Autor Dim. 40 x 31,5 cm	€ 12.000	RETIRADO

### LEILÃO 150 – JULHO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
372	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Convento do Carmo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de Lisboa 1965 Dim. 45 x 29 cm	€ 250	€ 250
398	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista do Rio Tejo com Cacilheiro e Colinas de Lisboa ao fundo</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 15,5 x 60 cm	€ 250	€ 280
399	<b>ANTÓNIO NEVES</b> (n. 1963) <i>Vista do Rio Tejo com Cacilheiro e Mosteiro de São Vicente de Fora</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 52 x 18 cm	€ 250	€ 250

### LEILÃO 151 – SETEMBRO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
214	<b>ANTÓNIO SOARES</b> (1894-1978) <i>Velha Lisboa ao entardecer</i> Óleo sobre tela, assinado e datado no verso de 1936 Dim. 75 x 49,5 cm	€ 3.500	RETIRADO
230	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1992) <i>Panorâmica 78 – Lisboa vista de São Pedro de Alcântara</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1978 Dim. 65 x 100 cm	€ 30.000	€ 30.000

### LEILÃO 152 – OUTUBRO 2013

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
99	<b>MANUEL CARGALEIRO</b> (n. 1927) <i>Les Jardins Lyriques de Lisbonne</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1980, no verso Dim. 60 x 110 cm	€ 30.000	€ 40.000

354	<b>EDUARDO ALARCÃO</b> (1930-2003) <i>Sem Título (Calçada do Duque – Lisboa)</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de Lisboa 23-XI-87 Dim. 55 x 46 cm	€ 800	€ 1.700
-----	---	-------	---------

### LEILÃO 153 – NOVEMBRO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
466	<b>CARLOS LUZ</b> (n. 1951) <i>Campo das Cebolas e Casa dos Bicos</i> Aguarela e caneta de feltro sobre cartão, assinada e datada de Lisboa 1985 Dim. 35,5 x 55 cm	€ 100	€ 100
467	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1992) <i>Sem título</i> Litografia sobre papel, assinada e datada de 1978, numerada 35/150 Dim. 44 x 54 cm	€ 400	€ 620
486	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Nocturno – Trechos de Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado Dim. 47 x 32 cm	€ 400	€ 1.100

### LEILÃO 154 – DEZEMBRO 2013

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
147	<b>ARMANDO DE LUCENA</b> (1886-1975) <i>Lisboa – Jardim da Estrela – Lago com cisnes</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1930 Dim. 51 x 76 cm	€ 2.000	RETIRADO

### LEILÃO 155 – JANEIRO 2014

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
138	<b>LIMA DE FREITAS</b> (1927-1998) <i>Lisboa</i> Tinta-da-China sobre papel, assinada e datada de 1953 Dim. 8 x 25 cm	€ 300	€ 300
165	<b>ROGÉRIO AMARAL</b> (1917-1996) <i>Viela III</i> <sup>343</sup> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1978 Dim. 100 x 73 cm	€ 1.800	€ 3.200
322	<b>PAULO OSSIÃO</b> (n. 1952) <i>Terreiro do Paço</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1999 Dim. 55 x 76 cm	€ 1.500	€ 2.300
364	<b>ANTÓNIO SENA</b> (n. 1941) <i>Alfama</i> Óleo sobre papel, assinado e datado de 1962 Dim. 41 x 33,5 cm	€ 600	€ 1.000

<sup>343</sup> Este quadro representa Lisboa. Para este esclarecimento contei com a ajuda do Perito de Pintura Portuguesa da CML, Gabriel Laranjeira Lopes, que muito agradeço.



### LEILÃO 156 – FEVEREIRO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
178	<b>MANUEL GREGÓRIO PEREIRA</b> (1931-2013) <i>Rossio e Convento do Carmo</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 50 x 60 cm	€ 300	€ 500
199	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Alfama</i> Aguarela sobre papel, pequenas manchas de humidade, assinada e datada de Lisboa 1963 Dim. 43 x 28 cm	€ 200	€ 500
200	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Trecho de Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de Lisboa 1963 Dim. 44 x 29 cm	€ 200	€ 480
439	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa</i> Litografia sobre papel, assinada e datada de 1978, numerada Prova de Ensaio 1/12 <sup>344</sup> Dim. 54 x 73 cm	€ 200	€ 200
440	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Cais das colunas</i> Serigrafia sobre papel, assinada e datada de 1971, numerada PA/XXVIII/XXXV Dim. 35,5 x 50 cm	€ 150	€ 170
458	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Sem título – Lisboa</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1955 Dim. 45 x 28 cm	€ 400	€ 900

### LEILÃO 157 – MARÇO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
186	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Vista de Lisboa – Costa do Castelo com Palácio Vila Flor</i> <sup>345</sup> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1944 Dim. 83 x 79,5 cm	€ 45.000	€ 45.000
192	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1899-1962) <i>Barcos no Tejo</i> Técnica mista sobre papel, assinada Dim. 29 x 40 cm	€ 2.000	€ 2.000
193	<b>STUART CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Comemorando o Santo António</i> Técnica mista sobre papel, assinada Dim. 27 x 24 cm	€ 250	€ 320

<sup>344</sup> Em processos de gravura, como é o caso da litografia, as provas de ensaio são as utilizadas para experimentar diversos formatos, medidas, tipos de papéis ou diferentes tons e tipos de tinta.

<sup>345</sup> O antigo Palácio dos Condes de Vila Flôr, construído no século XVIII, situa-se na Costa do Castelo, na freguesia de Santa Maria Maior, em Lisboa.

### LEILÃO 158 – MAIO 2014

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
435	<b>SILVA PALMEIRA</b> (n. 1934) <i>Sem título (Vista de Lisboa com Mosteiro dos Jerónimos)</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1988 Dim. 54 x 74 cm	€ 300	€ 300

### LEILÃO 159 – JUNHO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
196	<b>ARMANDO DE LUCENA</b> (1886-1975) <i>Lisboa – Rossio e Convento do Carmo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1931 Dim. 73 x 51,5 cm	€ 6.000	RETIRADO

### LEILÃO 160 – JULHO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
383	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Recanto das Escolas Gerais – Alfama</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1955 Dim. 39 x 24,5 cm	€ 200	€ 250
383	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Trecho de Alfama</i> Serigrafia sobre papel, assinada e datada de 1979, numerada 19/120 Dim. 50 x 65 cm	€ 250	€ 250
552	<b>STUART DE CARVALHAES</b> (1887-1961) <i>Alfama</i> Técnica mista sobre cartão, assinada Dim. 29,5 x 20,5 cm	€ 400	RETIRADO

### LEILÃO 161 – SETEMBRO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
211	<b>ALBERTINO GUIMARÃES</b> (1891-19??) <i>Lisboa – Rossio</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1948 Dim. 50 x 62 cm	€ 2.500	€ 2.700
220	<b>ALMADA NEGREIROS</b> (1893-1970) <i>Estudo para os frescos da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos<sup>346</sup></i> Têmpera sobre papel, assinada Dim. 102 x 67,5 cm	€ 30.000	€ 30.000

<sup>346</sup> A Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos é um edifício portuário junto ao Rio Tejo e situa-se na freguesia de Alcântara, em Lisboa. Foi projectado pelo Arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) – cuja obra marcou a cidade de Lisboa -, em 1934 e construída entre 1945 e 1948. Assim como fez para a Gare Marítima de Alcântara, este Arquitecto convidou o artista plástico Almada Negreiros para realizar murais decorativos para a Sala de Embarque – trabalho que durou de 1946 a 1949 – dentro de uma opção estética modernista. Estes murais têm como temática o Rio Tejo, a zona ribeirinha de Lisboa e o quotidiano dos lisboetas.

	Nota: A presente obra integrou a Exposição <i>Almada, a cena do corpo</i> , Centro Cultural de Belém, Lisboa, 27 de Outubro de 1993 a 15 de Janeiro de 1994, encontrando-se reproduzida no respectivo Catálogo, Lisboa, Fundação das Descobertas / Centro Cultural de Belém		
231 <sup>a</sup>	<b>ROQUE GAMEIRO</b> (1864-1935) <i>Cena de mercado junto à Igreja de São Paulo, Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada Dim. 22,5 x 15 cm	€ 2.500	€ 2.500

### LEILÃO 162 – OUTUBRO 2014

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
122f	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Santo Estêvão – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1968 no verso Dim. 73 x 54 cm Nota: A presente obra integrou a Exposição <i>Botelho</i> no Centro de Arte Moderna, FCG, Lisboa, 20 de Julho a 3 de Setembro de 1989, encontrando-se reproduzida no respectivo Catálogo, Lisboa, FCG, 1989, nº170.	€ 16.000	€ 16.000

### LEILÃO 163 – NOVEMBRO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
198	<b>JOSÉ JOAQUIM RAMOS</b> (1881-1972) <i>Aqueduto das Águas Livres</i> Óleo sobre tela não assinado, autenticado no verso por Maria Augusta Ramos Bento Monteiro, irmã do autor Dim. 25 x 23 cm	€ 800	RETIRADO
234	<b>HENRIQUE TAVARES</b> (1905-1988) <i>Portal Principal do Mosteiro dos Jerónimos</i> Óleo sobre cartão montado em tela, não assinado Dim. 43 x 32 cm	€ 200	€ 200
242	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Névoa na Ribeira – Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958 Dim. 32 x 40 cm	€ 300	€ 380
477	<b>LUCÍLIA DE BRITO</b> (1918-2007) <i>Doca de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1976 Dim. 44,5 x 60 cm	€ 600	€ 600
483	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Praça do Rossio</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1983 Dim. 56 x 69 cm	€ 2.000	RETIRADO
612	<b>SILVA VIEIRA</b> (1939-2004) <i>Praça do Comércio</i> Acrílico sobre platex, assinado e datado de 1987 Dim. 81 x 71 cm	€ 200	€ 200

### LEILÃO 164 – DEZEMBRO 2014

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
195	<b>ALFREDO KEIL</b> (1850-1907) <i>Quinta da Duquesa – Paço do Lumiar</i> <sup>347</sup> Óleo sobre tela, pequeno restauro, não assinado, inscrição no canto inferior direito Agosto de 1879 Dim. 50 x 72,5 cm Nota: A presente obra integrou a Exposição retrospectiva <i>Alfredo Keil (1850-1907)</i> , realizada na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, Palácio da Ajuda, Lisboa, encontrando-se reproduzida no respectivo Catálogo, Lisboa, IPPAR / Galeria de Pintura do Rei D. Luís, 2001, p.77, n.º40.	€ 18.000	<b>RETIRADO</b>
233	<b>ALMADA NEGREIROS</b> (1893-1970) <i>Sem Título (Varinas)</i> Lápis sobre papel, assinado, pequenos defeitos Dim. 60 x 36,5 cm	€ 5.000	€ 5.000

### LEILÃO 165 – FEVEREIRO 2015

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
191	<b>JACINTO LUÍS</b> (n. 1945) <i>Sem título (vista de Lisboa com Convento da Encarnação e Prédio de Ramiro Leão)</i> <sup>348</sup> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1987 Dim. 55 x 45 cm	€ 1.500	€ 1.500
196	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1899-1962) <i>Sem título</i> <sup>349</sup> Tinta-da-China e aguarela sobre papel, assinada Dim. 34 x 27 cm	€ 1.000	€ 1.250
381	<b>ALÍPIO BRANDÃO</b> (1918-1965) <i>O Fado</i> Óleo sobre tela copiando o original de José Malhoa, assinado Dim. 30 x 40 cm	€ 250	€ 250

### LEILÃO 166 – MARÇO 2015

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
200	<b>ENRIQUE CASANOVA</b> (1850-1913) <i>Vista de Lisboa</i> Litografia sobre papel, assinatura litografada e datada de 1883 Dim. 39 x 116 cm	€ 400	€ 800

<sup>347</sup> A Quinta da Duquesa, designação com que aparece referenciada na cartografia de Lisboa do início do século XX, assim denominada em homenagem à 3ª Duquesa de Palmela, D. Maria Luísa de Sousa Holstein (1841-1909), é hoje o Parque Botânico do Monteiro-Mor, na freguesia do Lumiar, em Lisboa, que alberga o Palácio Angeja-Palmela (Museu Nacional do Traje) e o Palácio do Monteiro-Mor (Museu Nacional do Teatro).

<sup>348</sup> A Igreja de Nossa Senhora da Encarnação (século XVIII), bem como o prédio dos antigos *Armazéns Ramiro Leão & Cª* (1888-1990) - actualmente propriedade da marca italiana de moda *Benetton* – situam-se na zona do Chiado, em Lisboa.

<sup>349</sup> Neste óleo a temática é, sem dúvida, o bairro de Alfama, apesar de aparecer identificado como *Sem Título*.

**LEILÃO 167 – MARÇO / ABRIL 2015**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
117	<b>ALBERTINO GUIMARÃES</b> (1891-1967) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1948 Dim. 50 x 62 cm	€ 1.600	€ 1.600
410	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Tarde de Inverno – Mouraria</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1963 Dim. 43 x 28 cm	€ 300	€ 450
489	<b>CARLOS CARREIRO</b> (n. 1947) <i>Super minhocas e a Casa dos Bicos</i> Técnica mista sobre papel, assinada e datada de 2004 Dim. 151 x 100 cm Nota: A presente obra integrou a Exposição <i>Carlos Carreiro</i> , Galeria 111, Lisboa, Janeiro/Fevereiro de 1978, encontrando-se reproduzida no respectivo Catálogo, s.p., nº17.	€ 900	€ 900
540	<b>PAULO OSSIAO</b> (n. 1952) <i>Sem título (vista de Lisboa)</i> Acrílico sobre tela, assinado e datado de 1974 Dim. 110 x 90 cm	€ 2.000	€ 3.000

**LEILÃO 168 – MAIO 2015**

<b>LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
222	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Trecho de Alfama</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1959 Dim. 70 x 56 cm	€ 600	€ 650
370	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Sem título (Terreiro do Paço)</i> Serigrafia sobre papel, assinada e datada de 1980, numerada 162/200 Dim. 50 x 66 cm	€ 300	€ 300
477	<b>LUCÍLIA DE BRITO</b> (1918-2007) <i>Doca de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1976 Dim. 44,5 x 60 cm	€ 600	€ 600

**LEILÃO 169 – JUNHO 2015**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
199 <sup>a</sup>	<b>ERNESTO CONDEIXA</b> (1857-1933) <i>Aqueduto das Águas Livres – Lisboa</i> Óleo sobre tela, assinado Dim. 32 x 44,5 cm	€ 4.000	<b>RETIRADO</b>
229	<b>HENRIQUE MEDINA</b> (1901-1988) <i>Museu e Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984 Dim. 90 x 70	€ 11.000	€ 11.000

237	<b>MANUEL TAVARES</b> (1911-1974) <i>Vista de Lisboa a partir do Tejo</i> Aguarela sobre papel, assinada e datada de Lisboa, 1963 Dim. 45 x 66 cm	€ 700	€ 700
245	<b>ROQUE GAMEIRO</b> (1864-1935) <i>Largo do Menino Deus, Lisboa</i> Aguarela sobre papel, assinada, dedicada e datada de 1911 Dim. 26 x 18 cm Nota: Integrrou a Exposição <i>Roque Gameiro, Comemorativa do 1º Centenário</i> , Lisboa, 4 de Abril de 1964, nº68.	€ 2.500	€ 2.500

### LEILÃO 170 – JULHO 2015

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
162	<b>SILVA LINO</b> (1911-1984) <i>Rossio</i> Óleo sobre platex, assinado e datado de 1973 Dim. 56,5 x 69 cm	€ 1.000	RETIRADO
167	<b>REI CARLOS I</b> (1863-1908) <i>Varina, Vistas de Lisboa e do Rio Tejo</i> Quatro aguarelas sobre papel, a <i>Varina</i> assinada e datada de Agosto de 1894, as restantes assinadas de Maio de 1878 Dim. 29 x 21,5 cm ( <i>Varina</i> )	€ 1.800	€ 3.800
341	<b>ARNALDO FERREIRA</b> (1923-2000) <i>Arco do Marquês de Alegrete – Lisboa</i> Guache sobre cartão, assinado e datado de 1951 Dim. 35 x 27 cm	€ 600	RETIRADO
497	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Sem título</i> <sup>350</sup> Serigrafia sobre papel assinada e datada de 1979, numerada 9/10 Dim. 32,5 x 42 cm	€ 150	€ 190
570	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Da Rua Marcos de Portugal (Lisboa)</i> Litografia sobre papel assinada e datada de 1978, numerada 114/150 Dim. 41,5 x 53 cm	€ 200	€ 280

<sup>350</sup> Apesar de denominada *Sem Título*, esta obra é, claramente, uma vista da zona antiga de Lisboa, com o rio Tejo ao fundo.

### LEILÃO 171 – SETEMBRO 2015

LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
124	<b>JOÃO REIS</b> (1899-1982) <i>Trecho de Lisboa</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 40 x 28 cm	€ 500	€ 500
134	<b>CARLOS REIS</b> (1863-1940) <i>Lisboa – Quinta dos Lagares d'El Rei</i> <sup>351</sup> Óleo sobre madeira, restauros, assinado Dim. 35 x 59 cm	€ 6.000	€ 11.000
145	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa e o Tejo</i> Óleo sobre tela, assinado e datado no verso de Outubro 1969 Dim. 75 x 100 cm	€ 50.000	€ 100.000
150	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Restauradores e Graça</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1981 Dim. 54 x 72,5 cm	€ 18.000	€ 30.000
153	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Lisboa – Calçada do Marquês de Tancos</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 41 x 33 cm	€ 15.000	€ 15.000

### LEILÃO 172 – OUTUBRO 2015

LEILÃO DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA			
LOTE	DESCRIÇÃO	BASE (€)	MARTELO (€)
78	<b>NORONHA DA COSTA</b> (n. 1942) <i>Elevador de Santa Justa</i> Tinta celulósica sobre tela, não assinada Dim. 132 x 162 cm	€ 6.000	RETIRADO
95	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Sem título (Lisboa – Praça do Martim Moniz)</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 1972 Dim. 65 x 100 cm	€ 20.000	€ 29.000
140	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Sem título (Lisboa Jardim de São Pedro de Alcântara)</i> Óleo sobre tela colada em cartão, assinado, dedicado e datado de 12-11-48, no verso Dim. 33 x 41 cm	€ 10.000	€ 11.000
343	<b>ALBINO MOURA</b> (n. 1940) <i>Largo do Menino-Deus (Lisboa)</i> Óleo sobre tela, assinado e datado de 2014, no verso Dim. 75 x 60 cm	€ 800	€ 1.000

<sup>351</sup> Desta Quinta existe notícia desde o século XIV, sabendo-se que em 1384 existiam aqui lagares então doados - por D. João I (1357-1433) – ao fidalgo Afonso Pires da Charneca (1340-1392). Na centúria seguinte a Quinta passou para D. Constança de Noronha (c.1435-?), da família dos Almada. Este solar, e terrenos adjacentes, tem sido alvo de renovações e ampliações importantes ao longo do tempo, mas a casa principal ainda existe. Aqui viveu muitos anos com a sua família, o Mestre Carlos Reis, razão pela qual pintou esta moradia. Situa-se na freguesia de Alvalade, em Lisboa. Ver outras pinturas do autor representando esta Quinta na obra REIS, Pedro Carlos, *Carlos Reis*, Lisboa, ACD Edições, 2006, pp.91, 108 e 19, datáveis de 1903, 1904 e 1904, respectivamente. Mais informações em <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/info/quinta-dos-lagares-del-rei/>, e <http://www.monumentos.pt/Site/APP/>, consultados a 3 de Dezembro de 2015.

489	<b>JÚLIO POMAR</b> (n. 1926) <i>Fernando Pessoa</i> Litografia sobre papel, assinada e datada de 1985, numerada 81/150 Dim. 67 x 47 cm Nota: Obra reproduzida no catálogo da exposição “Júlio Pomar - Obra Gráfica”, Leiria, Galeria 57 – Arte Contemporânea, 1999, p. 118.	€ 600	€ 600
-----	---	-------	-------

**LEILÃO 173 – NOVEMBRO 2015**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE + ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
141	<b>GASPAR PIMENTA</b> (n.1931) <i>Vista de Lisboa – Rua Augusta</i> Óleo sobre platex, assinado Dim. 23,5 x 30 cm	€ 320	€ 320
367	<b>LUIZ TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Moletas<sup>352</sup> do Tejo</i> Óleo sobre tela, reentelado, restauros, assinado e datado de 1881 Dim. 29,5 x 46,5 cm	€ 2.000	€ 2.000
378	<b>NARCISO MORAIS</b> (1892-1977) <i>Trecho de Alfama</i> Aquarela sobre papel, pequenas manchas de humidade, assinada e datada de 1946 Dim. 36 x 24 cm	€ 300	<b>RETIRADO</b>
391	<b>CARLOS LUZ</b> (n.1951) <i>Sem título (Rua Augusta – Lisboa)</i> Aquarela sobre papel, pequenos picos de acidez, assinada e datada de 1988 Dim. 28 x 55 cm	€ 200	<b>RETIRADO</b>

<sup>352</sup> Moletas eram embarcações portuguesas, caídas em desuso em finais do século XIX. Eram destinadas à pesca de arrasto à vela. A sua zona de actuação era, principalmente, o estuário do rio Tejo.



**LEILÃO 174 – DEZEMBRO 2015**

<b>LEILÃO DE ANTIGUIDADES E OBRAS DE ARTE</b>			
<b>LOTE</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>BASE (€)</b>	<b>MARTELO (€)</b>
149	<b>LUIZ TOMAZINI</b> (1823-1902) <i>Chegada ao Tejo da Armada Italiana com a Rainha Dona Maria Pia</i> Óleo sobre tela, restauros, assinado Dim. 55 x 100 cm	€ 5.000	€ 10.000
276	<b>EMMÉRICO NUNES</b> (1888-1968) <i>Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no Alto de Santa Catarina (Cruz Quebrada)</i> <sup>353</sup> Óleo sobre cartão, assinado Dim. 28 x 22 cm	€ 2.000	€ 2.900
285	<b>CARLOS BOTELHO</b> (1899-1982) <i>Costa do Castelo</i> Guache sobre papel, assinado e datado de 1934 Dim. 28 x 22 cm	€ 3.500	€ 3.500
311	<b>BERNARDO MARQUES</b> (1899-1962) <i>Tejo</i> Sépia sobre papel, assinada Dim. 22,5 x 28,5 cm	€ 1.200	<b>RETIRADO</b>

<sup>353</sup> Nesta obra é visível, junto à Torre de Belém, a fábrica de gás, que foi demolida aquando da *Exposição do Mundo Português*, em 1940.



**ANEXO II**

**RESENHAS BIOGRÁFICAS E DO PERCURSO**  
**ARTÍSTICO**

**DOS AUTORES ELECADOS NO *CORPUS***

## ANEXO II

### RESENHAS BIOGRÁFICAS E DO PERCURSO ARTÍSTICO DOS AUTORES ELENCADOS NO *CORPUS*

Com vista a entender o seu espaço vivencial, a construção da sua identidade e o seu pensamento, bem como o decorrer da sua carreira, e como forma de completar o nosso estudo, decidimos incluir breves considerações biográficas e do percurso artístico dos autores de todas as obras de arte com iconografia lisiponense que elencámos, e que **apareceram para serem leiloadas na CML, no período estudado (2001-2015).**

Seguindo uma metodologia de pesquisa, da qual se destacam os procedimentos básicos, procedemos a uma recolha bibliográfica, e de publicações e periódicos, de carácter geral, com o intuito de contextualizar cada artista e a sua obra e examinar a sua *fortuna crítica*.

De seguida, efectuámos pesquisas *online* com o claro objectivo de procurar mais informação relevante e actualizada, caso a caso, que nos ajudasse a compreender o seu percurso.

Existe uma baliza cronológica – embora a maioria dos artistas tenha nascido e trabalhado entre os séculos XIX e XX – para os artistas elencados, **do século XVI** (Diogo de Contreiras, activo entre 1521 e 1562) **ao século XX**, alguns dos quais ainda se encontram vivos e a trabalhar - sendo que no caso de Costa Pinheiro (1932-2015) faleceu durante o tempo em que nos encontrávamos a trabalhar na Dissertação.

Se de alguns podemos afirmar que foram, sem sombra de dúvida, **Pintores de Lisboa** (como Carlos Botelho e Maluda, por exemplo), de outros podemos dizer que pintaram Lisboa, ou os seus símbolos, esporadicamente, ou por uma encomenda específica, ou porque é a sua cidade natal, ou porque é a capital do país, cidade antiga e lendária, que se impõe, como tema, nem que uma ou duas vezes, na carreira de um artista plástico.

Como seria de esperar, para o estudo de alguns artistas as fontes são vastas: José Malhoa, Carlos Botelho, Vieira da Silva, Paula Rego ou Júlio Pomar, como exemplo. Já para outros, que não lograram obter tanto reconhecimento, as fontes são, em alguns casos, quase inexistentes, como são os casos de Luíz Tomazini (1823-1902) ou Manuel Tavares Júnior (século XX), o que muito dificultou o andamento do nosso estudo e nos obrigou a um aturado trabalho de investigação para conseguir colmatar esta lacuna, **deixando uma porta aberta, quem sabe, a futuros estudos, em que se possam elaborar monografias sobre artistas quase esquecidos.**

Foi dado um destaque maior, dada a sua importância artística e aproximação à temática estudada, a determinados autores, sendo que Carlos Botelho aparece como o mais evidente, naturalmente.

Considerámos interessante elencar a que artistas constantes do nosso *corpus* a Câmara Municipal da cidade de Lisboa decidiu homenagear com a atribuição de topónimos a

arruamentos. Uma vez mais, verificamos que existem diferenças, os nomes de alguns artistas foram dados a Avenidas (Columbano, José Malhoa, Rei D. Carlos I e Vieira da Silva), a maioria a Ruas, e alguns a Pracetas, Travessas e Largos. De todas as maneiras, e como é quase impossível existirem consensos nestas matérias, diríamos que a maioria, no nosso entender, estão bem atribuídos e constituem uma homenagem sentida e duradoura da cidade àqueles que tão bem a souberam reproduzir em obras de arte.

Para a materialização deste trabalho e melhor entendimento das criações artísticas estudadas, para a maioria delas, é reproduzida a imagem de uma obra, em casos pontuais, de duas ou mais, porém, por contingências de espaço, apenas algumas serão apresentadas.

Optámos por não voltar a repetir, neste contexto, o valor de martelo, visto que os mesmos já se encontram no *corpus*.

Vimo-nos, assim, obrigadas a uma escolha, que não foi fácil, por circunstâncias de espaço.

Em relação a todos os artistas elencados, e não só, relembro as palavras do jornalista, escritor e poeta António Augusto Esteves (1894-1949) – que escreveu sob o pseudónimo de Carlos Sombrio - “*Pungente verdade se me afigura esta afirmação: Em Portugal, os artistas, esses impenitentes criadores da Beleza, raramente encontram à sua volta (...) respeito e apreço*”<sup>354</sup>

Podemos afirmar, com toda a justiça, que estes artistas, bem como as obras que produziram com o seu talento, são a base da construção desta nossa Dissertação.

Cabe referir, enfim, que consideramos um enorme privilégio termos podido aprofundar a vida e obra de tão notáveis artistas, que estudámos com profundo interesse.

---

<sup>354</sup> Cf. SOMBRIO, Carlos, *Os nossos Pintores – João Reis*, Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1938, p.9.

**Tabela 2 – Tabela Cronológica de Autores**

(por ordem do ano de nascimento ou do período de actividade artística conhecido)

ANO / ACTIVIDADE	AUTOR
SÉCULO XVI (act.1521-1566)	DIOGO DE CONTREIRAS
SÉCULO XVIII – 1731	MACHADO DE CASTRO
1768	DOMINGOS DE SEQUEIRA
SÉCULO XIX – 1818	TOMÁS D'ANUNCIAÇÃO
1823	LUIZ TOMAZINI
1839	ISAÍAS NEWTON
1843	RICARDO HOGAN
1850	ALFREDO KEIL
1853	ENRIQUE CASANOVA / MARQUES D'OLIVEIRA
1855	JOSÉ MALHOA
1857	COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO / ERNESTO CONDEIXA
1858	RIBEIRO CHRISTINO
1859	JOÃO VAZ
1863	D. CARLOS I / CARLOS REIS
1864	ROQUE GAMEIRO
1875	GABRIEL CONSTANTE
1876	LEAL DA CÂMARA
1878	ALVES DE SÁ / CONSTANTINO FERNANDES / M. ADELAIDE CRUZ / SIMÃO DA VEIGA
1881	EDUARDO VIANNA / FRANCIS SMITH / JOSÉ JOAQUIM RAMOS
1885	MANUEL BENTES
1886	ARMANDO DE LUCENA
1887	STUART DE CAEVALHAES
1888	ABEL MANTA / EMMÉRICO NUNES / MILY POSSOZ
1889	SANTA-RITA
1891	ALBERTINO GUIMARÃES
1892	NARCISO MORAIS
1893	ALMADA NEGREIROS
1894	ANTÓNIO SOARES / JORGE BARRADAS
1895	CARLOS PORFÍRIO / VARELA ALDAMIRA
1896	LUIZ SALVADOR / TULLIO VICTORINO / LEITÃO DE BARROS
1898	BERNARDO MARQUES
1899	CARLOS BOTELHO / JOÃO REIS / SARAH AFFONSO
1900	EDUARDO MALTA / PEDRO JORGE PINTO
SÉCULO XX	EDUARDO ST'AUBYN / MANUEL TAVARES JÚNIOR
1901	HENRIQUE MEDINA
1902	MÁRIO COSTA
1903	FRED KRADOLFER / MARIA DE LOURDES DE MELLO E CASTRO
1905	HENRIQUE TAVARES / MÁRIO SALVADOR
1906	TOM – THOMAZ DE MELLO
1907	ANTÓNIO CRUZ / JOSÉ RIBEIRO
1908	ROBERTO ARAÚJO / VIEIRA DA SILVA
1909	JOÃO ALBERTO
1910	CARLOS PINTO RAMOS / ESTRELA FARIA / JOSÉ DE LEMOS
1911	ANTÓNIO LINO / MANUEL TAVARES / PAULO FERREIRA / SILVA LINO
1914	ARNALDO DE ALMEIDA FIGUEIREDO / ESTÉVÃO SOARES / LUIS DOURDIL
1915	FREDERICO GEORGE / MANUEL GUIMARÃES
1916	ALÍPIO BRANDÃO
1918	LUCÍLIA DE BRITO
1919	AMÉRICO TABORDA
1920	JOAQUIM BÉRTHOLO
1921	JOSÉ PENICHEIRO
1922	AUGUSTO GOMES MARTINS
1923	ARNALDO FERREIRA / FERNANDO DE AZEVEDO / JOSÉ N. AZEVEDO / MÁRIO CESARINY
1924	JOÃO ABEL MANTA
1925	REAL BORDALO / VESPEIRA
1926	ARTUR BUAL / JÚLIO POMAR / MOLINA
1927	LIMA DE FREITAS / MANUEL CARGALEIRO / ROGÉRIO AMARAL
1930	EDUARDO ALARCÃO
1931	GASPAR PIMENTA / MANUEL GREGÓRIO PEREIRA / NIKIAS SKAPINAKIS
1932	ANTÓNIO BOTELHO / COSTA PINHEIRO
1934	JOSÉ ESCADA / MALUDA / SILVA PALMEIRA
1935	PAULA REGO
1939	SILVA VIEIRA
1940	ALBINO MOURA
1941	ANTÓNIO SENA
1942	NORONHA DA COSTA
1945	JACINTO LUÍS
1946	ANTÓNIO PALOLO / MOTA URGEIRO
1947	CARLOS CARREIRO
1948	RUI DA PALMA CARLOS
1949	ANTÓNIO CARMO
1951	CARLOS LUZ
1952	PAULO OSSÍAO
1963	ANTÓNIO NEVES

## RESENHAS BIOGRÁFICAS (Por ordem alfabética do nome artístico)

### ABEL MANTA (1888-1982)

**Abel Manta nasceu em Gouveia, distrito da Guarda, a 12 de Outubro de 1888 e faleceu em Lisboa a 9 de Agosto de 1982**

Este artista foi uma das figuras maiores da **primeira geração de pintores modernistas portugueses**. Formou-se em Lisboa – ingressou, em 1904, com 16 anos, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – terminando o Curso de Pintura em 1916. Foi discípulo de Mestres como Columbano Bordallo Pinheiro e Carlos Reis mas também sofreu, como muitos dos seus contemporâneos, fortes influências do Pintor pós-impressionista francês Paul Cézanne (1839-1906). Partiu para Paris em 1919 – só regressando em 1925 –, como bolseiro, participando em diversos *salons*. Exerceu uma actividade constante e a sua obra é multifacetada, centrando-se no retrato, naturezas-mortas e paisagem urbana. Foi ainda professor de Desenho na Escola de Artes Decorativas António Arroyo, instituição de elevado prestígio, única na cidade de Lisboa.

Na paisagem urbana este artista distingue-se com os seus quadros *Estudos-óleos sobre a Praça Luís de Camões*, realizados em 1932, 1954, 1956 e 1964, e com o quadro *Manhã no Tejo*, de 1957. Com estes seus estudos, **torna-se num pintor lisiponense**. Estas obras pertencem às colecções do Museu de Lisboa, do CAM-JAP, do Museu de Gouveia e do seu único filho, João Abel Manta (n.1928). O artista passava quotidianamente por esta praça lisboeta, vindo de casa, para a zona do Chiado, que frequentava.

Teve uma contínua participação nas Exposições da SNBA (nas quais foi membro do júri nos anos de 1932 e 1949) e noutras manifestações de Pintura, destacando-se, em 1913, uma Menção Honrosa da SNBA, em 1942 o *Prémio Silva Porto* do SPN, e em 1949 1ª Medalha em Pintura SNBA. Em 1950 concorre à 25ª Bienal de Veneza e em 1953 à III Bienal de S. Paulo. Em 1957 recebe 1º Prémio de Pintura na Exposição de Artes Plásticas da FCG, com a obra *Manhã no Tejo*

No Roteiro da Colecção do CAM-JAP diz-se deste artista: “*Nas suas vistas de Lisboa esse pendor naturalista torna-se mais evidente, sempre sensível à atmosfera e à estrutura da cidade, fornecendo imagens fiéis (...) nestas vistas urbanas, de clara inspiração impressionista, está sempre presente a agitação da vida quotidiana (...)*”<sup>355</sup>

Participa em certames internacionais e em exposições da SNBA desde 1913 e nos Salões do SPN/SNI, organismo que, em 1942, lhe atribuiu o *Prémio Silva Porto*.

---

<sup>355</sup> Vide Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, *Roteiro da Colecção*, Lisboa, FCG, 2004, p.38.

Tornou-se uma figura muito popular privando com os escritores e poetas que normalmente frequentavam o circuito do Chiado e da Baixa lisboeta.

Em 1975 realizou o seu *Último Auto-Retrato*, com a idade de 87 anos, vindo a falecer em Agosto de 1982, com 94 anos.

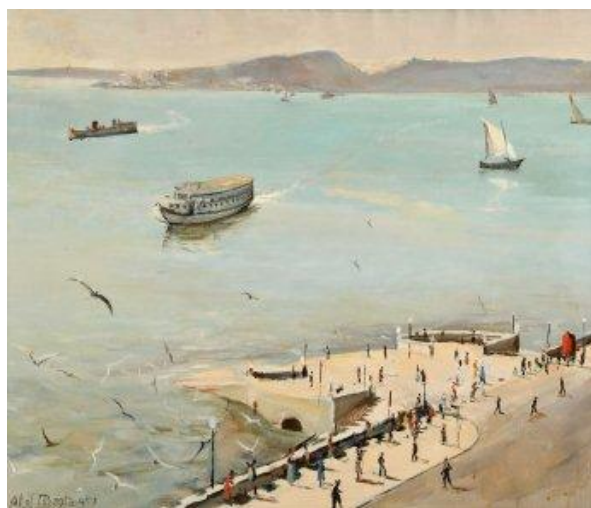
A sua obra foi, em 1985, representada na Exposição *O Imaginário da Cidade de Lisboa*, organizada no CAM-JAP.

Em 1985 foi inaugurado significativamente no antigo Solar dos *Condes de Vinhó e Almedina* – patrocinadores dos estudos artísticos de Abel Manta -, em Gouveia, o **Museu Municipal Abel Manta**<sup>356</sup> que reúne uma colecção de mais de cem obras de pintores seus contemporâneos e de renome, e, naturalmente, um núcleo com obras do artista. Recentemente, o acervo deste museu foi enriquecido com a doacção, por parte de João Abel Manta, de obras da sua autoria.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no CAM-JAP, no MNR, no MGV, no CAMB, no MMAMAM (Museu Municipal de Arte Moderna de Abel Manta), na Casa-Museu Medeiros de Almeida e em várias Câmaras Municipais e colecções públicas e particulares.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Benfica.**



*O Tejo*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1954  
Lote 258 – Leilão 134 de 12 de Dezembro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>356</sup> Disponível em <http://www.cm-gouveia.pt/Paginas/museu-municipal-abel-manta.aspx>., consultado a 8 de Janeiro de 2015.



### **ALBERTINO GUIMARÃES (1891-1967)**

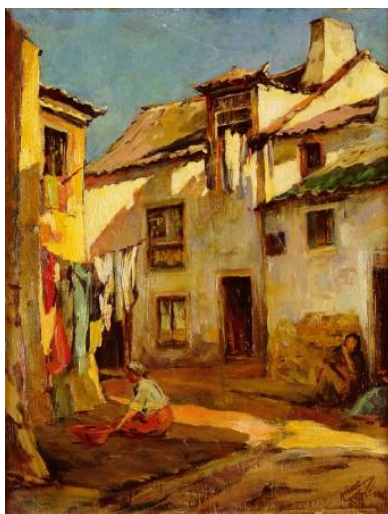
**Albertino Vieira Guimarães nasceu no dia 21 de Abril de 1921 e faleceu em 1967**

Este artista foi professor de Desenho e Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e na Casa Pia de Lisboa.

Expôs em Lisboa, no Estoril e em diversos Salões da SNBA, onde foi premiado.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no ML, e em museus municipais.



*Recanto de Alfama*

Óleo sobre madeira, assinado e datado de 1935

Lote 121 – Leilão 93 de 10 de Dezembro de 2007

© [ARQUIVO DA CML](#)

### **ALBINO MOURA (n.1940)**

**Albino Moura nasceu em Lisboa em 1940**

É Artista Plástico, Desenhador Gráfico, Ilustrador, Ceramista e Decorador de Publicidade. Este artista organizou e dirigiu diversas exposições.

É um autodidacta e recebeu orientação de Fred Kradolfer, com quem colaborou em vários trabalhos de decoração.

Expõe desde 1959 em Portugal e no estrangeiro. Entre muitas outras mostras, expôs individualmente em Lisboa em 1974, e colectivamente na SNBA em 1962, 1963 e 1964.

Em 1959 iniciou funções de decorador de publicidade e desenhador gráfico, sob orientação de Fred Kradolfer.

Em 2000 realizou-se uma exposição individual de trabalhos seus na *Galeria Artela*, em Lisboa, e em 2001 esteve patente uma exposição individual sua na *Galeria de Arte Casino Estoril*. Recebeu diversos prémios e menções honrosas.

Dedica-se em exclusivo às artes plásticas desde 1990. A sua obra reflecte uma atenção ao mundo que o rodeia, a cidade, os lugares e as pessoas.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado, entre outros, no ML, no MNAC, na Galeria de Desenho do Museu Municipal de Estremoz, no Museu Municipal de Almada, no Museu Municipal do Sabugal, na colecção da Câmara Municipal do Seixal, na colecção do Banco Nacional de Maputo, no Museu de Arte de Moçambique, no Teatro Real de Madrid, Espanha, e ainda se encontram trabalhos seus na Suíça e Alemanha.



*Largo do Menino Deus (Lisboa)*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 2014, no verso  
Lote 343 – Leilão 172 de 19 de Outubro de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ALÍPIO BRANDÃO (1916-1965)**

**Alípio Maria Ferreira Dias Brandão nasceu no Lugar do Outeiro, freguesia de Santiago de Riba, Oliveira de Azeméis, a 18 de Agosto de 1916 e faleceu a 4 de Junho de 1965**

Foi pintor, aquarelista, e escultor. Esculpiu a madeira, criando um estilo próprio. Estudou em Guimarães e no Porto.

Expôs em Portugal e no estrangeiro. Expôs, individualmente, em Lisboa em 1937, 1939, e anos seguintes, e colectivamente, na SNBA, entre os anos de 1937 e 1951.

Foi importante o seu trabalho de escultura para a *Exposição do Mundo Português*, em 1940, em Lisboa.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Embora a sua obra se encontre, na sua maioria, em posse de colecionadores particulares, está representado no MNAC, no MNSR, no MGV, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em museus municipais como Figueira da Foz e nos Museus de Nova Iorque e de Luanda.



*O Fado*

Óleo sobre tela copiando o original de José Malhoa, assinado

Lote 381 – Leilão 167 de 30 de Março de 2015

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ALFREDO KEIL (1850-1907)**

**Alfredo Cristiano Keil nasceu em Lisboa no dia 3 de Julho de 1850 e faleceu em Hamburgo, Alemanha, a 4 de Outubro de 1907**

Este artista, filho de pais de origem alemã, radicados em Portugal, para além de pintor, dedicou-se a inúmeras actividades, como a arqueologia, a poesia, e a música, foi, aliás, o compositor, em 1880, de *A Portuguesa*, o hino nacional de Portugal. Alfredo Keil foi ainda um dedicado coleccionador de arte.

Devido à origem de seus pais, o artista passou a sua infância na Alemanha, onde teve lugar a sua educação básica. Estudou desenho e música em Nuremberga, mas, em 1870, a família é forçada a vir para Portugal.

Este artista pintou por diversas vezes a cidade de Lisboa, existem vários óleos com temática olisiponense na sua vasta obra, nos quais retratou locais como o Castelo de São Jorge, o Rossio, a zona ribeirinha, o Rio Tejo, o Cais das Colunas, e as varinas, como exemplos.

O artista pintou, mais do que uma vez, a Quinta da Duquesa, tema da obra com que faz parte do nosso *corpus*. Existem, pelo menos, mais dois óleos, um na posse da colecção da família Keil do Amaral, e outro na posse de um coleccionador particular.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no ML, no MNAC, no MGv, no MNSR, no Museu José-Malhoa, na CMAG, na Biblioteca Municipal de Santarém, na Casa-Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia), e em colecções, particulares, como a Colecção da família Keil do Amaral, e institucionais, como a Colecção da Fundação da Casa de Bragança, a Colecção do Ministério das Finanças, e do Palácio da Ajuda.



*Quinta da Duquesa – Paço do Lumiar*  
Óleo sobre tela, não assinado, datado de 1879  
Lote 195 – Leilão 164 de 15 de Dezembro de 2014  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ALMADA NEGREIROS (1893-1970)**

**José Sobral de Almada-Negreiros nasceu no dia 7 de Abril de 1893, na freguesia de Trindade, S. Tomé e Príncipe – o país natal da sua mãe – e faleceu em Lisboa a 15 de Junho de 1970**

Em 1900 e com sete anos apenas foi internado num Colégio de Jesuítas em Campolide, Lisboa (hoje instalações da Universidade Nova de Lisboa-Campus de Campolide), que foi extinto em 1910, com a implantação da República. Almada passou a estudar no Liceu de Coimbra, onde esteve até 1912, ano em que vem para Lisboa para a Escola Internacional, onde, em 1913, teve lugar a sua primeira exposição de quase noventa desenhos e conhece o seu grande amigo: Fernando Pessoa. Este artista forma-se, assim, à margem do ensino artístico tradicional e a partir daqui vai iniciar uma campanha cultural com o objectivo de pôr Portugal a par dos movimentos de vanguarda que estavam a acontecer no resto da Europa.

Artista tão talentoso como multifacetado, dedicou-se às artes plásticas e à escrita – foi desenhador, caricaturista, humorista, cenógrafo e figurinista, poeta, ensaísta, dramaturgo, pintor e escultor, trabalhou gravura, vitral, tapeçaria, mosaico e azulejo –, ocupando uma posição de destaque na primeira geração de modernistas portugueses, tornando-se **um símbolo da arte moderna portuguesa**.

Artista precoce, a sua carreira começou quando, em 1911, após a formação académica, publicou o seu primeiro desenho para o nº4 (p.45) da revista *A Sátira* – revista humorística de caricaturas, mensal, da qual saíram apenas quatro números, em 1911. No ano seguinte figura entre os participantes no *I Salão dos Humoristas Portugueses*, no *Grémio Literário lisboeta* – irá ainda participar do II, em 1913, e desde então manteve sempre uma colaboração com várias publicações, das quais destacamos a *Ilustração Portuguesa* – revista semanal editada pelo jornal diário matutino *O Século* (1880-1977) –, o jornal diário vespertino *Diário de Lisboa* (1921-1990), o semanário humorístico *Sempre Fixe* (1926-1961), cadernos do SW – *Sudoeste* (dos quais apenas existiram três números), e a revista mensal editada pelo SPN *Panorama, revista de arte e turismo* (1941-1974), entre muitas outras.

Almada Negreiros integrou-se como artista na vida lisboeta e foi Sócio do *Grupo Amigos de Lisboa*, sendo admitido em 17 de Abril de 1937 e sendo de sua autoria a capa da Revista/Boletim desta instituição, *Olisipo*, de Janeiro de 1944.

Em 1915 **esteve ao lado dos fundadores da revista *Orpheu***. Na década de 1930 cria cartazes, selos, e brochuras ilustradas oficiais, fruto da sua amizade com António Ferro (1895-1956) – desde os tempos da revista *Orpheu* –, o que o leva a colaborar com o recém criado SPN (1935), organismo que irá realizar a primeira exposição retrospectiva da obra gráfica do artista, em 1941, sendo nesta altura já um artista reconhecido pelas instâncias oficiais.

Em Lisboa deixou obras consagradas como – entre outras – os painéis das gares marítimas (1943-1948), pelos quais recebe o *Prémio Domingos Sequeira*, os vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima (1934), os vitrais da Igreja do Santo Condestável (1951), pinta o Edifício das Águas Livres (1956), e faz tapeçarias para o Tribunal de Contas (1958).

Entrando na FLUL, à semelhança do edifício de Direito, podemos observar gravuras incisas, polícromas, sobre placas de lioz<sup>357</sup>, de 1961, da autoria deste artista, onde podemos encontrar, entre outras, referências a todos os heterónimos de Fernando Pessoa. Igualmente deste artista e da mesma data, no edifício da Reitoria da UL, existem painéis gravados, numa composição que contém uma alegoria à cidade de Lisboa.

---

<sup>357</sup> Trata-se de um tipo raro de calcário que ocorre no nosso país, na região de Lisboa e arredores e é muito utilizado com fins ornamentais e artísticos. Igrejas, palácios, chafarizes, o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, são só alguns exemplos da ampla utilização desta pedra rara na capital.

Em 1969, já com 75 anos de idade cria a sua derradeira grande obra: o painel inciso em pedra, intitulado *Começar*, para o átrio de entrada do edifício sede da FCG, com as dimensões: 13m x 2,25m.

Muito provavelmente a sua pintura mais reconhecida é o retrato de Fernando Pessoa, que criou no ano de 1954 para o restaurante lisboeta *Irmãos Unidos*.<sup>358</sup>

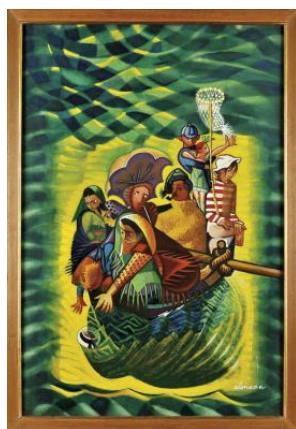
A sua obra evoluiu ao longo dos anos – passou do convencionalismo e figurativismo à abstracção tanto numérica como geométricas, nas suas últimas obras.

A 15 de Junho de 1970 veio a falecer no Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, no mesmo quarto onde tinha falecido, 35 anos antes, Fernando Pessoa.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no CAM-JAP, no MNR, e na Casa-Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia),

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Santa Maria dos Olivais.**



*Estudo para os frescos da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos*

Têmpera sobre papel, assinada

Lote 220 – Leilão 161 de 22 de Setembro de 2014

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>358</sup> Este quadro foi adquirido, em leilão, por Jorge de Brito, em 1970 e doado à C.M.L. no mesmo ano. Faz parte da colecção do Museu de Lisboa (inv.MC.PIN.0140), encontrando-se em depósito desde 1993 na *Casa Fernando Pessoa*, estando exposto ao público neste equipamento, em Lisboa. Posteriormente, em 1964, a FCG encomendou ao artista um novo retrato do poeta. Esta segunda obra faz parte da colecção do CAM-JAP. Agradeço os esclarecimentos prestados por Ricardo Silva, da *Casa Fernando Pessoa*.



### ALVES DE SÁ (1878-1972)

Alves de Sá era Licenciado em Direito e exerceu, por algum tempo, a Magistratura. Aguardelista, foi discípulo do pintor Manuel de Macedo (1839-1915). Dedicou-se igualmente à Cerâmica e à Azulejaria, tendo sido Director da Fábrica Viúva Lamego.<sup>359</sup>

Participou em diversas exposições e foi galardoado com várias distinções como a *Medalha de Honra em Aguardela*, pela SNBA e o 1º *Prémio Roque Gameiro* (SNI), em 1947.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*Lisboa – Rocha do Conde de Óbidos*  
Aguardela sobre papel, assinada e datada de 1902  
Lote 281 – Leilão 94 de 28 de Janeiro de 2008  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### AMÉRICO TABORDA (1919-1986)

Américo Taborda é um exemplo de artista sobre o qual a informação é escassa ou quase inexistente. Não obstante, foi considerado um dos melhores desenhadores do seu tempo.

O artista expôs em vários salões da SNBA.

Constatamos, no entanto, que obras suas circulam com frequência no mercado de arte nacional, bastando para tal consultar os catálogos das principais leiloeiras.

Para Jean-Pierre Blanchon, as suas obras, essencialmente desenhos e aguardelas, atingem, no mercado de arte, valores entre os € 60 e os € 350.<sup>360</sup>

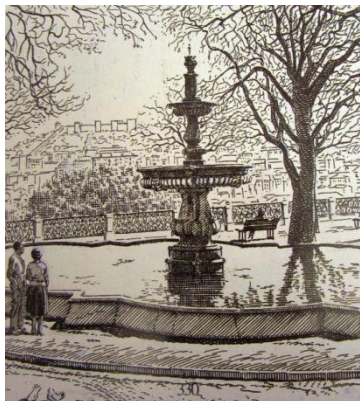
O artista inspirou-se, de maneira geral, em motivos urbanos, onde captou, com mestria, as paisagens, as vivências e as suas gentes, nomeadamente nas cidades de Lisboa - onde explorou sobretudo os jardins e os bairros de Alfama e da Mouraria -, e do Porto.

Durante a cronologia estudada apareceram **seis obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

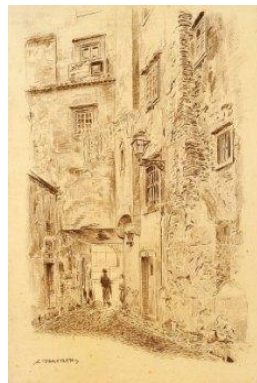
<sup>359</sup> Fábrica de Azulejos artesanais lisboeta, fundada, em 1849, por António da Costa Lamego.

<sup>360</sup> CF. BLANCHON, Jean-Pierre, *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão 2015/2020*, Lisboa, Scribe, 2015, p.460.

Este artista encontra-se representado nos museus de Lisboa e do Porto e em diversos museus municipais.



*Vista do Jardim de São Pedro de Alcântara*  
Tinta-da-China sobre papel, assinada  
Lote 330 – Leilão 52 de 18 de Fevereiro de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](http://www.cml.pt)



*Travessa de São João da Praça – Alfama*  
Lápis castanho sobre papel, assinado  
Lote 274 – Leilão 110 de 26 de Outubro de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ANTÓNIO BOTELHO (1932-2003)**

**António Botelho nasceu em Coimbra em 1932 e faleceu em 2003**

Este artista frequentou a Escola de Belas-Artes do Porto e a Escola de Belas-Artes de Lisboa.

Além de se dedicar à pintura e ao desenho, trabalhou em cenografia para teatro e televisão, sendo cenógrafo da RTP desde o início das suas emissões. Foi, igualmente, autor de guiões e cenógrafo de filmes e documentários.

Assegurou, durante algum tempo, um programa sobre Artes Plásticas na RTP e fez crítica de arte. Exerceu funções de Direcção na RTP durante quinze anos.

Foi co-fundador, com outros artistas, em 1964, da *Galeria Época*, em Lisboa.

Desde 1953 participou em diversas exposições colectivas e expôs individualmente, pela primeira vez, em 1955, no *Centro Nacional de Cultura*. Ainda expôs individualmente em diversas Galerias entre 1955 e 1998.

Até à data da sua morte, o artista mantinha actualizado o seu *site*<sup>361</sup> onde escreveu as seguintes palavras, que nos pareceram dignas de nota: “*Lisboa tem sido o suporte dos poucos exercícios de pintura, irregularmente praticados em 36 anos de marginalidade*”

<sup>361</sup> Disponível em <http://www.issbotelho.wix.com>, consultado a 28 de Janeiro de 2016.



*artística e, por vezes, expostos. (...). A fatalidade de ser BOTELHO (mas não Carlos) e pintar em Lisboa acarretou confusões (...)*”.<sup>362</sup>

Este artista **pintou essencialmente a cidade de Lisboa**, e obras suas, facilmente identificáveis devido à sua originalidade, aparecem com alguma frequência em casas leiloeiras.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.



*Sem título (Lisboa)*  
Guache sobre papel, assinado e datado de 1963  
Lote 311 – Leilão 138 de 7 de Maio de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ANTÓNIO CARMO (n.1949)**

**António do Carmo nasceu em Lisboa, em 1949.**

Frequentou o Curso de Artes Decorativas na Escola Artística António Arroio.

Para além da pintura, tem vindo a executar ilustrações para artigos de jornais e livros de vários autores portugueses. Participou no *Grupo de Bailado Verde Gaio*<sup>363</sup> onde permaneceu por dezoito anos.

O artista mantém um *site* onde pode ser consultada grande parte da sua obra.<sup>364</sup> Através desta funcionalidade podemos saber, na primeira pessoa, que frequentou as tertúlias dos cafés Brasileira, Tarantela, Vává e Leitaria Garrett, onde privou com os artistas Almada Negreiros, Abel Manta e Jorge Barradas, entre outros.

<sup>362</sup> Este texto, patente no *site*, está datado de 1991 e refere-se à sua pintura *Requiem*, uma colagem sobre guache, de 1991.

<sup>363</sup> Companhia de Dança, criada em 1940 por iniciativa de António Ferro e extinta em 1977, cujo nome se inspira numa das mais típicas danças populares portuguesas.

<sup>364</sup> Disponível em <http://www.antoniocarmo.com/> consultado a 9 de Junho de 2016.

Em 1968 fez a sua primeira exposição individual na Galeria Nacional de Arte em Lisboa e Em 1970 expôs pela primeira vez na Galeria do Diário de Notícias, apadrinhado pelo amigo João Hogan (1914-1988).

Desde então tem vindo a participar em numerosas exposições, individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro em países como Espanha, Alemanha, Holanda, Inglaterra, Austrália, Brasil, Venezuela, Macau, Japão e Rússia.

A partir de 1974 inicia uma carreira internacional sendo a sua primeira exposição numa Galeria em Roterdão, Holanda. Neste mesmo ano foi um dos doze artistas fundadores do *Grupo Paralelo*, com o qual expôs diversas vezes.

O artista viveu vinte e dois anos em Bruxelas, Bélgica, onde mantém trabalhos seus em permanência em diversas galerias de arte.

Do seu *curriculum* fazem parte inúmeras exposições, em Portugal e no estrangeiro.

As tradições portuguesas e a etnografia são temas sempre presentes na obra deste autor, nascido no bairro da Madragoa, no seio da Lisboa antiga. É, actualmente, artista exclusivo do *Japan Arts Banks*, Tóquio, Japão, e da *Galerie Albert I*, em Bruxelas, Bélgica.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no MGV, no Museu Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), no Museu de Setúbal/Convento de Jesus (Setúbal) e em numerosos museus municipais, para além de se encontrar representado em diversas colecções de arte como a do Banco de Portugal, do Montepio Geral, do Instituto de Cultura de Macau e nas colecções de diversas Câmaras Municipais entre elas as da C.M.L. e da Amadora.



*O dia a dia do Ardina*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984  
Lote 175 – Leilão 50 de 25 de Julho de 2011  
© [ARQUIVO DA CML](#)

## **ANTÓNIO CRUZ (1907-1983)**

**António Amadeu Conceição Cruz nasceu no Porto em 1907 e faleceu em 1983**

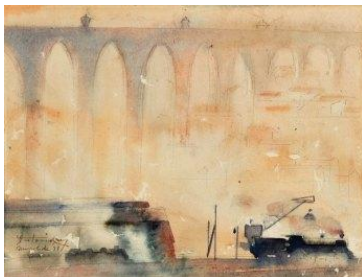
Este artista, para além de escultor, distinguiu-se como aguarelista, técnica em que é considerado pela crítica inovador na transposição para o papel da luminosidade da sua cidade natal. Este pintor e a sua cidade foram os protagonistas de um documentário intitulado *O Pintor e a Cidade* do realizador Manoel de Oliveira (1908-2015), em 1956. Apesar desta circunstância, e como inúmeros outros artistas, não deixou de pintar a capital.

Formou-se em Pintura na Escola de Belas-Artes do Porto e participou em diversas exposições individuais e colectivas em galerias, instituições e Salões da SNBA, recebendo, entre outros, o *Prémio de Pintura Henrique Pousão*, em 1947.

Em 2015 realizou-se uma Exposição monográfica com oitenta e seis obras suas na FCG, intitulada *António Cruz na Fundação Gulbenkian*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC.



*Aqueduto das Águas Livres*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1938  
Lote 277 – Leilão 127 de 3 de Maio de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **ANTÓNIO LINO (1911-1984)**

**António Lino Pires da Veiga Ferreira Pedras nasceu em 1911 e faleceu em 1984**

Este artista foi um pintor moderno, discípulo do pintor Marques d'Oliveira (1853-1927).

Dedicou-se ainda às artes decorativas, tendo-se evidenciado como vitralista e mosaicista. São da sua autoria os frescos do coro da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa e os painéis de mosaicos no átrio de entrada da Reitoria da Cidade Universitária da UL, de 1961.

Ganhou medalhas de honra na Exposição de Sevilha de 1929 e na de Paris de 1932.

Durante a cronologia estudada apareceram **quatro obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC e no MNSR.



*Lisboa III*

Técnica mista sobre papel, pequenos restauros, assinada e datada de 1957

Lote 126 – Leilão 101 de 24 de Novembro de 2008

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### ANTÓNIO NEVES (n. 1963)

**António Neves nasceu em Ílhavo, Aveiro, em 1963**

Este artista é, segundo alguns críticos, um **dos mais representativos aguarelistas nacionais contemporâneos**. Foi na Fábrica da *Vista Alegre* que aprendeu os segredos do desenho e pintura sobre porcelana. É um pintor de raiz figurativa, dedica-se à aguarela, à pintura a óleo e técnica mista, sendo, igualmente, escultor e ilustrador. Com um *curriculum* invejável, é um artista de prestígio consolidado. Com presença em inúmeras exposições, individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Entre outros, foi galardoado, em 1990, com o 1º Prémio do 1º Salão de Artes Plásticas de Ílhavo. Após mais de vinte anos a pintar, destacam-se as paisagens, do Brasil, do Alentejo, do Douro, de Aveiro, e de Lisboa. O artista tem o seu próprio *site*<sup>365</sup>, onde podemos apreciar toda a sua obra.

Durante a cronologia estudada apareceram **doze obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado, entre outros, no Governo Civil de Aveiro, na Colecção do Banco de Portugal, e na Colecção da Câmara Municipal de Ílhavo.



*Praça do Comércio com eléctrico e estátua equestre*

Aguarela sobre papel, assinada

Lote 8 – Leilão 142 de 22 de Outubro de 2012

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>365</sup> Disponível em <http://www.antonioneves.pt>, consultado a 22 de Abril de 2016.

## ANTÓNIO PALOLO (1946-2000)

**António João da Silva Palolo nasceu em Évora em 1946 e faleceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 2000**

António Palolo foi um artista plástico e pintor autodidacta. Deixou ainda obra em vídeo, instalações e diaporamas.

Estreou-se em 1964 em exposição individual na *Galeria 111* com obras informais.

A sua obra resulta de um cruzamento de estéticas como o *neo-figurativismo*, a *arte pop* e o *abstracionismo geométrico*.

Durante a década de 1960 e início dos anos 70 a sua carreira vai-se consolidando, trabalhou intensamente e viajou muito. A retracção do mercado após o 25 de Abril, no entanto, irá afectar a progressão deste seu sucesso.

Ao longo das décadas de 1970, 80 e 90 marca presença regular no panorama artístico nacional, expõe em várias galerias e exposições nacionais e internacionais. Em 1995-96 realiza uma grande exposição antológica no CAM-JAP abrangendo todo o seu percurso artístico de pintura e desenho.

Para Maria João Galhardo Frazão, falando-se de Palolo falamos de “*Um artista a quem têm sido dirigidas apenas breves referências na histografia de arte nacional e por isso a sua obra encontra-se insuficientemente estudada e pouco difundida (...)*.”<sup>366</sup>

A presença de obras da autoria deste artista em leilão é significativa e, segundo Pedro David Simões, dos tipos de obras criadas por Palolo, os mais comuns a leilão são as técnicas mistas, os óleos e os acrílicos.<sup>367</sup>

Em relação à fase da sua obra em que se insere a pintura que consta do nosso estudo, Helena de Freitas afirma: “*As faixas cromáticas tornam-se o suporte do seu jogo pictórico, um jogo retiniano que se fundamenta na utilização de cores vibrantes e de uma dinâmica espacial que o artista desenvolve segundo modelos pessoais de simetrias e alternâncias*”.<sup>368</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

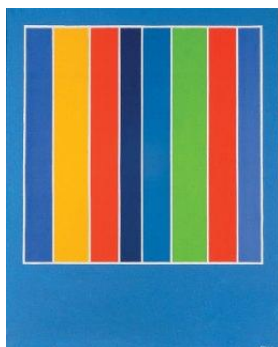
Está representado no MNAC, no CAM-JAP, no MCB, no MNSR, no CAMB, na Colecção de Arte Contemporânea da FLAD, e em diversas colecções privadas.

---

<sup>366</sup> Cf. FRAZÃO, Maria João Galhardo, *António Palolo. Roteiro Artístico-Biográfico*, Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, 2012, p.5.

<sup>367</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.144.

<sup>368</sup> *In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção*, Lisboa, FCG, 2004, p. 180.



*Lisboa*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1973  
 Lote 167 – Leilão 105 de 20 de Abril de 2009  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

**ANTÓNIO SENA (n. 1941)**

**António Manuel Russo de Sena nasceu em Lisboa, em 1941**

Estudou no Instituto Superior Técnico e na Faculdade de Ciências de Lisboa. Porém, desiste da via científica, optando pelo Curso de Gravura na *Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses*. Expõe individualmente desde 1964, e colectivamente desde 1965. Em 1965 partiu para Londres, como bolseiro da FCG.

A sua carreira artística tem sido várias vezes premiada nacional, e internacionalmente.

Em 2002 esteve patente, no CAM-JAP, uma exposição sua: *António Sena: Pintura*, e em 2003 a exposição *António Sena: Pintura, Desenho 1964-2003*, no Museu de Serralves.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no CAM-JAP, no MMAB, no MNSR, em colecções privadas como a da FPLMJ, em museus municipais e na colecção do Estado.



*Alfama*

Óleo sobre papel, assinado e datado de 1962  
 Lote 364 – Leilão 155 de 27 de Janeiro de 2014  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

## ANTÓNIO SOARES (1894-1978)

**António Soares nasceu em Lisboa em 1894 e faleceu em Lisboa em 1978**

Este artista, autodidacta, foi pintor, desenhador, caricaturista, ilustrador e cenógrafo. Pertence à **primeira geração de pintores modernistas portugueses**.

Inicia a sua carreira artística com a participação no *II Salão dos Humoristas*, em 1913.

Em 1925 viaja para Paris, onde tem ocasião de visitar a grande *Exposição Internacional das Artes Decorativas*, e se sente sensibilizado pelo estilo *Art Déco*, ali bem representado.

Participou, com diversos trabalhos seus, em inúmeras publicações, como a *Ilustração Portuguesa*, e a *ABC*.

Em 1925, foi um dos artistas convidados, juntamente com Almada, Eduardo Malta e Bernardo Marques entre outros, a apresentar duas obras para a renovação do café *A Brasileira* do Chiado.

Caso inédito até à altura, este artista recebeu, por duas vezes, o *Prémio Columbano* nas *Exposições de Arte Moderna* do SPN/SNI, em 1935 e 1948. Recebeu ainda uma Primeira Medalha em pintura da SNBA.

Em 1937 foi vencedor de um Grande Prémio, na *Exposição Internacional de Paris*.<sup>369</sup>

Os anos mais frutíferos para este artista foram as décadas de 1920 e 1930, caindo, a partir desta altura, no esquecimento.

**Ao falecer deixou, inacabados, no seu atelier, quadros de vistas de Lisboa.**

Segundo Fernando Pamplona “*António Soares foi um dos intérpretes mais originais da magia de Lisboa, que na sua paleta, atinge a altura e a ressonância dum verdadeiro poema plástico (...)*”.<sup>370</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Além de colecções privadas, este artista encontra-se representado no MNAC, no CAM-JAP, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), no Palácio de S. Bento, no Paço Ducal de Vila Viçosa, no Palácio de Queluz e em numerosas colecções em Portugal e no estrangeiro.

---

<sup>369</sup> Em 1937, num clima de pré-guerra, teve lugar a grandiosa *Exposição Internacional de Paris*. Para este importante certame, António Ferro, Director do SPN, preparou uma representação portuguesa com pendor modernista. O Pavilhão português, projectado pelo Arquitecto Keil do Amaral (1910-1975) – neto materno do artista Alfredo Keil (1850-1907) presente no nosso *corpus* -, foi decorado por uma equipa de artistas portugueses que integrava - presentes no nosso *corpus* -, Fred Kradolfer, Bernardo Marques e Tom, tendo Carlos Botelho ficado com a responsabilidade do *design* expositivo.

<sup>370</sup> Cf. PAMPLONA, Fernando, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, Volume IV, Porto, Civilização Editora, 2000, p.220.





*Velha Lisboa ao entardecer*  
Óleo sobre tela, assinado e datado no verso de 1936  
Lote 214 – Leilão 151 de 23 de Setembro de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ARMANDO DE LUCENA (1886-1975)**

**Armando Figueiredo de Lucena nasceu em Sernancelhe, Viseu, a 23 de Setembro de 1886, e faleceu em Lisboa a 25 de Abril de 1975**

Armando de Lucena destacou-se como Pintor, Historiador de Arte, Cronista<sup>371</sup> e Professor na ESBAL entre 1952 e 1956.

Foi o autor do livro *Sequeira na Arte do seu Tempo*, sobre o pintor Domingos de Sequeira, com o qual recebeu o *Prémio José de Figueiredo*, atribuído pela SNBA.<sup>372</sup> Este artista destaca-se, assim, como um dos artistas que escreveu sobre arte no nosso país.<sup>373</sup>

Recebeu ainda, entre outros prémios, a Medalha de Ouro na *Exposição Ibero-Americana* de Sevilha, em 1929.

Segundo Jean-Pierre Blanchon “*É um bom pintor neo-impressionista (...). Pintou principalmente obras de pequenas dimensões o que prejudica a sua cotação (...).*”<sup>374</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no MNSR, no MGV e em diversos museus municipais.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia da Ajuda.**

<sup>371</sup> Durante vários anos este artista assinou, semanalmente, crónicas no jornal diário *Diário de Notícias*.

<sup>372</sup> Esta obra, profusamente ilustrada com inúmeras estampas, faz parte da bibliografia desta Dissertação.

<sup>373</sup> Para além da obra mencionada, vale a pena destacar ainda o livro *Pintores Portugueses do Romantismo*, de 1943.

<sup>374</sup> Cf. BLANCHON, Jean-Pierre, *op. cit.*, p.259.





*Lisboa – Rossio e Convento do Carmo*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1931  
Lote 196 – Leilão 159 de 2 de Junho de 2014  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ARNALDO DE ALMEIDA FIGUEIREDO (1914-1984)**

Foi um aguarelista de renome. Esteve presente em exposições nacionais e internacionais.

Foi galardoado com prémios da SNBA e com o Prémio Roque Gameiro.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

### **ARNALDO FERREIRA (1923-2000)**

**Arnaldo Benavente Ferreira nasceu em Lisboa em 1923 e faleceu em Lisboa no dia 15 de Novembro de 2000**

Frequentou o Curso Industrial e a Escola de António Arroyo. Foi desenhador de jóias, mas sobretudo, pintor.

Figura excêntrica, parece ser lenda mas, não se sabe exactamente o que aconteceu, o certo é que era conhecido em Lisboa pelo “eterno noivo”, devido a ter sido, supostamente, abandonado no altar. Esta circunstância perturbou de tal maneira o artista que, sempre irrepreensivelmente vestido, de fraque, como um noivo, sobressaltava os

clientes da Pastelaria Bénard, da Livraria Bertrand, os turistas e todos os transeuntes do Chiado com os seus gritos, falando muito alto, embora pacífico.<sup>375</sup>

Talvez por este motivo, **pintava sempre a Lisboa nocturna e vazia de gente**. Pintar nocturnos foi a sua forma de expressão e pintou cerca de dois mil quadros de Lisboa. Pintava uma cidade triste, as sombras e as realidades da Lisboa antiga: Alfama, Mouraria, Madragoa, Castelo, Bairro Alto, as zonas ribeirinhas. **As suas telas lembram as de Carlos Botelho, de noite.**

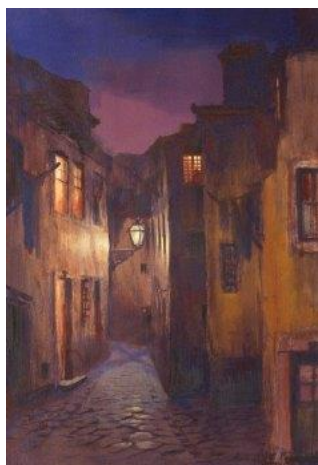
Em Outubro de 1974 esteve patente uma exposição com 21 trabalhos deste artista, no Palácio Foz, em Lisboa.

Através da Deliberação nº607/CM/2005, na Reunião nº132, de 21 de Setembro de 2005, da C.M.L., foi aprovada a concessão da Medalha de Ouro de Mérito Municipal – póstuma –, a este artista. Neste documento considera-se o artista como um dos maiores pintores do século XX, que dedicou toda a sua vida artística à cidade de Lisboa.

Durante a cronologia estudada apareceram **nove obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML e em colecções públicas e particulares, nacionais e estrangeiras.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na Alta de Lisboa, na freguesia do Lumiar.**



*Rua de Alfama*

Guache sobre papel, assinado e datado de 1957

Lote 269 – Leilão 104 de 9 de Março de 2009

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

---

<sup>375</sup> Podemos ter acesso a várias fotografias deste artista, subindo as ruas do Chiado, nas primeiras páginas que "abrem" o livro do fotógrafo Eduardo Gageiro *Lisboa no Cais das Memórias*, edição do autor de Novembro de 2004, pp.3-5.

## **ARTUR BUAL (1926-1999)**

### **Artur Bual nasceu em Lisboa em 1926 e faleceu em 1999**

Artur Bual foi pintor, escultor e ceramista. No entanto, é como pintor abstracto, gestualista, que a sua obra artística é mais reconhecida. O gestualismo<sup>376</sup> na pintura começou, em Portugal, em 1958, com este artista e foi na sua obra que atingiu a sua mais elevada expressão estética.

Bual aparece no meio artístico português na década de 1950, um tempo de intensa actividade criativa, em que a arte abstracta, até aí dispersa, passa a ser vista como uma vanguarda entre o Neo-Realismo e o Surrealismo.

Entre 1959 e 1960 obteve uma Bolsa de Estudos da FCG para Paris.

Em 1958 expôs no *I Salão Moderno* da SNBA.

Realizou diversas exposições, em Portugal e no estrangeiro. Em 1954 participou no *I Salão de Arte Abstracta*, em 1958 e no *I Salão Moderno da SNBA* aparece a sua primeira pintura gestual.

Executou diversos frescos em doze capelas no Alentejo e Ribatejo.

Segundo Pedro Simões, o percurso deste artista destaca-se no mercado leiloeiro nacional, visto que o volume de total de vendas de obras da sua autoria é um dos mais elevados.<sup>377</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado em diversas colecções, como a do Governo Regional dos Açores, de Câmaras Municipais, do Palácio de Justiça de Lisboa, do CAM-JAP, da FCM, do MMASC, entre outras.

---

<sup>376</sup> O *Gestualismo*, ou pintura gestual, surgiu em Nova Iorque, E.U.A. da década de 1940 e é uma forma de pintura onde se pode observar o gesto pictórico. Alguns artistas inventam escritas pessoais através de sinais gráficos ao longo do suporte. Esta corrente surgiu do Expressionismo abstracto, com o objectivo claro de libertação de cânones e esquemas prévios.

<sup>377</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.154.



*Alfama*

Óleo sobre tela, assinado

Lote 29 – Leilão 142 de 22 de Outubro de 2012

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **AUGUSTO GOMES MARTINS (1922-1994)**

**Augusto Gomes Martins nasceu em Setúbal a 6 de Março de 1922 e faleceu em Lisboa a 8 de Janeiro de 1994**

Por a sua obra e a sua vida estarem a ser esquecidas, como acontece frequentemente em Portugal, familiares e amigos criaram um *site* sobre este artista, que elucida quem o queira estudar.<sup>378</sup>

Assim, sabemos que cedo partiu de Setúbal para viajar e que foi cidadão de muitas culturas, passando longas temporadas no estrangeiro, a pintar, e a participar em inúmeras exposições.

Nas suas viagens conheceu galeristas, pintores e amigos de influências várias. Desenhava muito, foi paisagista de mérito, pintou retratos e caricaturas e experimentou, com sucesso, a abstracção.

Esteve patente uma exposição sua, individual, no Palácio Foz, em Lisboa, em Julho de 1972.

Apesar de ser hoje em dia um artista praticamente esquecido, em 2012, e para colmatar esta lacuna, foi apresentada, na Casa da Baía, em Setúbal, uma exposição dos trabalhos deste pintor. A recuperação da memória do artista tem sido levada a cabo por familiares, amigos e interessados na sua obra.

Os seus trabalhos ainda hoje são transaccionados com frequência no mercado nacional e internacional de arte.<sup>379</sup>

---

<sup>378</sup> Disponível em <http://www.gomesmartins.net/> consultado a 2 de Março de 2016.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

### **BERNARDO MARQUES (1898-1962)**

**Bernardo Loureiro Marques nasceu em Silves a 21 de Novembro de 1898 e faleceu em Lisboa a 28 de Setembro de 1962**

O artista chegou a Lisboa no ano de 1918 para estudar na Faculdade de Letras de Lisboa, que abandonou em 1921, nunca frequentando o ensino artístico. Assim, tal como Carlos Botelho, será, essencialmente, um autodidacta. Em contraponto a esta realidade, o artista beneficia das suas inúmeras viagens para a sua educação artística, bem como do convívio estreito com as maiores figuras da sua geração. Foi, na opinião de Emília Ferreira, “(...) *um dos mais notáveis autores da segunda geração dos modernistas portugueses.*”<sup>380</sup>

Bernardo Marques foi autor de uma obra vastíssima e multifacetada que lhe confere um lugar de destaque na arte portuguesa contemporânea. Iniciou a sua carreira como ilustrador, com desenhos humorísticos em jornais e revistas.

Em 1924 recebeu a sua primeira grande encomenda, uma obra para os painéis que haveriam de decorar o café *A Brasileira*, no Chiado, em Lisboa.

Dedicou-se à caricatura de Lisboa tendo sido desenhador permanente da revista *Ilustração Portuguesa*.<sup>381</sup> Nas décadas de 1920, 1930 e 1940, viaja para Berlim, Paris, Nova Iorque e S. Francisco, aceitando encomendas oficiais do SPN/SNI.

Em 1920 expõe colectivamente na *III Exposição dos Humoristas Portugueses* e em 1921 participa no *I Salão dos Independentes*, na SNBA.

Em 1940 integra a equipa de decoradores da *Exposição do Mundo Português*. Na década de 1950 volta ao Desenho e participa em várias mostras colectivas onde lhe são atribuídos diversos prémios. **Contemporâneo da segunda geração modernista, participou activamente na difusão do gosto moderno.**

Pintor por excelência, ilustrador, publicitário, decorador, cenógrafo, figurinista e gráfico. Estando-lhe interdita a pintura a óleo, por alergia aos materiais, **foi, acima de tudo, um grande desenhador e Lisboa tem, na sua obra, um lugar privilegiado.** Nas suas paisagens e desenhos da capital acentua-se a mundanidade do dia-a-dia.

---

<sup>379</sup> Numa consulta ao *site* norte-americano, criado em 1989, especializado em mercado de arte e leilões <http://www.invaluable.com/auction-lot/augusto-gomes-martins-portuguese>, encontramos mais de uma dezena de obras deste artista que foram recentemente a leilão. Consultado a 31 de Março de 2016.

<sup>380</sup> *In Centro de Arte Moderna* José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.40.

<sup>381</sup> A *Ilustração Portuguesa* foi uma revista semanal editada pelo jornal *O Século*, cuja publicação se iniciou em 1903, terminando em 1924.

A sua vasta obra descreve-o como um dos mais admiráveis artistas da sua geração.

Durante a cronologia estudada apareceram **sete obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no CAM-JAP, no MNR, e no Museu Maria da Fontinha (Castro Daire).

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, no bairro *Alta de Lisboa*, na freguesia do Lumiar.**



*Lisboa e o Tejo*

Aguarela e guache sobre papel, assinada  
Lote 263 – Leilão 130 de 26 de Setembro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **D. CARLOS I (1863-1908), Rei de Portugal (1889-1908)**

**Carlos Fernando Luís Maria Vítor Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis José Simão de Bragança Sabóia Bourbon e Saxe-Coburgo-Gotha nasceu no Palácio da Ajuda, em Lisboa, no dia 28 de Setembro de 1863 e faleceu no Terreiro do Paço, em Lisboa, no dia 1 de Fevereiro de 1908**

Filho da Rainha consorte Maria Pia de Sabóia (1847-1911) e do Rei D. Luís I de Portugal (1838-1889), foi o penúltimo Rei do nosso país.

O Príncipe recebeu, desde muito cedo, a cuidada educação reservada aos sucessores reais. Era dotado de uma extraordinária sensibilidade artística, o que o levou a dedicar-se a um conjunto diferenciado de actividades, destacando-se a Arte, a Fotografia e a Oceanografia.

O seu primeiro mestre natural foi o seu avô, o Rei consorte viúvo, D. Fernando II de Saxe-Coburgo-Gotha (1816-1885), que, apercebendo-se do seu talento, incentivou o Rei D. Luís I (1838-1889) a encontrar-lhe bons professores, entre eles o aguarelista espanhol Enrique Casanova (1850-1913) – presente no nosso *corpus* -, Mestre da Casa

Real, de quem foi discípulo. Ainda jovem, viajou por diversas cortes europeias, alargando horizontes e privando com os maiores artistas da época. Participou nas exposições internacionais de Paris, de Barcelona e St. Louis, e obteve diversos prémios, nacionais e internacionais.

Foi um pintor de talento, com grande capacidade expressiva e técnica apurada, nomeadamente a aguarela, foi, aliás, **um dos melhores aguarelistas do seu tempo**. No entanto, também desenhou e pintou a óleo e a pastel. Demonstrou uma sensibilidade especial para temáticas de natureza e marinhas, outra das suas paixões. As suas composições têm características que o aproximam dos naturalistas.

Segundo Maria de Lourdes Bártholo, o Rei-artista detinha uma óbvia qualidade no domínio da técnica do desenho e da aguarela e pastel, que reforçam a sua posição no mercado de arte. Esta Conservadora ainda nos esclarece, na mesma obra, que a aguarela, com os devidos cuidados, pode ter um tempo de vida longo e todas as obras do Rei-artista encontram comprador, o que é demonstrativo do interesse que continua a suscitar no mercado de arte.<sup>382</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no Palácio Nacional da Ajuda, no Palácio Nacional da Pena, no Museu do Mar Rei D. Carlos I (Cascais), no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), na SNBA, na CMAG, na Colecção dos Herdeiros de Eça de Queirós e outras colecções particulares. Obras suas podem ser encontradas em diversas colecções particulares, tendo tido, algumas delas, destinos internacionais.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao Rei-artista através da atribuição do seu nome a uma Avenida, na freguesia de Santa Catarina.**

---

<sup>382</sup> Cf. BÁRTHOLO, Maria de Lourdes, *A Obra Artística de El-Rei D. Carlos*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1963, p-54. Maria de Lourdes Bártholo (n.1924) foi Directora do MNAC entre 1970 e 1987.



*Varina, Vistas de Lisboa e do Rio Tejo, Palácio da Vila - Cintra*  
 Quatro aguarelas sobre papel, pequenas manchas de humidade, a Varina assinada e datada de Agosto de 1894, as restantes assinadas e datadas de Maio de 1878  
 Lote 167 – Leilão 170 de 6 de Julho de 2015  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **CARLOS BOTELHO (1899-1982)**

**Carlos António Teixeira Basto Nunes Botelho nasceu em Lisboa no dia 18 de Setembro de 1899 e faleceu em Lisboa a 18 de Agosto de 1982**

Este artista foi ilustrador, desenhador, cartazista, ceramista, decorador, autor de banda desenhada, caricaturista e pintor e uma **referência do Modernismo** em Portugal. Colaborou, ainda, como Director de Cena da *Companhia de bailado Verde Gaio*, para além de ter sido um músico (violinista) notável.

Filho único, tem uma infância solitária, no seio de um meio familiar de arte onde se cultiva, nomeadamente, a música. Ingressa no Liceu Pedro Nunes onde, para além de fazer grandes amizades, as suas invulgares capacidades a nível de expressão gráfica deram nas vistas, e criaram alguma reputação entre colegas e professores. Em 1918 é mesmo convidado pelo Reitor a realizar uma exposição na Sala da Reitoria.

Depois do liceu, em 1919, matriculou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa, onde só esteve dois anos. Desta breve passagem recorda, sobretudo, as aulas de desenho do Mestre Ernesto Condeixa (1858-1933). Para colmatar as carências resultantes desta formação incompleta, segue um percurso de autodidacta, no que respeita à arte, Botelho não teve praticamente professores.

Como quase todos os artistas da **segunda geração dos modernistas**, é nos campos da caricatura e da ilustração que desenvolve a sua obra inicial, e encontra mercado.



Juntamente com um grupo de jovens, contribui, a partir da década de 1920 para a renovação das linguagens nas artes gráficas em Portugal. Com vários primeiros prémios ganhos em concursos de cartaz, participa activamente na implantação da banda desenhada, com notáveis contribuições para o *ABCzinho*<sup>383</sup> e o semanário *Sempre Fixe*<sup>384</sup>, contribuindo com desenhos e caricaturas, constrói, enquanto gráfico e enquanto humorista, notáveis crónicas sociais e uma reputação sólida entre os seus pares.

Em 1929 parte pela primeira vez para Paris, de onde regressa com uma motivação para retomar a pintura, o meio de expressão apropriado para exprimir os seus sentimentos, construindo uma carreira sólida como artista, e como pintor, baseada no trabalho árduo, dedicado, constante e metódico.

Em Paris frequenta várias academias livres, nomeadamente a *Académie de la Grande Chaumière* - fundada em 1902 e que ainda existe com o mesmo espírito -, visita exposições e museus e convive com dezenas de artistas.

Em 1930 tem um *atelier* na Costa do Castelo, fixando-se assim no coração de Lisboa onde, até 1949, irá beneficiar de condições únicas para um manancial de temas que vão aparecer nas suas obras, nomeadamente a própria cidade, aliás, o bairro do Castelo e zonas circundantes, irá ser pintado por si, sem jamais esgotar este tema em particular.

Em 1930 está presente no *I Salão dos Independentes*, em Lisboa, em 1931 expõe no *II Salão dos Independentes*, na SNBA, em Lisboa, em 1932 tem lugar a sua primeira exposição individual, no Salão *Bobone*<sup>385</sup>, em Lisboa, apresentando cerca de cinquenta pinturas e desenhos. Alguns destes quadros irão ser especialmente notados pela crítica, neste ano expõe também no *I Salão de Inverno* da SNBA, em Lisboa.

Em 1933 participou, como assistente de realização, no filme português *A Canção de Lisboa*, do Arquitecto e Cineasta Cottinelli Telmo (1897-1948).

Em 1935 encontra-se em Itália, onde se dedicou ao estudo da pintura a fresco (pintura mural).

É autor de pinturas murais no Museu de Arte Popular, em Lisboa, e em outros edifícios públicos.

Em 1938 está patente, no salão de *O Século*, uma exposição individual sua que, pela maneira como foi saudada pela crítica, e pelas aquisições do Estado português, corresponde a um triunfo, não só para o artista, como para a arte moderna, pois os seus êxitos reflectem-se naquele movimento artístico em particular.

---

<sup>383</sup> Revista infanto-juvenil lisboeta, publicada entre 1921 e 1932, para a qual colabora até 1929.

<sup>384</sup> Semanário humorístico lisboeta, publicado desde 1926 até 1961 onde Botelho elabora semanalmente uma página de crónica e de crítica social intitulada “*Ecos da semana*”, que iniciou a partir do nº104, em 1928, e manteve durante 22 anos.

<sup>385</sup> O Salão *Bobone*, ou Galeria *Bobone*, foi um espaço de exposições, em Lisboa, pertencente ao fotógrafo Auguste Bobone (1825-1910), onde se realizaram inúmeras exposições nas primeiras décadas do século XX.

A viagem a Nova Iorque, em 1939, por ocasião da *Exposição Internacional*, junto com os companheiros da delegação portuguesa, permite-lhe registar a inauguração do MOMA (Museum of Modern Art), e a influência que traz para a sua obra de toda a envolvimento de uma grande cidade, que o fascinou.

**A partir da década de 1940 o seu assunto preferencial é já a cidade de Lisboa**, de cuja paisagem torna, progressivamente ausente, a figura humana. Para Emília Ferreira “(...) *Lisboa afirma-se como motivo poético e dinâmico por excelência, espaço pictórico que, assim, se torna revelação íntima do olhar do pintor.*”<sup>386</sup>

Participou na decoração da *Exposição do Mundo Português*<sup>387</sup>, em 1940 e é agraciado com o *Prémio Columbano*.

Segundo Raquel Henriques da Silva, nos anos em que a propaganda urbano-realista do SPN de António Ferro estimulava o fabrico de imagens de Lisboa, utilizando os velhos bairros como iconografia turística, a pintura de Botelho foi um marco.<sup>388</sup>

É da sua autoria um dos painéis de azulejos, de 1958, da Avenida Infante Santo, em Lisboa que, na opinião de Tiago Borges Lourenço, “*reporta essencialmente para uma Lisboa idealizada cujos únicos perfis definíveis são os da Casa dos Bicos e do Tejo.*”<sup>389</sup>

A sua obra pictórica é marcada, no início, pelo expressionismo, passando sucessivamente para o paisagismo, abstracionismo evocativo, para voltar ao paisagismo.

Impressionou-o fortemente uma retrospectiva do pintor holandês Vincent van Gogh (1853-1890) que viu em Paris, em 1937, que deu, mais tarde origem ao movimento expressionista da sua obra, nomeadamente nos retratos de família.

**A partir da década de 1940 adquire celebridade pelas suas paisagens urbanas, em especial de Lisboa, com os seus quadros a tornarem-se verdadeiros ícones do imaginário lisboeta.**

Em 1949 sai do seu *atelier* da Costa do Castelo e vai habitar o novo espaço no Buzano, na Parede. Começa então a pintar Lisboa de memória, evocando o que pintou *in loco* durante vinte anos.

Na parte final da publicação, dedicada aos leilões da semana, assim se referia à venda de dois quadros do artista, autor não identificado: “(...) *casario vetusto, telhados e ruas, colorido e geometria proclamando a beleza de Lisboa, essa incorrigível “coquete” que nos fascina, tudo isso captou Botelho no par de pinturas apresentadas a leilão, que*

---

<sup>386</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.25.

<sup>387</sup> Exposição realizada em Lisboa, entre 23 de Junho e 2 de Dezembro de 1940, com o intuito de celebrar o centenário da Fundação (1140) e da Restauração da nacionalidade (1640).

<sup>388</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, *Sinais de ruptura: «Livres» e Humoristas*, in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa*, Volume III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p.389.

<sup>389</sup> In revista digital rossio: estudos de Lisboa, nº5, 2015, GEO/CML, p.251.

*comprovam as quantias despendidas, 1400 e 1800 contos, que existem muitos admiradores do género.*”<sup>390</sup>

Continuará a pintar as vistas e recantos da capital captando as cores e a singular luz da cidade para a tela, esta combinação alcançou grande sucesso comercial, mantendo o seu prestígio até à data da sua morte, em 1982, e depois. As suas paisagens de Lisboa são aquelas com maior consideração comercial, realidade que, aliás, tivemos oportunidade de testemunhar aquando dos leilões da CML a que assistimos, bem como ao facto de as suas obras serem, de uma maneira geral, muito disputadas, não só em sala, como via telefone.

Alcançou inúmeros prémios, dos quais destacamos, em 1937 o *Grand-Prix* na *Exposição Internacional de Paris*, e em 1939 o 1º Prémio da *Exposição Internacional de Arte Contemporânea*, em S. Francisco, EUA, prémio que obteve grande repercussão a nível global.

A lista de presenças suas em exposições, individuais e colectivas é vasta, assim como os prémios obtidos nas mesmas, como tal, destacamos várias presenças nas Bienais de São Paulo e Veneza, os Salões Internacionais de Helsínquia, Finlândia, e Lugano, Suíça, entre inúmeras exposições em Portugal.

Embora tenha pintado outras cidades, em Portugal, e no estrangeiro, **Carlos Botelho é, talvez, o pintor português com a obra mais ligada à cidade de Lisboa.**

**Pela sua importância no modernismo em Portugal ao nível das artes plásticas, e pela imortalização da cidade na sua pintura, a Câmara Municipal de Lisboa atribui, desde 1989, o *Prémio Municipal Carlos Botelho*, para a melhor pintura sobre a capital.**

Este artista foi, dos artistas da sua geração, dos que maior sucesso alcançou e melhor vendeu a sua obra, ainda em vida.

Carlos Botelho teve um inédito sucesso internacional - foi, na sua geração, o pintor que mais vendeu no estrangeiro -, e tem colecionadores muito fiéis em Portugal.

Este artista trabalhou sempre, e incansavelmente, produzindo uma vasta obra, multifacetada e muito interessante, de uma beleza especial, e de rara sensibilidade, de excepcional aceitação por parte do público, deixando, à data da sua morte, uma última tela representando Lisboa.

Para Jean-Pierre Blanchon, o período de crise não afectou este artista, que continuou com níveis coerentes com os do passado, afirma mesmo que é a prova de que os grandes nomes estão menos submetidos às flutuações de mercado.<sup>391</sup>

---

<sup>390</sup> In Revista *Artes & Leilões*, nº5, Ano 1, Julho/Setembro 1990, p. 71.

<sup>391</sup> CF. BLANCHON, Jean-Pierre, *op. cit.*, p.79.

Durante a cronologia estudada apareceram **trinta e quatro** obras suas com iconografia olisiponense, para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no CAM-JAP, no CAMB, no MNR, no MMAB, na FCM, no MNSR, na Casa-Museu Medeiros e Almeida, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil, no Museu de S. Francisco, EUA e em inúmeras colecções, nacionais e estrangeiras, privadas e institucionais, das quais se destaca a colecção da família de António Ferro, como exemplo.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia do Beato.**



*Lisboa e o Tejo*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1969  
Lote 145 – Leilão 171 de 21 de Setembro de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Vista de Lisboa com Rio Tejo*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1950  
Lote 187 – Leilão 146 de 4 de Abril de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Tipo de Lisboa - Varina*

Óleo sobre platex, assinado e datado de 1953  
Lote 170 – Leilão 71 de 4 de Abril de 2005  
© [ARQUIVO DA CML](#)

## CARLOS CARREIRO (n. 1947)

### **Carlos Carreiro nasceu em Ponta Delgada, S. Miguel, Açores, em 1947**

Frequentou a Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde terminou o Curso de Pintura em 1972 e exerce funções de docente. Durante o Curso são-lhe atribuídos cinco prémios.

Estreou-se a expor, enquanto estudante, em 1967. Em 1978 foi bolseiro da FCG. A sua pintura tem uma tendência irónica e crítica, quase violenta, mas apresenta igualmente características muito particulares, que escapam à vulgaridade.

Os seus temas estão muito ligados ao contexto nacional português. Na sua pintura, fala sobretudo de uma sociedade que aprecia o artificial. A sua figuração narrativa reutiliza técnicas ilustrativas, gosta de utilizar o exagero caricatural.

O crítico de arte Fernando Pernes (1936-2010) descreve-o como “ (...) *Jeronimus Bosch na sociedade de consumo! Eis a definição imediata conveniente para a pintura de Carlos Carreiro (...) o essencial destas imagens onde ressurge a denúncia das mitologias (...) um universo onírico (...) um fundo ancestral de fabulários, de duendes ou de anjos, subjacente a tais mitologias.*”<sup>392</sup>

Ao longo da sua vida profissional, Carlos Carreiro tem participado, para além de exposições individuais, em mais de trezentas exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no CAM-JAP, na Assembleia Regional dos Açores, na Horta, no Museu Carlos Machado em Ponta Delgada e em diversas colecções particulares e institucionais.



*Super Minhocas e a Casa dos Bicos*  
Técnica mista sobre papel, assinada e datada de 2004  
Lote 489 – Leilão 167 de 30 de Março de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>392</sup> CF. PERNES, Fernando, in *Catálogo Carlos Carreiro Retrospectiva*, Museu de Angra do Heroísmo/SREC, 1991, p.7.

## **CARLOS LUZ (n. 1951)**

### **José Carlos de Sousa Vieira da Luz nasceu na Madeira, em 1951**

Demonstrou desde muito cedo a sua inclinação para o desenho e a pintura, a qual viria a confirmar-se como aluno da Escola Industrial do Funchal.

Começou pelo desenho a carvão, depois o desenho a lápis de cor, passando para a pintura a óleo. Passados quinze anos iniciou-se na aguarela e acrílicos.

Em 1976 expôs pela primeira vez colectivamente, e não mais parou de participar em exposições. Em 1977 deixou a Madeira e veio para o continente, fixando-se em Alcoutim, Algarve.

Durante a cronologia estudada apareceram **quatro obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.



*Sem título (Rua Augusta- Lisboa)*

Aguarela sobre papel, assinada e datada de Lisboa 1988

Lote 391 – Leilão 173 de 16 de Novembro de 2015

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **CARLOS PINTO RAMOS (1910-1983)**

### **Carlos Pinto Ramos nasceu em Lisboa em 1910 e faleceu em 1983**

Estudou em Lisboa e foi um aguarelista, discípulo de Roque Gameiro.

Este artista expôs com frequência em Lisboa, nomeadamente na SNBA, e no Porto.

Recebeu, em 1943, o *Prémio Roque Gameiro* (Aguarela) e em 1929 o Primeiro Prémio da SNBA. Trabalhos deste artista, na sua maioria aguarelas, circulam com relativa frequência no mercado de arte.

Durante a cronologia estudada apareceram **cinco obras suas** com iconografia lisiponense, para leilão, na CML.

Está representado no MNSR e em vários museus municipais.



*Castelo de S. Jorge*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1947  
Lote 195 – Leilão 136 de 5 de Março de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **CARLOS PORFÍRIO (1895-1970)**

**Carlos Filipe Porfírio nasceu em Faro, a 29 de Março de 1895 e faleceu em Faro, a 25 de Novembro de 1970**

Foi um artista eclético, para além da pintura, foi um cineasta, museólogo e etnólogo. Dedicou-se ainda a apoiar a vida teatral e decorar interiores.

Filho do pintor José Filipe Porfírio, como tantos outros artistas da sua geração, o Curso de Belas-Artes no qual se matriculou em 1914 e onde será discípulo de Luciano Freire e de Ernesto Condeixa, não o satisfaz, por ser demasiadamente academizante, e parte para Paris, em busca de uma formação mais livre e em consonância com o seu espírito, **aderindo ao movimento futurista** que se vivia no seio das artes na capital francesa desde os finais da primeira década do século XX. Toda a sua obra, aliás, revela uma grande influência futurista, fruto dos contactos que manteve com as figuras mais ilustres deste movimento.

De volta a Portugal, adere, muito naturalmente, ao grupo pioneiro do futurismo em Portugal – a chamada *Geração d'Orpheu*<sup>393</sup> – de que faziam parte, entre outros, Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor, bem como Fernando Pessoa. Assumiu a direcção do único exemplar da Revista *Portugal Futurista*, em 1917.

Ainda em 1917 participa na sua primeira exposição colectiva. Realiza a sua primeira exposição individual em 1923, em Lisboa, onde obtém assinalável êxito, despertando o interesse nos meios sociais e estéticos da capital. Segue para Paris, onde vai viver uma temporada, só regressando a Portugal em 1939. Percorreu o mundo, permanecendo longos períodos em Espanha e França, onde frequentou centros artísticos e meios intelectuais, e expõe os seus trabalhos, individual e colectivamente.

---

<sup>393</sup> Designa-se por *Geração d'Orpheu* o grupo responsável pela introdução do Modernismo nas Artes e Letras portuguesas. Criaram, em 1915, uma revista literária, trimestral, denominada *Orpheu*, que, por razões da controvérsia que criou, e por dificuldades financeiras, não foi além filho de dois números.



Este artista expôs em alguns Salões da SNBA.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Criou, em 1962, o Museu Etnográfico de Faro, do qual foi Director, e onde está representada parte da sua obra como pintor. Este artista encontra-se ainda largamente representado na Colecção Agostinho Fernandes (1886-1972).



*Velha Lisboa*

Óleo sobre papel colado em cartão assinado

Lote 162 – Leilão 50 de 25 de Junho de 2001

© [ARQUIVO DA CML](#)

### **CARLOS REIS (1863-1940)**

**Carlos António Rodrigues dos Reis nasceu em Torres Novas a 21 de Fevereiro de 1863 e faleceu em Coimbra a 21 de Agosto de 1940**

Carlos Reis é pai do pintor João Reis (1899-1982) – presente no nosso *corpus* – de quem foi professor na Escola de Belas-Artes de Lisboa.

O artista pintou retratos da família real e de nobres, seus contemporâneos, bem como cenas da vida portuguesa, pintando a *portugalidade* rústica e provinciana. Pertenceu à **Segunda Geração de Naturalistas**.

Carlos Reis teve a oportunidade de estudar pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa graças à generosidade do Rei D. Carlos I. Este monarca, ele próprio um artista – presente no nosso *corpus* -, proporcionou-lhe os estudos artísticos, para evitar que o seu talento fosse desperdiçado.

Num pormenor que consideramos relevante, Isabel Silveira Godinho afirma que D. Carlos e o Mestre Carlos Reis nasceram no mesmo ano, ambos com talento e vocação



para a pintura e fizeram um “pacto de amizade” que durou toda a vida e nos deixou, na pintura, uma obra cheia de qualidade e reconhecida por todos.<sup>394</sup>

Em 1900 tomou parte na *Exposição Internacional de Paris*, que se organizou para comemorar a passagem do século.

O artista expôs com muita regularidade, em Portugal e no estrangeiro, recebendo diversos prémios, nacionais e internacionais em países como Espanha, Argentina, França e Brasil.

Em 1901 foi um dos membros fundadores da SNBA, foi um dos seus Directores (1907-1909) e participou em inúmeras das suas exposições de pintura.

Morou em Lisboa, no Solar da Quinta dos lagares d’El Rei e pintou esta residência, sendo que é essa a obra de arte que apareceu para ser leiloadada na CML, fazendo parte integrante do nosso *corpus*.

Em 1937 foi fundado o Museu Municipal de Torres Novas, que recebeu o nome deste artista.<sup>395</sup>

Esta instituição tem patente no seu espaço expositivo, permanentemente, talvez o mais completo núcleo museológico do país sobre a pintura deste artista, apesar de constituir apenas uma ínfima parte da obra total do pintor.

Este artista esteve envolvido no projecto inicial da pinacoteca que viria a ser o MNAC, e foi o seu primeiro Director, entre 1911 e 1914.

Em 1965 Dulce Mata afirmava que: “*O Museu Nacional de Arte Contemporânea foi imaginado e posto a funcionar em 1911 e deve-se a Mestre Carlos Reis.*”<sup>396</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado, entre outros, no MNAC, na Colecção da FCG, no Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas), no Museu Municipal de Torres Novas, no MGV, no Museu Militar, no Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz), no MNSR, na Fundação Eça de Queiroz (Tormes, Baião), no Palácio de São Bento, na Colecção da Fundação da Casa de Bragança, na Colecção da Assembleia da República, no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Brasil, e no Museu de Belas Artes de Barcelona, Espanha.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima.**

---

<sup>394</sup> Cf. Isabel Silveira Godinho in CARLOS REIS, Lisboa, ACD Edições, 2006, p.6.

<sup>395</sup> Disponível em <http://www.museu.cm-torresnovas.pt>, consultado a 9 de Abril de 2016.

<sup>396</sup> Cf. *Museu Nacional de Arte Contemporânea - Um Século de Pintura e Escultura Portuguesas*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Superior das Belas-Artes, 1965, p.7.



*Lisboa – Quinta dos Lagares d’El-Rei*  
Óleo sobre madeira, restauros, assinado  
Lote 134 – Leilão 171 de 21 de Setembro de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO (1857-1929)**

**Columbano Augusto Bordallo Protes Pinheiro nasceu, casualmente, em Cacilhas a 21 de Novembro de 1857 e faleceu em Lisboa a 6 de Novembro de 1929**

Este autor foi o penúltimo de uma extensa família de doze irmãos, um deles o artista Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905).

Iniciou a sua formação na Academia de Belas Artes de Lisboa, onde concluiu o Curso de Pintura em 1876. Nesta instituição, foi aluno de alguns dos mais relevantes artistas da geração romântica, como Tomás d’Anunciação (1821-1879) e Miguel Lupi (1826-1883).

Como tantos outros pintores, este artista cultivou, episodicamente, a escultura e a cerâmica. Ingressou no **Grupo do Leão** em inícios de 1883, depois de ter regressado de Paris, onde estudou entre 1881 e 1883 a expensas de uma bolsa de estudos concedida pela Condessa de Edla (1836-1929).

Em 1900 concorre à *Exposição Universal de Paris*, onde alcança sucesso, ganhando a Medalha de Ouro. Expôs com êxito em Portugal e no estrangeiro.

A obra pela qual está presente no nosso *corpus* representa as *Tágides*, figuras míticas que habitam o Rio Tejo – à semelhança das nereidas da mitologia greco-romana que habitam os mares e os rios -, e que “inspiraram” o poeta Luiz Vaz de Camões (c.1524-c.1580) para a realização da sua obra épica *Os Lusíadas* (publicado pela primeira vez em Lisboa em 1572). Figuras identificadas com o Rio Tejo fazem parte, na nossa opinião, da iconografia de Lisboa. Tanto mais que a armada de Vasco da Gama (c.1460-1524) - protagonista maior de *os Lusíadas* -, partiu, em 1497, da praia da Torre de Belém, banhada pelo Rio Tejo, em Lisboa.

Em 1901 iniciou a sua carreira de docente na EBAL, com a regência da cadeira de Pintura Histórica.

Foi – depois de Carlos Reis – o segundo Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, entre 1914-1929.

Destacou-se como pintor de naturezas-mortas, cenas de costumes e foi um notável retratista.<sup>397</sup> Deste artista disse Pedro Lapa: “(...) *foi o maior artista português do século XIX e a sua obra continua a interpelar o nosso olhar sobre as possibilidades de um tempo a que remonta: o início da modernidade.*”<sup>398</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAA, no MNAC<sup>399</sup>, na CMAG, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), no MGV, no Museu das Artes de Sintra, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), na CMAG, no Palácio Nacional da Pena, na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça (Alpiarça), na Assembleia da República, no Teatro D. Maria II, no Palácio Foz, no Palácio de Belém, no Palacete do *Beau-Séjour*, na Casa-Estúdio Carlos Relvas (Golegã), no Museu Rafael Bordalo Pinheiro, na Colecção do Musée d’Orsay (Paris), e em inúmeras coleções particulares e institucionais como a da Câmara Municipal do Porto.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Avenida, na freguesia de São Domingos de Benfica.**



*Tágides*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1903  
Lote 132 – Leilão 96 de 14 de Abril de 2007  
© ARQUIVO DA CML

<sup>397</sup> Para um melhor conhecimento da obra pictórica deste artista veja-se o catálogo da exposição organizada por ocasião do centenário da sua morte – SILVEIRA, Maria de Aires, ÁVILA, Maria Jesus, LAPA, Pedro (org.), *Columbano Bordalo Pinheiro. 1874-1900*, Lisboa, IPM/MNAC, 2007 (Catálogo da Exposição *Columbano Bordalo Pinheiro. 1874-1900* que esteve patente no Museu do Chiado, de 16 de Fevereiro a 27 de Maio de 2007).

<sup>398</sup> Cf. LAPA, Pedro, in Catálogo da Exposição *Columbano Bordalo Pinheiro 1874-1900*, LAPA, Pedro (org.), Lisboa, MNAC, 2007, p.6. Pedro Lapa foi o Curador desta Exposição e era, à data, Director do MNAC.

<sup>399</sup> Para além do conhecido óleo *O Grupo do Leão*, de 1885 (inv. 1524), em destaque nesta instituição, o MNAC possui um acervo muito considerável de obras deste artista.

## CONSTANTINO FERNANDES (1878-1920)

**Constantino Álvaro Sobral Fernandes nasceu em Lisboa a 29 de Setembro de 1878 e faleceu em Lisboa a 21 de Junho de 1920**

Este artista destacou-se na pintura, nomeadamente de cenas históricas, foi exímio retratista – deixou uma vasta galeria de retratos pintados por si –, e ainda se dedicou à técnica da água-forte.

Além de artista plástico distinguiu-se como cientista e matemático, produzindo trabalhos notáveis neste campo.

Foi aluno premiado do Curso Geral de Desenho, que frequentou entre 1892 e 1895, e do Curso de Pintura Histórica, que frequentou entre 1895 e 1899, da Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo de Veloso Salgado (1864-1945).

Uma vez concluída a sua formação de base, candidatou-se a um lugar de pensionista do Estado, contudo, por falta de vagas, a sua candidatura não foi aceite. Mais tarde, já na Escola de Belas-Artes do Porto, concorreu novamente ao pensionato estatal, na classe de Pintura Histórica (1901-1902), ficando classificado em primeiro lugar.

Como pensionista, estudou em Paris em várias instituições de ensino como a *École des Beaux Arts* e a *Académie Julien*, e foi admitido no *Salon de la Société des Artistes Français*, em 1903. Viajou ainda para Itália, Holanda e Madrid, executando cópias dos grandes mestres da pintura europeia que encontrava nos respectivos museus.

Regressou a Lisboa em Maio de 1906. Participou na exposição do *Grémio Artístico* em Lisboa em 1899, onde ganhou uma 2ª Medalha, e na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro, Brasil, em 1908. Expôs ainda na SNBA nos anos de 1901, 1902, 1913, 1915, 1918 e 1920.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no MNAC, na colecção da C.M.L., na SNBA, no MNSR, no Museu do Fado<sup>400</sup>, na Casa-Museu Teixeira Lopes, (Vila Nova de Gaia), na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça (Alpiarça)<sup>401</sup>, e em várias colecções particulares.

---

<sup>400</sup> Neste Museu encontra-se, deste artista, em depósito, o tríptico *o marinheiro*, óleo sobre tela, de 1913, o qual, embora integrado no circuito expositivo desta instituição, pertence ao acervo do MNAC (inv.173), e em que podemos observar vários marinheiros em contexto citadino, muito provavelmente lisboeta. Para este esclarecimento agradecemos a generosa colaboração de Ricardo Bóia, do Museu do Fado.

<sup>401</sup> Nesta Casa-Museu encontra-se, no escritório de José Relvas, a sua pintura favorita, a tela da autoria de Constantino Fernandes *Abandonadas*, de 1909 (inv.CP-MA 85.88), que ocupa um lugar especial na colecção dos Patudos e foi recentemente restaurada. Nesta obra, a cena desenrola-se no bairro de Alcântara, em Lisboa. Informações amavelmente prestadas pelo Curador da Casa-Museu, Doutor Nuno Prates, que muito agradecemos.



*Vale de Alcântara com Palácio das Necessidades*  
Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1915  
Lote 214 – Leilão 103 de 9 de Fevereiro de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **COSTA PINHEIRO (1932-2015)**

**António Agostinho Costa Pinheiro nasceu em Moura a 6 de Junho de 1932 e faleceu em Munique, Alemanha, a 9 de Outubro de 2015**

O percurso deste artista plástico que se dedicou à Pintura, Desenho, Gravura e Ilustração, tendo-se ainda dedicado à escrita – falecido durante a elaboração desta Dissertação –, dividiu-se entre Portugal e a Alemanha, onde a sua obra foi reconhecida por artistas, comissários e galeristas, e premiada por diversas vezes.

Este artista **foi um pioneiro de várias tendências da arte contemporânea.**

Iniciou a sua aprendizagem artística na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, como vários dos maiores artistas portugueses, seguindo-se a Escola Superior de Belas-Artes, em Lisboa, onde desenvolveu a sua aprendizagem em ilustração e pintura. Frequentou, posteriormente, a Academia de Belas-Artes de Munique, Alemanha, onde estudou gravura.

Trabalhou como ilustrador a partir da década de 1950 – entre outros trabalhos, ilustrou livros – e expôs, individualmente, pela primeira vez, em 1956, em Lisboa, na *Galeria Pórtico*, tendo partido no ano seguinte para a Alemanha. Em Munique, expôs com René Bértholo (1935-2005) e Lourdes Castro (n.1930), entre outros.

De regresso a Lisboa, em 1958, recebe uma bolsa da FCG e parte para Paris, onde irá conviver com a maior parte dos artistas portugueses que se encontravam nesta cidade, entre eles Vieira da Silva e seu marido. Neste mesmo ano expôs na SNBA, em Lisboa.

Durante a sua estadia em Paris, foi um dos fundadores do **grupo KWY** (três letras que, na altura, não faziam parte do alfabeto português), grupo de artistas – entre eles René Bértholo, Lourdes de Castro e José Escada – que se reuniu em torno de uma revista,

com o mesmo nome, publicada em Paris, entre 1958 e 1964 e que produziu doze números. A primeira exposição deste grupo realizou-se na SNBA, em 1960.

A partir da década de 1950, este grupo de amigos artistas foi responsável pela abertura da arte portuguesa ao contexto internacional e pela adesão a novas linguagens. Por esta altura, parte para Munique, passando a viver entre esta cidade e estadias em Paris.

Em Maio de 2015, a Fundação de Serralves inaugurou a Exposição *Um Realismo Cosmopolita: O Grupo KWY na colecção de Serralves*.

Ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990 expõe inúmeras vezes em Portugal, no CAM-JAP, em Serralves e em outros espaços e no estrangeiro.

Recebeu, entre muitos outros – e só referindo prémios nacionais –, em 1980 o Prémio de Gravura da *II Bienal de Vila Nova de Cerveira*, em 1982 o Prémio Nacional de Pintura AICA/SEC e em 2001 o *Grande Prémio Amadeo de Souza-Cardoso*, em Amarante.

Na colecção do CAM-JAP existe uma pintura, *Fernando Pessoa-Heterónimo*, de 1978, em que o artista, ao representar-se como se fosse aquele poeta, encarna uma realidade que não é a sua, remetendo para uma personalidade marcante para toda a poesia e sociedade em geral.<sup>402</sup>

Deste artista disse Bernardo Pinto de Almeida (n.1954), um estudioso da sua obra: “A obra de Costa Pinheiro ocupa, no contexto da arte portuguesa (i.e. da arte feita por artistas portugueses) da segunda metade do século XX, um lugar absolutamente singular, cuja devida inscrição permanece infelizmente por fazer, com prejuízo de todos (...)”.<sup>403</sup>

Este artista desenvolveu o seu percurso artístico de mais de cinco décadas como um pioneiro de várias tendências da arte contemporânea.

Na Rede do Metropolitano de Lisboa, a estação *Alameda* – Estação dupla onde se interligam duas linhas: Linha Verde e Linha Vermelha – inaugurada em 1972, teve, na sua remodelação de 1998, intervenções plásticas a cargo deste artista e de Noronha da Costa (n.1942), igualmente presente no nosso *corpus*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no CAM-JAP, e, como parte integrante do Grupo KWY, está representado na Colecção da Fundação de Serralves e nas Colecções da FCG e de Manuel de Brito.

---

<sup>402</sup> Cf. FERREIRA, Rita Côrte, in *Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção*, Lisboa, FCG, 2004, p. 185.

<sup>403</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, in *catálogo da Exposição Costa Pinheiro O Pintor ele mesmo 1955 a 1985*, São Roque Antiguidades e Galeria de Arte, 2015, p.7.

### **DIOGO DE CONTREIRAS (act. 1521-1566)**

Como acontece com a quase totalidade dos pintores quinhentistas portugueses, desconhece-se praticamente tudo da vida deste pintor, o seu percurso de aprendizagem, bem como os aspectos fundamentais da sua formação artística.

Tem-se seguido a sua vida através das obras que chegaram até nós.

O seu apelido espanhol indicia naturalidade ou ascendência espanhola. Residia em Lisboa no Reinado de D. João III (1502-1557) e é citado num alvará deste monarca com data de 1554.

Este pintor lisboeta – que tem actividade documentada entre 1521 e 1566 –, durante largo tempo andou confundido com o enigmático pintor anónimo sob o epíteto de Mestre de S. Quintino. Pela primeira vez, em 1977, Vítor Serrão propôs a identificação de Diogo de Contreiras com aquela figura, indicação retomada, em 1982, pelo historiador de arte Rafael Moreira, e, finalmente confirmada, pelo historiador de arte Joaquim Oliveira Caetano.<sup>404</sup>

A primeira referência documental referida a este pintor é datável de 1521, e vincula-o a Álvaro Pires, pintor régio, “(...) *juntamente com os mestres Diogo Gonçalo, Martins Fernandes e Fernão de Oliveira, executando 129 bandeiras, pagas pela Câmara de Lisboa para as festas da entrada na cidade de D. Manuel e da sua terceira mulher D. Leonor d’Áustria* (...)”<sup>405</sup>

Após esta primeira obra, a partir de 1537, está vinculado à Igreja de São Silvestre de Unhos<sup>406</sup>, no Concelho de Loures, para onde executa o retábulo encomendado pelo Duque D. Teodósio I (1505-1563) - e pela Casa de Bragança, para a Colegiada de Ourém.

No ano seguinte inicia nova encomenda, para a mesma Colegiada, destinada à Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Ourém, Sede da Colegiada.

Em 1546 encontra-se contratado pelo Convento eborense de S. Bento de Cástris, incumbido de executar vários painéis de um retábulo.

Em 1551 é nomeado para o cargo de examinador dos pintores de Lisboa.

---

<sup>404</sup> Cf. CAETANO, Joaquim Oliveira, *A identificação de um pintor*, in Revista *Oceanos*, nº13, Lisboa, 1993, p.112. Joaquim Oliveira Caetano é o Conservador da Colecção de Pintura do MNAA.

<sup>405</sup> Cf. CAETANO, Joaquim Oliveira, *O Pintor Diogo de Contreiras e a sua actividade no Convento de S. Bento de Castris*, *A Cidade de Évora*, nº71-76, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1988-1993, p.84.

<sup>406</sup> Estas pinturas mereceram aprofundado estudo da autoria de Vítor Serrão, *Os Painéis da Igreja de Unhos. Séculos XVI-XVII*, in Boletim da Junta Distrital de Lisboa, nº73-74, Lisboa, 1970, e ainda, *idem*, *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989, pp.45-51.



Pertencem à derradeira fase da carreira deste artista as pinturas pertencentes à Colecção Conde Rivas (c. 1560) que, na opinião de Joaquim Caetano, revelam ser menos audazes que o período entre 1545 e 1554.<sup>407</sup>

Diogo de Contreiras foi, acima de tudo, um pintor de temática religiosa, tema principal do seu *corpus* artístico. Trabalhou sobretudo para clientela religiosa, num âmbito geográfico lato, não apenas nos grandes centros artísticos do seu tempo, mas igualmente nas periferias e, inclusivamente, as ilhas, Madeira e Açores, o que traduz uma clientela culta, e disposta a acolher as novidades artísticas do **Maneirismo que este artista, pela primeira vez, introduz no panorama artístico nacional.**

Parte da sua obra está classificada como de interesse nacional.<sup>408</sup>

No Editorial (a *abrir*) do Catálogo 134 da CML podemos ler (sobre o lote 235, obra com que o artista aparece no nosso *corpus*):“(…) *O São Vicente que ilustra a capa simboliza isso mesmo: uma das obras maiores do principal pintor português de meados do Século XVI, (...) uma peça de alta colecção, objecto da particular atenção dos especialistas, digna de um museu (...).*”<sup>409</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no MNAA e no Museu de Évora - uma obra do acervo do MNAA (inv.1041MNAA) -, em depósito. Para além de Museus, podemos encontrar a obra deste artista espalhada pelo país, tomando como exemplo o tríptico do altar-mor da Igreja de Ega, Concelho de Condeixa-a-Nova, de 1543.



*São Vicente*  
Óleo sobre madeira, pequenos restauros  
Lote 235 – Leilão 134 de 12 de Dezembro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>407</sup> Cf. *Idem*, p.118.

<sup>408</sup> Vide Lei nº107/2001, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural.

<sup>409</sup> Vide Catálogo do Leilão Especial 134, Dezembro de 2011 da CML, p.5.



## **DOMINGOS DE SEQUEIRA (1768-1837)**

**Domingos António do Espírito Santo – tendo mais tarde passado a assinar com o apelido do seu padrinho de Baptismo, Sequeira<sup>410</sup> – nasceu em Lisboa, na zona de Belém, no dia 10 de Março de 1768 e faleceu em Roma, Itália, a 8 de Março de 1837**

De origem humilde, mas determinado, só possuía uma instrução básica rudimentar. No dia 2 de Dezembro de 1781, aos 13 anos, matriculou-se na recém-criada *Aula Pública* ou *Aula Régia de Desenho, História, ou Figuras e de Architectura Civil*, dirigida pelo pintor Joaquim Manuel da Rocha (1727-1786), que frequentou durante cinco anos (1781-1786).<sup>411</sup>

Em Maio de 1788, com 20 anos, e com uma pensão proveniente do orçamento particular da Rainha D. Maria I (1734-1816), partiu para Itália e estudou na *Accademia Portuguesa das Artes*, em Roma<sup>412</sup>, uma verdadeira escola de formação dos artistas que eram enviados para aquela cidade, e por onde passavam os bolseiros reais. Aqui se conservou até Novembro de 1795.

Mais tarde Sequeira foi admitido como académico de mérito na *Accademia di San Luca*, associação de artistas de Roma, fundada em 1577, e instituição de enorme prestígio, onde foi um discípulo premiado. Após a admissão nesta Academia continuará a receber e a responder a encomendas de Lisboa. Regressou a Portugal em Outubro de 1795.

Cerca de quatro anos após ter regressado a Portugal sofre uma crise de desencorajamento, da qual pouco ou nada se sabe, que o faz ingressar na vida monástica, algo muito comum e relativamente fácil na altura, vindo a entrar para o Convento da *Ordem dos Cartuxos* de Laveiras (perto de Lisboa), como noviço. Aqui permanece um tempo indeterminado, cerca de três anos, sendo certo que em 1802 foi nomeado primeiro pintor da Real Câmara, e a sua actividade passa a depender da Corte, embora continue a aceitar as encomendas de particulares que lhe vão chegando.

Em 1823 foi criado em Lisboa o *Ateneu de Belas-Artes*, ao Rossio, sendo a direcção desta aula entregue a este pintor.<sup>413</sup> Em 1836 foi nomeado para Director da recém-criada Academia de Belas-Artes de Lisboa, mas, já muito doente, não tomou posse, ficando como primeiro Presidente Honorário.

Residiu em Paris (1823-1826) onde participou no *Salon* de 1824. Regressado de Paris decide ir instalar-se definitivamente em Roma, onde trabalhou e deu aulas na *Accademia di San Luca*.

---

<sup>410</sup> Cf. MARKL, Alexandra, *A Obra Gráfica de Domingos António de Sequeira no Contexto da Produção Europeia do seu Tempo*, Tese de Doutoramento apresentada à FBAL, 2013, p.53.

<sup>411</sup> *Idem*, p.52.

<sup>412</sup> Em Novembro de 1790 chegou a Roma o novo Embaixador Português, D. Alexandre de Sousa Holstein (1751-1803), que determinou reunir sob o seu tecto jovens estudantes portugueses, reabrindo esta instituição, que já existira até 1760. Fonte: MARKL, Alexandra, *op. cit.*, p.102.

<sup>413</sup> Cf. FRANCA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Bertrand, 1966, pp.206-207.

Foi galardoado com diversos prémios ao longo da sua carreira. Em termos estéticos é considerado **pintor de transição do Neoclassicismo para o Romantismo**.

Produziu composições fortes nas temáticas religiosas e históricas e dedicou-se igualmente ao Desenho e ao Retrato, desde os tempos da sua estadia em Roma. Este último constituiu, aliás, parte significativa da sua obra. Retratou, entre muitos outros, os já referidos D. Alexandre de Sousa Holstein e o Intendente Pina Manique (1733-1805) e, por exigência do seu cargo de Primeiro Pintor da Real Câmara, realizou, ao longo dos anos, diversos retratos do Príncipe Regente e, a partir de 1816 os retratos oficiais do monarca, D. João VI (1767-1826).

### **Pintou várias vezes a cidade de Lisboa.**

São exemplos a alegoria de uma figura oitocentista representando Lisboa na pintura a óleo *Junot protegendo a cidade de Lisboa* (MNSR),<sup>414</sup> de 1808, ou o óleo *Lisboa protegendo os seus habitantes*, de 1812 (ML), encomendada pelo Barão de Quintela,<sup>415</sup> bem como os desenhos da “Sopa de Arroios”<sup>416</sup> onde eram distribuídos alimentos às populações ameaçadas pelos franceses, em 1810. Da história destes desenhos de preparação e estudo fala-nos Alexandra Markl, detalhadamente, na sua Tese de Doutoramento:

*“A mais interessante obra de elaboração sobre um tema (...) é a grande composição conhecida como A Sopa de Arroios. A história é sobejamente conhecida: (...) aí testemunhou quotidianamente, no Outono de 1810, o drama das populações (...) fugidos à guerra.(...) Uma comissão de abastados homens de negócios angariou fundos para, durante meses, se efectuar uma distribuição de alimentos diária em vários pontos da cidade. Um desses locais era o Largo de Arroios. (...) Dele próprio terá partido a ideia de empreender a composição, começando por registar (...) num velho álbum as cenas que ia presenciando, em centenas de pequenos croquis onde regista metodicamente (...) do seu posto de observação (...). Trata-se, na verdade, da primeira grande cena de um acontecimento contemporâneo existente na arte portuguesa. A composição foi posteriormente gravada mas nunca transposta para pintura”.*<sup>417</sup>

Quanto a esta obra, com a qual veio a integrar o nosso *corpus*, (no caso uma gravura) diz-nos José-Augusto França que: “É a única obra “de género” de Sequeira que se conhece (...)”<sup>418</sup>

<sup>414</sup> A Doutora Alexandra Markl partilhou connosco a informação de que existe, no acervo do MNAA, um estudo preparatório para esta alegoria (inv.1654 Pint), cujo original se encontra no MNSR (inv.14).

<sup>415</sup> Trata-se do Primeiro Barão de Quintela, Joaquim Pedro Quintela (1748-1817).

<sup>416</sup> Sendo que um destes esboços veio a estar presente no nosso *corpus*. No caso deste desenho, a “sopa” está a ser distribuída no vasto arraial no terreiro em frente ao Palácio de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812). Este tema nunca chegou a ser pintado, o objectivo desta composição foi, desde o início, uma gravura, sendo que o autor fez vários estudos desta temática. Para estes esclarecimentos agradeço a generosa contribuição da Doutora Alexandra Markl, Conservadora do MNAA.

<sup>417</sup> CF. MARKL, Alexandra, *op. cit.*, p.152.

<sup>418</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Editora Bertrand, 1967, p.152.

No final de 1818 dedicou-se à execução de um grande “*Prospecto de Lisboa*”, vasto panorama da cidade, que captaria as duas margens do Rio Tejo. Este Desenho, terá sido destruído - bem como os desenhos preparatórios -, num incêndio dos Paços do Conselho de Lisboa, em 1863.<sup>419</sup> No entanto, Alexandra Markl<sup>420</sup> põe a hipótese de que um desenho existente no MNAA<sup>421</sup> com apenas 11cm de altura por 99,5cm de comprimento, executado a grafite, que mostra uma vista da linha da costa do lado de Almada, e que possui uma grelha de transferência,<sup>422</sup> seja o único estudo sobrevivente para esta obra.

Do tempo da sua estadia em Roma existe uma pintura, *Alegoria à fundação da Casa Pia*, encomendada pelo Intendente Pina Manique e executada em 1791. Para Alexandra Markl nesta pintura encontram-se representadas, alegoricamente, Lisboa, a Fé e o Rio Tejo.<sup>423</sup>

Entretanto, a longa permanência da família Real no Brasil retirou prestígio ao seu cargo de Primeiro Pintor, ao mesmo tempo que escasseavam, consequentemente, as encomendas.

Veio a falecer em Roma, Itália, em 1837. O seu túmulo encontra-se na Igreja de Santo António dos Portugueses, naquela cidade.

Este artista foi, na opinião de José-Augusto França: “(...) *o mais ilustre dos pintores portugueses de finais do século XVIII e dos começos do século seguinte*”.<sup>424</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAA, no MNSR, na CMAG, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Palácio Nacional da Ajuda, no Palácio de S. Bento, no Palácio das Necessidades, no Palácio de Queluz, no Paço Ducal de Vila Viçosa, no Museu Machado de Castro (Coimbra), no MGV, na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça, no Museu Imperial, Petrópolis, Brasil, no Chatéau d’Eu-musée Louis-Philippe na Normandia, França, e em colecções particulares.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia da Lapa.**

---

<sup>419</sup> Segundo Alexandra Markl, *op. cit.*, p.171: A questão foi revelada, em 1942, por Henrique de Campos Lima que publicou vasta informação sobre este assunto, existente no Arquivo Histórico Militar, a saber, *Uma vista panorâmica de Lisboa da autoria do pintor Domingos António de Sequeira*, Lisboa, Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1942.

<sup>420</sup> Cf. MARKL, Alexandra, *op. cit.*, p.173.

<sup>421</sup> Fazendo parte da colecção do MNAA (inv. 629 Des.), proveniente do antigo fundo da Academia de Belas-Artes.

<sup>422</sup> Sistema que permite, em desenho, transferir desenhos de pequenas dimensões para escalas maiores.

<sup>423</sup> Esta pintura, bem como diversos estudos de preparação, pertence ao acervo do MNAA.

<sup>424</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto, *Domingos António de Sequeira, 1968, in Revista Colóquio/Artes*, nº52, Lisboa, FCG, 1969, p.9.



*Distribuição de alimentos no Cruzeiro de Arroios*

Gravura sobre papel

Lote 285 – Leilão 59 de 30 de Julho de 2003

© [ARQUIVO DA CML](#)

### **EDUARDO ALARCÃO (1930-2003)**

**Eduardo Alarcão nasceu na Parede, Cascais, a 10 de Janeiro de 1930 e faleceu em Fevereiro de 2003**

Eduardo Alarcão foi um artista autodidacta, de inspiração *naïf*.<sup>425</sup>

Este artista tem centenas de trabalhos inspirados nas ruas, pessoas e locais mais típicos e tradições das cidades portuguesas, **sobretudo a capital**, constituindo um retrato do nosso país, numa vertente modernista embora inspirada em diversos movimentos artísticos. **Seduzido pelas ruas e recantos de Lisboa**, pelos rituais populares e religiosos, cria as suas obras com tal originalidade que atraiu o público e a crítica especializada para a sua obra.

Oficial do Exército, o artista começou a pintar tarde, aos 47 anos de idade, após a reforma. Expunha com regularidade na *Galeria Casino Estoril*.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

---

<sup>425</sup> Este termo aplica-se a uma arte, principalmente a pintura, praticada por artistas sem formação artística, dotados de um sentido plástico natural e instintivo, sem pretensões de produzir arte erudita.



***Lisboa - Eléctrico***  
Óleo sobre papel colado em tela, assinado e datado de 23-V-1987  
Lote 121 – Leilão 94 de 28 de Janeiro de 2008  
© [ARQUIVO DA CML](http://www.cml.pt)



***Tejo***  
Caneta de feltro sobre papel, assinada e datada de 23-V-1995  
Lote 481 – Leilão 148 de 6 de Maio de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **EDUARDO MALTA (1900-1967)**

**Eduardo Augusto d'Oliveira Morais Melo Jorge Malta nasceu na Covilhã a 28 de Outubro de 1900 e faleceu em Óbidos a 31 de Maio de 1967**

Este artista, para além de pintor, fundamentalmente de retratos, fez escultura e foi um conhecedor e coleccionador de arte.

Aos dez anos de idade, em 1911, matriculou-se na Escola de Belas Artes do Porto. Quando deixou de estudar Belas Artes veio para Lisboa, onde ganhava a vida a pintar e vender retratos.

Em 1927 foi para Madrid, onde pintou o retrato do Rei de Espanha D. Afonso XIII (1886-1941). Em 1933 pintou o retrato de António de Oliveira Salazar (1889-1970).

Em 1936 recebeu o *Prémio Columbano*, e em 1937 recebeu a Medalha de Ouro na *Exposição Internacional de Paris*.

Em 1939 foi para Paris, onde pintou inúmeros retratos. Em 1940 colaborou com a decoração da *Exposição do Mundo Português*. Em 1950 Portugal participou, pela primeira vez, na *Bienal de Veneza*, com dois retratos deste artista.

Foi Director do MNAC entre 1959 e 1967, no entanto, a sua nomeação foi muito contestada na época, devido à sua posição anti-modernista.

Colaborou com as revistas *Contemporânea* (1915-1926) e *Ilustração* (1926-1935). Para além da sua carreira artística deixou diversos livros publicados, entre o romance, o conto infantil e livros de carácter artístico.

Este artista foi, essencialmente, um retratista, e durante a sua carreira retratou muitas dezenas de figuras da sua época, entre elas figuras célebres da política e do mundo das

artes. Aliás, Ricardo Espírito Santo (1900-1955), um amante de arte, apreciava especialmente a obra deste artista, e foi seu mecenas.

Em relação à sua carreira como retratista, e a sua relação actual com o mercado de arte, para Jean-Pierre Blanchon “*Como esta especialidade não está na moda resulta em cotações relativamente fracas se se tiver em conta a qualidade da pintura deste artista.*”<sup>426</sup>

Escreveu Eduardo Malta: “*Um artista, por muito que o seja, não conseguirá nunca fazer-se amar por todos. É ingenuidade querer que uma obra de arte agrade a todo o mundo.*”<sup>427</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC, no MNSR, no MGv e em diversos museus municipais.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Campolide.**



*Jardim entre prédios, Lisboa*  
Lápis sobre papel, assinado e datado de 28-7-1939  
Lote 206 – Leilão 98 de 26 de Maio de 2008  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **EDUARDO ST'AUBYN (século XX)**

Trata-se de um aguarelista naturalista que deixou uma vasta obra com temática de Lisboa.

No entanto, as informações sobre este artista são praticamente inexistentes.

---

<sup>426</sup> Cf. BLANCHON, Jean-Pierre, *op. cit.*, p.272.

<sup>427</sup> Cf. MALTA, Eduardo, *Vários Motivos de Arte*, Lisboa, Portugal, s.d., p.57.



Segundo Jean-Pierre Blanchon, as suas aguarelas têm sido vendidas no mercado de arte com valores entre os € 200 e os € 800.<sup>428</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*Casario – Graça*  
Aguarela sobre papel, assinada  
Lote 695 – Leilão 66 de 11 de Outubro de 2004  
© [ARQUIVO DA CML](http://www.cml.pt/leiloes/)



*Trecho de Lisboa – Alfama*  
Aguarela sobre papel, assinada  
Lote 342 – Leilão 126 de 28 de Março de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **EDUARDO VIANNA (1881-1967)**

**Eduardo Afonso Vianna nasceu em Lisboa no dia 28 de Novembro de 1881 e faleceu na mesma cidade no dia 21 de Fevereiro de 1967**

Eduardo Viana é o mais velho de um grupo de pintores nascidos entre 1881 e 1893, que marcaram a **primeira geração moderna portuguesa**, casos de Carlos Botelho, Santa-Rita Pintor, Amadeo de Souza-Cardoso e Almada Negreiros.

Estudou na Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde foi aluno do pintor Veloso Salgado (1864-1945) e do pintor Columbano Bordallo Pinheiro, entre 1896 e 1905. Estudou igualmente nas Academias Livres de Paris, onde convive com os grandes mestres da pintura moderna.

Regressado de Paris, em 1915, durante cerca de dois anos conviveu com o casal de artistas Sónia (1885-1979) e Robert (1885-1914) Delaunay (refugiados em Portugal, num exílio forçado, em consequência da Primeira Grande Guerra) e foi grande amigo de Francis Smith, e de Amadeo de Souza-Cardoso, devendo muito da sua experiência a estas amizades.

---

<sup>428</sup> Cf. BLANCHON, Jean-Pierre, *op. cit.*, p.50.

Realizou a sua primeira exposição individual no Porto, na *Galeria da Misericórdia*, em 1920, que apresentou, no ano seguinte, em Lisboa. Participou em inúmeras exposições, em 1911 na *Exposição Livre no Salão Bobone*, em 1919 na *III Exposição dos Modernistas*, no Porto, e em 1950 e 1955 na Bienal de Veneza, entre muitas outras.

Recebeu diversos prémios, entre eles, em 1911, a Menção Honrosa na Exposição da SNBA, em 1915 a 2ª Medalha na Exposição da SNBA, em 1941 e 1948 o *Prémio Columbano*, do S.P.N/S.N.I., em 1957 o Grande Prémio de Pintura na *I Exposição de Artes Plásticas* da FCG e em 1965 o *Prémio Nacional de Arte* do S.N.I.

Os seus temas de eleição são a paisagem, o nu e as naturezas-mortas. Este artista pintava lentamente, e era muito perfeccionista, pelo que a sua obra é quantitativamente limitada. Aproximando-se e podendo até ultrapassar os 100 mil euros, os valores alcançados em leilão reflectem o apreço pelo seu trabalho, que foi alvo de uma importante exposição retrospectiva, integrada na Europália, em 1991<sup>429</sup>.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua e uma obra sua em parceria com Mily Possoz** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no ML, no CAM-JAP, no MNAC, no CAMB, no MNSR, no MGV, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), e na Fundação Abel de Lacerda (Caminha), mas a maior parte da sua obra encontra-se dispersa em colecções particulares.



*Lisboa – Aqueduto das Águas Livres*  
Óleo sobre cartão, não assinado, autenticado no verso pela esposa do artista  
Lote 162 – Leilão 149 de 27 de Maio de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

---

<sup>429</sup> A Europália é um festival cultural internacional, iniciado em 1969, que se realiza de dois em dois anos. Realizado na Bélgica, em 1991, teve Portugal como país-tema. Ao longo de mais de três meses tiveram lugar exposições, colóquios, espectáculos, etc. A iniciativa permitiu mostrar no estrangeiro as manifestações mais significativas da cultura portuguesa da época.



## EMMÉRICO NUNES (1888-1968)

**Emmerico Hartwich Nunes nasceu em Lisboa a 6 de janeiro de 1888 e faleceu nesta mesma cidade a 18 de Janeiro de 1968**

De ascendência portuguesa, por parte do pai, e alemã por parte da mãe, este artista pertence à **primeira geração de artistas modernistas portugueses**.

Destacou-se como pintor, desenhador publicitário e humorista, ilustrador e restaurador de pinturas.

Expôs nas Exposições de Humoristas entre 1912 e 1924, nas Exposições da SNBA entre 1910 e 1956, e nas Exposições de Arte Moderna do SPN/SNI entre 1935 e 1951.

Participou na decoração da *Exposição do Mundo Português*, em 1940. Em 2013 esteve patente, no CAM-JAP, a Exposição *A obra perdida de Emmerico Nunes*.

O artista foi galardoado com diversos prémios, entre os quais, em 1910, a 1ª Medalha de Caricatura da SNBA, e, em 1917, a 1ª Medalha de pintura da SNBA.

Viveu uma grande parte da sua vida em Sines, no Alentejo. Nesta cidade existe, em sua homenagem, o *Centro Cultural Emmérico Nunes*, que tem uma intensa agenda de programação cultural, incluindo o *Concurso Anual de Desenho Humorístico Emmérico Nunes*.<sup>430</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **quatro obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no ML, e no CAM-JAP



*Vista de Alfama*  
Óleo sobre cartão, assinado  
Lote 155 – Leilão 141 de 24 de Setembro de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>430</sup> Disponível em <http://www.ccemmericonunes.blogspot.pt.>, consultado a 1 de Março de 2016.

### **ENRIQUE CASANOVA (1850-1913)**

**Enrique Casanova nasceu em San Gil de Zaragoza, Espanha, em Janeiro de 1850, e faleceu em Madrid, a 16 de Outubro de 1913**

O artista veio para Portugal, em 1880, como refugiado político.

Autodidacta, foi, além de ceramista e ilustrador, um aguarelista notável, tendo ascendido a Mestre da Casa Real Portuguesa, sendo professor de D. Luís I e de D. Carlos I, ambos aguarelistas. Pintou diversos quadros da família real portuguesa. Em 2014 esteve patente, no Palácio Nacional da Ajuda, uma Exposição de aguarelas do artista, por ocasião do centenário do seu falecimento.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC, no MCGG, na Casa dos Patudos–Museu de Alpiarça (Alpiarça) e em colecções particulares. A sua obra encontra-se ainda bem representada no Palácio Nacional da Ajuda, onde se encontra o seu álbum de aguarelas, executado entre 1889 e 1892, que retrata, ao todo, dezanove salas dos Paços Reais da Ajuda, Cascais e Sintra, e que tem sido extremamente importante para a reconstituição histórica das salas destes locais.



*Vista de Lisboa*

Litografia sobre papel, assinatura litografada e datada de 1883

Lote 200 – Leilão 166 de 2 de Março de 2015

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ERNESTO CONDEIXA (1857-1933)**

**Ernesto Ferreira Condeixa nasceu em Lisboa a 20 de Fevereiro de 1858 e faleceu em Lisboa a 2 de Agosto de 1933**

Realizou os seus estudos artísticos na Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo do pintor romântico Miguel Ângelo Lupi (1826-1883). Como pensionista, na especialidade de Pintura Histórica, estudou em Paris na *École des Beaux-Arts* (1881-1886).

Em 1895 foi chamado para exercer funções como docente interino da cadeira de Pintura Histórica, enquanto que nos anos de 1901 e 1904, assumiu a regência da cadeira de Pintura de Paisagem, em substituição do Pintor Carlos Reis.

Mais tarde, em 1905 foi professor da cadeira de Desenho do Antigo e Director da Escola de Belas-Artes de Lisboa, tendo como discípulo, entre outros, o pintor Carlos Botelho.

**Pintor naturalista**, dedicou-se principalmente à pintura histórica, o que lhe valeu reconhecimento. Foi também retratista e paisagista.

Realizou decorações para várias salas do Museu Militar, em Lisboa.

Expôs frequentemente, na Sociedade Promotora das Belas-Artes, na SNBA e no Grémio Artístico, recebendo vários prémios.

Ficou conhecido como um pintor de assuntos históricos, paisagens e marinhas, tendo-se dedicado igualmente à ilustração de livros e periódicos.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no Museu Militar, e no Museu da Saúde – Instituto Nacional de Saúde Dr, Ricardo Jorge.



*Aqueduto das Águas Livres – Lisboa*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 199ª – Leilão 169 de 1 de Junho de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **ESTÊVÃO SOARES (1914-1992)**

**Estêvão Soares nasceu na Marteleira, Lourinhã, em 1914 e faleceu em Lisboa em 1992**

O artista foi um autodidacta, sempre em contacto com os artistas da sua geração. Iniciou a sua actividade, tal como muitos artistas plásticos, nas áreas da publicidade e da decoração. Pintou sobretudo a óleo e a aguarela.

A sua obra, muito extensa, pode ser enquadrada na corrente estética do Naturalismo e, mais tarde, do Expressionismo e Abstraccionismo.

Em 1945 realiza a primeira exposição individual de pintura, no átrio do *Diário de Notícias*, tornando-se, assim, presença regular nos *Salões de Inverno* da SNBA – da qual passa a ser sócio – e nos *Salões de Arte Moderna* do SNI. Realizou diversas exposições individuais e colectivas, nomeadamente com o *Grupo Paralelo*, que fundou, em conjunto com outros onze pintores e escultores, e cuja actividade se prolonga até aos dias de hoje, na Faculdade de Belas Artes, realizando exposições de trabalhos artísticos de Escultura, Pintura e Gravura.

Em 1955 expõe, a convite, no Palácio de Comércio de Luanda. A exposição é um enorme sucesso e o artista permanece seis anos em África, pintando e expondo em diversos países daquele continente.

A sua última exposição realizou-se na *Galeria Municipal de Portalegre*, em 1990. Recebeu diversos prémios, entre os quais, em 1955, o *Prémio Roque Gameiro* (aguarela), do SNI.

É assíduo nas tertúlias do café *A Brasileira*, no Chiado, onde convive e estabelece fortes amizades com artistas, nomeadamente Abel Manta e Almada Negreiros.

Em 1954 recebeu o Segundo *Prémio Roque Gameiro* (aguarela).

Foi um pintor que retratou o seu país, o meio rural, **mas sobretudo o meio urbano, com predominância para a cidade de Lisboa**, onde residia. Em 1951, realizou a exposição *Lisboa do meu Álbum*, na SNBA.

Em 2014 a SNBA teve patente uma Exposição/Tributo a este pintor, por ocasião do centenário do seu nascimento.

Durante a cronologia estudada apareceram **quatro obras suas** com iconografia lisiponense, para leilão, na CML.

Está representado em inúmeras colecções particulares, nomeadamente a colecção da sua família, e museus, nacionais e estrangeiros.



*Praça Duque da Terceira e Rua do Alecrim*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1949  
Lote 446 – Leilão 110 de 27 de Outubro de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **ESTRELA FARIA (1910-1976)**

**Estrela da Liberdade Alves Faria nasceu em Évora a 9 de Outubro de 1910 e faleceu em Lisboa em Abril de 1976**

Artista plástica de múltiplas aptidões, pertenceu à **segunda geração de pintores modernistas** portugueses. Frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde foi aluna do pintor Veloso Salgado (1864-1945).

Estudou ainda em Paris, em Itália e na Holanda, como bolseira do Instituto de Alta Cultura (1952-1976), o organismo responsável pela política cultural e cultura portuguesa do *Estado Novo* (1933-1974).

Viveu e trabalhou alguns anos no Brasil. Foi professora na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa,<sup>431</sup> e na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Foi ainda pioneira da decoração de interiores e vitrinismo de diversas lojas lisboetas.

Expôs em diversos Salões da SNBA. Colaborou na decoração do Pavilhão Regional da *Exposição do Mundo Português* em 1940.

Realizou pintura mural para várias instituições, como o Museu de Arte Popular e o Cinema Alvalade, em Lisboa<sup>432</sup>. Ilustrou livros e originais de Postais de Boas Festas, que constituem património museológico das Comunicações.

Participou em múltiplas exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro.

Participou em quatro edições das Exposições de Arte Moderna do SPN/SNI e venceu, entre outros, o *Prémio Columbano* em 1945, e a Medalha de Ouro na *Exposição Internacional de Paris* de 1937.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

A sua obra está representada no ML, no MNAC, no CAM-JAP, no Museu de Arte Popular, e em colecções públicas e privadas.

---

<sup>431</sup> Este estabelecimento de ensino é hoje a Escola Secundária Artística António Arroio.

<sup>432</sup> O Cinema Alvalade foi demolido no ano de 2003 e construído, no seu lugar, um edifício residencial que engloba um pequeno cinema. A obra de Estrela Faria, uma pintura mural representando uma *Alegoria à Sétima Arte*, no entanto, foi restaurada e encontra-se nesta nova estrutura.



*Homenagem a Maria Teresa de Noronha*  
Guache sobre papel, assinado  
Lote 100 – Leilão 53 de 13 de Maio de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **FERNANDO DE AZEVEDO (1923-2002)**

**Fernando José Neves de Azevedo nasceu em Vila Nova de Gaia, a 17 de Janeiro de 1923 e faleceu em Lisboa a 28 de Agosto de 2002**

Formou-se na Escola de Artes Decorativas de António Arroyo (1935-1940) e na Escola de Belas-Artes de Lisboa, cujo Curso não completou por considerar o ensino nesta instituição muito antiquado e ultrapassado. Este artista foi pintor, crítico de arte, prefaciador de catálogos, ilustrador, director gráfico de edições, *designer* gráfico, decorador, cenógrafo, curador e museógrafo.

Pertence à **terceira geração de pintores modernistas** portugueses. Nos primeiros anos da década de 1940 frequenta os encontros de artistas e intelectuais do Café *Herminius*, na Avenida Almirante Reis em Lisboa (já desaparecido), e interessou-se pela corrente estética dominante na altura: o **Neo-realismo**.

A sua primeira exposição colectiva teve lugar em 1952, com nomes como Vespeira e Júlio Pomar. Foi co-fundador do ***Grupo Surrealista de Lisboa***, e participou na primeira exposição promovida por este grupo. Como outros artistas da sua geração, a partir de 1953 aderiu, progressivamente, ao **abstracionismo**.

Participou em inúmeras exposições colectivas, tendo recebido, entre outros, o *Prémio Roque Gameiro* (aguarela) em 1949, e o *1º Prémio de Pintura* na II Exposição de Artes Plásticas da FCG, em 1961.

Foi Presidente da Cooperativa *Gravura* entre 1972 e 1974, Presidente da Secção Portuguesa da AICA (1981-1984 e 1987-1994), Director do Serviço de Belas-Artes da FCG e Presidente da SNBA entre 1979 e 2002, ano da sua morte.

Este artista, através da sua obra artística e literária (deixou um conjunto significativo de textos na imprensa, em livros, catálogos e revistas da especialidade, nomeadamente na Revista Colóquio/Artes, da qual foi consultor artístico) deu um enorme contributo para a formação de um público mais receptivo à arte e à sua contemporaneidade.

Como crítico, este artista pertencia a uma geração que apostou no vanguardismo, mas manteve sempre relações de proximidade com todos os artistas e personalidades da área da Cultura. Na SNBA, em Lisboa, existe, em sua homenagem, a *Galeria de Arte Moderna Pintor Fernando de Azevedo*. A 9 de Fevereiro de 2012, teve lugar nesta instituição, um Colóquio de homenagem a este artista, e a inauguração de duas exposições, intituladas *Fernando de Azevedo e os Outros* e *Um texto – Uma Obra*.

Em 2013 esteve patente no CAM-JAP uma exposição retrospectiva da obra deste artista intitulada *Razões Imprevistas. Retrospectiva de Fernando de Azevedo*. Estiveram presentes cerca de duas centenas de obras, entre pinturas, desenhos, colagens, e “ocultações”.<sup>433</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC, no CAM-JAP, no Museu Municipal de Tomar e em colecções particulares.

### **FRANCIS SMITH (1881-1961)**

#### **Francisco Smith nasceu em Lisboa em 1881 e faleceu em Paris em 1961**

Foi um pintor que se demarcou do gosto modernista. Adoptou uma atitude ingénua. Tecnicamente está entre o Impressionismo e o Fauvismo.

Expôs em Portugal na *Exposição dos Livres*, em 1911 e na *Galeria de Artes* em 1916, no *Salão de Outono* em 1925, e individualmente, em 1934 no *Salão Bobone*, a convite do SPN/SNI.

Partiu de Portugal para Paris em 1934, mas ainda participou, em 1935, na *I Exposição de Arte Moderna* do SPN. Em Paris conheceu Eduardo Vianna, Emmérico Nunes, Amadeo e muitos outros artistas portugueses, adaptando-se depressa à vida nesta cidade. Casando com a escultora Yvonne Mortier, adoptou a nacionalidade francesa em 1930, simplificando o nome para Francis Smith. A sua carreira desenrolou-se praticamente toda em França, expondo em galerias e exposições.

---

<sup>433</sup> Como o próprio nome indica, trata-se de uma técnica em que uma imagem, uma fotografia ou outra, é parcialmente encoberta com tinta preta - tinta-da-china ou guache -, transformando-se, desta maneira, numa outra imagem, que suscita diversas leituras. Esta técnica, já utilizada, em Portugal, pelo poeta e artista Alexandre O'Neill (1924-1986) e pelo artista plástico António Pimentel Domingos (1921-2004), foi aprofundada por Fernando de Azevedo.

A sua obra é, assim, fruto das memórias da juventude, de cenas populares da terra onde nasceu, de recordações de paisagens e de **recanto de cidades, nomeadamente Lisboa**. É um dos retratistas do lado rural e bucólico da capital e fixou, em centenas de telas, a sua saudade de Portugal.

**A Lisboa ingénua e popular foi o seu tema de eleição, numa pintura essencialmente decorativa e subtil.**

Pedro Lapa, a propósito da pintura de Carlos Botelho *Lisboa e o Tejo; Domingo*, de 1935 (MNAC inv.802), escreveu: “A figura debruçada na varanda, que contempla a rua, evoca o outro **pintor de Lisboa que foi Francis Smith** (...)”.<sup>434</sup>

Este artista ficou “(...) **fiel a uma ideia de Lisboa**, mil vezes explorada em pequenas telas de vistas lembradas da cidade (...) sempre na mesma paleta doce (...)”.<sup>435</sup>

Segundo Raquel Henriques da Silva: “(...) **são as vistas inventadas da Lisboa dos bairros populares, feitas de afectiva memória, sobretudo o casario em altura, (...) fora da história e da cultura urbana.**”<sup>436</sup>

Em 1967 o SNI organizou a *Exposição Retrospectiva de Francis Smith 1881-1961*.

O mercado de arte e os coleccionadores apreciam sobretudo as vistas “ficcionalizadas” da Lisboa dos bairros populares. A sua pintura representa sempre ambientes e costumes festivos, em que a serenidade da vida quotidiana é constante. As suas obras costumam ser raramente retiradas, o que parece ser um claro indicador de uma apetência do público pela sua obra. A sua obra, vasta, permanecerá assim como **um repositório de uma Lisboa imaginada, pintada de memória**.

Durante a cronologia estudada apareceram **cinco obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no CAM-JAP, no CAMB, no Museu Maria da Fontinha (Castro Daire) e em colecções públicas e privadas.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a um Largo, na freguesia de Carnide.**

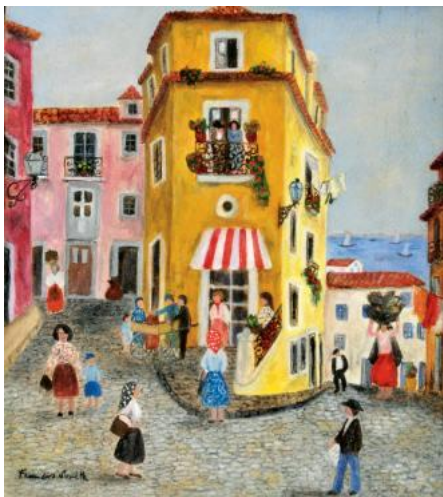
---

<sup>434</sup> Vide *Catálogo* Museu do Chiado: Arte Portuguesa (1850-1950), Lisboa, IPM/Museu do Chiado, 1994, p.235.

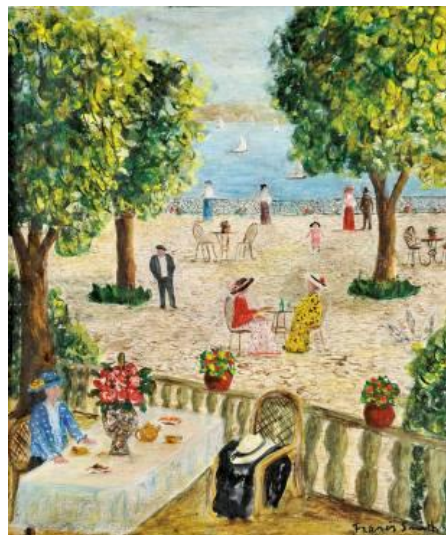
<sup>435</sup> Cf. FRANÇA, José Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961*, Lisboa, Bertrand Editora, 1991, p.176.

<sup>436</sup> Cf. SILVA, Raquel Henriques da, *op. cit.* p.383.





*Trecho de Lisboa com Tejo*  
Guache sobre papel, assinado  
Lote 153 – Leilão 140 de 2 de Julho de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Trecho de Lisboa – Esplanada junto ao Tejo*  
Guache sobre papel, assinado  
Lote 185 – Leilão 141 de 24 de Setembro de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **FREDERICO GEORGE (1915-1994)**

**Frederico Henrique George nasceu em Lisboa a 15 de Novembro de 1915 e faleceu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1994**

Formou-se em 1937 em Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, e, posteriormente, em Arquitectura, na mesma instituição, onde foi professor.

Concorreu a várias exposições realizadas no país, obtendo, em 1937, a 2ª Medalha de Desenho e a 3ª Medalha de Pintura da SNBA.

Foi Director da SNBA durante a década de 1960.

Participou e colaborou na decoração da *Exposição do Mundo Português*, em 1940, como pintor.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no Museu de Marinha, na colecção da C.M.L. e em colecções particulares em Portugal, e no estrangeiro.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia do Lumiar.**



*Velha Lisboa à noite*  
Tinta-da-China sobre cartolina, assinado  
Lote 363 – Leilão 52 de 13 de Fevereiro de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **FRED KRADOLFER (1903-1968)**

**Fred Kradolfer nasceu na Suíça, na cidade de Zurique, a 12 de Junho de 1903, e faleceu em Lisboa a 16 de Julho de 1968**

Estudou ourivesaria na Escola de Artes Aplicadas de Zurique, frequentando, mais tarde a Academia de Belas-Artes de Munique.

Viajou muito, por diversos países, onde trabalhou como decorador, vindo estabelecer-se em Portugal em 1924, quando contava vinte e um anos de idade. Vivendo em Portugal durante quarenta e quatro anos, assimilou muito da nossa cultura e dos nossos costumes. Em contrapartida, a sua presença alterou o percurso do trabalho gráfico que se vinha fazendo em Portugal, dando ao *design* português o incentivo da modernidade.

Segundo Rita Henriques: “(...) *a sua chegada a Lisboa e consequente influência no programa das artes gráficas, é considerada por todos os seus contemporâneos como uma autêntica revolução.*”<sup>437</sup>

Criativo e artista multifacetado, foi pintor, ilustrador – ilustrou, como exemplo, vários livros do poeta António Botto (1897-1959) e as capas dos números 67 a 71 da *Revista Municipal* da C.M.L. –, artista gráfico, e decorador. Impulsionou o desenvolvimento gráfico de diversos meios, do cartaz ao vitral, da cerâmica aos anúncios luminosos, foi o mentor da publicidade para a segunda geração de artistas modernistas. Em 1927, por encomenda do *Instituto Pasteur de Lisboa*, localizado na Rua Nova do Almada, as primeiras montras que surgiram na cidade, são da sua autoria.

Como vários modernistas, fez diversas capas, ilustrações, vinhetas e publicidade para revistas como *ABC*, *Civilização*, *Ilustração Portuguesa* e *Magazine Bertrand*.

---

<sup>437</sup> Cf. HENRIQUES, Ana Rita, *Fred Kradolfer: Designer Gráfico Onfluenciador e Influenciado em Portugal*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da UTL, 2011, p.59.

Desenvolveu trabalho no âmbito do grupo conhecido como “a equipa de António Ferro”, juntamente com artistas consagrados como Carlos Botelho e Bernardo Marques.

Como pintor, participou em diversas mostras colectivas, nomeadamente nos Salões da SNBA de 1932, 1933, 1934, 1935 e 1960.

Participou, igualmente no *I Salão dos Independentes* da SNBA, em 1930, na *Exposição de Artistas Ilustradores Modernos* do SPN em 1943, e na *II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian*, em 1961.

A nível individual expõe pela primeira vez, em 1947, na *Galeria Instanta*, uma loja de fotografia muito conhecida em Lisboa, e que tinha um espaço expositivo.

São da sua autoria e produzidos pela *Fábrica Viúva Lamego*, os azulejos decorativos padronizados que ladeiam a entrada principal da Faculdade de Letras da UL, de 1961.

A C.M.L. encomendou-lhe, no início da década de 1960, um projecto de leitores panorâmicos, isto é, painéis de azulejos com temática de Lisboa para os Miradouros da cidade, a serem executados, uma vez mais, pela *Fábrica Viúva Lamego*.<sup>438</sup> Ficaram concluídos os de São Pedro de Alcântara (1962), Castelo de São Jorge, Nossa Senhora do Monte (1963) e Monte Agudo (1965).<sup>439</sup>

Durante toda a sua vida em Portugal, para além do intenso trabalho gráfico, e como decorador, este artista interveio em muitos outros meios como a pintura, a azulejaria e a tapeçaria, muitas vezes conjugadas com as suas principais actividades.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no ML.

---

<sup>438</sup> Outros importantes trabalhos, de sua autoria, no âmbito da azulejaria, podem ser vistos no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa. Também disponíveis em <http://www.museudoazulejo.pt>., consultado a 30 de Outubro de 2015.

<sup>439</sup> Estes painéis foram o tema dos encontros de azulejaria mensais AzLab #24, *Olhai Lisboa a cores*, de 8 de Junho de 2016, na FLUL, promovidos por Az – Rede de Investigação em Azulejo (ARTIS-IHA/FLUL), a que tivemos a oportunidade de assistir. Para além de explorar a obra deste artista na cidade de Lisboa, foram explicadas minuciosamente as intervenções de conservação e restauro nos miradouros referidos. Mais informações sobre este, ou outros encontros de azulejaria disponíveis em <http://www.redeazulejo.fl.ul.pt>., consultado a 21 de Janeiro de 2016.



*Lisboa – Rua Marquês de Fronteira*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1947  
Lote 253 – Leilão 130 de 26 de Setembro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **GABRIEL CONSTANTE (1875-1950)**

Gabriel Constante foi um pintor naturalista, discípulo de João Vaz e Veloso Salgado, dedicou-se, sobretudo, à aguarela.

Foi presença habitual nos Salões da SNBA, onde obteve a *Primeira Medalha de Aguarela*.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC e em diversos museus municipais e colecções particulares.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Marvila.**



*Calhariz de Benfica*  
Óleo sobre cartão, assinado e datado de 1935  
Lote 139 – Leilão 94 de 28 de Janeiro de 2008  
© **ARQUIVO DA CML**

### **GASPAR PIMENTA (n. 1931)**

**Gaspar de Melo Ferreira Pimenta nasceu em Guimarães em 1931**

É um aquarelista e expôs em Portugal e no estrangeiro.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*Vista de Lisboa – Rua Augusta*  
Óleo sobre plates, assinado  
Lote 141 – Leilão 173 de 16 de Novembro de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **HENRIQUE MEDINA (1901-1988)**

**Henrique Medina de Barros nasceu no Porto a 18 de Agosto de 1901 e faleceu em Esposende a 30 de Novembro de 1988**

O artista era filho de mãe portuguesa e de pai espanhol.

Estudou na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde, levado pela sua avó, impressionou um dos professores, o pintor José de Brito (1855-1946), que, aos 10 anos, o deixou ir frequentando as suas aulas.

A sua vasta obra inclui desenho, óleos, aquarelas e retratos, género em que se tornou um verdadeiro Mestre.

Em 1916 recebeu a 2ª *Medalha da SNBA* pelo seu retrato da pintora Teodora Andresen (1900-1989).

Em 1919, interrompendo o Curso, foi para Paris, onde viveu durante sete anos. De Paris seguiu para Londres, onde teve um estúdio e viveu os dez anos seguintes. Esteve ainda em Roma e em Buenos Aires, onde trabalhou sempre.



Residiu ainda sete anos em Hollywood, EUA, onde manteve um estúdio onde pintou diversos artistas norte-americanos da sua época. Por este motivo, algumas destas telas estão expostas no *Metropolitan Opera House*, em Nova Iorque, EUA, bem como no Museu da *Metro Goldwin Mayer*.

Esteve ainda na no Brasil, Grã-Bretanha, Suécia, na Dinamarca, e em Espanha. Pintou cinco presidentes da República, homens da Ciência, músicos, destacados membros da Igreja e ainda, em 1939, António de Oliveira Salazar.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Em 1948 o pintor doou à Arquidiocese de Braga uma significativa parte da sua obra, num conjunto de 52 telas e 21 desenhos. Assim, o Museu Pio XII, inaugurado em 2002, destinou uma Galeria para expor a obra do pintor – o Museu Medina.<sup>440</sup>

Está ainda representado, entre muitos outros, no MNAC, no MNSR, na FCM, na CMAG, no Museu Malhoa (Caldas da Rainha), no MGV, no Museu do Caramulo (Caramulo), no Palácio de São Bento, no Palácio de Belém, no Palácio de Vila Viçosa, no Palácio da Bolsa (Porto), na Casa-Museu Medeiros e Almeida, para além de diversas colecções públicas e privadas, nacionais e estrangeiras. Encontra-se ainda representado, como referido, no Museu-Colecção Metro Goldwin Mayer em Hollywood e no Metropolitan Museum, Nova-Iorque, EUA.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Santa Maria dos Olivais.**



*Museu e Jardins da Fundação Gulbenkian*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984  
Lote 229 – Leilão 169 de 1 de Junho de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>440</sup> Disponível em <http://www.museupioxxii/museu-pio-xii/galeria-henrique-medina/>., consultado a 11 de Março de 2016.

## **HENRIQUE TAVARES (1905-1988)**

**Henrique Tavares nasceu em Tomar em 1905 e faleceu em 1988**

Henrique Tavares foi um pintor naturalista. Foi discípulo do pintor Veloso Salgado. Participou em diversas exposições da SNBA e recebeu o *Prémio Rocha Cabral*. Óleos seus aparecem com frequência no mercado de arte.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista está representado em diversos museus municipais.



*Lago do Jardim da Estrela*  
Óleo sobre tela, pequenos restauros, assinado e datado de 1921  
Lote 174 – Leilão 123 de 13 de Dezembro de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **ISAÍAS NEWTON (1839-1922)**

**Isaías Augusto Newton nasceu em Lisboa em 1839 e faleceu em 1922**

Este artista estudou em Lisboa, foi discípulo de Anunciação na sua aula de Pintura de Paisagem. Cultivou a paisagem e marinhas.

A sua obra começou a ser exibida nas exposições da Academia Real de Belas Artes, em 1856, expôs colectivamente na Sociedade Promotora em 1863 e posteriormente na recém-criada SNBA em 1903 e em 1905, onde foi galardoado com uma Medalha de Prata.

Desenhador nas Obras Públicas, exerceu nas décadas de 1870 e 1890 funções docentes no Colégio Militar em Lisboa.

A pintura com que integra o nosso *corpus*, intitulada *Vista da Penha de França* é um excelente exemplo de como, em termos iconográficos, a obra artística pode representar um papel fundamental ao preservar a memória visual, neste caso particular, das cidades. Lisboa, sendo uma cidade antiga de muitos séculos, foi sendo sujeita a inúmeras transformações que, ao longo dos tempos, foram alterando a sua traça primitiva.

Este óleo, pintado em 1859, mostra-nos a zona da Penha de França, na altura fora dos limites da cidade de Lisboa, no chamado termo da cidade, situada numa das suas colinas, ainda rural, mesmo bucólica. Nesta pintura podemos observar, no alto da referida colina, a Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Penha de França (século XVII), ambos ainda existentes, sendo que no antigo Convento está actualmente situado o Comando-Geral da Polícia de Segurança Pública. Estes dois edifícios e o seu património integrado encontram-se, de momento, em Vias de Classificação.<sup>441</sup>

O mesmo podemos afirmar acerca da pintura intitulada *Vista de Lisboa – Tejo e Palácio da Ajuda* em que temos a oportunidade de visualizar a zona circundante do Palácio Nacional da Ajuda, ainda sem quaisquer edificações próximas e envolta numa paisagem bucólica, longe, na altura, da cidade.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no ML.



*Vista da Penha de França – Lisboa*  
Óleo sobre tela, reentelado e restaurado, assinado e datado de 1859  
Lote 154 – Leilão 113 de 14 de Dezembro de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Vista de Lisboa – Tejo e Palácio da Ajuda*  
Óleo sobre tela, reentelado e restaurado, assinado e datado de 1859  
Lote 190 – Leilão 120 de 27 de Setembro de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

---

<sup>441</sup> Fonte e mais informações disponíveis em <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/info/igreja-e-edificio-do-antigo-convento-de-nossa-senhora-da-penha-de-franca/>., consultado a 29 de Outubro de 2015.



## JACINTO LUÍS (n.1945)

### **Jacinto Luís nasceu em Maxieira, Fátima, em 1945**

Autodidacta, é um dos mais internacionais artistas portugueses.

Em 1964 foi viver para Paris e em 1969 surgem os seus primeiros trabalhos de desenho e pintura. Estava a trabalhar em Paris quando recebeu uma bolsa do Governo Italiano para ir estudar para a Itália, para a *Academia das Artes*, onde esteve até 1975.

Entre 1982 e 1983 foi bolseiro da FCG em Paris, onde convive com muitos artistas. Entre 1992 e 1997 viveu e trabalhou em Madrid, Espanha. A sua obra não é enquadrável em nenhuma corrente estética completamente definida.

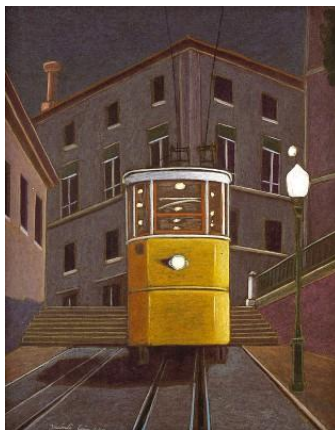
É um artista cujo talento é reconhecido internacionalmente e já participou em inúmeras exposições, cerca de quarenta e duas individuais e duzentas colectivas, em Portugal e no estrangeiro.

Jacinto Luís encontra, na cidade de Lisboa, onde reside desde 1997, uma das fontes principais da sua temática, logo, podemos considerá-lo **um Pintor de Lisboa**.

Em 2010 esteve patente na *Galeria de Arte Casino Estoril* uma exposição sua intitulada ***A minha Lisboa***, tendo como tema as ruas, praças, telhados, monumentos e recantos da Lisboa pombalina.

Durante a cronologia estudada apareceram **nove obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado na Casa-Museu Amália Rodrigues (um retrato a óleo sobre tela da fadista da sua autoria) e em colecções públicas e privadas, nomeadamente Banco de Portugal, BPI, CAMB, CGD, FCG, Fundação Oriente e Fundação Cupertino de Miranda.



*Lisboa – eléctrico*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1989

Lote 110 – Leilão 97 de 12 de Maio de 2008

© **ARQUIVO DIGITAL DA CML**

## **JOÃO ABEL MANTA (n. 1924)**

### **João Abel Manta nasceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1928**

Este artista é filho dos pintores Abel Manta e Maria Clementina Vilas Boas Carneiro de Moura Manta (1898-1992), ambos pintores modernistas. Como artista plástico tem obras nas áreas da pintura, desenho, artes gráficas, cerâmica, tapeçaria e mosaico.

Filho único, começou a viajar muito cedo para o estrangeiro, acompanhando os seus pais, o que lhe permitiu ver exposições, museus, e conhecer artistas. Esteve em Espanha, França, Inglaterra e Holanda. Em Portugal, e conforme referiu, em entrevista, a José Jorge Letria: “(...) *conheceu, na casa familiar, alguns dos maiores nomes da vida cultural e científica portuguesa (...)*”.<sup>442</sup>

O artista licenciou-se em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em 1951 e tem vasta obra arquitectónica espalhada pela cidade de Lisboa. Apesar desta realidade, foi-se afastando gradualmente desta actividade para percorrer outros caminhos, como o cartoonismo, que foi marcante na sua longa carreira. Também criou selos, cenários, e capas de livros.

A sua actividade como cartoonista desenvolve-se entre o início da década de 1950 e o início da década de 1990. Na década de 1970 colaborou regularmente em jornais como o *Diário de Lisboa*, o *Diário de Notícias* e *O Jornal*. Volta a publicar, no início da década de 1980, no *Jornal de Letras*, mas a sua actividade como cartoonista vai-se tornando mais esporádica, orientando-se mais para a pintura.

Este artista participou em inúmeras exposições, em Portugal, e no estrangeiro, nas quais recebeu diversos prémios. Em 1947 participa na *II Exposição Geral de Artes Plásticas*, na SNBA. Em 1953 participa na *II Bienal de S. Paulo*, Brasil. Em 1961 recebeu o Prémio de Desenho na *II Exposição Internacional de Artes Gráficas*, em Leipzig, na Alemanha. Em 1967 expõe na Bienal de Tóquio, no Japão. Em 1976 expõe individualmente no ICA (*Institute of Contemporary Arts*), em Londres, Reino Unido. Em 1992 expõe no Museu Rafael Bordallo Pinheiro, em Lisboa e em 1999 está patente uma exposição individual sua no Centro Cultural de Cascais.

Em 1970 este artista concebeu o mural da Avenida Calouste Gulbenkian, em Lisboa – que seria executado pela *Fábrica de Cerâmica Constância / Faiança Battistini*<sup>443</sup> –, mas os azulejos só seriam colocados em 1982. Ainda no contexto da arte pública, interveio nos pavimentos de mosaico para arruamentos na Praça dos Restauradores, em Lisboa.

---

<sup>442</sup> Cf. LETRIA, José Jorge, *João Abel Manta: Não se Distorce a Cara de Um Homem*, Lisboa, SPA e Guerra & Paz, 2014, p.14.

<sup>443</sup> O pintor e ceramista italiano Leopoldo Luigi Battistini (1865-1936) adquiriu a Fábrica de Cerâmica Constância, fundada em 1821, situada em Lisboa no Bairro das Janelas Verdes, nas imediações do MNAA, como sócio maioritário em 1921, passando a chamar-se Fábrica de Cerâmica Constância / Faiança Battistini. O Museu de Lisboa e o MNAA possuem uma vasta colecção de trabalhos deste artista.

Em 2009 esteve patente, no Palácio Galveias, em Lisboa, a exposição individual *João Abel Manta: Pintura 1991-2009*.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no CAM-JAP, no MNSR, no MMAB e em diversas colecções particulares e públicas.



*Elevador do Lavra*

Óleo sobre tela colado em aglomerado de madeira, assinado e datado de 1967

Lote 103 – Leilão 135 de 30 de Janeiro de 2012

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOÃO ALBERTO (1909-????)**

Este artista é mais um dos casos em que, lamentavelmente, a informação é praticamente inexistente.

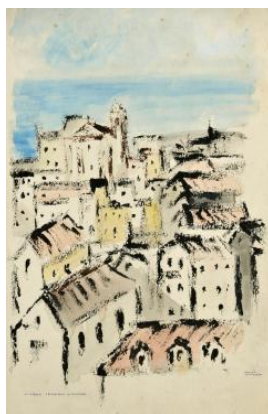
Foi um aquarelista e expôs numa mostra colectiva da SNBA em 1940.

Na sua obra *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão*, Jean-Pierre Blanchon refere apenas que este artista expôs na SNBA, que “(...)as suas aquarelas têm uma certa frescura e merecem ser compradas (...) entre 2009 e 2014 confirmou os seus níveis com três aquarelas vendidas entre os 150 e os 200 euros.”<sup>444</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

---

<sup>444</sup> Cf. BLANCHON, *Cotação de Artistas Portugueses em Leilão*, Lisboa, Scribe, 2015, p.18.



*Lisboa – Telhados d'Alfama*  
Tinta-da-China e aguarela sobre papel, assinada  
Lote 349 – Leilão 143 de 12 de Novembro de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOÃO REIS (1899-1982)**

#### **João Reis nasceu em 1899 e faleceu em 1982**

Foi educado num ambiente artístico pois era filho do pintor naturalista Carlos Reis (1863-1940) – presente no nosso *corpus*.

Fez o exame de admissão ao curso especial de Pintura da Escola de Belas Artes de Lisboa em 1915, isto é, três anos do Curso Geral num só ano, passando a seguir para a Cadeira de Pintura Histórica, regida pelo pai.

Durante o Curso obteve os prémios *Lupi* (Pintura de modelo vivo) e *Anunciação* (Pintura de um animal), e uma Medalha de Prata por ser o aluno mais classificado do Curso, terminando com 20 Valores.

Precocemente, aos 14 anos, expôs na SNBA, onde alcançou uma Menção Honrosa. Faz parte da **geração dos naturalistas** e é, sobretudo, um paisagista.

Acompanhou o pai em diversas exposições, em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Brasil e Panamá), recebendo vários prémios.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML e no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha).



*Igreja de S. Miguel - Alfama*  
Aquarela sobre papel, assinada  
Lote 284 – Leilão 122 de 15 de Novembro de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOÃO VAZ (1859-1931)**

**João José Vaz nasceu em Setúbal no dia 9 de Março de 1859 e faleceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1931**

Frequentou a Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípulo do pintor Silva Porto (1850-1893).

Pintor **naturalista**, na sua pintura de cavalete dedicou-se maioritariamente a marinhas, tendo como pano de fundo o Rio Tejo e o Rio Sado. Teve a sua primeira exposição patente na *Sociedade de Geografia de Lisboa*, em 1881.

Participou, com óleos e aguarelas em exposições em Lisboa, na Sociedade Promotora das Belas-Artes, no Grémio Artístico e na SNBA. Foi sócio-fundador do Grémio Artístico e da SNBA. É um dos artistas do denominado *Grupo do Leão*, liderado por Silva Porto – encontra-se retratado na histórica tela de Columbano *O Grupo do Leão*, de 1885. Participou em várias exposições nacionais e estrangeiras, e recebeu uma Menção Honrosa na *Exposição Universal de Paris*, em 1900.

Este pintor naturalista retratou, sobretudo, inúmeros aspectos da costa portuguesa e da vida ribeirinha.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontramos trabalhos seus, como pintor-decorador de interiores, na Assembleia da República, no Museu Militar de Lisboa, no Palácio de Belém e na Igreja da Graça, entre outros.

Está representado no ML, na CMAG, na Casa-Museu Medeiros e Almeida e em colecções particulares. Como pintor-decorador tem obras suas, entre outros, no Palácio

de Belém, na Assembleia da República, no Museu Militar de Lisboa, na Faculdade de Ciências Médicas da UNL e na Igreja da Graça, em Lisboa.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Travessa, na freguesia de Arroios.**



*Vista do Tejo com Torre de Belém*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 244 – Leilão 53 de 13 de Maio de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **JOAQUIM BÉRTHOLO (n. 1920)**

Joaquim Rodrigues Bértholo nasceu em Alhandra em 1920. É descendente de uma família de notáveis artistas - é tio do pintor René Bértholo, filho do seu irmão Augusto Bértholo, igualmente pintor.

Pintor aguarelista, estudou em Lisboa, frequentou o *Círculo Artístico e Cultural Mário Augusto* – criado em homenagem ao pintor Mário Augusto (1895-1941) -, e frequentou o Curso de Animalista da Academia Francesa de Desenho, em 1936.

Expôs colectivamente na SNBA nos anos de 1958, 1966 e 1970, e no Estoril em 1966 e 1970, e foi premiado.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no MNR, no Museu de Alhandra-Casa-Museu Sousa Martins e em colecções particulares.<sup>445</sup>

---

<sup>445</sup> As escassas informações que logrei obter deste artista agradeço a Paula Monteiro, do Serviço de Gestão de Colecção de Artes Plásticas do MNR e a Mónica Alves, do Centro de Documentação do Museu Municipal de Vila Franca de Xira.



*Lisboa - Rossio*  
Óleo sobre platex, assinado e datado de 1965  
Lote 119 – Leilão 94 de 28 de Janeiro de 2008  
© ARQUIVO DA CML

### **JORGE BARRADAS (1894-1971)**

**Jorge Nicholson Moore Barradas nasceu em Lisboa em 1894 e morreu em Lisboa em 1971**

A sua clara e precoce vocação para o desenho fez com que a família o inscrevesse na Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1911, estudos que abandonou, à semelhança de tantos outros artistas, por sentir uma insatisfação com o ensino aí praticado. Na opinião de Carla Mendes “(...) *foi nas ruas de Lisboa que aprendeu a ser um verdadeiro espírito livre.*”<sup>446</sup>

Em 1911 conhece o proprietário e director da publicação *A Sátira*, Joaquim Guerreiro, que o leva à *Brasileira* do Chiado e o introduz no meio artístico lisboeta. Irá assim pertencer à **primeira geração de artistas modernistas portuguesas**.

Na primeira exposição do *Grupo dos Humoristas Portugueses*, em 1912, Jorge Barradas, então um jovem de dezassete anos, estreia-se com oito desenhos.

As décadas de 1910 e 1920 foram marcadas pelo desenho humorístico, e pela publicidade, participando em diversas publicações como a *Ilustração Portuguesa* e a *ABC*. Participou em outros certames, como a *II Exposição dos Humoristas*, em 1913 e a *I Exposição de Humoristas e Modernistas*, de 1915, entre outras. Viajou e expôs no estrangeiro em países como a Espanha e a França - em 1937 recebeu a Medalha de Ouro da *Exposição Internacional de Paris* – e viveu uns meses no Brasil e em São Tomé, sítios onde irá trabalhar e registar tipos, resultado das suas impressões destas viagens.

Ao longo de toda a década de 1930 trabalhou também em cenografia e na década de 1940 foi participante assíduo das *Exposições de Arte Moderna* do SPN/SNI.

---

<sup>446</sup> Vide Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.20.



Durante as décadas de 1940 e 1950 trabalha exaustivamente em cerâmica, recebendo, em 1949, o *Prémio Sebastião de Almeida* (cerâmica), atribuído pelo SNI. Para Carla Mendes, no âmbito da azulejaria a sua obra é considerada um dos melhores exemplos das primeiras tentativas de renovação da azulejaria em Portugal.<sup>447</sup>

Em 1965 realizou uma exposição individual na Galeria do *Diário de Notícias*.

Para Carla Mendes “(...) a maioria das histórias de Barradas tem sempre os mesmos protagonistas, que são os tipos alfacinhas: o mendigo, o bêbedor, o novo-rico, os ardinhas (...) etc. O corpo feminino era o elemento mais representado. A intenção de Barradas era fixar tipos existentes da mulher lisboeta.”<sup>448</sup>

Tem obras suas espalhadas pela capital, como o baixo-relevo, de 1940, da Fonte Monumental, na Alameda D. Afonso Henriques, *O Baptismo de Jesus*, de 1952, obra de cerâmica para a Igreja de S. João de Deus, ou a escultura em cerâmica, de 1959, exposta no átrio de entrada do Museu de Lisboa-núcleo Palácio Pimenta.

Na Faculdade de Letras da UL, destaca-se um painel cerâmico intitulado *Elogio do Conhecimento*, concebido por este artista, em 1957, e executado na *Fábrica Viúva Lamego*, onde o artista possuía um *atelier*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no CAM-JAP, no MNAz, no MNSR e em diversas colecções públicas e particulares.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Benfica.**



*Mulher com canastra à cabeça*  
Pintura sobre placa cerâmica, assinada e datada de 1939  
Lote 297 – Leilão 62 de 15 de Dezembro de 2003  
© ARQUIVO DA CML

<sup>447</sup> Vide Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.20.

<sup>448</sup> *Idem*, p.21.



## **JOSÉ ESCADA (1934-1980)**

**José Jorge da Silva Escada nasceu em Lisboa a 26 de Junho de 1934 e faleceu em Lisboa a 22 de Agosto de 1980**

Referindo-se a José Escada, a Professora Sílvia Chicó afirma que é preciso conhecer a obra, demasiadamente esquecida, de um dos grandes pintores portugueses do século XX, que, embora muito estimado por artistas como Vieira da Silva, nunca foi, em vida, um pintor consagrado.<sup>449</sup>

Iniciou a sua formação na Escola de Artes Decorativas António Arroyo, terminando em 1950 e ingressando, nesse ano, na ESBAL, no Curso Especial de Pintura, que concluiu em 1958. Amigo de René Bertholo, Costa Pinheiro e outros artistas, que, além de partilharem consigo o *atelier*, se reuniam em tertúlias no tradicional café lisboeta *Café Gelo*, no Rossio. Nunca perdendo o contacto com estas amizades, retoma-as em Paris, para onde foi estudar como bolseiro da FCG, em 1959, quando integra o *Grupo KWY*, actuante até 1965. Diz-nos Sílvia Chicó que “(...) *em Paris foi expectador ávido e atento (...) como pode observar-se lendo os seus relatórios de bolseiro*”.<sup>450</sup>

Este artista inicia o seu percurso artístico na década de 1950, colaborando, como ilustrador, em diversas publicações nas quais também vai dar um interessante contributo com a produção de textos críticos sobre a arte contemporânea e o ensino artístico em Portugal.

Em 1953 participou pela primeira vez numa exposição colectiva na SNBA, a *VII Geral de Artes Plásticas*, e em 1954 expôs no *Centro Nacional de Cultura* não mais parando de participar em exposições. Tal como muitos artistas da sua geração, a sua obra não está integrada numa escola específica, localiza-se entre a figuração e a abstracção.

Quando não usa a aguarela, o artista cria composições abstractas a óleo, materializando as suas pesquisas sobre as formas e sobre a luz, ao criar pinturas em suportes não tradicionais como papéis coloridos, recortados e dobrados de modo simétrico. Dedicou-se à pintura, ao desenho, a colagens e relevos recortados, à ilustração, à realização de murais, pintados e esgrafitados. Para Pedro Simões este artista destaca-se no mercado leiloeiro nacional e as suas obras obtêm um volume total de vendas importante.<sup>451</sup>

Apesar da sua importância fundamental no panorama da pintura portuguesa da segunda metade do século XX, encontra-se muito esquecido.

---

<sup>449</sup> Cf. CHICÓ, Sílvia, *Não esquecer José Escada, um “Príncipe Fora do Tempo”*, in Anuário da Crítica de 2014 da AICA, p.93.

<sup>450</sup> *Idem*, p.94.

<sup>451</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.220.

Este artista morreu prematuramente e, segundo Ana Filipa Ramos “*Nos seus últimos trabalhos, o artista dedica-se novamente à pintura, desta vez mais ligada à sua memória e vivência pessoal*”.<sup>452</sup>

Até ao dia 31 de Outubro deste ano [2016], a Colecção Moderna da FCG<sup>453</sup> apresenta a primeira exposição retrospectiva dedicada a este artista intitulada *Eu não evoluo, viajo*, com curadoria de Rita Fabiana, Curadora e produtora de exposições de arte contemporânea.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no CAM-JAP, na Casa-Museu Amália Rodrigues (uma colagem sobre papel oferecida pelo artista), na Colecção de Arte Contemporânea da FLAD e em colecções particulares.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia do Lumiar.**



*Os Jerónimos*  
Óleo sobre tela, não assinado  
Lote 131 – Leilão 131 de 17 de Outubro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOSÉ DE LEMOS (1910-1995)**

**José Fernandes de Lemos nasceu em Lisboa a 23 de Abril de 1910 e faleceu em Lisboa a 21 de Abril de 1995**

Este artista foi um ilustrador notável, um desenhador e caricaturista humorista, um invulgar contador de histórias para crianças e, ainda, pintor.

Colaborou com inúmeras revistas e jornais, como o jornal infantil *O Papagaio*, onde trabalhou com TOM.

<sup>452</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.143.

<sup>453</sup> A Colecção Moderna da FCG iniciou-se após a morte de Calouste Gulbenkian, em 1955, e tem vindo sempre a crescer, através de aquisições, ou doações. Fonte: <https://gulbenkian.pt/cam/colecao-moderna/sobre-colecao/>, consultado a 30 de Setembro de 2015.

Entre outros, foi galardoado em 1944 e em 1947 com o *Prémio Nacional de Literatura Infantil Maria Amália Vaz de Carvalho*, atribuído pelo SNI.

Entre Março e Abril de 2014, esteve patente, na Galeria de Exposições, da Casa da Cultura de Setúbal, a Exposição de desenhos deste artista, intitulada *Riso Amarelo*.<sup>454</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*O Cauteleiro*

Tinta-da-China sobre papel, assinada e datada de 1970

Lote 295 – Leilão 96 de 14 de Abril de 2008

© [ARQUIVO DA CML](#)

### **JOSÉ JOAQUIM RAMOS (1881-1972)**

**José Joaquim Ramos nasceu no Porto em 1881 e faleceu em 1972**

José Joaquim Ramos, mais conhecido por J.J. Ramos – a maneira como assinava as suas obras –, cursou Belas-Artes e foi discípulo do pintor de paisagem Ezequiel Pereira (1863--1943) e do pintor retratista e histórico Veloso Salgado. Foi um importante naturalista.

Este artista foi oficial do Estado-Maior do Exército (Tenente-Coronel) e combateu na frente europeia, na Flandres, durante a I Guerra Mundial de 1914-1918.

Esteve presente em várias exposições da SNBA, onde obteve a 1ª Medalha em pintura em 1942. Obteve igualmente a Medalha de Ouro na *Exposição de Sevilha*, em 1927, e o *Prémio Silva Porto*, do SNI, em 1951.

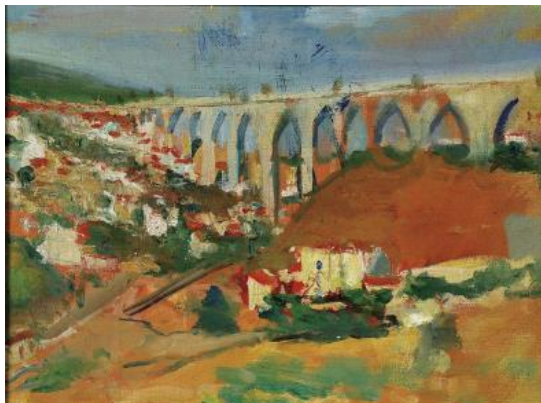
Em 2015 esteve patente a Exposição *Artistas Portugueses na Grande Guerra*, na Academia Militar da Amadora, a qual incluiu obras de sete artistas-militares, entre os quais José Joaquim Ramos.

---

<sup>454</sup> Nome dado à rubrica criada pelo artista, de 1942 até 1992, na *Página Infantil* do extinto jornal diário *Diário Popular*.

Durante a cronologia estudada apareceram **cinco obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no Museu Municipal de Tomar (Tomar), assim como em importantes colecções particulares portuguesas.



*Aqueduto das Águas Livres*  
Óleo sobre tela, não assinado, autenticado no verso  
Lote 198 – Leilão 163 de 17 de Novembro de 2014  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOSÉ MALHOA (1855-1933)**

**José Vital Branco Malhoa nasceu nas Caldas da Rainha a 28 de Abril de 1855 e faleceu em Figueiró dos Vinhos a 26 de Outubro de 1933**

Entrou, com doze anos de idade, para a Real Academia de Belas-Artes de Lisboa onde foi discípulo de Tomás D’Anunciação e de Miguel Ângelo Lupi.

Iniciou a sua formação artística através do movimento do Romantismo, veiculado pelos seus mestres, mas, apesar desta formação romântica, foi como **naturalista** que se afirmou, captando o quotidiano de Portugal.

Durante a sua longa e profícua carreira, realizou inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro. **Foi pioneiro do Naturalismo** em Portugal e também se destacou pela sua aproximação ao Impressionismo.

Durante os anos de estudo, passava as tardes a desenhar Lisboa e os seus arredores.

Fez parte do *Grupo do Leão* – encontra-se retratado na histórica tela de Columbano *O Grupo do Leão*, de 1885, à guarda do MNAC.

Na *Exposição Universal de Paris*, em 1900, recebeu uma medalha de prata, apenas uma, das inúmeras distinções.

Dele disse Raquel Henriques da Silva: “(...) *o mais popular dos pintores portugueses naturalistas (...) Malhoa foi essencialmente um pintor de género que celebrou a vida portuguesa sobretudo através do realismo com que tratou as suas gentes (...)*”.<sup>455</sup>

Foi o autor do icónico quadro *O Fado*, criado em 1910, pintura a óleo sobre tela (150 x 183 cm) que se encontra à guarda do Museu do Fado, na capital<sup>456</sup>. Esta pintura foi exposta pela primeira vez em Lisboa em 1917, na *14ª Exposição da SNBA*, na sequência da qual foi adquirida pela C.M.L.. Sobre esta obra afirmou Nuno Saldanha: “(...) *difficilmente podemos encontrar eco de uma obra que alcance o estatuto de ícone na cultura visual portuguesa como O Fado (...)*”.<sup>457</sup>

Foi o primeiro Director da SNBA e legou uma bolsa de estudos a ser atribuída por aquela instituição.

Em 1933, ano da sua morte, foi criado o Museu José Malhoa,<sup>458</sup> nas Caldas da Rainha, que mostra o maior núcleo reunido de obras do artista e uma importante colecção de pintura, escultura e cerâmica dos séculos XIX e XX e foi o primeiro museu a ser construído de raiz em Portugal.

O artista teve uma longa carreira e deixou mais de duas mil obras.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, na CMAG, na Casa-Museu Teixeira Lopes (Vila Nova de Gaia), na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça (Alpiarça), no Museu do Fado e no Museu Maria da Fontinha (Castro Daire).

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Avenida, na freguesia de Campolide.**

---

<sup>455</sup> Cf. Prefácio da Tese de Doutoramento de Nuno Saldanha, *José Malhoa: Tradição e Modernidade*, Lisboa, Scribe, 2010, pp.7-8.

<sup>456</sup> Esta pintura, embora se encontre integrada no circuito expositivo do Museu do Fado, pertence à colecção do Museu de Lisboa – núcleo Palácio Pimenta (inv.MC.PIN.1). Agradecemos este esclarecimento a Ricardo Bóia (Museu do Fado) e a Rosário Dantas (Museu de Lisboa-núcleo Palácio Pimenta).

<sup>457</sup> Cf. Introdução da obra *José Malhoa: Tradição e Modernidade*, Lisboa, Scribe, 2010, p.14.

<sup>458</sup> Em <http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/MCR/museus/museujosemalhoa/m> consultado a 20 de Dezembro de 2015.



*Festejando o S. Martinho ou Os Bêbados*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1912  
Lote 550 – Leilão 128 de 1 de Junho de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Costumes III – O Carnaval Alfacinha*  
Óleo sobre madeira, assinado e datado de 1899  
Lote 170 – Leilão 136 de 5 de Março de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOSÉ NEVES DE AZEVEDO (1923-2002)**

**José Fernando Neves de Azevedo nasceu em Vila Nova de Gaia a 17 de Janeiro de 1923 e faleceu em Lisboa a 28 de Agosto de 2002**

Este artista, embora não muito estudado e divulgado – como tantos outros –, **foi um nome incontornável do surrealismo português.**

Foi artista plástico, ensaísta, crítico de arte, ilustrador, decorador, cenógrafo – colaborou, entre outros, com o *Ballet Gulbenkian* –, e museógrafo.

Foi um dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa, em 1947, de onde faziam parte outros nomes como António Pedro (1909-1966), José-Augusto França (n.1922) e Vespeira (1925-2002).

Aluno da Escola de Artes Decorativas de António Arroyo, cujo curso completou, ao contrário do curso de Pintura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, juntava-se a um grupo de colegas da mesma escola que, por volta de 1942 se juntava no café *Hermínius*, debatendo arte. Queriam, acima de tudo, libertar-se das regras, das elites, e queriam trazer a arte para todas as pessoas. Um dos seus mentores era o escritor e pintor Mário Cesariny (1923-2006), colega na mesma escola e que vai encontrar no Surrealismo o espaço de liberdade que precisa para a sua pintura.

A primeira, e única, exposição deste Grupo teve lugar em 1949, e José Neves de Azevedo participou com obras suas.

Este artista expôs pela primeira vez em 1943 com Vespeira e Júlio Pomar. Participou em inúmeras exposições colectivas, tendo recebido um 1º Prémio de Pintura na *II Exposição de Artes Plásticas* da FCG, em 1961.

Exerceu ainda a sua actividade como crítico de arte e publicou inúmeros artigos na imprensa, em catálogos, livros e revistas da especialidade, nomeadamente na *Revista Colóquio-Artes*, da qual também foi Consultor-Artístico.

Foi Presidente da *Gravura – Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses* - que existiu entre 1956 e 2012 -, um projecto pioneiro e inédito em Portugal, entre 1972 e 1974 e foi Presidente da SNBA entre 1979 e 2002.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

### **JOSÉ PENICHEIRO (1921-2014)**

**José Penicheiro – nome artístico Zé Penicheiro – nasceu na aldeia beirã de Candosa, Concelho de Tábua, em 1921 e faleceu na Figueira da Foz a 15 de Março de 2014**

Autodidacta, este artista iniciou a sua carreira como caricaturista e ilustrador. Detinha uma característica especial, na sua vertente de caricatura, a que o próprio chamou de *caricatura em volume*, e iniciou o seu ciclo de exposições a partir de 1948. Colaborou com diversos jornais e publicações nacionais e regionais com os seus *cartoons* de humor.

Trabalhou igualmente no domínio da publicidade criativa e da decoração. Como desenhador projectou e decorou inúmeros pavilhões de feiras e exposições, nacionais e internacionais.

Foi o autor de diversos murais e painéis espalhados pelo país, um deles encontra-se na Universidade de Aveiro, em frente ao edifício da Reitoria.

Foi fundador do *Círculo de Artes Plásticas Aveiro/Arte*.

Efectuou dezenas de viagens de estudo a museus e galerias, de Madrid, Paris, Munique, Zurique, entre outras.

No final da década de 1970 passou a dedicar-se, em exclusivo, à pintura, no seu *atelier*, em Aveiro. Pintou diversas cidades, com destaque para Aveiro, Figueira da Foz e Lisboa.

Estiveram trabalhos seus patentes em dezenas de exposições, colectivas, e individuais. Expôs colectivamente em países como Espanha, Brasil, Canadá e E.U.A..

Recebeu diversos prémios ao longo da sua carreira, com destaque para um 1º Prémio num concurso da C.M.L., com uma pintura da Casa dos Bicos.

Em 1999 foi homenageado no Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora.



Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Este artista tem larga representação em colecções particulares, nacionais e estrangeiras.



*Lisboa d'Ontem «Viela»*  
Guache sobre papel, assinado e datado de 2001  
Lote 309 – Leilão 138 de 7 de Maio de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **JOSÉ RIBEIRO (1907-1991)**

**José Ribeiro nasceu em Lisboa em 1907 e faleceu em 1991**

Este artista, pintor e ceramista, **dedicou grande parte da sua carreira a desenhar e pintar detalhes da Lisboa antiga.**

Apesar de as suas obras aparecerem com frequência nas casas leiloeiras e terem aceitação, existe muito pouca informação sobre este artista.

Estudou em Lisboa com a bolsa de estudos *José Malhoa*.

Expôs individual e colectivamente.

Recebeu, em 1946 o *Prémio José Malhoa*, o *Prémio Luciano Freire* da ANBA para Desenho em 1947 e a 1ª Medalha para desenho da SNBA em 1949.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MGV.



## **JÚLIO POMAR (n. 1926)**

**Júlio Pomar nasceu em Lisboa, no bairro das Janelas Verdes, a 10 de Janeiro de 1926**

Estudar a vida e a obra deste artista é fazer uma retrospectiva de um dos expoentes máximos das artes plásticas portuguesas, de um longo e abundante percurso que ficará como um marco na história da Arte Moderna e Contemporânea do nosso país.

A diversidade artística de Júlio Pomar no século XX reflecte momentos de uma actividade intensa e de experiências enriquecedoras, entre Portugal e França. A sua linguagem visual, consciência de um mundo em constante transformação, assume-o como um fenómeno criativo e inovador

Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroyo e as Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto e **pertence à terceira geração de pintores modernistas portugueses.**

Participou, em 1942, numa primeira mostra de grupo, em Lisboa, e realizou a primeira exposição individual em 1947, no Porto. Em 1963 instala-se em Paris e ainda vive, actualmente, entre esta cidade e Lisboa.

A sua vasta e longa carreira artística – além da pintura dedicou-se ao desenho, à ilustração, à escultura, à cerâmica, à gravura, à tapeçaria, e à cenografia – iniciou-se sob a influência do Neo-Realismo mas, nas últimas décadas tem abordado uma grande variedade de universos temáticos. Ainda publicou dois livros de poesia, em 1992 e em 2003.

Ana Filipa Ramos considera que “(...) *é interessante observar em Júlio Pomar um percurso articulado, em que cada etapa recupera a anterior e anuncia já a seguinte, como um processo de constante metamorfose e alteração, um constante reconstruir e rever dos processos e técnicas utilizadas.*”<sup>459</sup>

Foi um dos principais organizadores das Exposições Gerais realizadas na SNBA entre 1946 e 1956. Em 1956 participa na fundação da Sociedade *Cooperativa de Gravadores Portugueses*, vulgarmente conhecida por ***Cooperativa Gravura***, projecto inédito, torna-se um centro de formação e divulgação da arte da Gravura no meio artístico nacional. Por ela passaram dezenas de artistas, tornando-se, ao longo de meio século, um dos principais divulgadores da arte moderna em Portugal até encerrar a sua actividade, em 2012.

É um dos mais destacados artistas portugueses e já participou num vastíssimo número de importantes exposições colectivas, e individuais, em Portugal e no estrangeiro, tendo recebido inúmeros prémios.

---

<sup>459</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.81.

A Rede do Metropolitano da cidade de Lisboa, cujas obras de arte estão classificadas como arte pública, tem, na estação de *Alto dos Moinhos* – Linha Azul, inaugurada em 1988, intervenção plástica deste artista.

Um dos painéis de azulejos decorativos presentes na Avenida Infante Santo, em Lisboa, de 1958, e produzidos pela *Fábrica Sant'Anna*, um painel modernista, é de sua autoria e da artista plástica Alice Jorge (1924-2008). **Trata-se de uma composição que junta figuras típicas da Lisboa da época.**

A vasta obra deste artista aparece com frequência no mercado de arte português. Na edição do semanário *Expresso* de 31 de Julho de 2015, o jornalista João Miguel Salvador apresenta a notícia de que Rui Brito, filho do fundador da Galeria 111 e colecionador Manuel de Brito (1928-2005), adquiriu o óleo *O Almoço do Trolha*, obra icónica do movimento neo-realista português e um dos mais importantes de Júlio Pomar, pela quantia de 350 mil euros (base de licitação de 300 mil euros), na Leiloeira PCV, em leilão realizado em Maio de 2015.

Os valores da sua obra atingem, no mercado de arte, montantes avultados. No leilão 172 da CML, de 19 de Outubro de 2015, o Lote 141, um óleo sobre tela de 1962, *Cavaleiro e Toiro*, foi arrematado pelo valor de 120 mil euros.<sup>460</sup>

Segundo o estudo de Pedro Simões, entre 2007 e 2008, dois momentos altos do mercado de arte, foram os lotes produzidos por este artista durante as décadas de 1970 e 1980 os que estiveram em maior quantidade em leilão.<sup>461</sup>

O artista instituiu, em 2004, uma Fundação com o seu nome<sup>462</sup> e em 2013 foi inaugurado o Atelier-Museu Júlio Pomar<sup>463</sup> criado pela C.M.L. e gerido pela EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural). O acervo desta instituição conta com várias centenas de obras, doadas pelo artista à sua Fundação, e depositadas por esta no Atelier-Museu. Um testemunho histórico, feito na primeira pessoa, que vai do Neo-Realismo à Modernidade e que integra uma importante parcela da história da arte em Portugal. Para além do património artístico, esta instituição detém um acervo documental e bibliográfico da obra do artista, fundamental, para além do seu valor histórico, para o estudo contínuo da sua obra.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

---

<sup>460</sup> Em Portugal, os valores mais altos atingidos no mercado de arte secundário por artistas de topo, e, por norma, em final de carreira, ou entretanto falecidos, ronda os 200 mil euros. Com algumas excepções, caso por exemplo da artista plástica Joana Vasconcelos (n. 1971) que, ainda jovem, ultrapassou estes números num leilão da Christie's com a sua obra *Marilyn*, dim. (2x) 290 x 157 x 410 cm, de 2009, arrematada, no leilão de 15 de Outubro de 2010 em Londres, por 505.250 libras (cerca de 600 mil euros). Fonte: jornal diário *Diário de Notícias online*, de 15 de Outubro de 2010.

<sup>461</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p. 97.

<sup>462</sup> Disponível em <http://www.fundacaojuliopomar.org>., consultado a 4 de Abril de 2016.

<sup>463</sup> Disponível em <http://www.ateliermuseujuliopomar.pt>., consultado a 4 de Abril de 2016.

Está representado no MNAC, no CAM-JAP, na FCM, no MMAB, no CAMB, no MNR, na Fundação Serralves, no MCB, na Colecção de Arte Contemporânea da FLAD, da CGD e em inúmeras outras colecções, públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro.



*Fernando Pessoa*

Caneta de Feltro sobre papel vegetal, assinada e datada de 1983

Lote 15 – Leilão 105 de 20 de Abril de 2009

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Fernando Pessoa*

Litografia sobre papel, assinada e datada de 1985

Lote 489 – Leilão 172 de 19 de Outubro de 2015

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **LEAL DA CÂMARA (1876-1948)**

**Tomás Júlio Leal da Câmara nasceu em Pangim, no estado de Goa, na então Índia Portuguesa, a 30 de Novembro de 1876 e faleceu na Rinchoa, Sintra, a 21 de Julho de 1948**

Revelou, desde muito cedo, uma especial aptidão pelo desenho e pela caricatura.

Colaborou com vários jornais, sempre com uma forte tendência satírica e contam-se aos milhares as suas colaborações em periódicos portugueses, franceses, espanhóis, belgas, ingleses e alemães. Durante uma temporada, na década de 1920, dedicou-se a representar, em desenho e aguarela – era um talentoso aguarelista – figuras populares. Ilustrou livros infantis e foi professor de Desenho e de Artes Decorativas durante vinte e sete anos. Viu, ainda em vida, o seu nome consagrado pela SNBA, e recebeu diversos prémios e homenagens.

Dele disse Rui-Mário Gonçalves “(...) foram numerosos os jovens humoristas que apareceram (...) mas nenhum teve o talento nem a acutilância política de Leal da Câmara.”<sup>464</sup>

<sup>464</sup> Cf. GONÇALVES, Rui-Mário, *A Arte Portuguesa do Século XX*, Lisboa, Temas e Debates, 1998, p. 34.

Em 1898 vai viver para Madrid, onde se mantém até ao ano de 1900. Neste ano mudou-se para Paris e esteve presente na *Grande Exposição Universal* de Paris, onde viveu alguns anos, centro do mundo culto de então, onde convive com inúmeros artistas e intelectuais.

Esteve patente, em 1912, uma exposição individual das suas obras em Lisboa.

Em 1947 deu-se uma exposição retrospectiva da sua obra na SNBA, e em 2010 esteve patente, no Museu das Artes de Sintra, uma exposição retrospectiva da obra deste artista.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Estão presentes trabalhos seus no Museu das Artes de Sintra e em diversos museus municipais portugueses. Na casa onde viveu, desde 1930 até à sua morte, na Rinchoa, Sintra, foi criada a Casa-Museu de Leal da Câmara, onde está patente grande parte do seu notável espólio.<sup>465</sup>

### **LEITÃO DE BARROS (1896-1967)**

**José Júlio Marques Leitão de Barros nasceu em Lisboa a 22 de Outubro de 1896 e faleceu em Lisboa a 29 de Junho de 1967**

Para além do seu trajecto na pintura, o artista foi Arquitecto, cineasta, dramaturgo, jornalista e professor.

Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e foi professor do Ensino Secundário. Frequentou, mais tarde, a Escola de Belas Artes de Lisboa, onde se formou em Arquitectura.

Expôs várias obras suas em Lisboa, nomeadamente na SNBA, onde foi premiado, e em museus portugueses, em Espanha e no Brasil.

Foi Secretário-Geral da *Exposição do Mundo Português*, em 1940. Foi Director da SNBA.

Publicou, em 1960, um livro em que reuniu as crónicas satíricas que publicava no jornal *Diário de Notícias*, intitulado *Os Corvos*, ilustrado por João Abel Manta –presente no nosso *corpus*.

O artista ficou, no entanto, mais célebre pela sua vasta carreira como Realizador de Cinema, na qual se destaca, entre muitos outros, o primeiro filme sonoro português, *A Severa*, de 1931.

---

<sup>465</sup> Disponível em <http://www.museuvirtual.cm-sintra.pt/casa-museu-de-leal-da-camara/>., consultado a 9 de Março de 2016.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC, no MGV, no Museu das Caldas da Rainha e em diversos museus municipais.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de São Domingos de Benfica.**



*Basilica da Estrela vista do Jardim*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1924  
Lote 217 – Leilão 77 de 23 de Janeiro de 2006  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **LIMA DE FREITAS (1927-1998)**

**José Lima de Freitas nasceu em Setúbal a 22 de Junho de 1927 e faleceu em Lisboa a 5 de Outubro de 1998**

Este artista destacou-se como pintor, desenhador, ilustrador, gravador, publicitário, tradutor e ensaísta, tendo deixado vários títulos publicados.

Frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Aderiu ao Neo-realismo em 1946, tornando-se numa voz activa questionando o Surrealismo e a arte abstracta.

Como ilustrador, colaborou com numerosas publicações periódicas, nacionais e estrangeiras. Ilustrou mais de uma centena de livros.

Foi autor de inúmeras obras artísticas, de entre as quais murais de azulejos, dos quais se destacam os catorze exemplares da Estação do Rossio em Lisboa, produzidos pela *Fábrica de Cerâmica de Constância*, em 1996, **alusivos aos mitos e figuras lendárias**

**de Lisboa e que, para além da simbologia, pretendem retratar o imaginário da capital.**

Viveu em Paris, França, entre 1954 e 1959.

A partir de 1946 expôs colectivamente diversas vezes, nomeadamente na SNBA, na FCG e na *II Bienal de S. Paulo*, Brasil, em 1953.

A partir de 1950 expôs individualmente na SNBA e em diversas galerias de arte do país.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Benfica.**



*Travessa do Menino Deus*  
Guache sobre papel, assinado e datado de 1986  
Lote 264 – Leilão 135 de 30 de Janeiro de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **LUCÍLIA DE BRITO (1918-2007)**

**Lucília Rosa de Brito Amaral nasceu em Lisboa em 1918 e faleceu em 2007**

Esta artista, de estilo figurativo, clássico, detém um excepcional *curriculum*.

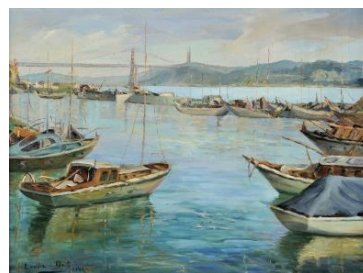
A artista expôs, com regularidade, em Lisboa, nos Salões da SNBA, onde foi premiada, bem como em diversos museus municipais, e em Nova Iorque.

Está representada em numerosos museus municipais.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.



*Lisboa vista do Tejo*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1992  
Lote 121 – Leilão 113 de 25 de Janeiro de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Doca de Lisboa*  
Óleo sobre platex, assinado e datado de 1976  
Lote 477 – Leilão 163 de 17 de Novembro de 2014  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **LUÍS DOURDIL (1914-1989)**

**Luís César Pena Dourdil nasceu em Coimbra a 8 de Novembro de 1914 e faleceu em Lisboa no dia 29 de Setembro de 1989**

Autodidacta, foi um talentoso pintor, desenhador, artista gráfico e muralista. Destaca-se a sua vocação monumental e um estilo identificado com a linguagem plástica moderna.

**Os bairros de Lisboa são objecto da sua pintura e a sua temática incide em gente anónima e o meio urbano, Alfama e as suas peixeiras, por exemplo.** Foi um humanista e sentiu o apelo pelo mundo das pessoas.

Da sua obra destacam-se os murais e painéis de grandes dimensões, como é o caso do mural do Café e Cinema Império, em Lisboa, uma monumental obra decorativa executada a têmpera, no ano de 1955 e restaurada em 2014, para as comemorações do centenário do nascimento do artista, promovidas pela C.M.L.

Expõe pela primeira vez em 1935, na *Exposição de Arte Moderna*, organizada pela revista de Cultura e Arte *Momento*. Participou em largas dezenas de exposições colectivas e algumas individuais em Portugal e no estrangeiro. Criado pela Câmara, em 1971, foi inaugurado um *Centro Municipal de Artes Plásticas*, no antigo Palacete dos Coruchéus, no bairro de Alvalade em Lisboa, onde foi criado um conjunto – cerca de meia centena – de *ateliers* para artistas plásticos. Luís Dourdil trabalhou durante largos anos num desses espaços. Em Março de 1974, e no mesmo edifício, foi inaugurada a *Galeria de Arte Quadrum*, anteriormente referida. Ambos os espaços ainda existem, e são propriedade da C.M.L.

Em 1990, a *Galeria de Arte Casino Estoril* dedicou a este artista uma Exposição/homenagem na qual participaram setenta e dois artistas portugueses.

Integradas nas comemorações do centenário do nascimento do artista, de Julho a Agosto de 2015, a C.M.L. teve patente, na *Galeria de Exposições dos Paços do Concelho*, uma Exposição da sua obra intitulada *Cem Anos de Dourdil: a Pintura Antes de Tudo*, e de



12 de Fevereiro a 13 de Março de 2015, a SNBA teve patente a Exposição intitulada *Beleza e Tragédia em Luís Dourdil*.

A sua longa carreira artística está ligada aos movimentos artísticos do Modernismo, Abstraccionismo e Expressionismo.

Luís Dourdil fez parte das Direcções da SNBA nos biénios de 1957/58, 1959/60 e 1961/62, fazendo ainda parte do Conselho Técnico no biénio de 1964/65.

Em 1965 recebe o Prémio de Desenho da Casa da Imprensa Lisboa e em 1984 o 1º Prémio de Pintura da Secretaria de Estado da Cultura, na *Exposição de Homenagem dos Artistas Portugueses a Almada Negreiros*.

A propósito da Exposição *Luís Dourdil*, patente no Palácio Galveias em 2001, João Soares, então Presidente da C.M.L., assinala, no respectivo catálogo: *”Esta é a homenagem que a cidade de Lisboa presta a Dourdil, o artista que soube de forma ímpar descobrir e expressar o pulsar dos habitantes de Lisboa (...) é nos pormenores da vivência quotidiana que o pintor se inspirou para um retrato emocional dos habitantes da cidade.”*<sup>466</sup>

Assinalamos as palavras da Dra. Maria Teresa Bispo quando nos diz que este artista *“(...) integra o conjunto de artistas plásticos do século XX detentores de obra considerável, negligenciados pela memória colectiva.”*<sup>467</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

A obra do artista encontra-se representada no ML, no CAM-JAP, no CAMB, no Museu de Serralves, na Biblioteca-Museu de Amarante, e em colecções particulares e institucionais, como a Colecção de Arte do Diário de Notícias e a Colecção de Arte do Grupo Totta.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a um Largo, na freguesia de Marvila.**

---

<sup>466</sup> Cf. SOARES, João, in Catálogo da Exposição *Luís Dourdil*, Palácio Galveias, Lisboa, C.M.L., 2001, p.5.

<sup>467</sup> In *Nexo da pintura mural na obra do pintor Luís Dourdil*, in revista digital rossio: estudos de Lisboa nº5, Lisboa, GEO/CML, 2015, p.213; Maria Teresa Bispo é Licenciada em História, e Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro.





*Figuras de Lisboa*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1971  
Lote 112 – Leilão 105 de 20 de Abril de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **LUÍZ SALVADOR (1896-1986)**

**Luiz Salvador Marques da Silva, ou Luiz Salvador Júnior, nasceu em Lisboa a 21 de Julho de 1896 e faleceu em 1986**

Frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa entre 1912 e 1919, onde foi discípulo do pintor Veloso Salgado, e foi o aluno melhor classificado ao longo do Curso, tendo conquistado diversos prémios. Nesta instituição foi, mais tarde, professor.

Fez parte do *Grupo de Aquarelistas Portugueses* do qual fizeram igualmente parte figuras como Roque Gameiro e D. Carlos I.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado em diversos museus como o MNAC, o MNSR, o Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), o MGV e em colecções particulares, tanto em Portugal, como no estrangeiro.



*Palácio Alegrete*  
Aquarela sobre papel, assinada e datada de 1948  
Lote 675 – Leilão 66 de 11 de Outubro de 2004  
© **ARQUIVO DA CML**

### LUÍZ TOMAZINI (1823-1902)

**Luís Ascêncio Tomazini nasceu em 1823 e faleceu em 1902.**

Foi Capitão da Marinha e um excepcional pintor de marinhas e veleiros ao estilo da sua época.

Expôs diversas vezes na Sociedade Real de Belas-Artes. Os seus trabalhos são considerados raros, atingindo cotações elevadas.

Durante a cronologia estudada apareceram **seis obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML.



*Barcos no Tejo*

Óleo sobre madeira redonda, assinado  
Lote 244 – Leilão 95 de 31 de Março de 2008  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### MACHADO DE CASTRO (1731-1822)

**Joaquim Machado de Castro nasceu em Coimbra a 19 de Junho 1731 e faleceu em Lisboa a 17 de Novembro de 1822**

Educado no Colégio de Jesuítas de Coimbra e mostrando, desde muito cedo, uma aptidão para as artes, **ficou conhecido como o escultor de Lisboa** - encontramos obras suas, entre outros, na Basílica da Estrela, no Palácio Nacional da Ajuda e na Igreja de Santa Maria Maior-Sé Catedral de Lisboa -, para onde veio em 1746 para não mais deixar esta cidade. Em sua homenagem, foi denominado, em 1913, o Museu Nacional Machado de Castro (MNMC), na cidade de Coimbra, um dos mais importantes museus de arte de Portugal.<sup>468</sup>

Entre inúmeros trabalhos que executou, numa longa vida dedicada à sua arte, foi um escultor da Casa Real - abrangendo os reinados de D. José I (1714-1777), D. Maria I

---

<sup>468</sup> Disponível em <http://www.museummachadocastro.pt>., consultado a 10 de Abril de 2016.

(1734-1816) e D. João VI (1767-1826) -, e trabalhou nas obras do Palácio-Convento de Mafra, iniciadas em 1717, esculpindo alguns dos retábulos das capelas.

Este artista repôs a tradição da escultura em pedra, numa época em que em Portugal predominava a escultura em madeira, e elaborou um enorme esforço para dignificar a sua arte: a escultura.

Para além de ter sido o primeiro escultor a **escrever** sobre a sua arte, criou um **laboratório**, onde leccionava uma **aula de escultura**, que principiou a 1 de Janeiro de 1772<sup>469</sup> e o seu método de trabalho, rigoroso e metucioso, seguia uma metodologia, ou seja, começar por um projecto, elaborar um desenho e um modelo, antes da execução.

Assim nos aparece a obra de arte constante no nosso *corpus*, que não é mais do que um desses muitos estudos rigorosos do Mestre, para a sua obra de arte icónica: a *Estátua Equestre de D. José I* (a sua obra mais importante), no Terreiro do Paço / Praça do Comércio, em Lisboa, inaugurada em 1775.

O Arquitecto Walter Rossa (n.1962) diz-nos, sobre este monumento, que “*No centro do antigo Terreiro do Paço, onde vinte anos antes estava o Palácio Real destruído pelo sismo, a estátua equestre era agora o fulcro de uma nova realidade. Essa foi a opção tomada: criar um monumento que fosse o eixo soberano de uma visão geométrica do mundo.*”<sup>470</sup>

Em relação ao impacto que a inauguração da estátua teve, o mesmo autor refere que “*Existe na Biblioteca Nacional (...) um manuscrito que leva por título Relação das festas com que o povo portuguez celebrou a inauguração da estatua equestre de D. Joze.*”<sup>471</sup>

Não poderíamos deixar de referir a sua actividade como escultor em barro de pequeno formato, nomeadamente de figuras de presépios.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Este artista encontra-se, como é natural, largamente representado no Museu Machado de Castro, em Coimbra. Obras suas podem ser encontradas ainda no Palácio Nacional da Ajuda, no Palácio do Marquês de Pombal (Oeiras), na Sé Catedral de Lisboa e na Basílica da Estrela

---

<sup>469</sup> Cf. FARIA, Miguel Figueira de, *O ensino das Belas-Artes em Portugal nas Vésperas da Fundação da Academia*, in Separata de Anais, Série Histórica, Volume V/VI, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, 2001, p.110.

<sup>470</sup> Cf. ROSSA, Walter, *Lisboa: da busca de imagem de capital*, revista digital rossio: estudos de Lisboa, nº5, 2015, GEO/CML, p.47.

<sup>471</sup> Cf. ROSSA, Walter, *op. cit.*, p.47.



*Estátua Equestre de D. José I*  
Gravura aguarelada sobre papel, datada de 1774  
Lote 1531– Leilão 53 de 13 de Maio de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **MALUDA (1934-1999)**

**Maria de Lourdes Ribeiro - mais conhecida como “Maluda”-, nasceu a 15 de Novembro de 1934 em Pangim, no estado de Goa, na então Índia portuguesa e faleceu em Lisboa a 10 de Fevereiro de 1999**

A sua obra abarca vários géneros, incluindo retratos, tapeçarias, painéis murais, ilustrações e selos de correio, mas o principal foi a pintura, voltada para a temática da paisagem urbana e rural.

Estudou em Portugal, como bolseira da FCG, e em Paris na Academia livre *Académie de la Grande Chaumière*.

Considerou-se sempre uma artista independente e nunca quis ser representada por uma galeria de arte.

Tornou-se uma referência incontornável do panorama cultural português do século XX. Os seus quadros apresentam uma geometria muito rigorosa que assenta bem às paisagens de uma cidade como Lisboa. **Pinta os primeiros óleos com temática de Lisboa em 1968.** Pela obra que nos legou podemos considerá-la uma **Pintora de Lisboa.**

Em 1969 inaugura a primeira exposição individual na *Galeria do Diário de Notícias*, em Lisboa, então um local de grande prestígio, onde expõe vários óleos sobre Lisboa.

A partir de 1978 dedicou-se ao tema das “janelas” e pinta trinta e nove.

Como um símbolo máximo das pinturas da artista, as suas **janelas de Lisboa** tornaram-se mundialmente conhecidas.

Em 1979 recebe o Prémio de Pintura da ANBA de Lisboa.

Ao longo da década de 1980, além, da sua produção artística habitual, edita tapeçarias, desenha selos para os CTT e logotipos para o *Estoril Open* de ténis. Durante esta década realiza exposições individuais em Nova Iorque, Washington e Dallas, nos E.U.A..

Pela colecção “Quiosques de Lisboa”, de 1985, impressos pela INCM, a partir de originais em guache, o selo “Quiosque do Tivoli” venceu o Prémio de melhor selo atribuído pelo *Government Postage Stamp Printer’s Conference*, que decorreu em 1987, em Washington, E.U.A..

Em 1994 recebe o *Prémio Bordalo Pinheiro*, atribuído pela Casa da Imprensa, e no âmbito de *Lisboa Capital da Cultura*, em 1994, realiza uma grande exposição individual no Centro Cultural de Belém.

Durante a sua vida efectuou vinte e quatro exposições individuais.

Em testamento, a artista instituiu o *Prémio Maluda*, a atribuir pela SNBA, que ainda foi entregue durante alguns anos.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representada na FCM, na Casa-Museu Amália Rodrigues (dois óleos de vistas de Lisboa oferecidos pela artista) e em inúmeras colecções, como as da FCG e do Centro Cultural de Belém, bem como de colecionadores particulares, portugueses e estrangeiros.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem à artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia da Ameixoeira.**



*Lisboa VIII*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1975  
Lote 212 – Leilão 115 de 8 de Março de 2010

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## MANUEL BENTES (1885-1961)

**Manuel Bentes nasceu em Serpa em 1885 e faleceu em Vila Viçosa em 1961**

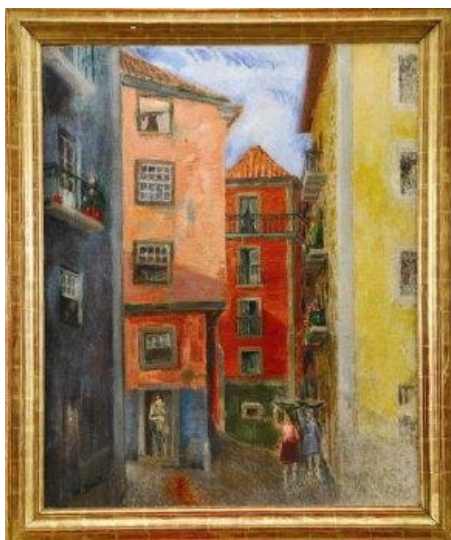
Frequentou a Academia Real de Belas-Artes. Em 1905 partiu para Paris, onde viveu e conviveu com artistas como Emmérico Nunes, Eduardo Vianna, Francis Smith, entre muitos outros artistas portugueses e estrangeiros. Este artista **procurou aliar o Naturalismo ao Impressionismo**, em paisagens e naturezas-mortas, fugindo sempre, no entanto, à influências das escolas e à rigidez do ensino artístico na altura em Portugal.

Em 1911 organizou a *Exposição dos Livres* no Salão Bobone, inaugurada a 8 de Março desse ano, onde expôs com mais artistas portugueses seus contemporâneos. Esta mostra é considerada a primeira manifestação da vontade de renovação da arte portuguesa no início do século XX, nos primórdios da modernidade em Portugal.

Manteve-se em Paris até 1938, expondo com regularidade. Após o regresso foi-lhe atribuído o *Prémio Souza-Cardoso* na 10ª Exposição de Arte Moderna do SNI, em 1946. Foi ainda galardoado com uma 2ª medalha em Pintura pela SNBA, em 1945.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC, na Fundação da Casa de Bragança, e em colecções particulares.



*Casario de Alfama*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 158 – Leilão 137 de 2 de Abril de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **MANUEL CARGALEIRO (n. 1927)**

**Manuel Alves Cargaleiro nasceu em Chão das Servas, concelho de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, a 16 de Março de 1927**

Esta artista é um pintor abstracto e um notável ceramista de renome internacional.

Passou grande parte da sua infância numa olaria, onde foi adquirindo o gosto e a experiência em cerâmica, fundamentais para compreendermos todo o seu percurso futuro, em termos artísticos.

Em 1949 matriculou-se na ESBA de Lisboa, e logo nesse ano participou no *I Salão de Cerâmica* organizado por António Ferro.

Em 1952 realizou a primeira exposição individual de cerâmica organizada pelo SNI.

Em 1954 recebeu o *Prémio Nacional de Cerâmica* do SNI e um convite para leccionar na Escola António Arroio.

Em 1957 fixou residência em Paris, mas alterna estadias em França e em Portugal, é a partir deste ano que segue, também, uma carreira de pintor, influenciado pelas obras de Vieira da Silva, de quem se tinha tornado amigo.

**Tanto como pintor, como ceramista, nas suas obras, como nas da sua mentora, convivem os azulejos portugueses.**

Segundo Rocha de Sousa (n.1938), “(...) é possível ver na sua obra (...) os contactos mantidos com Vieira da Silva e o apelo duma luz meridional, a sensibilidade do cenário lisboeta na memória dos azulejos (...)”.<sup>472</sup> No estudo de Pedro Simões, este artista, da sua listagem dos cinquenta artistas que atingiram mais elevados valores em leilão (2005-2013), ocupa a terceira posição<sup>473</sup>.

Segundo aquele autor, este é um dos poucos artistas no mercado português cujas serigrafias são muito procuradas.<sup>474</sup>

A Rede de Metropolitano da cidade de Lisboa, que tem um acervo extraordinário de intervenções plásticas de artistas portugueses e estrangeiros tem, na estação do *Colégio Militar/Luz* – Linha Azul, inaugurada em 1988, decoração a cargo de Manuel Cargaleiro.

A 31 de Janeiro de 1990 criou, em Castelo Branco, a Fundação Manuel Cargaleiro.<sup>475</sup> Esta instituição tem objectivos de cariz cultural e artístico, sendo o principal a organização e administração do Museu Manuel Cargaleiro, como forma de exibir e

---

<sup>472</sup> Cf. SOUSA, Rocha de, *Lisboa/Galerias*, in *Artes Plásticas*, Janeiro de 1974, pp.38-39. Rocha de Sousa é um crítico de arte, e artista plástico.

<sup>473</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.91.

<sup>474</sup> *Idem*, p.106.

<sup>475</sup> Disponível em <http://www.fundacaomanuelcargaleiro.pt>, consultado a 3 de Junho de 2016.



estudar o acervo artístico da sua colecção de arte. Aquando da criação da Fundação, o artista doou uma parte considerável da sua colecção pessoal, para dar início ao projecto.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no MNSR, na SNBA, no Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz), no Palácio Nacional da Pena, na CMAG, na Casa-Museu Amália Rodrigues, na Colecção da Câmara Municipal de Almada e na Igreja Paroquial de Moscavide.



*O Cheiro do Rio Tejo*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1968  
Lote 74b) – Leilão 124 de 31 de Janeiro de 2011

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Les Jardins Lyriques de Lisbonne*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1980  
Lote 99 – Leilão 152 de 21 de Outubro de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MANUEL GREGÓRIO PEREIRA (1931-2013)**

**Manuel Gregório Pereira nasceu na aldeia do Sítio do Prego, em Tavira, a 20 de Fevereiro de 1931 e faleceu em Lisboa a 8 de Agosto de 2013**

Frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa – não chegando a completar o curso –, onde foi discípulo do pintor Machado da Luz (1903-1985). Foi um **pintor naturalista**.

Em 1947 foi para Madrid, onde irá frequentar as principais galerias e visitar os museus. Entre 1948 e 1949 viaja pela Europa em busca de conhecimento.

Em 1955 adere ao *Grupo de Artistas Portugueses* e conhece pintores como Manuel Tavares, entre muitos outros.

Nos finais da década de 1980 assina contrato com a *Galeria Peron*, na Suíça, e expõe vários trabalhos. Realiza, através daquela galeria nos anos seguintes, várias exposições, individuais e colectivas em vários países europeus, com assinalável êxito.



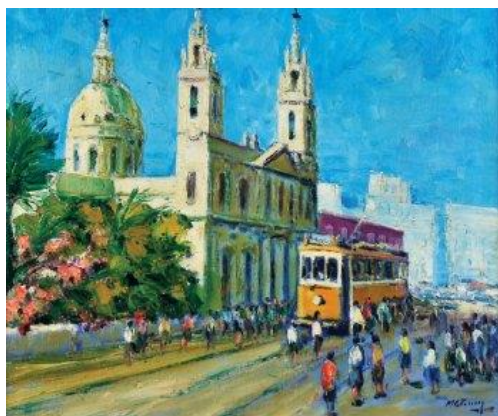
A sua obra insere-se num naturalismo de expressão impressionista inicial, que evoluiu para um abstraccionismo. Interessou-se também pelo cubismo. Foi, essencialmente, um pintor de marinhas, paisagens, urbanas e rústicas, mas também pintou o povo anónimo.

Expôs, com regularidade, na SNBA, na *Galeria de Arte Casino Estoril*, na Fundação da Casa de Bragança, e no estrangeiro (Holanda, Dinamarca, Alemanha e E.U.A.). Foi, aliás, um artista muito viajado e viveu alguns anos fora de Portugal, em países europeus e nos E.U.A.. Em 2013 esteve patente uma Exposição Comemorativa dos sessenta anos de Pintura do Artista, no Museu João Mário, em Alenquer.

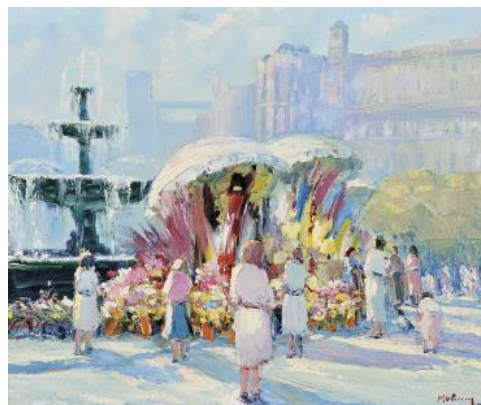
As obras mais inspiradas deste artista atingem valores comerciais perto do milhar de euros, ou mesmo mais.

Durante a cronologia estudada apareceram **onze obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

A sua obra está representada no Museu de Marinha e no Museu Militar, no Museu Maria da Fontinha (Castro D'Aire), no Museu Marquês de Pombal (Pombal) e em museus municipais e colecções públicas e privadas.



*Basilica da Estrela - Lisboa*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 113 – Leilão 119 de 28 de Julho de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Rossio e Convento do Carmo*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 178 – Leilão 156 de 17 de Fevereiro de 2014  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MANUEL GUIMARÃES (1915-1975)**

**Manuel Fernandes Pinheiro Guimarães nasceu em Albergaria-a-Velha a 19 de Agosto de 1915 e faleceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1975**

Estudou Pintura e Decoração na Escola de Belas-Artes do Porto e participou em várias exposições. Desde muito jovem colaborou com várias publicações periódicas, como a

revista mensal *Repórter X* e o *Jornal de Notícias* como ilustrador, caricaturista e publicista, nunca deixando, no entanto, de pintar.

Este artista também se interessou por Cinema e aplicou os princípios ideológicos do neo-realismo a esta arte, nomeadamente a denúncia clara das desigualdades sociais. Para além de desenhar cartazes e pintar cenários, trabalhou como Assistente de diversos Realizadores como Manoel de Oliveira (1908-2015) e António Lopes Ribeiro (1908-1995). Em 1949, realizou a sua primeira Curta-Metragem *O Desterrado*, não mais parando de realizar filmes e documentários.

Em 2015 esteve patente, na Cinemateca, em Lisboa, uma retrospectiva integral da obra deste artista, em colaboração com o Museu do Neo-Realismo, no centenário do seu nascimento.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

### **MANUEL TAVARES (pai) (1911-1974)**

#### **Manuel Tavares nasceu em 1911 em Oliveira-de-Azeméis, e faleceu em 1974**

Foi um aguarelista – embora também tenha deixado desenhos e óleos – conotado com o **Naturalismo**. Deixou uma vasta obra, talvez milhares de aguarelas, muitas das quais retratando a sua Terra Natal, Aveiro. Mas igualmente, já em Lisboa, pintou inúmeras aguarelas da cidade, com o intuito de venda.

Todos os anos surgem dezenas de aguarelas suas nas principais leiloeiras nacionais, e continua a ter colecionadores fiéis à sua obra. As suas aguarelas de costumes são preciosas para a preservação da memória portuguesa.

Expôs individualmente em 1943 em Lisboa, em Almada e em Coimbra. Expôs ainda em alguns museus municipais e na SNBA, entre 1950 e 1952.

Durante a cronologia estudada apareceram **vinte e oito obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML. No MNSR, em alguns museus municipais e em Coleções do Estado.



***Varinas na Ribeira – Lisboa***  
**Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1960**  
**Lote 356 – Leilão 126 de 28 de Março de 2011**  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MANUEL TAVARES JÚNIOR (filho) (século XX)**

Como o seu pai, o aguarelista Manuel Tavares (1911-1974), foi um aguarelista conotado com o Naturalismo e com uma obra muito semelhante à do seu progenitor, em termos da técnica e da temática.

Durante a cronologia estudada apareceram **doze obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*Rua de Alfama*

Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1958

Lote 295 – Leilão 129 de 4 de Julho de 2011

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MARIA ADELAIDE DE LIMA CRUZ (1878-1963)**

Descendente de uma família ligada às artes, Maria Adelaide de Lima Cruz foi pintora, ilustradora, cartoonista, cenógrafa, decoradora e figurinista, tendo marcado a sua época de forma inovadora.

Participou nas Exposições de Arte Moderna do SPN/SPI e em Salões da SNBA, onde obteve a 1ª Medalha de Desenho em 1944. Na inauguração da sua exposição individual, em 1928, no *Salão Bobone*, em Lisboa, estiveram presentes dezenas de artistas, entre os quais o Mestre Carlos Reis (1863-1940).

O público do Teatro de Revista seu contemporâneo, cada vez mais exigente, fazia com que os empresários contratassem grandes nomes das artes plásticas para a inovação visual dos seus espectáculos e esta artista, com o seu talento, deu à Revista um novo fôlego com cenários de grande visual estético, muito apreciados na época.

Realizou cenografias murais para a *Exposição do Mundo Português*, em 1940, em Lisboa.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representada no MNAC e em colecções privadas e públicas.



*Varinas*

Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1923

Lote 160 – Leilão 125 de 28 de Fevereiro de 2011

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MARIA DE LOURDES DE MELLO E CASTRO (1903-1996)**

**Maria de Lourdes de Mello e Castro nasceu em Tomar a 24 de Outubro de 1903 e faleceu a 28 de Julho de 1996**

Em 1916 inicia em Tomar lições de Desenho. Em 1920 prossegue a sua formação artística com o paisagista Ezequiel Pereira (1868-1943), indicado por José Malhoa - o qual, pela sua avançada idade abandonara o ensino-, que ainda chegou a ser seu professor.

A artista dedica-se ao retrato, paisagem e naturezas-mortas.

Em 1927 participa, pela primeira vez, no *Salão da Primavera* da SNBA com seis trabalhos e recebe a 3ª Medalha para óleo.

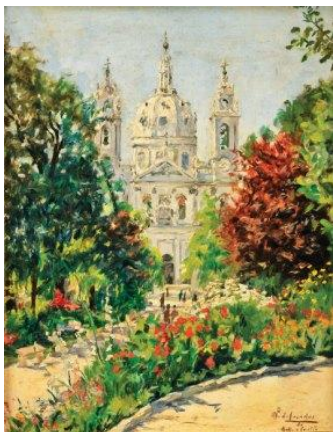
Expõe regularmente na SNBA até finais da década de 1950. Participou em diversas exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro no âmbito das quais foi diversas vezes premiada.

Participa na Exposição de Artes Plásticas da FCG, em 1957 e em 1961.

Em 1929 trouxe um importante contributo para a iconografia de José Malhoa pintando um retrato seu a óleo.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representada no ML, no MNAC, no Museu Bordalo Pinheiro, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), no Museu Abade Baçal (Bragança), no Museu Rainha D. Leonor (Beja) no Museu João Castilho (Tomar) e em diversas colecções em Portugal e no estrangeiro.



*Basilica da Estrela vista do Jardim*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1957  
Lote 558 – Leilão 128 de 1 de Junho de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MARIA GUILHERMINA DA SILVA REIS (século XIX)**

Maria Guilhermina da Silva Reis foi uma pintora da escola portuguesa do século XIX.

Foi discípula do pintor André Monteiro da Cruz (1770-1851), professor da aula de pintura de paisagem e produtos naturais na Academia Real de Belas-Artes, fundada em 1836. A sua obra insere-se no Romantismo, contudo, **foi uma das impulsionadoras da transição da pintura do Romantismo para o Realismo.**

Expôs, em 1861 na Academia de Belas Artes, em 1861 numa Exposição no Porto, onde recebeu a Medalha de Prata, em 1863 na Sociedade Promotora das Belas-Artes e em 1871 na Exposição de Madrid.

É essencialmente uma pintora de paisagem, o que contrasta com os temas mais retratados pelas artistas da sua geração, isto é, flores e naturezas mortas.

Desta artista Luciano Cordeiro (1844-1900) disse que manifestava um pincel firme e estudioso.<sup>476</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Esta artista está representada no ML e no Museu da Presidência da República.

<sup>476</sup> Cf. CORDEIRO, Luciano, *Arte e Literatura Portuguesa D'Hoje*, Porto, Typographia Lusitana, 1871, p.99. (Cota L- 45 931-P - Biblioteca Nacional Digital, consultada a 20 de Julho de 2015).



*Torre de Belém*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 122 – Leilão 48 de 10 de Janeiro de 2001  
© ARQUIVO DA CML

### **MÁRIO CESARINY (1923-2006)**

**Mário Cesariny nasceu em Lisboa a 9 de Agosto de 1923 e faleceu em Lisboa a 26 de Novembro de 2006**

Este artista obteve uma educação na área da música e frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio entre 1936 e 1943, local onde conheceu alguns dos artistas que o acompanharam no **Surrealismo**.

Por volta de 1947 muda-se para Paris e neste mesmo ano junta-se ao *Grupo Surrealista de Lisboa*, mas, desentendimentos com alguns dos outros membros levaram a que decidisse sair do grupo, ainda antes da primeira exposição deste, em 1949.

Decidiu, então, formar outro grupo, os *Surrealistas*, com o qual realizou duas exposições, em 1949 e em 1950.

Quando, em 1952, o Movimento Surrealista se separou, este artista continuou o seu percurso no Surrealismo, aproximando-se de outros grupos internacionais, e participando em exposições no Brasil e nos E.U.A. em 1967 e 1976, respectivamente.

Ao longo de toda a sua produção, Cesariny manteve sempre um percurso de experimentalismos, utilizando diversas técnicas, a criação de poemas visuais ou colagens com palavras, e participou em diversos *cadavre exquis*<sup>477</sup> com outros artistas.

---

<sup>477</sup> De entre os vários jogos desenvolvidos no âmbito do Surrealismo, o jogo do *cadavre exquis* foi um dos mais populares e amplamente praticados pelos surrealistas portugueses. O método, na sua vertente gráfica e visual consiste em criar, num qualquer suporte, geralmente um papel, um desenho colectivo, dobrado em tantas partes quanto o número de participantes. Fonte: *site* do MNAC: <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistar/ver/36/artists/>, consultado a 19 Julho 2016.



Em 2013 foi cumprido um sonho antigo do artista e surgiu, em pleno centro histórico de Lisboa, em Alfama, na Rua das Escolas Gerais, perto da Igreja de Santo Estêvão, a *Casa da Liberdade – Mário Cesariny*, nome escolhido pelo artista, ainda em vida. É um espaço de cultura, em torno da vida e obra do poeta e artista, e que transmite o seu apego à causa da liberdade. Possui um espólio de milhares de peças e documentos, de Cesariny e de outros intervenientes do Surrealismo português, como Cruzeiro Seixas (n. 1920). Mais do que um espaço museológico, é um espaço dedicado a todas as formas de artes e organiza exposições, tertúlias e palestras ao longo de todo o ano.

Segundo Pedro Simões, este artista possui um percurso relevante no mercado leiloeiro nacional, comprovado pelo volume total de vendas que as obras de sua autoria obtém em leilão.<sup>478</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*A caminho do Casal Ventoso*<sup>479</sup>  
Aguada sobre papel, assinada de 1986, dedicado no verso  
Lote 182 – Leilão 108 de 13 de Julho de 2009  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MÁRIO COSTA (1902-1975)**

**Mário Costa nasceu em Lisboa em 1902 e faleceu em Lisboa a 12 de Maio de 1975**

Mário Costa, à semelhança da maior parte dos artistas por nós elencados, teve uma actividade variada no campo das artes. Foi aguarelista, ilustrador de livros e executou pinturas para os cenários do cinema nacional. Foi ainda um notável vitralista (na década de 1940 reconstruiu, entre outros, os vitrais do Mosteiro dos Jerónimos e da Sé Catedral de Lisboa).

Fez os cursos de formação artística da Escola Machado de Castro, e de pintor-decorador da Escola de Artes Decorativas de António Arroyo.

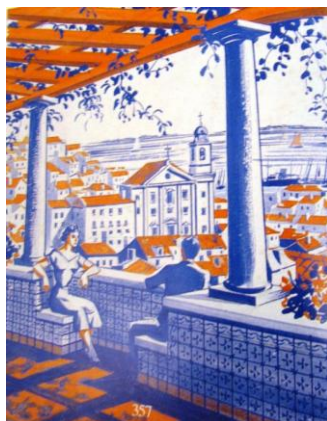
<sup>478</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.147.

<sup>479</sup> O Casal Ventoso é um bairro lisboeta que abrange as freguesias de Campo de Ourique e do Santo Condestável. Em 1995, toda a zona do Vale de Alcântara, onde se insere este bairro, foi considerada área crítica e foram postos em prática planos de recuperação e reconversão urbanística.

Participou na decoração da *Exposição do Mundo Português*, em 1940.

Como aguarelista ganhou o *Prémio Roque Gameiro* (SNI) em 1945 e a Medalha de Ouro no *Salão das Belas-Artes* no mesmo ano.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.



*Miradouro de Santa Luzia*  
Guache sobre cartolina, não assinado  
Lote 357 – Leilão 52 de 13 de Fevereiro de 2002  
© ARQUIVO DA CML

### **MÁRIO SALVADOR (1905-2002)**

**Mário Salvador Marques da Silva nasceu em Lisboa em 1905 e faleceu em 2002**

Este artista pintou, sobretudo, aguarelas ao estilo romântico. Obteve a Medalha de Honra em aguarela da SNBA e o 1º Prémio Roque Gameiro (aguarela).

Expôs individual e colectivamente em Lisboa, entre 1944 a 1974, e no Porto, de 1952 a 1958.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC.

### **MARQUES D' OLIVEIRA (1853-1927)**

Foi discípulo de João António Correia (1822-1896) na Academia de Belas-Artes do Porto.



Em 1876, na companhia do pintor Silva Porto (1850-1893), deslocou-se e a Paris com uma bolsa do Estado para aperfeiçoar os seus estudos em Pintura Histórica. De Paris seguiu, em viagem, para a Bélgica, Holanda e Reino Unido.

Em 1881 foi nomeado docente da Academia Portuense, e pouco tempo depois Director deste estabelecimento de ensino.<sup>480</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC.



*Torre de Belém*  
Óleo sobre tela, assinado  
Lote 147 – Leilão 116 de 29 de Março de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MILY POSSOZ (1888-1968)**

**Mily Possoz nasceu nas Caldas da Rainha a 4 de Dezembro de 1888 e faleceu em Lisboa a 17 de Junho de 1968**

Artista de ascendência belga, estudou na Alemanha e em Paris, na Academia *La Grande Chaumière*. Executa os seus trabalhos artísticos entre o óleo, a aguarela, o desenho, a ilustração e a gravura. A sua obra enquadra-se no **Modernismo**.

Detentora de uma educação artística esmerada consagrou-se como uma das mais importantes artistas portuguesas da primeira metade do século XX.

Foi considerada um dos casos mais extraordinários do movimento *fauve*<sup>481</sup> português, servindo-se livremente das linhas e das cores, alcançando diversos efeitos de transparência, principalmente nas aguarelas.

---

<sup>480</sup>Cf. FRANÇA, José-Augusto, *op. cit.*, Volume II, pp.34-37 e PAMPLONA, Fernando de, *op. cit.* Volume IV, pp.74-75.

<sup>481</sup> O *fauvismo* é descrito como uma escola que utiliza cores vibrantes e livre tratamento da forma na representação do mundo. Foi um movimento artístico dos pintores *fauves* do início do século XX. Henri-Émile-Benoît Matisse (1869-1954) está entre os seus expoentes. O termo *fauve* significa fera, e estes artistas foram comparados pelo crítico de arte conservador francês Louis Vauxcelles (1870-1943), no

Recebeu diversos prémios, entre os quais, em 1937 a Medalha de ouro do Júri internacional de Gravura e em 1949 o *Prémio de Desenho José Tagarro*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua e uma obra sua em parceria com Eduardo Vianna** com iconografia lisiponense, para leilão, na CML.

Encontra-se representada no MNAC, no CAM-JAP, no CAMB, e em países como a Bélgica, Reino Unido (National Gallery) e E.U.A.. Encontra-se ainda representada em colecções particulares.



*Varina*

Gravura sobre papel, assinada e numerada  
36/50

Lote 352 – Leilão 133 de 14 de Setembro

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Vista de Lisboa – Jardim da Estrela*

**Autoria: Mily Possoz / Eduardo Vianna**

Óleo sobre cartão, assinado por Mily Possoz

Lote 76 – Leilão 117 de 10 de Maio de 2010

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **MOLINA (1926-2002)**

**Liberto Molina Bernabéu nasceu em Espanha em 1926 e faleceu em Lisboa em Agosto de 2002**

Este artista, que vivia em Portugal desde a década de 1960, não teve uma extensa obra de originais.

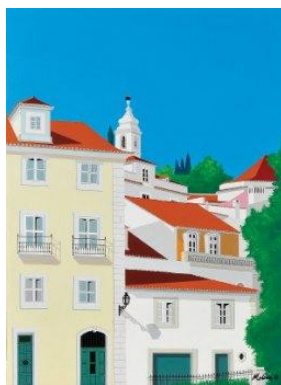
O seu trabalho é, contudo, de uma maneira geral, conhecido dos coleccionadores.

Este artista expôs em Lisboa e em museus municipais.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

---

Salão de Outono de 1905, em Paris, a feras. Fonte: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Lisboa, Círculo de Leitores, Tomo III, 2003, p. 1703)



*Lisboa*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1992  
 Lote 144 – Leilão 119 de 28 de Junho de 2010  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

**MOTA URGEIRO (n. 1946)**

**Joaquim Mota Urgeiro nasceu na aldeia da Barroca, concelho do Fundão, em 1946**

Autodidacta, na sua obra encontramos temas bucólicos como o dia-a-dia, as festas aldeãs e a natureza.

O próprio artista, no seu *site*,<sup>482</sup> afirma que a sua obra é inspirada nos Mestres Naturalistas. Participou em diversas exposições colectivas, um pouco por todo o país.

Vive e trabalha no presente no Algarve, no concelho de Lagoa.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense, para leilão, na CML.



*Trecho de Lisboa*

Óleo sobre tela, assinado  
 Lote 144 – Leilão 107 de 1 de Junho de 2009  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>482</sup> Disponível em <http://www.motaurgeiro.wixsite.com/motaurgeiro/>, consultado a 2 de Novembro de 2015.

### **NARCISO MORAIS (1892-1977)**

**Narciso Alfredo de Moraes nasceu em Lisboa em 1892 e faleceu em Lisboa em 1977**

Este pintor, de feição naturalista, é filho do Mestre aguarelista e ilustrador Alfredo Januário de Moraes (1872-1971), nascido e falecido na cidade de Lisboa, e que pintou, em aguarela, sobretudo, a capital, foi professor na SNBA e cuja vasta produção enriqueceu o património das artes gráficas e plásticas portuguesas.

Foi discípulo de Veloso Salgado e de Casanova. Cultivou a pintura a óleo, a aguarela e o pastel, afirmando-se, sobretudo, como paisagista. Expôs individualmente em Lisboa em 1947 e em 1954, no Estoril em 1947 e na SNBA entre 1914 e 1966. Este artista expôs igualmente no estrangeiro.

Recebeu prémios na SNBA, 1ª Medalha em Pastel, em 1914 e em 1920.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense, para leilão, na CML.

Este artista encontra-se representado no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha) e em museus municipais como Amarante, Figueira da Foz, Sintra e Vila Franca de Xira.



*Beco das Cruzes – Alfama*  
Aguarela sobre papel, assinada  
Lote 303 – Leilão 122 de 15 de Novembro de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **NIKIAS SKAPINAKIS (n.1931)**

**Nikias Skapinakis nasceu em Lisboa em 1931**

Este artista tem ascendência grega. É considerado um dos artistas mais significativos da segunda metade do século XX em Portugal e tem uma vasta obra.<sup>483</sup> Para além da pintura, tem trabalhado como ilustrador, litógrafo e gravador.

---

<sup>483</sup> Cf. LAPA, Pedro, *in* introdução publicada no Catálogo da Exposição presente no Museu Colecção Berardo de Março a Junho de 2012, *Nikias Skapinakis. Presente e Passado. 2012-1950*, disponível em

Frequentou Cursos da SNBA, onde foi discípulo, entre outros, de Emmérico Nunes (1888-1968) e o Curso de Arquitectura da ESBAL, que abandonou. Considerava o ensino académico praticado em Lisboa obsoleto e conservador. Mas a pintura interessa-o e torna-se, voluntariamente, autodidacta.

Expôs pela primeira vez em 1948, nas Exposições Gerais de Artes Plásticas, e desde então realizou várias exposições individuais e participou em inúmeras exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Além da Pintura, dedicou-se e à ilustração de livros.

Ana Filipa Candeias refere que: “*Numa época em que o panorama artístico nacional se achava mais ou menos polarizado entre neo-realistas e surrealistas, o pintor investe num percurso de síntese, entre um lirismo que parta das coisas, das pessoas e das situações emergentes.*”<sup>484</sup>

Em 1963 obteve a *Bolsa Malhoa*, da SNBA. Pintor figurativo, a sua obra foi muitas vezes integrada no Neo-Realismo.

É autor de um dos painéis do Café *A Brasileira*, do Chiado, de 1971 e, em 2005, realizou um painel de cerâmica para o Metropolitano de Lisboa.

Em 1985 o CAM-JAP mostrou uma exposição antológica da sua pintura, completada com uma retrospectiva da obra gráfica e guaches na SNBA. Entre outros, em 1990 ganhou o Prémio da Crítica (AICA).

Pedro Simões, citando José-Augusto França, afirma que aquele autor descreve Skapinakis como “*um pintor de uma Lisboa vazia e triste em cenário de colorido artificial.*”<sup>485</sup>

Para Bernardo Pinto de Almeida, este artista “*(...) abordou temas como os dos circos ou de certos aspectos urbanos da paisagem lisboeta, que permanecem como os mais vivos retratos da cidade dessa época [década de 1950].*”<sup>486</sup>

Este artista vive e trabalha em Lisboa.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no CAM-JAP, no MNAC, no CAMB, no MNR, na FCM, na Fundação de Serralves e na Colecção Berardo.

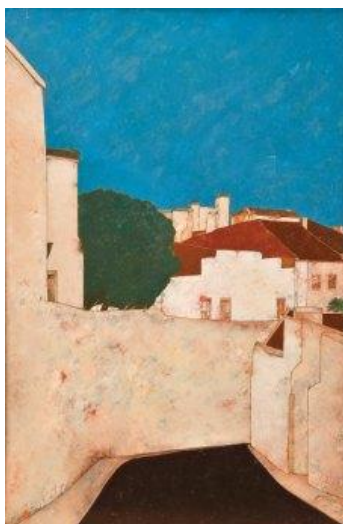
---

<http://www.pt.museuberardo.pt/exposicoes/nikias/skapinakis-presente-e-passado-2012-1950/>., consultado a 3 de Novembro de 2015.

<sup>484</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.216.

<sup>485</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, citando José-Augusto França, *op. cit.*, p.134.

<sup>486</sup> Cf. ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Pintura Portuguesa no Século XX*, Porto, Lello Editores, 1996, p.140.



*Paisagem de Lisboa*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1979  
Lote 120d) – Leilão 124 de 31 de Janeiro de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **NORONHA DA COSTA (n.1942)**

**Luís Noronha da Costa nasceu em Lisboa, em 1942**

Noronha da Costa é Arquitecto, artista plástico e cineasta. Completou o curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (1959-1968), no entanto, é a pintura que ocupa o espaço mais abrangente do seu percurso artístico.

O seu trabalho é, desde o início, vanguardista, e por este motivo chamou imediatamente a atenção. Trabalha, sobretudo, a imagem, utilizando diversos suportes, técnicas e materiais. Uma das técnicas que mais utiliza, e se tornou quase um símbolo da sua obra é a técnica, inspirada na obra de Leonardo da Vinci, do *sfumato*.<sup>487</sup>

Durante a década de 1960 ganhou inúmeros prémios nacionais e representou Portugal nas embaixadas artísticas mais emblemáticas, como a *Bienal de S. Paulo*, no Brasil, em 1969 e a *Bienal de Veneza*, Itália, em 1970.

Expôs individualmente pela primeira vez em 1962. Em 1966 expôs no *Salão de Maio* da SNBA e em 1967 realizou uma mostra individual na *Galeria Quadrante*, em Lisboa.

Ao longo dos anos participou em inúmeras mostras colectivas e expõe individualmente, de forma regular, em Portugal e no estrangeiro, destacando-se uma longa cooperação com a *Galeria Nasoni*.

<sup>487</sup>O *sfumato* é uma técnica artística usada para gerar gradientes entre as tonalidades. É aplicado em Desenho e em Pintura. O artista, expoente do *sfumato* (do italiano *sfumare*, que significa de *tom baixo*) foi, precisamente, Leonardo da Vinci. Esta técnica era um dos quatro cânones da pintura do Renascimento, sendo os outros três o *cangiante* ( *fusão de cores*), o *chiaroscuro* (claro-escuro, luz-sombra) e o *unione* (uso de variações de cores vibrantes e vivas).



Em 1983 deu-se uma Exposição retrospectiva da sua obra na FCG, e esteve patente, entre 2003-2004, uma exposição dos seus trabalhos no CCB. Em 1999 recebeu, do Parlamento Europeu, o Prémio Europeu de Pintura, e em 2003 venceu o Prémio AICA, em Lisboa. Tem trabalhado, ainda, em cinema, como crítico, e realizando também experiências visuais próprias.

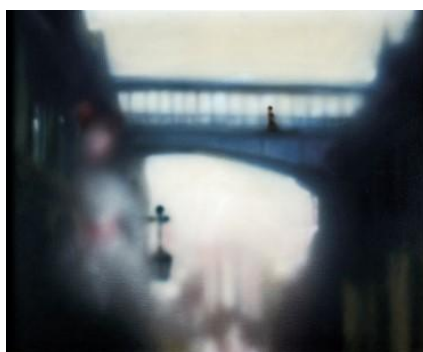
Nuno Faria afirma, sobre a sua pintura: “*É sintomático que o artista faça desde o início a tematização da questão do ecrã, mesmo antes de definir e estabelecer um vocabulário de temas. O ecrã é a expressão da distância que existe entre o homem e o mundo.*”<sup>488</sup>

Na Rede do Metropolitano de Lisboa, a estação *Alameda* – estação dupla onde se interligam duas linhas: Linha Verde e Linha Vermelha – inaugurada em 1972, teve, na sua remodelação de 1998, intervenções plásticas a cargo deste artista e de Costa Pinheiro (1932-2015) igualmente presente no nosso *corpus*.

Segundo Pedro Simões “*A importância de Noronha da Costa na história da arte nacional é também visível no mercado leiloeiro devido ao volume total de vendas de obras da sua autoria.*”<sup>489</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no CAM-JAP, no MNAC, na FCM, na Fundação António Prates, na Fundação de Serralves, no Museu do Oriente, no MCB, no MMASC e em inúmeras colecções privadas e particulares, nacionais e estrangeiras, como as colecções do BES, BIC, BPI, BPN, Banco Totta & Açores, CGD, Colecção Berardo, e na Colecção de Arte Moderna Gerardo Rueda (1926-1996), Madrid, Espanha.



*Elevador de Santa Justa*  
Tinta celulósica sobre tela, não assinada  
Lote 78 – Leilão 172 de 19 de Outubro de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>488</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.174.

<sup>489</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, pp.124-125.

## **PAULA REGO (n.1935)**

### **Paula Figueiroa Rego nasceu em Lisboa a 26 de Janeiro de 1935**

Oriunda de uma família com ligações às culturas inglesa e francesa, frequenta o Colégio St. Julian's, no Estoril.

Os professores cedo reconhecem o seu talento para a pintura, e incentivam-na a prosseguir uma carreira.

Entre 1952-1956, já em Londres, estuda na conceituada *Slade School of Fine Art*, onde ingressa com apenas dezassete anos de idade. Aqui conhece o seu futuro marido, com que se irá casar em 1959, o artista britânico Victor Willing (1928-1988), que se tornará um crítico da obra de Paula Rego, produzindo leituras fundamentais do seu trabalho.

Realizou a sua primeira exposição individual na SNBA em 1965, continuando, a partir daqui, a expôr com regularidade no país.

Entre 1971 e 1978 expôs em diversas galerias nacionais como *III, São Mamede, Módulo*, entre outras.

Viveu entre Portugal e a Inglaterra até acabar por se fixar em Londres, por volta de 1976, obtendo muito sucesso artístico no Reino Unido desde então.

Em 1988 realiza a sua primeira grande exposição individual na *Serpentine Gallery* em Londres, Reino Unido, e está patente em Portugal uma retrospectiva da sua obra na FCG e em Serralves.

A convite da *National Gallery*, em 1990, Paula Rego ocupa um *atelier* no museu e pinta várias obras, inspiradas na colecção daquela instituição.

No ano de 2009 é inaugurada a *Casa das Histórias* de Paula Rego<sup>490</sup>, em Cascais. Gerido por este município, é um museu de arte que tem como missão o conhecimento da obra da artista, que acolhe uma exposição permanente e duas exposições temporárias por ano.

Em entrevista, muito recente, à artista, Alexandra Carita afirmava: “*Dona de uma obra artística mais do que consistente, é a mais internacional dos artistas portugueses e a mais bem cotada. Não é raro ver-se um quadro seu ser leiloadado por 600 ou 700 mil euros.*”<sup>491</sup>

Sobre o nosso país, Paula Rego, agora com oitenta e um anos de idade afirma, nesta mesma entrevista: “*Em Londres era mais fácil lembrar-me e pintar Portugal do que fazê-lo cá, a viver no país.*”<sup>492</sup>

---

<sup>490</sup> Disponível em <http://www.casadashistoriaspaularego.com/>, consultado a 27 Maio 2016.

<sup>491</sup> Cf. CARITA, Alexandra, *A minha vida são histórias*, in Revista do jornal *Expresso*, nº2279, 2/Julho/2016, p.29.

<sup>492</sup> *Idem*, p.32.



Esta artista distingue-se no mercado leiloeiro. No estudo de Pedro Simões, é a segunda artista mais vendida na sua listagem de cinquenta<sup>493</sup>, e as suas serigrafias gozam de elevada procura. A obra que consta do nosso *corpus*, é, precisamente, uma serigrafia.

Na CML existe uma política em relação a serigrafias, ou seja, só vão a leilão serigrafias de autores que não se podem recusar, ou seja nomes como Vieira da Silva, Paula Rego ou Júlio Pomar, pois são os que apresentam a maior consistência a nível de cotação, ou de autores cuja produção seja maioritariamente baseada em tiragens múltiplas, como Lourdes de Castro, como exemplo.

O reconhecimento desta artista aconteceu desde cedo, mas será sobretudo na década de 1990, aos cinquenta anos de idade, que se tornará um nome incontornável, não só no panorama artístico nacional e inglês, como no plano internacional.

Com uma extensa carreira, marcada por uma imaginação marcante e num percurso que explora técnicas e linguagens diferentes, esta artista conta com inúmeras exposições individuais, colectivas, e retrospectivas, em museus e galerias de renome, e com diversos prémios e distinções, quer em Portugal, quer no estrangeiro, a título de exemplo, a 11 de Fevereiro de 2011, recebeu o Doutoramento *Honoris Causa* da Universidade de Lisboa.

Trabalhos seus aparecem com regularidade no mercado de arte, nacional e estrangeiro, nomeadamente na prestigiada casa leiloeira *Sotheby's*, onde tem vindo a bater *records* em termos dos montantes pelos quais a sua obra é arrematada.

Actualmente, a artista reside e trabalha em Londres.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Para além do acervo da colecção da *Casa das Histórias Paula Rego*, composta por pintura, desenho, gravura, e parte do seu espólio documental, esta artista encontra-se representada, entre outros, no MNAC, no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no CAM-JAP, no MMAB, no Museu Colecção Berardo, no Museu da Presidência da República, na Colecção de Arte Contemporânea da FLAD, na Embaixada Portuguesa, em Londres, no British Museum, Londres, Reino Unido, na National Gallery, Londres, Reino Unido, na Tate Gallery, Londres, Reino Unido, no Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, E.U.A., no Yale Center for British Art, New Haven, Connecticut, E.U.A., no Irish Museum of Modern Art, Dublin, Irlanda, e em inúmeras colecções, públicas e privadas.

---

<sup>493</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.91.



*Fado*<sup>494</sup>

Serigrafia sobre papel, assinada e numerada 88/200

Lote 243 – Leilão 124 de 31 de Janeiro de 2011

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **PAULO FERREIRA (1911-1999)**

**Paulo Ferreira – de nome artístico Paolo -, nasceu em Lisboa em 1911 e faleceu no Estoril a 23 de Dezembro de 1999**

Paulo Ferreira – que era filho de uma varina -, foi pintor, aquarelista, gravador, ceramista, decorador, cenógrafo, figurinista e ilustrador. Elaborou figurinos para a Companhia de Bailado *Verde Gaio*. Este artista pertence à **segunda geração de pintores modernistas portugueses**.

Em Paris, em 1937, frequentou a Academia Livre *La Grande Chaumière*. Em 1948 irá fixar-se em Paris, desenvolvendo desde então o seu trabalho entre os dois países.

Como ilustrador colabora com publicações periódicas como os jornais *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias* e as revistas *ABC*, *Civilização*, *Ilustração Portuguesa*, entre outras, bem como com o semanário humorístico *Sempre Fixe*.

Participou em diversas exposições de Arte Moderna do SPN / SNI onde recebeu, entre outros, o *Prémio Sousa-Cardozo* em 1939. Mais tarde distinguiu-se como organizador de diversas exposições importantes.

Incluiu as equipas que representavam Portugal em Feiras e Exposições internacionais, nomeadamente Paris, Nova Iorque e S. Francisco, em conjunto com Carlos Botelho, Bernardo Marques, Emmérico Nunes e Tom, entre outros.

No contexto do *Estado Novo*, o azulejo foi recuperado para uma das mais importantes apresentações internacionais do Estado, em 1937: o Pavilhão de Portugal na *Exposição Internacional de Paris*. É então apresentado o painel de azulejos – técnica majólica policroma, com as dim. 224 x 225 cm – produzido para este efeito, *Lisbonne aux Mille*

---

<sup>494</sup> Existe uma serigrafia desta série, datada de 1995, na Colecção do Museu do Fado com a numeração 195/200 (inv.20016), impressa no Estúdio Jorge Bastos. Para esta informação devo um agradecimento a Ricardo Bóia, do Museu do Fado.

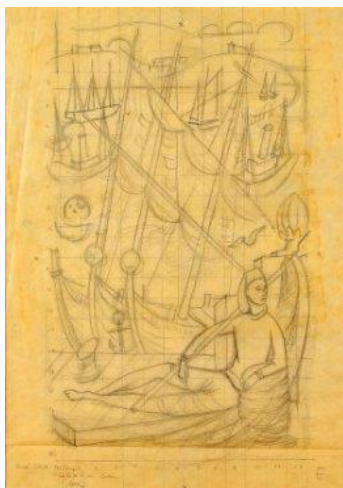
*Couleurs*, numa linguagem modernista e da autoria deste artista, que lhe conferiu o diploma de honra como ceramista.<sup>495</sup>

Participou na decoração da *Exposição do Mundo Português* em 1940, em Lisboa. A obra que consta do nosso *corpus* é, exactamente, um estudo para o mural do Espelho de Água – na Avenida de Brasília, em Belém –, um projecto da autoria do Arquitecto António Lino (1914-1996) que fazia parte do Pavilhão das Diversões Náuticas desta exposição, e ainda hoje se mantém no mesmo local, embora remodelado.

Em 1968 desenhou um serviço de porcelana para a *Vista Alegre*.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no CAM-JAP e no Museu de Amarante.



*Estudo para o mural do Espelho de Água - Lisboa*  
Lápis sobre papel vegetal, assinado e datado de 1940  
Lote 418 – Leilão 119 de 29 de Junho de 2010  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **PAULO OSSIÃO (n.1952)**

#### **Paulo Ossião nasceu em Lisboa, em 1952**

Autodidacta, era funcionário de um tribunal quando começou a pintar. Recebendo diversos prémios, pediu uma licença sem vencimento, e nunca mais deixou a sua arte.

Desde 1981 o seu trabalho tem sido reconhecido com vários prémios e menções honrosas. Recebeu, entre muitos outros, em 1981 a *Menção Honrosa de Mérito Olisiponense* no Palácio Foz, e em 1990 o *Prémio Carlos Botelho* da C.M.L.

---

<sup>495</sup> Uma réplica deste painel pode ser vista na Sala 15 do MNAz (MNAz inv.5928), ou em <http://www.museudoazulejo.pt/pt-PT/ExposAct/ExpoPerm/ContentDetail.aspx?id=920>., consultado a 30 de Outubro de 2015.

Realizou mais de cinquenta exposições individuais e diversas exposições colectivas com pintura em aguarela e esculturas. Entre Outubro e Novembro de 2011, o artista expôs individualmente na *Galeria de Arte Casino Estoril*, sob o título *A minha Lisboa 30 anos depois*. A mostra inclui trinta aguarelas e algumas esculturas em bronze. As aguarelas mostram, sempre em tons de azul, as águas do Tejo e a zona do Restelo, onde o artista residiu.

Entre Março e Abril de 2012 esteve patente uma exposição individual deste artista plástico na Livraria Leya Barata, em Lisboa. Intitulada *As Pessoas e a Cidade* esta exposição contou com doze aguarelas e três esculturas, e **foi inspirada na cidade onde nasceu e sempre viveu, Lisboa, e nas suas gentes**. Esta exposição foi comissariada pela *Galeria de Arte micro arte*, em Lisboa, e, no seu *site* encontra-se um pequeno texto do artista, sobre Lisboa: “(...) *é na rua que registo, no meu diário gráfico, o ritmo da cidade, as luzes que se projectam nas fachadas, o movimento quotidiano dos lisboetas, dos turistas, das pessoas que se passeiam pelo palco da capital nacional.*”<sup>496</sup>,

O artista elegeu desde sempre a aguarela como meio de eleição para acompanhar o ritmo da cidade. Através das suas aguarelas descobrimos recantos da cidade, acompanhamos as suas gentes, e, num tom sempre azul, **apercebemo-nos da cidade real, que tem sido fonte inesgotável para artistas plásticos, escritores, e músicos ao longo dos séculos**.

Entre Maio e Junho de 2013, Paulo Ossião levou, à *Galeria de Arte Casino Estoril*, a sua Exposição *Uma Lisboa Inacabada*, exposição de trinta aguarelas, tendo como temática a capital, nomeadamente a baixa pombalina, a Torre de Belém e o Tejo.

Durante a cronologia estudada apareceram **dez obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

As suas obras estão representadas em vários museus, no ML, no Museu de Marinha e no Museu Martins Correia (Golegã), e Câmaras Municipais (Sintra, Oeiras, Cascais, Torres Vedras, entre outras) bem como em inúmeras colecções particulares, em Portugal e no estrangeiro.



*Vista de Lisboa - Sé*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1985  
Lote 236 – Leilão 142 de 22 de Outubro de 2012  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>496</sup> Disponível em <http://www.microartegaleria.com>., consultado a 18 de Março de 2016.

### **PEDRO JORGE PINTO (1900-1983)**

Pintor naturalista, é filho do pintor José António Jorge Pinto (1875-1945).

Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e foi discípulo de Columbano Bordallo Pinheiro e de Veloso Salgado.

Cultivou sobretudo a paisagem. Foi igualmente desenhador e gravador.

Expôs com frequência na SNBA com pintura a óleo, aguarela, desenho e gravura, onde foi galardoado por diversas vezes em aguarela e desenho.

Em 1922 conquistou a *Medalha de Ouro* na Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

Dedicou-se ainda à cerâmica e é o autor de diversos painéis de azulejos.

Foi, durante longos anos, docente na Escola Artística António Arroio.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC e em museus municipais como Setúbal e Guimarães.

### **REAL BORDALO (n. 1925)**

#### **Artur Real Chaves Bordalo da Silva nasceu em Lisboa, em 1925**

Mostrou muito cedo a sua vocação para o desenho e para a pintura mas, obrigado a interromper o curso que lhe daria acesso à ANBA, exerceria diversas profissões – foi admitido, aos dezasseis anos de idade, na *Fábrica de Cerâmica Constança/Faiança Battistini*, onde teve oportunidade de conviver com diversos ceramistas e artistas -, até conseguir matricular-se nas aulas nocturnas de desenho, óleo, pastel e aguarela da SNBA, da qual já era sócio efectivo – tendo-se feito sócio titular desta instituição a 1 de Julho de 1947, com o nº616.

Dedicou-se ainda à cerâmica e à tapeçaria. Este artista trabalhou ainda com Leitão de Barros, como cenógrafo, na *Tóbis Portuguesa* e na *Lisboa Filmes*. Trabalhou ainda em várias funções ligadas ao desenho, no jornal *Diário de Notícias*.

Concorreu com trabalhos seus a diversos Salões Anuais de Outono e Primavera da SNBA e participou em inúmeras exposições.

Através das suas exposições na SNBA, obteve a *3ª Medalha em Aguarela* e duas Menções Honrosas.

Em 1952 realizou a sua primeira exposição individual, de trabalhos a aguarela e pastel, no Casino da Figueira da Foz, no Salão Nobre, à qual se seguiu uma outra, no ano seguinte, na SNBA.

O êxito assinalado justificou a sua integração no *Grupo Português de Aquarelistas* e, mais tarde, no *Grupo de Artistas Portugueses*, agrupamento de artistas consagrados da década de 1940, permitindo-lhe, assim, continuar a expor um pouco por todo o país, e pelo estrangeiro.

Entre Novembro e Dezembro de 2007 esteve patente uma exposição de vinte e quatro óleos e vinte e quatro aguarelas no *Gallery Center*, no Centro Comercial Amoreiras, em Lisboa. **Todas estas obras tinham como tema a capital** (a Basílica da Estrela, o Largo de São Paulo, a Torre de Belém, ou um jogo de cartas entre amigos num jardim da cidade, são alguns dos temas pintados).

Em 2009 esteve patente, no espaço Groupama.Arte – do grupo internacional de seguros Groupama -, em Lisboa, uma exposição de obras do pintor que retratavam a paisagem histórica de Lisboa.

Pela maneira como se tem dedicado a pintar as ruas, os monumentos, os eléctricos, os bairros, o Tejo, os jardins e as gentes da capital, **é considerado um dos pintores de Lisboa.**

Em Julho de 1999, o artista plástico e poeta Jorge Rosa (1930-2001) escreveu, para Real Bordado um verso intitulado *Lisboa, Bela!*<sup>497</sup>

*Quando Lisboa, se enfeita  
Não é não, pr'a dar nas vistas  
É por amor, aos artistas  
E à arte que os deleita (...)  
O mestre, sim fantasia  
Pinta Lisboa... a mais bela!*

Sobre Real Bordalo escreveu o Romancista António Alçada Baptista (1927-2008): “(...) aquilo que mais me toca na pintura de Real Bordalo é a sua relação com Lisboa a que poderemos chamar um caso de amor (...) Lisboa, nas suas mãos, é uma cidade encantada, Lisboa fala-nos e esse falar vem de tudo o que viveu e fez viver. **Não me parece possível separar as cidades da sua história.** Por isso, a pintura de Real Bordalo nos transmite uma sensação de Lisboa com todos os seus séculos e que é disso que é feita a sua alma, ele é um pintor capaz de captar a alma da cidade e por isso é capaz de criar com ela uma relação de amor.”<sup>498</sup>

---

<sup>497</sup> In AA.VV. R. Bordalo Pinta Lisboa, *s.l.*, Clio Publishing, 2003, p.24.

<sup>498</sup> Cf. BAPTISTA, António Alçada, in AA.VV. R. Bordalo Pinta Lisboa, *s.l.*, Clio Publishing, 2003, p.17.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no Museu das Artes de Sintra, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), e em vários museus municipais.



*Rua do Arsenal - Lisboa*  
Óleo sobre tela colada em cartão, assinado e datado de 1988  
Lote 154 – Leilão 129 de 4 de Julho de 2011  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **RIBEIRO CHRISTINO (1858-1948)**

**João Ribeiro Christino da Silva nasceu em Lisboa a 9 de Outubro de 1858 e faleceu em Lisboa em 1948**

Este artista é filho do pintor Romântico João Christino da Silva (1829-1877) e foi seu discípulo. Na família Christino da Silva, aliás, existem vários artistas, entre pintores e arquitectos.

Foi pintor, ilustrador e gravador. Foi, aliás, com esta última actividade que mais se notabilizou.

Fez parte do *Grupo do Leão* – e encontra-se retratado na histórica tela de Columbano *O Grupo do Leão*, de 1885, à guarda do MNAC –, tendo participado com pinturas a óleo na Exposição deste Grupo em 1881, entre outras.

Estudou pintura com Tomás da Anunciação e Miguel Lupi na Academia Real de Belas-Artes, que abandonou por ocasião da morte de seu pai, empregando-se como ilustrador e gravador. Colaborou ainda com diversos jornais e revistas, onde assumiu um papel de crítico de arte e de cronista de vivências citadinas. A partir de 1888, foi professor de Desenho.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

### **RICARDO HOGAN (1843-1890)**

#### **Ricardo Hogan nasceu em Lisboa em Janeiro de 1843 e faleceu em 1890**

Ricardo Hogan tinha ascendência irlandesa, o seu antepassado, João Hogan, nasceu no Condado de Tipperary no sudoeste da Irlanda e veio para Lisboa em 1704. Este artista nasceu em Lisboa, no seio de uma família abastada. A informação sobre este autor é escassa, assim, a sua biografia, bem como o seu percurso artístico, ficam reduzidos a aspectos elementares.

Foi um aquarelista de finais de século, os seus estudos em Inglaterra permitiram-lhe uma concepção realista nas suas cenas de costumes e marinhas. Segundo Maria Lucília Abreu:“(...) o pai mandou-o para Inglaterra para prosseguir os seus estudos (...) as informações que chegaram até nós revelam-se imprecisas quanto ao tempo de permanência (...) e aos cursos frequentados (...)”<sup>499</sup>

No entanto, dado o interesse que mostrou pela técnica de aquarela, é natural que se tenha dedicado ao seu estudo. A curta existência deste artista, porém, não lhe possibilitou produzir uma vasta obra.

Pelo que conseguimos apurar, este artista não desempenhou qualquer cargo específico, nem teve uma ocupação conhecida. A sua família, bem como a da sua esposa, tinham posições dasafogadas, segundo Maria Lucília Abreu:“(...) o seu sogro era proprietário da primeira garagem de trens existentes em Lisboa, na Rua da Palma (...)”<sup>500</sup>

Muitas composições deste aquarelista referem contextos típicos da vida citadina, embora esta temática não seja a mais frequente no acervo da sua obra. No entanto, **pintou a cidade de Lisboa mais do que uma vez**, e na CMAG, em Lisboa, encontra-se uma aquarela sua, assinada mas sem data, *Ribeira de Lisboa*, Dim. 34 x 25 cm, em que retrata um aspecto da Lisboa ribeirinha, com figuras como pescadores e varinas, com o Rio Tejo como fundo.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNSR, na CMAG, e a sua obra faz parte de inúmeras colecções nacionais.

---

<sup>499</sup> Cf. ABREU, Maria Lucília, *A Aquarela na Arte Portuguesa*, Lisboa, ACD Editores, 2008, p.132.

<sup>500</sup> *Idem*, p.133.





*Varinas de Lisboa*  
Aguarela sobre papel, assinada  
Lote 124 – Leilão 48 de 10 de Janeiro de 2001  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **ROBERTO ARAÚJO (1908-1969)**

Este artista foi pintor, ilustrador, *designer*, cenógrafo - criou cenários para vários filmes clássicos como *O Pai Tirano*, de António Lopes Ribeiro (1908-1995), de 1941 -, e produziu vitrais. A sua obra não é vasta, mas deixou pinturas, desenhos, serigrafias, painéis de azulejos e ilustrações.

Entre outras exposições, participou, em 1931, no *II Salão dos Independentes* da SNBA, onde foi docente, e, em 1940 na *Exposição do Mundo Português*.

Em 1929 recebeu o Prémio *Anunciação*.<sup>501</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

O CAM-JAP possui, pelo menos, um desenho seu na colecção não permanente.

### **ROGÉRIO AMARAL (1927-1996)**

Rogério Amaral foi um artista plástico que retratou, em óleos e aguarelas, oscilando entre o figurativo e o abstracto, a cidade de Lisboa, onde nasceu. Foi, por este motivo, um **Pintor de Lisboa**. Segundo Jean-Pierre Blanchon, a sua obra consegue cotações elevadas no mercado de arte.<sup>502</sup>

Este artista participou em diversas exposições em Portugal e no estrangeiro e foi galardoado com o 1º *Prémio Silva Porto* e a 2ª Medalha da SNBA.

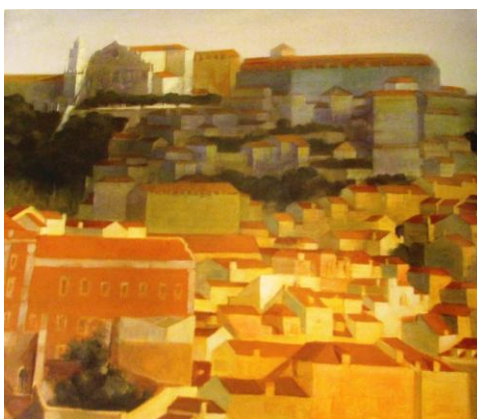
<sup>501</sup> Prémio anual, criado com a finalidade de premiar os alunos de pintura da Academia de Belas Artes que se distinguiam pelos seus quadros de figuras de animais, em homenagem ao pintor Tomás da Anunciação.

<sup>502</sup> Cf. BLANCHON, Jean-Pierre, *Cotação de Artistas portugueses em Leilão*, Lisboa, Scribe, 2015, p.35.

Durante a cronologia estudada apareceram **quatro obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNAC e no CAM-JAP.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Benfica.**



*Vista de Lisboa - Graça*  
Óleo sobre tela, assinado e datado de 1984  
Lote 40 do Leilão 92 de 26 de Novembro de 2007  
© [ARQUIVO DACML](#)

### **ROQUE GAMEIRO (1864-1935)**

**Alfredo Roque Gameiro nasceu em Minde, concelho de Alcanena, a 4 de Abril de 1864 e faleceu em Lisboa a 5 de Agosto de 1935**

Distinguiu-se na pintura, especializado em aguarela, na ilustração, na gravura e no desenho. A sua vida, **inteiramente dedicada à pintura naturalista**, atravessou o Modernismo de artistas como Amadeo de Souza-Cardoso ou Almada Negreiros, seguindo o seu caminho, sem se desviar dos ideais próximos do romantismo tardio, que conheceu na Alemanha, onde esteve dois anos, a estudar.

Enquanto o pintor, escultor e poeta francês - a partir de 1955 cidadão dos E.U.A.- Marcel Duchamp (1887-1968) apresentava os seus famosos *Ready-made*<sup>503</sup> ou o artista plástico, poeta e teórico da arte russo - adquirindo a nacionalidade alemã em 1928, e a nacionalidade francesa em 1939- Wassiliy Kandinsky (1866-1944) pintava a sua primeira tela abstracta, o Mestre Roque Gameiro continuava, austero na vida e na arte, a contemplar a natureza e a passá-la para as suas telas.

---

<sup>503</sup> *Ready-made* é um novo conceito de arte que introduz objectos industrializados, já feitos, e os eleva à categoria de obra de arte, contrariando, assim, os cânones históricos e académicos, e introduzindo um ideal de vanguarda no meio artístico.

Estudou na Academia de Belas Artes de Lisboa, tendo aulas da técnica de aguarela com o mestre aguarelista espanhol Enrique Casanova, mestre da Casa Real Portuguesa – presente nonoso *corpus* – e estudou Litografia na Escola de Artes e Ofícios de Leipzig, na Alemanha, com uma bolsa concedida pela Rainha D. Maria Amélia de Orleães (1865- -1951).

Iniciou a sua carreira artística como desenhador-litógrafo nas oficinas do seu meio-irmão, onde produziu uma vasta obra, mas foi sobretudo como pintor aguarelista que se notabilizou. Para além de outras temáticas, como marinhas, por exemplo, **pintou, em aguarelas notáveis, e de enorme sensibilidade artística, a velha Lisboa e o quotidiano dos seus bairros típicos, do casario nas colinas, das ruelas, dos becos, das escadinhas, dos arcos e dos fontanários, mas também das casas nobres e palácios, a Lisboa antiga que já estava a desaparecer e que assim ficou gravada na memória das suas telas.**

Para esta sua obra realizou investigações de carácter etnográfico, incluindo estudos sobre a cidade de Lisboa. Segundo Maria Lucília Abreu<sup>504</sup>, o aguarelista alargou o seu campo de pesquisa, e muitas das suas investigações existiram em função de uma vertente topográfica em que existiu, igualmente, o interesse pela arquitectura da capital, procurando obter informações sobre antigas edificações, algumas já demolidas na época.

Foi este trabalho exaustivo de recolha de elementos que foi elaborando ao longo de anos, que se concretizou no elevado número de desenhos e aguarelas que foram publicados no seu **álbum *Lisboa Velha, de 1925***, no qual retratou a capital no início do século XX como ninguém o fizera até então e ninguém voltou a fazer.

Nas aguarelas presentes neste livro, retratou a cidade e as suas gentes, e resgatou a memória dos velhos bairros.

No prólogo desta obra, o poeta Affonso Lopes Vieira (1878-1946), afirma que “ (...) *assim o bom mestre logrou salvar, para regalo das nossas afeições nacionais, alguns ternos e preciosos documentos de história e evocação desta cidade (...) para nos encantarmos com a Lisboa velha, iremos (...) invocando a Lisboa sarracena, em cujas feições o Mourisco deixou persistentes traços, a Lisboa de Alfama dos saborosos nomes de ruas (...) tudo isto Roque Gameiro nos oferta (...)*”.<sup>505</sup>

Os motivos seleccionados por este artista são múltiplos, embora “(...) *tenha fixado, sobretudo, pela imagem colorida, aqueles aspectos que considerava típicos de uma certa forma de vida e que, de algum modo, constituem a verdadeira essência da alma lisboeta.*”<sup>506</sup>

---

<sup>504</sup> Cf. ABREU, Maria Lucília, *op. cit.*, pp.196-249.

<sup>505</sup> Cf. GAMEIRO, Alfredo Roque, *Lisboa Velha*, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, edição de autor, 1925, p. 7.

<sup>506</sup> Cf. ABREU, Maria Lucília, *op. cit.*, p.197.

As seguintes palavras de Maria Lucília Abreu parecem ter sido escritas a pensar neste artista, mas não só: “*Alguns dos aquarelistas portugueses que tinham já adquirido elevado domínio técnico e artístico, nas primeiras décadas do Século XX, deixaram-se, frequentemente, cativar pelos aspectos pitorescos de Lisboa e transpuseram-nos para os seus quadros. Através das imagens que criaram, esses artistas reproduziram o encanto da velha urbe, celebrada em verso por tantos poetas (...).*”<sup>507</sup>

Existe na cidade da Amadora a *Casa Roque Gameiro*, que o mestre mandou construir em 1898, com traça do Arquitecto Raúl Lino (1879-1974) e a participação de Raphael Bordallo Pinheiro, amigos do artista, que foi residência da família. É actualmente um espaço municipal de cultura e exposições.<sup>508</sup>

Igualmente em sua memória, e situado em Minde, o *Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro*<sup>509</sup>, é um projecto cultural muito dinâmico, abrangendo várias áreas das artes, e tem como polo base o *Museu de Aquarela Roque Gameiro*, aberto ao público desde 2009. Fazem parte do acervo deste museu mais de uma centena e meia de obras do Mestre, bem como de suas filhas Raquel, Helena e Maria Emília, notáveis aquarelistas - aliás todos os seus cinco filhos foram seus discípulos e importantes artistas - além de obras de artistas seus contemporâneos e que com ele privaram. Entre Março e Abril de 2014, a Câmara Municipal de Lisboa teve patente a Exposição *Roque Gameiro o Mar, a Serra, a Cidade*, na Galeria dos Paços do Concelho, em Lisboa, integrada nas comemorações dos 150 anos do nascimento do artista.

Os seus descendentes criaram o *site da Tribo dos Pincéis*<sup>510</sup> com informações relevantes sobre o Mestre, os seus cinco filhos artistas, e seus descendentes.

Recebeu diversos prémios em Portugal e no estrangeiro, entre os quais a Medalha de Ouro do *Salon* de Paris de 1900 e a Medalha de Honra da SNBA, em 1910.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

O artista encontra-se representado no ML, no MNAC, no Museu Regional Almeida Moreira (Viseu), no MGV, na Casa-Museu dos Patudos (Alpiarça), no Museu de Arte Contemporânea de Madrid, Espanha, e ainda em inúmeras colecções particulares, como a colecção da sua família.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima.**

---

<sup>507</sup> *Idem, op. cit.*, p.239.

<sup>508</sup> Disponível em <http://www.cm-amadora.pt/casa-roque-gameiro/>, consultado a 10 de Janeiro de 2016.

<sup>509</sup> Disponível em <http://www.caorg.pt>, consultado a 10 de Janeiro de 2016.

<sup>510</sup> Disponível em <http://www.roquegameiro.org>, consultado a 18 de Abril de 2016.



*Largo do Menino Deus, Lisboa*  
Aquarela sobre papel, assinada, dedicada e datada de 1911  
Lote 254 – Leilão 169 de 1 de Junho de 2015  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **RUI DA PALMA CARLOS (1948-2008)**

Rui Manoel Baptista Velho da Palma Carlos foi Arquitecto, poeta, pintor neo-figurativo, artista gráfico e um homem de letras.

Desde muito cedo apercebeu-se da sua inclinação para as artes, nomeadamente o desenho. Após frequentar dois anos Belas-Artes, formou-se em Arquitectura.

Em 1973 participou na Exposição do SNI. E em 1981 e 1985 expôs na Galeria do Casino Estoril.

**Este artista realizou inúmeras pinturas com a temática de ruas e casas típicas da cidade de Lisboa.**

Da sua obra de pinturas surgiu uma colecção de postais dos CTT intitulada *Casas de Lisboa*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

### **SANTA-RITA (1889-1918)**

**Guilherme Augusto Cau da Costa de Santa-Rita - conhecido por Santa-Rita Pintor em oposição ao seu irmão Augusto, escritor -, nasceu em Lisboa a 31 de Outubro de 1889 e faleceu em Lisboa a 29 de Abril de 1918**

Este artista fez parte **da primeira geração de modernistas**. Fez a sua formação artística na Academia Real de Belas Artes.

Como grande parte dos artistas da sua geração, partiu para Paris como bolseiro, em 1910, onde privou com os círculos artísticos de vanguarda do início do século XX. De regresso ao nosso país, em 1914, foi um dos impulsionadores do breve **movimento futurista português**.

Nunca expôs em Portugal mas em 1912 um trabalho seu esteve exposto no *Salon de Indépendents*, em Paris.

O seu trabalho mais conhecido e quase mítico – pese embora não existam consensos sobre a sua autoria<sup>511</sup>-, um óleo sobre tela, inacabado, a que se atribui o título *Cabeça*, presumivelmente de 1910, elaborado numa síntese entre o Cubismo e o Futurismo, oferecido pelo artista ao pintor Manuel Jardim (1884-1923), o qual integrou mais tarde a coleção de Henrique de Vilhena (1879-1958) que a doou ao Estado através do SNI, faz actualmente parte do acervo do MNAC (inv.2963).

O nº 2 da Revista *Orpheu* inclui trabalhos seus. Este artista foi o grande nome da Revista *Portugal Futurista*, que pretendia ser a voz do Futurismo em Portugal, da qual só existiu um número, lançado em Novembro de 1917, dirigida oficialmente, por Carlos Filipe Porfírio (1895-1970) – presente no nosso *corpus*.<sup>512</sup> Segundo José-Augusto França, numa carta de 26 de Março de 1916 o artista afirmava: “*Futurista declarado em Portugal há um, que sou eu*”.<sup>513</sup>

**Faleceu jovem, com vinte e oito anos de idade, e, ao morrer, um dos pedidos que fez à sua família foi a destruição total da sua obra, pedido que foi cumprido. Assim, só restam deste autor pouco mais do que um pequeno número de exercícios académicos, realizados enquanto aluno de Belas-Artes, dos quais tudo indica que o lote com que integra o nosso *corpus* faça parte.**



*Veleiro ancorado no Tejo*  
Aguarela sobre papel, assinada e datada de 1905  
Lote 268 – Leilão 89 de 15 de Outubro de 2007  
© ARQUIVO DA CML

<sup>511</sup> A autoria desta obra foi debatida num *workshop* que teve lugar no MNAC a 29 de Setembro de 2014.

<sup>512</sup> Para além de textos de vários modernistas, portugueses e estrangeiros, contou com a colaboração de Fernando Pessoa, escrevendo sob o heterónimo de Álvaro de Campos.

<sup>513</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*, Lisboa, Livros Horizonte, p.43.

### **SARAH AFFONSO (1899-1983)**

**Sarah Affonso nasceu em Lisboa, a 13 de Maio de 1899 e faleceu em Lisboa a 14 de Dezembro de 1983**

Esta artista nasceu no final de um século agitado e repleto de mudanças de mentalidades e de políticas, que viriam a culminar no Modernismo português.

Pertence à **segunda geração de pintores modernistas**. Não será, contudo, a capital, onde nasceu, que marcará a sua vida e obra, mas sim Viana do Castelo, para onde foi viver com apenas cinco anos e onde passou toda a infância, não deixando, no entanto, de pintar Lisboa.

Frequentou o Curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde foi discípula de Columbano Bordallo Pinheiro, afastando-se, no entanto, do Naturalismo que caracterizava o mestre.

Considerava Portugal um país atrasado por isso, como muitos artistas da sua geração, rumou a Paris, inscrevendo-se numa Academia Livre. Participou em várias exposições individuais e colectivas, ao lado de grandes artistas portugueses e estrangeiros. Quando regressa a Lisboa, é a primeira mulher a frequentar o café do Chiado *A Brasileira*, convivendo com os artistas e intelectuais da altura, apesar de não ser muito convencional uma mulher frequentar a boémia do meio artístico na altura.

Participou na decoração da *Exposição do Mundo Português*, em 1940, em Lisboa.

Entre outros, em 1944 recebeu o *Prémio Amadeo de Souza-Cardoso* na 8ª *Exposição de Arte Moderna* do SPN.

Em 1934 casa com Almada Negreiros. A artista dedicou-se igualmente a ilustrar livros infantis, tendo sido convidada por Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) para ilustrar o seu primeiro conto infantil: *A Menina do Mar*, de 1958.

A artista encontra-se representada no CAM-JAP, no MNAC, no MMAB, no Museu de Amarante, no Museu de Bragança e em colecções públicas e particulares, em Portugal e no Brasil.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.





*Trecho de Lisboa com Varinas*  
 Óleo sobre tela, reentelado, assinado e datado de 1924  
 Lote 259 – Leilão 134 de 12 de Dezembro de 2011  
 © <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **SILVA LINO (1911-1984)**

Siva Lino foi um pintor moderno, aluno do pintor naturalista Marques d'Oliveira – presente no nosso *corpus*.

Recebeu a Medalha de Honra na Exposição de Sevilha de 1929 e na Exposição de Paris de 1932.

Nos últimos anos da sua vida dedicou-se às artes decorativas, nomeadamente ao vitral.

Durante a cronologia estudada apareceram **seis obras suas** com iconografia olisiponense, para leilão, na CML.

Está representado no MNAC e no MNSR.



*Basílica da Estrela*  
 Óleo sobre platex, assinado  
 Lote 116 – Leilão 93 de 10 de Dezembro de 2007  
 © [ARQUIVO DA CML](#)



**SILVA PALMEIRA (n. 1934)**

**Carlos Alberto da Silva Falcão de Matos - Silva Palmeira é o seu nome artístico -, nasceu em 1934 em Santarém**

Iniciou a sua actividade artística como pintor em 1948, na área da cerâmica, altura em que estudou desenho e pintura.

Na pintura, é um artista eclético, tanto pinta retratos, como naturezas-mortas, mas a sua obra é, tendencialmente, paisagista.

Viajou muito, França, Brasil, Índia, e Inglaterra, onde manteve, durante dezasseis anos, um contrato de exclusividade com uma galeria.

Entregou-se a diversas actividades e só começou a viver exclusivamente da pintura aos trinta e oito anos.

A sua primeira exposição individual será em 1963.

Em 1997 recebeu, em Paris, onde viveu e trabalhou, a Medalha de Prata *Mérite et Dévouement Français*, e em 1998 a Medalha de Bronze *Arts-Sciences-Lettres*.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado em colecções nacionais e internacionais, nomeadamente na França, Bélgica, Alemanha, Itália, Noruega, Inglaterra, Suíça, EUA, Canadá e Japão.



*Sem Título (Vista de Lisboa com Mosteiro dos Jerónimos)*

Óleo sobre tela, assinado e datado de 1988

Lote 435 – Leilão 158 de 5 de Maio de 2014

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

## **SILVA VIEIRA (1939-2004)**

**Victor Silva Vieira nasceu em Lisboa em 1939 e faleceu em Lisboa a 2 de Janeiro de 2004**

Autodidacta, este artista distinguiu-se por uma pintura com traços de ingenuidade, característicos da pintura *naïf*.

Importa registar a particularidade de que, pesquisador da paisagem urbana, este artista, neste enquadramento, **só pintou a cidade de Lisboa**. E deixou-nos testemunhos valiosos da cidade, no que ela tem de mais genuíno, as vielas, os becos, os quiosques, os recantos. No entanto, a sua obra é pouco conhecida e, consequentemente, pouco valorizada.

Fez trabalhos como ilustrador, entre os quais as *Ementas Históricas*, para o *Grupo Amigos de Lisboa*.

Este artista começou a expor em 1961, tendo obtido um 3º Prémio da C.M.L. em Artes Decorativas, em 1961, e o *Prémio Cidade de Guimarães*, em 2001, entre outros galardões. Em 1973 esteve presente na exposição enquadrada no Mercado da Primavera, onde foi premiado pelo SNI.

Participou em todos os salões nacionais e internacionais de pintura *naïf* da *Galeria de Arte Casino Estoril*, tendo obtido, em 2001, um 1º Prémio, e menções honrosas nas restantes vinte e três edições deste certame.

Durante a cronologia estudada apareceram **três obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no ML, na Galeria Artur Bual (Amadora), e no MGV. Tem trabalhos seus em colecções particulares em todo o país, em Espanha, Itália, Brasil, Venezuela e Inglaterra.



*Praça do Comércio*

Acrílico sobre platex, assinado e datado de 1987

Lote 612 – Leilão 163 de 18 de Novembro de 2014

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

### **SIMÃO DA VEIGA (1878-1963)**

**Simão Luis da Veiga nasceu em Montemor-o-Novo, Lavre, a 8 de Junho de 1878 e faleceu em Lisboa a 19 de Março de 1963**

Este artista foi discípulo de José Malhoa e das Academias de Paris.

Cultivou a paisagem e o retrato e foi um animalista.

Esteve presente na *10ª Exposição da SNBA*, em 1913 onde obteve a 1ª Medalha. Participou igualmente em exposições em Paris, onde obteve uma 3ª Medalha.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Encontra-se representado no MNSR, no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), e em colecções particulares.



*Vista de Lisboa*  
Óleo sobre madeira, assinado e dedicado  
Lote 120 – Leilão 77 de 23 de Janeiro de 2006  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **STUART DE CARVALHAES (1887-1961)**

**José Herculano Stuart Torrie d'Almeida Carvalhaes nasceu em Vila Real de Trás-os-Montes a 7 de Março de 1888 e faleceu em Lisboa a 2 de Março de 1961**

Filho de pai português, um abastado proprietário do Douro, e de mãe inglesa, foi um artista multifacetado, e um autodidacta.

Fez carreira como pintor, desenhador, ilustrador, pintor de azulejos, caricaturista, fotógrafo, realizador de cinema – em 1916 estreou um filme, curto, com duração de cerca de quinze minutos, intitulado *Quim e Manecas* e baseado nas suas famosas histórias de banda desenhada publicadas no semanário humorístico *O Século Cómico* –, actor, decorador, cenógrafo, figurinista, *designer* gráfico e autor de banda desenhada, – é considerado por muitos o pai da Banda Desenhada em Portugal – artista gráfico, fotógrafo e cenógrafo.

Pertence à **primeira geração dos modernistas portugueses**. Após vários anos em Espanha, regressa a Portugal em 1891. A sua irregular vida escolar termina após uma passagem pelo Real Instituto de Lisboa (1901-1903). Vive, entre 1912 e 1913 em Paris, onde tenta trabalhar, sem sucesso.

Começa por participar em algumas mostras colectivas, como as primeiras dos Humoristas, em Lisboa, mas expõe, individualmente, pela primeira vez apenas em 1932.

Caricaturista de talento, nas publicações com as quais colabora, cria um retrato da sua época. Inicia esta actividade em 1916, com caricatura e banda desenhada no suplemento humorístico do jornal diário *O Século*.

Esteve, de certo modo, na génese da banda-desenhada em Portugal e a sua obra inclui diversas formas: caricatura, desenho infantil, sátira política, ilustração, capas de revistas e cenários para teatro.

Na década de 1920 obtém sucesso e trabalha para publicações como o jornal diário *Diário de Lisboa*, em 1922 desenha para o *ABCzinho*, colaborando com inúmeras outras publicações como o *Diário de Notícias*. Durante esta década recebe, igualmente, inúmeras encomendas como gráfico. Ilustrou ainda diversas capas de partituras musicais para as editoras discográficas *Sasseti* e *Valentim de Carvalho*.

Da sua obra gráfica recebeu dois prémios em concursos internacionais, em Espanha e Itália.

A sua carreira, no entanto, é multifacetada inclusivamente no que concerne aos materiais utilizados. A sua vida, boémia e instável, convive com a instabilidade financeira, o que o leva a experimentar materiais menos dispendiosos, como eram as telas, as tintas e os pincéis. Assim, aparecem obras suas em que utilizou materiais como papel de embrulho ou tampas de caixotes. Para desenhar, na falta de outros instrumentos, explorou os fósforos queimados, com que frequentemente cria composições.

Participou, em 1925, com uma pintura para a decoração do café *A Brasileira*, no Chiado.

Em 1932 realiza, na Casa da Imprensa, a sua única exposição individual e em 1948 recebe o *Prémio Domingos Sequeira* na exposição do SNI.

Dele disse José-Augusto França “(...) viveu entre o Bairro Alto e o Chiado (...) nesta minicrónica alfacinha, indissociável da arte e da vida do artista, e da Lisboa do seu tempo (...)”.<sup>514</sup>

---

<sup>514</sup> Cf. FRANÇA, José-Augusto, *A Arte Portuguesa de Oitocentos*, Lisboa, Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa, 1979, p.62.

Emília Ferreira afirma que “(...) *se a heterogeneidade do seu desenho dificulta a definição da obra por décadas, arrisquemos, como elemento de unificação, a revelação de uma Lisboa contraditória e viva, inteira, elegante por vezes, amarga outras mais.*”<sup>515</sup>

**A sua obra captou muito do essencial da vida popular lisboeta, captada em directo, com um raro sentido da expressão.**

Durante a cronologia estudada apareceram **dez obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no CAM-JAP.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia de São João de Deus.**



*Varinas*

Tinta-da-China e Guache sobre cartão,  
assinado

Lote 339 – Leilão 52 de 19 de Fevereiro de 2002

© [ARQUIVO DA CML](http://www.cml.pt/leiloes/)



*Trecho de Lisboa - Fadista*

Tinta-da-China aguarelada sobre papel,  
assinada e datada de 1949

Lote 212 – Leilão 98 de 26 de Maio de 2008

© [ARQUIVO DA CML](http://www.cml.pt/leiloes/)



*Festejando o Santo António*

Tinta-da-China sobre papel, assinada e datada de 1937

Lote 262 – Leilão 145 de 28 de Janeiro de 2013

© <http://www.cml.pt/leiloes/>



*Comemorando o Santo António*

Técnica mista sobre papel, assinada

Lote 193 – Leilão 157 de 24 de Março de 2014

© <http://www.cml.pt/leiloes/>

<sup>515</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.29.

## **TOMÁS D'ANUNCIACÃO (1818-1879)**

**Tomás José D'Anunciação nasceu em Lisboa em 1818 e faleceu em Lisboa em 1879**

Originário de uma família humilde, este artista manifestou, desde muito jovem, uma forte inclinação para o desenho e um gosto especial pela representação da natureza.

Depois de uma série de rudimentares aulas de desenho na Sala do Risco no Arsenal,<sup>516</sup> foi admitido como praticante-desenhador de estampas no Real Museu de História Natural do Palácio da Ajuda, onde aprofundou, ainda mais, o seu interesse pelos motivos da natureza.

Entre 1837 e 1844 o artista frequenta as aulas de Desenho da Real Academia de Belas-Artes, onde começa por copiar estampas, mas rapidamente passa a desenhar produtos naturais e, em 1840, expõe pela primeira vez alguns dos seus trabalhos, e vai vendendo algumas telas no incipiente mercado de arte português da altura. O Rei-consorte D. Fernando II encomendou e adquiriu várias obras suas.

Economicamente impossibilitado de viajar para o estrangeiro, o artista vai localizando as suas referências à volta de pintores franceses de finais do século XVIII, como Jean-Baptiste Pillement (1728-1808), cujos quadros tinha a oportunidade de apreciar de perto nas casas de colecionadores, bem como colhendo informações de colegas que chegavam de França, e de outros países.

Assim, apesar de distante da pintura internacional, a sua obra foi suscitando o interesse, em Portugal, de diversos compradores.

Em 1852 passa a leccionar como professor substituto na Real Academia a nova Cadeira de Pintura de Paisagem, Animais e Produtos Naturais. No ano de 1878 chega a Director desta instituição.

Em 1856 organiza uma exposição colectiva e em 1862 **é um dos fundadores da Sociedade Promotora das Belas- Artes**, em cujas exposições recebeu diversas medalhas, entre 1862 e 1874.

Na década de 1860 foi professor da Rainha-consorte D. Maria Pia (1847-1911) e **Director da Galeria de Pintura do Palácio Real da Ajuda**.

Anos depois viaja pela primeira vez a Paris, e contacta com as pinturas dos grandes mestres, nomeadamente os animalistas. De regresso a Lisboa, percorre o campo, os arrabaldes de Lisboa e Sintra onde traça esboços, que mais tarde se materializam em pinturas, nomeadamente do seu tema maior: os animais.

---

<sup>516</sup> Após o terramoto de 1755, foi criada em Lisboa a Casa do Risco das Obras Públicas, que veio substituir a Aula do Paço da Ribeira. Na Casa do Risco funcionavam três aulas: aula do risco de Architectura, Escultura e Pintura. Fonte: CALADO, Maria, *O Ensino da Architectura em Portugal. Abordagem Histórica*, in *Jornal da Associação dos Arquitectos*, n°55, Março de 1987, p.6.



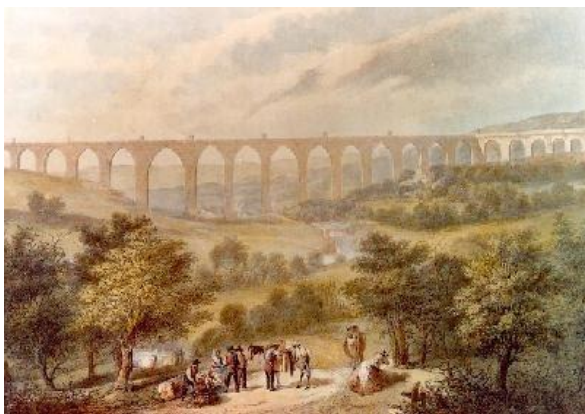
Uma das suas últimas obras, e porventura a mais conhecida é *O Vitelo*, de 1873, à guarda do MNAC (inv.13). Igualmente deste artista, MNAC (inv.509), está uma obra, de 1857, óleo sobre tela, com iconografia olisiponense, no caso uma das suas colinas, *Vista da Penha de França*, que é um documento histórico para a memória da cidade.<sup>517</sup>

No ano de 1884, cinco anos após a sua morte, foi instituído um Prémio em sua memória – o **Prémio Anunciação** – destinado a galardoar os melhores alunos da cadeira de Pintura de Paisagem da Escola de Belas-Artes.<sup>518</sup> A sua abundante obra era muito apreciada e marcaria os limites da pintura de paisagem dos românticos portugueses.

Durante a cronologia estudada apareceram **duas obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no MGV, na Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça (Alpiarça)<sup>519</sup> na Casa-Museu Almeida Moreira (Viseu), e em diversos museus municipais, para além de colecções, particulares e institucionais.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem ao artista através da atribuição do seu nome a uma Rua, na freguesia do Santo Condestável.**



*Vista do Aqueduto das Águas Livres*  
Litografia sobre papel, assinada  
Lote 638 – Leilão 74 de 11 de Outubro de 2005  
© [ARQUIVO DA CML](#)



*Vista do Aqueduto das Águas Livres*  
Litografia sobre papel, assinada  
Lote 638 – Leilão 74 de 11 de Outubro de 2005  
© [ARQUIVO DA CML](#)

<sup>517</sup> Para informações mais detalhadas sobre estas duas obras de Tomás D'Anunciação, consultar <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/artistas/ver/9/artists/>, consultado a 16 de Outubro de 2015.

<sup>518</sup> Sobre o Regulamento deste Prémio *vd.* Diário do Governo nº291, de 24 de Dezembro de 1902.

<sup>519</sup> Nesta Casa-Museu existe um conjunto importante de obras deste artista, que faziam, naturalmente, parte da colecção de José Relvas (1858-1929).

## **TOM - THOMAZ DE MELLO (1906-1990)**

**D. Thomaz de Mello - que ficou conhecido pelo nome artístico de TOM, abreviatura que herdou do seu avô, de origem inglesa -, nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em Janeiro de 1906 e faleceu em Lisboa, em 1990**

Artista extremamente multifacetado, explorou muitas técnicas artísticas, como a pintura, o desenho, a banda-desenhada, a caricatura, o grafismo de cartazes, a tapeçaria, o *design* gráfico e industrial e a cerâmica. Pertence à **segunda geração de pintores modernistas portugueses**.

Veio para Portugal em 1926 pela mão da companhia de teatro brasileira de Leopoldo Fróis, na qual trabalhava como aderecista.

A viragem para as artes plásticas dá-se no ano de 1927, quando é convidado a realizar uma exposição.

Participa activamente, desde 1928, em salões do SPN/SNI e nas equipas de decoradores enviadas às grandes exposições no estrangeiro, encarregues da realização dos pavilhões de Portugal. Entre 1935 e 1951 participou em todas as Exposições de Arte Moderna do SPN/SNI.

Em 1948 integra a equipa de artistas decoradores do Museu de Arte Popular, realizando diversos murais. Em 1973 o SNI organizou, no Palácio Foz, em Lisboa, uma exposição retrospectiva da sua obra multifacetada.

Realizou, durante a sua longa carreira, cerca de cinquenta exposições individuais. Recebeu diversos prémios como o de *Melhor Artista Estrangeiro no Salão de Lisboa*, em 1947. Dirigiu, com o pintor António Pedro (1909-1966), a *Galeria UP*, no Chiado, a primeira galeria comercial de arte de Lisboa, inaugurada em 1933 e activa até 1936. Publicou a revista *UP*, dois números somente, o primeiro com capa de Almada Negreiros.

De parte da sua obra dá-nos conta Carla Mendes: “*Fascinado pela topografia (...) representando nas suas obras cidades como Lisboa (...). Pintando a esquina de uma rua, as envelhecidas varandas ou as traseiras dos prédios (...) consegue, em todas elas, captar a essencialidade que as caracteriza, através de uma composição animada por um cromatismo emotivo (...).*”<sup>520</sup>

Durante a cronologia estudada apareceram **doze obras suas** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

A sua obra encontra-se representada no ML, no CAM-JAP, no MNAC, na FCG, na FCM, no Museu Popular e no Museu do Caramulo.

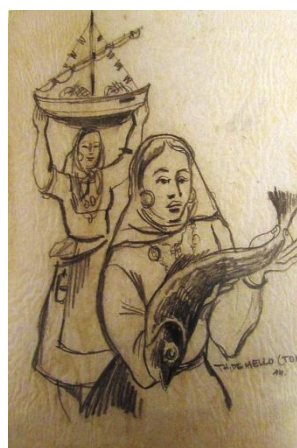
---

<sup>520</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, pp.88-89.





*Rua de Lisboa com Tejo ao Fundo*  
Tinta-da-China e Guache sobre papel, assinado  
e datado de 1960  
Lote 366 – Leilão 52 de 19 de Fevereiro de 2002  
© [ARQUIVO DA CML](#)



*Varinas*  
Desenho a carvão sobre papel vegetal, assinado  
e datado de 1974  
Lote 701 – Leilão 66 de 12 de Outubro de 2004  
© [ARQUIVO DA CML](#)

### **VESPEIRA (1925-2002)**

**Marcelino Macedo Vespeira nasceu no Samouco, em Alcochete, a 9 de Setembro de 1925 e faleceu em Lisboa a 22 de Fevereiro de 2002**

Este artista começou muito jovem a desenhar e fez os seus estudos de artes plásticas na Escola de Artes Decorativas de António Arroyo. Ainda frequentou o primeiro ano de Arquitectura na Escola de Belas-Artes de Lisboa, que abandonou.

Começa então a dedicar-se às artes gráficas e à publicidade. Em 1959, a convite de Bernardo Marques, então Director Gráfico da revista *Colóquio/Artes*, começa a colaborar com esta publicação, substituindo Bernardo Marques, aquando da sua morte, em 1962, mantendo-se como Director até 1966. Apesar do intenso trabalho gráfico, este artista nunca abandonou a pintura.

Foi artista gráfico e pintor e pertence à **terceira geração de modernistas portugueses**.

A par de Júlio Pomar, foi, a partir de 1945, impulsionador do movimento neo-realista e uma das suas maiores figuras.

Participou na *I Exposição Geral de Artes Plásticas* da SNBA, em 1946, e realizou diversas exposições em nome individual e colectivo.

Em 1947, afasta-se do neo-realismo e integra-se nas tertúlias do Café *Herminius*, ao lado de nomes que irão marcar o surrealismo português. Adere ao movimento surrealista, sendo um dos seus fundadores e um dos seus nomes mais marcantes.

A partir de 1952, interessado em novas técnicas, abandona a produção surrealista, para se entregar à abstracção, que começava a dominar o panorama artístico.

Em 1957 fora-lhe atribuído o *Prémio Columbano*, e em 2000, foi-lhe atribuído o *Prémio Nacional de Artes Plásticas* da AICA. Em 1985, a Câmara Municipal do Montijo cria, em sua homenagem, o *Prémio Vespeira*.

Da sua obra diz-nos Emília Ferreira que “(...) *espelha um universo plástico que, embora harmónico, não deixa de ser perturbador. Iluminado por uma luz onírica, poética e teatral, nele se conjuga um desenho preciso, (...) alma tormentosa e musical, com uma paleta forte, lunar, sensitiva e sensual.*”<sup>521</sup>

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia lisiponense para leilão, na CML.

Está representado no MNAC, no CAM-JAP, no CAMB no MMAB e na FCM.



*Lisboa com Casa dos Bicos*  
Tinta-da-China sobre papel vegetal, assinada e datada de 1953  
Lote 354 – Leilão 52 de 13 de Fevereiro de 2002  
© ARQUIVO DA CML

### **TÚLLIO VICTORINO (1896-1969)**

**Túllio da Costa Victorino nasceu em Cernache do Bonjardim, Sertã, a 14 de Dezembro de 1896 e faleceu no mesmo local a 23 de Março de 1969**

Foi um pintor impressionista e naturalista e teve como mestres, na Escola de Belas - Artes de Lisboa, Columbano Bordallo Pinheiro e José Malhoa – que muito influenciaram a sua obra – transitando mais tarde para a Escola de Belas-Artes do Porto.

A casa onde viveu e onde se encontra o seu *atelier* foi recuperada pelo município da Sertã, que aí instalou o *Espaço Cultural Túllio Victorino*, inaugurado em 2008.<sup>522</sup>

<sup>521</sup> In Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Roteiro da Colecção, Lisboa, FCG, 2004, p.91.

<sup>522</sup> Mais informação em <http://www.turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrimonio-cultural/equipamentos-culturais/atelier-tullio-victorino/>., consultado a 20 de Junho de 2016.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense, para leilão, na CML.

Está representado no ML, no MNAC, no Museu Machado de Castro (Coimbra), no Museu José Malhoa (Caldas da Rainha), no MGV, no Museu Abade de Baçal (Bragança), e nos Museus da Guarda, Castelo Branco e Figueira da Foz.

### **VARELA ALDEMIRA (1895-1975)**

**Luiz Varela de Aldemira nasceu em Orense, na Galiza, Espanha, a 14 de Dezembro de 1895 e faleceu em 1975**

Embora natural da Galiza, desenvolveu toda a sua actividade artística em Portugal e naturalizou-se português ainda jovem, com a idade de 30 anos.

Segundo Vítor Serrão, foi uma figura que se mostrou indiferente ao modernismo, e manteve--se solidário com o academismo naturalista de finais do Século XIX.<sup>523</sup>

Iniciou a sua formação artística em 1911 na EBAL, que frequentou até 1920 – e onde foi mais tarde Professor da cadeira de Pintura de 1934 até 1966, ano em que se aposentou -, e foi discípulo do pintor Columbano Bordallo Pinheiro (1857-1929) – e o seu primeiro biógrafo<sup>524</sup> - e terminou o Curso em 1919. Viajou, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura por Espanha, França e Itália.

Escreveu sobre arte, produzindo, nomeadamente, obras no contexto da sua função docente.

Foi um pintor da **Segunda Geração Naturalista**, apoiando-se em valores do modernismo. Da sua obra constam retratos, paisagens e desenhos, tendo sido desenhador da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Expôs regularmente, em Portugal e no estrangeiro, e foi galardoado com diversos prémios, nomeadamente da SNBA, para a qual foi nomeado Presidente em 1932. Entre outros, recebeu, em 1930 a Medalha de Ouro da *Exposição Ibero-Americana de Sevilha*.

Concorreu com frequência a vários tipos de exposições da SNBA entre 1916 e 1953. **Apresentou trabalhos na 1ª Exposição de Motivos de Lisboa, em 1935.**

Dedicou-se à Crítica e História da Arte, publicando diversos estudos.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

---

<sup>523</sup> Cf. SERRÃO, Vítor, *Varela de Aldemira in* Dicionário da Pintura Portuguesa. Dicionário da Pintura Universal, Volume III, p.413, e PAMPLONA, Fernando de, *op. cit.*, pp. 37-38.

<sup>524</sup> Cf. ALDEMIRA, Luiz Varela, *Columbano, Ensaio Biográfico e Crítico*, Lisboa, Livraria Portugal, 1941.

## **VIEIRA DA SILVA (1908-1992)**

**Maria Helena Vieira da Silva nasceu em Lisboa no dia 13 de Junho de 1908 e faleceu em Paris a 6 de Março de 1992**

Extremamente sensível à música – começou muito nova a aprender piano – tem, com Carlos Botelho, este ponto em comum, para além da pintura, daí se entende a amizade entre os dois ter durado uma vida. Mostrou muito cedo um grande interesse pela pintura e aos onze anos ingressou na Academia de Belas-Artes em Lisboa.

Esta artista notável – uma das maiores artistas do século XX - viveu unicamente para pintar e a sua obra é inconfundível.

**Nasceu na Rua das Chagas, no Bairro Alto, na noite de S. António e por isso, dizia, seria portuguesa toda a vida.** Existem vários locais da cidade que a marcaram profundamente, e, conseqüentemente, aparecem recorrentemente na sua obra. Logo à partida o bairro onde nasceu, mas também a zona das Amoreiras para onde foi viver e onde tinha o seu *atelier*. Fez a sua vida artística internacional maioritariamente em Paris, mas foi a Lisboa, à terra natal, que deixou o seu espólio.

Segundo o escritor francês Roy Claude (1915-1997) “*Quem aprecia a obra de Maria Helena Vieira da Silva não pode deambular pela sua cidade natal sem que o assalte a impressão de que a pintura foi fortemente influenciada pela configuração e pelas vistas de Lisboa (...).*”<sup>525</sup>

Partiu de Portugal para França aos vinte anos, em 1928, e estudou em Paris, na Academia de Desenho e Pintura *La Grande Chaumière*, em Montparnasse, e noutras Academias livres, não só em França, como em outros países.

Em 1928 expõe pela primeira vez em Paris, no Salão dos Artistas Franceses.

Em 1930 participou no *I Salão dos Independentes*, realizado na SNBA.

Na sua obra *Atelier Lisbonne* – um óleo sobre tela de 1934-35 que retrata o seu local de trabalho nas Amoreiras –, à guarda da FASVS, podemos observar as formas e as estruturas que a artista irá utilizar em todo o seu percurso, uma obra emblemática, que marca um momento de transição, onde são introduzidos pela primeira vez os elementos que perturbam a perspectiva clássica, que a irá caracterizar.

Em 1935, António Pedro, escritor e pintor, organiza a sua primeira exposição, na Galeria UP, em Lisboa.

Em 1936 realizou uma lendária exposição no seu *atelier* das Amoreiras, local onde hoje se situa a FASVS

Estudou Escultura, Pintura e Gravura. O movimento estético em que se inseriu foi o **Abstraccionismo**. Casou-se, a 22 de Fevereiro de 1930, com o pintor húngaro Árpád

---

<sup>525</sup> Cf. ROY, Claude, *Vieira da Silva*, Publicações Europa-América, Mem-Martins, 1988, p.9.

Szenes, que conhecera na Academia *La Grande Chaumière*. No seu *atelier*, no bairro das Amoreiras, em Lisboa, entre 1936 e 1939, antes de emigrar para o Brasil, reunia-se a flor da inteligência e da arte portuguesa de então.

Em 1940, devido à Segunda Guerra Mundial, Maria Helena e o marido vão viver para o Rio de Janeiro e, em breve, o *atelier* do casal torna-se um centro onde se reúnem jovens artistas. Durante esta estadia de sete anos, muito dolorosa para a artista, irá pintar, de memória, entre outros, a calçada portuguesa e a azulejaria. Exerceram importante influência na arte brasileira, especialmente entre os modernistas. Só regressa à França em 1947. Em 1948 o Estado Francês adquire, pela primeira vez, uma obra sua, o que se repetirá várias vezes. Em 1956, por Decreto de 15 de Maio, e por razões alheias à sua vontade, a artista e o marido são neutralizados franceses.

A 22 de Outubro de 2011 a sua obra *Saint-Fargeau, de 1965*, foi vendida num leilão, em Paris, por 1,3 milhões de euros. Esta pintura fazia parte da colecção privada de Jorge de Brito (1927-2006), e foi levada a hasta pública pela casa leiloeira parisiense *Tajan*<sup>526</sup>. A identidade do comprador não foi revelada.

Em 1935 expõe pela primeira vez em Portugal, na Galeria UP de António Pedro e TOM e não mais cessará de participar em inúmeras exposições em Portugal, e no estrangeiro, com destaque para a exposição antológica da sua obra, em 1988 no CAM-JAP. Recebeu inúmeros prémios em Portugal e no estrangeiro, como por exemplo, em 1963, o *Grande Prémio Nacional das Artes*, Paris, França.

Na edição de 24 de Outubro de 2011 do jornal *Público*, Anísio Franco, historiador de arte e conservador do MNAA, afirmou ao jornalista João Pedro Pereira que este valor não o surpreendeu, e é natural para uma artista internacional. Na mesma linha, e no mesmo artigo, o crítico de arte João Pinharanda afirmou igualmente não estar surpreendido, e que o “perigo do leilão” eram serem colocadas à venda em simultâneo muitas obras da artista (eram vinte neste leilão e não foram todas vendidas), o que podia fazer com que o mercado de Vieira da Silva pudesse ficar “baralhado”. Apesar do tempo que a pintora passou fora de Portugal, realça o crítico neste artigo, realçou que as raízes de inspiração são evidentemente portuguesas”. O quadro de Vieira da Silva foi o único, neste leilão, a ultrapassar a fasquia do milhão de euros.

Segundo Pedro Simões “*Dos cinco artistas plásticos com o volume total de vendas mais significativo, (...) é a única que nasceu na primeira década de 1900 e o seu percurso artístico é, sem dúvida, de relevo na História da Arte de Portugal (...)*”.<sup>527</sup>

Esta é uma das poucas excepções em Portugal no que toca a serigrafias no mercado de arte, a sua procura é muito elevada, atingindo, em média, setecentos euros cada uma.<sup>528</sup>

Sobre a sua obra escreveu o crítico de arte Fernando Pernes (1936-2010):

---

<sup>526</sup> Disponível em <http://www.tajan.com>., consultado a 24 de Fevereiro de 2016.

<sup>527</sup> Cf. SIMÕES, Pedro David, *op. cit.*, p.110.

<sup>528</sup> *Idem*, p.111.

*“Toda a pintura de Vieira da Silva pode ser inspirada numa saudade distante de Lisboa. Mas essa saudade da cidade imaginada entre água e bruma, nos seus óleos anima-se de um intenso dinamismo. E a Lisboa de Vieira da Silva não nasceu de uma preocupação saudosista ou de uma fixação paisagística; foi-se-lhe metamorfoseando no lugar de um drama universal (...) num lugar da sua consciência onde a consciência do séc. XX se reconhece.”*

Fernando Pernes, *Gravuras de Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº23, Abril de 1963, pp.60-62;

Igualmente sobre a sua obra escreveu o escritor e historiador Ruben A. – pseudónimo de Ruben Alfredo Andresen Leitão – (1920-1975):

*“Quando vou na rua, passo de um lado para o outro. Paro, olho. Vejo ainda qualquer coisa mais (...). Reparo, paro novamente, estou na esquina de um quadro da Maria Helena.”*

Ruben A., *O Mundo imenso que ela abriu pela cor...*, in Jornal Diário Popular, Lisboa, 26 de Novembro de 1964, p.11.

E disse ainda o Professor de Arte José-Augusto França (n.1922):

*“(...) o permanente diálogo dos seus «azulejos», levados das paredes de uma Lisboa ainda novecentesca, para uma memória nostálgica (...).”*

José-Augusto França, *Presença e actualidade de Vieira da Silva*, in Colóquio, Revista de Artes e Letras, nº12, Fevereiro de 1961, p.31.

E ainda o escritor e artista José Lima de Freitas (1927-1998):

*“Um dos eixos temáticos fundamentais da obra de Vieira da Silva é, sem dúvida, o da Cidade. Talvez nenhum outro pintor, vivo ou morto, tenha entendido tão intimamente, tão extraordinariamente, a dimensão fascinante das grandes cidades (...).*

*Desde que deixou os azulejos, (...) as fachadas azuis de faiança da sua Lisboa de nascimento, a pintora ganhou poderes (...) de visão para surpreender as suas ruas, praças, avenidas, as pontes (...) os becos (...).*

*Mas a cidade não é só motivo dos pintores-poetas, seduzidos pelo encanto de certas paisagens urbanas, como esses amantes de Lisboa que são um Abel Manta, um Botelho, Vieira da Silva é, por excelência, a pintora da cidade onírica que nos traz notícias da confluência das cidades reais e imaginárias.”*

José Lima de Freitas, *A grande pintora Vieira da Silva*, in Revista Eva, nº1150, Lisboa, Natal de 1968, pp.21-24.

Para divulgar e estudar a obra deste casal de artistas – para além da obra de outros artistas e intelectuais amigos do casal e seus contemporâneos, como Carlos Botelho, por exemplo – foi criada, em 1990, por um conjunto de fundadores, entre os quais o Estado Português e a C.M.L., a *Fundação Árpád Szenes-Vieira da Silva*<sup>529</sup> e o Museu dedicado à obra dos dois artistas, inaugurado em 1994.

Durante os anos de 2014 e 2015 esteve patente a Exposição *Fundação Árpád Szenes–Vieira da Silva:20 anos*, que celebrou o 20º aniversário da abertura ao público do Museu da Fundação.

A estação do Metropolitano de Lisboa da *Cidade Universitária – Linha Amarela* –, inaugurada em 1988, tem criações plásticas da sua autoria, com transposição para azulejo da responsabilidade de Manuel Cargaleiro, bem como a Estação do *Rato – Linha Amarela* –, inaugurada em 1997, que está muito próxima da FASVS, tem intervenções plásticas de Vieira da Silva e de Árpád Szenes, transpostas para azulejo por Manuel Cargaleiro.

Como aconteceu com outros artistas, muita da sua pintura foi inspirada numa saudade distante de Lisboa.

A sua obra, como é do conhecimento geral, atinge cotações muito elevadas no mercado de arte. Em relação à sua obra com temática de Lisboa, a 21 de Junho de 2006 foi vendido num leilão da *Sotheby's*, em Londres, por 329.600 dólares americanos (cerca de trezentos mil euros) a sua obra *Lisbonne bleue*, de 1942, uma Técnica Mista sobre tela, Dim. 52,8 x 39cm, na qual, ao contrário do usual, estão perfeitamente identificáveis diversos monumentos da cidade.

Durante a cronologia estudada apareceu **uma obra sua** com iconografia olisiponense para leilão, na CML.

Está representada na Fundação FASVS, no CAM-JAP, no CAMB, na FCM, no MMAB, nos Museus e Biblioteca Nacionais de França, no Museu de Belas-Artes de Lausanne, Suíça, no Museo Civico d'arte de Turim, Itália, e no MoMA (Museum of Modern Art), Nova Iorque, EUA.

**A Câmara Municipal de Lisboa prestou homenagem à artista através da atribuição do seu nome a uma Avenida, no bairro *Alta de Lisboa*, na freguesia do Lumiar.**

---

<sup>529</sup> Disponível em <http://www.fasvs.pt>, consultado a 20 de Dezembro de 2015.





*Janelas Verdes II*  
Seigrafia sobre papel, assinada e numerada 189/200  
Lote 272 – Leilão 148 de 6 de Maio de 2013  
© <http://www.cml.pt/leiloes/>



**ANEXO III**  
**INQUÉRITO *ONLINE* A LEILOEIRAS DE ARTE**

## ANEXO III

### INQUÉRITO *ONLINE* A LEILOEIRAS DE ARTE

No âmbito da nossa investigação decidimos efectuar um **Inquérito**, por **correio electrónico**, *vulgo e-mail*, a casas leiloeiras de arte.

As nossas expectativas iniciais, confessamos, eram baixas, mas nada nos preparava para o diminuto número de colaborações, bem como para a quantidade de vezes que necessitámos de insistir para obter uma resposta, e, mesmo assim, em alguns casos, sem lograr obter sucesso, o que nos leva a assinalar as excepções.

Com o intuito claro de obter algum sucesso, pensámos em enviar **uma única pergunta**, mais do que isso iria claramente desencorajar um possível retorno.

O nosso objectivo fundamental com esta iniciativa foi, claramente, procurar validar a nossa pergunta inicial através de diversos agentes do mercado de arte, no caso específico casas leiloeiras, que lidam, diariamente, com a transacção de obras de arte de temática olisiponense e estão, por consequência, habilitadas a dar o seu parecer.

A escolha das casas leiloeiras foi aleatória e não obedeceu a critérios valorativos.

O Inquérito foi enviado, pela primeira vez, da nossa conta de *e-mail* pessoal, para todas as leiloeiras de arte seleccionadas, no dia **10 de Novembro de 2015**, com a nossa devida identificação, explicação pormenorizada da Dissertação e objectivos pretendidos e a **pergunta**:

**Como avalia - de uma maneira geral - o comportamento/interesse dos licitantes, nos leilões, em relação a pinturas de autor com iconografia de Lisboa?**

Foram 14 as leiloeiras inquiridas, 10 de Lisboa, 3 do Porto e 1 de Matosinhos, a saber (por ordem alfabética):

- *Almeida & Monteiro Leilões*, Lisboa, fundada em 2014 [geral@amleiloes.pt](mailto:geral@amleiloes.pt)
- *Antiquaria*, Lisboa, fundada em 1968 [geral@leiloesantiquaria.pt](mailto:geral@leiloesantiquaria.pt) - **Respondeu**
- *Aqueduto*, Lisboa, fundada em 2007 [aqueduto@aqueduto.pt](mailto:aqueduto@aqueduto.pt)
- *Côrte-Real*, Porto, fundada em 1994 [leiloes@leiloeiracortereal.pt](mailto:leiloes@leiloeiracortereal.pt)
- *Imagens Raras*, Porto, fundada em 2014 [leiloeira@imagensraras.pt](mailto:leiloeira@imagensraras.pt)
- *Bestnet Leilões*, Lisboa, fundada em 2012 [geral@bestnetleiloes.com](mailto:geral@bestnetleiloes.com) - **Respondeu**
- *P55, Arte e Leilões*, Matosinhos, fundada em 2013 [info@p55.pt](mailto:info@p55.pt) - **Respondeu**
- *Palácio da Memória*, Lisboa, fundada em 2013 [www.mail@pdm.pt](mailto:www.mail@pdm.pt) - **Respondeu**
- *Palácio do Correio Velho*, Lisboa, fundada em 1989 [mail@pcv.pt](mailto:mail@pcv.pt) - **Respondeu**
- *Renascimento*, Lisboa, fundada em 2007 [geral@renascimento-sa.pt](mailto:geral@renascimento-sa.pt) - **Respondeu**
- *Sala Branca*, Lisboa, fundada em [salabranca@salabranca.com](mailto:salabranca@salabranca.com) - **Respondeu**
- *São Domingos*, Porto, fundada em 2004 [geral@leiloeirasaodomingos.pt](mailto:geral@leiloeirasaodomingos.pt)
- *Soares & Mendonça*, Lisboa, fundada em 1937 [s-mendonca@soaresmendonca.pt](mailto:s-mendonca@soaresmendonca.pt)
- *Veritas*, Lisboa, fundada em 2011 [info@veritasleiloes.pt](mailto:info@veritasleiloes.pt) - **Respondeu**

**Demos por findas todas as nossas tentativas de obter respostas no dia 12 de Agosto de 2016**, ou seja, a partir deste dia não efectuámos quaisquer novas tentativas de obter um retorno, até porque, na sua maioria, em Portugal, as leiloeiras de arte encerram no mês de Agosto, ou, pelo menos, em parte deste período.

**Das catorze leiloeiras inquiridas, oito responderam ao nosso inquérito, e seis não enviaram qualquer resposta.** Mesmo considerando que a maioria só respondeu após diversas tentativas – sublinhando que o maior número de respostas surgiu na recta final deste trabalho, após todas as diligências efectuadas, nomeadamente explicar que o prazo estava a expirar -, pouco mais de metade dos inquiridos respondeu à pergunta enviada.

Passamos a transcrever as respostas, exactamente como nos foram enviadas, por ordem de chegada.

Por considerarmos de justiça, não podemos deixar de destacar, por ter sido a primeira, logo, a mais célere resposta, a do Senhor Jean-Pierre Blanchon, Administrador da Leiloeira *BESTNET Leilões*, em Lisboa.

As respostas apareceram nos seguintes termos (texto integral):

- **LEILOEIRA BESTNET LEILÕES** (Lisboa)
- Resposta: 13/Novembro/2015, assinada por: Jean-Pierre Blanchon

*Exma. Sra.*

*Agradecemos o seu contacto.*

*Na pintura, Lisboa é efectivamente um tema com uma certa procura e que tem mais interesse que muitas outras paisagens (como acontece também com Sintra, Cascais ou a cidade do Porto). Também há certas zonas de Lisboa com mais procura como Alfama, a vista do Castelo ou o Terreiro do Paço.*

*Alguns grandes artistas pintaram principalmente esta cidade como por exemplo o pintor Carlos Botelho. O mesmo aconteceu também com outras cidades como Paris retratada por pintores famosos como Maurice Utrillo, Lucien Génin, etc.*

*Isto prova a importância que uma cidade pode ter aos olhos dos artistas.*

*De facto, praticamente todos os pintores Portugueses importantes utilizaram o suporte da cidade de Lisboa e geralmente com um certo sucesso, e.g. Maluda com os seus telhados, quiosques e janelas ou Jacinto Luís com as suas obras realizadas com uma luz muito particular inspirada pela luminosidade da cidade de Lisboa.*

*Em conclusão, pintar Lisboa é sempre uma mais-valia mas não modifica substancialmente o valor das obras de um artista de renome, cuja qualidade é constante em todas as suas obras. Mas também é verdade que a percentagem de peças referentes a Lisboa retiradas da praça parece menor que a percentagem de retirados das obras com outros temas. A atracção pela cidade de Lisboa mascara por vezes alguma fraqueza na qualidade da pintura, sobretudo nos pintores de segunda ou terceira linha. Com os meus melhores cumprimentos e desejo de sucesso para a sua tese de mestrado.*

- **LEILOEIRA Palácio do Correio Velho** (Lisboa)
- Resposta: 10/Janeiro/2016, assinada por: Sara de Sousa e Andrade

*Cara Maria Rafaela Moreira*

*Em relação ao seu inquérito, a resposta é muito simples: na maior parte dos casos, quando as obras representam vistas da cidade de Lisboa, há uma valorização das obras, face a obras semelhantes do mesmo autor.*

*Espero ter ajudado, com os melhores cumprimentos.*

- **LEILOEIRA Palácio da Memória** (Lisboa)
- Resposta: 17/Maio/2016, assinada por: Luís Castelo Lopes

*Ex<sup>a</sup> Senhora,*

*Lamento o meu atraso na resposta ao seu mail, mas tal deve-se não a uma falta de interesse em colaborar, mas sim numa falta de tempo.*

*O interesse dos compradores por obras com a representação da cidade de Lisboa é normalmente elevado, independentemente da época e muitas vezes nem sequer valorizam a qualidade da obra, dando primazia ao tema.*

*O grande inibidor das compras é de facto o factor preço, nem todos os clientes têm “carteira” para comprar uma obra de Noel, de Pillement ou de Joaquim Manuel da Rocha, de Alfredo Keil ou ainda de João Vaz, mas muitos estão disponíveis para as aguarelas de Manuel Tavares ou de Mário Salvador.*

*Ao seu dispor para qualquer outra ajuda de que necessite.*

*Com os meus cumprimentos.*

- **LEILOEIRA P55** (Matosinhos)
- Resposta: 21/Julho/2016, assinada por: J. Manoel Pereira

*Ex<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>*

*Em resposta à pergunta:*

*Depende do autor, da técnica, do tema e do valor da peça.*

*Se a peça fôr de autores que retratam o casario de Lisboa como Carlos Botelho ou Maluda, a percentagem de retirados é muito baixa e a procura é elevada.*

*Melhores cumprimentos.*

- **LEILOEIRA Antiquaria Leilões (Lisboa)**
- Resposta: 22/Julho/2016, assinada por: António Rebordão

*Bom dia,*

*Pedimos desculpa pela falta de resposta ao primeiro e-mail que refere, mas deve-nos ter passado inapercebido.*

*Não temos experiência para darmos uma resposta avalizada. Contudo, podemos dar a nossa opinião: existe um público comprador com muito interesse em iconografia de Lisboa.*

*Aproveitamos para lhe desejar o maior sucesso para a sua tese.*

*Melhores cumprimentos*

- **LEILOEIRA VERITAS (Lisboa)**
- Resposta: 25/Julho/2016, assinada por: Gonçalo Castelbranco

*Cara Maria Rafaela*

*Embora a pergunta seja lata e portanto difícil dizer só sim ou não, podemos, porém, dizer que existe um interesse bastante elevado em relação a algum tipo de iconografia relacionada com Lisboa. Exemplo disso é “Santo António”, que desperta sempre bastante interesse. Representações de Lisboa antes do Terramoto de 1755 são outro exemplo disso mesmo, bem como as Torres de Belém do pintor Tomazzini.*

*Cumprimentos.*

- **LEILOEIRA RENASCIMENTO (Lisboa)**
- Resposta: 27/Julho/2016, assinada por: José Serra

*Cara Maria Rafaela Moreira*

*Em resposta ao seu e-mail informo que o interesse em peças com iconografia de Lisboa é elevadíssimo sobretudo as peças altamente topográficas, como exemplo digo-lhe que os quadros e esculturas de São Vicente são muito procurados por colecionadores. Esperando ter ajudado, cumprimenta.*

- **LEILOEIRA Sala Branca (Lisboa)**
- Resposta: 11/Agosto/2016, assinada por: Pedro Cunha

*Bom dia,*

*Sim, de uma maneira geral o facto de uma obra ter alguma iconografia sobre Lisboa costuma ajudar a uma eventual venda.*

*Melhores cumprimentos.*

Assim, efectuando uma análise atenta dos resultados obtidos, as conclusões parciais desta iniciativa são de que, de uma maneira geral, **existe um elevado interesse** por pinturas de autor com iconografia lisiponense da parte do público comprador no mercado de arte português, nomeadamente em sede de leilão.

Na opinião de Jean-Pierre Blanchon (BestNet Leilões), pintar Lisboa assume-se mesmo como uma mais-valia para um artista, além de que considera que a percentagem de retirados de pinturas com temática lisiponense tende a ser menor que obras com outra temática. Já Sara de Sousa e Andrade (Palácio do Correio Velho) considera que na maior parte dos casos, quando as obras representam vistas da cidade de Lisboa, há uma valorização das mesmas, face a obras semelhantes do mesmo autor. Gonçalo Castelbranco (Veritas) atesta que certos símbolos relacionados com a cidade encontram muitos interessados, dando o exemplo de Santo António, bem como certos monumentos icónicos, como a Torre de Belém, já José Serra (Renascimento) assegura que o símbolo de São Vicente tem uma elevada procura por parte de colecionadores.

Em conclusão, de uma maneira geral, e através das afirmações que recebemos dos representantes das casas leiloeiras de arte que responderam ao nosso inquérito, podemos considerar que:

- Existe um elevado interesse por pinturas com temática lisiponense;
- Existe, igualmente, um elevado interesse por pinturas representando os símbolos da cidade bem como os seus monumentos mais relevantes;
- Quanto à percentagem de retirados de pinturas com temática lisiponense é, tendencialmente, mais baixa relativamente a pinturas com outra temática;
- Pintar Lisboa assume-se como uma mais-valia para um artista;
- Confirmando-se um elevado interesse, o grande inibidor é o preço da pintura;

- Quando as obras representam Lisboa existe uma valorização das mesmas, face a obras semelhantes do mesmo autor.

Gostariamos apenas de sublinhar a importância de uma colaboração activa, generosa e interessada de todas as instituições, públicas ou privadas, para com investigadores académicos, visando a produção de conhecimento científico de que todos beneficiamos.

Agradecemos, assim, a generosidade de todas as respostas que recebemos.





**ANEXO IV**

**ENTREVISTAS A AGENTES DO MERCADO DE ARTE**

## **ANEXO IV**

### **ENTREVISTAS A AGENTES DO MERCADO DE ARTE**

No âmbito desta Dissertação, e com o intuito de obter informações preciosas para a construção do texto, e validação das hipóteses iniciais, tiveram lugar três entrevistas presenciais, ao Dr. Miguel Cabral de Moncada (Administrador da Cabral Moncada Leilões), a Pedro Castro e Silva, Proprietário e Gerente da Livraria Castro e Silva e a Gabriel Laranjeira Lopes (perito de pintura portuguesa da Cabral Moncada Leilões), a quem renovamos os já expressos agradecimentos pela generosidade e disponibilidade demonstradas.

**O principal objectivo destas entrevistas foi colher, na primeira pessoa, a visão dos entrevistados sobre o mercado de arte nacional, e a sua adesão à iconografia de Lisboa.**

As entrevistas realizaram-se em regime de diálogo aberto, apesar de existir um guião previamente elaborado por nós, adaptável caso a caso, igualmente adaptável ao longo da conversação.

O tempo médio de realização das entrevistas foi de 60m, foram presenciais, e realizadas no local de trabalho dos entrevistados.

Para melhor facilidade de manuseamento da informação recolhida, foram registadas em áudio, com consentimento. Estas gravações foram posteriormente transcritas, integralmente, para os anexos da Dissertação.

Uma vez obtida a versão final, procedeu-se a uma análise qualitativa do seu conteúdo, para melhor contextualizar a construção do nosso tema.

– Entrevista ao Dr. Miguel Cabral de Moncada (Administrador da CML)

**Entrevista ao Dr. Miguel Cabral de Moncada, Administrador da Cabral Moncada Leilões, realizada no dia 26 de Outubro de 2015, pelas 9h00m, nas instalações da referida leiloeira. Duração: 2h07m.**

**Maria Rafaela<sup>530</sup> – Como surgiu a CML, e qual tem sido o seu percurso?**

**Miguel Cabral de Moncada<sup>531</sup>** - A CML surgiu na sequência de uma Sociedade pré-existente de antiquários, chamada Cabral Moncada & Filhos, Lda, da qual 50% era do meu irmão Francisco, e 50% era minha, sendo que, quando abrimos a CML ficámos, cada um de nós, com um terço, e existia um terceiro sócio, com outro terço.

A ideia, embrionariamente, surgiu no final dos anos oitenta, início dos anos noventa.

No futuro constituiu-se uma leiloeira, mas concretamente avançou-se, em 1995, na segunda metade do ano, e a leiloeira abriu em Janeiro de 1996.

O seu percurso tem sido bom, felizmente, tem sido excepcional, sempre, nós começámos por nos posicionar em relação ao mercado que existia, tentando dirigirmo-nos a um conjunto de peças que as leiloeiras mais importantes, não vou dizer que desprezassem, mas a que não prestavam grande atenção, porque estavam ligadas a peças com valores muito mais altos, e portanto nós começámos por incidir sobre peças na ordem dos – na moeda actual – 1500, 3000, 4 000 euros.

Essas peças eram vulgarizadas nos leilões da época, pelas principais leiloeiras, que estavam muito mais vocacionadas para peças de 10, 20, 40, 100 mil euros, e portanto aquilo que a CML tentou fazer foi promover essas peças e portanto permitir que houvesse um espaço onde o proprietário dessas peças pudesse colocar, com maior visibilidade e maior publicidade, esse tipo de bens em leilão.

Teve uma segunda vertente muito importante (talvez até a mais importante de todas), que foi a seguinte: nós transportámos para o mercado de leilões em Portugal muitas novidades. Muitas novidades em termos das nossas condições negociais, logo à cabeça, e muitas novidades também em termos da prática comercial e da apresentação dos produtos.

O que procurámos fazer, muito simplesmente, foi, com a experiência que tínhamos enquanto antiquários, o meu irmão Francisco e eu, já eram doze anos de experiência profissional - nós viajámos e assistimos a leilões talvez em 15, 18 países diferentes, inclusivamente fora da Europa – tentámos potenciar tudo aquilo de bom que tínhamos visto em todas as leiloeiras, quer em Portugal quer no estrangeiro, e evitar tudo aquilo de mau que ouvíamos criticar aos agentes do mercado. Portanto, o que nós tentámos fazer em 1996, e acho que conseguimos, claramente, e foi a base do nosso crescimento, foi tentar mudar as práticas de mercado, impondo logo uma diferente para nós.

---

<sup>530</sup> Maria Rafaela, doravante designada pela sigla MR.

<sup>531</sup> Miguel Cabral de Moncada, doravante designado pela sigla MCM.

E, a pouco e pouco, isso foi-se reflectindo no mercado e foi obrigando as outras leiloeiras, também a pouco e pouco, a ajustar-se, porque continuavam com práticas obsoletas, que já não faziam sentido, do ponto de vista...vou dizer... algumas inclusive, do ponto de vista ético, outras não faziam sentido pela mudança e celeridade dos tempos... vou-lhe dar um exemplo, para perceber melhor de que é que eu estou a falar.

Uma vez em Londres, e vou escolher uma leiloeira estrangeira, na *Bonhams*<sup>532</sup>, num leilão de porcelanas, eu comprei um lote de três pratos de porcelana, e eram duas da tarde e eu tinha vôo de volta às seis da tarde, e portanto, tinha de pagar os pratos, levantá-los, e ir-me embora, o que, pensei eu, seria relativamente fácil.

Paguei, e quando quis levantar os pratos disseram-me que só o poderia fazer quando o leilão estivesse terminado. Ora, eu tinha vôo de volta às seis da tarde, e expliquei esta questão, argumentei, foram-me sempre respondendo que não era possível, que eram ordens superiores. Eu apelei aos superiores e consegui assim resolver o meu problema.

A primeira coisa que fiz quando cheguei, foi dizer que, na CML, quem compra as peças pode levantá-las de imediato, a partir do momento em que a peça está vendida, no minuto seguinte a ser paga, pode ser levantada, como é óbvio.

É claro que, se for um armário de sete metros, não pode ser, não posso parar um leilão, para deixar passar sete transportadores, para pegarem no armário, é uma questão de bom senso, agora, qualquer peça pode ser levantada, inclusivamente móveis, durante o próprio leilão – e nós, em pleno leilão, muitas vezes assistimos às peças a saírem – a pessoa passou a ser proprietária das peças, pode levantá-las.

Mas eram outros tempos... havia tempo para tudo... agora não, os aviões estão aqui à porta e nós temos de ir embora.

Portanto, isto é para lhe dar um pequeno exemplo, que nem sequer mexe com coisas éticas, de meras práticas de mercado, logo, a ideia foi essa, e foi conseguida, portanto nós agilizámos muito as práticas do mercado, indo à parte técnica, existiam práticas nacionais e internacionais, que não são compreensíveis, sendo que, talvez a mais grave de todas seja, em Inglaterra, existe uma lei, que é extraordinária, ou seja, conseguiram extorquir uma lei ao Parlamento inglês, logo esta prática tem um fundo legal mas proporciona uma fraude, uma burla, que é a seguinte: pela lei inglesa, uma leiloeira estabelece um contrato com um proprietário em que o valor mínimo, base, é de, suponha, 1000 euros, mas depois, no catálogo, o valor base é, suponha, de 700 euros,

---

<sup>532</sup> A *Bonhams* é uma leiloeira inglesa, fundada em 1973, sediada em Londres, com sucursais em vários países e reconhecida em todo o mundo. Tem o seu *site* disponível em <http://www.bonhams.com>., consultado a 27 de Outubro de 2015.

por exemplo, e o que a lei inglesa permite é que o leiloeiro, ficticiamente, licite entre os 700 e os 990 euros.

Pior ainda, eu acredito piamente que os ingleses praticam isto. Ora bem, se isto, embora imoral e anti-ético, é legal em Inglaterra, também é praticado noutros países do mundo, mas é uma prática criminosa. Em Portugal fazia-se isto com muita frequência. A CML impôs uma regra, e basta ir consultar os nossos catálogos mais antigos para o verificar, tinha lá escrito que a base de licitação coincidia 100% das vezes com o valor de reserva acordado com o proprietário dos bens. A peça era colocada em leilão por esse valor, e portanto, a partir desse valor é vendável.

Outras são táticas, por exemplo, nós não negociamos peças por um valor diferente da base de licitação a seguir ao leilão, isto é, é uma prática internacional, quando uma peça é retirada, o preço base era de 1000 euros, foi retirada, pode aparecer alguém que diz, por favor transmita ao vendedor que eu ofereço 700 euros, e as leiloeiras, nacionais e internacionais, penso que todas fazem isto. Nós nunca fizemos isso, por várias razões: a primeira razão porque é um convite a que as pessoas não licitem em praça, para depois puderem adquirir mais barato, portanto, é um tiro no pé, a segunda razão é porque não é garantido a ninguém que surja uma oferta de 700 euros, portanto, a leiloeira pode facilmente ficar com dinheiro que não lhe pertence, ilegalmente, imoralmente.

Finalmente, e isto é que é a essência do leilão, é que nós acreditamos que uma peça vendida em leilão é tendencialmente mais bem vendida em leilão do que fora do leilão, e portanto, se tivermos uma peça de 1000 euros e se aparecer um interessado, um potencial comprador, e der 700 euros, nós nem sequer transmitimos isto ao proprietário, o que nós fazemos é recolocar essa peça mais barata em leilão, e o que acontece é que essa peça, não só é vendida, como sobe, e por vezes ultrapassa os 1000 euros iniciais.

Repare, se eu baixo de 1000 para 700, para alguém se aproveitar disso, então eu vou deixar que alguém engane o vendedor, isto não faz sentido, portanto eu estou a defender os interesses do vendedor, ao não lhe transmitir sequer uma proposta destas. Aqui não existe nenhum problema de ética, se a leiloeira cumprir e for séria, mas sim, na nossa opinião, de tática comercial.

Portanto, aqui estou a explicar-lhe três exemplos diferentes, um de tática, um de ética e outro de funcionalidade, que a CML trouxe para o mercado em 1996, e que foi muito bem aceite, pelo menos, assim parece, porque a CML tem vindo sempre a subir.

Ainda há uma terceira razão, muito importante, é que nós instituímos, pela primeira vez em Portugal, formal e materialmente, peritos. As leiloeiras faziam peritagem pelos seus próprios meios, ou então *ad hoc*<sup>533</sup>, quando surgiam dúvidas, perguntavam a alguém.

---

<sup>533</sup> *ad hoc* é uma expressão latina, cuja tradução literal é “para esta finalidade”. É usada em Português – e em muitas outras línguas – em diversos ramos do Saber, desde o Direito à Informática, para designar alguém nomeado para cumprir determinada tarefa. Aqui, foi utilizada em contexto jurídico, no sentido de alguém contratado para um fim específico, no caso presente, um perito é chamado para observar uma obra de arte específica.

Ora nós sentimos que não podia ser assim, portanto, copiámos o modelo francês, ou seja, um perito residente, alguém que é de fora da empresa mas que se contrata e perita 100% das peças da sua área que vão a leilão.

Nós sentimos que a nossa maior dificuldade era em termos da pintura portuguesa, logo, contratámos peritos de pintura portuguesa, que viam toda a pintura, mesmo aquela que já apareceu em capas de catálogos, a que já esteve em exposições magníficas, porque muitas vezes, mesmo essas, não correspondem à verdade, não são originais, são falsos, ou estão mal descritos nos catálogos do ponto de vista técnico, ou são peças de outras épocas, conheço vários exemplos, aliás, tivemos, durante anos, no MNAA, um *Ecce Homo*<sup>534</sup> considerado uma peça fantástica, e afinal tinha menos cem anos do que devia ter, portanto isto acontece.

Este é o sistema francês, o sistema tradicional é, quando há dúvidas, perguntar a alguém, e quando não há dúvidas? Portanto, aí, nós modificámos esta situação.

Depois, como pode calcular, os peritos não são baratos, são caros, por isso, de início, não tínhamos capacidade económica, mas fomos, paulatinamente, tendo cada vez mais peritos e hoje em dia temos dez, doze peritos, que cobrem praticamente todas as áreas do mercado, e portanto isso terá dado maior segurança e confiança para os compradores e para os agentes do mercado, e portanto terão sido estas as razões porque a CML se conseguiu implantar no mercado.

### **MR – Como avalia a evolução do Mercado de Arte em Portugal desde a fundação da CML?**

**MCM** – Bem, como tudo, o mercado de arte tem altos e baixos, sempre teve.

Nós abrimos a leiloeira em 1996 quando o país tinha... talvez recuo um bocadinho, portanto indo mesmo à Democracia, nós tínhamos um mercado de arte florescente nos últimos anos do Consulado Marcelista<sup>535</sup>, com a Revolução<sup>536</sup> o mercado de arte quase desapareceu, é preciso perceber que a maior parte das obras de arte que circulam no mercado de arte em Portugal têm essencialmente valor em Portugal, não há muitas obras

---

<sup>534</sup> *Ecce homo* é uma expressão latina que significa *Eis o Homem!*

É uma frase do Novo Testamento constante do Evangelho segundo São João (Jo 19:5), e teria sido pronunciada pelo governador romano Pôncio Pilatos ao apresentar Jesus Cristo à multidão. Na iconografia cristã costumam designar-se *Ecce Homo* as figurações de Jesus Cristo em sofrimento. Embora a grafia correcta seja *Ecce homo*, aparece quase sempre como *Ecce Homo*, pelo respeito pela figura em questão, Jesus Cristo.

Em relação ao quadro do MNAA, é uma pintura a óleo, do final do século XVI, de autor desconhecido, com as dim. 89 x 65 cm, representando Jesus Cristo com a coroa de espinhos, que trespassa o sudário. Trata-se de uma cópia, já quinhentista, de uma imagem mais antiga. A leitura dendrocronológica (método científico pelo qual se define a idade de uma árvore com base no crescimento dos anéis do seu tronco) da madeira do suporte, efectuada em 2001, indica uma cronologia mais tardia do que geralmente se admitia. Fonte: ficha de inventário desta obra de arte, disponível em <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/objectosconsultar.aspxreg249003>., consultada a 27 de Outubro de 2015.

<sup>535</sup> Período da História de Portugal em que foi Presidente do Conselho de Ministros o Professor Doutor Marcello Caetano (27 de Setembro de 1968 a 25 de Abril de 1974).

<sup>536</sup> Revolução de 25 de Abril de 1974 que depôs o Regime ditatorial do *Estado Novo* (1926-1974).

de arte que tenham valor internacional. Ora o Brasil, nos anos 1970, levou com uma quantidade enorme de obras de arte portuguesas, talvez centenas de milhares de peças e portanto o mercado de arte em Portugal ficou muito abalado, como os principais compradores de arte foram-se embora, várias famílias foram-se embora, o núcleo dos compradores de arte, não todos, mas muitos, e portanto os preços caíram a pique e o mercado praticamente desapareceu, nunca desaparece, mas passou a transacções de pequena monta e quase locais.

Depois, paulatinamente, ele foi recuperando, houve um momento muito importante para o mercado de arte que foi a *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura* de 1983<sup>537</sup>. Era uma Exposição muito alargada, eram cinco núcleos, eram milhares de objectos, da maior qualidade e houve ali uma espécie de “re-orgulho” na História de Portugal, que estava tão abalado com a Revolução.

Ora bem, a seguir vai-se dar o facto crucial que é a entrada de dinheiro em Portugal, em quantidades enormes, quer através de subsídios da *Comunidade Europeia*, quer através de investimento das empresas nacionais e portanto o mercado de arte em Portugal, como o vemos hoje em dia, é uma realidade que nasce por volta dos anos 1980, e aí vão aparecer os primeiros leilões modernos em Portugal e surge a *Leiria & Nascimento*<sup>538</sup> que vai fazer um conjunto de leilões de grande qualidade durante a segunda metade dos anos 1980, com catálogos já modernos, com boas fotografias, com descrições já de alguma qualidade e mais pormenorizadas e, sobretudo, com um leque de clientes extraordinário.

E portanto vai-se viver aí uma fase de grande euforia, e os preços vão disparar. Os portugueses redescobriram os encantos da sua arte e os preços dispararam, aliás, muitos coleccionadores estão a pagar muito caro essa euforia, porque os preços dispararam verdadeiramente, e numa competição desenfreada...

Depois tivemos a *Guerra do Golfo*<sup>539</sup> e a queda da Bolsa em Portugal que de facto abrandaram o mercado, e depois houve um sucessivo crescimento do mercado de arte até à *Expo '98*<sup>540</sup>, portanto, quando a CML entra, o mercado está em expansão, mas muito bem preenchido, quer em termos de grandes antiquários, quer em termos de grandes leiloeiras e a CML tem dificuldade para se implantar nos primeiros anos, porque o mercado estava preenchido e não é fácil para uma empresa que entra pequena

---

<sup>537</sup> A *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, foi organizada pelo Governo Português e subordinada ao tema “*Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento*”. Realizada em Lisboa, de Maio a Outubro de 1983, foi dividida em cinco núcleos, a saber, a Casa dos Bicos (1523), O Convento da Madre de Deus (1509), O Mosteiro de Santa Maria de Belém, vulgarmente conhecido como Mosteiro dos Jerónimos (1496), a Torre de Belém (1520) e o MNAA (1884).

<sup>538</sup> A casa leiloeira *Leiria & Nascimento, Lda*, foi fundada em 1882 por Guilhermina Leiria, conheceu várias peripécias e responsáveis e era a mais antiga leiloeira do país. Situava-se na Rua da Emenda, nº30, 1º andar, em Lisboa. Encontra-se desactivada.

<sup>539</sup> Conflito militar (2 de Agosto de 1990 a 28 de Fevereiro de 1991) travado entre o Iraque e as forças da Coligação Internacional, liderada pelos E.U.A..

<sup>540</sup> A *EXPO '98 ou Exposição Mundial de Lisboa de 1998*, decorreu na capital, na zona oriental ribeirinha da cidade, entre 22 de Maio a 30 de Setembro de 1998, sob o tema “*Os Oceanos, Um Património para o Futuro*”.

no mercado lutar contra os “gigantes”, que estão implantados, que têm os seus clientes instituídos e compradores e vendedores, que, aparentemente, não têm necessidade de mudar de leiloeira.

E portanto, aquilo que vai verdadeiramente modificar o mercado de arte é o ano de 2001, que foi um ano terrível, logo à partida no plano internacional, por causa das “*Torres Gémeas*”<sup>541</sup> mas também porque 2001, apesar de os Economistas e de os Governos já saberem o que vai acontecer, foram sempre tapando e, em 2001 rebenta a realidade, ou seja, o país está a caminho da bancarrota, e, ou se mudava completamente a política, ou não se salvava nada, o Primeiro-Ministro<sup>542</sup> demite-se em Dezembro de 2001 e entramos numa fase completamente diferente em que os preços caem claramente, em que há muita gente que deixa de ter capacidade económica para comprar arte, vamos ver que surgem sucessivas ondas de desemprego, e um desempregado não é, como é óbvio, um comprador de arte.

Mas, simultaneamente, não é só esta crise que acontece no mercado de arte, há, para o bem, e para o mal, uma enorme transformação no mercado de arte com a mudança no gosto, e isso coincide com a transição do século XX para o século XXI, isto é, as jovens elites económicas, com vontade de comprar arte estão muito mais vocacionadas para comprar arte contemporânea e/ou arte moderna, do que arte antiga, e isto vai baralhar completamente a tradicional composição das pessoas do mercado de arte.

Simultaneamente, e isto começou no final dos anos 1990, em 2001 é a banca, e a Bolsa, de onde normalmente vêm os frutos que permitem a estas elites comprar arte, que é a principal visada, e portanto, esta realidade, que se vinha acentuando no final do século XX, vai sofrer também uma quebra grande porque as jovens elites têm poucas fontes de rendimento, primeiro porque as acções caem, e muitos eram especuladores da Bolsa, com tudo o que isso significa, segundo, porque a Banca começa a entrar em problemas, com o BCP<sup>543</sup> por exemplo, com consequências terríveis como seja acções que valiam cinco euros passarem a valer 0,16 cêntimos, isto significa que quem tinha cinco milhões de euros, por exemplo, passadas meia dúzia de semanas só tem 160 000 euros, e isto aconteceu a centenas ou milhares de portugueses, o que significa que a CML, quando, ao fim de cinco anos, quando já tem alguma dimensão, quando se começa a posicionar no mercado, acontece isto ao mercado.

O que aconteceu foi que, *grandes naus, grandes tormentas*, pequenas naus, pequenas tormentas, como a CML era uma pequena nau, a tormenta foi muito pequena, ou quase não se sentiu. Quem verdadeiramente sentiu foram as grandes leiloeiras e isto baralhou muito o mercado, e eu acho que a CML saíu beneficiada porque o mercado foi

---

<sup>541</sup> Ataques terroristas suicidas de que os E.U.A. foram alvo no dia 11 de Setembro de 2001, atingindo, entre outros, as chamadas *Torres Gémeas* do Complexo Empresarial do *World Trade Center*, na cidade de Nova Iorque.

<sup>542</sup> Engenheiro António Manuel de Oliveira Guterres (n. 1949), era Primeiro-Ministro de Portugal desde o ano de 1995.

<sup>543</sup> O *Banco Comercial Português*, actualmente designado por *Millennium BCP*, foi fundado no Porto, onde tem a sua sede, em 1985, e é o maior banco privado português.



clarificado, as boas práticas de mercado passaram a ser cada vez mais exigidas, num mercado desenfreado não há regras, num mercado em euforia não há regras, praticam-se os preços que se praticam, o mercado está em euforia porque há muito dinheiro ganho de maneira muito fácil, não custa a ganhar não custa a gastar, em mercados em recessão o dinheiro custa muito a ganhar, custa a ganhar, custa a gastar, portanto as pessoas são muito mais criteriosas nos seus gastos, nas suas compras. É muito mais complicado “*vender gato por lebre*”<sup>544</sup>.

Num mercado em euforia aparecem os chamados “paraquedistas”, pessoas que entram no mercado com meia dúzia de peças, algumas até duvidosas e que colocam com muita facilidade no mercado, quando o mercado entra em recessão, desaparecem.

As recessões têm grandes virtudes, ao contrário do que se possa pensar, a todos os níveis, mas no mercado de arte em concreto têm grandes virtudes, porque “*separam o trigo do joio*”<sup>545</sup> e portanto, fica o que interessa, ficam os que têm capacidade, qualidade, ética, valores, procedimentos correctos no mercado, os outros desaparecem.

E aqueles poucos que podem permanecer, que antes não tinham essas qualificações, vão ter de percorrer o seu caminho, porque senão são excluídos. Ora bem, num mercado que de repente tem a sua composição muito alterada, significa que uma leiloeira nova deixa de ter metade ou grande parte das suas desvantagens em relação aos outros, porque quem chega novo ao mercado olha de igual maneira para todos.

A CML já estava com alguma dimensão, já estava talvez em 3º, 4º lugar no *ranking*, já estava numa segunda linha, havia, em primeira linha, duas leiloeiras: o *Palácio do Correio Velho* e a *Leiria & Nascimento*, e existiam, numa segunda linha, nós e a *Dinastia*<sup>546</sup>, e isso permitiu-nos, de repente, crescer.

A *Leiria & Nascimento* e a *Dinastia* vão acabar e nós vamos ocupar esse espaço, portanto, na primeira década do século XXI já estamos praticamente equiparados ao *Palácio do Correio Velho*, passámos à primeira linha. Ora bem, portanto, de 2001 até 2007 é uma altura em que a CML cresce, e cresce bastante, com percentagens anuais muito grandes, na ordem dos 10, 15, 20%/ano.

E, de repente, ainda no ano de 2007, sem se explicar muito bem porquê, quando chegamos ao fim do ano, a CML não aumentou a facturação, mas pior, pela primeira vez na sua vida perdeu dinheiro: 28 000 euros. Não é problemático, não tem de se mudar nada, aparentemente, mas é muito dinheiro.

---

<sup>544</sup> Expressão popular que significa enganar alguém com dolo, ou seja vender algo mau, como se fosse bom.

<sup>545</sup> Expressão popular, inspirada numa das parábolas de Jesus que aparece no Novo Testamento no Evangelho segundo São Mateus (Mt 13:24-30), que significa separar o que é bom e verdadeiro do que é mau e falso.

<sup>546</sup> A *Dinastia* foi uma das maiores casas leiloeiras de Lisboa, fundada no final da década de 1950, era propriedade de Alexandre Fernandes, que mais não fez do que continuar o negócio de antiguidades de seu avô, Anastácio Fernandes. Ficou muito conhecido por ter sido o intermediário de grandes colecionadores como Medeiros e Almeida, Manuel Ricardo Espírito Santo, António Champalimaud, entre outros.

Perante esta realidade, em que, pela primeira vez não houve lucros, que não houve distribuição de bónus pelos funcionários, nem distribuição de lucros pelos accionistas, que não houve nada disso, eu iniciei em Janeiro de 2008 um processo de reconversão da empresa, baixando os custos fixos em 16%. É um esforço muito grande, que incluiu conversas sérias com os funcionários e incluiu manter os ordenados sem os aumentar e baixar em um terço os ordenados dos administradores, e com isto conseguimos equilibrar a empresa.

O ano de 2008 começa bem, chegamos ao Verão em franca recuperação, ía ser um ano tranquilo para voltar aos lucros mas, em Setembro de 2008 temos a quebra internacional. E isto é muito sentido. Lembro-me que em Março ou Abril de 2008 li um artigo num jornal que dizia que o comércio mundial retraía 40% no último trimestre de 2008, e tinha sido precisamente 40% o que tínhamos perdido, ou seja, estávamos rigorosamente iguais ao comércio mundial, e portanto aí, voltámos a perder dinheiro, mas aí por uma razão exterior, que não tínhamos capacidade de controlar, mas as leiloeiras têm uma vantagem muito grande na sua actuação, que é: nós vamos sempre actualizando os valores, portanto, se o mercado cai, nós baixamos os valores, portanto, quando eu vou a casa de uma pessoa, que nos eufóricos anos de 1990 tinha um bem que valia o equivalente a 3000 euros, que nos anos 2003/2004 estava nos 2000 euros, e que, a partir de 2008 valia 1000 euros, eu ponho em leilão a 1000 euros.

O problema é que, quando eu faço os leilões de Outubro, Novembro e Dezembro, eu faço com as condições do Verão, onde ainda não existiam o *caso Madoff*<sup>547</sup> nem o caso *Lehman Brothers*<sup>548</sup>, portanto, os meus valores eram altos demais, mas já estavam contratados, e os catálogos impressos, não havia nada a fazer. A partir de Janeiro já pude fazer traduzir no valor das peças que colocava em leilão, ou nas avaliações que fazia, ou nas propostas comerciais que fazia, o resultado da crise, e em 2009/2010 ganhámos dinheiro e recuperámos as perdas, recuperámos o que tínhamos perdido nos anos anteriores, e depois 2011, 2012, 2013 e 2014 são anos em que vamos facturar o mesmo.

O problema, para mim, é que nestes anos a transformação que houve no mercado foi: os preços baixaram, há menos peças de grande valor a circular no mercado, o que significa que, para eu conseguir facturar o mesmo, tenho de pôr muito mais peças em leilão, e portanto tenho muito mais gastos, tenho mais funcionários, tenho mais transportes, os catálogos são maiores...é tudo mau.

Para ter uma ideia, eu quando, em 2004, comecei com os leilões especiais de antiguidades e obras de arte, no primeiro leilão tinha 180 peças, e com 180 peças facturei 1 milhão e duzentos mil euros, eu, hoje em dia, para facturar esta quantia, tenho

---

<sup>547</sup> O denominado *caso Madoff*, ocorrido em 2008, foi uma das maiores fraudes financeiras da História, através de um esquema financeiro montado pelo norte-americano Bernard Madoff.

<sup>548</sup> O denominado *caso Lehman Brothers*, ocorrido em 2008, foi o colapso de um dos maiores bancos de investimentos dos E.U.A., fundado há 158 anos - que sobreviveu, portanto ao grande *stock market crash* de 1929-, com esta designação, sediado em Nova Iorque, causador da maior falência da história americana e tendo repercussões um pouco por todo o mundo.

de ter 900 peças em leilão. No primeiro leilão de arte moderna e contemporânea facturei 650 000 euros, tinha 92 peças, eu hoje, para facturar essa quantia, preciso de ter 500 peças, ou seja, não é preciso dizer mais nada.

É a minha apreciação sobre o mercado, é aquilo que eu vejo, é o que eu sinto, todos os dias.

### **MR – Como é a vossa relação com a concorrência?**

**MCM** – É boa. Sempre foi muito boa, por uma razão muito simples, o meu pai era antiquário, começou a ser antiquário no ano em que eu nasci:1962.

Era uma pessoa com uma maneira de ser muito curiosa, muito típica, muito esclarecido, muito alegre, muito divertido, dava-se bem com toda a gente, muito frontal, muito brincalhão, dava-se muito bem com os colegas, facilitava tudo o que pudesse, era muito bom comerciante, era uma pessoa muito respeitada pela sua educação, pelos seus conhecimentos, pela sua ética, e, ao mesmo tempo, era uma pessoa muito gostada pela sua maneira de ser pessoal, e isso está na base, claramente, do sucesso da CML, não tenho a menor dúvida disso.

E portanto todos olhavam para nós, o meu irmão Francisco e eu, jovens, eu com 21 e ele com 26 anos de idade, e já ajudávamos o nosso pai, e isso permitiu-me conhecer toda a gente. E depois, em princípio, os filhos, tendencialmente, copiam o modelo dos pais, logo, um pai respeitável, pressupõe que o filho também o seja, e isso abriu-me muitas portas, ainda abre hoje em dia, passados todos estes anos, já o meu pai faleceu, e pessoas que eu não conheço, mas conheceram o meu pai, recebem-me em suas casas como um amigo.

Ora bem, aconteceu que, em 1989, o meu irmão e eu, que eramos antiquários na Rua de São Bento<sup>549</sup> decidimos oferecer um almoço de Natal a todos os comerciantes da Rua. Eram 28, e foi um sucesso. No ano a seguir alargámos a mais gente, e foram 45 pessoas. No último Natal, antes de nos transformarmos em leiloeiros, em 1994, vieram 240 pessoas, e nessas 240 pessoas estava gente de todo o país, antiquários, leiloeiros, decoradores, peritos, foram todos, sem excepção, repare, nós não organizávamos só o almoço, nós pagávamos o almoço, e isto nunca ninguém fez, nós não sonhávamos o impacto que ía ter na leiloeira, o que significa que, quando em 1996 a abrimos, conhecíamos muito bem, não só todos os comerciantes, de uma maneira geral, como nos dávamos muito bem com todos.

Ora, logo em 1996 tomámos uma atitude que foi a de enviar todos os nossos catálogos a todos os comerciantes daquela lista dos 240, 240 não, porque nem sempre vinha toda a gente aos almoços, havia sempre quem não pudesse vir, portanto, seriam cerca de 300 pessoas, que já não há, eu, hoje em dia, se quisesse voltar a fazer um desses almoços,

---

<sup>549</sup> A Rua de São Bento é uma artéria de Lisboa, situada no limite das freguesias de Campo de Ourique e Misericórdia, com início na Rua do Poço dos Negros e fim no Largo do Rato. Tem, de ambos os lados do passeio, um número invulgar de Antiquários.

teria muita dificuldade em arranjar 100 pessoas, porque não há, morreram, não se substituíram, não houve renovação de gerações, portanto não sei quantas pessoas conseguiria convidar, e isto é muito importante para percebermos como o mercado de arte se transformou. Transformou-se de tal maneira que, hoje em dia há muito menos antiquários do que havia antes, embora ainda existam alguns e poderosos, haja muito mais leiloeiras, embora poucas numericamente, são muito mais poderosas do que qualquer antiquário, como é óbvio, são muito maiores, têm muito mais volume de circulação de objectos e portanto o mercado de arte alterou-se loucamente nos últimos 20/25 anos.

Ora tudo isto levou a que tivesse uma excelente relação pessoal com todos, o que não quer dizer que concorde com tudo o que eles façam, uma coisa é a minha relação pessoal com cada um deles, outra coisa é aquilo que eu acho deles enquanto leiloeiros, mas eu nunca fui muito de me queixar e não tenho do que me queixar, e sobretudo nunca fui de criticar, o que fiz foi observar atentamente o que eles estão a fazer, a concorrência, para mim, é uma atitude magnífica e positiva e portanto cada vez que em vejo um leiloeiro singrar no mercado aquilo que faço é perceber o que ele está a fazer e arranjar formas de manter a minha quota de mercado, ou, se possível, aumentá-la, mas com concorrência leal.

Por acaso está a fazer-me esta pergunta numa ocasião especial, porque tivemos, no Sábado passado, uma reunião exploratória para a futura constituição de uma associação portuguesa de leiloeiros, que não existe, e portanto correu lindamente, já estamos em fase de distribuição de tarefas, quem tem de fazer o quê, nesta primeira fase, e vamos ter uma nova reunião, já com um projecto de estatutos em cima da mesa, para se avançar, portanto, sempre tivemos uma excelente relação, e claro, neste processo de constituição da associação, vieram ter connosco para sermos uma espécie de apoio desta futura associação.<sup>550</sup>

**MR – Como avalia o desempenho da CML desde a sua fundação, em termos de facturação? Existiram várias “fases”, ou existe uma constante?**

**MCM** – Não, existe uma constante. Tirando os anos de 2007 e 2008, em que perdemos dinheiro, existe uma constante, se houvesse um gráfico seria sempre a subir, tem esta quebra, e depois volta a subir, portanto o desempenho é este, estamos solidamente implantados no mercado, somos co-líderes de mercado, nós e o *Palácio do Correio Velho*<sup>551</sup> estamos razoavelmente destacados de uma terceira leiloeira, fazemos, juntamente com o PCV, provavelmente os leilões mais importantes do mercado, é um facto, eu prefiro a minha implantação porque deriva de uma realidade espalhada por muitos clientes, o PCV tem uma vantagem, é mais antiga, e está neste momento a viver muito de recheios, portanto pessoas que morrem e a família coloca lá os recheios, nós vivemos pouco disso, nós temos um universo de pessoas que nos colocam peças, às 5,

---

<sup>550</sup> A APLARTE foi, entretanto, constituída, por escritura pública de 15 de Dezembro de 2015.

<sup>551</sup> A casa leiloeira *Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A.*, sediada em Lisboa e fundada em 1989.

10, 20 peças, e não propriamente às 300, recheios de casa importantes não temos muito, temos, obviamente, mas não é muito, nós estamos verdadeiramente num retalho, e isso é mais seguro, se faltarem 10% não tem tanto significado em termos económicos, no PCV, se faltarem 10% são recheios que podem ser totais, não é?

Isto comparando, de resto, temos vária concorrência, e a concorrência vai crescendo. Eu tenho uma opinião muito própria sobre a concorrência, eu acho que a dimensão dos mercados não é estática, cada vez que entra um agente novo no mercado, o mercado cresce, e tanto mais crescerá quanto mais activo e mais competente esse novo agente fôr.

Como eu tenho uma quota importante do mercado de arte, o crescimento do mercado pode ser benéfico para mim, sobretudo não é obrigatório que seja prejudicial, a visão tradicional que se tem de que, se entrar um concorrente forte vamos todos perder, não é real.

Eu posso até perder quota, mas se o mercado crescer, essa menor quota pode significar um maior montante, é muito simples, se eu tiver 30% do mercado, se o mercado crescer 10% e eu perder 2%, eu passo a ter 31%, tem de se entender assim, não se pode analisar estaticamente. Portanto, o crescimento do mercado acho que é sempre bom, o aparecimento no mercado de gente válida, positiva, eticamente colocada, gente de trabalho, normalmente, faz crescer o mercado.

**MR – Qual é a sua opinião sobre o crescimento dos leilões *online*? Quais serão as suas consequências para o mercado leiloeiro tradicional?**

**MCM** – O crescimento é claro, poderá já estar acima do milhão de euros, se calhar até dos dois milhões de euros, eu acho que os leilões *online*, aparentemente, estão claramente adequados a peças de razoável baixo valor.

Os leilões vivem de competição, de adrenalina, de jogo, de sedução, têm uma componente muito forte e muito para lá da compra e venda de bens, retirar essa componente é mecanizá-los, é matá-los.

Ora, não me parece que seja perigoso para os leilões tradicionais que peças de baixo valor, provavelmente a esmagadora maioria serão peças de 100 a 200 euros, não me parece que seja problemático. De qualquer maneira, estamos atentos, se acharmos que pode ser um problema no futuro, avançaremos, aliás, o nosso concorrente mais directo, o PCV, tem uma leiloeira *online* que corre bem, faz leilões semanais e tem uma facturação apreciável, que eu sei qual é, na ordem dos 500/600 mil euros/ano, que no fundo é na ordem dos 10 a 15 mil euros por leilão, o que dá os tais 500/600 mil euros /ano.

O problema aqui é que o PCV faz tudo como deve de ser, recebe as peças, identifica-as, perita-as, e coloca-as em leilão, não é comparável, não posso comparar um leilão destes

a um leilão como os do OLX<sup>552</sup>, por exemplo, onde ninguém perita as peças, e pior, ninguém paga impostos. É residual, pode ser, mas quando já se facturam milhões de euros, para o Estado, deixa de ser residual. Nós fizemos uma análise há pouco tempo sobre as vantagens e desvantagens e os custos, e chegámos à conclusão que a logística física, a logística humana e os problemas que levantarão as vendas *online*, não compensarão os 50 ou 100 mil euros que possamos lucrar nessa actividade.

**MR – Qual será o impacte da crise económica que estamos a atravessar no mercado leiloeiro em Portugal?**

**MCM** – Estamos a falar desta nossa crise mais recente em Portugal, certo? Não precisamos de sair desta semana, na Segunda-feira passada tive um leilão, tinha dezasseis peças com base de licitação entre os cinco mil e os doze mil euros, e vendi 4, o normal seria vender entre 8 a 10, e eu acho que se prende com a situação política em que estamos neste preciso momento, porque são coisas muito graves que estão a acontecer, é uma irresponsabilidade que está a ser feita, é não ter claramente a noção do que está a ser feito, e os mercados estão-se a ressentir, como é óbvio.<sup>553</sup>

Com isto facturei menos 10% no último leilão, e uma quebra de 10% é muito significativa, e não augura nada de bom.

Eu julgo que podemos estar embrionariamente no princípio de uma crise muito maior do que a de há quatro anos, julgo que a bancarrota está à vista, bem como um novo resgate financeiro, porque o país está muito fragilizado, qual será a parte de “*não há dinheiro*”, que os nossos políticos não estão a perceber?

**MR – Como tem sido a evolução do gosto nos últimos quinze anos, em termos do mercado de arte?**

**MCM** – Há uma clara transformação que tem de ser analisada do ponto de vista sociológico, económico, do ponto de vista da evolução das gerações, do gosto geral e daquilo que as pessoas escutam na comunicação social, tem de ser abordado de várias maneiras, sendo a mais importante a evolução sociológica. A esmagadora maioria das pessoas que constituíam as elites vinham de um mundo tendencialmente tradicional, ou eram membros de famílias antigas, razoavelmente antigas, não tinham de vir do século XII, mas já com alguma estrutura, há duas ou três gerações. Já eram elites, culturais, sociais e económicas há algumas gerações, ou, quando não eram, quem acedia às elites mimetizava e copiava esse modelo.

E, por extraordinário que possa parecer, esse modelo em Portugal, desde sobretudo a partir dos finais do século XIX, se calhar é uma consequência muito directa do

---

<sup>552</sup> O OLX é um portal de classificados, fundado em 2006 na Argentina, presente em mais de cem países e traduzido actualmente em mais de cinquenta idiomas. O *OLX Portugal* é representado pela *Fixeads*, empresa portuguesa fundada em 2007, especialista no desenvolvimento de plataformas de classificados *online* gratuitos para compra e venda de produtos e serviços. Tem o seu *site* disponível em <http://www.olx.pt>, consultado a 3 de Novembro de 2015.

<sup>553</sup> Refere-se à instabilidade política que se seguiu às Eleições Legislativas de 4 de Outubro de 2015.

conservadorismo do *Estado Novo*<sup>554</sup>, adquiriam antiguidades, e isto é uma coisa extraordinária.

Se olharmos para a História, as sucessivas gerações, compraram bens da sua época, mandaram fazer bens, D. João I<sup>555</sup> mandou fazer bens da sua época, D. Manuel I<sup>556</sup>, D. João V<sup>557</sup> que foi um encomendador extraordinário, não houve igual, e isto foi sucessivo.

E, de repente, em meados do século XVIII, quando, com *Pompeia*<sup>558</sup> surge o gosto pela arte antiga, e que em Portugal entra mais lentamente, já nos finais do século XVIII, com *Frei Manuel do Cenáculo*<sup>559</sup>, que construiu uma colecção de arte notável, não só com moedas, como coisas arqueológicas, esculturas, pinturas, coisas do *Renascimento*<sup>560</sup>, coisas *Barrocas*<sup>561</sup>, muito anteriores ao período da sua vida, isso vai fazer carreira em Portugal e vai até ao século XX, razão porque o mercado de arte era essencialmente um mercado de arte antiga, as leiloeiras viviam essencialmente de antiguidades.

Isto vai mudar, o que vai acontecer, e aí a Revolução teve um enorme peso, o que vai acontecer é que as novas gerações que se tornam elites, não surgem desse tipo de família tradicional, e portanto vão fazer incidir o seu gosto na sua contemporaneidade.

Portanto, se tínhamos em cada 100, talvez 85% de pessoas que estavam mais ligadas à arte antiga, e 10% ou 15% mais ligadas à arte contemporânea, a verdade é que, com o começo do século XXI, estas proporções vão equilibrar-se e serão entretanto de cerca de 50-50. O gosto pela arte antiga continua a existir porque normalmente o gosto está na mão de pessoas mais velhas, e com dinheiros mais sólidos, com capacidade para comprar permanentemente. Olhando, por exemplo, para a sua tese de Mestrado, e quando olho para os seus resultados, o Botelho, por exemplo, estes 3 ou 4 Botelhos que foram a leilão ultimamente, percebe-se isso, o Botelho, apesar de ser um moderno, está muito mais ligado ao “mundo antigo”.

Um jovem de 35 anos, com uma ideia de negócio tecnológica, que está a ganhar muito dinheiro e que disponibiliza parte desse dinheiro para comprar arte, não compra um Botelho, não é isso que ele quer, há uma clivagem muito grande. Eu não lhe posso dizer de onde surgem os “Botelhos”, mas é do “mundo antigo”, o Engº Guterres, por

---

<sup>554</sup> Regime que vigorou em Portugal de 1933 a 1974.

<sup>555</sup> D. João I, décimo Rei de Portugal (1357-1433).

<sup>556</sup> D. Manuel I, décimo quarto Rei de Portugal, (1469-1521).

<sup>557</sup> D. João V, vigésimo quarto Rei de Portugal, (1689-1750).

<sup>558</sup> *Pompeia*, antiga cidade do Império Romano, perto de Nápoles, Itália, que, no ano 79 d. C. ficou destruída e sepultada sob um manto de cinzas após a erupção do próximo Vulcão *Vesúvio*. A descoberta, em 1748, desta cidade, praticamente intacta, despertou a curiosidade mundial.

<sup>559</sup> Frei Manuel do Cenáculo, nascido Manuel de Villas-Boas Anes de Carvalho (1724-1814), foi um religioso, Doutorado em Teologia, pela Universidade de Coimbra, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, que, entre outras actividades, se tornou coleccionador de antiguidades.

<sup>560</sup> Período da História da Europa, aproximadamente entre o fim do século XIV e o início do século XVII, em que se deu um novo valor às referências culturais e artísticas da Antiguidade Clássica.

<sup>561</sup> Chama-se *Barroco* ao estilo artístico, entre o final do século XVI e meados do século XVIII, iniciado em Itália mas que se foi gradualmente propagando a muitos outros países ocidentais, caracterizado pela exuberância em todas as formas artísticas.

exemplo, já é um colecionador de arte contemporânea, houve uma mudança de paradigma, que ainda não se reflectiu na Presidência da República porque são pessoas mais velhas que vão para lá, é preciso passar mais algum tempo. Por outro lado, há, aparentemente, talvez por as pessoas não terem tanta disponibilidade financeira, uma indiferença pelo mercado de arte, e isto é extremamente negativo, qual dos nossos políticos actuais compra arte?

Eu nunca os vi no mercado e não os estou a ver a comprar arte, talvez por falta de recursos financeiros, se calhar os políticos do passado vinham de famílias tradicionais e alguns eram efectivamente coleccionadores de arte, portanto, há uma modificação clara na estrutura sociológica de quem acede à liderança dos partidos e isso mudou tudo e reflecte-se também no mercado de arte.

### **MR – Como surgem as peças que vão ser leiloadas?**

**MCM** – As peças que vão ser leiloadas surgem de três grandes núcleos. O primeiro, e mais importante, são as avaliações, isto é, famílias em que alguém morre, e somos contratados para fazer o inventário, a identificação, a avaliação e a peritagem de todos os bens da casa, e que depois eles dividem, são famílias tradicionais muitas vezes com mais do que uma casa, solares, quintas, casas de praia, muito grandes e com muitos bens, que depois os filhos não têm capacidade, nem dinheiro, para absorver, logo, colocam uma parte substancial em leilão.

O segundo núcleo são os coleccionadores, que sempre foram dos mais importantes agentes do mercado de arte, que agem por uma motivação diferente da de todos os outros, a paixão. Eles são permanentes, para eles não há crise, está lá a peça que eles querem para a sua colecção e eles vão lá. E são permanentemente compradores mas também vendedores, porque têm peças que já não lhes interessam, porque mudaram o critério da sua colecção, porque peças que adquiriram muito no início da colecção, há 20 ou 30 anos já não se encaixam na evolução da colecção, etc. Tenho uma carteira de coleccionadores que vendem muito todos os anos em leilão.

O terceiro núcleo, fruto da crise, pessoas que tinham um nível de vida elevadíssimo, com gastos mensais fixos, mas que vão perdendo dividendos, essas pessoas precisam muito de dinheiro para manter o seu nível de vida, assim, nós, duas ou três vezes por ano vamos a casa dessas pessoas que nos dizem, por exemplo, para o ano vou precisar de determinado valor, e nós, fazemos uma selecção de peças, por mútuo acordo, nesse valor, para pôr em leilão. Existe ainda um quarto núcleo, que são os comerciantes, eles, ciclicamente, renovam as suas lojas, pegam em 50 ou 60 bens que já não conseguem vender e enviam-nos para leilão, comerciantes que adquiriram peças que querem valorizar, enviam-nas para leilão, ou os comerciantes dos quais faz parte da sua actividade pôr bens em leilão, vão a casa de clientes, compram as peças e depois enviam-nas para leilão, eles precisam de dinheiro para manter os seus negócios e os seus funcionários, é mais barato vender nas leiloeiras do que ser antiquário, é por isso que eles estão a desaparecer.



E depois ainda, é claro, temos pessoas que querem vender uma ou duas peças que têm lá em casa e esporadicamente entram em contacto com as leiloeiras.

**MR – Todos os bens que vão a leilão começaram por ser avaliados. Quem faz esta avaliação, e como se chega a um valor/base?**

**MCM** – Todos os bens são avaliados internamente por várias pessoas. Aqui na empresa quem dá valores sou eu, o Rui Aurélio e todos os peritos. Há portanto uma responsabilização dos agentes da leiloeira na avaliação dos bens, que é posterior à fase, anterior, da peritagem.

Como é que se dá o valor? Dá-se procurando o valor pelo qual peças semelhantes têm sido vendidas. E começamos logo pela CML, onde há muita gente a ver as peças, portanto, eu vou ao *site* da CML – um exercício que faço permanentemente – escrevo a palavra que quero pesquisar e vejo, por exemplo, voltando aos “Botelhos”, vejo os valores que têm atingido os que se venderam muito recentemente, e faço comparações, em termos de qualidade, de época, do tema tratado, das dimensões, e chego lá, o caso do Botelho é relativamente fácil, se eu não tivesse vendido os “Botelhos” naquele primeiro leilão, eu teria de baixar os preços para um segundo leilão, mas como são sempre vendidos esse problema não se coloca.

Muitas vezes, quando vamos a casa de alguém e existem inúmeros bens do mesmo tipo, nós só trazemos dois ou três, para vermos como o mercado reage aquele determinado bem, para podermos fazer o preço aos restantes, “medimos o pulso” ao mercado para aquele bem, mas não é só isto, como vos disse nas aulas, depois há aqui pequenos fenómenos e pormenores que influenciam muito, é claro.

Como a instabilidade política que estamos a viver neste momento em Portugal, se este Governo se vai manter, ou se o Presidente nomeia outro Governo, toda esta situação reflecte-se obrigatoriamente no mercado de arte.

**MR – Existe alguma peça que considere memorável na história da CML, pela sua beleza por exemplo, pelo valor atingido, ou pela maneira como foi disputada em leilão?**

**MCM** – Existe claro, claro que existe. Nos tempos mais recentes a famosa escultura chinesa. É uma história muito engraçada e muito interessante, que mostra muito como é que o mercado de arte funciona.

É uma escultura que me é apresentada por um coleccionador muito importante que tem vindo a vender na CML, sem mais, sem nenhuma informação<sup>562</sup>. Eu chamo o nosso perito de arte oriental, gosta muito dela, tiram-se boas fotografias e enviam-se para Hong Kong para um amigo dele, grande especialista nesta área, que lhe diz que a peça pode ser muito boa. Começamos aqui a pensar como vamos fazer, eu tenho de ir a Itália e vou visitar vários museus, tinha seis museus pensados e o último era exactamente o

---

<sup>562</sup> Veio a ser o lote 480 do Leilão 164, de 16 de Dezembro de 2014.

Museu Oriental de Turim<sup>563</sup>, e quando chego lá tenho cerca de dez esculturas muito semelhantes aquela, passei cerca de uma hora naquela sala, pus-me “de gatas”, vi as esculturas de todos os ângulos, tentei comprar publicações sobre elas, não havia nada, fiquei frustadíssimo, falamos da falta de boas publicações nos nossos museus, chegamos lá fora, é igual, bem, saí do museu convicto de que aquela escultura era de facto muito boa e do século XV.

Quando chego a Lisboa e à CML, coincidência extraordinária, tenho, em cima do teclado do meu computador, um cartãozinho que dizia: *especialista de arte oriental da Sotheby's estará em Portugal para a semana*. Uma coincidência extraordinária...

Telefone logo para lá e marquei uma avaliação para essa semana. A representante da *Sotheby's*, que é uma das maiores especialistas nesta matéria, adorou a peça e fez uma proposta com uma base de licitação de 100 mil euros, mas a peça ia para Londres. Então, nós pusemos o negócio ao contrário, porque é que eles não nos davam a assessoria e a peça era vendida cá, ela disse que não trabalham assim, eu disse logo que compreendia, mas repare, eu é que angariei a peça, se fôr para Londres, nem sequer se menciona o nome da CML, logo, não me pode interessar. Mas ainda lhe propus uma parceria, eles faziam o Relatório de Peritagem<sup>564</sup> e eu dava-lhes a comissão devida, mas também não trabalham assim. A Senhora agradeceu muito a nossa franqueza e a nossa proposta, acrescentou mesmo que nunca lhe tinham feito uma proposta semelhante, nós também ficámos com a maior das penas. Decidimos então recorrer aos melhores peritos franceses e recorremos mesmo ao melhor perito europeu de arte oriental, francês.

Ele veio a Lisboa, viu a peça, fez o Relatório de Peritagem, em Português, Inglês e Mandarim, e foi ele quem nos disse para quem é que devíamos enviar o Catálogo e todo o *dossier* que tínhamos, com toda a documentação, para os clientes internacionais, para os museus, incluindo os museus chineses. No dia do leilão tínhamos duas pessoas em Lisboa a falar com o gabinete dele em Paris, onde estavam seis meninas ao telefone, duas a falar Cantonês e quatro a falar Mandarim, a falar, entre outros, com seis coleccionadores na China, e a peça foi a leilão pela base de 80 mil euros e foi vendida por 340 mil euros. Foi um trabalho muito bem feito, e bateu todos os *record*.

Mas há outras peças extraordinárias, as seis salvas de prata dourada Manuelinas que tivemos, uma delas foi vendida por 10 mil euros, e outras peças, cujas disputas, muito acentuadas, são memoráveis.

Infelizmente, na maior parte das áreas, os proprietários marcam valores muito elevados para as suas peças, este Júlio Pomar que fez 120 mil euros, por exemplo, os proprietários queriam um preço base de 150 mil euros, nós, conseguimos chegar a um

---

<sup>563</sup> Trata-se do museu italiano *Museo d'arte orientale* (MAO), de Turim, disponível em <http://www.maotorino.it>, consultado a 3 de Novembro de 2015.

<sup>564</sup> O Relatório de Peritagem é “(...) um trabalho escrito em que o perito expõe as suas opiniões e as suas conclusões, tiradas da análise da obra de arte em peritagem.” Cf. Miguel Cabral de Moncada, *Peritagem e Identificação de Obras de Arte*, Porto, Civilização Editora, Coleção Uma Introdução a..., 2006, p.53.

acordo, um meio-termo, para os 120 mil euros, mas, muito provavelmente, se tivesse ido a leilão pelo preço base de 80 mil euros, tinham aparecido muito mais compradores interessados... por vezes, é complicado...

Eu, quando a CML fizer 25 anos (estamos quase a fazer 20 anos), gostava muito que a Scribe editasse um livro, provavelmente para oferecer, com as 100 peças mais importantes vendidas na CML nesses 25 anos de actividade, não têm de ser, necessariamente, as mais caras, mas aquelas que mais tenham história para nós, seria muito interessante, como o centro de mesa para a Ajuda<sup>565</sup> e muitos outros, é interessantíssimo, mas há muitas outras peças que vendemos para museus nacionais e estrangeiros, como o museu de Singapura, para grandes coleccionadores, tem sido muito compensador...

**MR – Somos um país pequeno e periférico. Quem, em Portugal, compra em leilões, qual a tipologia do cliente da CML?**

**MCM** – Compram as elites, como é óbvio, porque têm dinheiro. Pessoas mais idosas, que, normalmente, vêm de famílias tradicionais. Mas também gente mais nova, empresários de sucesso, ou que se realizaram profissionalmente. Às vezes, esquecemo-nos de que há um conjunto de pessoas, anónimas, que são muito ricas. Eu, quando era advogado, nos anos 1980, no nosso escritório de advogados, tínhamos um cliente que tinha vinte e cinco prédios em Lisboa e era vulgaríssimo e ninguém sabia quem ele era, se este Senhor começasse a comprar arte...

Mas não é muito definível, um perfil... mas existem estes dois blocos, claramente...

O principal sinal de crise, logo em 2001, para os leiloeiros, mais do que os grandes coleccionadores, foram os comerciantes. As leiloeiras sempre foram fonte de abastecimento para os comerciantes, que sempre compraram muito, mas o mundo mudou muito... a *Internet* veio mudar tudo... por exemplo, agora, há registos de tudo, antigamente, uma pessoa ia a um leiloeiro, ou a um antiquário, comprava uma peça, e ninguém sequer sabia que aquela peça existia e tinha sido vendida, ou por quem, agora... Voltamos ao “seu” Botelho, que é um excelente exemplo. Quem tem, hoje, um Botelho em casa, vai ao computador e faz uma pesquisa: *quem anda a vender “Botelhos”*... e percebe que, na CML, ultimamente, tem-se vendido “Botelhos”, e a que preço, é normalíssimo que nos escolha para vender o seu quadro...

Ou seja, houve um facto que transformou por completo o lema tradicional de “*o segredo é a alma do negócio*”... já não há segredo...

Portanto, não é fácil definir um perfil, mas estes dois blocos de que lhe falei, com certeza.

---

<sup>565</sup> Trata-se do centro de mesa, em prata, da baixela da Rainha-consorte D. Maria Pia (1847-1911), adquirido pelo Palácio Nacional da Ajuda, utilizando o seu exercício de preferência. Constituíu o lote 351 da 1ª Sessão do Leilão 164, de 15 de Dezembro de 2014, e foi adquirido pelo valor de 48 mil euros.

**MR – É um facto que a assistência de um leilão é maioritariamente constituída por homens. Qual é, na sua opinião, a principal razão para tal acontecer?**

**MCM** – Não é só na assistência em leilões – embora seja um facto – é em quase tudo... Há sempre mais homens, é raro irmos a qualquer lado e a assistência não ser, maioritariamente composta por homens. Porque a mulher está mais em casa, porque é mãe, porque, por norma, tem mais que fazer, porque o dinheiro, a maior parte das vezes, está nas mãos do homem.

Conhecemos alguns casais coleccionadores, mas, por norma, todos os grandes coleccionadores são homens. Até no desporto, por exemplo, a maior parte é maioritariamente praticado por homens...

**MR – Diria que a figura do grande coleccionador está a desaparecer?**

**MCM** – Está. Está, claramente. Está, está... coleccionar é uma paixão, e as paixões estão a mudar para outras áreas... Nós temos grandes colecções, que são institucionais. Eu não olho para o Joe Berardo<sup>566</sup> como olhava para um Comandante Vilhena<sup>567</sup>, por exemplo. O Comandante Vilhena era um coleccionador tradicional, aquele que não fazia quase mais nada senão comprar as suas obras de arte, o Joe Berardo é um empresário que percebeu, e bem, que ser coleccionador era uma boa forma de trocar dinheiro, que lhe dava prestígio, que lhe dava inserção social e no mundo dos negócios, e com isto não digo que ele não goste de coleccionar, não é isso, mas, não são comparáveis. Hoje em dia, as coisas mudaram muito, as próprias condições de vida mudaram muito, quem goste de coleccionar e quem tem capacidade para isso, ou já está numa idade em que já tem mais tempo, ou tem mesmo de delegar as aquisições e a gestão da sua colecção a outros, não há tempo. Enquanto um Rockefeller<sup>568</sup> ou um Vanderbilt<sup>569</sup> compravam as suas próprias peças, hoje em dia, não existe tempo para isso.

**MR – Continua a valer a pena investir em arte?**

**MCM** – Continua, claramente. Até porque o investimento em arte não é meramente económico, é muito mais do que isso. O investimento em arte é um investimento no gosto.

---

<sup>566</sup> José Manuel Rodrigues Berardo (n.1944), mais conhecido por Joe Berardo, é um empresário e um coleccionador de arte português. Em 2007 criou, no Centro Cultural de Belém, o Museu Berardo de Arte Moderna e Contemporânea, onde podemos visitar, não só a sua colecção em permanência, como exposições temporárias de vários artistas, nacionais e estrangeiros.

<sup>567</sup> O Comandante Ernesto Jardim de Vilhena – já mencionado no corpo da nossa Dissertação –, foi um militar, político e o mais importante coleccionador de arte em Portugal na primeira metade do século XX. A colecção, de que era proprietário, constitui uma referência incontornável no património artístico nacional.

<sup>568</sup> John Davison Rockefeller (1839-1937) foi um empresário, filantropo, e coleccionador de arte norte-americano.

<sup>569</sup> Cornelius Vanderbilt I (1794-1877) foi um empresário e um colecionador de arte norte-americano.

Eu, aqui há uns anos, fui convidado para dar uma palestra, num Congresso, na Exponor, sobre o investimento em arte. Uma plateia cheia, centenas de pessoas. Convidaram três pessoas para falar: a primeira era o Vice-Presidente da *Christie's*, a segunda era a Directora do mais importante jornal inglês de arte, e a terceira era eu. A minha comunicação era sobre *Sete razões para investir em Arte*, e uma delas era a económica.

Mas, antes dessa, existem outras. O prazer, é a primeira de todas, investir em arte é um prazer. A segunda, é um *hobby*, um passatempo. Um empresário, mesmo que trabalhe muito, se tiver gosto pela arte, aos fins-de-semana, vai aos museus, vai aos leilões, vai às exposições, vai às galerias, compra isto, compra aquilo...

Depois, uma coisa é o investimento, outra coisa é, quando eu tenho dinheiro, mais do que investi-lo, eu quero guardá-lo. Ora, as obras de arte são dos sítios mais interessantes para guardar o seu dinheiro. Depois, o prestígio, a inserção social. Há uma frase, interessantíssima, de uma investigadora americana, que disse: *o mercado de arte é a mais democrática de todas as realidades humanas*. Porque junta, na mesma mesa, um *Lord* inglês, um capitalista americano, um pintor que vem de um meio social baixo e um comerciante francês, e, de repente, tem uma mescla social, uns de *smoking*, outros de calças de ganga rasgadas, todos a conviver, a conversar, no mesmo patamar, e não encontra isso em nenhuma outra área, porque todos precisam uns dos outros...

E ainda, fruir. É o único bem que compro que posso fruir. Eu não fruo acções, notas, lingotes de ouro, pedras preciosas, nada, não, eu fruo pintura, escultura, mobiliário... é imbatível, não encontra nenhuma área onde possa pôr o seu dinheiro, que tenha todas estas características... não é preciso dizer mais nada...

**MR – Qual o destino mais provável das peças adquiridas, o uso próprio, serão vistas como investimento, ou ambos?**

**MCM** – Não, o uso próprio. Claramente o uso próprio. Eu nem sei se hoje em dia as pessoas têm uma noção clara do investimento. Eu sou coleccionador. E digo sempre à minha mulher e aos meus filhos que, quando eu morrer – se morrer relativamente novo – primeiro, vendam a biblioteca, e depois as colecções, ponham o dinheiro no Banco, e já ficam com muito dinheiro. Mas, eu nunca olho como um investimento... eu posso ter três peças na minha colecção, por exemplo, uma que me foi oferecida, uma pela qual dei muito dinheiro, e outra pela qual até dei pouco dinheiro... é claro que, se no futuro as vender, em relação à que me foi oferecida, é tudo lucro, em relação aquela pela qual paguei muito dinheiro, vou sempre vender por menos...mas não, o intuito é fruir, claramente fruir, a percentagem de investimento é mínima, até porque, o investidor, que vem de fora do mercado de arte, entra, e não compreende, nunca vai perceber, pode até entrar em pânico, sem saber o que fazer e depois, ou desiste, ou apaixona-se pela arte e passa a ser, ele próprio, um coleccionador, acontece muito. De todos os grandes coleccionadores que não venderam as suas colecções, e as deixaram para a posteridade, muitos anos mais tarde elas valem muitíssimo mais do que pagaram por elas, isso é indiscutível... mas frui-las, é o mais importante...

**MR – Sendo a pintura considerada uma das expressões mais nobres da arte, como avalia o seu desempenho num leilão, em comparação com todas as outras peças existentes?**

**MCM** – É o mais importante. Isto é, quando faço os gráficos do que vendo em leilão, a pintura é sempre a maior maquia, seguida das pratas e jóias. Significa que, em 2014, vendi cerca de um milhão e seiscentos mil euros em pintura, e cerca de um milhão de euros em pratas e jóias, tudo o resto vem abaixo, portanto, é, claramente, o mais importante.

**MR – Da sua vasta experiência, diria que uma pintura com iconografia de Lisboa raramente é retirada num leilão, ou tudo se resume ao seu autor? Diria que Lisboa “vende”?**

**MCM** – Lisboa vende. Mas há aqui um problema que tem de perceber, Lisboa vende, claramente que vende, isto é, duas obras, do mesmo autor, uma representa Lisboa, e outra representa qualquer outra coisa, em teoria Lisboa vale mais, não é bem verdade, porque há mais iconografia de Lisboa do que de qualquer outro sítio, portanto, por exemplo, se eu tiver um quadro do século XIX que represente a Praça do Giraldo em Évora, ela vende, porque há muito pouco, mas, sim, Lisboa vende, claramente que sim. O problema é que, se vende, os vendedores querem muito dinheiro por elas, 90% dos bens que coloco em leilão, têm um preço base definido por nós, mas 10%, não, são por norma os comerciantes e os colecionadores, que exigem preços base muito elevados, porque estão convencidos que a sua peça vale aquilo, e é muito complicado explicar que não, e depois, exploram tanto o valor, que fica difícil vender, mesmo quando existem interessados, é complicado...

**MR – Uma leiloeira é como um museu, ou uma galeria de arte, no sentido de que presta um serviço muito importante em termos da exposição e da divulgação das obras que passam pelos seus leilões, e que perduram nos respectivos catálogos. Na CML existe a consciência desse papel?**

**MCM** – Claro. Desde o primeiro dia, claro que sim. Foi, aliás, uma das razões pela qual criámos a leiloeira. Uma das primeiras medidas que tomámos, logo nas negociações iniciais, foi termos o direito de propriedade das fotografias, das imagens das peças. Claro que uma leiloeira tem um papel fundamental no mundo da arte, não é o mesmo que um museu mas é um papel semelhante e tem, sobretudo, o mesmo resultado, embora com algumas características muito próprias e que são muito interessantes e trazem vantagens, e desvantagens. A principal vantagem é que é através dos leilões que o mundo da arte fica a conhecer a maior parte das novidades, peças raras que aparecem, peças inéditas que não eram conhecidas, peças que estavam perdidas e aparecem, como foi o caso do centro de mesa da baixela da Rainha D. Maria Pia, e este é um papel muito concreto, muito específico e muito importante, por outro lado, não é possível trabalhar em arte, investigar em arte, fazer história da arte, sem ir ao mercado, não é possível, em Portugal, até há relativamente pouco tempo, não se falava sequer do mercado de arte nas universidades. Não é possível. Aqui, pelo mercado de arte, passa uma parte importante

das peças mais importantes do mundo da arte, aqui, e noutras leiloeiras, e fica tudo para a posteridade, registado nos catálogos. Um dos factores de maior sucesso da CML é que, ao contrário da maior parte das leiloeiras mundiais, nós deixamos os nossos catálogos *online*, e para sempre. As imagens podem ser tiradas de lá com excelente qualidade, e não é preciso registo no *site*. O nosso *site* tem cada vez mais visitas, e cada vez nos pedem mais imagens, que nós damos, é claro, sem problemas. O *site* é a maior manifestação do papel na cultura que tem a CML, são cerca de 110 mil visitas por dia, não tem explicação, e uma grande parte são estrangeiros.

**MR – A SCRIBE – Produções Culturais Lda, uma editora, participada da CML, que já editou títulos importantes para a História da Arte, é mais uma iniciativa com verdadeiro carácter pedagógico em termos de arte, com vista a dinamizar o mercado de arte em Portugal?**

**MCM** – Claro. Tudo. Eu tenho um sonho... que é o de pôr todos os portugueses a consumirem arte. Sei que não consigo, mas vou tentando. Tudo o que eu possa fazer para que isso aconteça... eu tenho uma quota razoável no mercado de arte, e portanto, se o mercado aumenta, a minha facturação também aumenta, isto é uma coisa mais ou menos óbvia. Por outro lado, há muitas obras importantes para o conhecimento artístico que não são publicadas porque, para uma editora tradicional não são atractivas. E não são atractivas porque são complicadas de fazer, não têm grande venda, e, portanto, não dão lucro, sobretudo nos moldes em que estão baseadas a maior parte das editoras, ou seja, as editoras pagam os livros, editam-nos, mandam-nos para as livrarias... e depois é assim, quando eu mando um livro para uma livraria, eu só vou receber 40% do valor da venda, o que significa que, quando vendo directamente, mais depressa pago a edição. Portanto, a nossa editora aproveita o contacto com as pessoas que têm livros para editar e o contacto com as pessoas interessadas em comprar. Eu sempre tive o sonho de ter uma editora, porque adoro livros e porque sinto essa obrigação. E, finalmente, porque tenho retorno, é como um investimento, embora não seja essa a prioridade, e, em termos de vendas, traz prestígio à CML, porque existem muito poucas leiloeiras que editem.

**MR – A CML tem vindo a investir no seu sector de Arte Moderna e Contemporânea, em todas as suas vertentes, não deixando no entanto a sua vertente de leilões de Antiguidades e Obras de Arte, é este o futuro?**

**MCM** – Não sei... ouça, eu acho que, hoje em dia, as sociedades, as técnicas, as comunicações, evoluem a uma velocidade tal... eu olho para o meu pai, que começou a sua actividade em 1962, embora já coleccionasse, quando o meu pai começou, em 62, e quando deixou, em 2002, o negócio, para ele, não tinha mudado... nunca teve um telemóvel, ou *e-mail*, o meu pai, quando queria mostrar alguma coisa a alguém, tirava uma fotografia... porque, para ele, o mundo não mudou, é o tal perfil, que não consigo definir, o meu pai pensou sempre em escudos... e, de repente, nestes últimos quinze anos, o mundo mudou completamente. Antes, podíamos fazer planos a longo prazo, hoje em dia é impossível, é claro que há um fio condutor... mas eu não tenho, neste momento, nenhum projecto diferente daquilo que estou a fazer, a não ser ir fazendo

sempre melhor. Faço dez leilões por ano, flexibilizei, é claro, os leilões de arte antiga... mas não posso dizer que vai ficar assim, mas também não tenho nada pensado de diferente para os tempos mais próximos... continuo a receber muita mercadoria, e a facturar, nuns leilões mais do que noutros, mas estamos atentos, é claro, não posso garantir que no próximo mês não tenha um novo projecto...

**MR - Muito obrigada pelo seu tempo, Professor.**

**MCM** – Obrigado eu, foi um gosto.

**Entrevista a Pedro Castro e Silva, Gerente da Livraria Castro e Silva**<sup>570</sup>

**Entrevista presencial realizada no dia 12 de Abril de 2016, às 11h00, nas instalações da Livraria na Rua Garrett nº100, em Lisboa.**<sup>571</sup>**Duração: 37m.**

**MR – Na sequência da nossa conversa na FAAL, diga-me, por favor, considera que existe, da parte do público comprador, um interesse elevado por Lisboa, por outras palavras, Lisboa, vende?**

**Pedro Castro e Silva**<sup>572</sup> – Vende, Lisboa vende, e vende muito. Eu iria mais longe, Lisboa é uma marca, a marca Lisboa! Existe um interesse muito grande por Lisboa, nomeadamente da parte dos estrangeiros, que são uma grande fatia do nosso público consumidor. Repare, à porta da loja temos, quase sempre, artistas a pintarem pequenas aguarelas de Lisboa, por norma com eléctricos, vendem imenso! Lisboa é uma capital europeia, atlântica, muito apreciada! Repare, eu viajo muito, faço muitas feiras no estrangeiro, nomeadamente em Espanha, e vejo que existe um elevadíssimo interesse por Lisboa, sejam livros, cartografia, mapas antigos, vendem-se muito bem. Pelo estudo dos livros, dos mapas, da cartografia, reparamos que Lisboa é muito mencionada e a sua importância, muito valorizada, desde sempre. Era o último porto antes de se ir para a África, para a América, todos paravam aqui, era uma cidade estratégica importantíssima, na minha opinião, ainda é!

**MR – Por isso existe aqui uma secção, só dedicada a Lisboa, com edições muito raras dos grandes olisipógrafos...**

**PCS** – Sim, posso-lhe dizer que temos, no nosso acervo, livros que não encontra, nem na Biblioteca Nacional, nem mesmo no GEO... Temos um acervo de cerca de 90 mil livros, entre as lojas e o armazém, com edições raras e, em relação aos manuscritos, o mais antigo que temos data do reinado de D. Dinis [1279-1325].

---

<sup>570</sup> Pedro Castro e Silva é livreiro, alfarrabista, proprietário e Sócio-Gerente desta Livraria, especializada em livros e manuscritos raros, gravuras, cartografia e mapas antigos.

<sup>571</sup> As instalações da Livraria Castro e Silva são em Lisboa, no Bairro Alto, na Rua do Norte, nº44 – 1º andar. De momento, estão a protagonizar um projecto de exploração das instalações da histórica Livraria Sá da Costa, que foi declarada insolvente pelo Tribunal do Comércio de Lisboa em Julho de 2015, no Chiado, em Lisboa.

<sup>572</sup> Pedro Castro e Silva, doravante designado pela sigla PCS.



**MR – Mas também uma secção dedicada à arte e aos grandes pintores, portugueses e estrangeiros, com catálogos antigos...**

**PCS –** Sim, temos um bom acervo de obras relacionadas com arte e pintura, e algumas raridades muito interessantes.

**MR – Voltando às feiras, a FAAL, disse-me, correu bem, considera estas iniciativas importantes, numa lógica, não só do negócio, mas da divulgação?**

**PCS –** Sim, sem dúvida. Como lhe disse, faço muitas feiras em Portugal e também vou muito ao estrangeiro. O público culto, em relação à sua tese, posso-lhe afiançar, tem um enorme interesse por Lisboa, compra muito, interessa-se, pergunta, quer saber. E as feiras também têm esse lado, importantíssimo, da divulgação do nosso trabalho, e agora, com a *Internet*, podemos vender para todo o mundo com relativa facilidade, e é mesmo o que acontece.

**MR – Quais são, na sua opinião, as grandes razões por este interesse pela cidade?**

**PCS –** Olhe, é como lhe disse, Lisboa é uma capital europeia, atlântica, factor determinante, porto comercial importantíssimo desde há séculos, cheia de história, portanto, cheia de monumentos, com um clima ameno, e depois há factores determinantes, como por exemplo, eu, quando vou a uma cidade como Nova Iorque, todos aqueles edificios altos, a perder de vista... Lisboa não, tem uma arquitectura, como direi...aconchegante, percebe, familiar... os estrangeiros adoram Alfama, os bairros mais antigos, o Tejo, aqui a zona do Chiado, a vida nas esplanadas, é uma cidade que os encanta e querem saber mais, interessam-se, levam recordações e, se puderem, voltam. Portanto, para o seu trabalho pode ficar esta certeza, Lisboa vende, e vende muito, é uma marca! É uma cidade com um tamanho considerável, habitada por muita gente, é a capital, na feira estava-me a falar dos leilões, não fico nada surpreendido por esse interesse por pinturas de Lisboa, se eu o testemunho aqui, na livraria, todos os dias. Tenho o cuidado de ter, por exemplo, na montra, sempre, mas sempre, pelo menos uma gravura antiga da cidade, e não calcula a quantidade de pessoas que se interessam por elas...

**MR – Por isso encantou tanto os artistas...**

**PCS –** Sem dúvida, se encanta um pouco toda a gente, como não encantaria, sobretudo, os artistas? E depois, repare, lá está, não a pintam só por se sentir encantados ou por terem nascido aqui, pintam-na também, porque sabem que vende...

**MR – Muito obrigada pelo seu tempo.**

**PCS –** Obrigado nós, boa sorte para a sua tese.

## **Entrevista a Gabriel Laranjeira Lopes (Perito em Pintura Portuguesa da CML)**

**Entrevista presencial realizada no dia 14 de Abril de 2016, às 10h00m, nas instalações da Cabral Moncada Leilões, na Rua Miguel Lupi, nº12, em Lisboa. Duração: 52m.**

**MR – Há quantos anos trabalha na Cabral Moncada Leilões?**

**GLL –** Não sei ao certo... há nove, dez anos.

**MR – Mas, pelo que sei, já trabalha nesta área há muitos mais...**

**GLL –** Sim, sim... aqui estou, como lhe digo, há uns dez anos... mas lido com pintura há muito, muito mais tempo...

**MR – Para um Perito, julgo, a experiência é mais importante do que a formação de base, ou seja, é verdadeiramente através do número de pinturas que já passaram pelas suas mãos que consegue peritar. Concorda com esta afirmação?**

**GLL-** Sim, claro que sim, sim. Posso-lhe mesmo dizer que eu não tenho a formação de base de que fala, não tenho formação académica, propriamente, mas posso garantir que já me passaram milhares de pinturas pelas mãos, e é assim, através do contacto, muito, muito importante com a peça, que, ao longo dos anos, vamos adquirindo o conhecimento, isto é, se me aparecerem aqui com uma pintura que me dizem que é do pintor x, eu consigo, através da experiência, olhar para a pintura e dizer qualquer coisa como: não, desculpem, mas na minha opinião esta pintura não é do pintor x, ele não punha tanta força nas pinceladas, por exemplo. Portanto, a formação académica ajuda, não digo que não. Mas não a acho essencial, muito sinceramente.

**MR – Como se avalia, então, uma pintura?**

**GLL –** Está a querer roubar o meu posto de trabalho? [risos]. Não, estou a brincar. É assim, peritar e avaliar são duas coisas diferentes, antes de mais. Uma coisa é a peritagem, outra coisa, é a avaliação. Ou seja, para a avaliação é preciso prática e raciocínio, estamos a falar na generalidade, não é tão simples como isso, mas a avaliação, basicamente, é acompanhar, constantemente, e de muito perto, o mercado. E depois vem toda a experiência, ou seja, há um quadro de determinado autor, com estas dimensões, e deste período, que faz entre cinco a dez mil euros, é uma referência, depois, tem de olhar melhor para essa obra e dar-lhe uma classificação, entre os tais cinco, ou dez, isto é por comparação pura com resultados, e estamos a falar de situações normais, depois, aparecem é obras que não têm paralelo em vendas anteriores, aí já é uma avaliação diferente, aí já requer um outro saber, que é saber enquadrar aquela obra no panorama das artes, a quem é que ela poderá interessar, e porquê, e até quanto é que acha que o mercado estará disposto a pagar por ela, agora, avaliação pura, digamos que é a experiência, o conhecimento, esteve cá ontem um quadro que foi vendido por cinco,

está aqui um quadro muito idêntico, da mesma época, qual é o valor que lhe vai atribuir?

**MR – ... dentro dos mesmos cinco...?**

**GLL** – Exacto. Agora, aqui a questão é, e se no dia a seguir aparece um quadro muito superior, aí, já entra a peritagem, porque, para avaliar, nem sempre é preciso conhecer muito bem o autor, digamos assim, quer dizer, se fôr o “seu” Botelho... isto não é só: se fôr bom vale vinte, se fôr menos bom vale dez. Não é bem assim, tem de se andar anos, e anos, e anos a tê-los na mão... pode fazer os cursos que quiser... a parte prática é muito, muito importante...com os anos, e vendo, repetidamente, repetidamente, o trabalho de determinado autor, vamos percebendo como é que ele constrói aquilo tudo, qual é a base, como é que ele depois executa, com a prática conseguimos interpretar os autores, é preciso treino, como é que eles trabalham com os pincéis, percebe?

**MR – Sim sim, claro. Diria que ainda existem grandes coleccionadores de pintura portuguesa?**

**GLL** – Sim, diria que sim. Isto é, menos do que havia há uns anos, isso sim, mas sim, ainda existem, talvez não só, exclusivamente, de pintura portuguesa, mas, sim, diria que ainda existem alguns bons coleccionadores que adquirem, com frequência, boa pintura portuguesa, cruza-se com vários, quando vem aos nossos leilões.

**MR – Considera que uma pintura com iconografia de Lisboa, ou seja, não só representando uma paisagem da cidade, mas também a sua gente, e os seus maiores símbolos, tem uma probabilidade elevada de ser arrematada em leilão?**

**GLL** – Absolutamente! Sim. Sim, é claro que sim, ajuda sempre a vender, tem visto isso nos leilões. É claro que não é 100% certo logo à primeira para todas, por vezes, e é o mais comum, quando é retirada, o proprietário pede para a peça voltar à praça, dois ou três leilões depois, com um preço base abaixo, ou mesmo no dia a seguir ao leilão, pelo preço de base, e, por norma, é sempre vendida, é raro uma pintura de Lisboa ser devolvida ao proprietário sem se encontrar um interessado comprador. Agora, depois também tem a ver com outros factores, como é normal, o autor, as dimensões, a técnica utilizada e, é claro... o preço. Mas sim, eu afirmaria que raramente um quadro sobre Lisboa... mas quando digo Lisboa não será uma vista qualquer... será mais com alguma zona emblemática, uma vista do Terreiro do Paço, do Castelo de São Jorge, de uma Torre de Belém... uma vista de Alfama... ou seja, tudo o que tiver a ver com a essência de Lisboa, com aquilo que nos faz, verdadeiramente, lembrar de Lisboa... e, obviamente que os pintores exploraram isto! Muitos deles porque são as suas raízes, outros, como o Stuart, não pintou propriamente Lisboa, mas sim o dia-a-dia das pessoas, o TOM, por exemplo, a mesma coisa, as varinas, as figuras típicas de Lisboa... tem o Botelho, claro está, chegou-se ao ponto de se terem usado quadros dele, e da sua paleta cromática, para inspiração para a requalificação que se está a fazer da cidade, uma vista da Lisboa dos anos cinquenta dele é muito importante, porque entretanto a cidade ficou muito descaracterizada em função do que era antes... e o Botelho, ao contrário de

outros, pintava exactamente aquilo que via, o Botelho pintou, exaustivamente toda a zona circundante da Calçada de Tancos, estas pinturas valem mais. Depois há os colecionadores, há um no mercado, por exemplo, cuja colecção gira em torno da Basílica da Estrela, tudo o que aparece no mercado que tenha a Basílica, com um mínimo de qualidade, é claro, ele compra, tudo! Há outros que são fascinados pela Torre de Belém, ou pelas avenidas de Lisboa, e quando aparecem quadros destas zonas, não os deixam fugir!

**MR – Afirmaria que haverá sempre um comprador para uma pintura de Lisboa, ou existem modas? Considera que, neste momento, Lisboa está na moda?**

**GLL –** Acabámos de falar sobre isso. Considero que sim, na maioria dos casos, existirá sempre alguém interessado numa pintura de Lisboa, e considero que é, e será, um tema que nunca sai de moda.

**MR – Já avaliou um número muito considerável de pinturas com temática de Lisboa, concordaria com a afirmação: Carlos Botelho foi o maior pintor de Lisboa? Maior, entenda-se, não só considerando a vasta produção com este tema, mas a maneira como nos deixou a sua visão, pessoal e intimista, da cidade.**

**GLL –** Ouça, dizer que foi o maior, lá está, depende, considero, sim, que foi o mais emblemático, por aí, sim... você tem, por exemplo, o Arnaldo Ferreira, pintou centenas e centenas de aguarelas de Lisboa, é o maior? Está a ver? A quantidade aqui não é o mais importante, é a qualidade... existem, como sempre existiram, vários aguarelistas a pintarem Lisboa, que pintam centenas de aguarelas por ano, e vendem muito, mas a qualidade... E depois é assim, existem pintores, importantes, que pintaram essencialmente Lisboa, temos o TOM, o seu Botelho... é claro que, uma coisa é o gosto, outra é o valor. Eu não tenho de pensar no que eu gosto, não é o meu papel, tenho é de pensar no que é que julgo que o mercado vai gostar e no que as pessoas darão por aquela obra, o João Vaz, por exemplo, tem imensos quadros da zona ribeirinha de Lisboa, são obras de referência, de extrema qualidade... tem ainda outro, muito interessante, Tomazini... Manuel Tavares, por exemplo, pintou imenso, andou pelo país, com a sua paleta, folhas de papel almaço, e pintava, o que mais pintou foi Aveiro, mas pintou tanto, que também pintou imenso Lisboa, outro aguarelista que trabalha imenso Lisboa, o Paulo Ossião... E depois, lá está, a questão do gosto pessoal, temos de fugir disso, não podemos pensar assim, imagine uma tela enorme, tamanho panorâmico, só pintada de uma côr, a que o autor chamou *Lisboa*. Isto é arte na mesma! Os turistas dizem tanto e a toda a hora que ficam fascinados pela luz de Lisboa, aquele quadro pode ser a visão do autor da luminosidade de Lisboa! E isso, pode ter significado para alguém! Eventualmente mais do que um quadro com uma varina... a arte transmite sentimentos, por isso é que cada um a sente à sua maneira... é assim que funciona...

**MR – Aparece, no meu elenco, um quadro de Cargaleiro intitulado *O Cheiro do Rio Tejo*...**

**GLL** – Lá está!... Lisboa não é só o casario do Botelho... o quadro português mais famoso e conhecido, qual é?

**MR** – ... *O Fado*... do José Malhoa... julgo eu...

**GLL** – Claro! É Lisboa na sua essência mais pura, assim como *Os Bêbados*... esse então... é absolutamente Lisboa!

**MR** – Como sabe, visto que já lhe pedi informações e conselhos inúmeras vezes - o que muito agradeço -, elenquei um número muito surpreendente de artistas que pintaram Lisboa, pelo menos uma vez na sua carreira artística, e cujas obras passaram pela CML, este facto, não o surpreende? Diria que pintar a capital do país se impõe a qualquer artista?

**GLL** – O número não me surpreende nada, se tivesse falado comigo no primeiro dia em que iniciou o seu trabalho e me pedisse para lhe dar uma estimativa, eu tinha-lhe dito, logo, que seria na ordem dos cem artistas. Porque, repare, dificilmente encontra um artista, um autor, que não tenha pintado Lisboa, o Nikias, por exemplo, é outro, fartou-se de pintar Lisboa, existem tantos, mais que não seja uma vez, percebe?

**MR** – Claro, claro. Última pergunta: Que expectativas de futuro prevê em termos de pintura portuguesa com temática de Lisboa, dada a tendência actual dos artistas para o abstracionismo e novas vanguardas na arte em geral, e na pintura em particular? Por exemplo, ultimamente as obras nem têm título, a esmagadora maioria aparece nos catálogos como *sem título*. Julga que, com o tempo, deixarão de existir pinturas com uma paisagem explícita da cidade?

**GLL** – Isso o futuro... ninguém pode garantir... não, mas não, não me parece, julgo que irão sempre existir artistas a inspirarem-se em Lisboa, como aconteceu desde sempre, depois podem é, por exemplo, pintar algo que não tenha, aparentemente nada a ver e chamam-lhe *Lisboa* à mesma, porque, na verdade, inspiraram-se em Lisboa, ou o contrário, ser uma pintura que identificamos imediatamente como algo de Lisboa e aparecer *sem título*.

Bem, moral da história: Lisboa é Lisboa! As varinas são Lisboa, as festas são Lisboa, olhe, as sardinhas, são Lisboa!

**MR** – Muito obrigada pelo seu tempo, Gabriel.

**GLL** – De nada.